

**Flores e dores, vozes e vidas: contexto geográfico
de mulheres e suas experiências interseccionais
em Presidente Prudente, SP**

Mateus Fachin Pedroso

**PRESIDENTE PRUDENTE
2022**

**FLORES E DORES, VOZES E VIDAS:
CONTEXTO GEOGRÁFICO DE
MULHERES E SUAS EXPERIÊNCIAS
INTERSECCIONAIS EM PRESIDENTE
PRUDENTE, SP**

MATEUS FACHIN PEDROSO

RAUL BORGES GUIMARÃES
Orientador

NÉCIO TURRA NETO
Co-orientador

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de Presidente Prudente – SP, para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof. Titular Raul Borges Guimarães

Co-orientador: Prof. Dr. Nécio Turra Neto

Auxílio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) [processo nº 18/05706-2], Bolsa BEPE-FAPESP [processo nº 19/05071-0]; da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Ficha catalográfica elaborada pela Seção Técnica de Aquisição e Tratamento da Informação - Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação - UNESP, Campus de Presidente Prudente

Pedroso, Mateus Fachin.
P425f Flores e dores, vozes e vidas: contexto geográfico de mulheres e suas experiências interseccionais em Presidente Prudente, SP / Mateus Fachin Pedroso, 2022
360 f. : il., tabs., fotos, mapas.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2022
Orientador: Raul Borges Guimarães
Co-orientador: Nécio Turra Neto

1. Mulheres. 2. Geografia da Saúde. 3. Gênero. 4. Interseccionalidades. 5. HIV/AIDS. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE MATEUS FACHIN PEDROSO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - CÂMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE.

Aos 30 dias do mês de setembro do ano de 2022, às 14:00 horas, no(a) Anfiteatro II, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de MATEUS FACHIN PEDROSO, intitulada **Flores e dores, vozes e vidas: contexto geográfico de mulheres e suas experiências interseccionais em Presidente Prudente, SP**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. RAUL BORGES GUIMARÃES (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Geografia / Unesp/FCT - Câmpus de Presidente Prudente, Profa. Dra. JOSELI MARIA SILVA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Geociências / Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Prof. Dr. JORGE AMANCIO PICKENHAYN (Participação Virtual) do(a) Geografia / Universidad Nacional de San Juan, Prof. Dr. CARLOS ALBERTO FELICIANO (Participação Presencial) do(a) Departamento de Geografia / Unesp/FCT - Câmpus de Presidente Prudente, Profa. Dra. NEIDE BARROCA FACCIO (Participação Presencial) do(a) Departamento de Planejamento Urbanismo e Ambiente / Unesp/FCT - Câmpus de Presidente Prudente. Após a exposição pelo doutorando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.


Prof. Dr. RAUL BORGES GUIMARÃES

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese...

Às mulheres da luta, por darem vida ao contexto geográfico

À minha família, por ser comigo no avançar de horizontes

Àquelas (es) que me rezam e me guiam no silêncio do axé

AGRADECIMENTOS

Antes mesmo de fazer as menções de agradecimentos, gostaria de abrir espaço para tratar de uma questão relevante para mim; o processo formativo na pós-graduação.

Atenção às palavras de extrema sinceridade!

É quase consensual a ideia de que o elemento principal de um doutoramento é a tese defendida pela(o) candidata(o). Esta narrativa, por vezes, toma o imaginário, cria métricas e valores que são sustentadas por máximas como: “você é o que escreve” ou “você se constitui pelo o que produz”, o que a meu ver alimenta a aridez do espaço acadêmico, estimula sentimentos pouco nobres e esvazia as relações. Frente a isso, deixo registrada minha oposição indignada com a despersonalização da produção do conhecimento acadêmico que, assim, oculta a mais bela parte do processo formativo, o evoluir profissional, mas, sobretudo, humano daquelas(es) que se dispõem.

Neste sentido, a tese que segue abaixo é parte de um processo plural, cíclico e rico que está em profundo devir, ao ponto que a Geografia é em mim tal qual sou em Geografia, um movimento de existência de outros saberes. Assim sendo, vale dizer que esta realidade me proporcionou outra interpretação, um diferente caminho para além da norma e, por isso sou eternamente grato à todas(os) que contribuíram de distintas formas para que eu tivesse uma jornada profícua.

Primeiramente, agradeço minha família. Meus estimados pais e irmã, ***Marcia Fachin, José Antônio Pedroso e Gabriela Fachin Pedroso*** por me amarem e compreenderem incondicionalmente, sempre dispostos a escutar, acolher e aconselhar. Hoje entendo que nunca foi necessário dizer o quão longe chegaríamos, pois desde o princípio experimentamos nossas batalhas, superações e vitórias. Isso somente evidencia que a força, a fé e a esperança cultivada entre nós torna esta conquista mais sublime. Por isso e tanto mais, registro minha eterna gratidão.

São imensos os meus agradecimentos à ***Renan Moreira Ulloffo***, meu noivo e companheiro de vida, que partilha comigo a caminhada, os sonhos, as dificuldades e as conquistas da convivência cotidiana de longa data. Obrigado por me ensinar sobre a pureza dos sentimentos, sobre valores, princípios e resistência. Sou grato também pela sua cumplicidade, risos e amor partilhado em todos os momentos.

Registro agradecimentos ao ***Foucault***, meu gato. Sou grato pela sua parceria e camaradagem que se fizeram presentes em todas as horas que me senti sozinho e isolado do mundo. Sua simplicidade em existir me manteve conectado a dimensão do sentir, do cuidado, daquilo que é real.

AMIZADES...

Aos amigos que me inspiram de perto, agradeço...

Agda de Queiroz: pelos anos de amizade sincera e real que sempre me trazem a dimensão do bem-estar, do “quase morrer de rir” que é constante. Sou grato pelo axé que nos une e, também, por sua arte que me emociona e ilustra esta tese.

Mariana Pimenta Bernardes: pela parceira, alegria e carisma que compartilhamos em tantos momentos, espaços e acontecimentos do cotidiano, dentro e fora da universidade, que sempre nos levaram ao encontro da realidade vivida.

Cheyene de Toledo Lobo: por todos os encontros, cafés, abraços e também pelas sábias reflexões que nos permitem compreender a vida de um jeito novo a cada inusitada conversa projetada ao mundo.

Bruna Pimenta Soares: pelo dia-a-dia e todos os exemplos de vida que traz consigo que, sempre me ensinam coisas para além de nosso tempo e, assim conservam o bom humor e irreverência de nossas filosofias vespertinas.

Cássia Piva: por manter a disposição em dialogar sobre todas as coisas do mundo, por firmar o posicionamento político e a centralidade coerente no realizar de todas as ações junto as pessoas e suas revoluções.

Rizzia Mares: pela potência que carrega, transborda e partilha por meio de sua sinceridade, assertividade e companheirismo em diferentes momentos. Sou grato pela sua presença, brilho e carinho que brinda todas(os) a sua volta.

Larissa Coutinho: por ser exemplo de humildade, serenidade e força capaz de abrir portas, quebrar paradigmas e estabelecer diálogos potentes e suaves como um semear de flores em chuvas primaveris.

Guilherme Claudino: pela generosidade durante os longos anos de amizade, pelo estender das mãos para o acolhimento, aconselhamento e parceria crescente, sempre fomentando possibilidades de mais, de outros horizontes.

Marcelo Tenório Crepaldi: por todo o companheirismo na caminhada, pelos risos compartilhados sobre a vida e também pela compreensão e sensibilidade na realização de trabalhos conjuntos dentro e fora da universidade.

Aos amigos de espaço-tempos distintos, agradeço...

Luis Fernando Colombo: pelo espírito ativo, aguerrido e virtuoso que tem em si o afinado senso de justiça, empatia e trato social em todas as ações à que se dedica, principalmente, em nossa amizade.

Renan Coelho: por ser movimento que se reinventa na alegria, por colorir os dias cinzas com seu humor que transita e transcende de forma real pela graça ressignificada do viver e partilhar.

Daniela Ferrarezi: pelo riso espontâneo e sinceridade ativa que sempre proporcionam momentos memoráveis, majoritariamente, os que registram críticas e geram desconfortos ao status quo.

Mariana Lopes Nishizima: por proporcionar encontros sustentados pela mais alta vibração e energia, que por si só exprime a felicidade por meio do riso exagerado que em nós sempre encontra morada.

Carolina Simon: pelos momentos de partilha, apoio e conflitos vividos em incontáveis situações que, a nós, sempre serviu como materialização de crescimento pessoal e profissional.

Renata Souza: pela potência de seu viver que me inspira, por seu amparo, parceria, dedicação e luta. Sempre em verbo ativo! Muito obrigado por todas as partilhas, planos e ações e, também pela interlocução com o Movimento Nacional das Cidadãs Posithivas (MNCP).

As amigas que em mim tem raízes, agradeço...

Ana Caffer, Jéssica Fernanda Cabreira, Vanessa Mesquita, Juliana Caffer, e Andreza Cruz por todos os anos, experiências, vivências e acontecimentos. Deixo registrada minha eterna cumplicidade, lealdade e alegria em sempre estar junto, mesmo geograficamente separados.

Aos amigos de terras distantes, do outro lado do oceano, agradeço...

Idília Manhique, Djabo Joaquim e Ester Ribeiro pela calorosa acolhida a moda moçambicana, por partilharem vossa rica cultura que se inunda em alegria ao celebrar os princípios da vida. Com vocês aprendi melhor sobre a necessidade de reconhecer os motivos de nossas cosmovisões e existências. Também sou grato às terras moçambicanas pela confluência dos meus caminhos aos das maravilhosas **Joana Pnêdo e Viviani Cruz**, que permitiu cultivarmos nossas amizades em frente ao Índico a ponto de trazermos tal herança para o lado de cá do Atlântico.

A família moçambicana-africana, agradeço...

Maria Inocência Langa, Benedito Langa (mamã e papá [em memória]), **Mano Xexe, Ismênia Langa, Benedita Langa, Maria Inocência** (Mana Nucha), **Rosa Ambone Langa, Mano Lalau, Adelusio Doce, Melayne Banze, Queldo Cossa, Tamica, Sharon** e demais membros, pelo acolhimento, carinho e suporte que me foi ofertado em todos os momentos possíveis quando estive em Moçambique. Também sou eternamente grato à **José Maria Langa, Érica Bernardes, João Leonardo e Pedro Inocência** pela rica e longa amizade que se faz presente em meu cotidiano de forma leve e potente.

OUTRAS FAMÍLIAS...

Os familiares que estimo, agradeço...

Aos membros da família **PEDROSO**, **Maria Aparecida Malvestiu Pedroso** (avó), **Nelson Pedroso** (avô – em memória), **Joana Pedroso Alves** (tia), **Antônio Alves Filho** (tio – em memória), **Lourdes Aparecida Pedroso** (madrinha – em memória), **João Pedroso** (tio), **Gildete Pedroso** (tia), primos e primas, sou grato pelo carinho e afeto construído.

Aos membros da família **FACHIN**, **Marina Fachin Rosa** (tia), **Jesus Rosa** (tio), **C. Eduardo Fachin Rosa** (primo), **Tainá Fachin Rosa** (prima), **Marli Fachin Regonha** (tia – em memória), **Moacir Regonha** (tio), **Tailuene Fachin Regonha** (prima), **Tuane Fachin Regonha** (prima), **Luiz Fachin** (tio), **Rosângela Aguiar** (tia), **Diego Fachin** (primo), **Jéssica Fachin** (prima), **Geni Fachin** (tia), **Larissa Fachin Aluizio** (prima) e **Raul Fachin Aluizio** (primo), sou grato pelas relações saudáveis e saudosas que temos.

Outras expressões de família, agradeço...

Matheus Cortes (cunhado) e família, **Antônio Carlos Aluizio** (primo), **Claudia Regina Pereira** e família (prima) e **Milaine Lima** (prima – em memória) pela credibilidade direcionada aos meus ideais.

COLETIVOS QUE ME COMPÕEM

Aos irmãos e irmãs de axé, agradeço...

Diva Lopes da Silva (Yalorixá – em memória) por ter sido luz, amor e caridade nesta terra por meio da Umbanda e, por ter despertado em mim a grandiosa missão de fé. Também agradeço à **Flavio Aparecido da Silva** (Babalorixá) por sua sabedoria e integridade na

condução do Abassá Oxóssi e Ogum junto (as) aos irmãos(os) de fé **Samanta Ribeiro, Aguida Gabiatti, Genilda Lopes, Agda de Queiroz, Raul Guimarães, Cássia Piva, Karina Sacardo, Natália Santos, Yan Fraga, Carolina Simon, Edson Marcelo, Guilherme Sousa, João P. Caetano, Renan Ulloffo, Simone Ferreira, Maria Viviane Bedim, Vinicius Manoel, Helida Manoel, Shemara Milani, Giulia Carpi, Rodrigo Coletto, Fabio Rodrigo, Maria Julia, Rafael Oliveira, Leonice Assumpção, Cícera Maria do Nascimento, José Humberto de Maria, Miriam Silveira e Ivanete Batista**, por sempre serem pontos de firmeza, apoio, orientação, paz e equilíbrio na vibração sagrada dos orixás.

A mulheres incríveis da APPA, agradeço...

Del Rio (em memória), **Tammie, Alyssa, Bonet, Latrice e Monique**. Elas, as protagonistas desta tese, a quem sou imensamente grato pelo acolhimento e disponibilidade, carinho e amizade que, entre nós, foi cultivada de forma sutil e divertida. Agradeço também a **Carla Diana, Jéssica Diana, Amanda Luisa, Luciana Cevada, Cleide Santana, Aline Escarelli e Cláudia Martins** (em memória) pelo respaldo, cuidado e atenção que sempre me foi prestado com a mais alta qualidade.

Aos membros do Laboratório de Biogeografia e Geografia da Saúde (BIOGEOS), agradeço...

Mariana Pimenta Bernardes, Umberto Pessoto, Carla Rodrigues, Maria Eduarda Barbosa, Kayque Cordeiro, Edson Marcelo, Natália Alves, Carolina Simon, Mariana Bardella, Leandro Buzzo, Raísa Maria, Bruna Borsoi, João P. Caetano, Matheus Moreno, Matheus Butler, Yves Assogba e Marcelo Crepaldi que ativamente participaram do meu processo de doutoramento. Em especial, agradeço à **Filipe Antunes** pelo aprendizado sobre a teoria e prática geográfica acerca da cartografia. À **Patrícia Matsumoto** e ao **Baltazar Casagrande** pela disposição e diálogo aberto sobre as coisas do mundo (poemas, ventos e risos), sempre no estabelecer de novos horizontes conscientes. Agradeço também aos demais membros pelas trocas e outras formas de colaboração em outros tempos.

Aos colegas da Pós-Graduação, agradeço...

Lisbet Julca, Guilherme Claudino, Fredi Bento, Jean Cruz, Silmara Moreira e Lorena Izá Pereira pela convivência e trocas realizadas nos espaços acadêmicos, sobretudo, na sala da Pós-graduação. Também agradeço aos colegas que compuseram a Representação Discente, que sustentaram a árdua tarefa de representar a todas(os) ao longo deste processo.

Aos colegas da Turma 56, agradeço...

Jean Pires, Ritielle Cristina, Alexandre Abate, Matheus Seiji, João Paulo Pimenta, Renan Ramos, Claudio Dziura, Gustavo Henrique, Gustavo Andrade, Augusto Marques, Amanda Silva, Analu Koteban e Jucimara Pagnozi pelos encontros e trocas que tivemos em diferentes tempos-espços, presenciais e virtuais. Agradeço também a todos os demais colegas de turma que fizeram parte deste processo que se desdobrou. Sintam-se abraçadas(os)!

INSTITUIÇÕES

As pessoas que sustentam as instituições, agradeço...

Aparecida Tamae Otsuka, Adriano Oliveira, Lincon Tadeu Kohara, Aline da Silva Ribeiro Muniz, Cinthia Thiemi Onishi, Ivonete Gomes de Andrade e Anderson Clayton Pires Diniz pela impecabilidade, pontualidade, compromisso e dedicação ao trabalho que mantém a FCT-UNESP viva e em movimento. Muito obrigado!

As professoras e professores que fizeram parte desta trajetória, agradeço...

Neide Barrocá Faccio, Raul Borges Guimarães, Nécio Turra Neto, Carlos Alberto Feliciano, Paula Vermeersch, Margarete Cristiane C. Trindade Amorim, Isabel C. Moroz-Caccia Gouveia, Mariano Caccia Gouveia, Maria Terezinha Serafim Gomes, Ricardo Pires de Paula, João Osvaldo R. Nunes, Antonio Thomaz Junior, Márcio José Catelan, Arthur Whitacker, Amélia Damiani, Boaventura Manuel Cau e demais professoras(es) do Departamento de Geografia pelas inúmeras contribuições, parcerias, diálogos e revoluções que construímos ao longo de tantos anos, dentro e fora da UNESP.

Aos membros da banca de qualificação...

Joseli Maria Silva e Nécio Turra Neto que participaram do primeiro exame de qualificação e edificaram a propositura de doutoramento direto. **Umberto Pessoto e Carlos Alberto Feliciano** que aceitaram o desafio de contribuir e provocar os caminhos da tese.

Aos membros da banca de defesa...

Joseli Maria Silva, Jorge Amancio Pickenhayn, Neide Barrocá Faccio e Carlos Alberto Feliciano que dialogaram de forma potente, generosa e respeitosa sobre os percursos, avanços e revoluções da tese. Muito obrigado por cada palavra!

Aos meus alunos...

Alunas(os) da Escola Estadual Alberto Santos Dumont, Colégio Pitágoras e alunas(os) da Turma 62 de Geografia-UNESP, aquelas(es) que registram minhas primeiras experiências de ensino. Agradeço pelos incontáveis momentos de aprendizado, partilha e troca que me proporcionaram dia-a-dia a ser um professor melhor.

Aos membros do Grupo de Trabalho 'Saúde' - (AGB), agradeço...

Maria Emília, João Carlos, Pedro Henrique Rocha, Eunir Augusto, Karolina Cardozo, João P. Caetano, Graciana Brune, Flávia Oliveira, Kayque Cordeiro, Carolina Simon, Flora Soares, Denise Sales e Lucas Honorato pela oportunidade de diálogo criativo e irreverente que sempre reivindica outros espaços, outras Geografias e saúdes.

DIMENSÕES IMPORTANTES

Pelas rezas, bênçãos e cuidados, agradeço...

Sr. Luiz e Pai Jesuíno pelas palavras de sabedoria, amizade e fé que sempre me ensinam sobre o quão podemos ser melhores ao próximo, ao mundo em si. Obrigado por ser e estar por mim e pela minha família.

Pela escuta qualificada e sensível, agradeço...

Jéssica Larine por me orientar de forma sutil e necessária em relação aos “fantasmas” que por muito tempo carreguei. Obrigado por me trazer fatos e realidades em momentos tão cruciais.

Da ordem das parcerias, amizades e (des)orientações, agradeço...

Raul Borges Guimarães, meu orientador. Sou de infinita gratidão por todos os processos vividos durante esses quase 10 anos, que me ensinaram sobre o tempo e o acontecer do mundo. Agradeço por toda a confiança, amizade e oportunidades que a mim foram dedicadas com generosidade e sabedoria. Sou grato por enxergar em mim coisas que eu nunca sequer havia sonhado. Obrigado por permitir caminhos para pessoas como eu!

Nécio Turra Neto, meu co-orientador. Sou grato imensamente pela credibilidade, provocações e incentivos que vem de outros tempos. Obrigado pela amizade, escuta e acurada visão sobre a possibilidade de tese, por me indicar ao doutoramento direto e, também por se

manter disposto no somar forças e encarar conjuntamente os múltiplos desafios do cotidiano. Muito obrigado por acreditar em mim e na pesquisa.

PESSOAS, AÇÕES E REDES

Pela transformação social implementada, agradeço...

Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) - Eterno Presidente do Brasil - e **Dilma Rousseff** - Coração valente - pelo compromisso com o povo brasileiro, pelo trabalho e dedicação às políticas que transformaram minha vida. Hoje sou Doutor porque já fui Bolsa Família e Jovem Aprendiz. Em suma, apenas um dos milhões de filhos da política pública que teve oportunidade de vivenciar a universidade gratuita e de boa qualidade. Obrigado!

Pelas informações, apoio e momentos, agradeço...

O **Grupo Bolsista da CAPES**, por compartilharem as dores, mas também as alegrias e vitórias da ciência que projetam outra possibilidade de Brasil, de educação e ensino.

FINANCIAMENTOS

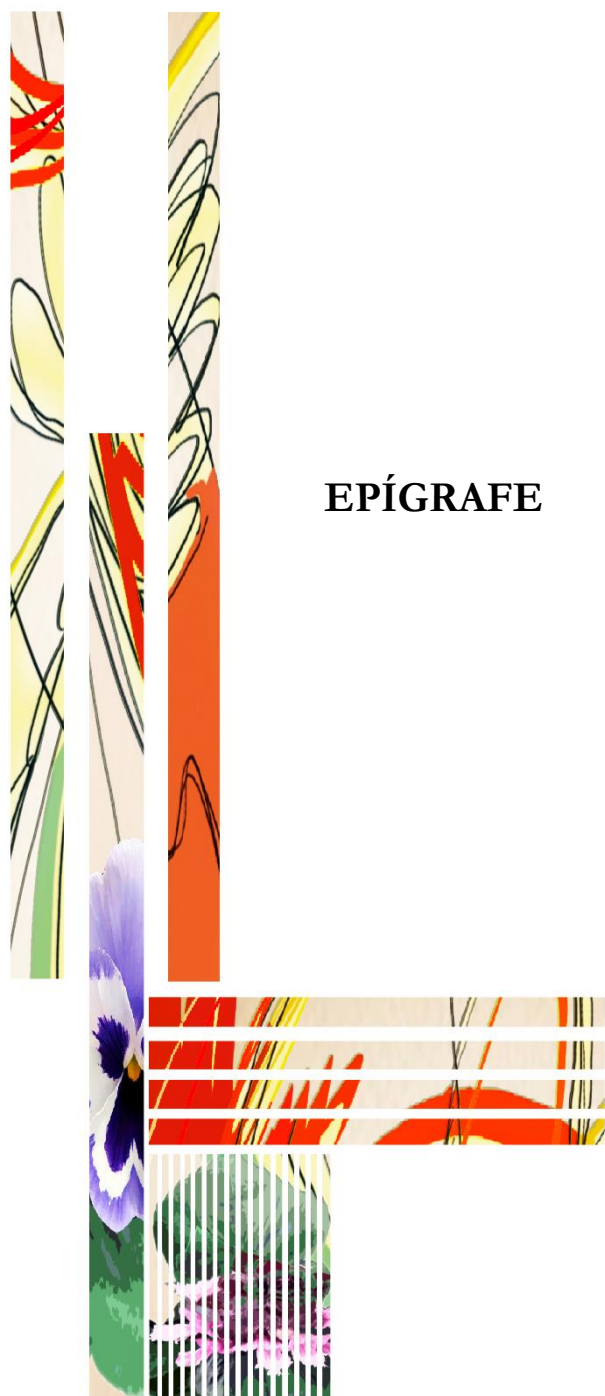
As agências de fomento de pesquisa, agradeço

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão inicial de bolsa de mestrado em 2018.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela concessão de bolsa de mestrado (processo nº 2018/05706-2) em 2018 e, também, pela concessão da Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE - FAPESP) em 2019/2020 (processo nº 2019/05071-0) realizada em Maputo, Moçambique.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Por fim, entendo que agradecer neste momento é necessário, pois configura uma virtude que somente ganha sentido por meio da partilha. Frente a tantos acontecimentos e detalhes, assumo aqui o risco do deslize, das possíveis falhas memoriais em relação aos que por ventura não tenham sido mencionadas(os). Por isso, já adianto minhas desculpas e, neste mesmo movimento deixo registrado meus mais sinceros agradecimentos à todas(os) que contribuíram com esta longa jornada.



EPÍGRAFE

Olhos amarelos

Dos meus olhos amarelos eu que sei
Não há vergonha em tudo isso que sou
Agora ainda sonhos nessa estrada eu vou pisar
Toda história que calaram

(Refrão)

Nesse velho armário novo eu não vou entrar
Parcelado em dias de aflição
Não me perguntaram se eu queria ir
Só me apontaram a direção
Do segredo
Da vergonha
E do medo de ser assim (2x)
Positivo

Dos meus sonhos reescritos eu que sei
Trago na boca cada canção que mudou
Quem luta mostra os dentes minha alma eu
vou lavar
Com a força do meu canto

(Refrão)

Nesse velho armário novo eu não vou entrar
Parcelado em dias de aflição
Não me perguntaram se eu queria ir
Só me apontaram a direção
Do segredo
Da vergonha
E do medo de ser, e do medo de ser, e do
medo de ser assim
Positivo

Maria Silvino

Cantora trans não-binária e vivendo com HIV



A arte moderna vem para libertar os artistas da obrigação falha de representação da realidade, tal qual é percebida pelas lentes humanas. Falha, já que o real é relativo e a percepção dele também. Essa mesma arte democratizou o fazer artístico, expandindo-o para além dos ateliês de artistas acadêmicos, adentrando outras possibilidades e formas de expressão e sentimento. Os estudos da forma, textura, cores, a experimentação, vieram, há cerca de 150 anos atrás no Ocidente, para nos indagarmos: “Qual é o papel da arte?”, “Por que ela existe?”, “E para que ela serve?”. Segundo o historiador Ernest H. Gombrich, em sua obra *A História da Arte*, a “Arte” não existe, ou seja, arte com “A” maiúsculo seria como um fetiche, um deleite, algo a ser apreciado por espectadores especializados. Para ele o que existe são artistas, já que o conceito do que é a arte se altera conforme o tempo histórico no qual esta é concebida. Partindo dessa linha de raciocínio, o fazer artístico moderno e contemporâneo é composto de sentimento e expressão, e o uso intencional das cores, formas (no caso da arte digital) e textura (se fosse caso de pinturas, esculturas, instalações, entre outros) culminam na tentativa de representação da nossa vivência, experimentação e trajetória de vida.

No labor da vida de quem se dedica a produção intelectual, de qualquer natureza, a vida e a obra se misturam; deixando parte de si no campo, nas falas das entrevistadas e entrevistados, nas leituras, e trazendo parte desses consigo numa simbiose. Foi um desafio buscar transmitir suas ideias em capas, em artes que pudessem instigar a leitura de uma tese construída com tanto empenho e dedicação. Gosto de pensar assim, como Rothko (artista abstrato da segunda metade do século XX), que as cores transmitem intenções e sensações. Fico feliz de poder contribuir de forma tão singela e simples com um trabalho tão importante para a Geografia; que ainda está em crise! Viva a Geografia! Viva as cores!

Presidente Prudente, 06 de junho de 2022.

Agda de Queiroz



RESUMO

A presente tese de doutorado teve como objetivo central interpretar os processos que constituem as experiências fundadas pelas mulheres que vivem com HIV/AIDS em Presidente Prudente, São Paulo (SP) a partir de seus cursos de vida e campos de possibilidades priorizando entender os encontros e acontecimentos relacionados às interseccionalidades que estruturam o contexto geográfico. Este estudo exigiu um afinado aparato metodológico que orientasse a produção e análise dos dados de pesquisa. Posto isso, a tese em tela manteve o emprego e articulação de metodologias alinhadas à dois elementos fulcrais: as demandas reais de pesquisa e as contribuições teórico-metodológicas feministas que, de forma conjunta, permitiram reelaborar o movimento de construção da tese junto às participantes envolvidas. A concepção desses movimentos garantiu que as narrativas das mulheres estivessem ao centro, enquanto protagonistas, de modo que suas histórias fossem os fundamentos primeiros para a compreensão do contexto geográfico, uma vez que a ambientação e atmosfera das narrativas dependeram das vozes entoadas, das tonalidades, texturas, dos ethos e dêixis discursivas que deram dimensão ao vivido. Destarte, propomos o contexto geográfico como um conjunto de relações dialógicas, relacionais e dinâmicas, que tomam os sujeitos como princípio de ação e significação e, portanto, são passíveis de transformações que os configuram ao mesmo tempo que os conectam ao particular e ao universal. Esta construção teórica preza pela interpretação de relações complexas, sobretudo, a dos movimentos de ser/existir dos indivíduos em realidades geográficas para que os sujeitos sejam compreendidos por meio das diferentes articulações entre Espaço-tempo, Conteúdo e Agência, pilares móveis que configuram relações de caráter caleidoscópico, contribuindo assim para o alargamento da interpretação das vivências construídas pelos sujeitos por meio das experiências de seus contextos geográficos que geram opressão e/ou resignificação. Portanto, defendemos a tese de que as evocações das vozes dessas mulheres configuraram interpretações acerca da realidade vivida e assim desvendaram uma Geografia presente no cotidiano, o que possibilitou a compreensão do contexto geográfico enquanto um raciocínio calcado no real, isso por considerarmos que no processo histórico - por vezes - estas mulheres não foram protagonistas de suas escolhas no campo de possibilidades durante os cursos de vida tendo, majoritariamente, suas capacidades de ações restringidas pelos poderes de instituições sociais como a família, o trabalho e os relacionamentos, sendo estas relacionais em cada etapa de vida (infância, juventude e vida adulta). Logo, a construção deste raciocínio se debruçou sobre o movimento característico do contexto geográfico experienciado pelas mulheres que vivem com HIV/AIDS, processo este que vai além da individuação de cada qual, já que consolida coletivamente o estabelecer de outras normatividades vitais, ou seja, novas formas de compreender e viver a vida para além da sobrevivência. Assim, a relação da epidemiologia social - interlocução indivíduo/coletivo - está atrelada à organização da sociedade espacialmente contextualizada aos modos de existência dessas mulheres, já que são elas quem experienciaram o processo de saúde-doença e assim tensionaram a relação existente entre o normal e o patológico por meio da coprodução dos respectivos contextos geográficos. Deste modo, os contextos geográficos estão respaldados pelas vozes e vidas dessas mulheres, o que garante a força de uma Geografia que rompe a hegemonia da norma e os estigmas, em outras palavras, se trata de uma Geografia própria que se nutre de tempos e espaços, da cultura, da linguagem que, se faz e se soma à carne e, assim, floresce outras formas de viver.

Palavras-chave: Mulheres; Geografia da Saúde; Gênero; Interseccionalidades; HIV/AIDS.

ABSTRACT

The central objective of this doctoral thesis was to interpret the processes that constitute the experiences produced by women living with HIV/AIDS in Presidente Prudente, São Paulo (SP) from their life courses and fields of possibilities prioritizing understanding the encounters and events related to intersectionalities that structure the geographical context. This study required a refined methodological basis to guide the production and analysis of research data. Having said this, the thesis in question maintained the employment and articulation of methodologies aligned by two central elements: the real demands of research and the feminist theoretical and methodological contributions that, together, allowed the reworking of the construction movement of the thesis with the participants involved. The conception of these movements ensured that the narratives of the women were at the center, as protagonists, so that their stories were the first foundations for the understanding of the geographical context, since the setting and atmosphere of the narratives depended on the voices intoned, the tones, textures, the ethos and discursive *de dêixis* which gave dimension to what was lived. We propose the geographical context as a set of dialogic, relational and dynamic relationships, which take the subjects as the principle of action and meaning and, therefore, are subject to transformations that shape them while connecting the particular and the universal. This theoretical construction values the interpretation of complex relationships, especially the movements of being/existing of individuals in geographic realities so that the subjects are understood through the different articulations between Space-time, Content and Agency, moving pillars that configure intertwined relationships, thus contributing to the broadening of the interpretation of the experiences built by the subjects through the experiences of their geographic contexts that generate oppression and/or re-signification. Therefore, we defend the thesis that the evocations of the voices of these women configured interpretations about the lived reality and thus unveiled a Geography present in everyday life, which enabled the understanding of the geographical context as a reasoning based on the real, this is because we consider that in the historical process - sometimes - these women were not the protagonists of their choices in the field of possibilities during their life courses, having, for the most part, their capacity for actions restricted by the powers of social institutions such as family, work and relationships, which are relational in each stage of life (childhood, youth and adulthood). Therefore, the construction of this reasoning focused on the characteristic movement of the geographical context experienced by women living with HIV/AIDS, a process which goes beyond the individualization of each one, since it collectively consolidates the establishment of other vital normativities, that is, new ways of understanding and living life beyond survival. Thus, the relationship of social epidemiology - individual/collective interlocution - is linked to the organization of society spatially contextualized these women's ways of existence, since they are the ones who experienced the health-disease process and thus tensioned the existing relationship between the normal and the pathological through the co-production of their respective geographical contexts. Thus, the geographical contexts are supported by the voices and lives of these women, which ensures the strength of a Geography that breaks the hegemony of the norm and the stigmas, in other words, it is a Geography of its own that is nourished by times and spaces, culture, language, which is made and added to the flesh and thus flourishes other ways of living.

Keywords: Women; Health Geography; Gender; Intersectionalities; HIV/AIDS.

RESUMEN

El objetivo central de esta tesis doctoral fue interpretar los procesos que constituyen las experiencias fundadas por las mujeres que viven con VIH/SIDA en Presidente Prudente, São Paulo (SP) a partir de sus trayectorias de vida y campos de posibilidades priorizando la comprensión de los encuentros y eventos relacionados con las interseccionalidades que estructuran el contexto geográfico. Este estudio requirió un aparato metodológico refinado para guiar la producción y el análisis de los datos de la investigación. Dicho esto, la tesis en cuestión mantuvo el uso y la articulación de metodologías alineadas a dos elementos clave: las exigencias reales de la investigación y los aportes teóricos y metodológicos feministas que, en conjunto, permitieron reelaborar el movimiento de construcción de la tesis con los participantes involucrados. La concepción de estos movimientos hizo que las narraciones de las mujeres estuvieran en el centro, como protagonistas, de modo que sus relatos fueran los primeros cimientos para la comprensión del contexto geográfico, ya que la ambientación y la atmósfera de las narraciones dependían de las voces entonadas, de los tonos, de las texturas, del ethos y de la *dêixis* discursiva que daba dimensión a lo vivido. Así, proponemos el contexto geográfico como un conjunto de relaciones dialógicas, relacionales y dinámicas, que toman a los sujetos como principio de acción y de sentido y, por tanto, están sujetos a transformaciones que los configuran al tiempo que conectan lo particular y lo universal. Esta construcción teórica valora la interpretación de las relaciones complejas, especialmente los movimientos de ser/existir de los individuos en las realidades geográficas para que los sujetos sean comprendidos a través de las diferentes articulaciones entre Espacio-tiempo, Contenido y Agencia, pilares móviles que configuran relaciones caleidoscópicas, contribuyendo así a la ampliación de la interpretación de las experiencias construidas por los sujetos a través de las vivencias de sus contextos geográficos que generan opresión y/o resignificación. Por lo tanto, defendemos la tesis de que las evocaciones de las voces de estas mujeres configuraron interpretaciones sobre la realidad vivida y desvelaron así una Geografía presente en la vida cotidiana, que permitió la comprensión del contexto geográfico como un razonamiento basado en lo real, esto se debe a que consideramos que en el proceso histórico -a veces- estas mujeres no fueron protagonistas de sus elecciones en el campo de las posibilidades durante sus cursos de vida, teniendo, en su mayoría, su capacidad de acción restringida por los poderes de las instituciones sociales como la familia, el trabajo y las relaciones, que son relacionales en cada etapa de la vida (infancia, juventud y adultez). Por lo tanto, la construcción de este razonamiento se centró en el movimiento característico del contexto geográfico experimentado por las mujeres que viven con VIH/SIDA, un proceso que va más allá de la individualización de cada una, ya que consolida colectivamente el establecimiento de otras normatividades vitales, es decir, nuevas formas de entender y vivir la vida más allá de la supervivencia. Así, la relación de la epidemiología social -interlocución individual/colectiva- está ligada a la organización de la sociedad contextualizada espacialmente a las formas de existencia de estas mujeres, ya que son ellas las que experimentaron el proceso salud-enfermedad y así tensionaron la relación existente entre lo normal y lo patológico a través de la coproducción de sus respectivos contextos geográficos. Así, los contextos geográficos se apoyan en las voces y las vidas de estas mujeres, lo que asegura la fuerza de una Geografía que rompe la hegemonía de la norma y los estigmas, es decir, es una Geografía propia que se nutre de los tiempos y los espacios, de la cultura, del lenguaje, que se hace y se suma a la carne y así florecen otras formas de vivir.

Palabras clave: Mujeres; Geografía de la Salud; Género; Interseccionalidades; VIH/SIDA.

LISTA DE SIGLAS

AD	Análise do Discurso
AIDS	<i>Acquired Immunodeficiency Syndrome</i>
APIV	Associação Prudentina de Incentivo a Vida
APPA	Associação Prudentina de Prevenção à AIDS
AVC	Acidente Vascular Cerebral
BIOGEOS	Laboratório de Biogeografia e Geografia da Saúde
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CAPS	Centros de Atenção Psicossocial
CDC	<i>Centers for Diseases Control</i>
CDHU	Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano
CETAS	Centro de Estudos do Trabalho, Ambiente e Saúde
CNS	Conferências Nacionais de Saúde
COAS	Centro de Orientação e Apoio Sorológico
COVID	<i>Corona Vírus Disease</i>
CRT	Centro de Referência e Treinamento
CTA	Centro de Testagem e Aconselhamento
DIAHV	Departamento de Vigilância e Controle das DST, AIDS e Hepatites virais
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENONG	Encontro Nacional de ONG, Redes e Movimentos de Luta Contra a AIDS
ERONG	Encontro Regional de ONG, Redes e Movimentos de Luta Contra a AIDS
ESF	Estratégia Saúde da Família
EUA	Estados Unidos da América
FMDCA	Fundo Municipal dos Direitos das Crianças e Adolescentes
FOAESP	Fórum das ONG/AIDS do Estado de São Paulo
GAPA	Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS
GRID	<i>Gay Related Immunodeficiency</i>
GVE	Grupo de Vigilância Epidemiológica
HIV	<i>Human Immunodeficiency Virus</i>

HSH	Homens que fazem Sexo com Homens
INAMPS	Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBTQ+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers
MNCP	Movimento Nacional das Cidades PositHIVas
NOB	Norma Operacional Básica
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não-Governamental
PCDT	Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas
PEP	Profilaxia Pós-Exposição ao HIV
PrEP	Profilaxia Pré-exposição ao HIV
PVHA	Pessoa Vivendo com HIV/AIDS
RSB	Reforma Sanitária Brasileira
SAE	Serviço de Atendimento Especializado
SES	Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo
SIDA	Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
SINAN	Sistema de Informação de Agravos de Notificação
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
SUDS	Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde
SUS	Sistema Único de Saúde
TARV	Terapêutica Antri-retroviral
TF	Teoria Fundamentada
TV	Transmissão Vertical
UBS	Unidades Básicas de Saúde
UDI	Usuários de Drogas Injetáveis
UNAIDS	<i>United Nations Programme on HIV/AIDS</i>
UPA	Unidade de Pronto Atendimento
USF	Unidade de Saúde da Família
VE	Vigilância Epidemiológica

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Adequações metodológicas de pesquisa

Figura 02. Eixos estruturantes da codificação

Figura 03. Teoria Fundamentada, Codificações e Análise do Discurso

Figura 04. Palavras-chave e níveis de codificação

Figura 05. Conjugação de possibilidades de ofertas no CTA

Figura 06. Fundação da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA)

Figura 07. Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA): articulações iniciais

Figura 08. Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA): ações e resultados

Figura 09. Articulações e parcerias: ações da APPA (Associação Prudentina de Prevenção à AIDS)

Figura 10. Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA): dificuldades e ressignificações

Figura 11. Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA): processos de formação cidadã

Figura 12. Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA): ações e reconhecimento

Figura 13. As articulações do contexto geográfico: potencialidades explicativas

Figura 14. Cursos de vida, encontros e possibilidades

Figura 15. Campo discursivo – Contexto geográfico: interpretações e infâncias

Figura 16. Campo discursivo – Contexto geográfico: interpretações e juventudes

Figura 17. Acontecimentos, trajetórias de vida e encontros: contextos geográficos em movimento

Figura 18. Campo discursivo – Contexto geográfico: interpretações e vida adulta

Figura 19. Campo discursivo – Contexto geográfico: outras normatividades vitais

LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Perfil das mulheres participantes

Quadro 02. Transcrição de Atas - Fundação da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA)

Quadro 03. Transcrição de Atas - Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA): articulações iniciais

Quadro 04. 1º Regimento Interno da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA)

Quadro 05. Transcrição de Atas - Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA): ações e resultados

Quadro 06. Transcrição de Atas - Articulações e parcerias: ações da APPA (Associação Prudentina de Prevenção à AIDS)

Quadro 07. Novos caminhos: APIV (Associação Prudentina de Incentivo à Vida)

Quadro 08. Contexto geográfico: conceituação

Quadro 09. Cursos de vida na compreensão dos contextos geográficos: infância e juventude

Quadro 10. Cursos de vida na compreensão dos contextos geográficos: juventude e vida adulta

LISTA DE CAIXAS DE DIÁLOGO

Caixa 01. Trabalho de campo

Caixa 02. Interseccionalidades, potências e ações

Caixa 03. Tipologias de violência

Caixa 04. Vulnerabilidade, HIV/AIDS e Gênero

LISTA DE MAPAS

Mapa 01. Localização de Presidente Prudente –SP, Brasil

Mapa 02. Rede de serviços de saúde aptos a testagem para IST's e HIV/AIDS

Mapa 03. Percursos na cidade: Tammie

Mapa 04. Percursos na cidade: Del Rio

Mapa 05. Percursos na cidade: Alyssa

Mapa 06. Percursos na cidade: Bonet

Mapa 07. Percursos na cidade: Latrice

Mapa 08. Percursos na cidade: Monique

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	26
1.1. HIV/ AIDS: movimentos iniciais e o contexto feminino.....	26
1.2. Do autor aos leitores: apresentação e justificativas.....	30
1.2.1 Aproximações e atravessamentos: evidenciando os caminhos.....	35
 CAPÍTULO 1 – É PRECISO RECUAR PARA AVANÇAR: PASSOS METODO(LÓGICOS).....	 39
<i>Prólogo.....</i>	<i>41</i>
1.1. Primeiros passos da pesquisa: do pensar ao proceder.....	45
1.1.1. Pesquisa qualitativa em Geografia e direcionamentos metodológicos.....	47
1.1.2. Aproximações e confluências: o trâmite da pesquisa.....	51
1.1.3. Interações metodológicas: a pesquisa em movimento.....	58
1.2. Analisar os discursos ou discursar as análises?.....	62
1.2.1. Interlocuções: sistematização e codificação dos dados produzidos.....	66
 CAPÍTULO 2 – CONTEXTO GEOGRÁFICO: HIV/AIDS E POLÍTICAS DE SAÚDE EM PRESIDENTE PRUDENTE, SP.....	 73
2.1. Políticas de saúde no Brasil, HIV/ AIDS e contextos geográficos.....	76
2.2. O caminhar das políticas em Presidente Prudente: uma perspectiva histórico-geográfica voltada ao HIV/ AIDS.....	87
2.2.1. Saúde pela terceira via: as ações históricas da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA).....	95
 CAPÍTULO 3 – NARRATIVAS DO ACONTECER-MULHER: A CONSTITUIÇÃO E VIVÊNCIA DOS CONTEXTOS GEOGRÁFICOS.....	 111
3.1. O desafio do contexto geográfico: potencialidades e riscos.....	113
3.1.1 Cursos, trajetórias e campo de possibilidades: configurando o contexto.....	121
3.1.2. Acontecimentos, rupturas e continuidade: (in)constâncias da vida.....	127
3.2. Agora é que são elas... mas, quem são elas?.....	130
3.2.1. Entre o amargo e o doce: as memórias narradas de Tammie.....	132
3.2.2. Os (re)nasceres da fênix: a história de Del Rio.....	138
3.2.3. “Aí eu fui pro mundão, pra vidona”: as contações de Alyssa.....	142
3.2.4. É preciso lutar sem medo: as batalhas cotidianas de Bonet.....	147
3.2.5. Decisões, condições e movimentos: as tramas vividas por Latrice.....	152
3.2.6. “Minha vida dá um livro”: as notáveis recordações de Monique.....	158
3.3. Por uma Geografia discursada: vozes consonantes e seus contextos geográficos.....	163
3.3.1. Contexto geográfico: infâncias e relações.....	165
3.3.2. Contexto geográfico: caminhos plurais e juventudes.....	176

CAPÍTULO 4 – CAMINHAR, CONSTRUIR E RESSIGNIFICAR: TRANSIÇÕES INTERSECCIONAIS DAS MULHERES E SEUS CONTEXTOS.....195

4.1. <i>Violências e vulnerabilidades: interpretações interseccionais a partir dos contextos geográficos.....</i>	<i>198</i>
4.2. <i>Encontro de trajetórias: a experiência do contexto geográfico.....</i>	<i>209</i>
4.2.1. <i>“Eu não sou o tipo de pessoa que fica parada”: as continuidades de Tammie.....</i>	<i>210</i>
4.2.2. <i>“De onde você está vindo eu também já vim”: os ensinamentos de Del Rio.....</i>	<i>213</i>
4.2.3. <i>“Eu me fechava muito, eu tinha medo”: as (re)construções de Alyssa.....</i>	<i>216</i>
4.2.4. <i>“Deus me ouviu, aleluia!”: os pontos de resignificação de Bonet.....</i>	<i>219</i>
4.2.5. <i>“Eu ia pegar e grudar no pescoço dele?”: os desafios e contornos de Latrice.....</i>	<i>223</i>
4.2.6. <i>“Ele morreu e eu fiquei pra ser apontada”: os processos e desdobramentos de Monique.....</i>	<i>226</i>
4.3. <i>Atravessamentos e convergências: os diferentes porquês de uma mesma questão.....</i>	<i>230</i>
4.3.1. <i>Contextos geográficos: múltiplos encadeamentos na vida adulta.....</i>	<i>236</i>

CAPÍTULO 5 – CONTEXTO GEOGRÁFICO E HIV/AIDS: O QUE HÁ ENTRE O NORMAL E O PATOLÓGICO?.....255

5.1. <i>Vidas interpretadas: uma leitura geográfica possível.....</i>	<i>258</i>
5.1.1. <i>Saúde e Doença: princípios geográficos e a construção de normas vivíveis.....</i>	<i>261</i>
5.2. <i>Contextos geográficos em aliança: a construção de outras realidades.....</i>	<i>268</i>
5.2.1. <i>“Tenho que ser e vou ser feliz sozinha”: os caminhos abertos de Tammie.....</i>	<i>269</i>
5.2.2. <i>“Hoje eu sou mais jovem, mais bonita”: as novas perspectivas de Del Rio.....</i>	<i>275</i>
5.2.3. <i>“A gente vê que não está sozinha”: as reciprocidades de Alyssa.....</i>	<i>280</i>
5.2.4. <i>“Amigas é aqui, pra mim amizade é aqui”: os laços construídos por Bonet.....</i>	<i>286</i>
5.2.5. <i>“Minha família mesmo é daqui, da APPA”: as permanências de Latrice.....</i>	<i>293</i>
5.2.6. <i>“Estou no meio das amigas trocando experiências”: as renovações de Monique.....</i>	<i>299</i>
5.3. <i>Entre estabilidades e desafios: as realidades abertas dos contextos geográficos.....</i>	<i>306</i>
5.3.1. <i>“O HIV é normal”: narrativas construtoras de saúde.....</i>	<i>306</i>

CONCLUSÕES.....320

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....325

<i>Referências consultadas.....</i>	<i>351</i>

ANEXOS.....352

<i>Certificação Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).....</i>	<i>352</i>
<i>Autorização institucional (APPA).....</i>	<i>355</i>
<i>Autorização da Secretaria da Saúde.....</i>	<i>356</i>
<i>Gráficos.....</i>	<i>358</i>

INTRODUÇÃO



Como movimento inicial, cabe evidenciar alguns elementos necessários para a compreensão de nossa pesquisa que, especificamente, está embasada sob a vida de mulheres que viveram/vivem em Presidente Prudente – SP. Posto isso, é impreterível destacar que o universo abordado pela tese se dedica à interpretação da realidade de mulheres que são detentoras de histórias de vidas e narrativas que apresentam semelhanças, encontros, opressões e ressignificações por distintos motivos e acontecimentos, denotando assim que não são todas ou mesmo quaisquer mulheres que participaram e construíram esta pesquisa.

Colocado isso, se torna importante destacar um dos significativos elos que conecta a realidade destas mulheres no decorrer de seus cursos de vida, a vivência com o HIV/AIDS. Este fato foi o primeiro elemento que, a nós, serviu como princípio investigativo, haja visto que a ânsia por interpretar as experiências acerca do HIV/AIDS nos defrontou com uma seara de complexidades que se fizeram/fazem presentes na vida dessas mulheres, como veremos adiante.

Neste sentido, se faz coerente para este primeiro momento apresentar os principais marcos acerca do HIV/AIDS sob uma perspectiva histórica, em que se aborde a descoberta, percursos e escalas de difusão da epidemia e suas complexidades na relação espaço-tempo. Isso porque esta ação corrobora com a compreensão do raciocínio geográfico por nós desenvolvido, uma vez que as vidas dessas mulheres passam a ser interpretadas pelas relações de Saúde, Gênero e Geografia.

1.1. HIV/AIDS: movimentos iniciais e o contexto feminino

Os primeiros casos confirmados de HIV/AIDS no mundo ocorreram no início da década de 1980, nos Estados Unidos da América (ALBERTO; SÁ; COSTA, 1994; BASTOS; BARCELLOS, 1995). Esta descoberta foi realizada pela secretaria do *Centers for Diseases Control* (CDC), que se desdobrou em investigações aprofundadas acerca dos fenômenos patológicos incomuns registrados, como a incidência de pneumonia por *Pneumocytis carinii* e Sarcoma de Kaposi em homens jovens. Este fato tornava os casos raros, pois ambas manifestações são comuns em pessoas com graves problemas imunológicos e/ou idosos, o que destoava do perfil encontrado (ALBERTO; SÁ; COSTA, 1994).

Na época, investigou-se a procedência dos casos, buscando-se aproximações e compreensões a respeito dos sujeitos adoecidos. Após algumas análises, foi constatado que o elo comum entre os pacientes consistia na redução das células sanguíneas - que são imprescindíveis para a manutenção do sistema imunológico - junto a identificação do

“comportamento homossexual” com múltiplos parceiros. Estas constatações fizeram com que a doença, inicialmente, fosse batizada de GRID - *Gay Related Immunodeficiency* - Imunodeficiência Relacionada aos Gays, o que foi suficiente para gerar um profundo estigma, já que a doença passou a ser considerada como a “peste gay” (POLLAK, 1990; CAMARGO JR, 1995).

Este movimento inicial demandou investigações contínuas, ao ponto que emergiram novas ações como a notificação de casos confirmados em pessoas hemofílicas, usuários de drogas injetáveis e pacientes transfundidos, o que expressava a necessidade de reelaboração do nome da doença, nomeando-a como é conhecida hoje: AIDS - *Acquired Immunodeficiency Syndrome* ou Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (SIDA).

O advento desta nova doença ganhou repercussão mundial, dada sua rápida difusão, o que fez com que em pouco tempo passasse de uma doença desconhecida para um grave problema de saúde pública no mundo (SANCHES, 1999). A partir de então, o HIV/AIDS passou a ser identificado em diferentes países, caracterizando a doença como pandemia que acontecia sob diferentes ritmos, acometendo distintas camadas da sociedade conforme seus movimentos (MANN; TARANTOLA; NETTER, 1992). O caráter multifacetado do HIV/AIDS conferiu densa complexidade à difusão da doença que já acontecia de forma simultânea em diferentes partes do mundo, apresentando características muito peculiares de disseminação e expansão no que se refere à sua manifestação geográfica.

Também cabe ressaltar que houve inúmeras modificações nos perfis acometidos no transcorrer do tempo (BARCELLOS; BASTOS, 1996), o que evidencia que a difusão do HIV/AIDS se manifesta como uma problemática que transpassa todas as escalas, atingindo diversos segmentos, desde o local ao global (UNAIDS, 2016).

No Brasil, foram diagnosticados os primeiros casos de HIV/AIDS em 1982 na cidade de São Paulo, e posteriormente na cidade do Rio de Janeiro. Estes casos iniciais, registrados nas grandes metrópoles do país, além de trazerem tensionamentos à organização dos serviços de saúde no Brasil, geraram alarde na população. Tal como nos EUA, no Brasil, os primeiros casos foram diagnosticados em pacientes homo/bissexuais, o que fez se reproduzir aqui o mesmo estigma social perpetrado pela mídia em outros países (POLLAK, 1990; GOFFMAN, 1988), fato que corroborou para o estabelecimento de um ideário discriminatório e homofóbico em relação à doença, que se mantém até hoje (VALLE, 2002).

A rápida disseminação do vírus por diferentes vias, sua difusão para outros grupos sociais, seja por meio do sexo desprotegido e/ou pelo uso de drogas injetáveis, fizeram com que logo os casos femininos ganhassem destaque no cenário brasileiro, a ponto de, em tempos

mais recentes, a AIDS ter se tornado a terceira principal causa de morte entre mulheres de 25 a 44 anos no mundo (SANTOS, et al., 2009). Deste modo, as notificações de casos femininos foram sendo cada vez mais frequentes, “[...] e em parte alguma do mundo a epidemia de HIV/AIDS sofreu transformações tão profundas e tão rápidas” (PARKER; GALVÃO, 1996, p. 08), constatando-se inclusive casos de transmissão vertical (de mãe para filha[o]) do HIV/AIDS (SANTOS, et. al, 2002).

Após os anos iniciais, a complexidade do quadro epidemiológico foi sendo adensada com a sua disseminação para diferentes cidades, estados e regiões, o que gerou o caráter multifacetado da epidemia no país (BRITO; CASTILHO; SZWARCOWALD, 2000). O crescimento acelerado dos casos femininos é resultado das transformações ocorridas nas décadas iniciais da epidemia (BASTOS, 2006).

No decorrer dos anos foi possível observar gradativas mudanças em relação a razão entre os sexos acometidos pela AIDS. Inicialmente havia 26 casos masculinos para 1 caso feminino, o que difere abissalmente do cenário atual que apresenta a proporção de 1,7 homens para cada mulher infectada (BRASIL, 2014). Assim, ocorreram mudanças no perfil inicial, com uma heterossexualização da doença, atingindo mulheres de forma cada vez mais efetiva, ocasionando a feminização do HIV/AIDS (BASTOS, 2000; SADALA; MARQUES, 2006).

Neste sentido, quando se analisa o movimento do HIV/AIDS na população feminina brasileira é necessário considerar três fases, como expressa Santos et. al (2009). A primeira fase tem o período demarcado entre 1982 a 1986, quando as infecções eram comuns através das vias sexuais, das relações desprotegidas com homens que tinham relações sexuais com outros homens (HSH), como também era relevante a quantidade de infecções via transfusão sanguínea.

A segunda fase ocorreu já nos anos finais da década de 1980 e na primeira metade da década de 1990, intervalo marcado pela infecção via uso de drogas injetáveis (UDI) de forma muito intensa, principalmente na região Sudeste do Brasil tendo maior expressão as capitais e regiões metropolitanas. Por fim, a terceira fase - segunda metade da década de 1990 até o presente - evidencia o predomínio de infecções via a prática heterossexual desprotegida enquanto veículo de transmissão do HIV/AIDS para as mulheres (SANTOS, et. al, 2009).

Neste sentido, é necessário ponderar as diferenças estruturais, sociais e culturais que são características da epidemia do HIV/AIDS no Brasil ao longo do tempo (BUCHALLA; PAIVA, 2002), bem como considerar a complexidade intrínseca da epidemia enquanto movimento de transformações que transpassa e modifica a realidade dos sujeitos sociais

(BESSA, 1997), estando em consonância com as experiências que as constroem, pois estas se organizam “a partir das relações íntimas entre os indivíduos, sendo essas relações plurideterminadas pela agregação e pela complexidade do sujeito em seu contexto singular, relacionado aos padrões macrossociais, culturais e econômicos” (RODRIGUES; PERREAULT, 2013, p. 02).

Em momentos iniciais o HIV/AIDS em mulheres foi associado à promiscuidade, uso de drogas e a prostituição, também frutos de uma concepção machista, patriarcal e preconceituosa que gerou culpabilização e discriminação das mulheres tal qual a dos gays (PARKER, 1991; SANTOS, 2006). Tais concepções acerca da doença foram construídas a partir do que a figura da mulher representava e ainda representa no imaginário social brasileiro, dado que estas não deviam transgredir regras como “o modelo de mulher, direita, apta a casar, pois esta lógica normativa exigia certa compostura, de uma atitude que tinha de vigorar no mais da vida social” (PRIORE, 2009, p. 98).

Assim, a “formação das representações sociais da AIDS, desviaram a atenção da ameaça colocada pela AIDS ao Eu e centra seu olhar sobre o ‘outro’ [...]” (JOFFE, 1995, p. 299), neste caso, nas mulheres, sobretudo, as consideradas desviantes, empobrecidas, prostitutas, pretas e usuárias de drogas. A partir desta realidade, Goldstein (1996) chama a atenção para a situação do Brasil no contexto latino-americano, região na qual são expressivos os aumentos de novos casos de mulheres vivendo com HIV. Para a autora o Brasil possui fatores muito específicos, estando o primeiro centrado na

[...] existência de uma classe urbana e pobre de usuárias (ou parceiras de usuários) de drogas injetáveis e a uma lógica cultural de sexualidade construída de uma forma altamente complexa, incluindo enormes diferenças internas e grandes cortes em discursos de subgrupos divididos por gênero, sexo, sexualidade, classe e raça (GOLDSTEIN, 1996, p. 138).

A partir desta leitura inicial, criou-se o imaginário de que a doença sempre acomete o ‘outro’, sendo o HIV/AIDS considerado doença de gays, desviantes, usuários de drogas e prostitutas (PARKER; AGGLETON, 2001). No entanto, a doença difundiu-se pelo território brasileiro, ao passo que se fez expressivo o aparecimento de casos de HIV entre mulheres heterossexuais monogâmicas, o que desconstruía “os papéis sociais estabelecidos historicamente de mulher dona-de-casa, mulher ideal, mulher reprodutora, receptáculo passivo de sêmen” (CARVALHAES, 2008, p. 82). É esta realidade que tanto evidencia a complexidade do fenômeno, quanto exige abordagens que considerem as dimensões de gênero e sexualidade (SELLI; CECHIN, 2005).

O surgimento do HIV/AIDS na população feminina abalou as estruturas normativas que designavam os desempenhos sociais dos sujeitos em relação, especificamente às mulheres (PRIORE, 2009), expondo que a figura da mulher e a relação com a doença transcendiam os papéis direcionados a elas pela dominação masculina (SAFFIOTI, 1987; BOURDIEU, 1995), já que a AIDS desmistificou “armadilhas milenares que acobertavam uma verdade singular sobre as mulheres: é que elas, todas elas, não são apenas reprodutoras e guardiãs do lar e da família” (GUIMARÃES, 1992, p. 150). É fato que estes acontecimentos fazem parte da história do HIV/AIDS no Brasil, e requerem um aprofundamento qualificado dada a sua complexidade, sobretudo, quando se direciona interpretações sob a realidade vivida pelas mulheres brasileiras.

1.2. Do autor aos leitores: apresentação e justificativas

A presente tese tem como objetivo interpretar os processos que constituem as experiências fundadas pelas mulheres que vivem com HIV/AIDS a partir de seus cursos de vida, em contextos geográficos concretos, que lhes conferiam a cada passo campos de possibilidades de realização de suas vidas, em que se interseccionaram diversas formas de opressão e distintos limites que foram se acumulando, dada a sua origem social, sua condição racial, geracional, educacional e de gênero.

Deste modo, o presente estudo está estruturado por cinco subquestões que estão conectadas entre si. A primeira questão específica busca compreender as trajetórias das mulheres que vivem com HIV/AIDS a partir das diferentes etapas de vida evocadas em suas narrativas. A segunda questão tem como preocupação compreender a organização e articulação dos serviços de saúde da cidade na relação com os processos saúde-doença das mulheres que vivem com HIV/AIDS. Adiante, a terceira questão se dedica a identificar e interpretar as interseccionalidades preponderantes em cada etapa de vida destacando os principais encontros e acontecimentos. Na sequência adentra a quarta questão, que se propõe a analisar as violências e vulnerabilidades que se fazem presentes no cotidiano e como as mesmas se configuram, permanecem e se transformam no processo saúde-doença. Por fim, a quinta questão indaga como se dá a relação entre as normatividades vitais e os contextos geográficos ao longo da vida das mulheres, principalmente, na vivência com o HIV/AIDS.

Foi a partir desta organização que foi priorizada a reflexão sobre a realidade vivida pelas mulheres prudentinas que vivem com o HIV/AIDS, mas, antes de aprofundar tais questões são necessárias algumas elucidações acerca dos diferentes porquês. Nessa parte,

como em outros momentos da tese, assumirei o tratamento da primeira pessoa de forma anunciada¹ e articulada, isso devido ao posicionamento político estar alinhado às características da metodologia adotada para o estudo, de modo que preza pela garantia da audibilidade das vozes dessas mulheres, de suas histórias que, por vezes, foram e são silenciadas pelos inúmeros processos de opressão. Por isso, houve o esforço por escrever este texto junto às mulheres; processo este desenvolvido de forma intrínseca no realizar da pesquisa².

Explanado isso, considero importante ressaltar de forma explícita os processos que me trouxeram para a proposta desta pesquisa, ao ponto que expresso alguns elementos que são pertencentes à minha trajetória de vida que culminou neste trabalho. É necessário dizer que sempre estive movido por objetivos que pudessem ser alcançados no rol de possibilidades de um jovem interiorano de origem simples, que teve transformações iniciadas a partir do ato de cursar Geografia na UNESP/Presidente Prudente no ano de 2013.

Durante meu processo formativo na graduação, fui apresentado à “diferentes mundos”, sendo um deles o mundo da pesquisa científica, pelo qual me apaixonei frente às inúmeras outras possibilidades. No entanto, fui movido por duas diferentes forças, sendo a primeira a paixão pelo conhecimento, e a segunda constituída pela necessidade em permanecer, já que há uma significativa deficiência nas políticas de permanência estudantil, na qual a pesquisa acadêmica é utilizada enquanto válvula de escape para tal insuficiência. Isso tem sido um grande problema, visto que o desmonte da educação, a evasão de alunos empobrecidos, bem como os problemas referentes à saúde mental dos alunos de Graduação (BERNARDES, 2018) e Pós-Graduação tem apresentado quadros cada vez mais agudos.

Dado essas questões, já no âmbito da pesquisa pensei em desenvolver algo que fosse de meu agrado e que minimamente houvesse identificação para além da necessidade do cunho científico, ainda que isso não fosse cognoscível. Esta elaboração somente se delimitou melhor

¹ A partir das contribuições de Oliveira (2014), foi decidido que haverá o emprego da primeira pessoa durante distintos momentos do texto, pois é consenso que “a despersonalização do discurso provoca um distanciamento do autor e deixa na penumbra seu próprio compromisso com o resultado. O texto, hoje, prevê uma interlocução autor-leitor; o autor cobra um envolvimento direto do leitor com o seu pensamento, o seu raciocínio. O leitor é trazido para dentro do texto, é partícipe desse texto” (OLIVEIRA, 2014, p. 10). Para além disso, é necessário salientar que o conhecimento produzido sob diferentes ordens não se realizou de forma individual e simplista. O conhecimento é produzido de forma situacional e corporificada (HARAWAY, 1995), o que evidencia trocas mediadas por diferentes relações, não sendo estas reduzidas pelo emprego da primeira pessoa no texto acadêmico.

² Cabe destacar que “escrever junto às mulheres” compreende o processo de participação das mesmas através de suas narrativas, o que destaca a aproximação das realidades em movimento. Isso não quer dizer, especificamente, que as mulheres redigiram o texto, mas que dele fizeram parte por meio de outras ações conjuntas. Esta postura política, teórica e metodológica permaneceu alinhada aos princípios qualitativos éticos que veementemente são críticos às propostas de caráter predatório que, por vezes, despersonificam as(os) participantes de pesquisas científicas.

no segundo ano da graduação quando me aproximei efetivamente do Laboratório de Biogeografia e Geografia da Saúde (BIOGEOS), com intenções ainda incertas.

A proposta de pesquisa somente “nasceu” a partir de uma experiência empírica-pessoal, na qual me encontrei em situação de risco à infecção pelo HIV. Foi quando tudo começou. Confesso que foi uma experiência que ressignificou diferentes estruturas. A ocorrência desta situação foi um grande marco para mim, que proporcionou inúmeros questionamentos, como: isso somente aconteceu comigo? Qual a chance de ter acontecido com outras pessoas como eu? Um mesmo acontecimento é possível para pessoas diferentes? Foram questionamentos que tensionaram a minha posição de unicidade, fazendo com que eu pensasse na possibilidade para outros, estando nas mesmas condições ou não.

Em um segundo momento, surgiram questões de caráter geográfico, em que me coloquei a pensar sobre as relações que passei a produzir nessa nova etapa de vida, tais como: será que me influenciaram os elementos que a cidade nos oferece? Quais são as relações espaciais e escalares dos fenômenos de saúde?

Todas estas questões me levaram a refletir acerca das escolhas que estava a fazer e as que era condicionado nesta nova realidade, já que estava distante do âmbito familiar, da zona de conforto³ e acolhimento. Foi quando me vi sozinho e vulnerável. Sem sombra de dúvidas, esse acontecimento proporcionou uma reflexão sobre a produção e vivência dos espaços, elucidando que “as lutas locais dentro da complexa geometria de poder das relações espaciais é um elemento-chave na formação de suas identidades políticas e de sua política” (MASSEY, 2008, p. 258). Acrescenta-se a isso as articulações de escalas e as transformações decorrentes das escolhas no campo de possibilidades (VELHO, 1994).

De certa forma, este acontecimento abriu meus olhos para uma realidade que afeta milhões de pessoas. Este foi o caminho pelo qual surgiu minha proposta de Iniciação Científica⁴ que teve como intuito identificar os grupos de jovens em situação de

³ Designo “zona de conforto” como âmbito familiar, rede de amparo e/ou proximidade com pessoas que pertencem ao convívio íntimo.

⁴ Desenvolver esse tema somente foi possível pela forma como o Prof. Raul Borges Guimarães organiza a produção coletiva do Laboratório de Biogeografia e Geografia da Saúde (BIOGEOS) da UNESP de Presidente Prudente. Nesse aspecto há a preocupação em manter esforços coletivos nos quais todos os membros são responsáveis, e da mesma forma a permitir que cada estudante tenha a liberdade de escolha de temas para pesquisas individuais. Acredito que essa forma de organização é importante para que se possa emergir novas questões a partir da história de vida de cada um, como ocorreu comigo.

vulnerabilidade à infecção pelo HIV em Presidente Prudente – SP, para os contextos geográficos desses sujeitos.

Neste movimento de pesquisa, passaram-se três anos, nos quais pude presenciar histórias e vivências que configuravam outras experiências, outras práticas na cidade, que proporcionaram a mim diversos confrontos de experiências, em uma magnitude tão profunda a ponto de ressignificar minha vida, a partir da vida dos sujeitos que entrevistei. Esta foi uma das experiências mais fortes que vivi. Foi a partir da vida de outras pessoas e do que o HIV/AIDS representava a elas que pude entender que o espaço sempre está em constante devir (MASSEY, 2008), isso por perceber - em relação - que a vida sempre se transforma, se refaz e continua em movimento. Esta experiência ultrapassou o âmbito acadêmico, mas não deixou de fazer parte de um conjunto de feitos que se materializaram ao fim da minha graduação, resultando em minha monografia de Bacharelado em Geografia (PEDROSO, 2017).

Sob este aspecto é necessário destacar que foram muitas as provocações que encontrei pelo caminho em relação à pesquisa, distintos momentos dos quais os “problemas bateram à porta”, de modo que era inadmissível ficar isento, sem posição. No acontecimento da pesquisa fui sendo tensionado por inúmeros fatores, como leituras sobre as questões de saúde-doença, HIV/AIDS, gênero e sexualidades que ainda são latentes. Mas também houve outras tensões, como os ataques e deslegitimações sofridos referentes à Geografia da Saúde, à metodologia qualitativa em Geografia e à temática de pesquisa, realizados por pares que se valem de “discursos hegemônicos” para desqualificar outras Geografias. Com isso, aprendi desde cedo que no campo geográfico é preciso sempre contra argumentar qualificadamente para firmar e manter a pluralidade da Geografia (PEDROSO, 2019).

Este conjunto de acontecimentos me despertou a necessidade de investigar sobre os porquês de tantas questões. Ao me enveredar na busca por respostas, encontrei na área da Geografia da Saúde uma significativa ausência expressa pela escassez de trabalhos de pós-graduação que se dedicassem a compreender a complexidade do HIV/AIDS no Brasil. Para citar os poucos exemplos encontrados na Geografia, destaco as contribuições trazidas por Bueno (2010), Marchetti (2011) e Oliveira (2011) que se dedicaram, respectivamente, a compreensão das realidades de Piracicaba - SP, Londrina - PR e São Paulo - SP, sob o ponto de vista geográfico que se encontra majoritariamente centrado nas análises quantitativas subsidiadas pelo geoprocessamento.

Paulatinamente, entendi que pesquisas como estas contribuem grandemente para a visualização, reflexão e interpretação de problemas que carecem de respostas da saúde pública. Ao mesmo tempo em que me colocava a pensar: como eram/são as vidas dessas pessoas que acabam sendo tabuladas e mapeadas? Essa questão me proporcionou dimensionar alguns graus de dificuldades que viria a enfrentar, mesmo no campo da Geografia da Saúde, uma vez que sentia a necessidade de entender o que acontecia “por detrás dos números”, para além dos mapas de doenças.

Assim, segui no intento prévio de continuar a buscar por respostas acerca da vida dos jovens vivendo com HIV/AIDS. Nesta etapa, o projeto para a pós-graduação (mestrado) já estava em elaboração dado que o final da Iniciação Científica apontava para questões que mereciam aprofundamento, como as práticas espaciais e o respectivo processo de saúde-doença dos jovens (PEDROSO; GUIMARÃES, 2019a). Contudo, apareceram outros elementos que redirecionaram a proposta, como por exemplo, a aproximação que tive com o campo das Geografias de Gênero e de Sexualidades que abordam as invisibilidades, os corpos dissidentes e suas ações no espaço geográfico. Isso me trouxe um novo pensamento que ainda era pouco elaborado: o de buscar pela realidade de outros sujeitos que não os jovens... Mas quem?

Foi este movimento de busca que me permitiu o contato com o memorial “AIDS, na rota de esperança” organizado por Cremilda Medina (2011), que traz diferentes textos de especialistas renomados que abordam o HIV/AIDS na América Latina, sobretudo, na contemporaneidade brasileira. Dentre as várias discussões apresentadas me chamou a atenção o texto “Mulheres e AIDS: libelo da complexidade” de Sonia Maria Geraldês (2011), que para mim foi um divisor de águas, isto porque a autora se dedicou a compreender a vulnerabilidade feminina ao HIV/AIDS, destacando os processos de silenciamento que se fizeram presentes - mormente sobre as lacunas no campo das políticas públicas - ao longo da epidemia.

Essa construção me despertou para um novo horizonte e me permitiu direcionar olhares para a realidade da população feminina que experiencia o HIV/AIDS, as relações de gênero e as outras vulnerabilidades que se fazem presentes no cotidiano das mulheres, me condicionando a levantar algumas questões, como: os casos de HIV/AIDS na população feminina em Presidente Prudente - SP são expressivos? Como se deu esse processo ao longo do tempo? Quem são essas mulheres infectadas pelo HIV? Quais são as experiências constituídas nos diferentes tempos e espaços? Como se configura o processo de saúde-doença? Como foram e são atendidas pelos serviços públicos de saúde e órgãos de apoio? Quais são suas histórias? Quais são seus silêncios?

1.2.1 Aproximações e atravessamentos: evidenciando os caminhos

Estabelecer algumas perguntas me permitiu refletir sobre a realidade experienciada pelas mulheres que vivem com HIV/AIDS em Presidente Prudente, mais especificamente, pelas mulheres que compuseram o grupo “*Plug and Play*”⁵ pertencente à Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA), ONG que é referência regional e estadual ao que tange a prevenção e cuidados em HIV/AIDS, que foi o grupo acessado pela pesquisa.

Esta construção se deu com o objetivo de caracterizar com profundidade a maior parte dos elementos que atravessam a vidas das mulheres, especificamente, os acontecimentos, rupturas e ressignificações presentes em seus cursos de vida (HUTCHISON, 2011), isso porque considero os contextos geográficos - e suas inúmeras facetas - como base substancial para a interpretação da vida das entrevistadas, que desde então residiram em Presidente Prudente – SP e região, vivendo a infância, juventude e também a vida adulta, como veremos adiante.

Tais informações puderam ser elaboradas e trabalhadas com estas mulheres ao longo dos sete meses de trabalho de campo; tempo este que permitiu minha aproximação do grupo “*Plug and Play*”, garantindo a interação com as mulheres através do estabelecimento de laços individuais e coletivos. Estas aproximações em primeiro nível possibilitou o acesso a informações basais que previamente caracterizam as mulheres envolvidas na pesquisa, como apresenta o quadro 01.

Quadro 01. Perfil das mulheres participantes

Identificação	Idade	Tempo de sorologia	Orientação sexual	Nº de filhos	Estado civil	Cor autodeclarada	Escolaridade	Religião	Última ocupação
Alyssa	53	22	Heterossexual	3	Viúva	Branca	E.F. Incompleto	Evangélica	Aposentada
Bonet	39	22	Heterossexual	2	Relacionamento estável	Preta	E.M. Completo	Evangélica	Empregada doméstica
Del Rio †	61	18	Heterossexual	5	Viúva	Parda	E.F. Incompleto	Evangélica	Cozinheira
Latrice	41	08	Heterossexual	3	Solteira	Parda	E.F. Incompleto	Católica	Beneficiária
Monique	43	21	Heterossexual	3	Viúva	Parda	E.F. Incompleto	Evangélica	Auxiliar de limpeza
Tammie	58	21	Heterossexual	1	Divorciada	Parda	E.F. Incompleto	Evangélica	Beneficiária

Organização: do autor

⁵ O grupo “*Plug and Play*” foi formado por mulheres que vivem e convivem com o HIV/AIDS, sendo este criado em 2015 pela coordenação da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA). O grupo apresentou caráter colaborativo e tomou como princípio o autodesenvolvimento dos sujeitos no âmbito individual, familiar e social.

O quadro 01 evidencia algumas das principais características das participantes da pesquisa⁶ para que se tenha uma visão de conjunto, o que favorece a visualização de similaridades e diferenças entre elas, já que as decorrentes interpretações discursivas fomentarão a interlocução entre o individual e o coletivo (SERPA, 2005; PEDROSO; GUIMARÃES, 2015; PEDROSO, 2017).

Em linhas gerais, o grupo apresenta alto grau de semelhanças frente às características iniciais: o grupo se desenha a partir de um perfil de mulheres pardas⁷ de meia idade, com ocupações múltiplas, heterossexuais, evangélicas, mães, com escolaridade incompleta, vivendo com HIV/AIDS e em situação monoparental. Estas informações são importantes, pois situam os sujeitos, ou seja, trata de quem são as pessoas que centralizam a discussão da pesquisa. Contudo, estas mulheres não são apenas estas características, não estão limitadas ou restritas à estas primárias designações, visto que elas possuem histórias que foram construídas ao longo da vida, que lhes trouxeram experiências contextualizadas no espaço-tempo (ALVES; PEDROSO; GUIMARÃES, 2019).

Desse modo, esses foram e são alguns dos motivos que me levaram a concretizar tal problemática na Pós-Graduação em Geografia. Neste movimento, trouxe como proposta interpretar os processos que constituem as experiências fundadas pelas mulheres que vivem com HIV/AIDS a partir de seus cursos de vida e campos de possibilidades, buscando entender os encontros e acontecimentos relacionados às interseccionalidades que estruturam o contexto geográfico⁸. Isso porque o HIV/AIDS e outros pontos de inflexão, enquanto acontecimentos disruptivos, promovem reorientações nas trajetórias de vida a partir dos elementos políticos, econômicos, sociais e culturais que agem sob a conformidade dos contextos geográficos, assim tornando certas vidas mais vulneráveis que outras.

⁶ Cabe informar que todos os nomes da presente pesquisa foram substituídos por nomes fictícios visando o sigilo das informações e o total resguardo das mulheres que participaram. Os nomes fictícios propostos advêm de parte de nomes de *Drag Queens* que participaram do *reality show* “*RuPaul’s Drag Race*”, uma vez que os nomes foram atribuídos considerando as características e personalidades das personagens junto a das mulheres entrevistadas.

⁷ Entendemos a nomenclatura “parda” como inadequada para a designação da cor-etnia dos sujeitos sociais, uma vez que esta é repudiada por grande parte do movimento negro. Contudo, na posição de interlocutor busquei respeitar a auto-identificação das mulheres, ou seja, como as mesmas se consideram e se reconhecem, ao ponto que mantive a nomenclatura como proferida por todas as participantes que a assim a fizeram.

⁸ A implementação deste objetivo se construiu por meio de um longo percurso de pesquisa, dado que este propósito se consolidou a partir do dia 15 de junho de 2020, data esta em que a pesquisa de Mestrado, durante o Exame de Qualificação, foi indicada ao Doutorado Direto pela banca avaliadora que, na época, foi composta pelo orientador Prof. Titular Raul Borges Guimarães (UNESP), Profa. Dra. Joseli Maria Silva (UEPG) e Prof. Dr. Nécio Turra Neto (UNESP).

Assim, perante os processos e aprendizagens, entendi que a relação do fenômeno HIV/AIDS com a produção do espaço geográfico é muito complexa e fluida, visto que é preciso considerar a realidade social em movimento, das pessoas e seus corpos, seus contextos. Isso se justifica porque estas relações dadas são oriundas de um sistema opressor, entendendo que o espaço geográfico “não é neutro do ponto de vista do gênero, [de modo que] torna-se necessário incorporar as diferenças sociais de gênero” (SILVA, 1998, p. 108) aos estudos geográficos.

Com isso, mantive o intento de realizar uma leitura adequada das situações que aconteceram durante a pesquisa, contando com as contribuições de hooks (1984), García-Ramon (1989), McDowell (1992, 1999), Rose (1993), Haraway (1995), Scott (1995), Valentine (2001, 2007), Butler (2002, 2015), Crenshaw (2002 [1991]), Silva (2004), Silva (2003, 2007a), McCall (2005), Massey (2000, 2004, 2008, 2009), Collins (2013; 2017), Akotirene (2018), Alves, Pedroso e Guimarães (2019) entre outras(os) que elucidam as posicionalidades, abordam os corpos e suas interseccionalidades, de modo que contribuem com uma interpretação geográfica que se dedica a compreender a vida das pessoas.

Partindo deste pressuposto, destaco que a presente tese se apresenta organizada em 5 capítulos que priorizam o atendimento das questões apresentadas acima. O capítulo 1 - **É preciso recuar para avançar: passos método(lógicos)** – aborda as atividades de campo, sobretudo, a aproximação dos sujeitos, o estabelecimento de vínculos e a decorrente produção das informações qualitativas de forma dialógica. Também destaca os processos de sistematização dos dados qualitativos e as respectivas organizações dos relatos orais que projetam as análises discursivas.

O capítulo 2 - **Contexto geográfico: HIV/AIDS e políticas de saúde em Presidente Prudente, SP** – realiza o esforço em apresentar e discutir o processo organizativo das políticas públicas de saúde, sobretudo o SUS e sua descentralização, como também se dedica a apresentar a organização articulada das políticas de saúde referentes ao HIV/AIDS no Brasil, ao passo que também reflete sobre a implementação dos serviços de saúde voltados ao HIV/AIDS no município de Presidente Prudente, tendo como preocupação situar seu percurso de forma contextual, ou seja, do princípio até a atualidade.

O capítulo 3 - **Narrativas do acontecer-mulher: a constituição e vivência dos contextos geográficos** - traz contribuições teóricas e práticas que subsidiam o processo interpretativo dos contextos geográficos, ao ponto que reflete sobre as histórias e os respectivos cursos de vida de cada mulher participante, do mesmo modo que destaca os

principais acontecimentos vividos até irrupção do HIV/AIDS, o que possibilita o raciocínio conjunto das etapas de vida (infância e juventude) que evidenciam as interseccionalidades, relações e interações por meio do encontro das narrativas.

O capítulo 4 - ***Caminhar, construir e ressignificar: transições interseccionais das mulheres e seus contextos*** - oferece interpretações empíricas e teóricas acerca de temas presentes na realidade das mulheres, uma vez destaca aos principais acontecimentos, pontos de inflexões, transições e interseccionalidades que se estabelecem entre o individual e o coletivo, de modo que salienta as violências e vulnerabilidades presentes no movimento dos contextos geográficos, sobretudo, aqueles atinentes à vida adulta.

O capítulo 5 - ***Contexto geográfico e HIV/AIDS: o que há entre o normal e o patológico?*** pauta as contribuições acerca do normal e do patológico junto às interpretações geográficas, de modo que toma como base as análises dos discursos evocados pelas mulheres à luz da normatividade vital, uma vez que estes permanecem centrados na compreensão do processo de saúde-doença.

Portanto, é neste sentido que me coloco como parte deste trabalho, não só pela responsabilidade em realizá-lo, mas também por estar atento ao que me afeta, por ser parte da minha história corporificada, que mantém conexão com as vivências, alegrias e sofrimentos de outrem junto as minhas feridas pessoais. Com esta ação, expresso que o protagonismo registrado no texto aparecerá de forma articulada, havendo momentos que serei em primeira pessoa o interlocutor da discussão, como haverá momentos que serei apenas leitor, interprete e ouvinte das narrativas presentes junto às teorias organizadas. Por assim ser, despeço-me, com um “até breve”!

Capítulo 1

*É preciso recuar
para avançar:
passos metodo(lógicos)*



Tardes de encontros

Entre olhos e bocas
Palavras e pensamentos
Vontades que não são poucas
Atenção aos movimentos

No se perder é que fez parte
Cair e levantar são dilemas da arte
Diferentes caminhos como processo
Fazendo meu [re]vigor enquanto me avesso

Observado constante, participação imergida
Pelas meninas e menino em tarde florida
Naquilo que se ouve e se diz
Que outrora foi triste e agora é feliz

Cortou e costurou diversas memórias
De perto e de longe no tempo-espço
[Re]contador [re]contante de histórias
Agora imortalizadas em folhas de alçaço

Mateus Fachin Pedroso, Presidente Prudente, SP

PRÓLOGO...

O primeiro movimento deste capítulo se dá por meio da evidênciação de trechos do Diário de Campo da pesquisa, altamente representativo no que tange as questões metodológicas da tese. Posto isso, ****início** este relato tratando sobre a minha apreensão e felicidade ao iniciar esta nova etapa profissional, acadêmica e também pessoal, que foi tão aguardada e imaginada; o realizar da pesquisa na Pós-graduação. Foram muitas noites de sono perdido em decorrência de férteis pensamentos dedicados ao desconhecido, pois eu não sabia o que viria pela frente. Hoje, me encontro ansioso, principalmente, pelo fato de as mulheres terem aceito participar da pesquisa. Isso me fez pensar: quem seriam essas mulheres? Quais seriam suas aparências? Seus traços e histórias? Foram tantas questões imaginadas que fui vencido pelo sono.

Já no dia seguinte, chegou a hora, me dirigi até a APPA (Associação Prudentina de Prevenção à AIDS) para o encontro que fora previamente combinado pelas coordenadoras do grupo. Agendamos para às 14:00 horas. Me preparei e segui e, foi então que me percebi suando frio aos 34°C prudentinos no realizar do costumeiro percurso, sempre trilhado pela Avenida 14 de setembro, especificamente, pelo Parque do Povo que chega até a Avenida Manoel Goulart, ponto em que tomo direção para a APPA.

Geralmente o percurso de casa até a APPA leva em torno de 15 a 18 minutos de caminhada, o que torna possível observar diferentes elementos, como por exemplo, as pessoas, o comércio e parte do movimento da cidade. Hoje em específico, estava tão ansioso e preocupado com o acontecimento empírico que meus pensamentos voavam enquanto caminhava. Quando percebi, já estava próximo ao Museu, bem pertinho da APPA.

Ao chegar me aprontei e verifiquei uma última vez para ter a certeza de que tudo estava em ordem. Respirei fundo, entrei e, de imediato, fui recebido pela 'J' (Psicóloga da instituição), que me aguardava para conduzir minha apresentação ao grupo. Nesse momento meu coração estava na boca, pois não sabia o que iriam pensar de mim, quais seriam as primeiras impressões.

Rapidamente nos cumprimentamos e durante estes instantes nos dirigimos até o pátio, onde as mulheres se encontravam sentadas à mesa. Houve uma rápida troca de olhares em minha direção e, então, percebi que já havia uma conversa em curso. Assim, fui apresentado e antes mesmo que alguma coisa fosse dita por mim, que qualquer discurso fosse feito, surge a indagação em tom de empolgação e desconfiança: “Esse é o moço que quer nos acompanhar?”.

Eu estava tão nervoso que neste momento somente consegui acenar positivamente com a cabeça e sorrir, foi o único movimento que expressei pois estava petrificado. Consequentemente, recebi sorrisos desconfiados e olhos atentos como resposta, como se eu fosse o amigo de alguém que fora levado à uma festa sem ter sido convidado pela(o) aniversariante. Mesmo com essa sensação segui adiante e me sentei próximo ao grupo aguardando para que fossemos todos chamados para o início das atividades.

Neste momento somente conseguia pensar em como deveria agir, e isso acabou me deixando mais tenso e, entre tanta tensão me surge o pensamento: Será que eu estou me sabotando por conta do nervosismo? A partir disso tentei relaxar e, então percebi que estava sendo observado pelos diferentes cruzamentos de olhares que, consequentemente, geravam sorrisos acanhados. Isso me proporcionou alívio, pois, percebia a curiosidade relacionada a minha presença, possibilitando o entendimento de que mesmo se tratando de uma situação nova para todos, não havia rejeição pelas partes envolvidas, o que me trouxe certa segurança.

Logo em seguida, fomos chamados para o local onde os encontros ocorrem e, novamente fiquei tenso (risos). Caminhamos até a sala e ao chegar me deparei com um ambiente muito alegre e decorado, com paredes ilustradas por desenhos de cores vivas. De fato, um espaço aconchegante.

A sala dispunha de uma prateleira que organizava alguns livros na parte inferior e na parte superior alguns artesanatos, sobretudo, as bonecas produzidas pelas(os) assistidas(os) da APPA que participaram da oficina de artesanato com garrafa pet, como me explicou ‘A’ (Assistente Social responsável pelo grupo) ao notar minha atenta observação. Ainda no sentido de disposição do ambiente, a sala tinha uma grande mesa retangular ao centro, rodeada de cadeiras, nas quais todas se acomodaram. Eis que então me surgiu uma dúvida: Será que me sento à mesa com elas? Onde posso melhor me arranjar?

E, uma vez mais a resposta não partiu de mim, vi que um lugar havia sido separado. Sentei-me ao meio da mesa, uma posição na qual era possível contato visual com todas as participantes. Isso fez com que me sentisse “abraçado” pelos olhares de cada uma. A experiência de me sentar à mesa junto a elas foi uma constante, foi crescente, cada vez maior ao decorrer dos minutos que se passaram nesses momentos iniciais marcados pelo silêncio.

Tomados os lugares, iniciou-se conversas sobre o final de semana que se passou, sobre o cotidiano e rotinas que mencionavam diferentes esferas, como trabalho, passeio, família, igreja, etc. Foi inevitável não reparar o brilho nos olhos de cada uma quando falavam de seus

filhos... os sorrisos espontâneos me deram saudades da minha casa, dos meus pais, da minha família.

Após esta breve conversa e esse efêmero sentimento saudoso de minha parte, foram iniciadas oficialmente as atividades e, conseqüentemente, fui convidado a me apresentar e falar sobre minhas iniciativas e intenções com o projeto. Neste momento, tive a preocupação em expor primeiramente quem sou, de onde vim e os diferentes porquês da proposta, de modo que tentei ao máximo realizar uma fala objetiva e compassada, sobretudo no que se refere aos motivos de estar junto ao grupo. Feito isso, vale ressaltar que fui muito bem recebido pelos olhares, expressões, acenos e gestos que criavam interlocuções e entendimentos. Ao fim da minha breve apresentação houve até mesmo aplausos, o que me deixou totalmente desconcertado. Sentia meu rosto quente e, possivelmente, vermelho de vergonha.

Dado este primeiro grande passo, ‘A’ (Assistente Social) e ‘L’ (Psicóloga) retomaram a palavra em sentido complementar à minha fala e, posteriormente, se dirigiram para as ações programadas. Contudo, mesmo antes do início das atividades, os acontecimentos fizeram-se maiores e mais importantes. Então, foi iniciada uma conversa sobre alguns eventos que estão acontecendo na cidade, como a estadia do circo, por exemplo.

O estabelecimento desse diálogo enquanto uma necessidade me chamou a atenção, pois, se trata de uma característica bastante presente no grupo, a de privilegiar as vozes dessas mulheres para que elas compartilhem seus cotidianos, suas dores e conquistas que se fazem presentes no acontecer da vida. Posteriormente, entendi que essas ações fazem parte da construção do autodesenvolvimento delas enquanto sujeitos individuais e coletivos, como me explicou ‘L’ ao falar brevemente sobre a proposta do grupo.

Como todo diálogo, os assuntos foram sendo tecidos e cambiados por elas, de modo que me mantive atento enquanto ouvinte. Nesse trânsito de assuntos, me chamou a atenção o relato de Bonet sobre a igreja que frequentava e os acontecimentos pós-culto, dado que ela relatou de forma indignada sobre a comercialização de alimentos durante e após o culto. Para ela, tal ação configurava uma grande falta de respeito com o espaço religioso, bem como situações de constrangimento, como relatou: “Como que a gente faz indo na igreja com as crianças pequenas e eles vendendo isso? Nem todo mundo tem condição de comprar!”. Tais colocações fomentaram uma sensação de não-aprovação coletiva perante o episódio relatado.

Após isso, houve uma troca de experiências e estratégias para contornar tal situação, e assim, o assunto se direcionou especificamente aos filhos, havendo breves relatos sobre os comportamentos e características de suas “crianças” (alguns já adolescentes e adultos), o que

possibilitou que cada uma apresentasse suas experiências sobre a maternagem, ainda que de forma breve.

Na construção do diálogo, o assunto retorna para a igreja e um relato é dado por Tammie sobre a importância da religião na recuperação da depressão vivida; ponto este que me chamou a atenção. Foi uma breve explanação que, inicialmente, tocou neste ponto específico e depois desaguou na vivência com o marido e suas relações que, por sua vez, trouxeram questões de gênero e poder a partir da seguinte fala: “Quando meu marido está conversando com os amigos dele eu nem fico perto, porque é conversa de homens”. A fala de Tammie evocou o sujeito “homem/marido” para o diálogo, ação que estimulou outras manifestações e relatos sobre a situação marital, permitindo que todas expressassem as situações de seus maridos e famílias.

A conversa foi estendida com mais compartilhamentos e falas sobre suas vidas, sobre alguns momentos marcantes e difíceis que, majoritariamente, evocaram a figura de “Deus” na posição de provedor de misericórdia e conforto, o que destacou a fé dessas mulheres enquanto elemento expressivo. Isso me chamou bastante a atenção dado que elas não pertencem a mesma igreja/religião. Algo realmente interessante.

Com todo esse diálogo, a atividade programada não foi desenvolvida e as horas se passaram rapidamente. E, quando me dei por conta já estávamos ao fim do encontro, quando há oferta do lanche, momento que caracteriza a atmosfera de confraternização do grupo, já que é nessa relação que se expressa de forma verbalizada o amor entre elas. Estas interações afetivas também se fizeram presentes durante as despedidas, uma vez que me foi relatado a seguinte afirmação por Zahara: “Você vai ver que aqui nós chegamos tristes e saímos felizes”.

Assim sendo, me despedi de todas sob olhares receptivos que se demonstravam interessados no próximo encontro, ansiosos por interações e aproximações, mas ainda cautelosos. Encerrado esse momento inicial e rico, retomei o trajeto para casa. No caminho de volta, com um pouco mais de calma, comecei a refletir sobre tudo o que havia acontecido, sobre as falas, momentos, emoções, tensões e experiências compartilhadas, entendendo que as expectativas foram superadas. Nesse movimento, também me coloquei a refletir sobre meus inúmeros privilégios que, por vezes, passam despercebidos pela forma desigual que nossa sociedade é organizada.

Para além dessas questões proporcionadas pelo encontro, também se faz necessário o destaque para os afetamentos presentes nesta tarde, que me proporcionou aprender com estas mulheres outras realidades sobre a vida, fato este que não encontramos nem mesmo nos mais

renomados livros da academia. Por tais motivos, acredito que hoje se inicia uma nova fase de aprendizado e formação que, não desconsidera, mas, ultrapassa os limites acadêmicos. Estou falando sobre o processo de formação humano e pessoal que se encontra em relação, estou falando sobre a possibilidade de colocar tudo isso no papel**⁹ (Diário de campo, 03 de maio de 2018).

1.1. Primeiros passos da pesquisa: do pensar ao proceder

Como pode se observar nas sentenças descritas acima, interagir com as experiências das mulheres é algo realmente complexo, pois são elaborações que emergem do real e apresentam outras necessidades de entendimento, sobretudo as que estão ligadas ao cotidiano, já que automaticamente implicam na forma como é organizado e produzido o conhecimento, uma vez que não se trata da idealização do real, mas sim de uma emersão que advém da realidade¹⁰ (LUKÁCS, 1991). É sob esta perspectiva que a compreensão do HIV/AIDS relacionada ao gênero e saúde à luz da Geografia nos exige como desafio outras formas de pensar o espaço-tempo.

Destarte, propomos ao longo desta tese a construção do contexto geográfico compreendido a partir das falas evocadas sobre as condições vivenciadas pelos sujeitos em sociedade. No presente caso, o que denominamos aqui de contexto geográfico é a realidade evocada pelas vozes das mulheres que contribuem enquanto forma de compreensão real focalizada no fenômeno do HIV/AIDS, uma vez que considera as múltiplas determinações temporais que imbricam a cultura dos sujeitos, as relações sociais que os sustentam no mundo em cada momento e os encontros que acontecem e reorientam os cursos de vida a partir do campo de possibilidades, o que evidencia a necessidade de outras formas de raciocinar a Geografia (GUIMARÃES, 2019).

É neste sentido que o conceito de contexto geográfico toma como medida a realidade produzida pelas mulheres que vivem com HIV/AIDS. Isso por considerar o entrelaço de diferentes tempos e espaços evocados - históricos, relativos e relacionais - (SILVA; LIMA, 2020; MARTINS, 2020) que, indissociavelmente, estabelecem relações entre o passado, o

⁹ O emprego de asteriscos (**) demarca trechos do Diário de campo da pesquisa que foram incorporados à tese com a intenção evidenciar a pulsão da realidade vivida em conjunto com as mulheres.

¹⁰ Essa construção está amparada no esforço coletivo do Laboratório de Biogeografia e Geografia da Saúde da UNESP de Presidente Prudente, que visa a compreensão de problemas que partem do real, de acontecimentos vividos pelos sujeitos sociais (GUIMARÃES; PICKENHAYN; LIMA, 2014; GUIMARÃES, 2015) em seus modos espaciais de existência.

presente e a ideia de futuro quando consideradas as corporeidades, as interseccionalidades, os agenciamentos e o campo de possibilidades destas mulheres, como veremos mais adiante.

Posicionado isto, mantivemos como preocupação a interpretação do contexto geográfico experienciado pelas mulheres que vivem com HIV/AIDS de forma qualificada e profunda, ao ponto que seguimos com rigor a construção metodológica que viabiliza tal proposta. Assim sendo, o presente capítulo objetiva apresentar detalhadamente os percursos e pilares metodológicos sob os quais esta pesquisa foi construída, ao ponto que evidencia as adequações demandadas frente a necessidade de investigação na pesquisa qualitativa (MINAYO, 1994), de modo que se apresentam de forma articulada, ou como define Tuzzo e Braga (2016), metodologicamente triangulada.

A organização metodológica deste trabalho se encontra dividida em duas grandes partes. A primeira consiste na reflexão da abordagem direcionada aos cuidados na realização das atividades de campo, que por sua vez manteve a preocupação com a aproximação dos sujeitos, o estabelecimento de vínculos e a decorrente produção das informações qualitativas de forma dialógica (RAPPAPORT, 2007). A segunda parte se atém aos aspectos metodológicos de sistematização dos dados qualitativos visando sua organização para uma aplicada interpretação dos relatos orais enquanto resultados obtidos na etapa anterior.

Realizado estes destaques, ponderamos uma última e importante notificação as(os) leitoras e leitores... Estejam atentas(os) ao texto, pois ao longo de todo o trabalho se fará presente algumas caixas de diálogos¹¹ que foram organizadas com a proposta de tornar a leitura mais fluída e menos monótona, sobretudo no que tange as questões teóricas.

Assim, tais caixas de diálogos têm por finalidades apresentar ideias, propostas, definições e conceitos que dialogarão com a presente tese, seja através de confluências e aproximações ou por tensões e confrontos. Este movimento articulado também tem a intenção de despertar nas(os) leitoras(es) a curiosidade e imaginação para que reflitam além das construções aqui apresentadas. Neste íterim, explicitamos que o modo de leitura fica a critério daquelas(es) que a realizarão, sendo possível interagir com o conteúdo das caixas antes, durante e/ou mesmo depois da leitura de cada capítulo.

¹¹ Expressamos neste momento que a elaboração das caixas de diálogos para a presente tese teve como inspiração as ideias construídas em Turra Neto (2001; 2008), uma vez que é proposto em ambos os trabalhos outra forma de lidar com o texto.

1.1.1. Pesquisa qualitativa em Geografia e direcionamentos metodológicos

De antemão, cabe dizer que centramos esforços na discussão da pesquisa qualitativa em Geografia, isso porque partimos do entendimento que “o verbo principal da análise¹² qualitativa é compreender. Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro [...]” (MINAYO, 2012, p. 623), ao modo que seja possível interpretar os diferentes contextos geográficos a partir das espacialidades dos sujeitos (BERNARDES; TURRA NETO, 2016; PEDROSO, 2017).

Neste sentido, entendemos que é por meio da pesquisa qualitativa que se torna palpável a realização de estudos que contemplem as relações sociais contidas nas vivências das pessoas (FLICK, 2009), sendo este um dos vieses que possibilita interpretar como as coisas ocorreram, os sentidos depreendidos a partir dos acontecimentos e as ações decorrentes dos mesmos. Isso exige uma intensa relação com os sujeitos num dado grau de profundidade na realização da pesquisa, o que permite imergir com a realidade de forma interpretativa e interacional, à luz da postura teórico-metodológica assumida (PESSÔA, 2012).

De acordo com Turra Neto (2012), a pesquisa qualitativa proporciona um conjunto de estratégias muito ricas com alto grau de detalhamento e profundidade atinente a sujeitos sociais, lugares, espacialidades, fatos registrados, e que por assim fazê-lo, demandam um denso grau de sistematização e interpretação, o que exige progressivo refino na pesquisa, ou seja, requer constante acurácia metodológica. Desse modo, a metodologia qualitativa em Geografia possui um vasto leque de possibilidades, adequações e usos, uma vez que estas devam estar estritamente ligadas à necessidade dos estudos realizados (SPINDOLA; SANTOS, 2003).

Como salientado, o processo de construção da pesquisa não cessa e, conseqüentemente, as metodologias são empregadas com base na adequação interpretativa do “objeto” de estudo (SILVA; SILVA; JUNCQUES, 2009). Para o atendimento de nossa proposta, foi necessária uma profunda imersão na realidade de vida destas mulheres, o que exigiu um refino metodológico, principalmente para enfrentar as questões atinentes à aproximação e construção dos dados de pesquisa. Frente a isso, o primeiro passo se constituiu na ação reflexiva sobre as atividades de campo, conceitualmente e empiricamente. Sendo assim, procuramos o caminho a este rigor, já que há considerada pluralidade de interpretações sobre o que vem a ser trabalho de campo na Geografia, como expresso por Zusman (2011).

¹² A partir da construção metodológica da presente pesquisa, compreendemos a análise enquanto um processo que se dedica a interpretação de símbolos e significados que fornecem a possibilidade de uma sensata compreensão de um conjunto complexo (JAPIASSU; MARCONDES, 2001).

Caixa 01. Trabalho de campo

Zusman (2011) realiza a iniciativa de interpretar as multiplicidades de compreensão do que é ou vem a ser o trabalho de campo em distintos momentos da ciência geográfica sob as diferentes correntes de pensamento. Nesta perspectiva, a autora entende que o trabalho de campo acompanha a evolução e transformação da Geografia desde o princípio, visto que o mesmo está em debate, pois trata-se de “um caminho aberto, em constante construção, que continuará a ser enriquecido com as experiências e desafios colocados pelas realidades sociais e espaciais em contínua transformação¹³” (ZUSMAN, 2011, p. 27, tradução própria), ao modo que deve ser considerado a pluralidade de possibilidades, reforçando que não haja especificamente uma única regra - “receita de bolo” - que legitima o que vem ou não a ser trabalho de campo. Sob esta concepção, pudemos compreender como trabalho de campo na Geografia todos os tipos de ações e movimentos de pesquisa realizadas por Geógrafas(os)!

É importante também estar ciente dos limites e possibilidades que podem ser encontrados durante a reflexão sobre o campo, uma vez que este processo transita de forma contínua e processual entre o teórico e o prático. Por isso, é necessário estar atento às ações e os focos que são estabelecidos, entendendo que cada campo é um momento único que faz parte de uma construção em movimento.

Desse modo, as reflexões acerca do campo foram imprescindíveis e fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que a interação constante entre o teórico e o real vivido permitiu elucidações sobre o que estávamos a investigar e, como iríamos fazê-lo (GAMALHO, 2016). Destacado tais pressupostos, foi isto que fizemos, uma vez que estivemos empiricamente envolvidos inúmeras vezes, mantendo “um processo contínuo de reflexão e alteração do foco das observações de acordo com os desenvolvimentos analíticos” (MAY, 2004, p. 186), para que assim fosse possível pensar e repensar os passos metodológicos subsequentes.

Neste ponto, May (2004) chama atenção do que é visto e interpretado a partir da observação empírica, dado que tais ações acontecem em conjunto, de forma processual, no realizar da pesquisa. Assim, tivemos enquanto preocupações: o que está sendo observado? Como está sendo observado? Por quem está sendo observado? Quais notas estão sendo tomadas? Como estas estão sendo registradas? O que está sendo depreendido a partir desta ação?

¹³ “[...] un camino abierto, en constante construcción, que seguirá siendo enriquecida con las experiencias y los desafíos que nos planteen las realidades sociales y espaciales en continua transformación” (ZUSMAN, 2011, p. 27).

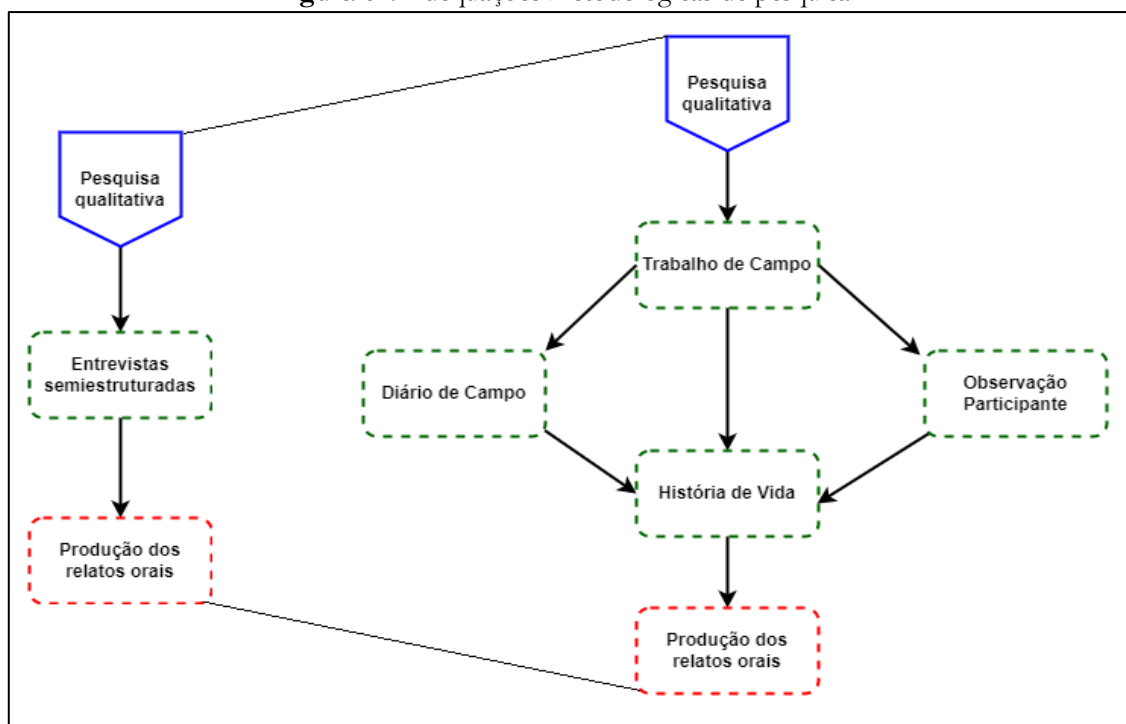
Sob estas circunstâncias, foi imprescindível que o acompanhamento das atividades fosse realizado através do Diário de Campo, no qual registramos todos os tipos de acontecimentos, ou seja, “tudo o que chama[va] a atenção durante as seções de observação” (WINKIN, 1998, p. 138), sendo estes diálogos, expressões ou mesmo silêncios. É neste sentido que o uso do Diário de Campo vai ao encontro da necessidade de realizar os registros durante as atividades, sendo este usado “[...] como depositário de notas, impressões, observações, primeiras teorizações, mapas, esboços, desabafos, entrevistas e garatujas de informantes” (MAGNANI, 1997, p. 01) realizadas e consumadas enquanto registros documentais imprescindíveis para o processo metodológico.

Essas foram algumas ponderações que passaram a fazer parte da construção de pesquisa, pelo fato de evidenciar um aprofundamento necessário para uma melhor elucidação da realidade estudada. Neste sentido, cabe ressaltar que houve mudanças e adequações metodológicas que redirecionaram o projeto e, conseqüentemente, a pesquisa, uma vez que as metodologias propostas anteriormente já não eram as mais adequadas para atender o objetivo central desta tese.

Foi a partir desta demanda que nos deparamos com a necessidade de conhecer mais e melhor os sujeitos que estiveram envolvidos na construção da pesquisa (MARRE, 1991; OLIVEIRA, 1996), uma vez que as mulheres envolvidas em nosso estudo também são co-autoras dos resultados alcançados¹⁴. Por este motivo, foi necessário ser repensado “o realizar” das atividades de campo juntamente com as estratégias de aproximação com os sujeitos em questão, como evidencia a figura 01.

¹⁴ Com esta construção entendemos que produção de informações é realizada através dos diferentes processos que ocorrem durante uma entrevista por exemplo, visto que os “conhecimentos e significados são ativamente construídos no próprio processo da entrevista. [Assim], entrevistador e entrevistado são, naquele momento, co-produtores de conhecimento” (PAULILO, 1999).

Figura 01. Adequações metodológicas de pesquisa



Fonte: Organização do autor (2018)

Este foi o marco da primeira mudança metodológica, ocasionada por uma série de provocações encontradas em bibliografias (MINAYO, 1994; TURRA NETO, 2001; HEIDRICH, 2016), na construção das disciplinas do curso de doutorado, campos piloto, orientações, bem como em outros espaços. Tais incitações evocadas distintas vezes, por diferentes pessoas e situações, fizeram com que compreendêssemos que era possível ampliar o horizonte metodológico visando maior acurácia na proposta para pós-graduação. Neste momento foi percebido que chegar com as perguntas prontas acerca da vida dessas mulheres com a intenção de compreender as experiências produzidas, suas trajetórias de vida e processos vivenciados era algo hierarquizante que beirava a prepotência e a presunção (PEDROSO; GUIMARÃES, 2019b).

Pelos destacados motivos, percebemos que a proposta inicial de realizar efêmeros encontros para a concretização das entrevistas de forma única, pontual e semiestruturada não seria capaz de abarcar a complexidade proposta pelo objetivo central da pesquisa. Assim, a proposta de estudo delineou-se melhor, uma vez que este processo demandou metodologias mais adequadas para o atendimento das propostas da pesquisa (MARRE, 1991).

Para nós estas confirmações tornaram-se cada vez mais evidentes durante o processo de pesquisa através da aproximação com as mulheres participantes (Trabalho de Campo). Isso nos levou a novos caminhos como a Observação Participante, a História Oral, mais

especificamente, a História de Vida das mulheres que contribuíram com a pesquisa, proporcionando assim diferentes ganhos e enormes desafios não dimensionados anteriormente, uma vez que “os descaminhos e insurgências redirecionam o olhar do pesquisador e o que se revela de forma difusa, demandando densas reflexões, é a emergência de conhecimentos novos” (GAMALHO, 2016, p. 37).

Foram sob estas solicitações e tensionamentos metodológicos que se estabeleceu a pertinência em realizar a Observação Participante junto aos sujeitos; neste caso as mulheres, com a finalidade a princípio de construir laços¹⁵ que permitissem a interlocução com História de Vida em momentos de entrevista visando o entendimento dos cotidianos vividos pelas mesmas (CERTEAU, 1998). Logo, a Observação Participante foi elencada enquanto metodologia que aconteceria em primeira instância, já que configura uma metodologia altamente potente na produção de dados que trazem inúmeros elementos, possibilitando condições de compreensão, articulação e questionamentos sobre a realidade que produz diferentes experiências (SCOTT, 1999; CORREIA, 2009).

Assim, torna-se evidente a interação via Observação Participante realizada nas atividades empíricas registradas no Diário de Campo, ao ponto que esta ação acontece de forma intrínseca, sendo vislumbrada pelas idas e voltas entre as práticas experienciadas e a teorias que foram lidas (WINKIN, 1998; MAY, 2004), considerando que o emparelhamento destas metodologias produziu elementos muito ricos e plurais na pesquisa (SPRADLEY, 1980), como veremos adiante.

1.1.2. Aproximações e confluências: o trâmite da pesquisa

Chegado a este ponto, é necessário relatar sobre a aproximação com o grupo de mulheres que se estendeu por sete meses de acompanhamento e interação, e por estes motivos retomo a palavra em primeira pessoa. Todavia, antes mesmo de tratar sobre as aproximações, é primordial uma breve caracterização do grupo constituído antes mesmo da minha chegada.

¹⁵ “O estabelecimento de um *rappport* - clima de segurança e confiança - é recomendável no início da entrevista e pode ser conseguido com sinceridade e franqueza por parte do entrevistador. Explicar a finalidade da entrevista, a qual instituição o entrevistador está vinculado, a importância que os dados têm para a comunidade e o caráter sigiloso da informação são elementos que podem ajudar a iniciar uma comunicação positiva, e dar indícios para o entrevistado construir o seu papel na entrevista” (MANZINI, 1991, p. 151).

O grupo de mulheres formado na Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA)¹⁶ teve origem no mês de março de 2015. O presente grupo foi constituído com a proposta de auxiliar as questões atinentes ao autodesenvolvimento social nas diferentes esferas que estas mulheres vivenciam, dado que o grupo se desenvolve a partir da metodologia *Plug and Play* que “foi criada como meio operacional e concreto para se efetivar um trabalho socioeducativo com as pessoas e famílias envolvidas por alguma ou múltiplas vulnerabilidades e/ou riscos sociais” (ROMERA, 2012, p. 09).

No presente caso, trata-se de um grupo de mulheres que vive e que convive com o HIV/AIDS, o que quer dizer que de alguma forma estas mulheres têm experiências atinentes ao HIV/AIDS, seja vivendo com o vírus ou convivendo¹⁷ com pessoas soropositivas. Minha aproximação se deu através da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA) em momentos anteriores, no qual foi realizada a pesquisa de Iniciação Científica também em parceria com a APPA (PEDROSO, 2017). O estabelecimento de vínculo com a instituição foi de extrema importância, dado que o intermédio para localização e posterior interação com os sujeitos de pesquisa foi facilitada por estas vias.

Inicialmente, o projeto foi apresentado para a coordenação da instituição, que concordou em estabelecer a parceria se as possíveis participantes aceitassem contribuir com a pesquisa. Deste modo, foram acionadas a Assistente Social e a Psicóloga responsáveis pela gestão do grupo para que eu apresentasse a pesquisa, tendo como intento elucidar meus objetivos e intenções, sendo estes repassados enquanto proposta para que fosse avaliada pelas mulheres as condições que seriam colocadas como limiares.

Dessa forma, minha presença nesse grupo de mulheres foi previamente consultada, negociada e posteriormente aceita¹⁸. Assim, os primeiros encontros foram construídos sob

¹⁶ A respeito desta associação, cabe informar que no ano de 2021 houve um processo de readequação estatutário que possibilitou a reformulação dos focos e nome da entidade. Atualmente, a instituição em questão se encontra denominada como Associação Prudentina de Incentivo à Vida (APIV), nomenclatura esta que não foi adotada para a presente tese, visto que as atividades de campo antecederam tal processo.

¹⁷ Sobressaltado esse ponto, informamos que o grupo possui um caráter integrativo, e por assim ser reúne diferentes mulheres. Isso se direciona ao fato do conjunto também ser composto por outras duas mulheres (Lee Fontaine e Zahara) que não experienciam a vivência com o HIV/AIDS (soronegativas), mas que participaram das atividades do grupo e foram de extrema importância para a construção, articulação e continuidade do mesmo. Estas mulheres desempenharam ações que foram registradas nos momentos de Observação Participante, o que garantiu suas presenças, falas e contribuições que foram registradas no Diário de Campo.

¹⁸ Esse intermédio foi fundamental para a minha aproximação, que vai diametralmente ao encontro às contribuições de Foote-Whyte (1980) e Cicourel (1980), já que estes salientam que a aceitação não depende estritamente das características que o pesquisador oferece, mas sim de como estabelece as relações, estando estas dependentes das características do grupo estudado e das informações reunidas pelo pesquisador, já que existe uma infinidade de modos de aproximação.

olhares desconfiados e incertezas, bem como surgiram outros questionamentos que se manifestaram em forma de tensionamentos não ditos, como as condições corpóreas por exemplo, dado o fato que eu sou pesquisador, homem, branco, cisgênero, homossexual e soronegativo, estudando um grupo de mulheres, heterossexuais, vivendo com HIV/AIDS, majoritariamente pardas.

******Esses questionamentos ficaram explícitos por uma fala de Latrice, que compartilhou com o grupo os inúmeros episódios de violência doméstica experienciada por ela e pelo filho, dizendo que ainda hoje carrega marcas em seu corpo; sinais estes que ela se sentiu envergonhada ao falar. Disse-nos que só não falava onde eram tais marcas por conta da minha presença. Neste momento, pude perceber o quão violenta e silenciosa é a hierarquia dos corpos, dado o fato que a minha presença masculina remetia a figura do ex-companheiro e as decorrentes lembranças dolorosas.

Rapidamente me posicionei e disse: “Fique à vontade, somos todos amigos e estamos aqui uns pelos outros” ao tempo que fui endossado pela Assistente Social e Psicóloga. Mesmo encabulada e relutante Latrice nos relatou ter sofrido mutilação na genitália em atos cruéis do parceiro e, ao dizer-nos isso seus olhos estavam cheios de lágrimas e foram direcionados para o chão. Me senti despedaçado por dentro!

Este momento me ajudou a entender o poder que meu corpo (masculino, branco, jovem, cisgênero) exercia situado em meio a essas mulheres. Foi perceptível um primeiro tensionamento que não fora dito, apenas sentido. Após este momento de partilha e emoção, a conversa tomou rumo de descontração, então notei a sororidade entre elas, o apoio e a importância de estarem ali em grupo. Confesso que meus olhos marejaram, me senti emocionado frente a esse episódio já no primeiro dia****** (Diário de campo, 03 de maio de 2018).

Tal acontecimento se colocou como um grande desafio, que por sua vez reverberou tensionamentos metodológicos, pois, outrora não havia me questionado que estar em campo (empiricamente) implicaria “enfrentamentos” relacionados às condições corpóreas dos interlocutores (HARAWAY, 1995).

Neste sentido é necessário elucidar estas condições-situações, dado que os conhecimentos e interpretações produzidos nesta tese, assumidamente, são situados e corporificados (HARAWAY, 1995). Assim, considero as condições corpóreas e sociais evidentes, o que ocasionou em primeira instância estranhamentos, já que eu enquanto pesquisador da universidade pública era o “corpo estranho” por todos os motivos (FOUCAULT, 1979b; LOURO, 2004, 2007).

Neste sentido, foram importantes as contribuições das Geografias Feministas enquanto direcionamentos metodológicos para a construção da pesquisa¹⁹ (McDOWELL, 1992), dado que estas propõem transformações criativas, “pois uma pesquisa feminista está comprometida metodologicamente com a reflexibilidade sobre: (1) a força da epistemologia, (2) as fronteiras e limites, (3) as relações e as (4) múltiplas dimensões da localização do pesquisador e suas interações no processo de pesquisa” (SILVA; ORNAT, CHIMIN JÚNIOR, 2017a, p. 14) que estejam alinhadas às necessidades demandadas pelos sujeitos. Estas foram as preocupações que segui.

As experiências empíricas de campo e o contato com as bibliografias feministas evidenciaram a necessidade de um (re)pensar sobre as potencialidades e limites das metodologias de pesquisa, neste momento testadas pelas interseccionalidades corpóreas dos sujeitos em interação (BUTLER, 2015). Também foi possível refletir sobre as diferentes hierarquias e poderes presentes (mesmo que não ditos) na ação de campo, na interação ente os sujeitos, o que reforça a necessidade de haver extremo “cuidado com os limites e fronteiras teóricas e metodológicas que moldam nossa maneira de pensar a Geografia” (SILVA; ORNAT, CHIMIN JÚNIOR, 2017a, p. 15).

Destarte, foi através das considerações das Geografias Feministas que pude realizar alguns questionamentos sobre as condições corpóreas das(os) pesquisadoras(es) em ação de campo - principalmente a minha que estava lá em nome da universidade pública - influenciando assim nas observações participantes, nos relatos construídos, nas impressões e registros, como também nas entrevistas realizadas que foram repensadas através da vida das mulheres, de nossas corporeidades e da relação que estabelecemos e produzimos.

Com a metodologia em processo, pude acompanhar as atividades do grupo que vinham sendo desenvolvidas, o que exigia o registro de todas as informações (WINKIN, 1998) que foram feitas sob olhares curiosos e desconfiados, mesmo após a exposição das intenções e objetivos da pesquisa. É pertinente ressaltar que minha participação foi sendo aceita ao decorrer dos encontros, de forma gradual, tendo uma questão temporal frente ao nível de adaptabilidade do grupo, o que permitiu uma melhor compreensão da execução dos procedimentos teórico-metodológicos propostos.

¹⁹ “Para uma pesquisa feminista é fundamental que o/a pesquisador/a se coloque como ativo/a na produção do conhecimento e reflita como sua própria posição sociopolítica de privilégios estabeleceu as dinâmicas específicas com os outros participantes da pesquisa, resultando no saber que se fez coletivamente. Como a pesquisa feminista considera que o conhecimento é sempre situado, a reflexibilidade é uma prática indispensável” (SILVA; ORNAT; CHIMIN JÚNIOR, 2017b, p. 21).

Cabe também salientar que houve momentos de interação para além dos encontros semanais, como por exemplo, as atividades desenvolvidas na ONG (encontros, palestras, festas, agendas, etc.) da qual fiz parte junto as mulheres que participaram da pesquisa. Esses momentos colaboraram com a desconstrução de algumas barreiras enfrentadas em momentos iniciais, o que possibilitou retornos positivos que facilitaram a aproximação com as demais mulheres, já que passaram a apresentar comportamento “em rede”, visto que umas asseguravam às outras minha presença.

Essa percepção passou a ser notada após o episódio da Festa Junina da APPA, dado que nesse respectivo acontecimento surgiu **o concurso de forró (em tom lúdico), que priorizava a diversão, interação e integração entre todas(os) que ali estavam. Fui convidado de forma insistente pela ‘A’ (Assistente Social) e ‘L’ (Psicóloga) até que resolvi participar, e foi assim que formei par com ‘B’ (uma mulher transexual assistida pela ONG) para dançarmos e garantirmos nossa participação no concurso. A única diretriz era a de que o melhor casal ganharia um brinde (simbólico), e que a escolha seria feita pela plateia.

E assim “soltaram” a música e todos começaram a dançar. Nesse momento esqueci de tudo e me entreguei a ação, o que me possibilitou um agradável momento de diversão, ao ponto que foi possível ver que todos ao redor também estavam se divertindo, tanto os demais casais, como os que assistiam. Esse momento de interação foi épico! Isso me proporcionou enxergar a materialização de muitas coisas que até então só eram presentes nas mais renomadas bibliografias. Este momento permitiu que eu me sentisse acolhido pelo grupo, pelo espaço ali formado, junto com todas as pessoas... o que culminou em nossa vitória, fomos eleitos o casal vencedor do concurso de forró (risos)** (Diário de campo, 21 de junho de 2018).

Este acontecimento foi um grande marco na relação que passou a ser estabelecida como as mulheres, na qual a proximidade e intimidade foram sendo estabelecidas durante os encontros²⁰ (MEJÍA, 2015). As transformações ocorridas foram variadas e progressivas, visto que nos encontros iniciais o sentimento que experienciei foi o de ser um forasteiro²¹ do grupo,

²⁰ Segundo Mejía (2015, p. 92-93) o “encontro é uma mescla, o efeito de um corpo sobre o outro. Meu corpo não deixa de encontrar os corpos. Os corpos que encontra têm ora relações que se compõem (mesclas boas), ora relações que se decompõem (mesclas nocivas). Na medida em que temos ideias-afecções, vivemos ao acaso dos encontros”.

²¹ “O forasteiro é exemplificado por ocupar uma posição em que é aceito ou tolerado no grupo social, sua inserção propicia, no caso do pesquisador, ter compartilhadas as experiências e histórias do grupo envolvido. O forasteiro marca uma posição geográfica: é alguém de fora, o que também desenvolve a curiosidade referente a si, posto o trabalho de campo ser uma relação, ou seja, estar permeada por trocas. O estrangeiro também remete a uma analogia geográfica, a do viajante, em que sua posição é a de alguém que, embora não pertença ao grupo, não tenha partilhado suas experiências, estabelece um contato em que é racionalmente próximo e distante. O papel

e após meses de convívio e interação já era requerido enquanto participante que realizava as atividades propostas, bem como opinava sob as situações-problemas compartilhadas.

Neste sentido fica ressaltada a importância do papel do pesquisador e das distintas estratégias de interação junto aos sujeitos partícipes da pesquisa (CICOUREL, 1980), fazendo com que estes no processo deixem de ser apenas informantes ao modo que tais estratégias devam ser cautelosas e respeitosas com as culturas das pessoas, ao modo que se saiba usufruir da arte do ouvir, “[...] arte de ver, arte de ser, arte de escrever” (WINKIN, 1998, p. 132).

Destarte, foi necessário refletir e buscar por articulações metodológicas que contemplassem as outras interfaces que compõem a vida dessas mulheres para além do HIV/AIDS, o que outrora unidirecionalizava e condicionava a figura do sujeito estritamente à doença. Senti, assim, a carência de compreensão das demais interseccionalidades dessas mulheres, para que assim fosse possível minimamente entender os processos que constituíram os cursos de vida trilhadas (VELHO, 1994; HUTCHISON, 2011). Estas prerrogativas me direcionaram ao campo da História Oral que

[...] se ergue segundo alternativas que privilegiam os [relatos] como atenção central dos estudos. Trata-se de focalizar as entrevistas como ponto central das análises. Para valorizá-las metodologicamente, os oralistas centram sua atenção, desde o estabelecimento do projeto, nos critérios de recolhimento das entrevistas, em seu processamento, na passagem do oral para o escrito e nos resultados (MEIHY, 2002, p. 44).

Como o cerne desta tese busca pelo entendimento dos cursos de vida e campos de possibilidades vivenciados pelas mulheres que vivem com HIV/AIDS em seus contextos geográficos, foi necessário trabalhar a partir de metodologias que evocassem os trajetos e permitissem que as histórias dessas mulheres fossem narradas por elas mesmas (PEDROSO; GUIMARÃES, 2019b). Isso foi o que me aproximou das contribuições da História de Vida, que preza pelo relato do enunciante que narra sobre sua vida no movimento de reconstrução dos acontecimentos experienciados ao longo do tempo, portanto, trata-se de uma “[...] narrativa linear e individual dos acontecimentos que ele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar” (QUEIROZ, 1988, p. 20-21).

Foi por meio da História de Vida que busquei interpretar a realidade vivenciada pelas mulheres entrevistadas, dado que para entender o presente momento, era necessário “[...]

social de pesquisador não elimina os demais papéis sociais, como ser homem ou mulher, pertencer a determinado território, torcer por determinado time etc.” (GAMALHO, 2016, p. 39).

penetrar em sua[s] trajetória[s] histórica[s] e compreender a dinâmica das relações que estabelece[ram] ao longo de sua existência” (SPINDOLA; SANTOS, 2003, p. 121), ou seja, era indispensável a preocupação com a compreensão do passado, das outras realidades vividas em tempos distintos, o que automaticamente envolve as questões da memória pertencente à essas mulheres²².

A ação deste exercício não é neutra, bem como as interpretações decorrentes deste movimento também não são, já que as narrativas verbalizadas via memórias recriam as trajetórias vividas e os pertencimentos estabelecidos, como também revelam mais que a história de vida em si, revelam os “sentidos e [os] sistemas culturais por meio dos quais os atores se expressam” (GAMALHO, 2016, p. 43).

Portanto, interagir através das memórias foi algo complexo, visto que evocou inúmeras experiências - algumas felizes, outras dolorosas - pois todas as memórias são carregadas de significados, valores e emoções de situações que foram vivenciadas, estando algumas superadas e outras ainda latentes no presente, que por sua vez expõem “traços de si e uma possibilidade de se voltar para as próprias práticas em erros e acertos, em incertezas e possibilidades, desmistificando as distâncias entre pesquisador e objeto de estudo” (GAMALHO, 2016, p. 38). Sob estes pressupostos, Meihy (2002) evidencia que as memórias são organizadas e articuladas segundo uma lógica subjetiva do sujeito, ou seja, cada qual lidará com suas construções de forma peculiar estando estas organizações atreladas ao conjunto social das memórias. É nesse sentido que “a história oral é sempre social. Social, sobretudo, porque o indivíduo só se explica na vida comunitária. Daí a necessidade de definição dos ajustes identitários culturais” (MEIHY, 2002, p. 68).

²² Abordar questões relacionadas à memória, automaticamente implica em se tratar de uma natureza coletiva, dado que é uma ação construída ao longo do tempo “[...] por práticas discursivas plurais, que englobam as ações dos sujeitos, o devir das construções cotidianas do passado para o presente e o futuro. O que se coloca em questão são as vivências e/ou experiências retomadas e (re)significadas em outros discursos” (FERNANDES, ALVES JÚNIOR 2012, p. 321). O ato de evocar as memórias está atrelado a uma reinterpretação dos fatos acontecidos em tempos passados, e cabe o entendimento de que as narrativas nascem da interpretação do sujeito em um contexto diferente do que fora vivido anteriormente, como expressa Miotello (2008) ao dizer que “a memória do passado tem a cara que o presente lhe atribui. Ela é constantemente revisitada pelos interesses atuais, pelos sentidos presentes. E reformatada. O passado tem seu sentido presentificado” (MIOTELLO, 2008, p. 149), ou seja, trata-se de uma reconstrução que nunca será única e exata. Assim, “o que foi lembrado, como foi narrado, em que circunstância foi evocado o fato - tudo isso integra a narrativa, que sempre nasce na memória e se projeta na imaginação, que, por sua vez, se materializa na representação verbal que pode ser transformada em fonte escrita” (MEIHY, 2002, p. 52).

1.1.3. Interações metodológicas: a pesquisa em movimento

Destacado tais motivos, optei por caminhar nos preceitos etnográficos, ou seja, junto às mulheres no movimento de colaboração que “converte o espaço de trabalho de campo entendido como coleta de dados em co-conceitualização, forçando a mudar a ênfase colocada na etnografia como escrita para a reconceitualização do trabalho de campo²³” (RAPPAPORT, 2007, tradução própria). Esta postura política, teórica e metodológica me afastou de uma construção academicista e hierárquica que, majoritariamente, constrói as ideias com a finalidade de enquadrar a realidade em suas prerrogativas.

Neste sentido, cabe destacar que as colocações de Rappaport (2007) contribuíram com o movimento de reorientação da pesquisa, o que fez com que a preocupação central fosse as mulheres falando sobre suas realidades, suas relações, vivências e memórias enquanto fruto de diferentes contextos geográficos, me levando a crer na existência de uma Geografia que é resultado do conhecimento produzido por estas mulheres, que permite a construção de relações ainda a serem desvendadas.

Esta acabou por ser uma árdua tarefa, visto que lidar com diferentes metodologias de forma simultânea não foi algo simples, pois, “participar e entrevistar no campo pode ser difícil quer se esteja trabalhando na própria sociedade a que se pertence, quer numa estrangeira” (CICOUREL, 1980, p. 09), dado que tais ações me exigiram constância e desenvoltura metodológica. Sob estas diretrizes, a Observação Participante foi entrelaçada com a realização das entrevistas via História de Vida (SPRADLEY, 1980), sendo todos os movimentos registrados no Diário de Campo.

Deste modo, iniciei as entrevistas individuais no início do quarto mês de participação, momento este que já me sentia inteirado da realidade individual e coletiva das mulheres. A princípio, fiquei receoso ao pensar que seria difícil argumentar a necessidade dessas mulheres falarem sobre suas vidas, suas experiências, sobre seus cotidianos e intimidades, pois “este processo em movimento requer uma compreensão íntima da vida de outros, o que permite que os temas abordados sejam estudados do ponto de vista de quem os vivencia, com suas suposições, seus mundos, suas pressões e constrangimentos” (PAULILO, 1999, p. 141).

Estar em contato com as histórias de vidas dos sujeitos não é algo meramente simples, pois não se reduz a informações estritamente estanques, arraigadas de outros valores

²³ “[...] convierte el espacio del trabajo de campo entendido como de recolección de datos en coconceptualización, forzándonos a trasladar el énfasis puesto en la etnografía como escritura hacia la reconceptualización del trabajo de campo” (RAPPAPORT, 2007, p. 201).

(BRANDÃO, 2007; FERNANDES, 2010). É neste sentido que a História de Vida permite liberdade ao narrador para decidir o que contar, e como contar acerca do que foi vivido. Trata-se do registro subjetivo de como o sujeito olha para trás e enxerga sua trajetória de vida, “exatamente o modo como fala sobre ela, como a ordena, a que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, é que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista” (THOMPSON, 1992, p. 258). Assim, compreendo que as narrativas carregam os acontecimentos passados que em tempo atual são reinterpretados a partir dos contextos geográficos, e manifestam-se verbalmente através da memória ativada pela enunciação do entrevistador.

Tendo reconhecido isso, as entrevistas foram sendo agendadas em horários convenientes para as entrevistadas, visto que todas optaram por realizá-las nas dependências da APPA, dado a comodidade e o fácil acesso durante a semana. Mediante as condições, realizei as entrevistas individuais priorizando que as Histórias de Vida dessas mulheres fossem narradas com o maior nível de detalhes priorizando o mínimo de interferências possíveis, o que é algo sutil e complexo de ser empenhado. Vias de fato a todo momento tentei manter a postura pouco interventiva, porém conectada e atenta ao que estava sendo narrado, como recomenda Thompson (1992) ao dizer que:

Você deve manter-se o mais possível em segundo plano, apenas fazendo algum gesto de apoio, mas não induzindo seus próprios comentários ou histórias. Essa não é a ocasião para você demonstrar seus conhecimentos ou seu charme. E não se deixe perturbar com as pausas. Ficar em silêncio pode ser um modo precioso de permitir que um informante pense um pouco mais, e de obter um comentário adicional (THOMPSON, 1992, p. 271).

As colocações de Thompson (1992) me ajudaram a lidar com o momento de realiz[ação] da pesquisa, interagir com as histórias evocadas, com as diferentes cargas simbólicas e emocionais das mulheres; com o “olho no olho”. Por tais questões, é necessário considerar três etapas que devem estar presentes no processo de entrevista: 1) a preparação teórico-prática que ocorrerá simultaneamente à aproximação dos sujeitos; 2) o encontro e gravação do que fora produzido na entrevista (as histórias, narrativas, etc.); e 3) a realização da transcrição fidedigna das informações registradas (MANZINI, 2010).

Seguindo estes parâmetros, cabe ressaltar que junto às mulheres construí as entrevistas e, que estas com o consentimento livre e esclarecido foram gravadas²⁴ (áudio), já que este tipo de registro permite “[...] operações que possibilitam o recorte de turnos, a transcrição de falas

²⁴ As entrevistas e gravações realizadas foram aprovadas para o desenvolvimento da pesquisa, e estão sob resguardo do CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética). Processo nº 89182918.4.0000.5402.

e de fenômenos conversacionais, [...] tornados cientificamente relevantes pela acumulação e consolidação de resultados de investigação” (BINET, 2012, p. 03). A gravação das entrevistas permitiu o registro de uma infinidade de acontecimentos de grande riqueza como as pausas, ênfases, entonações presentes nas falas (LADEIRA, 2007), elementos estes complementados pelas anotações do Diário de Campo que, por sua vez, aglutina os elementos não graváveis (AGUIAR, 2004).

Estes esforços corroboraram com uma transcrição mais completa e detalhada, que se realiza em um outro patamar temporal da pesquisa. Para a concretização das transcrições é necessário distanciar-se dos fatos vivenciados outrora em campo, pois, as transcrições exigem enfoques intencionais que cabem ao pesquisador reflexão, já que “[...] o momento de transcrição representa mais uma experiência para o pesquisador e se constitui em uma pré-análise do material” (MANZINI, 2010, p. 01). Estes argumentos evidenciam a importância da relação que se estabelece com a pesquisa, com os colaboradores e as informações produzidas (RAPAPORT, 2007), bem como a priorização do entrevistador/analista na ação de transcrever, uma vez que este movimento é parte importante do processo de interpretação, entendido que “o processo de transcrição, depois de repetidas audições, permite focalizar fenômenos que podem fazer parte da explicação analítica” (LADEIRA, 2007, p. 50), fomentando assim interpretações e/ou surgimento de hipóteses a partir da interlocução do falado para o escrito (MANZINI, 2010).

Tendo estas recomendações como parâmetro, realizei as transcrições das entrevistas com a responsabilidade e consciência de ter vivido e ouvido os elementos de cada momento, o que contribuiu para uma elaboração concisa e próxima do que foi registrado. Esta ação sempre ocorreu após os atos de entrevistas, pois, considero que este procedimento auxilia na apreensão das impressões e lembranças, dado que estas se mantêm vívidas, saltadas e presentes na memória recente (MANZINI, 2010).

Comumente, acredita-se que a ação de transcrever seja meramente mecânica, mas o ato de transcrever as entrevistas me permitiu alcançar outros movimentos de interpretação, não só do que já fora produzido, mas também do que pôde ser aprofundado. Neste sentido, priorizei após as transcrições a ação de repetidas leituras do material visando correções de erros de digitação, como também, a busca por pontos expressivos que mereciam aprofundamento. A partir desta interlocução tive aporte para elaborar algumas questões que foram apresentadas na retomada das entrevistas, já em uma segunda etapa.

As retomadas das entrevistas foram feitas após as transcrições, de modo que busquei efetuar-las com o menor tempo de intervalo possível para que as informações não fossem perdidas ou mesmo desfocadas. Com este intuito, as entrevistas foram transcritas, relidas e impressas em duas vias, para que no momento de reencontro a mesma fosse lida na íntegra por mim, sendo também acompanhada pelas entrevistadas.

Assim, a leitura foi executada de forma compassada, o que permitiu incursões e enriquecimentos advindos das entrevistadas a partir do movimento de construção da fala. Ao final das leituras foram executadas as questões elaboradas a partir da História de Vida dessas mulheres, de modo que foi possível a retomada e aprofundamento de elementos importantes para a pesquisa que, posteriormente, também foram transcritos e incorporados aos documentos previamente realizados (PEDROSO; GUIMARÃES, 2019b).

Ainda neste ponto, é necessário descrever duas atividades que compuseram as entrevistas em ação conjunta à produção das Histórias de Vida. A primeira atividade emergiu enquanto desfecho das entrevistas, já que estes foram momentos dos quais as questões apresentavam-se saciadas pela releitura das histórias de vida e das perguntas subsequentes; tratou-se de uma reflexão fomentada pelo uso da técnica do espelho²⁵ mais comuns em abordagens no Psicodrama - uma das frentes de atuação da Psicologia -, que em linhas gerais atua sob aspectos emocionais dos sujeitos, proporcionando uma reflexão de si e de sua trajetória (GONÇALVES, 1998; GUERRA, 2008). Assim, solicitei a todas as entrevistadas que se posicionassem frente ao espelho e dissessem “o que viam”. Esta técnica proporcionou flexibilidade sobretudo o que fora produzido e trabalhado durante as observações e entrevistas, trazendo respostas-síntese que serão exploradas nas análises adiante.

Neste mesmo movimento, realizei a segunda atividade que consistiu na investigação e mapeamento dos percursos vividos pelas entrevistadas. Deste modo, foram imprescindíveis as discussões realizadas por Pereira (2006) e Alves (2015), que apresentam sobre seus enfoques as diferentes vivências das partes da cidade pelos sujeitos estando “de acordo com o tempo vivido no cotidiano, desvendando espaços públicos, privados, o individual e o coletivo, o necessário e o desejado” (PEREIRA, 2006, p. 78). Através desta ação, foi possível registrar em formas de croquis os “atuais” deslocamentos e percursos pela cidade, bem como suas

²⁵ Nos dizeres específicos de Gonçalves (1998) “a técnica do espelho no psicodrama pretende despertar uma vivência semelhante à primeira vivência infantil, fazendo com que o protagonista comece a reconhecer a si mesmo, o que geralmente também não ocorre sem um estranhamento inicial, e não deixe de se dar também através do olhar dos outros, que desenvolvem sua imagem para que ela a reconheça” (GONÇALVES, 1998, p. 25).

tipologias, conexões e intensidades produzidas pelas entrevistadas no recorte temporal de 15 dias. Cabe reforçar que estas informações e materiais foram transpostos para o meio digital e organizados enquanto produtos cartográficos que serviram de base para a interpretação da realidade vivenciada por estas mulheres nas análises deste trabalho.

Destacado todos os pontos de encontros e reorganizações que se fizeram necessárias no caminhar da pesquisa, me despeço com o aceno de quem ainda há de retornar...

1.2. Analisar os discursos ou discursar as análises?

Como apresentado no início, este capítulo se encontra organizado em duas grandes partes. Este segundo momento se inicia com o afastamento do grupo de mulheres, cumprindo assim a primeira parte metodológica descrita acima. Este afastamento é realizado com a intenção de interpretação, visando nesta etapa exercer a criticidade sobre o material produzido, já em outro patamar temporal.

Desta forma, a presente parte centra esforços nas questões metodológicas atinentes à sistematização e organização dos dados qualitativos produzidos, ao ponto que apresenta as metodologias de pesquisa que contribuem para as interpretações das narrativas das mulheres entrevistadas. Esta discussão metodológica visa a organicidade das falas, - enunciados²⁶ e evocações - e, por meio destas interpretar os sentidos e conexões que são estabelecidos nos discursos dos sujeitos sociais.

Para a realização desta tarefa foi necessário o aprofundamento na Análise do Discurso²⁷ (AD), o que possibilitou imersão nos recursos linguísticos e nas distintas possibilidades de investigação dos materiais, sendo estes classificados em dois grupos, o primeiro produzido com estrita finalidade de pesquisa, e o segundo realizado a partir de documentos já existentes como reforça Moraes (2003), ao dizer que

²⁶ “O enunciado é, assim, uma unidade complexa que combina elementos linguísticos e extralinguísticos, tais como o destinatário (real ou virtual), a situação particular e o contexto sócio-histórico” (NARZETTI, 2012, p. 72).

²⁷ “Pode-se identificar, na constituição da Análise do discurso francesa, a existência de três linhas genealógicas diferentes, correspondentes a três projetos teóricos distintos: a linha pecheutiana, que situava a AD fora da Linguística e no interior da ‘ciência das formações sociais’; a linha sociolinguística (desenvolvida por Marcellesi, Gardin e Guespin, dentre outros), que a situava no interior de uma concepção ampliada da Linguística a ser constituída, a ‘linguística social’; e, finalmente, a linha foucaultiana, que a situava no interior de uma ‘arqueologia do saber’. Pode-se dizer que o que veio a ser chamado de AD francesa é o efeito geral dos confrontos e alianças táticas ocorridos entre esses três projetos” (NARZETTI, 2012, p. 59).

no primeiro grupo integram-se transcrições de entrevistas, registros de observação, depoimentos produzidos por escrito, assim como anotações e diários diversos. O segundo grupo pode ser constituído de relatórios diversos, publicações de variada natureza, tais como editoriais de jornais e revistas, resultados de avaliações, atas de diversos tipos, além de muitos outros (MORAES, 2003, p. 194).

As considerações de Moraes (2003) evidenciam a pluralidade presente nos estudos dos discursos, ao ponto que ampliam a discussão sobre a possibilidade de interpretações da linguagem, dado que a linguagem se realiza de diferentes formas, desde sua ação inicial, seus modos de transmissão e recepção dos envolvidos. Nesta tese, as interpretações estão centradas nas entrevistas produzidas com finalidade de pesquisa que se apresentam enquanto texto escrito, ou melhor dizendo, outrora falado e agora transcrito (BARROS, 2000; MANZINI, 2010).

Ao lidar com as entrevistas transcritas é necessário compreender que tais registros se tornam o *corpus* central da análise, em outras palavras, o *corpus* da análise textual. Neste movimento é preciso manter firmado enquanto princípio que todo *corpus* textual é situado temporalmente e espacialmente no que se refere às questões linguísticas (MAINGUENEAU, 1990; 1997). Este *corpus* é visto como produto que expressa “discursos sobre fenômenos e que podem ser lidos, descritos e interpretados, correspondendo a uma multiplicidade de sentidos que a partir deles podem ser construídos” (MORAES, 2003, p. 194) nos mais diferentes movimentos.

Por assim ser, o discurso apresenta sua constituição baseada em sua construção histórica de existência, o que faz com que estabeleça lastro com o contexto geográfico no qual os discursos são produzidos, uma vez que todas elaborações consideram os “aspectos sociais, ideológicos, culturais e identitários que, inscritos em um determinado lugar de enunciação, em face de sua historicidade discursiva, não se repetem, são sempre diferentes de um discurso para outro” (FERNANDES; ALVES JÚNIOR 2012, p. 316). Isso faz com que o *corpus* discursivo produzido possa ser entendido como um arquivo que aglutina informações que se articulam dialogicamente com outros elementos - outros discursos, outros sujeitos enunciadorees em tempos distintos - (SARGENTINI, 2012), o que nos exigiu, enquanto pesquisadores, o protagonismo em assumir as interpretações construídas a partir dos textos, visto que “isso só pode ser atingido por meio de movimentos hermenêuticos em espiral, em que a cada nova retomada do fenômeno é possibilitada uma compreensão mais radical e aprofundada” (MORAES, 2003, p. 201).

Assim, visando o avanço dessas questões metodológicas, destacamos alguns aspectos da Análise do Discurso que são úteis para a compreensão dos contextos geográficos enunciados a partir das falas das mulheres entrevistadas. Nos estudos discursivos considera-se a cenografia da enunciação, também denominada de *déixis* discursivas, elemento importante, pois, confere situacionalidade espacial e temporal implicadas nos atos enunciativos ao ressaltar o EU ↔ TU – AQUI/AGORA que proporcionam sentido às formações discursivas através da enunciação. Desta forma é possível identificar a processualidade e organizações discursivas por meio da *déixis* que distingue o locutor (quem fala e/ou enuncia), o destinatário discursivo (quem recebe a enunciação), a cronografia (o tempo em está situado) e a topografia (o lócus situado) (MUSSALIM, 2008).

A compreensão da *déixis* discursiva em estudos da Análise do Discurso torna-se imprescindível por apresentar as condições e elementos que são partícipes na formação dos discursos (BORGES, 2000), como também é importante adentrar as questões voltadas ao sentidos do que fora produzido, já que em primeira instância se analisa o “como é dito”, “o tom do dizer”, pois, este tom delimita e direciona os caminhos da linguagem e das decorrentes interpretações, ou seja, “não basta falar de ‘lugares’ ou de ‘*déixis*’; a descrição dos aparelhos não deve levar a esquecer que o discurso é inseparável daquilo que poderíamos designar muito grosseiramente de uma ‘voz’ [de modo que] o que é dito e o tom com que é dito são igualmente importantes e inseparáveis” (MAINGUENEAU, 1997, p. 45-46).

Esta é uma das ressalvas importantes que estão presentes no *ethos* discursivo, que aproxima as vozes, os tons utilizados, as significâncias empregadas na voz, os sujeitos que as entoam, como também a corporalidade destas vozes. Assim, é necessário para os estudos discursivos considerar os sujeitos, seus corpos, suas interseccionalidades e suas posições de fala, dado que é a partir do que é dito, de onde se diz, como se diz e quem diz (PÊCHEUX, 2008), que os discursos passam a ser entendidos, legitimados, considerados enquanto hegemônicos ou mesmo marginais.

Há de se considerar que nenhum discurso é neutro, pois o exercício de poder é intrínseco e inerente aos discursos (BOURDIEU, 2001). Assim, qualquer que seja, o discurso, o poder está presente nas intencionalidades e normas que regimentam e organizam do mais simples ao mais elaborado discurso, como argumenta Foucault (1979a, p. 25), ao afirmar que “esses recortes são sempre, eles próprios, categorias reflexivas, princípios de classificação, regras, normativas, tipos institucionalizados: são, por sua vez, fatos de discurso que merecem ser analisados ao lado dos outros [...]”. Isso passa pela necessidade de compreensão do

movimento da sociedade que ao produzir seus discursos, também os controlam, os selecionam, organizam e redistribuem seus poderes e seus perigos (FOUCAULT, 1999).

É a partir desta abordagem que levantamos relações que são de interesse da Geografia, dado que as vozes fazem parte do contexto geográfico no qual os sujeitos estabelecem interações espaço-temporais - e se constituem também em um espaço de fala, que integra elementos de poder engendrando forças que os atravessam e, assim, caracterizam pessoas e lugares através das diferentes realizações da linguagem (BUTLER, 2018). É sob estas bases que o contexto geográfico situa o sujeito enquanto centralidade do seu existir considerando o que o produz, transforma e deseja a partir de sua potência nos mais diferentes movimentos e ações, ou seja, nos movimentos da vida (LIMA, 2016; PEDROSO, 2017).

Por estes motivos, concentramos esforços para que as mulheres desta pesquisa estejam no centro da discussão, que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas a partir de suas posicionalidades situadas e corporificadas (HARAWAY, 1995; PEDROSO, 2019), como expressa qualificadamente Ribeiro (2017), ao abordar o lugar de fala, entendendo que os corpos acionam discursos que por vezes geram enfrentamentos, e como consequência produzem práticas discursivas que organizam as vivências dos sujeitos. Este ponto ressalta a necessidade da interpretação e análise das formações discursivas, pois o que “um sujeito enuncia, ‘a sua fala’, é produto da subjetividade, de uma subjetividade facultada, tornada possível, produzida pelo social” (BORGES, 2000, p. 03).

É neste sentido que a Análise do Discurso exerce sua potencialidade metodológica de interpretação textual, pois coloca em reflexão o que fora vivenciado nas etapas metodológicas anteriores, os acontecimentos, encontros, trocas, trajetórias, percursos na cidade, em suma, os próprios cursos de vida pelas mulheres entrevistadas (HUTCHISON, 2011), já que todos estes elementos compõem o *corpus* textual. Estes encontros possibilitam visualizar a construção do que fora produzido em conjunto, e são essas marcas que “conduzem o leitor a perceber a orientação argumentativa e as relações entre o texto e o contexto em que foi produzido” (GREGOLIN, 1995, p. 17).

Assim, é imprescindível a ação reflexiva sobre quais são e quem são os sujeitos protagonistas da pesquisa, pelo fato de direcionar o debate e as decorrentes interpretações dos contextos, ao ponto que “pensar sobre o sujeito do discurso não significa sair da ciência ou anular suas reflexões, mas significa colocá-las a prova em sua eficiência e fecundidade

epistemológica²⁸” (ROLÓN, 2000, p. 20, tradução própria). Tais argumentações colocam as mulheres, no centro do debate problematizando as construções dos sujeitos para que seja possível a compreensão de seus discursos, pois o que “o sujeito expressa não nasce nele mesmo; nasce fora dele, vai até ele e com ele nasce o diferente” (BORGES, 2000, p. 03), o que a nós caracteriza caminho para outro raciocínio geográfico, outra Geografia.

A tarefa posta é árdua, uma vez que a linguagem demanda a construção de interpretações que se comprometam com a não-neutralização dos elementos presentes nos discursos, bem como seja preservado o acordo de que não existe nada simples, ou sem importância, com respeito à linguagem. É por estas vias que a Análise do Discurso transcende o caráter mecanicista e hermético empregado em grande maioria das metodologias de pesquisa, visto que a presente proposta rompe esta lógica através da fluidez (GILL, 2002), ao ponto que se sustenta mediante a conectividade metodológica estabelecida com a Teoria Fundamentada (*Grounded Theory*).

1.2.1. Interlocuções: sistematização e codificação dos dados produzidos

A Teoria Fundamentada²⁹ tem em seu cerne metodológico quesitos que contemplam esta pesquisa, uma vez que esta metodologia busca pelo entendimento dos problemas reais, de acontecimentos e fenômenos que ocorrem na sociedade, e é a partir destes que gera reflexão e constrói outros conhecimentos (PETRINI; POZZEBON, 2009). Esta metodologia de pesquisa é considerada complexa e exigente no que tange às reflexões, dado que é entendida como válida e fidedigna “se os casos estudados forem bem descritos, e a descrição das análises deixar transparecer coerência e consistência” (FERNANDES; MAIA, 2002, p. 72), empregando os procedimentos metodológicos de forma rigorosa, profunda e exaustiva, embasados na descrição e análise dos dados que permitam a compreensão e avaliação do conhecimento construído.

²⁸ “Pensar el sujeto del discurso no significa salirse de la ciencia o anular su reflexiones, pero sí ponerlas a prueba em su eficacia y fecundidad epistemológica” (ROLÓN, 2000, p. 20).

²⁹ A Grounded Theory comumente conhecida no Brasil como Teoria Fundamentada (TF) surgiu em meados da década de 1960 em estudos sociológicos, especificamente com Glaser e Strauss (1967), ao estudarem mortes de pacientes terminais em situação hospitalar. Estes autores buscaram pela formalização de respostas metodológicas que abrangessem a complexidade dos sujeitos que compunham a pesquisa. Assim, propuseram a fundamentação desta metodologia com a finalidade de criar conexões mais estreitas entre teoria produzida e a realidade investigada, isso sem desconsiderar o papel partícipe das(os) pesquisadoras(es) no processo de pesquisa (FERNANDES; MAIA, 2002).

Sob concordâncias, discordâncias e desdobramentos, a Teoria Fundamentada manteve pilares metodológicos que estão enraizados “[...] no interacionismo simbólico e está voltada para conhecer a realidade a partir do conhecimento da percepção ou ‘significado’ que certo contexto ou objeto tem para a pessoa” (SANTOS; NÓBREGA, 2002, p. 576), de modo que amplia a visão do fenômeno investigado, já que aproveita todos os dados produzidos nas entrevistas, registrados em notas de campo, consultados em documentos, etc., que são trabalhados nos momentos de análise.

É a partir destes entendimentos que priorizamos a investigação da possível interlocução entre a Análise do Discurso e a Teoria Fundamentada visando a compreensão das narrativas produzidas. Esta articulação metodológica é considerada potente uma vez que a Teoria Fundamentada possibilita a criação e articulação de diferentes códigos discursivos que partem do real, do pronunciado, ou seja, dos próprios discursos que representam os sujeitos enunciadoreis (STRAUSS; CORBIN, 2008), ao ponto que a elaboração dos códigos de análise das entrevistas não desconsidera os elementos presentes nas falas (cena enunciativa; *déixis*; *ethos* e práticas discursivas). Assim mantém-se o movimento profundo e qualificado característico das interpretações discursivas (BORGES, 2000).

A aliança entre a Análise do Discurso e a Teoria Fundamentada proporciona interpretações extremamente ricas, ao ponto que os sentidos e compreensões emergem a partir da organização do *corpus* textual, fomentado pelas etapas progressivas que visam o refinamento das informações. Para que todas ações sejam realizadas com eficiência é necessário de antemão o primeiro contato com o material produzido, agora em instância de análise, para que aconteça as primeiras aproximações com as narrativas dos sujeitos entrevistados. Este momento exige olhar crítico sob o material produzido, tendo as(os) pesquisadoras(es) a tarefa de elaborar questões que vão confrontar ou confirmar hipóteses pré-estabelecidas (STRAUS; CORBIN, 2008).

Este ato inicial requer a execução de alguns movimentos. O primeiro movimento é o de identificação, que busca pelo “o que e/ou quem” está sendo evocado na fala, é neste primeiro momento que é priorizado os movimentos das evocações (PINTO, 2012), ou seja, aplicamos esforços em compreender os movimentos das falas, em entender quais são os assuntos que estavam sendo demandados, e para além disso, suas temporalidades, situacionalidades e mudanças, ou seja, em que tempo/espaço está situado e quando/como o assunto cambiava para outra discussão (GREGOLIN, 1995).

Tal movimento foi realizado com muita atenção, pois este passo é a base estruturante das narrativas que serão desdobradas e analisadas subsequentemente de forma gradativa. Em segundo momento, centramos foco na organização de cada evocação, estando atento para os centros discursivos, ou seja, as palavras-chave que estão presentes. Pedroso (2017) ressalta a importância da identificação acurada das palavras-chave já que estas

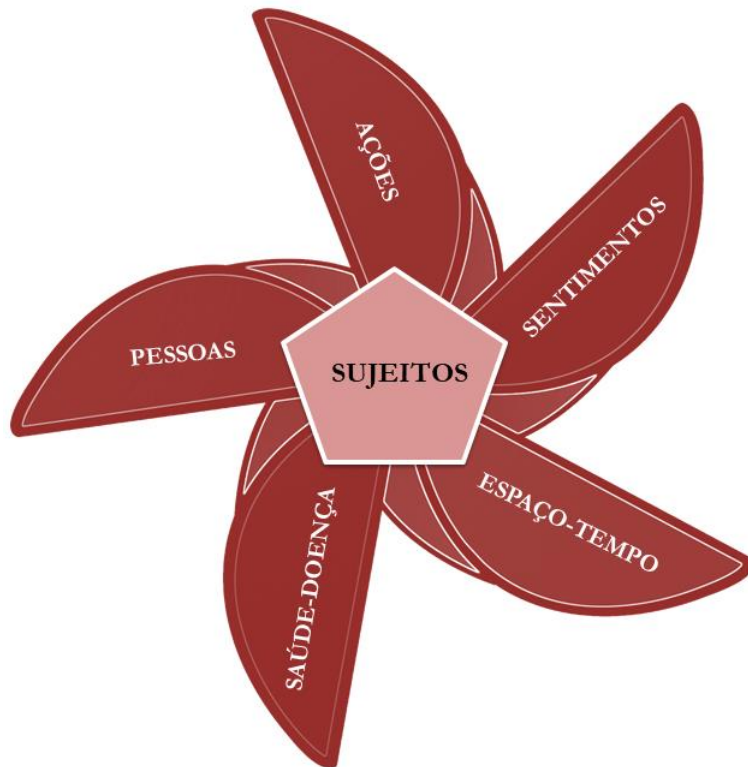
são tidas como elementos nevrálgicos que demonstram centralidade e importância na constituição da evocação enunciada. São as palavras-chave que sustentam a evocação, e, é por meio delas que se estabelece o elo, realizando assim, o papel de ligação que confere coesão e coerência às aos discursos dos sujeitos (PEDROSO, 2017, p. 33).

Neste sentido, cabe reforçar que as palavras-chaves são veículos que articulam e representam o interno e externo, dado que a articulação interna é realizada pela estruturação da evocação, e a externa se refere a relação estabelecida com outras evocações, o que confere a possibilidade da organização destas palavras-chave em códigos que emergem enquanto similitudes discursivas³⁰. Isso permite que iniciemos de forma concisa o ato de codificação das narrativas através das palavras-chave constituintes das evocações (PINTO, 2012).

Esta ação de pesquisa exige várias retomadas dos assuntos, pois busca a identificação e registro de passagens do texto que apresentem características próximas, sejam descritivas ou teóricas, ao ponto que quando identificadas enquanto semelhantes passam a fazer parte de um código que nomeará e as representará como conjunto (MORAES, 2003). Foi por meio desta articulação que identificamos cinco campos estruturantes que permitiram o estabelecimento de aglutinação das palavras-chave em categorias que as representem de forma interconectada à realidade evocada nos discursos, tomando o cuidado para que os tipos de codificações presentes na vida das mulheres participantes se tornassem evidentes e fidedignos à estruturação discursiva, como pode ser observado na figura 02.

³⁰ Gibbs (2009) afirma que a codificação é a maneira que as(os) pesquisadoras(es) utilizam enquanto recurso de definição dos dados analisados, pois “a codificação é uma forma de indexar ou categorizar o texto para estabelecer uma estrutura de ideias temáticas em relação a ele” (GIBBS, 2009, p. 60), sendo este princípio necessário para o desenvolvimento de interpretações qualificadas.

Figura 02. Eixos estruturantes da codificação

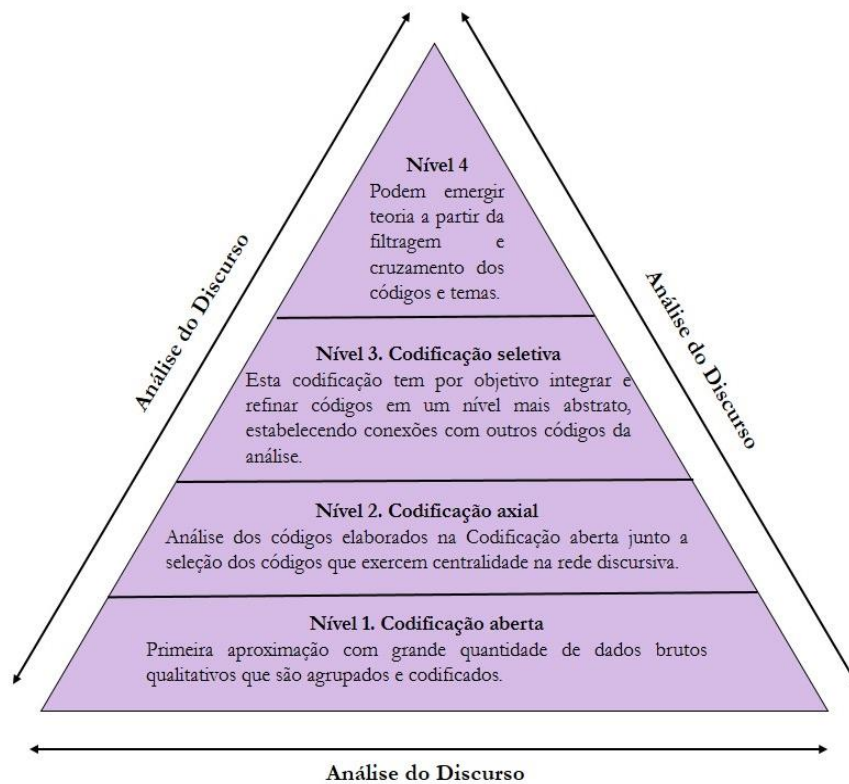


Fonte: Organização do autor (2018)

Assim, o movimento de delineamento e compreensão das evocações, junto à identificação das palavras-chave e sua decorrente codificação, materializam o que Strauss e Corbin (2008) nomearam como a primeira etapa da Teoria Fundamentada: a codificação aberta. Esta codificação é tida como o primeiro nível interpretativo, no qual cabe aos pesquisadoras(es) realizar perguntas que norteiem e problematizem os dados, visto que neste momento é válido duvidar do que se mostra à primeira impressão, pois implica em “valorizar a desordem e o caos como um momento necessário e importante para atingir compreensões aprofundadas dos fenômenos” (MORAES, 2003, p. 201).

Esta primeira etapa subsidia a seguinte - a codificação axial -, que realiza uma seleção dos códigos que exercem centralidade nas discussões, ou seja, que aglutinam as conexões mais intensas que sustentam a rede discursiva. Como elaborado por Strauss e Corbin (2008), os níveis de codificação são subsequentes, gradativos e interconectados. Isso faz com que codificação axial esteja estritamente ligada com a codificação seletiva, que objetiva integrar e refinar os códigos discursivos em um nível mais abstrato, ao ponto que estabelece conexões com outros códigos. Este nível de codificação é realizado através da microanálise que emprega lapidação e polimento dos dados criando a possibilidade de emergir teorias a partir da filtragem e cruzamento dos códigos e temas, como apresenta a figura 03.

Figura 03. Teoria Fundamentada, Codificações e Análise do Discurso



Fonte: Organização do autor (2019)

Através da estruturação da Teoria Fundamentada foi possível conceber a importância da formulação de códigos discursivos que representem o que está intrínseco no texto, já que “a escolha de uma unidade analítica é algo arbitrário, mas, uma vez definido [...] deve ser claramente explicado e consistentemente usado” (RENNIE; PHILLIPS; QUARTARO, 1988, p. 142). Como ressalta Gibbs (2009), esta é uma tarefa difícil, pois os códigos devem estar explícitos e representar o *corpus* textual como um todo. Corroborando com isso, Maingueneau (1997) reforça que o que importa não é apenas a palavra que nomeia o código por si, mas sim a forma como esta é explorada, os sentidos que representa o *corpus* da interpretação textual, sendo esta uma importante conexão entre a Teoria Fundamentada e a Análise do Discurso.

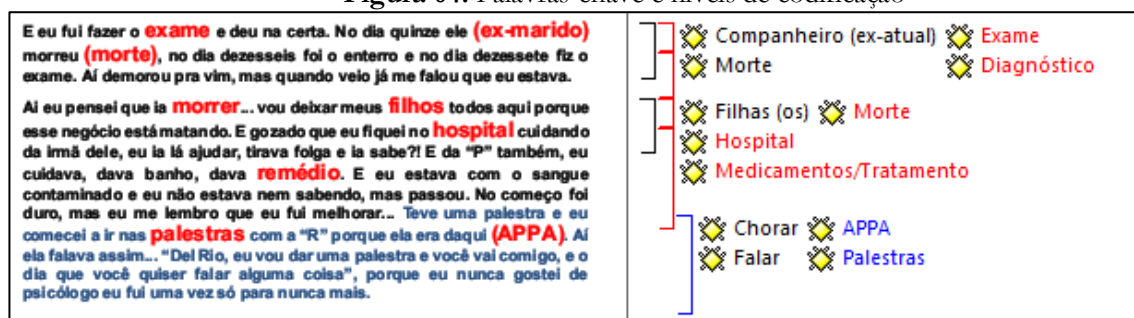
De tal modo, o nível de complexidade na organização interpretativa demanda grandes esforços operacionais e reflexivos. Ao que tange aos reforços operacionais, existe a possibilidade de sistematização dos códigos e formação das categorias discursivas auxiliadas pelo *software* Atlas.ti³¹, do qual fizemos uso enquanto ferramenta operacionalizadora dos dados

³¹ “Atlas.ti o principal suporte de computador para desenvolver TF, este programa foi projetado no final dos anos oitenta pelo alemão Thomas Murh, que usando a tecnologia fez uma tentativa de aplicar as abordagens metodológicas de Glaser e Strauss. Este *software* permite expressar o sentido circular da análise qualitativa, pois confere a possibilidade de incorporação sequencial dos dados, sem a necessidade de coletar todo o material ao mesmo tempo. Por isso, permite realizar a amostragem teórica necessária para realizar a análise do construtor teórico” (CANTERO, 2014, p. 114, tradução própria).

qualitativos produzidos. O uso do Atlas.ti permitiu um grau de refino interessante no que tange à organicidade e articulação das palavras-chaves em seus respectivos campos, dado que é possível armazenar em pastas-arquivos (codificações) todas enunciações atinentes às palavras-chave que desempenham o papel de centralidade discursiva.

Tal potencialidade permitiu a identificação dos centros discursivos das evocações presentes nas entrevistas, garantindo a possibilidade de articulação entre as palavras-chave nos diferentes campos que estruturam o discurso. Além do fato de possibilitar a visualização das relações que se dão nos diferentes níveis de codificação (aberta, axial e seletiva) (STRAUS; CORBIN, 2008), como pode ser visualizado na figura 04.

Figura 04. Palavras-chave e níveis de codificação



Fonte: Organização do autor (2019)

Certamente, não é o uso do *software* que realizará as interpretações dos discursos, pois estas ações estão para além da organização e sistematização dos dados (LEWIS, 1998), isto é, trata-se da compreensão e interpretação da realidade vivida pelos sujeitos, que depende da sensibilidade, conhecimento e do grau de refino do pesquisador frente à intimidade que possui com o material qualitativo construído nas entrevistas.

Portanto, para a realização desta etapa foi necessária a leitura massiva das entrevistas que se repetiram diversas vezes, tendo como intenção trilhar um caminho interpretativo que fizesse jus às informações presentes nos relatos, o que permitiu tomar os discursos como referência central, ao ponto que consideremos as diferentes **etapas vividas** (infância, juventude e vida adulta), ou seja, as respectivas temporalidades evocadas nos discursos produzidos pela História de vida (QUEIROZ, 1988). Essas histórias elucidaram memórias e vivências importantes para a compreensão do gênero no processo de saúde-doença do HIV/AIDS, trazendo como contrabalanço a viabilidade de interpretação das violências e vulnerabilidades experienciadas por estas mulheres no movimento da vida (LEFEBVRE, 2006a).

Ao trilhar este caminho metodológico tendo como proposição interpretar as relações existentes entre a Geografia, Saúde, Gênero e outras interseccionalidades, priorizamos fazer ouvir, enquanto ato político-teórico-metodológico, as falas, as histórias narradas, as vozes entoadas sob as prerrogativas que constroem e sustentam as redes discursivas das mulheres que são protagonistas desta pesquisa, uma vez que as narrativas se encontram, se cruzam, se assemelham e se transformam no movimento do falar e ouvir esvaído no espaço-tempo, como adiante será apresentado.

Capítulo 2

Contexto geográfico:

HIV/AIDS

e políticas de saúde em

Presidente Prudente, SP



SUS[pirastes]?

A saúde
Eterna disputa que se reivindica
Conquista do povo faminto de política
De passo a passo se fez história
Pela desigualdade-raíz, latente memória

Vitória popular, primeiro preceito
Montante de coisas que aconteciam no pleito
Há quantos metros de gente e de chão?
É preciso organizarmos pra repartir o pão!

Realidade acontecendo, política tensionada
Pessoas com tanto e outras com nada
Era possível fazer mais do mesmo?
Urge leitura de escala, basta de esmo!

No Brasil primário, AIDS sinônimo da morte
Ignorância e medo somados à sorte
E nem se fale no velho-Oeste paulista
Que viu no genocídio e grilagem, conquista...

Saúde,
Ausência do básico e do novo
Assistencialismo, migalhas para o povo
Que não promove e só remedia
Hospitalocentrismo-mil, tanto noite quanto dia

Transformado foi, melhorado feito
Para aquilo que acontece quase do mesmo jeito
Atendimento pomposo, puro pretexto
Mera comodidade do presente contexto

Do passado histórico ao presente atual
Do macro ao micro, do todo-local
Assim foi, e assim o é
Basta sabermos, e agora José?

Mateus Fachin Pedroso, Presidente Prudente, SP

Tomamos como desafio central da presente tese nos debruçar sobre a realidade vivida pelas mulheres em seus cursos de vida e seus campos de possibilidades no intento de compreender os inúmeros processos que organizam e sustentam os respectivos contextos geográficos. Como iremos aprofundar no próximo capítulo, compreendemos o contexto geográfico como um conjunto de relações dialógicas, relacionais e dinâmicas, que tomam os sujeitos como princípio de ação e significação e, portanto, são passíveis de transformações que o configuram ao mesmo tempo que os conectam ao particular e ao universal.

Um dos pontos fulcrais para tal compreensão é o processo de saúde-doença em relação ao HIV/AIDS, que apresenta a necessidade de ampliar a discussão para que seja possível compreender o contexto geográfico da epidemia do HIV/AIDS do qual Presidente Prudente faz parte. Isso por entender que se trata de um fenômeno que ganha particularidades no contexto específico, em razão da situação única que ali encontra, decorrente da interconexão de espaço rural-urbano e políticas públicas de saúde em diferentes escalas. Isso nos direciona a segunda questão específica da pesquisa... Como aconteceu a organização dos serviços de saúde da cidade na relação com os processos saúde-doença das mulheres que vivem com HIV/AIDS?

Esta questão demandou durante o processo de pesquisa maior envergadura, já que a concepção aqui investida não se restringe ao fenômeno por si, ao recorte empírico da epidemia ou mesmo as políticas já consolidadas neste município. Para que se tornasse compreensível a realidade de Presidente Prudente em relação ao HIV/AIDS, direcionamos olhares para elementos que são anteriores à epidemia; questões que subsidiam a trama histórica da realidade encontrada hoje, ou seja, preocupamo-nos em refletir sobre “as condições de uma época que justificam fatos, processos e ações de atores, [que reconhecem] a existência de um contexto que o condiciona” e orienta o presente (COSTA; KRAUS; OLIVEIRA, 2018, p. 113).

Este movimento exige a compreensão do processo de constituição do município e a organização da cidade junto à sistematização dos serviços de saúde, que em conjunto indicam os caminhos percorridos (GUIMARÃES, 2000). É neste sentido que cabe reforçar que estas questões foram consideradas a partir das experiências de AIDS em Presidente Prudente, a partir de suas políticas de saúde. Assim, entendemos que são estas as condições objetivas e subjetivas que nos permitem adentrar na esfera vivida dos sujeitos sociais em relação ao processo de saúde-doença atinente ao HIV/AIDS.

Neste sentido, o presente capítulo se encontra dividido em dois momentos que se dedicam à interpretação do contexto geográfico do HIV/AIDS do qual Presidente Prudente

compõe com suas articulações e complexidades. A primeira parte, “Políticas de saúde no Brasil, HIV/AIDS e contextos geográficos” se debruça sobre a discussão do processo organizativo das políticas públicas de saúde, sobretudo o SUS e sua descentralização, como também se dedica a apresentar a organização articulada das políticas de saúde referentes ao HIV/AIDS no Brasil. O segundo momento, “O caminhar das políticas em Presidente Prudente: uma perspectiva histórico-geográfica voltada ao HIV/AIDS”, se constrói centrado na reflexão sobre a implementação dos serviços de saúde, sobretudo, os serviços específicos de HIV/AIDS no município de Presidente Prudente.

2.1. Políticas de saúde no Brasil, HIV/AIDS e contextos geográficos

Discutir políticas de saúde no Brasil é algo árduo, mas necessário, ao ponto que se torna impreterível considerar as estruturas e modos de organização junto ao contexto histórico-político, estando este lastreado no “bojo da peculiar formação da sociedade e do Estado brasileiro” (HEIMANN et.al, 1992, p. 19). Ainda que nossa intenção não seja esgotar o assunto, nos cabe elucidar alguns pontos que são estruturantes para a compreensão do contexto geográfico do qual faz parte a presente pesquisa. Para isso, é necessário discorrer sobre a constituição das principais políticas de saúde no Brasil, que nos permite dimensionar o SUS (Sistema Único de Saúde), sua origem, organização, descentralização e ações no território brasileiro (PAIVA; TEIXEIRA, 2014).

Como nos apresenta estudiosos sobre o tema, o SUS é fruto de esforços anteriores que foram sendo propostos, lapidados e trabalhados por diferentes instâncias de ações sociais, sobretudo a força popular que contou com “[...] estudantes, pesquisadores e profissionais de saúde, que [propuseram] a Reforma Sanitária e a implantação do SUS visando a democratização da saúde no Brasil de forma processual” (PAIM, 2009, p. 39). Este fato evidencia que estas propostas e ideias deram força ao movimento da Reforma Sanitária Brasileira (RSB), uma vez que esta ação foi organizada em prol da luta por transformações necessárias no campo da saúde, em que priorizou as melhorias das condições de vida da população.

Neste processo cabe ressaltar a importância da VIII Conferência Nacional de Saúde (1986) como marco mais expressivo para o movimento de construção do SUS, já que conglomerou aproximadamente 5 mil representantes de mais de 100 grupos de trabalhos, que estiveram reunidos por cinco dias debatendo três temas nevrálgicos para a constituição do

SUS: “A saúde como dever do Estado e direito do cidadão”; “A reformulação do Sistema Nacional de Saúde” e “O financiamento setorial” (VIEIRA, 2009).

As discussões originadas nesse encontro resultaram na elaboração e implantação do Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (SUDS), que partiu da interlocução entre o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS) e os governos estaduais que objetivavam na época “contribuir para a consolidação e o desenvolvimento qualitativo das Ações Integradas de Saúde” (HEIMANN, et. al, 1992, p. 23). Nesse processo, pôde ser concretizada as ações da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES - SP), que a partir de 1987 passaram a implementar o SUDS, adotando assim; a política de municipalização dos serviços de saúde, promovendo a implantação dos sistemas locais de saúde nos municípios (HEIMANN, et. al, 1992).

Os princípios de ações do SUDS tiveram grande importância enquanto passo intermediário que serviu de base para a elaboração do SUS, dado que a adoção desse sistema resultou na descentralização do poder federativo sobre as questões de saúde, implicando na reorganização dessa lógica. Neste momento, os estados assumiram papel importante em suas organizações estaduais, bem como algumas implicações organizacionais foram transferidas para a esfera municipal (PAIM, 2009).

Realizado este percurso, a institucionalização do SUS se materializou através da Constituição da República Federativa do Brasil em 1988, uma vez que a questão da saúde foi registrada na Seção II (Seção Da Saúde), do Capítulo II (Da Seguridade Social), pertencentes ao Título VIII - Da Ordem Social, como rege a constituição (BRASIL, 1988). Deste modo, a institucionalização do SUS foi uma grande vitória popular que trouxe a legitimação de condições dignas de vida garantindo acesso, universalidade e igualdade ao que tange a saúde em todos os níveis.

Ainda que estes progressos tenham sido consolidados, faz-se necessário destacar as contradições intrínsecas à instauração do SUS. Afinal, o movimento popular da saúde coletiva não teve força suficiente para fazer frente aos interesses privatistas, que acabaram por manter nos preceitos intranacionais a possibilidade de o setor privado oferecer serviços complementares ao serviço público no SUS. Desse modo, ao mesmo tempo que o SUS representou a garantia do direito universal à saúde, criou linhas de funcionamento de um complexo industrial médico-hospitalar altamente potente.

Além disso, sabemos que as políticas do SUS não se realizaram instantaneamente, o que demandou refinamento das diretrizes dos princípios firmados na constituição. É neste

sentido que cabe registrar a importância das leis orgânicas de saúde. Primeiramente, a Lei 8.080/1990, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, junto ao funcionamento dos serviços correspondentes; conseqüenciada pela Lei 8.142/1990, que garante a participação da comunidade de forma efetiva na gestão do Sistema Único de Saúde (BRASIL, 1990).

Assim, coube entender esse primeiro passo para além de um momento único e acabado, pois foi necessário o empenho de esforços simultâneos que responsabilizassem o Estado pela efetivação do que fora aprovado enquanto políticas de saúde, ao modo que estas estivessem atreladas as políticas econômicas e sociais, garantindo “[...] o controle do processo de formulação, gestão e avaliação das políticas sociais e econômicas da população (HEIMANN et. al, 1992, p. 22).

Para isso foi necessário o enfoque nos princípios organizativos (Regionalização e Hierarquização; Descentralização e Participação popular), responsáveis pela aplicabilidade e efetividade do sistema, dado que o SUS reforça “[...] a continuidade das reformas que vinham ocorrendo nos estados, com destaque para a regulamentação do processo de descentralização da gestão para a esfera municipal, promovida pelas Normas Operacionais Básicas (NOBs)³² da década de 1990” (MELLO; IBÁÑEZ; VIANA, 2011, p. 861). É neste sentido que a discussão do contexto geográfico emerge, dado que as políticas propostas em tese devem estar distribuídas equitativamente na realidade em questão, ao ponto que considerem as características dos processos, das ações e das práticas presentes na sociedade, sobretudo, na população que passaria a atender (LIMA, 2016; COSTA; KRAUS; OLIVEIRA, 2018).

É neste ínterim que as colocações de Heimann et. al (1992) refletiram sobre os passos subsequentes, ou seja, quando e como estas políticas institucionais iriam atingir de forma adequada a população em todo o território brasileiro? Esta indagação expressou a necessidade de um amadurecimento da descentralização dos serviços de saúde que estivesse integrada na formação sócio-espacial do país (SANTOS, 1977; 1985; 2012) e, por sua vez, contemplasse a diversidade brasileira, salvando resguardo às desigualdades presentes nesta nação. Neste momento, esteve em pauta o desafio de construir uma política ajustada à pluralidade de um país com dimensões continentais (SANTOS; SILVEIRA, 2006), ao ponto que fossem mantidas as prerrogativas estabelecidas pelo SUS. Não foi uma tarefa fácil e que se encontra

³² “A Norma Operacional Básica é a portaria do governo federal que define objetivos e diretrizes estratégicas para o processo de descentralização e de relações entre as esferas de governo. Esse dispositivo infralegal possui caráter transitório, podendo ser reeditado ou alterado a qualquer momento” (TREVISAN; JUNQUEIRA, 2007, p. 896).

ainda em curso, com fortes implicações na discussão da política setorial acerca da vigilância e monitoramento da saúde no Brasil.

Afinal, a partir deste movimento, a demanda de instrumentalização das políticas de saúde fez com que os parceiros constituintes do SUS - municípios, estados e União - concretizassem um importante passo ao aprovar a NOB 01/93, pondo em vigor um sistema pautado na descentralização e municipalização, que propunha a mudança do modelo assistencial (JUNQUEIRA; INOJOSA, 1990; YUNES, 1999).

Por estes motivos, foram adotadas medidas integralizadoras que unificassem os serviços de saúde através da implantação de programas (PAIM, 2009) que na época redefiniram as atribuições dos três níveis federativos, “contemplando a necessária redistribuição regional da renda no país, o que implicou uma delimitação dos papéis da União, paralelamente a um processo de estadualização e, através deste, de municipalização das ações de saúde” (HEIMANN et. al, 1992, p. 23). Assim, as decisões passaram a ser tomadas em cada município, estado e Distrito Federal, através da articulação de esferas autônomas e hierarquizadas por meio das secretarias de saúde, ficando ao encargo do Ministério da Saúde coordenar tais articulações e trâmites do sistema (PAIM, 2009).

Obviamente que esta mediação está imersa em um longo processo que não está isento de tensionamentos, dado que sempre houve múltiplas forças arregimentando a distribuição e organização dos serviços de saúde (YUNES, 1999), especialmente, envolvendo os interesses dos empresários da saúde (donos de hospitais, empresas do setor industrial médico-hospitalar, por exemplo). Neste sentido, o movimento de descentralização empreendido pelo SUS não foge à exceção, devido sua articulação entre União e município, fazendo dos estados instâncias organizativas de planejamento, financiamento e controle (JUNQUEIRA; INOJOSA, 1990), com muitas dificuldades de implementação das políticas dadas as contradições apontadas acima.

Pessoto (2010, p. 44-45) sintetiza a questão supracitada colocando que

[...] a municipalização era entendida como o ponto de chegada desse processo, e o Estado deveria ter papel organizador dessa transferência de atribuições e recursos da esfera federal. A contrapartida à descentralização, como face da mesma moeda, deveria ser a hierarquização e regionalização dos serviços de saúde como forma de impedir a pulverização do sistema em unidades autárquicas assentadas nos municípios.

As contribuições de Pessoto (2010) elucidam a importância de manter a articulação entre esferas administrativas, bem como expressa a imprescindibilidade de se pensar os contextos geográficos atrelados às questões de saúde, nos quais as políticas serão organizadas,

visando assim o acerto de todas as arestas de resistência que entravam o progresso do sistema e inviabilizam o acesso aos serviços, dificultando a manutenção da qualidade de vida da população que, em tese, deve ter responsabilidade compartilhada em todas as esferas do governo.

Claro que este movimento conferiu um aprimoramento democrático e processual, sobretudo nos municípios, que reavivaram princípios cerceados durante o período autoritário. Tal organicidade de caráter paulatino conferiu à população brasileira potencialidades e poder de articulação para enfrentar “as dificuldades sociais e regionais [que] refletem essas condições estruturais que vêm atuando como fatores [limitantes] ao pleno desenvolvimento de um nível satisfatório de saúde e de organização de serviços” (HEIMANN et. al, 1992, p. 20). É com base nestas perspectivas que o quesito serviços de saúde deve ser interpretado por uma visão holística, que articule as diferentes esferas (federais, estaduais e municipais) (TREVISAN; JUNQUEIRA, 2007), ao modo que garanta uma leitura plural dos contextos geográficos e escalas em que se realiza junto às pessoas que os vivenciam (MARSTON, 2000). Mas é preciso também considerar como ocorreu em cada lugar os arranjos entre os interesses públicos e privatistas.

Como já mencionado, os serviços de saúde, sua estruturação, organização e funcionamento por si só são elementos muito complexos que lidam com diferentes dimensões em constante movimento. Partindo deste pressuposto, a nós convém o desafio de pensar tais complexidades a partir da simultaneidade de acontecimentos (ANDERSON, McFARLANE, 2011). Assim, chamamos a atenção para questões que se atravessam como o encontro entre a construção do SUS e o surgimento do HIV/AIDS na década de 1980, que desdobrou acontecimentos intensos em todo o país, gerando demandas e tensionamentos nas políticas de saúde, que passam pela defesa do direito universal à saúde dos cidadãos brasileiros e os interesses de apropriação privada da riqueza gerada socialmente.

Os primeiros momentos do HIV/AIDS no Brasil assolaram e assombraram violentamente a população frente a rápida difusão da doença, entendido que “a construção social e histórica da AIDS em nosso mundo, [foi] marcada pelas tradições parciais mais rígidas, baseada na ideia da morte e da promiscuidade” (PAIVA; ALONSO, 1992, p. 08), outrora sustentada pelo medo, ignorância e preconceito, já que não havia muitas informações a respeito das formas de transmissão, de tratamento, ou mesmo serviços de saúde para os adoecidos. Foi através deste intenso movimento que a difusão da doença envolveu distintos segmentos sociais, acometendo principalmente a camada mais pobre da sociedade brasileira,

sendo este um dos elementos propulsores da interiorização e pauperização da epidemia (BARCELLOS; BASTOS, 1996).

A rápida difusão espacial do HIV/AIDS no Brasil exigia reações e respostas comprometidas com esta pauta, pois o tempo de sobrevivência nos momentos iniciais era limitado e trazia o risco de morte eminente aos infectados (PARKER, 1991). A necessidade de resposta ao HIV/AIDS emergiu com movimentos que já vinham acontecendo no país, sobretudo, o movimento da Reforma Sanitária que se tornou um pilar central no fomento das políticas governamentais, servindo de base para as decorrentes estruturações dos princípios e diretrizes dos serviços voltados ao HIV/AIDS, tendo como destaque a criação do Programa Estadual de São Paulo (GRANGEIRO; TEIXEIRA, 2009).

Diante das contradições inerentes ao Estado brasileiro, juntamente com as iniciativas governamentais, abriu-se uma janela de oportunidades para a expansão das chamadas organizações não-governamentais que, sem fins lucrativos, se apropriaram não raras vezes de verbas públicas e de tarefas do poder público para atender a necessidade de acolhimento das pessoas infectadas (CAMPOS, 2008), especialmente, a população LGBTQ+ por ter sido a primeira afetada e estigmatizada pelo HIV/AIDS no cenário brasileiro (POLLAK, 1990; NEMES, et. al, 2004).

Diga-se de passagem, é sabido que as políticas de HIV/AIDS possuem fortes laços com o movimento LGBTQ+, já que este protagonizou em diferentes momentos ações efetivas por meio das organizações não-governamentais. Foi sob esta conjuntura que surgiu o GAPA-SP (Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS), a primeira ONG³³ brasileira e latino-americana que se dedicou exclusivamente às questões do HIV/AIDS, (GALVÃO, 1997; VALLE, 2002), sendo “fundado em 1985, composto em sua maioria por homossexuais, profissionais de saúde, doentes de AIDS e seus familiares” (GRANGEIRO; TEIXEIRA, 2009, p. 90), que trouxeram voz e corpo às demandas emergentes da sociedade civil sobre tal questão.

Destarte, o movimento ativista protagonizado pelo GAPA-SP somou forças às políticas de saúde que se encontravam em construção, dado que os esforços empenhados contrapunham a visão inicial clínico-assistencialista que mantinha o caráter alarmista e discriminatório das pessoas afetadas. Neste sentido, já era percebido pelo GAPA-SP a

³³ Segundo a Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais [ABONG] (2014), a sigla ONG (Organização Não-Governamental) é popularmente mais difundida e, pode ser considerada similar a atual nomenclatura OSC (Organização da Sociedade Civil), dado que tais organizações são “entidades [que] se afirmam como fruto da organização autônoma da sociedade, com objetivos de promoção e defesa de direitos” (p. 08) que, por vezes, cumprem/suprem as ausências do Estado.

necessidade de ações educativas e informativas a respeito do HIV/AIDS, tendo estes movimentos o caráter preventivo em relação à expansão da epidemia (GALVÃO, 1997).

Outro notável fato despertado pelo GAPA-SP foi o incentivo a outras ONG's de mesma natureza, que emergiram em diferentes estados enquanto “[...] grupos sociais com o objetivo de desenvolver atividades de intervenção na comunidade, produzir conhecimentos, defender direitos de grupos mais atingidos pela epidemia e realizar o controle social das políticas de saúde” (GRANGEIRO; TEIXEIRA, 2009, p. 90). Complementarmente, o surgimento e apoio de instituições e organizações não-governamentais foi de extrema importância ao combate a progressão dos casos de HIV/AIDS no Brasil, dado o respaldo da força popular na organização dos serviços de saúde (VALLE, 2002; MONTEIRO; VILELA, 2009).

Este fato particularmente é expresso nas respostas organizadas pelo serviço de saúde do governo de São Paulo, que posteriormente influenciou na construção das políticas nacionais de HIV/AIDS em meados da década de 1980 (GRANGEIRO; TEIXEIRA, 2009). Neste ponto, Nemes et. al (2004, p. 311) chama à atenção reforçando que

[...] essas características se mantiveram presentes ao longo dos vinte anos de desenvolvimento do Programa Brasileiro de DST/AIDS e imprimiram marcas específicas às políticas institucionais de organização da assistência, representadas por uma ativa interação dessa organização com a dinâmica epidemiológica da epidemia e pela opção em se fortalecer os mecanismos de diálogo e articulação com o movimento social.

Esta interação ainda que apresentasse algumas defasagens e tensionamentos, permitiu que as demandas da população fossem pautadas e problematizadas no Brasil. Foi a partir das inúmeras frentes de luta em defesa da cidadania e da organização social, que tais movimentos convergiram com o exercício do Programa Estadual de São Paulo junto a Coordenação Nacional de DST e AIDS, estruturando assim, a assistência dos serviços de tratamento inicial do HIV/AIDS em 1987 (HALLAL, et. al, 2010). Estes acontecimentos expressam que as demandas ocasionadas pelo HIV/AIDS se caracterizaram pela urgência, acontecendo antes mesmo do estabelecimento de uma política de saúde formalizada, o que acabava por integrar de forma complexa a resposta que vinha sendo construída.

Mais tarde, com o surgimento das primeiras medicações, houve a necessidade de reorganizações e articulações no plano estratégico de combate à doença, como parte do processo de implantação do SUS, o que contribuiu grandemente para a realização de diagnósticos, aconselhamento e tratamento do HIV/AIDS (HALLAL, et. al. 2010). Ainda sobre o progresso dos serviços e da medicação, cabe salientar que foram os princípios dos

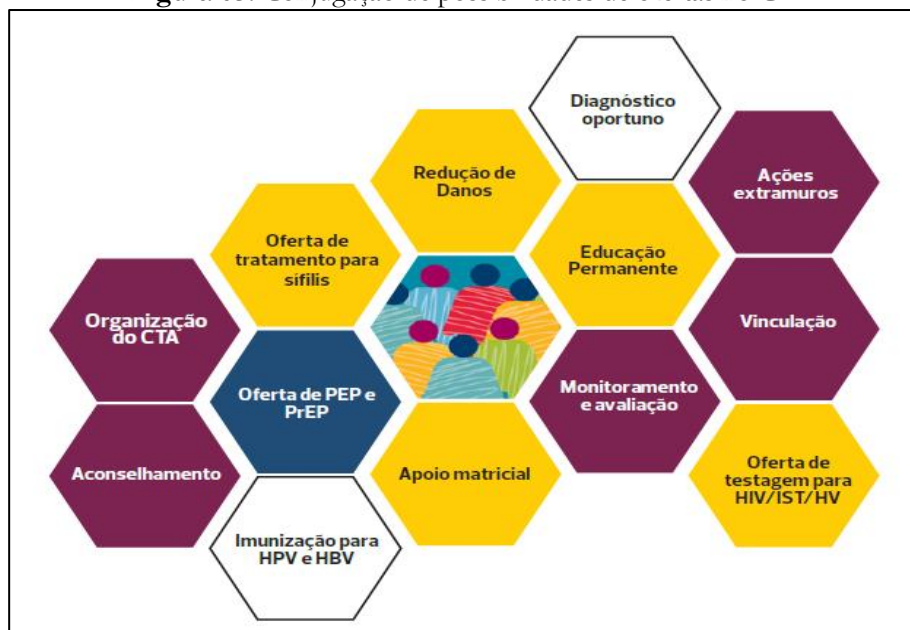
SUS - aqui anteriormente destacados - que garantiram enquanto marco legal o acesso universal ao tratamento das Pessoas Vivendo com HIV/AIDS, sendo este dever do Estado salvaguardar o acesso à TARV (Terapia Antirretroviral) (REIS, et. al, 2008; MARINS, 2010; NUNES JÚNIOR; CIOSEK, 2018), o que evidencia a confluência de esforços que em dado momento se organizam de forma efetiva em determinados contextos geográficos.

Neste processo, a política diretiva de saúde tomou os rumos da descentralização já destacados pelo SUS, buscando por ações concretas que agissem sobre a progressão da doença em outros patamares. No entanto, as políticas de saúde do SUS já sinalizavam que era preciso avançar com a descentralização dos serviços, priorizando a cobertura e atendimento qualificado a população afetada, já que esta não se restringia somente aos grandes centros urbanos (BARCELLOS; BASTOS, 1996), ressaltando que a progressão do HIV/AIDS manteve curso direcionado aos municípios de médio e pequeno porte (PRADO, 2008).

Foi sob esta conjuntura que a atuação do Departamento de Vigilância e Controle das DST, AIDS e Hepatites virais (DIAHV) fomentou e organizou a estruturação do Centro de Orientação e Apoio Sorológico (COAS), atualmente conhecido como Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA), que passou a oferecer “[...] a testagem gratuita, confidencial e anônima, partindo da educação em saúde e do aconselhamento como abordagens de redução de risco e vulnerabilidade” (BRASIL, 2010, p. 07).

O destacado movimento de implementação dos CTA’s no Brasil toma materialidade em 1988, ano em que ocorria inúmeros acontecimentos importantes na sociedade brasileira a respeito de suas políticas gerais e específicas sobre saúde, bem como o acometimento do HIV/AIDS em outros segmentos sociais (mulheres, crianças, idosos, etc.). Assim, estas demandas repercutiam enquanto influência na estruturação e adensamento dos serviços, havendo então, a implementação da testagem para hepatites virais, a ampliação do acesso ao diagnóstico na rede básica de saúde, bem como a disseminação de conhecimento fundamentado sobre a transmissão e prevenção do HIV, como expresso na figura 05 ao apresentar as possibilidades e potencialidades oferecidas pelos serviços do CTA, sobretudo na atualidade (BRASIL, 2017).

Figura 05. Conjugação de possibilidades de ofertas no CTA



Fonte: DIAHV/SVS/MS

Desta forma, emergia a necessidade da implantação de novos CTA's que contemplassem as necessidades expressas pelo progresso da epidemia de HIV/AIDS. Nesta época, foram instalados mais de 400 CTA's em todo o país, em diferentes regiões e estados, buscando-se a ampliação do acesso e atendimento da população brasileira, principalmente, as pessoas compreendidas enquanto população-chave³⁴ (BRASIL, 2010). Isso requereu dos serviços direcionamentos e normativas estruturantes de instalação e atendimento, que considerassem as especificidades plurais para a instalação de tais políticas de saúde, ou seja, que considerassem o contexto geográfico voltado à saúde. Por estes motivos, as diretrizes organizativas recomendavam que os CTA's

[...] fossem implantados em locais de grande fluxo de pessoas e que fossem unidades fisicamente autônomas em relação a outras estruturas de saúde, sendo compostas por equipes próprias e multiprofissionais. O serviço deveria voltar-se, prioritariamente, aos segmentos populacionais identificados como de maior risco para a infecção, como homossexuais, trabalhadoras do sexo e pessoas usuárias de drogas injetáveis. O objetivo principal da estruturação da oferta da prevenção e do aconselhamento para o HIV/AIDS era interromper a cadeia de transmissão do vírus, o que deveria ser promovido pela realização de diagnóstico precoce das pessoas infectadas e seus(suas) parceiros(as); pela absorção de pessoas que buscavam bancos de sangue para realização do diagnóstico; pela oferta do aconselhamento; pela distribuição de insumos de prevenção e informações apropriadas e cientificamente embasadas; e pelo encaminhamento das pessoas com resultado positivo para o HIV aos serviços de referência e aos

³⁴ “São os segmentos populacionais mais vulneráveis, que deverão ser definidos localmente, com participação comunitária, levando-se em conta os contextos epidemiológicos, socioeconômicos e culturais” (BRASIL, 2010, p. 16).

grupos de base comunitária das organizações da sociedade civil que trabalhavam com o tema (BRASIL, 2017, p. 13).

Isto posto, as diretrizes aqui apresentadas configuram a idealização dos serviços, suas estruturas e aplicabilidades. Contudo, sabemos que é de extrema complexidade a execução à risca destes princípios norteadores, dado que é inegável não se deparar com as variadas realidades em um país de extensões continentais como o Brasil. É sob esta égide, de inúmeras complexidades que os serviços voltados ao HIV/AIDS se estruturam e se articularam a partir das prerrogativas do SUS, visando o processo de descentralização do acesso e aconselhamento através da atenção básica de saúde por uma efetiva resposta à epidemia (BRASIL, 2010).

Salientado estes pontos, podemos compreender parte da dimensão dos serviços realizados pelo CTA's que trabalham com realidades pautadas pelos movimentos da sociedade, sobretudo os relacionados ao processo de saúde-doença de inúmeros fenômenos (HIV/AIDS, Sífilis, Hepatites, etc.). Estes são elementos que ressaltam e reforçam a complexidade, especialmente do HIV/AIDS, que esteve respaldada através de articulações à outras instâncias organizacionais como as ONG's - que ainda possuem papel importantíssimo no acolhimento e prevenção -, bem como também fomentou a criação de outros serviços que direcionaram ações consonantes às desempenhadas pelos CTA de forma aprofundada sobre as IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e o HIV/AIDS, como é o caso do Serviços de Atendimento Especializado (SAE)³⁵.

Tais passos consolidaram a implementação do SAE já de modo descentralizado, acompanhando então, os movimentos outrora executados. Deste modo, foi priorizado enquanto requisito que estes serviços fossem instalados em unidades públicas preexistentes, havendo a presença de uma equipe multiprofissional composta por um(a) médica(o) (clínico-geral e/ou infectologista), enfermeira(o), farmacêutica(o), psicóloga(o) e assistente social, com o intuito de proporcionar condições mínimas de atendimento aos sujeitos, ao tempo que também expressasse o reconhecimento da elevada complexidade do HIV/AIDS enquanto problema de saúde pública (NEMES, et. al, 2004).

Isso fez com que o SAE se mantivesse articulado à outras instâncias e serviços especializados, reforçando desde o princípio a importância da integração entre diferentes

³⁵ “O SAE tem função de suporte ambulatorial, assegura a assistência durante o período de melhora clínica dos pacientes, orienta-os e direciona-os, segundo as necessidades, a outros serviços, e incentiva a adesão ao tratamento e a aceitação dos familiares à nova condição de ter um membro da família [vivendo com o] vírus HIV ou doente de Aids. É também referência para as USF de Municípios vizinhos, além de outras localidades, e pode atender a demanda espontânea que vem ao serviço em busca de aconselhamento pré e pós-teste para HIV e VDRL (Sífilis)” (SILVA, 2007, p. 159).

estruturas de saúde. Além desta articulação, com este caráter, o SAE também garantiu um conjunto de serviços heterogêneos, que na atualidade proporcionam variadas situações organizacionais e estruturais que “vão desde serviços agregados a unidades básicas de saúde, ambulatorios estaduais em grandes hospitais, ou ainda, serviços especializados, municipais, estaduais ou universitários, exclusivamente dedicados à assistência à AIDS, entre outros” (NEMES, et. al, 2004, p. 311).

Estas medidas somente foram possíveis de implementação devido a uma série de ações que consubstanciaram o que fora previamente planejado. Exemplo disso, têm-se registrado as negociações internacionais de grande expressão, mormente, o acordo de financiamento com o Banco Mundial, tendo seu primeiro pacto realizado em 1993 que “[...] implicou na apresentação de uma contrapartida nacional, [um] mecanismo de coerção imposto pelas diretrizes do Banco que obrigou o país a alocar recursos próprios para o controle da epidemia” (MONTEIRO; VILELA, 2009, p. 39).

A partir do supracitado e de posteriores acordos foi possível a execução dos Projetos AIDS I e AIDS II, que fomentaram e refinaram a qualidade dos serviços, o tratamento dos assistidos, bem como ampliaram os serviços para outros 17 estados do país. Consequentemente, foram sendo elaborados outros planos subsequentes, como o AIDS III (2003-2006), que deram continuidade às demandas centrais pertencentes a realidade brasileira, ao ponto que foram mantidas as propostas de melhorar a qualidade de vida das Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (PVHA), fortalecer a eficiência dos serviços a médio e longo prazo, e reduzir a incidência de novos casos (MONTEIRO; VILELA, 2009).

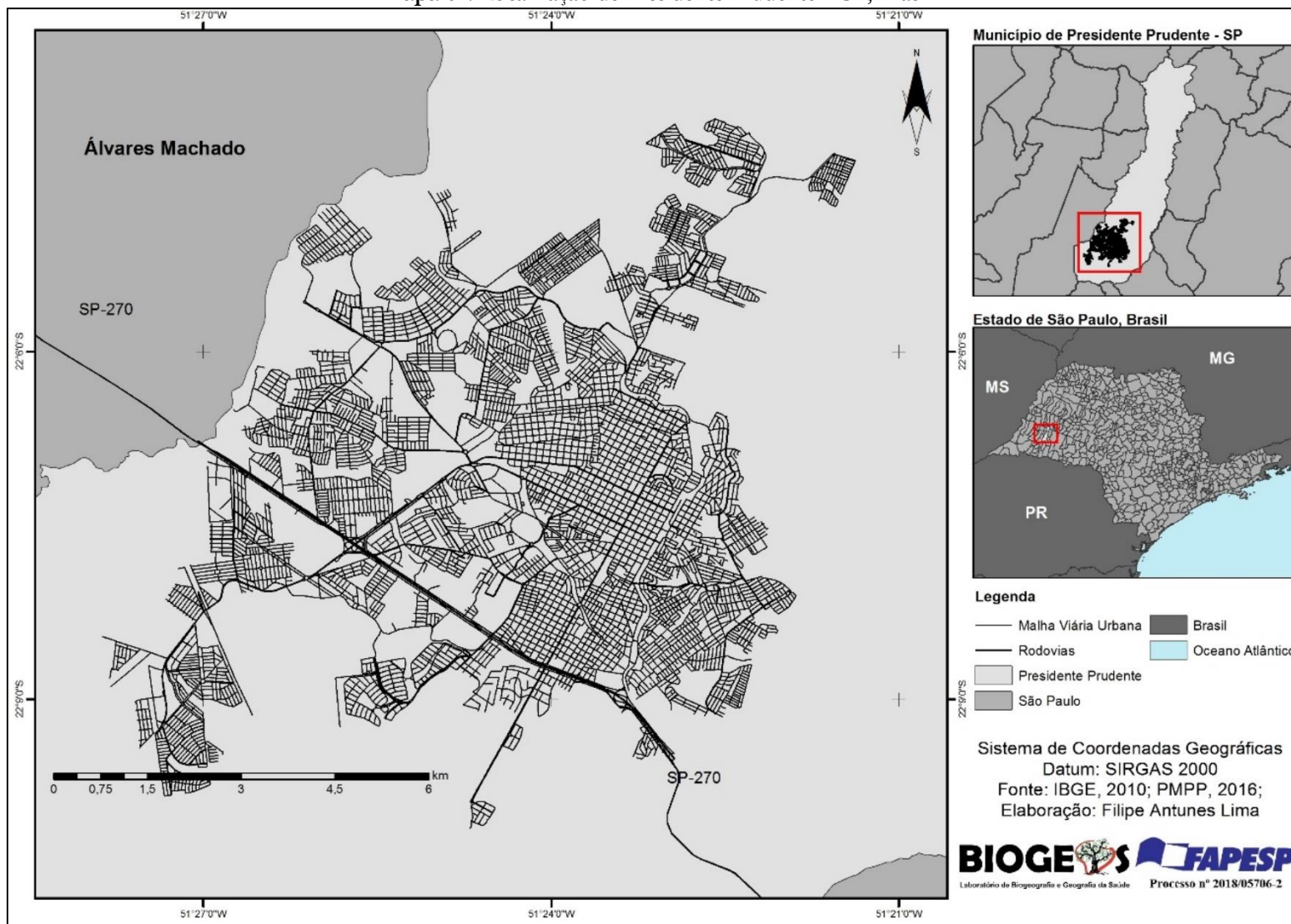
Deste modo, este percurso nos colocou a pensar como tais estruturas e políticas se realizam no plano do acontecimento, ou seja, como tal organização se realiza no experienciado e vivido? É neste sentido que o emprego do contexto geográfico é cabível, visto que este preza pela caracterização do movimento, isto é, a interpretação dos fenômenos em realização, entendido que estes são espaço-temporalmente constantes e históricos (ANDERSON, et. al., 2012; ALLEN, 2012). Deste modo, é através do contexto geográfico que buscamos tornar inteligível o percurso histórico de Presidente Prudente no que tange às políticas de saúde, sobretudo, os serviços voltados ao HIV/AIDS, dado que consideramos que estes aspectos não são interpretados de forma isolada, mas sim interdependentes e conectados, já que “a relação entre a saúde pública e o desenvolvimento rural-urbano de Presidente Prudente deve ser compreendida no contexto mais amplo de correlação das forças políticas externas e internas ao poder local” (GUIMARÃES, 2000, p. 186).

Portanto, priorizamos a discussão das ações de saúde alinhavada ao surgimento, desenvolvimento e organização dessas políticas em Presidente Prudente, pois compreendemos que a organização social dos serviços mantém lastro arraigado ao desenvolvimento do município em diferentes tempos (RIBEIRO, 2005; 2006). Assim, acreditamos que tais elementos interpretados geograficamente nos auxiliam na compreensão e caracterização do HIV/AIDS ao longo do processo, uma vez que evidencia suas similitudes e particularidades quando projetadas em outras escalas de análise (CASTRO, 2000; MARSTON, 2000).

2.2. O caminhar das políticas em Presidente Prudente: uma perspectiva histórico-geográfica voltada ao HIV/AIDS

Presidente Prudente é um município paulista situado ao extremo Oeste do estado, localizado no Pontal do Paranapanema (Mapa 01) onde desempenha importante papel como pólo regional (IBGE, 2014). Esta realidade se constituiu ao longo do tempo, de modo que foi consolidada, sobretudo, pelo crescimento econômico administrativo do município. Tal conjuntura histórica registra a progressão exponencial de sua população que, neste processo, apresentou uma média superior à do estado, “com uma urbanização alimentada pelo fluxo entre rural-urbano, pelo qual as regiões brasileiras passaram após sua fase de ocupação” (SPOSITO, 1983, p. 27-28).

Mapa 01. Localização de Presidente Prudente – SP, Brasil



Como expressa o mapa, esta é a configuração atual de Presidente Prudente, o que nos ajuda a compreender a dimensão dos diferentes processos que envolvem as questões do HIV/AIDS. Neste sentido, é preciso dizer que no início da década de 1980, quando houve os primeiros casos diagnosticados no Brasil, Presidente Prudente já contava com uma considerável rede de assistência à saúde, contudo, não estava apta a enfrentar a demanda do HIV/AIDS, uma vez que os serviços públicos eram incipientes frente aos primeiros casos notificados em 1987 (PEDROSO, 2017).

Como no restante do país, as políticas de HIV/AIDS estavam sendo iniciadas e permaneciam aglutinadas nos grandes centros, tendo os demais municípios poucos recursos além do modelo de serviços de saúde vigente (BRASIL, 2010). A partir do diagnóstico inicial, houve crescentes registros em Presidente Prudente, que ampliavam a pluralidade dos sujeitos afetados, considerando o sexo, faixas etárias, orientação sexual, raça-etnia e nível educacional; resultados de uma epidemia que se expandia rapidamente no interior paulista (PRADO, 2008).

Vias de fato, os casos inicialmente notificados em Presidente Prudente se depararam com um novo contexto geográfico em construção, menos favorecido quando comparado com contextos existentes em outras regiões do país, possuindo assim poucas especificações direcionadas às pessoas afetadas. Neste período, cabe ressaltar que tais casos foram recebidos e tratados na assistência básica de saúde - realizados sumariamente no antigo Palácio da Saúde - por médicas(os) clínico-gerais, dado que o município não contava com profissionais especializados em infectologia (PRESIDENTE PRUDENTE, 2018), sendo o acompanhamento clínico destes pacientes redirecionados à centros já consolidados.

Na época a crescente notificação dos casos expressou a urgência em elaborar a respostas político-organizativas frente à disseminação do HIV/AIDS. Tais respostas vieram enquanto ações de implementações através do município e suas decorrentes articulações (estaduais e federais), sobretudo as estaduais, proporcionando a instalação do Programa Municipal DST/AIDS em 1989 a partir das prerrogativas do SUS que, também estavam em seus movimentos iniciais de construção (PRESIDENTE PRUDENTE, 2018). A instalação deste programa iniciou uma longa jornada de trabalho que resultou na contratação de diferentes profissionais que agregaram contribuições à equipe, estruturando assim os serviços de atendimento que, atualmente, tomam como base organizacional e instrumental as diretrizes dos PCDT (Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas) elaborados pelo governo estadual, sob orientação do Ministério da Saúde.

Este movimento inicial não foi simples, dado as dificuldades estruturais e organizativas frente à problemática, o que exigiu uma importante articulação enquanto resposta aos movimentos do HIV/AIDS, dado que os serviços existentes passaram a operacionalizar seus atendimentos de modo efetivo, permitindo acumular densidade organizativa. Além disso, houve outros desafios, como o enfrentamento de estigmas e preconceitos em relação à doença em uma realidade interiorana e conservadora (GARCIA; KOYAMA, 2008). Deste modo, os anos iniciais dos serviços voltados ao HIV/AIDS em Presidente Prudente foram fortemente marcados por esta construção, embasada no medo e desinformação a respeito do assunto que, gradualmente, veio sendo desconstruída a duras penas pelas ações dos serviços.

A política posta em prática, permitiu que o Programa Municipal de DST/AIDS avançasse com a instalação do CTA e do SAE em 1996 (PRESIDENTE PRUDENTE, 2018). A implementação dos serviços trouxe um ganho imprescindível para o município e região, salientado que atualmente o GVE XXI (Grupo de Vigilância Epidemiológica de Presidente Prudente) atende, além do município sede, mais vinte e seis municípios. E foi na segunda metade da década de 1990, que Prudente tornou-se autossuficiente na testagem, no acolhimento, acompanhamento de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS, se desvencilhando então da dependência direta de centros urbanos distantes para a realização de tais ações (PRESIDENTE PRUDENTE, 2018).

Como já mencionado, os serviços de saúde de Presidente Prudente foram organizados para agir de forma reticular por meio das diferentes ações e escalas organizativas que partem das premissas do SUS, uma vez que estas estão atreladas diretamente à atenção básica de saúde. Assim, o município consolidou, a partir de diferentes movimentos, uma rede de atendimento com múltiplas entradas referentes aos diagnósticos e encaminhamentos do HIV/AIDS. Este movimento permite melhor funcionamento, já que “o conjunto de estratégias é pensado a partir da sua demanda de cuidado e com base em uma avaliação de risco, com o objetivo de facilitar o acesso do usuário às unidades e serviços dos quais necessita” (BRASIL, 2017, p. 22), proporcionando assim maior eficácia na notificação e acompanhamento de novos casos.

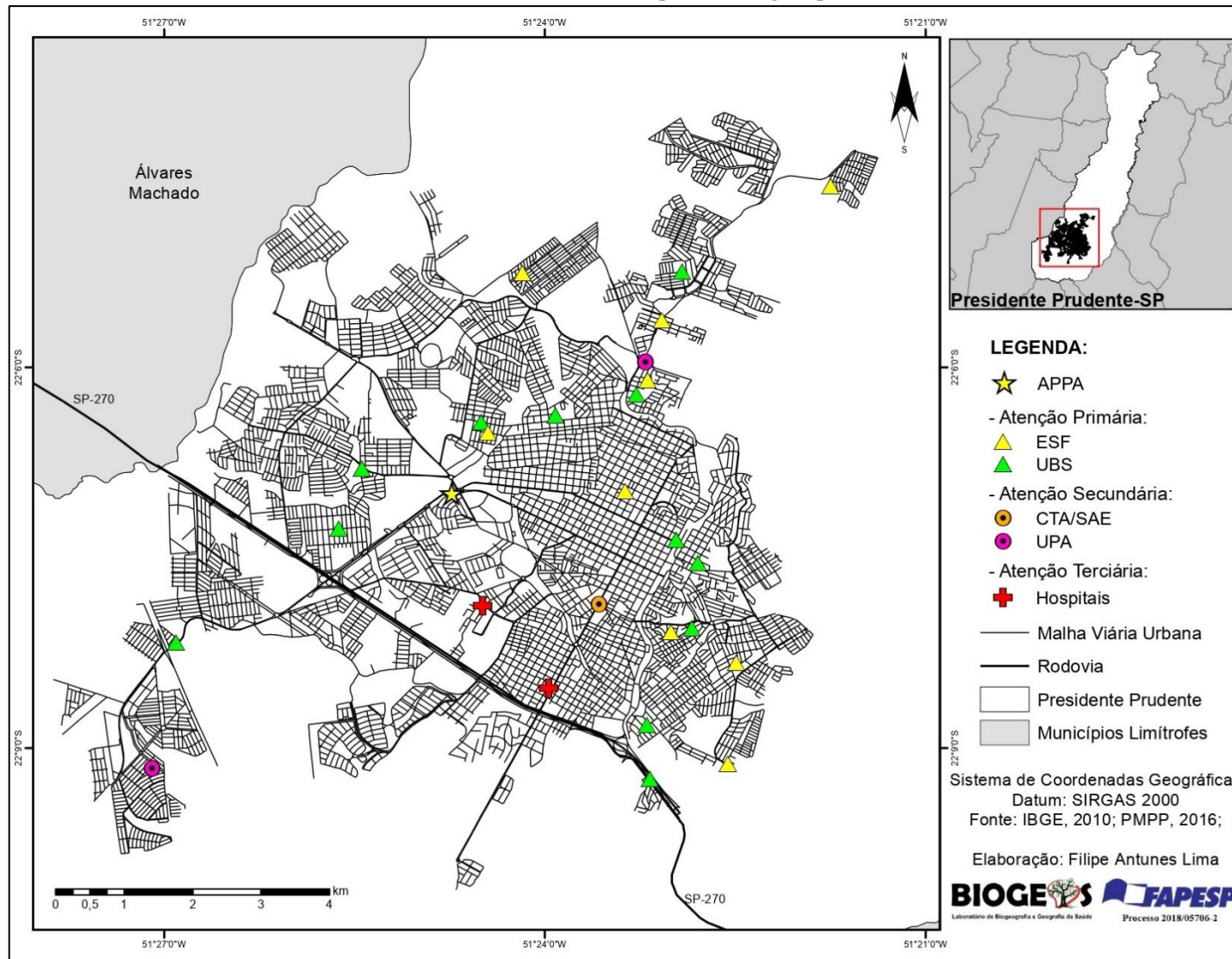
Na configuração atual, Presidente Prudente apresenta uma rede de atendimento articulada, contando com o CTA e o SAE que recebem e atendem todas(os) as(os) pacientes maiores de 14 anos de idade; o Hospital Regional de Presidente Prudente (HR), que acompanha mulheres gestantes; o Hospital Estadual “Dr. Odilo Antunes de Siqueira”, que dedica atendimento as gestantes e menores de 14 anos; e a APPA, que acolhe e desenvolve atividades psicossociais e educativas com assistidos encaminhados pelos serviços - como

veremos adiante -, assim contribuindo com pauta do HIV/AIDS no município e região (PRESIDENTE PRUDENTE, 2018).

Esta rede formada por serviços de diferentes níveis de complexidade atua de forma articulada, destacado que realiza as testagens, os diagnósticos, acompanhamentos e os tratamentos, como também desempenha o papel preventivo sobre IST's e o HIV/AIDS de forma combinada, tarefa esta que cabe aos serviços especializados (CTA e SAE), com a missão de coordenar, orientar, apoiar, supervisionar, capacitar, ampliar e qualificar as ações dos demais serviços frente às demandas do município (BRASIL, 2017).

A presente organização dos serviços tem atuado de forma intensa, ao ponto que prioriza a efetividade e articulação no combate ao crescimento da epidemia, já que têm sido empregadas diferentes atuações, como a capacitação profissional nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), nas Estratégia Saúde da Família (ESF), em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e nas UPA's (Unidades de Pronto Atendimento), fazendo com que “as ações preventivas sejam interorganizacionais, visto que nenhuma organização por si só dispõe da totalidade dos recursos necessários para atender às necessidades de saúde de uma dada população” (BRASIL, 2017, p. 25). Neste sentido, evidenciamos a configuração atual dos serviços que estão aptos a realizar testagens e encaminhamentos para outras instâncias, como pode ser visualizado no mapa 02.

Mapa 02. Rede de serviços de saúde aptos a testagem para IST's e HIV/AIDS



Partindo destes aspectos particulares da política local, destacamos que os serviços voltados ao HIV/AIDS de Presidente Prudente estão respaldados em ações construídas no decorrer dos anos de forma articulada e, atualmente, conta com uma rede de serviços de saúde ampla e complexa, dado os diferentes tipos e níveis encontrados no município. Neste sentido, cabe ressaltar que a proposição destes serviços se ancora nos princípios do apoio matricial (BRASIL, 2017), tendo realizado no ano de 2017-2018 duas capacitações para a implantação dos testes rápidos para profissionais das UPA's (UPA 24hs "Vereador José Carlos Roberto"; UPA 24hs Guanabara), Hospital Regional, CAPS, Unidades Básicas de Saúde e nas Estratégia Saúde da Família, o que contribui na notificação e direcionamento de novos casos (PRESIDENTE PRUDENTE, 2018).

Dentre as ações mais recentes dos serviços, cabe também destacar o aumento de 13,89% da quantidade de receitas aviadadas; atendimento e distribuição de 1250 kits de antirretrovirais para o município e região; o uso de 158 kits de PEP (Profilaxia Pós-Exposição), dentre outras ações realizadas no período supracitado (PRESIDENTE PRUDENTE, 2018).

Além das ações de caráter curativo mencionadas, foram empenhados alguns esforços ligados à prevenção, como a distribuição de 137.400 unidades de preservativos masculinos e a realização de campanhas informativas em *busdoors*, *outdoors*, rádio e jornais locais para a conscientização e diminuição dos diagnósticos tardios das IST's e HIV/AIDS (PRESIDENTE PRUDENTE, 2018). Neste conjunto de ações, outro empenho do serviço municipal é o pleiteio da certificação da eliminação da Transmissão Vertical (TV) do HIV/AIDS junto ao Ministério da Saúde, o que consagraria um feito que poucos municípios do Brasil detêm em seus serviços.

A partir destas colocações, conseguimos evidenciar a construção dos serviços de saúde e do HIV/AIDS em Presidente Prudente, que empenha inúmeros esforços em seu atendimento e eficácia, mas que ainda apresenta algumas dificuldades em agir para além do modelo hospitalocêntrico-curativo e assistencialista, já que este arquétipo "[...] é historicamente construído com base em um conceito de saúde que se reconstrói para manter-se" (LIMA, 2016, p. 21). Estas são algumas barreiras que distanciam a população dos serviços de prevenção e atendimento por meio de déficits informativos, formativos e educacionais que tornam a população mais suscetível ao surgimento de IST's e HIV/AIDS, sobretudo, nas camadas menos favorecidas.

Assim, tais colocações são imprescindíveis para compreendermos o contexto geográfico agindo pelas interações dos sujeitos da pesquisa do qual faz parte a realidade

empírica do estudo, pois “[...] é preciso ter em conta que a cidade, seja ela qual for e independente do tamanho, está implicada em um conjunto de relações horizontais e verticais, próximas e distantes, locais e globais, cuja explicação, é possível encontrar através do contexto” (COSTA; KRAUS; OLIVEIRA, 2018, p. 111-112), estando este preocupado em destacar os elementos centrais da discussão empregada. Em nosso caso, enfocar o movimento de construção dos serviços de saúde e do HIV/AIDS, bem como salientar as transformações recentes que têm impactado diretamente as políticas de saúde configura uma ação de extrema importância para a compreensão das possibilidades de agenciamentos (ALLEN, 2012), sobretudo, no que tange as políticas de HIV/AIDS em todos os níveis, já que temos vivenciado períodos extremamente difíceis no que refere a manutenção dos direitos da população brasileira.

Neste sentido, a compreensão do contexto geográfico nos possibilita o aprofundamento da discussão e nos direciona a refletir a respeito dos fenômenos sem perder de vista outras forças que os influenciam, direcionam e arregimentam através de poderes situados em outros níveis de compreensão (PEARCE, 2018). Com esta perspectiva, Lima (2016) reforça que é preciso olharmos cuidadosamente para os contextos em que os fenômenos de saúde acontecem, com a capacidade e empenho em enxergar para além das condições biológicas, socioeconômicas e culturais que atuam como determinantes sociais de saúde.

Assim, é necessário ter os pés no chão, ir a campo, conversar com as pessoas e transcender a visão de sobrevoos com o propósito de imergir na dimensão do vivido, no cotidiano, pois “o cotidiano se estabelece como uma realidade produzida pela dialética entre indivíduo e sociedade, no lugar onde se vive, com cooperação, solidariedade e conflito” (LIMA, 2016, p. 40). Isso porque na dimensão individual se tem a organização das particularidades que fazem parte do todo e são projetadas a esse mesmo todo em movimento (DUFF, 2016) que, por sua vez, gera a expressão de uma produção social da doença que subsidia os parâmetros para a elaboração das políticas públicas de saúde, ao mesmo tempo que é na dimensão de cada sujeito, com sua história singular, que a produção social se materializa e se reforça mutuamente.

É embasado nestas questões que evidenciamos a potência da construção das políticas de saúde quando focadas no contexto geográfico, dado que a possibilidade de transformação da realidade deve estar ancorada nas “práticas e representações estabelecidas em suas relações com os sujeitos do grupo social mais próximo, a família, e de suas redes sociais, construída por contatos pessoais regulares de amizade, vizinhança, e afiliação institucional” (LIMA, 2016,

p. 40), para que assim seja possível propor ações em saúde eficazes, garantindo a integralidade e a equidade por meio de suas vozes e vezes. Logo, é este o movimento que torna imprescindível a evidência da importância da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA) para a compreensão dos contextos geográficos experienciados pelas mulheres que vivem com HIV/AIDS.

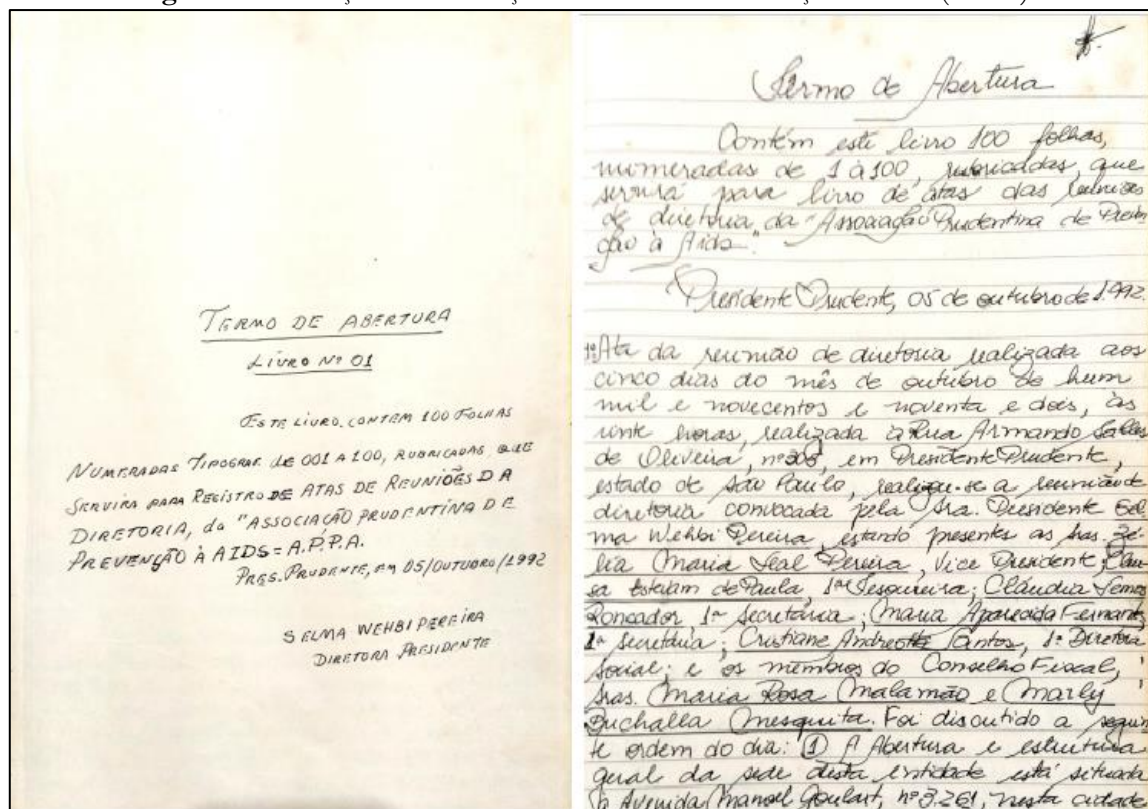
2.2.1. Saúde pela terceira via: as ações históricas da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA)³⁶

A Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA) foi fundada em Presidente Prudente em 1992 (Figura 06 e Quadro 02) por um grupo de voluntárias (Rede Feminina de Combate ao Câncer) preocupadas com a rápida difusão de novos casos de HIV/AIDS na cidade. A fundação da APPA, uma organização não-governamental (ONG), expressou localmente a concretização de um movimento mais geral de construção das políticas públicas voltadas ao HIV/AIDS, isso em decorrência do apoio e interação entre os serviços governamentais e não-governamentais de diferentes instâncias de ação.

Destarte, a concretização deste movimento inicial manteve como preocupação a conscientização sobre o combate à AIDS no município que, neste caso, se deu por meio da circulação de informações qualificadas e acessíveis à população. Assim, a APPA manteve como finalidade primária atender os sujeitos que eram encaminhados pelos órgãos e serviços públicos de saúde, como explicita a figura 06 transcrita no quadro 02.

³⁶ Essa seção da tese tomou como aporte a realização de levantamento documental sobre a instituição, especificamente, a investigação, leitura e análise de todas as atas de reuniões da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA). Também conta com a contribuição de duas colaboradoras, Renata Soares de Souza e Carla Regiane Diana, que auxiliaram por meio de suas memórias, vivências e narrativas a elaboração da História Oral da instituição.

Figura 06. Fundação da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA)



Fonte: Atas de Registro – APPA (Livro 01, p. 01, 1992) - Acervo institucional

Quadro 02. Transcrição de Atas - Fundação da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA)

TERMO DE ABERTURA Livro nº 01
<i>Este livro contém 100 folhas tipografadas de 001 a 100, rubricadas, que servirá para registros de atas de reuniões da diretoria da "Associação Prudentina de Prevenção à AIDS – APPA"</i> <i>Presidente Prudente, 05 de outubro de 1992</i> <i>Selma Webbi Pereira</i> <i>Diretora Presidente</i>
Presidente Prudente, 05 de outubro de 1992
1º Ata da reunião da diretoria realizada aos 05 dias do mês de outubro de um mil novecentos e noventa e dois, às vinte horas, realizada na Rua Armando Salles de Oliveira, nº 305, em Presidente Prudente, Estado de São Paulo, realizou-se a reunião de diretoria convocada pela Sra. Presidenta Selma Webbi Pereira, estando presente as Sras. Zélia Maria Leal Pereira, Vice-presidenta, Cleusa Estevam de Paula, 1ª Tesoureira, Cláudia Lemos Roncador, 1ª Secretária, Maria Aparecida Fernandes, 2ª Secretária, Cristiane Andreotti Santos, 1ª Diretora Social, e os membros do Conselho Fiscal, Sras. Maria Rosa Malamão e Marly Buchalla Mesquita. Foi discutido a seguinte ordem do dia: 1. A abertura e estrutura geral da sede desta entidade está situada na Avenida Manoel Goulart, nº 3261, nesta cidade [...] (Fragmento da 1º Ata da reunião da diretoria, 05 de outubro de 1992, p. 01).

Fonte: Atas de Registro – APPA (Livro 01, p. 01, 1992) - Acervo institucional

Desde o início, a APPA buscou lutar pela melhoria constante dos serviços dedicados ao HIV/AIDS, desde os correlatos à assistência médico-hospitalar local até o combate contra

discriminação. Isso foi implementado paulatinamente através da sensibilização, conscientização dos jovens e da comunidade sobre o tema AIDS, de modo que procurou envolvê-los no trabalho voluntário junto a associação. Destarte, suas ações estiveram orientadas sob duas premissas: a prevenção junto à sociedade e o apoio às Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (PVHA).

A primeira frente de ação esteve voltada à comunidade geral por meio da interação direta e dialogada via realização de palestras, campanhas e eventos que prezavam pela acessibilidade informativa sobre IST's, HIV/AIDS, cuidados em saúde, prevenção, diagnóstico e tratamento mediante a distribuição de folhetos, folders e preservativos à comunidade. No que se refere ao segundo modo de atuação, vale destacar a implementação de apoio de diferentes ordens, como a oferta de suporte psicossocial (coletivo e individual), visitas domiciliares e/ou hospitalares, reuniões formativas periódicas, projetos e cursos para crianças, adolescentes e adultos. Ainda sob essa perspectiva, também é de relevante destaque o fornecimento mensal de cesta básica e quinzenal de produtos hortifrúti que eram distribuídos para as Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (PVHA).

Estas primeiras proposições foram implementadas na medida da possibilidade, dado que foram experienciadas inúmeras dificuldades cotidianas, sobretudo, as que são de ordem organizacional e estrutural. Neste primeiro momento, ficaram evidenciados os desencontros dos focos e ações, bem como a presença de algumas divergências internas que dificultaram os avanços da proposta inicial.

Os primeiros passos da instituição, ainda que carregados de intenções louváveis, se deram de forma pouco acertada, isso porque a operacionalização das ações demandava recursos humanos que, na época, eram escassos e dependiam estritamente do voluntariado. Neste âmbito, cabe salientar que a primeira gestão da instituição também usufruía de poucas informações frente a complexidade do HIV/AIDS em uma realidade interiorana como a de Presidente Prudente, o que contribuía com a onerosidade do trabalho e a vagareza dos avanços.

Mesmo com distintos e volumosos desafios, este primeiro grupo manteve a sagacidade de sustentar a pauta HIV/AIDS como sua premissa central, de modo que se articularam à grupos, associações e pessoas de relevância político-social da época para a manutenção e ampliação de suas ações. Isto posto, se faz necessário mencionar os incontáveis esforços, colaborações que se fizeram presentes nos primeiros momentos, como retratado na figura 07 e o quadro 03.

Figura 07. Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA): articulações iniciais

de 1993 começou com uma discussão sobre remédios paliativos, não chegando a nenhuma conclusão até o momento. A Presidente em exercício mandará ofícios para algumas entidades que tem o mesmo caráter da APPA e teremos em breve uma explanação

09) Ultimamente tivemos grandes apoios, entre eles: Vicentinos, que nos ofertaram nove cestas básicas em janeiro; o dentista Lincoln criou o símbolo da APPA, e o patrocínio da impressão foi conseguido pela 1ª Tesoureira, Sra. Cleusa Esteves de Paula;

Renda Fixa - Também chegamos à conclusão que o nosso espaço físico é pequeno e já estamos no momento de uma pequena ampliação, e as Sras. Zélia, Cleusa e Maria Aparecida procuraram o Prefeito Municipal e este garantiu apoio e ajuda na ampliação da sede, sendo suas palavras: "Vocês da AIDS, se vocês pedirem dez eu dou vinte". O engenheiro da Prudentino - Companhia Prudentina de Desenvolvimento, garantiu que até o fim do ano está pronta a reforma. 10) A Associação está dividida em áreas: Alimentação; Educação; Relações Públicas; Secretaria. Há carência de pessoal.

Fonte: Atas de Registro – APPA (Livro 01, p. 06-07, 1993) - Acervo institucional

Quadro 03. Transcrição de Atas - Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA): articulações iniciais

[...] 1993 começou com uma discussão sobre os remédios paliativos, não chegando a nenhuma conclusão até o momento. A presidente em exercício mandará ofícios para algumas entidades que tem o mesmo caráter da APPA e teremos em breve uma explanação **(Fragmento da 4ª Ata da reunião da diretoria, 08 de março de 1993, p. 10).**

[...] 9. Ultimamente tivemos grandes apoios, entre eles: Vicentinos, que nos ofertaram nove cestas básicas em janeiro; o dentista Lincoln criou o símbolo da APPA, e o patrocínio da impressão foi conseguida pela 1ª Tesoureira, Sra. Cleusa Esteves de Paula [...] **(Fragmento da 4ª Ata da reunião da diretoria, 08 de março de 1993, p. 10).**

[...] Renda Fixa – Também chegamos à conclusão que o nosso espaço físico é pequeno e já estamos no momento de uma pequena ampliação, e as Sras. Zélia, Cleusa e Maria Aparecida procuraram a Prefeito Municipal e este garantiu apoio e ajuda na ampliação da sede, sendo suas palavras: “Vocês da AIDS, se vocês pedirem dez eu dou vinte”. O engenheiro da Prudentino – Companhia Prudentina de Desenvolvimento, garantiu que até o fim do ano estará pronta a reforma. 15. A associação está dividida em áreas: Alimentação; Educação; Relações Públicas; Secretaria. Há carência de pessoal [...] **(Fragmento da 4ª Ata da reunião da diretoria, 08 de março de 1993, p. 14).**

Fonte: Atas de Registro – APPA (Livro 01, p. 06-07, 1993) - Acervo institucional

Destacar as ações iniciais da instituição nos auxilia na compreensão dos inúmeros processos que engendram o contexto geográfico, de modo que explana a realidade local, ao ponto que também estabelece alinhamento com a realidade mais ampla do país. Neste sentido, se faz importante considerar o momento político e econômico inflacionado do Brasil na

primeira metade da década de 1990 (OLIVEIRA, 2003), sobretudo, quando direcionado olhares para a realidade do Oeste paulista, a porção mais empobrecida do Estado de São Paulo. Vale lembrar que o país vivia à época um conjunto recessivo, efeito do que foi considerado a década perdida.

Estes rebatimentos externos, advindos de outras escalas, fomentaram reverberações para a realidade de Presidente Prudente, sobretudo, para as Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (PVHA) que já enfrentavam outras inúmeras vulnerabilidades. Deste modo, o caráter de apoio destacado pelos princípios da instituição, especificamente, os relacionados aos subsídios alimentícios, ganharam conotações de caráter assistencialista, o que gerou complicações para o entendimento e cumprimento do papel social da instituição.

Este raciocínio, socialmente elaborado, partia da concepção paliativa em relação ao enfrentamento do HIV/AIDS que, neste caso, não se reduzia somente a doença em si, mas, sobre toda a complexidade de sujeitos interioranos que viveram com HIV/AIDS em uma realidade rural-urbana que estava distante dos centros de pesquisas sobre medicações, dos serviços de saúde especializados e da possibilidade de tratamentos, ao mesmo tempo que se encontrava permeada por uma realidade cultural, social e religiosa conservadora (GARCIA; KOYAMA, 2008) que, complexificava o rompimento de tabus sustentados por lógicas biologicistas e estigmatizantes.

Neste sentido, foram grandes os desafios encontrados pela instituição, dado que não havia muitos recursos de ordem estrutural, financeira e de orientação institucional, fazendo com que o processo fosse paulatinamente construído pela ação das(os) voluntárias(os) que se dispuseram em contribuir com a causa. Vale salientar que a conjuntura destes esforços ganhou solidez e garantiu a sistematização organizativa da instituição em 1994, quando registrou seu primeiro regimento interno, como expõe a seguir o quadro 04.

Quadro 04. 1º Regimento Interno da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA)

REGIMENTO INTERNO (Síntese)

Associação Prudentina de Prevenção à AIDS, Presidente Prudente – SP

23 de junho de 1994

Art. 1º - Fica instituído o Regimento Interno da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS, com fundamento no Art. 4º de seus Estatutos Sociais, aprovado pela Assembleia Geral do dia 28 de setembro de 1992 com entrada em vigor na mesma data e devidamente registrado, que terá a finalidade de nortear as atribuições, deveres e responsabilidade dos pacientes, voluntários e demais elementos de apoio administrativo.

Art. 2º - É considerado paciente, para efeito deste regimento, o doente ou portador do vírus da AIDS, oficialmente encaminhado pelo Centro de Saúde de Presidente Prudente ou órgão que legalmente o substitua, após o competente registro na Associação Prudentina de Prevenção à AIDS.

Art. 3º - Cada paciente receberá da entidade, todo o dia 26 de cada mês, ou no dia útil imediato que se seguir, uma cesta contendo alimentos não perecíveis e às segundas-feiras, um sacolão contendo frutas, legumes, verduras, leite de soja e pão, montados ao exclusivo critério da Associação.

Art. 4º - A entidade poderá colocar à disposição dos pacientes, psicólogos, assistentes sociais ou outros profissionais que julgar necessário para atendimentos aos mesmos.

Art. 5º - A Associação providenciará cursos artesanais para os matriculados, cujo produto de venda das peças elaboradas será dividido 50% (cinquenta por cento) para os participantes e 50% (cinquenta por cento) se reverterá para a APPA, sendo contabilizado em separado para aplicação, exclusivamente, na compra de novos materiais para a mesma finalidade.

Art. 6º - O paciente se obriga a retirar a cesta mensal e o sacolão semanal, por si, ou por intermédio de terceiro devidamente credenciado, nos dias previamente designados, sob pena de não o fazendo, perder, definitivamente o direito aos mesmos.

Art. 7º - Todos os doentes e portadores registrados na APPA se obrigam a seguir, rigorosamente, as determinações terapêuticas prescritas pelo Centro de Saúde, comparecer às consultas previamente marcadas, sendo que o não comparecimento à 3 (três) delas, implicará na perda dos benefícios oferecidos pela Associação. Da mesma forma, perderá o direito aos benefícios no caso de não comparecimento nos eventos de caráter geral ou particular convocados pela Associação.

Art. 8º - O envolvimento do paciente com a justiça criminal após o seu registro na APPA, acarretará, o seu automático desligamento da mesma, ficando proibido o retorno em qualquer época.

Art. 9º - A Associação Prudentina de Prevenção à AIDS em hipótese alguma fornecerá atestados ou declaração de conduta dos pacientes, bem como medicamentos de qualquer espécie.

Art. 10º - Os voluntários, no exercício de suas tarefas, deverão guardar sigilo absoluto no tocante aos assuntos relacionados com os pacientes.

Art. 11º - Conquanto não haja vínculo obrigacional entre os voluntários e a Associação Prudentina de Prevenção à AIDS, as obrigações assumidas a bem da responsabilidade de cada um devem ser cumpridas com zelo e denodada dedicação.

Art. 12º - A impossibilidade do comparecimento do voluntário no plantão designado, implica na responsabilidade pessoal de conseguir substituto.

Art. 13º - O voluntário se obriga, sob compromisso, a comparecer em todos os eventos promovidos pela entidade, atender, prontamente as convocações do coordenador de voluntários ou da Diretoria, bem como comparecer às reuniões ordinárias ou extraordinárias, sendo que nestes casos, a falta injustificada em três delas, acarretará o desligamento do mesmo.

Art. 14º - No caso de o voluntário deixar de prestar sua colaboração com a Associação ficará obrigado a devolver o crachá de identificação, caso em que não o fazendo, poderá ser convidada a fazer por intermédio da imprensa falada ou escrita.

Art. 15º - É expressamente proibido aos voluntários utilizarem-se de procedimento relacionados aos objetivos da Associação sem o prévio conhecimento a autorização da Diretoria respondendo civil e penalmente pelos eventuais danos que dos mesmos advirem.

Art. 16º - Os casos omissos serão resolvidos em reunião conjunta da Diretoria.

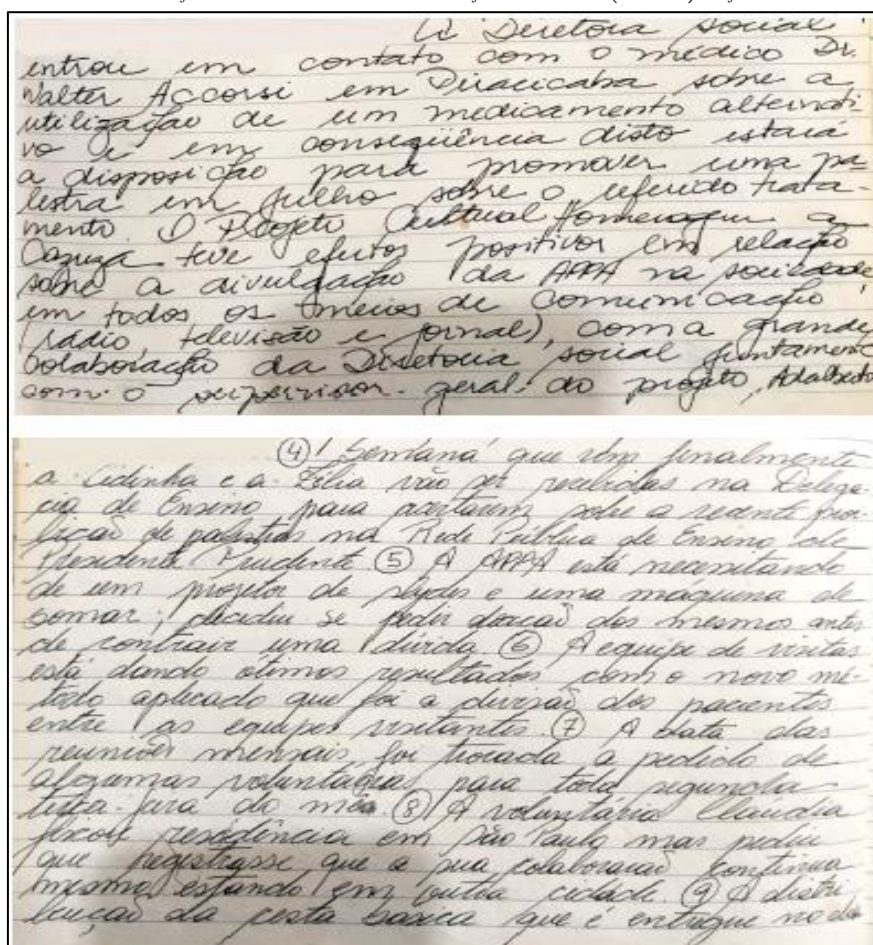
Presidente Prudente, 23 de junho de 1994

Fonte: Atas de Registro – APPA (Livro 01, p. 30-31, 1994) - Acervo institucional

A sistematização do 1º Regimento Interno da APPA, evidencia a organização das ações que outrora estavam apenas no plano das ideias. Este processo contribuiu para que a instituição criasse, ainda que minimamente, condições de movimentar e articular discussões importantes acerca da pauta. Sob este aspecto, cabe salientar que a instituição, na época, dependia basicamente de donativos advindos da sociedade civil, bem como usufruía de trabalho voluntário, o que contribuiu para que a instituição registrasse a participação de inúmeras pessoas e profissionais que se voluntariaram e, conseqüentemente, atuaram no progresso da APPA.

Acertadamente, analisar os primeiros passos sempre remeterá a ideia do que poderia ou mesmo deveria ter sido feito, mormente, no que se refere aos acertos e erros realizados pelos envolvidos. No entanto, cremos que as possibilidades foram colocadas e acessadas dentro das propostas estabelecidas, o que foi de suma importância para alcançar novas instâncias, como por exemplo, a busca por implementação das ações por meio de informações, formações, palestras, ações culturais, etc., como se pode notar na figura 08.

Figura 08. Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA): ações e resultados



Fonte: Atas de Registro – APPA (Livro 01, p. 13-14, 1993) - Acervo institucional

Quadro 05. Transcrição de Atas - Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA): ações e resultados

[...] A Diretora Social entrou em contato com o médico Dr. Walter Accossi em Piracicaba sobre a utilização de um medicamento alternativo e em consequência disso estará à disposição para promover uma palestra em julho sobre o referido tratamento. O projeto cultural homenageou Cazuza, teve efeitos positivos em relação sobre a divulgação da APPA na sociedade, em todos os meios de comunicação (rádio, televisão e jornal), com a grande colaboração da Diretoria Social juntamente com o supervisor geral do projeto, Adalberto [...] **(Fragmento da 7º Ata da reunião da diretoria, 03 de junho de 1993, p. 25).**

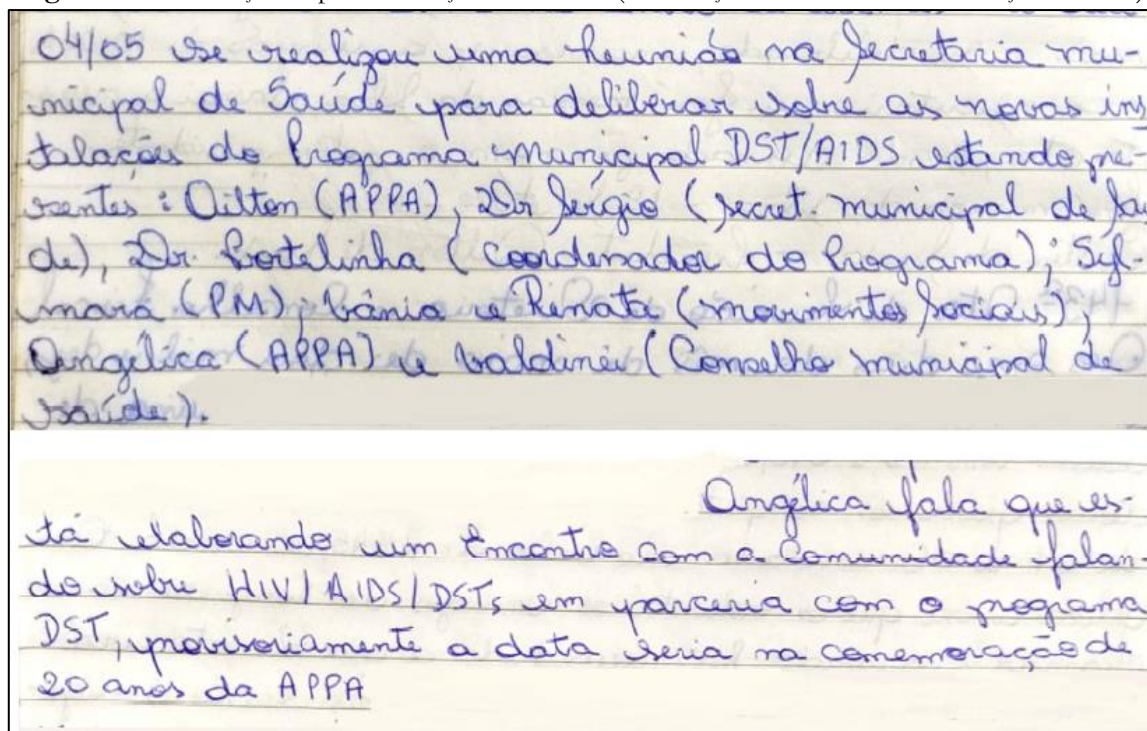
[...] 4. Semana que vem finalmente a Cidinha e a Lélia vão ser recebidas na Delegacia de Ensino para acertarem sobre a recente proibição de palestras na Rede Pública de Ensino de Presidente Prudente. 5. A APPA está necessitando de um projetor de slides e uma máquina de somar; decidiu-se pedir doação dos mesmos antes de contrair uma dívida. 6. A equipe de visitas está dando ótimos resultados com o novo método aplicado que foi a divisão dos pacientes entre as equipes visitantes. 7. A data das reuniões mensais foi trocada a pedido de algumas voluntárias para toda segunda terça-feira do mês. 8. A voluntária Claudia fixou residência em São Paulo, mas pediu que registrasse que sua colaboração continua mesmo estando em outra cidade. 9. A distribuição básica que é entregue no dia [...] **(Fragmento da 8º Ata da reunião da diretoria, 03 de agosto de 1993, p. 28).**

Fonte: Atas de Registro – APPA (Livro 01, p. 13-14, 1993) - Acervo institucional

Na figura 08 e no quadro 05, vemos as ações que foram sendo propostas e executadas durante os anos de atividade da instituição. É notório que a inserção social da APPA em Presidente Prudente foi sendo gradativa, visto que passou a ter visibilidade, sendo cada vez mais requerida para abordar temas como: IST's, HIV/AIDS, educação sexual, etc., em diferentes espaços (locais de trabalho, indústrias, escolas). Nesta conjuntura é necessário reconhecer o relevante esforço de prevenção, cuidado e orientação desempenhado pela APPA enquanto resposta ao HIV/AIDS em Presidente Prudente, uma vez que este trabalho se dedicou ao caráter educativo voltado à comunidade em geral.

Este trabalho foi sendo construído aos poucos, de forma articulada e partilhada no que tange os processos formativos, internos e externos à instituição, dado que a APPA realizou inúmeros eventos, campanhas, palestras e cursos para a comunidade e seus voluntários, ao mesmo tempo que buscou por capacitações e formações externas, majoritariamente, articuladas às participações em coletivos como: o Fórum das ONG/AIDS do Estado de São Paulo (FOAESP), o Encontro Regional de ONG, Redes e Movimentos de Luta Contra a AIDS (ERONG), Encontro Nacional de ONG, Redes e Movimentos de Luta Contra a AIDS (ENONG). A implementação contínua destas ações possibilitou avanços no enfrentamento do HIV/AIDS em Presidente Prudente, de modo que contribuiu para a ampliação, consolidação e articulação dos serviços de saúde especializados, como apresenta a figura 09 e o quadro 06.

Figura 09. Articulações e parcerias: ações da APPA (Associação Prudentina de Prevenção à AIDS)



Fonte: Atas de Registro – APPA (Livro 02, p. 103-137, 2010-2012) - Acervo institucional

Quadro 06. Transcrição de Atas - Articulações e parcerias: ações da APPA (Associação Prudentina de Prevenção à AIDS)

[...] 04/05 se realizou uma reunião na Secretaria Municipal de Saúde para deliberar sobre as novas instalações do Programa Municipal DST/AIDS estando presentes: Ailton (APPA), Dr. Sérgio (Secretaria Municipal de Saúde), Dr. Portelinha (Coordenador do Programa), Sylmara (PM), Vânia e Renata (Movimentos sociais), Angélica (APPA) e Valdinei (Conselho Municipal de Saúde) [...] **(Fragmento da 143ª Ata da reunião da diretoria, 11 de maio de 2010, p. 103).**

[...] Angélica fala que está elaborando um encontro com a comunidade falando sobre HIV/AIDS/DSTs em parceria com o Programa DST, provisoriamente a data seria na comemoração de 20 anos da APPA [...] **(Fragmento da 168ª Ata da reunião da diretoria, 24 de maio de 2012, p. 137).**

Fonte: Atas de Registro – APPA (Livro 02, p. 103-137, 2010-2012) - Acervo institucional

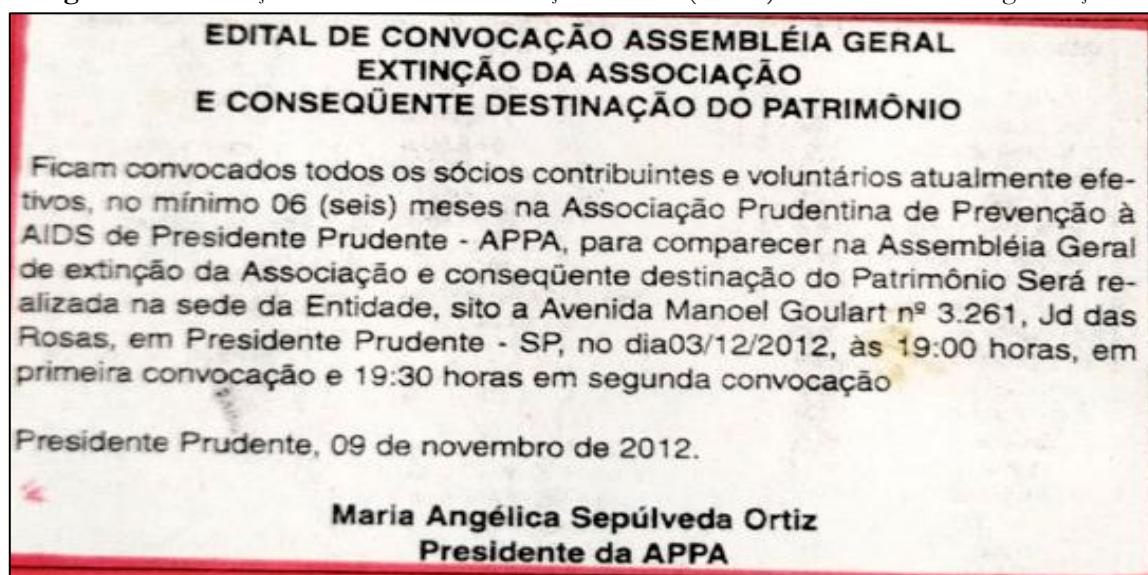
A articulação desempenhada entre os diferentes serviços fortaleceu o movimento de combate à AIDS, sobretudo, no que se refere ao atendimento da população nas dimensões clínicas, culturais e sociais. Este processo possibilitou abertura para o estabelecimento de outros diálogos, o que permitiu a APPA lidar diretamente com o enfrentamento das vulnerabilidades ligadas ao HIV/AIDS, de modo que buscou pela atenuação das mesmas por meio das estratégias focalizadas na defesa dos direitos, da cidadania e da promoção social (APPA, 2011).

No decorrer dos anos, foi crescente o número de pessoas e famílias atendidas pela APPA, tal qual também se demonstrou melhor organizado o quadro funcional dos agentes

que compuseram o voluntariado. Além disso, vale destacar o processo de continuidade de maior parte das ações implementadas pelas gestões anteriores, o que corroborou com a consolidação de algumas ações, a reflexão crítica de outras, bem como a emergência de novas possibilidades.

Evidenciado os princípios e os latentes avanços, também se faz necessário pontuar os aspectos desfavoráveis que estiveram presentes no caminhar da instituição. Sob esta questão, é preciso salientar as constantes dificuldades relacionadas à sustentabilidade da APPA e suas ações, visto que na época, a associação usufruía fundamentalmente de recursos capitaneados pelas suas atividades e/ou mesmo doações recebidas da sociedade prudentina. O crescimento de suas ações, atendimentos e a forte política assistencialista passou configurar constantes dificuldades logísticas e orçamentárias que, em 2012, atingiram o ápice e ameaçaram o fechamento da instituição, como registra a figura 10.

Figura 10. Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA): dificuldades e ressignificações



Fonte: Atas de Registro – APPA (Livro 01 e 02) - Acervo institucional

Organização: do autor (2021)

Ao longo do processo ficou evidenciado o crescimento, projeção e atuação da instituição no decorrer dos anos, haja visto que a entidade havia completado 20 anos de atuação, o que demonstrava sua projeção estadual e nacional no combate ao HIV/AIDS. Frente ao conjunto construído, formou-se um novo grupo que assumiu a gestão da instituição e, assim impediu seu fechamento, visto que o encerramento das ações da APPA seria um episódio lastimável para toda a sociedade prudentina e região. Esse esforço de continuidade requereu novos planejamentos e adequações, sobretudo, de ordem estatutária que, por sua vez, reordenou expressivamente os modos de atuação da instituição.

Uma das principais mudanças está ligada ao intento de ruptura com a lógica assistencialista, dado que a instituição a duras penas implementou atividades que ultrapassem o caráter emergencialista unidirecional. Assim, a APPA, passou a centrar esforços em ações voltadas à comunidade para além das questões diretamente ligadas ao HIV/AIDS, visto que se estimulou o entendimento de que a prevenção e a promoção da saúde garantem aos sujeitos a possibilidade de emancipação social (CZERESNIA, 2003; COSTA; BERNARDES, 2012), uma vez que os distanciam de quadros vulnerabilizantes.

Destarte, o atendimento desempenhado pela APPA, desde então, passou a implementar profundamente o caráter social, preventivo, promotor da saúde e da educação, atuando então em outras dimensões da vida dos sujeitos. A partir destas ações, se manteve o enfoque direcionado ao cuidado e ao bem-estar das pessoas, salientando que a instituição reforçou a qualidade do atendimento social, psicológico e formativo à todas(os) sem distinção de idade, nacionalidade, sexo, raça-etnia, orientação sexual ou religião (APPA, 2011).

Tais mudanças possibilitaram à APPA adotar outra postura de ação. Estes novos movimentos estiveram embasados pelos princípios norteadores da instituição, ao ponto que ganharam materialidade por meio da implementação de projetos que atendessem a população, principalmente, crianças, jovens e adultos. As novas ações realizadas por meio dos projetos permitiram a instituição alçar outras parcerias e financiamentos, de ordem pública e privada, contribuindo assim com a sustentabilidade e realização das atividades (CAMPOS, 2008), visto que tal caminho é viabilizado pela Lei nº 13.019/2014 que

[...] estabelece o regime jurídico das parcerias entre a administração pública e as organizações da sociedade civil, em regime de mútua cooperação, para a consecução de finalidades de interesse público e recíproco, mediante a execução de atividades ou de projetos previamente estabelecidos em planos de trabalho inseridos em termos de colaboração, em termos de fomento ou em acordos de cooperação; define diretrizes para a política de fomento, de colaboração e de cooperação com organizações da sociedade civil (BRASIL, 2014).

Com isso, o papel social da instituição não se manteve restrito à doença em sentido curativo, mas, buscou atender a complexidade dos sujeitos pela educação, inserção social e sua auto-emancipação por meio da realização de projetos que contribuíssem com a formação cidadã. Assim sendo, a APPA tem registrado na última década inúmeras atividades viabilizadas por projetos, como cursos de dança, artesanato, informática, música, etc., que acessam outras dimensões dos sujeitos e, assim os inserem na sociedade enquanto agentes de transformação, como evidenciado nos exemplos expressos na figura 11.

Figura 11. Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA): processos de formação cidadã



Fonte: Atas de Registro – APPA/Acervo institucional

Organização/edição: do autor (2021)

Destarte, cabe mencionar que as ações empregadas pela APPA ao mesmo tempo que tomaram outra roupagem, mantiveram e qualificaram os princípios e processos construídos ao longo dos anos, visto que estabeleceu conexões com o Fundo Municipal dos Direitos das Crianças e Adolescentes (FMDCA), Prefeitura Municipal de Presidente Prudente, Centro de Referência e Treinamento (CRT), Banco do Brasil, entre outros, que fomentaram e contribuíram para a exequibilidade dos projetos propostos pela instituição, como apresenta a figura 12.

Figura 12. Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA): ações e reconhecimento



Fonte: Jornal O Imparcial (digital)

Elaboração: do autor (2021)

Este processo permitiu que a APPA conquistasse credibilidade em diferentes instâncias, garantindo representatividade política ativa na construção do debate acerca das questões do HIV/AIDS no Estado de São Paulo e no Brasil. Assim, a APPA tem atuado e demarcado posições importantes para a pauta, sobretudo, na realização de eventos que evidenciam a causa como, por exemplo, o dia 01 de dezembro (Dia de luta Mundial no combate da AIDS), participação nos Encontros de ONG/AIDS e a realização de eventos como: o 1º Fórum de Políticas Públicas em HIV/AIDS (2017) - que teve como foco o público jovem e, o 2º Fórum de Políticas Públicas em HIV/AIDS (2019) - que se dedicou ao debate voltado às mulheres. Estas ações se somam ao desempenho dos serviços de saúde, de modo que tem trazido cada vez mais visibilidade para o tema em âmbito local, regional e nacional.

Realizado todo este percurso histórico-geográfico, fica evidente a importância da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS que, desde seu surgimento, tem empenhado esforços e dedicações à pauta HIV/AIDS. Ao realizar este raciocínio, se fazem perceptíveis algumas rupturas e ressignificações que foram importantes para a continuidade das ações realizadas pela instituição que, hoje, expressa sua notoriedade enquanto um espaço formativo-educacional que atua junto à comunidade na promoção de discussões necessárias.

Neste movimento de transformações, aprimoramento e ampliação, cabe destacar o último expressivo acontecimento da instituição, a alteração de sua identidade, que a partir de 2021 passa a ser reconhecida como Associação Prudentina de Incentivo à Vida (APIV). Esta mudança tem como justificativa a representatividade simbólica que vai além da doença, do patológico, como pode ser evidenciado pelos elementos dispostos no quadro 03.

Quadro 07. Novos caminhos: APIV (Associação Prudentina de Incentivo à Vida)

Associação Prudentina de Incentivo à Vida (APIV)				
Frentes de trabalho	Objetivo principal	Missão	Visão	Valores
- Promoção da qualidade de vida, cidadania, inserção e reinserção social e econômica das pessoas vivendo com HIV/AIDS; - Constituição de um espaço de socialização e participação individual e familiar de pessoas sem HIV/AIDS em situação de vulnerabilidade social através oficinas que despertem a convivência social e o desenvolvimento comunitário.	- Desenvolver campanhas junto aos usuários e população em geral sobre as formas de prevenção do HIV/AIDS; - Desencadear processos reflexivos referentes à cidadania, elevando a auto-estima e orientando os usuários sobre os Direitos e Deveres de todo cidadão, principalmente os direitos trabalhistas e previdenciários; - Propiciar aos vivendo e convivendo com o HIV/AIDS, conhecimento em diversas áreas, contribuindo para a formação pessoal e profissional dos mesmos; - Aconselhar os usuários sobre a importância da adesão ao tratamento do HIV/AIDS; - Lutar contra a discriminação e contra comportamentos lesivos aos direitos humanos dos vivendo e convivendo com o HIV/AIDS, esclarecendo, conscientizando, sensibilizando e prevenindo a população em geral; - Propiciar apoio psicossocial aos usuários, procurando envolvê-los na dinâmica social, onde, muitas vezes, se auto-excluem; - Apoiar os usuários em suas necessidades básicas de sobrevivência: mensalmente, através de cesta-básica e quinzenalmente com um sacolão hortifrutal.	- Redução da vulnerabilidade ao HIV/AIDS com ações preventivas através da sensibilização e informação para a comunidade em geral, oficinas para crianças e adolescentes, e atendimento as PVHA (pessoas vivendo com HIV/AIDS) quanto à adesão ao tratamento, apoio alimentar, combate a todas as formas de discriminação e preconceito, bem como ainda, a defesa dos direitos e a promoção social.	- Ser referência no serviço de apoio as PVHAS, no desenvolvimento de ações participativas, visando à formação para projeto de vida no processo de construção individual e coletiva, na promoção de qualidade de vida de Saúde, na inserção, interação e proteção, especialmente daqueles em situação de vulnerabilidade.	- Valorização e Direitos Humanos, Assistência Social e Saúde, Transparência, Equidade.

Fonte: Acervo institucional (digital)

Organização: do autor (2021)

O quadro 03 destaca os princípios centrais da Associação Prudentina de Incentivo à Vida (APIV), o que permite visualizar a condensação aprimorada dos valores e essências que foram construídos a longo prazo. Deste modo, se faz visível a permanência do compromisso com a pauta, com a saúde e o bem viver das pessoas que vivem e convivem com o HIV/AIDS. Assim sendo, acreditamos que esse processo se transforma na medida em que a realidade social dos sujeitos se movimenta, o que gera desafios e torna tais serviços cada vez mais fundamentais.

Salientar o processo de constituição, organização e acontecimento da antiga Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA), ainda que sinteticamente, foi um exercício necessário que contribuiu com a compreensão articulada dos serviços de saúde voltados às questões do HIV/AIDS em Presidente Prudente. Além deste aspecto, realizar tal percurso contribuiu com a elucidação da importância do terceiro setor na implementação das políticas públicas de saúde, visto que a atuação da APPA possibilitou estabelecer uma interpretação sobre saúde para além da visão clínica, hospitalocêntrica e curativa.

Este entendimento nos permite estabelecer olhares para os devires, sobretudo, quando consideramos as realidades vivenciadas pelos sujeitos, os diferentes modos pelos quais estes mesmos acessam, interpretam e produzem realidades múltiplas de saúde, uma vez que entendemos a saúde como uma dimensão política da vida (CZERESNIA, 2012). É neste sentido que firmamos o desafio de propor o contexto geográfico como um raciocínio pautado por meio da realidade experienciada pelas mulheres que vivem com HIV/AIDS, uma vez que os agenciamentos, os acontecimentos e os campos de possibilidades permitem o enunciar das vozes e, assim, garantem o encontro, a identificação e a construção de lugares que modificam a realidade social e promovem saúde, como veremos a seguir.

Capítulo 3

Narrativas do acontecer-mulher: a constituição e vivência dos contextos geográficos



Mulher paradoxo

Mulher,
Mulheres e suas artes,
que desde cedo vivem disfarces
No passado, a moça da mina
Ontem, vendida como puta de esquina

São muitas, são várias
Forjadas no trabalho, lutas diárias
Muitas Marias do fim do mundo
Que vem da ponta, da beira, da margem
Do fundo!

Pode ser aquela...
que pariu a dor da “divina graça”
Pôs filho na terra
E se não fez; queimada na praça
Por aquilo que a sociedade espera
pra continuar em farsa

Um plano inteiro que não era teu
Nasceu, cresceu, pouco percebeu
Se fez mulher entre a fome e o cansaço
Se refez ao outro, pedaço a pedaço
Consigo a quimera, apenas retalhos de espaço

Foste adotada, abandonada, traída...
Silenciada, violada, oprimida
A solteira, divorciada, desquitada sofrida
Entre tantas mulheres
Foste “a neguinha feia da teta caída”
Que labutou no processo, não havia saída

Mulheres que não se apagam
Histórias que florescem, desatam
Vidas que ora riso, ora pranto
Símbolo de força, não só acalanto

Mulher-paradoxo sua sina,
que crê e persevera em vida severina
É metamorfose-mulher!
Que sabe o que diz e faz o que quer
Gloriosas e infinitas
Mulheres, mulheres, mulher...

Mateus Fachin Pedroso, Cidade de Maputo, Moçambique

Compreendemos que o universo das mulheres que vivem com HIV/AIDS se encontra atravessado por estruturas e ações de poder que as arregimentaram e condicionaram a existências precárias (BUTLER, 2018). Estas relações coercitivas, majoritariamente, são presenciadas e experienciadas no cotidiano, o que torna legítima nossa imersão nas narrativas das mulheres que estruturam esta pesquisa.

Ao pautarmos esta instância nos aproximamos de dois pontos centrais da tese, que se dedicaram a indagar sobre os cursos de vida e as interseccionalidades preponderantes em cada etapa junto aos principais encontros e acontecimentos; elementos estes que nos direcionaram a refletir: como se configuram, permanecem e se transformam as vivências cotidianas das participantes da pesquisa?³⁷

Posto isso, cabe mencionar que o presente capítulo se encontra sistematizado em três partes que interpretam o contexto geográfico das mulheres participantes. A primeira parte, “O desafio do contexto geográfico: potencialidades e riscos” traz contribuições teóricas e práticas que subsidiam o processo interpretativo dos contextos geográficos. Já a segunda parte, “Agora é que são elas... mas, quem são elas?”, apresenta e reflete sobre as histórias e os respectivos cursos de vida de cada mulher entrevistada de modo que salienta os principais acontecimentos vividos até irrupção do HIV/AIDS. Por fim, a terceira parte, “Por uma Geografia discursada: vozes consonantes e seus contextos geográficos”, se dedica a interpretação conjunta dos contextos geográficos vividos pelas participantes durante a infância e juventude, estas enquanto etapas que configuram múltiplas dimensões da vida e, que por assim ser, evidenciam as interseccionalidades, relações e interações por meio do encontro das narrativas.

3.1. O desafio do contexto geográfico: potencialidades e riscos

Tendo as considerações acima mencionadas como ponto de partida, investigamos enquanto tema central da pesquisa as histórias narradas pelas mulheres vivendo com HIV/AIDS a partir de seus cursos de vida e campos de possibilidades junto aos seus respectivos acontecimentos, uma vez que entendemos esta proposta enquanto um processo dinâmico, “[...] que constrói e é construído pelas experiências e vivências cotidianas espaciais a partir de representações [que] são fundadas em uma ordem sócio-espacial específica e, portanto, envolvem tempo, espaço e escala” (SILVA, 2003, p. 42), exigindo de nós uma

³⁷ Salientamos que estas mesmas duas questões específicas também estarão presentes na construção do próximo capítulo.

interpretação espaço-temporal contextualizada acerca da vida das mulheres que viveram/vivem a realidade de Presidente Prudente e região.

Destarte, o exercício de pensar a vida dos sujeitos sob a perspectiva geográfica considera refletir sobre a materialidade, a imaterialidade, o tempo e a posição de mundo - situacionalidade - que tais indivíduos ocuparam no decorrer de suas vidas e ocupam hoje (PEDROSO, 2019; WERLEN, 2020). Em outras palavras, trata-se da realidade geográfica em movimento em que os sujeitos se encontram, ou seja, “[...] o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade” (DARDEL, 2011, p. 34), que de certo modo configuram a ordem cotidiana e contingencial dos sujeitos na compreensão do contexto geográfico.

Estabelecer tais questões, coloca em debate o considerável acúmulo teórico da Geografia, ao ponto que assume o desafio/responsabilidade de propor a constituição de outro raciocínio; o de contexto geográfico. Deste modo, se trata da construção de um caminho para além do que está dado, fixo, fechado, categorizado ou finito, em outros termos, o contexto geográfico está comprometido com a compreensão dos modos espaciais de existência das pessoas, portanto, está alinhado às constâncias e inconstâncias que acontecem na vida dos sujeitos.

Optar por realizar tal percurso é algo bastante arriscado e oneroso em inúmeros aspectos. No entanto, é uma ação que se faz necessária, uma vez que prioriza a centralidade dos sujeitos durante o processo de construção teórica (SILVA, 1982). No âmbito da Geografia brasileira, esta proposição tem enfrentado grandes desafios, sobretudo, os que são de ordem epistemológica, dado o fato que existem categorias de análise e conceitos geográficos tradicionalmente difundidos, utilizados e aceitos por considerável parte da academia geográfica no Brasil. Essa robustez teórica e sua consequente centralidade tem trazido grandes contribuições e enfoques que, mormente, não estão direcionados de forma primeira aos sujeitos e suas realidades (RAMOS; MILANI, 2022), sendo estas, muitas vezes, interpretadas enquanto consequências do estar “onde-quando” lógicas e fenômenos se realizam.

Cotidianamente, temos nos deparado com situações cada vez mais complexas, tramas que envolvem agentes e estruturas de ordens e tempos distintos, presenciando assim fenômenos espaciais altamente mutáveis e de difícil apreensão (SILVA, 1982; 1996; LÉVY, 2010; MARTINS, 2020). Isso nos defronta com dois aspectos importantes que no debate geográfico nos chamam à atenção: 1) o enfoque dos conceitos geográficos hegemônicos e suas

limitações explicativas acerca da realidade dos sujeitos; 2) a necessidade de estabelecer proposições interpretativas que explorem a imaginação geográfica dedicada ao entendimento das complexidades do mundo atual (KWAN, 2014; MATTHEWS, 2017).

Esta problematização faz com que nos ancoremos em contribuições que anteriormente já destacavam tais questões, como por exemplo, as argumentações de Werlen (2000; 2020) que tensionam a tradicionalidade epistemológica da Geografia humana ao negligenciar a capacidade de ação/transformação dos sujeitos; as colocações de Silveira (1999; 2006) que destacam a interpretação majoritária do espaço mais como cenário e menos da vida que se realiza e o produz; e também as proposições de Massey (2000; 2004; 2008; 2009) que enfatizam a multiplicidade de coexistências que, por vezes, são simultâneas, dinâmicas e plurais em seu devir. Deste modo, fica evidenciado que essas(es) autoras(es) e outras(os) mais, a seus modos e a luz de suas pesquisas, estão preocupadas(os) com o movimento complexo da existência humana em suas diferentes formas de organização social, principalmente, quando abordam o espaço geográfico.

Para nós, estas colocações são de suma importância, pois potencializam e instigam o debate que está em construção, de modo que nos permite destacar importantes pontos e ressalvas a respeito da construção teórica da presente tese. Isso porque não nos causa espanto os volúveis e corriqueiros apontamentos sobre a “comodidade teórica” do contexto geográfico, uma vez que este não é espaço e nem lugar e, por isso é “nebuloso e pouco acertado”. Deste modo, essa máxima tradicionalista lança métricas conceituais que evidenciam a imprescindibilidade de explicitarmos os laços e contribuições entre estes conceitos, para que assim fiquem salientadas as potencialidades e enfrentamentos que o contexto geográfico assume no âmbito da Geografia brasileira.

Ao tomarmos esta posição, nos aproximamos das contribuições de Doreen Massey (2000; 2004; 2008; 2009) que nos estimula a imaginação geográfica com outra perspectiva conceitual de espaço; raciocínio que considera a indissociabilidade entre espaço e tempo, propiciando assim caráter elucidativo e fidedigno à realidade que está sendo vivenciada em movimento aberto. É por tais questões que Massey (2008) advoga que o espaço em hipótese alguma se reduz a superfície, ao plano métrico-cartesiano delimitável, isso porque o espaço é entendido como a esfera de simultaneidade dinâmica que, é “[...] constantemente desconectada por novas chegadas, constantemente esperando por ser determinada (e, portanto, sempre indeterminada) pela construção de novas relações. Está sempre sendo feito e sempre, portanto, em certo sentido, inacabado” (MASSEY, 2008, p. 160).

Assim, a concepção de espaço em questão, traz consigo uma rica potência que permite redirecionarmos o foco interpretativo-conceitual acerca dos fenômenos geográficos, de modo que rompe com o pressuposto hierárquico em que as demais categorias de análise geográficas se enquadrem no espaço como um jogo de quebra-cabeça, bem como transcende a ideia de palco em que as relações simplesmente se dão. Isso, porque para Massey (2008, p. 165), o espaço implica o inesperado, de modo que

[...] o especificamente espacial dentro do espaço-tempo é produzido por isso - algumas vezes por um acaso circunstancial, outras não: arranjos-em-relação-um-com-o-outro, que é o resultado da existência de uma multiplicidade de trajetórias. Em configurações espaciais, narrativas de outra forma não conectadas podem ser conduzidas a entrar em contato, ou outras, previamente conectadas, podem ser descartadas. Há sempre um elemento de “caos” (MASSEY, 2008, p. 165).

Destarte, fica evidenciado que tal concepção de espaço caminha pela possibilidade e abertura, garantindo assim a multiplicidade de existências e trajetórias que coexistem, ou seja, uma coetaneidade de histórias que são outras, as não hegemônicas, as que não são euro-centradas, que existem e constituem distintas realidades em trânsito. Isso permite com que pensemos sobre a posição/atuação dos sujeitos, e de quem são esses diferentes sujeitos, na elaboração conceitual que se origina dos sucessivos acúmulos de encontros e tramas que ampliam a história e a tornam diversa (MASSEY, 2004).

Neste sentido, a compreensão de Doreen Massey sobre espaço deflagra o movimento inerente da existência do próprio que, é construído de forma relacional, portanto, produto das múltiplas inter-relações. Isso porque se trata da dimensão da produção e da reconfiguração constante da heterogeneidade, “[...] sob todas as suas formas – diversidade, subordinação, interesses conflitantes. À medida que o debate se desenvolve, o que começa a ser focalizado é o que isso deve trazer à tona: uma política relacional para um espaço relacional” (MASSEY, 2008, p. 97-98).

Tal raciocínio fomenta reflexões sobre a possibilidade de conexões variadas entre elementos de diferentes ordens, sejam eles humanos ou não humanos, o que fertiliza profundamente nosso imaginário geográfico acerca da concepção de espaço que, neste caso, não se finda por si, ao contrário, mantém a constante do devir e estabelece outras relações conceituais. Exemplo disso é o lugar, que por meio do aqui-agora conforma um feixe de trajetórias múltiplas que, podem ou não se associar/desassociar em decorrência dos encontros em processo.

Logo, a elaboração de Massey propõe os lugares “[...] não como pontos ou áreas em mapas, mas como integrações de espaço e tempo, como eventualidades espaço-temporais” (MASSEY, 2008, p. 191) que permanecem abertas no tecer de estórias e, assim constituem possibilidades para que outra história ganhe notoriedade. Isso garante ao lugar abertura política já que este se constitui através de práticas ativas particulares, enquanto estória-até-agora, como um momento inserido nas articuladas e mutáveis geometrias de poder, o que faz com que

[...] todas as negociações de lugar aconteçam no movimento entre identidades que estão se movendo. Significa, também, [...] que qualquer política que apreenda as trajetórias em pontos diferentes está tentando articular ritmos que pulsam em diferentes compassos. Este é outro aspecto do caráter elusivo do lugar que torna a política tão difícil (MASSEY, 2008, p. 225).

Massey (2008) ao explicitar tais colocações, denota a complexidade do movimento do lugar que, para ela, não assume o caráter estanque e submisso às lógicas/processos que acontecem em outras escalas. Por isso, é de extrema importância que fiquem evidenciadas as posições que estes lugares ocupam na fundação da ideia de mundo. Tal proposição, implica em considerar as dissonâncias de ritmos³⁸ espaço-temporais que, para a autora, constituem eventualidades que reposicionam nossa compreensão acerca do local-global e, conseqüentemente, do quanto e como isso impacta na construção de identidades das pessoas, uma vez que elas, todas elas, são atravessadas de distintos modos por diferentes realidades de poderes que se cruzam o tempo todo.

Assim, dimensionar o lugar requer abarcar as dimensões das relações e dos encontros que podem ser explicitados por meio da confluência das estórias, da coexistência das diferenças que tornam tais relações únicas, visto que estas especificidades relacionais passam a ser compreendidas por um conjunto de sentidos e interesses. Deste modo, considerar de forma profunda a construção relacional do espaço e lugar requer uma qualificada leitura do contexto, o que segundo Massey (2008, p. 165) configura “uma virada que tem uma relação íntima com a mudança de perspectiva que está vinculada ao se mudar de um enfoque em horizontalidades para um enfoque em trajetórias coetâneas”.

As contribuições conceituais de Massey (2000; 2004; 2008; 2009) são potentes e criativas, uma vez que evidenciam a interlocução conceitual entre espaço e lugar ao mesmo tempo que substancia a seguinte questão: Afinal, como os conceitos de espaço e lugar contribuem para raciocinarmos sobre o contexto geográfico?

³⁸ Sobre a confluência de ritmos (espaço, tempo e cotidiano) as contribuições de Lefebvre (2006b) são de extrema valia para o raciocínio aqui proposto.

Refletir sobre este processo, nos exige um exercício interpretativo em que a premissa não está diretamente associada a ordem de grandeza (particular > universal ou universal > particular), mas sim a de composicionalidade das relações. Em termos de sentido, uma não existe sem a outra, melhor dizendo, aquilo que é particular está para o universal, tal qual o que é universal está para o particular, e isso sempre dependerá do estabelecimento de conexões (SILVA, 1982; 2000; MARTINS, 2014; 2020). É neste mesmo sentido que Silveira (2006, p. 87) nos adverte ao dizer que

[...] só é possível o projeto conhecendo a realidade, o particular, o lugar, sabendo ao mesmo tempo que o futuro, isto é, o universal, o não realizado, o mundo, é um conjunto de possibilidades. Portanto, o futuro não é obrigatoriamente a reprodução do presente, uma vez que reserva um conjunto de possibilidades e reserva também aos atores um conjunto de escolhas; cada um escolhendo segundo o seu poder, segundo a sua situação concreta.

Destarte, são incontáveis as relações e contribuições teóricas existentes entre espaço e lugar, o que torna este caminho profícuo e apto a ser explorado por outras interpretações que avancem em caráter contributivo. É neste sentido que propomos o contexto geográfico como um conjunto de relações dialógicas, relacionais e dinâmicas, que tomam os sujeitos como princípio de ação e significação e, portanto, são passíveis de transformações que o configuram ao mesmo tempo que os conectam ao particular e ao universal.

Tal interlocução se refere ao movimento flexível de afetamentos, (des)continuidades e complementariedades entre espaço e lugar que, via contexto geográfico, encontram a possibilidade de elucidar a complexidade de fenômenos reais (KWAN, 2014), ou seja, destaca os contornos que fundam a conformação de realidades específicas. Isso permite que o contexto geográfico se insira neste debate como uma proposição que amplia o espectro analítico e possibilite que outras perspectivas emergjam da experiência do real, elaboradas enquanto arcabouço teórico-metodológico crítico que garante leituras coerentes dos fenômenos vivenciados pelos sujeitos.

Neste sentido, o que denominamos por contexto geográfico é a realidade evocada pelas vozes dos sujeitos enquanto forma de compreensão do movimento dos fenômenos que, para nós, envolvem diretamente as questões interseccionais, principalmente, as de gênero, saúde e doença. Deste modo, o contexto geográfico enquanto conceito expressa uma realidade específica de Espaço-tempo, de Conteúdo e de Agência, como detalhado no quadro 04.

Quadro 08. Contexto geográfico: conceituação

Contexto geográfico	Espaço-tempo
	a) Realidade específica evocada pelas vozes dos sujeitos que conjunturam o cotidiano e a contingência por meio do passado, da interpretação do presente e da projeção de futuro em diferentes escalas.
	Conteúdo
	b) Interação de elementos materiais e imateriais que constituem a vida dos sujeitos e dão substancialidade para a significação das estruturas, dos corpos, das normas, das culturas e signos presentes na sociedade.
	Agência
	c) Movimento da ordem dos acontecimentos e afetamentos que atuam junto aos sujeitos por meio de suas capacidades de ações e respostas sob a conformidade de seus modos de existência.

Organização: do autor (2022)

A construção teórica do contexto geográfico advoga para que este seja compreendido enquanto uma realidade específica de Espaço-tempo com foco nos sujeitos, o que possibilita estabelecer relações diretas com Conteúdos e Agências que, da vida destes mesmos, fazem parte. Deste modo, estes elementos constituem os processos que caracterizam cada contexto geográfico produzido e experimentado pelas pessoas.

Como já destacado, o contexto geográfico é sustentado pela articulação de três pilares, a saber:

- a) O **Espaço-tempo**, que apresenta suas dimensões indissociavelmente conectadas pela manifestação das memórias presentes nas narrativas evocadas pelos sujeitos em diferentes conjunções espaço-temporais, considerando o passado, o presente e as possibilidades de futuro em aberto.

Este primeiro pilar estabelece uma conjuntura ampliada sobre a vida dos sujeitos, pois, não se restringe a refletir sobre a realidade momentânea e estanque, pelo contrário, preza pela integralidade das relações selecionadas pelos sujeitos em suas narrativas. Para a compreensão do contexto geográfico, em termos de Espaço-tempo, consideramos as trajetórias de vida de modo completo, bem como os elementos que são intrínsecos da estruturação do cotidiano (movimentações residenciais, itinerários de trabalho, ações recreativas e de outras ordens ao longo de suas vidas diárias) (MASSEY, 2008; 2009; MATTHEWS, 2017; PEARCE, 2018).

- b) O **Conteúdo**, que é configurado pelas constantes interações materiais e imateriais dos/nos sujeitos que, por meio de diferentes elos, conjunturam e caracterizam distintos valores e usos para os elementos que os cercam e dão substancialidade real.

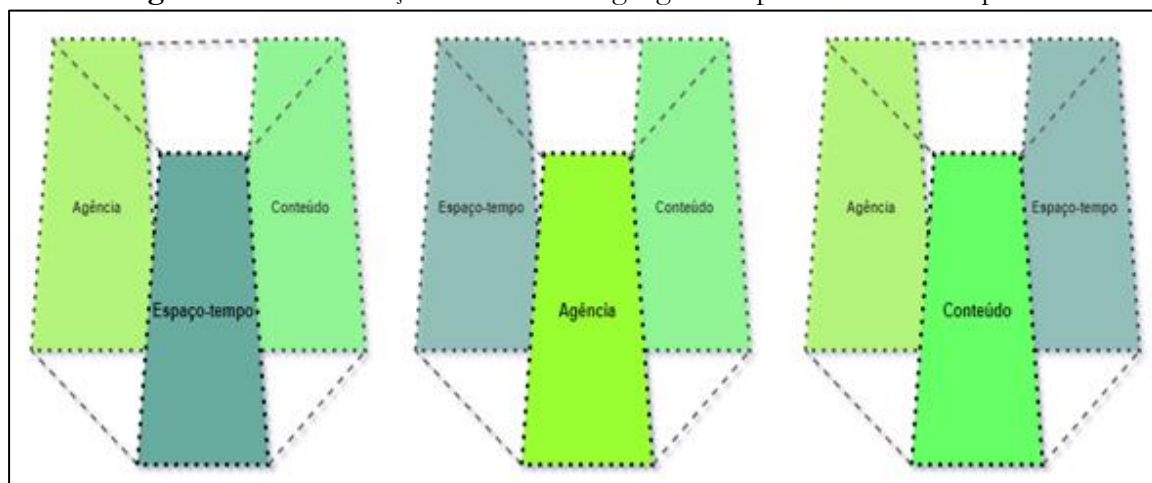
O pilar referente ao Conteúdo se organiza por meio das relações que se estabelecem entre os elementos que especificam a vida dos sujeitos, sejam eles de ordem material e/ou imaterial, dado que as interlocuções entre estes é sustentada pelas significações e usos atribuídos pela cultura. Deste modo, o Conteúdo conforma estruturas jurídicas, discursivas, simbólicas, entre outras, que estabelecem normas e valores apreendidos em caráter de troca via interação corpórea dos sujeitos, ou seja, os modos com os quais os sujeitos se relacionam entre si e com as coisas do mundo (SILVEIRA, 1999; LÉVY, 2010; LÖW, 2013).

- c) A **Agência**, que evidencia a dinâmica das ações e transformações constituídas nos múltiplos movimentos dos sujeitos e de seus acontecimentos contingenciais enquanto respostas que dimensionam as formas de existir, de viver.

O pilar atinente à Agência se institui ancorado na capacidade de ação/ transformação/ressignificação que os sujeitos apresentam em seus modos de existência como resposta. Este movimento é relacional e não se limita ao próprio sujeito, mas nele se faz de modo que alcança e interage com outras instâncias; com aquilo que é de ordem externa (SILVA, 1982; 1991). Isso confere à Agência um grau de mutabilidade, de poderes que, ora são mais, ora são menos eficazes, dado que tais relações dependem da conformidade e da interação dos elementos que se encontram (KWAN, 2014; WERLEN, 2020).

Por partir de tais pressupostos, esta construção teórica preza pela interpretação de relações complexas, sobretudo, a dos movimentos de ser/existir dos indivíduos em realidades geográficas. Isso possibilita com que os sujeitos sejam compreendidos por meio das diferentes articulações entre Espaço-tempo, Conteúdo e Agência, pilares móveis que configuram caráter caleidoscópico ao contexto geográfico, como expresso na figura 13.

Figura 13. As articulações do contexto geográfico: potencialidades explicativas



Fonte: Elaboração do autor (2022)

Este raciocínio articulado tende a evidenciar centralidades de análise que configuram nuances que estarão atreladas aos interesses de pesquisa e, isso é entendido enquanto uma potência explicativa para as múltiplas complexidades enfrentadas pelos estudos que se dedicam aos sujeitos na Geografia. Neste âmbito, a interlocução entre Espaço-tempo, Conteúdo e Agência contribui para o alargamento da interpretação das vivências construídas pelos sujeitos, por meio das experiências de seus contextos geográficos que geram opressão e/ou ressignificação³⁹, respectivamente, considerando os acontecimentos desfavoráveis (violências e vulnerabilidades de ordem estrutural) e favoráveis (redes de apoio, autonomia e emancipação relativa) durante seus processos de saúde-doença nos cursos de vida.

Portanto, estas colocações nos estimulam a pensar as inúmeras experiências construídas pelas mulheres na realidade de Presidente Prudente e região, uma vez que estas viveram suas infâncias e juventudes durante as décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990, tanto no campo quanto na cidade. Isso lhes impôs a necessidade de negociar - em inúmeros momentos - suas trajetórias individuais, ora com, ora sem seus familiares, vivendo deste modo os benefícios e efeitos do rápido crescimento de Presidente Prudente e de sua territorialização (SPOSITO, 1983; WHITACKER, 1997).

Estas relações, conseqüentemente, se desdobraram de forma desigual sobre a vida da população prudentina, principalmente no que tange o segmento de mais baixo poder aquisitivo (PEREIRA, 2006), o que nos ajuda a compreender como foram condicionados os cursos de vida das mulheres participantes da pesquisa em suas diferentes etapas, tomando como pauta os inúmeros movimentos dos contextos geográficos narrados por elas próprias.

3.1.1 Cursos, trajetórias e campo de possibilidades: configurando o contexto

Frente a esse grande desafio, tomamos como base as contribuições do conceito de *assemblage* (agenciamento), advindo do aporte teórico de Deleuze e Guatarri (1987), que se debruça sobre a compreensão dos processos compostos por elementos de diversas naturezas, podendo estes serem de ordem humana e não humana, natural e técnica, orgânica e inorgânica. “Em termos gerais, o *assemblage* é, então, parte de uma reconstituição mais geral do social que

³⁹ A proposição de interpretar as opressões e ressignificações presentes nos contextos geográficos será aprofundada no decorrer da tese por meio dos exemplos presentes nas narrativas das participantes.

busca integrar as divisões do social-material, do próximo-distante e da estrutura-agência⁴⁰” (ANDERSON, McFARLANE, 2011, p. 124, tradução nossa), de forma que sejam priorizadas as relações em realidade aberta, abarcando tanto o “atual” (aqui/agora) quanto o “possível” (devir/contingência).

É sob este viés que as contribuições de *assemblage* tornam mais potentes as discussões pautadas sobre a multiplicidade das relações, de modo que não desconsidera a força do singular em interação. Em outras palavras, trata-se de um constante exercício de compreensão das possibilidades em movimento, que por sua vez transitam entre os aspectos internos e externos dos atores constituintes do contexto geográfico.

Além disso, o pensamento de *assemblage* passa da análise das partes para a exploração das relações entre as partes em diferentes escalas. Dessa forma, pode ser adotado como uma lente teórica eficaz para compreender a generatividade, emergência e complexidade, onde os resultados são muitas vezes imprevisíveis. Esse é de fato um foco nos processos e não nos produtos⁴¹ (KAMALIPOUR; PEIMANI, 2015, p. 406, tradução nossa).

Desse modo, tomamos os cursos de vida dessas mulheres, suas trajetórias em estreita relação com os contextos geográficos e os campos de possibilidade para interpretar as condições do acontecimento do HIV/AIDS em suas vidas. Nesse movimento, entendemos que é necessário averiguar os diferentes elementos que se fizeram/fazem presentes no cotidiano das mulheres, tendo como prerrogativa não somente tomar conhecimento destes elementos em si, mas também compreender as relações que estes estabelecem na constituição dos contextos geográficos (ALLEN, 2012), isto é, trata-se de investigar o que acontece no plano concreto do indivíduo em seu movimento pela vida, ou seja, em suas respectivas cotidianidades (LEFEBVRE, 2005).

A construção deste raciocínio exprime a necessidade de olharmos para aquilo que é construído pelos sujeitos a partir das diferentes relações nos contextos geográficos. Realizar este exercício torna-se algo complexo uma vez que o cotidiano possui um caráter ambíguo, quer dizer, não se trata simplesmente de uma somatória de ações corriqueiras, mas envolve também aquilo que emerge enquanto surpresa, como o inesperado, ou seja, “é o banal e também o que se abre ao inusitado e ao novo, é a rotina e a invenção” (LANA; FRANÇA,

⁴⁰ “In broad terms, assemblage is, then, part of a more general reconstitution of the social that seeks to blur divisions of social-material, near-far and structure-agency” (ANDERSON, McFARLANE, 2011, p. 124).

⁴¹ “Moreover, assemblage thinking moves from the analysis of the parts to the exploration of the relations between parts across different scales. In this way, it can be adopted as an effective theoretical lens for understanding generativity, emergence, and complexity where the outcomes are often unpredictable (Kamalipour, 2015; Peimani, 2015). That is indeed a focus on the processes rather than the products” (KAMALIPOUR; PEIMANI, 2015, p. 406).

2008, p. 2). Nesse sentido, procuramos pelos inesperados acontecimentos que irrompem no cotidiano, mas que só ganham condições de possibilidade de acontecer quando certas condições se conjugam para promover este encontro.

Esta interação que conceitualmente compreende o cotidiano está expressa a partir de como os sujeitos se movimentam junto aos níveis de organização e das condições materiais e imateriais que dispõem durante o transformar do processo (SILVA, 1982). Assim, é no realizar destes movimentos que se manifesta a capacidade de trocas e afetamentos entre os atores que constituem o agenciamento, que ora se dispersa, ora se realinha e/ou transforma conforme o processo de negociação das forças que produzem espacialidades e temporalidades específicas (ANDERSON, McFARLANE, 2011).

Neste sentido se torna imprescindível incorporarmos nesta compreensão as diferentes ordens de ritmos que atravessam a vida dos sujeitos de forma simultânea (LEFEBVRE, 2006b), ao ponto que reverberam transformações no cotidiano experienciado pelos sujeitos sociais. Tais colocações nos permitem pensar que os argumentos oferecidos pela conceituação de *assemblage* proporcionam contribuições para a compreensão do contexto geográfico, uma vez que se passa a considerar criticamente

[...] um realismo experimental orientado para processos de composição; uma teorização de um mundo de relações e daquilo que ultrapassa um conjunto atual de relações que envolve focalizar as capacidades tanto das interações quanto das partes componentes; um repensar da agência em termos distribuídos e da causalidade em termos não lineares imanentes; e uma orientação para a capacidade expressiva das ordens montadas como forma de descrever como elas permanecem estáveis e mudam⁴² (ANDERSON, et. al., 2012, p. 185, tradução nossa).

Ao destacar tais considerações, Anderson et. al. (2012) contribuem para que possamos pensar o complexo emaranhado abstraído e interpretado a partir das realidades de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência que permanecem em constantes atravessamentos. Exemplo disso, são as colocações propositivas de Duff (2016) que direcionam interpretações para os sujeitos e os contextos que se produzem e ganham sentidos a partir das relações estabelecidas, dado que “[...] simplesmente não existe um corpo ou sujeito individual, e nem um contexto social

⁴² “[...] an experimental realism orientated to processes of composition; a theorization of a world of relations and that which exceeds a present set of relations which involves focusing on the capacities of both interactions and component parts; a rethinking of agency in distributed terms and causality in non-linear, immanent, terms; and an orientation to the expressive capacity of assembled orders as away of describing how they remain stable and change” (ANDERSON, et. al., 2012, p. 185).

reificado, pois esses fenômenos são sempre, já uma função de muitas coisas diferentes agindo juntas⁴³” (DUFF, 2016, p. 16, tradução nossa).

Por considerar as complexidades colocadas por Duff (2016) como pertinentes, passamos a ter como foco interpretativo a vida e os estados relacionais de existência dos sujeitos sociais. Para o presente caso, a vida das mulheres que vivem com HIV/AIDS em Presidente Prudente.

Ao colocarmos esta realidade em pauta foi possível nos aproximarmos das teorias não-representacionais que focam nas práticas e conhecimentos cotidianos que vão além da percepção dos sujeitos. “Para isso, as teorias não-representacionais trabalham com um entendimento alargado do sujeito e da sua capacidade de ação, considerando-os como relacionais, sendo a sua ação potenciada ou constrangida pelas materialidades com que se relaciona” (PAIVA, 2017, p. 160). Assim, as teorias não-representacionais passam a se preocupar com os aspectos processuais dos fenômenos, por meio da interação dos sujeitos com as realidades de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência, ou seja, para as teorias não-representacionais o que especialmente importa é “perceber como é que as relações se desenvolvem na prática, os fluxos e movimentos das coisas e os seus resultados” (PAIVA, 2017, p. 164).

Neste âmbito, as teorias não-representacionais contribuem para o alargamento da interpretação sobre as vivências construídas pelos indivíduos, dado que tais relações são intermediadas pelos aspectos históricos, sociais e espaciais, que simultaneamente compõem o processo de constituição dos sujeitos (FERRAZ, 1982), e também dos entendimentos que estes elaboram sobre si e sobre o mundo. Em outras palavras, trata-se do estabelecimento de experiências que transcendem o perceptual apreendido por meio dos símbolos e valores (SCOTT, 1999). Assim, não se preocupa estritamente com as “[...] representações mentais da realidade (significados, sentimentos, discursos, estruturas), mas também com o modo como essas representações são produzidas e praticadas corporeamente no decorrer das ações e interações de que o mundo é constituído” (PAIVA, 2017, p. 161).

Essa preocupação ampliada incorpora no processo de representação os elementos que compõem a vida cotidiana, dando ênfase em como se estabelecem os afetamentos e experiências decorrentes das interações (THRIFT; DEWSBURY, 2000). Destarte, acreditamos que as teorias destacadas oferecem contribuições para a construção conceitual do

⁴³ “there is simply no such thing as an individual body or subject, and on such thing as a reified social context, for these phenomena are always, already a function of many different things acting together” (DUFF, 2016, p. 16).

contexto geográfico experienciado pelas mulheres vivendo com HIV/AIDS em suas diferentes fases de vida, uma vez que o contexto geográfico é um conceito interpretativo que permite a leitura das complexas realidades produzidas pelos sujeitos em seus movimentos de resistência corporificada, que mesmo condicionados pelos agenciamentos não se rendem ao determinismo, visto que permanecem abertos no campo de possibilidades que fomenta a continuidade da vida, do novo, do ainda desconhecido. Isto pelo fato de que estes sujeitos lidam e interagem com diferentes materialidades-imaterialidades conforme a relação contextual que estabelecem com/no espaço-tempo em *continuum*, podendo assim mudar seu contexto e seu campo de possibilidades, visto que estes estão em permanente constituição, nunca fechados, sempre em devir (MASSEY, 2008; 2009).

Estas configurações permitem que nos debrucemos sobre os movimentos que constituem, preenchem e animam os contextos geográficos experienciados por estas mulheres, ora de modo estruturado, ora de modo estruturante (PAIVA, 2017; WILTSHIRE, 2018). Tal construção nos possibilita questionar: quais foram/são os campos de possibilidades materiais e imateriais que estas mulheres tiveram/têm ao longo da vida? Como estes campos se organizam nos contextos geográficos em que se situaram/situam nas diferentes etapas de vida? Quais os principais eventos de vida que impactaram e redirecionaram suas trajetórias, em cada contexto e fase de vida que foram as conduzindo para o encontro com o HIV/AIDS? Quais foram/são as interseccionalidades prevaletentes em cada contexto geográfico? Quais foram/são suas capacidades de resposta e ação?

Ao partirmos dessas questões entendemos que se trata de uma relação que não cessa, dado que os sujeitos somatizam diferentes valores em seu processo formativo, como “[...] habilidades e comportamentos aprendidos no início da vida [que] estão ligados de maneira importante às experiências posteriores por meio de suas associações com interações interpessoais e a seleção de ambientes⁴⁴” (MCLEOD; ALMAZAN, 2003, p. 393, tradução nossa). Por esta questão é que se torna indispensável pensarmos as manifestações que ocorrem na vida das mulheres que vivem com HIV/AIDS, assistidas pela APPA.

Neste tocante, as construções teóricas e metodológicas de Hutchison (2011), acerca dos conceitos básicos da teoria dos cursos de vida, podem ser pertinentes para uma interpretação possível. São eles:

⁴⁴ “[...] skills, and behaviors learned early in life are importantly linked to later life experiences through their associations with interpersonal interactions and the selection of environments” (MCLEOD; ALMAZAN, 2003, p. 393).

- **Coorte:** Grupo de pessoas que nasceram no mesmo período histórico e que experimentam mudanças sociais específicas dentro de uma determinada cultura na mesma sequência e na mesma idade;
- **Transição:** Alteração de funções e status que representa uma diferença distinta das funções e status anteriores;
- **Trajetória:** Padrão de estabilidade e mudança a longo prazo, que geralmente envolve várias transições;
- **Acontecimento de vida:** Ocorrência significativa envolvendo uma mudança relativamente abrupta que pode produzir efeitos graves e duradouros;
- **Ponto de inflexão:** Acontecimento de vida que produz uma mudança duradoura na trajetória de vida⁴⁵ (HUTCHISON, 2011, p. 12, tradução nossa).

É a partir deste aparato teórico-metodológico que dedicamos atenção aos movimentos das mulheres ao longo da vida, suas capacidades de tomar decisões e de agir diante de seus campos de possibilidades concretos (VELHO, 1994), tendo o encontro com a doença como um “acontecimento de vida” e um “ponto de inflexão”, que reorientou suas trajetórias. Estes movimentos nos cursos de vida se configuram a partir da sincronização das articulações identitárias (que constituem os sujeitos em suas interseccionalidades⁴⁶), junto aos aspectos familiares (que nem sempre são homogêneos) e individuais (formação educacional, trabalho, relacionamentos, etc.) que cada sujeito elabora de forma contextualizada (BLANCO, 2011; HUTCHISON, 2011) e ao mesmo tempo compõem os seus “suportes existenciais” que os sustentam no mundo (CARRANO, 2011).

Para que seja compreensível o processo constitutivo dos cursos de vida dos sujeitos, é preciso olhar para além dos aspectos estruturais, ainda que este componha um dado importante, pois as vidas individuais se dão em certos contextos geográficos e de forma entrelaçada à vida de outros, como já mencionado (DUFF, 2016). Neste sentido, faz-se necessário adentrarmos na seara das ações e reações que ocorrem no plano do vivido, visto que emerge a necessidade de interpretarmos os acontecimentos e suas condições de emergência nos contextos geográficos que exprimem significados e valores que, por sua vez, (re)orientam os cursos de vida e que podem servir como disparadores para novas experiências no campo de possibilidades (CARDOSO, 1995).

⁴⁵ **Cohort:** Group of persons who were born at the same historical time and who experience particular social changes within a given culture in the same sequence and at the same age; **Transition:** Change in roles and statuses that represents a distinct departure from prior roles and statuses; **Trajectory:** Long-term pattern of stability and change, which usually involves multiple transitions; **Life Event:** Significant occurrence involving a relatively abrupt change that may produce serious and long-lasting effects; **Turning Point:** Life event that produces a lasting shift in the life course trajectory (HUTCHISON, 2011, p. 12).

⁴⁶ Destacamos que o conceito de interseccionalidade será adiante amplamente debatido e incorporado as reflexões construídas sobre a vida das mulheres ao longo da tese.

É neste sentido que cabe indagarmos: o que são em profundidade os acontecimentos? Quais as condições de sua emergência? Como afetam a vida dos sujeitos? Quais os seus desdobramentos nos cursos de vida?

3.1.2. Acontecimentos, rupturas e continuidade: (in)constâncias da vida

Inicialmente de forma sintética e introdutória abordamos o acontecimento, ou o “*Life Event*” como coloca Hutchison (2011), como um episódio que envolve ações que transformam o contexto posto, majoritariamente, de forma abrupta que tende a causar efeitos profundos e prolongados e mesmo reorientação das trajetórias de vida. Todavia, a complexidade do acontecimento vai além, como pondera Foucault (1999) ao explicitar que

[...] o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; **é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais**; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material (FOUCAULT, 1999, p. 57-58, grifo nosso).

Destarte, as colocações de Foucault (1999) expressam o acontecimento enquanto um fluxo que se realiza sobre a materialidade, que envolve movimentos dinâmicos, descontínuos e efêmeros que possibilitam a localização dos mesmos no espaço-tempo (MASSEY, 2008; 2009; MARQUES; MAFRA, 2014), uma vez que “[...] o acontecimento enquanto fluxo é o próprio acaso, um determinável frente ao qual o pensamento metafísico e científico instauram a profundidade” (TEMPLE, 2013, p. 170-171).

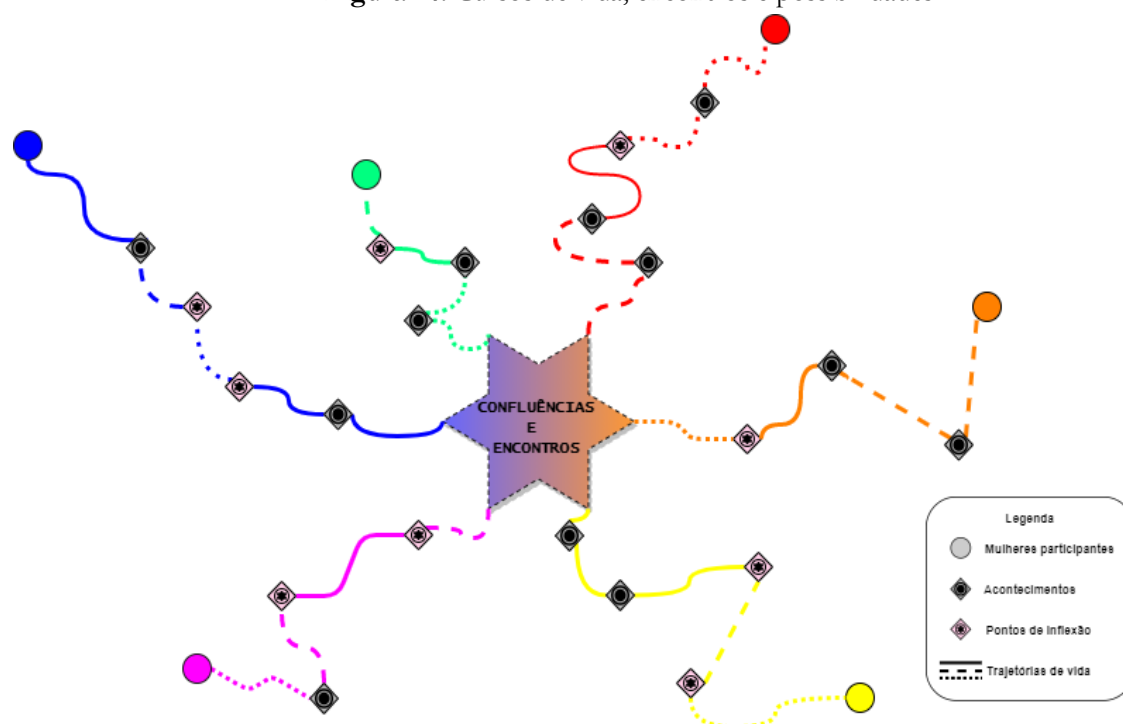
Este caráter relacional e disruptivo do acontecimento dá às experiências dos sujeitos uma dimensão de indeterminação e acaso, pois se realiza no plano da interação entre as pessoas no devir do cotidiano (FRANÇA; LOPES, 2017), numa certa situação de tempo e espaço concreta. E mais do que irromper a estabilidade rearranjando o social naquele contexto e para além dele, o acontecimento em sua expressão única mantém-se suscetível a transformações, repetições e reativações, isto porque “está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem” (FOUCAULT, 1979a, p. 32), o que faz do acontecimento um marco que também é discursivo.

Tais considerações exprimem a importância do acontecimento para a compreensão dos cursos de vida dos sujeitos em seu caráter histórico, isso em razão dos acontecimentos serem cruciais para o entendimento da formação das identidades (TEMPLE, 2013). Estas

contribuições aprofundam a reflexão sobre os acontecimentos presentes na vida das pessoas, uma vez que entendemos estes como relações de forças que estão alinhadas às conformidades das lutas de cada sujeito, bem como “[...] não possuem identidade, nem revelam essências. São anônimas, impessoais e constituem devires” (WEINMANN, 2003, p. 54).

Como coloca Weinmann (2003), esta intensa mobilidade de forças expressa a multiplicidade de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência, estando estes abertos e envolvidos pelas seriações de acontecimentos que, por vezes, ocorrem simultaneamente, expressando assim suas próprias durações e significados, como pode ser observado nas representações evidenciadas na Figura 14.

Figura 14. Cursos de vida, encontros e possibilidades



Fonte: Elaboração do autor (2021)

Neste sentido é preciso considerar os desdobramentos e efeitos dos acontecimentos de forma contextualizada para que sejam entendidas as transformações causadas, culminando então nas demarcadas transições, que por sua vez apresentam um duplo processo, uma vez que engloba tanto as dimensões dos acontecimentos, bem como incorpora as mudanças biológicas próprias dos sujeitos; mudanças estas que engendram significações e marcos sociais para cada indivíduo (CARRANO, 2008, 2011; HUTCHISON, 2011).

No caso das trajetórias estudadas nesta tese, das mulheres que vivem com HIV/AIDS em Presidente Prudente e são atendidas pela APPA (Associação Prudentina de Prevenção à AIDS), os acontecimentos comuns que representaram inflexões nas suas trajetórias de vida

são: escolaridades inconclusas, gravidez indesejada/não planejada, saída da casa dos pais, casamento, prostituição, separação, violência doméstica, maternagem, chefia de família, diagnóstico do HIV/AIDS, entre outros.

Ao partirmos do princípio do devir, as transições devem ser consideradas tal qual os acontecimentos que as provocam, visto que as transições também podem ocorrer de modo simultâneo estando consonantes a diferentes dimensões dos sujeitos. Segundo Hutchison (2011), as transições, em primeira instância, estão “[...] relacionadas à vida familiar: casamentos, nascimentos, divórcios, novos casamentos, mortes. Cada transição muda os status e papéis da família e geralmente é acompanhada pelas saídas e entradas dos membros da família⁴⁷” (HUTCHISON, 2011, p. 15, tradução nossa), o que pode despertar a constituição de outras facetas no processo de construção da identidade dos sujeitos sociais (BLANCO, 2011).

O fato é que as transições alteram o status que os sujeitos tinham como pré-estabelecido, o que gera um processo de ressignificação, fazendo com que o outrora conhecido surja como novo e/ou transformado. Também são características das transições as consequências de longo prazo, que podem manter influências nas transições subsequentes, bem como não se restringirem estritamente aos sujeitos que as experienciam diretamente, como nos explica Blanco (2011), ao trazer o exemplo da maternidade na juventude, uma vez que esta

pode marcar fortemente não apenas outras trajetórias próprias - como escola e trabalho - mas a dinâmica da família de origem e mesmo as trajetórias futuras do próprio filho da mãe adolescente. Assim, esse princípio postula que as repercussões de uma transição ou sucessão de transições no desenvolvimento de uma pessoa são contingentes e dependem de quando ocorrem em sua vida⁴⁸ (BLANCO, 2011, p. 14, tradução nossa).

Os elementos destacados por Blanco (2011) são de extrema importância para que dimensionemos a complexidade que envolve a vida das pessoas, uma vez que é necessário interpretar de forma profunda como estas reviravoltas se mantêm e se organizam sob a conformidade do Espaço-tempo, Conteúdo e Agência e, como estas conformidades entendidas como contexto geográfico redirecionam e condicionam o que acontece e o que vem depois. A confluência destas modificações perpetuadas a longo prazo expressa o que se

⁴⁷ “[...] relate to family life: marriages, births, divorces, remarriages, deaths. Each transition changes family statuses and roles and generally is accompanied by family members’ exits and entrances” (HUTCHISON, 2011, p. 15).

⁴⁸ “[...] puede marcar fuertemente no solo otras trayectorias propias – como la escolar y la laboral – sino la dinámica de la familia de origen e incluso las futuras trayectorias del propio hijo de la madre adolescente. Así, este principio postula que las repercusiones de una transición o una sucesión de transiciones en el desarrollo de una persona son contingentes y dependen de en qué momento de su vida ocurren” (BLANCO, 2011, p. 14).

é compreendido como trajetórias de vida, uma vez que estas elucidam padrões de estabilidades que derivaram das múltiplas transições ocorridas (HUTCHISON, 2011).

3.2. Agora é que são elas⁴⁹ ... mas, quem são elas?

Neste momento se coloca um grande desafio, o de realizar uma interpretação que projete os sentidos, as histórias e narrativas das mulheres em um horizonte mais amplo e articulado, - o contexto geográfico - tendo a compreensão de que os percursos biográficos “não se definem apenas pelas condições objetivas, mas também pelos fatores subjetivos que configuram as ações individuais, como os projetos, representações sociais e valores compartilhados que orientam as ações dos sujeitos ao longo da vida” (LEÃO; CARRANO, 2013, p. 897).

Este processo é compreendido enquanto uma singularização interpretativa que se mantém calcada em interações relacionais alargadas, que não perdem de vista os inúmeros atravessamentos que os sujeitos sociais sofrem, produzem e consomem ao longo da vida (DUFF, 2016; PAIVA, 2017), ou seja, não perde as dimensões geográficas contextuais de seu ser/existir em realidades que conectam o particular e o universal. Neste sentido, Martucelli (2010) reforça que é preciso entender a fundo o processo de individuação, uma vez que este parte

[...] de um conjunto de testes estruturais comuns a todos os membros de um grupo, mas de posições diferentes e através de experiências diferentes. Os testes são desafios históricos, socialmente produzidos, culturalmente representados, desigualmente distribuídos, que os indivíduos são obrigados a enfrentar dentro de um processo estrutural da individuação⁵⁰ (MARTUCELLI, 2010, p. 21, tradução nossa).

Deste modo, as contribuições de Martucelli (2010) apresentam as complexidades, as instituições e as relações que os sujeitos estabelecem em seus processos históricos e identitários. São contribuições válidas para interpretarmos a realidade experienciada pelas mulheres que vivem com HIV/AIDS, uma vez que nos preocupamos com os processos estruturais que reverberam consequências diretas e indiretas no cotidiano de cada uma delas. Estas preocupações partem da perspectiva geográfica aqui proposta, visto que a

⁴⁹ Referência à música “Agora é que são elas” interpretada por Lenine. Autoria de Lenine e Dudu Falcão.

⁵⁰ “[...] desde un conjunto de pruebas estructurales comunes a todos los miembros de un colectivo, pero desde posiciones diversas y a través de experiencias disímiles. Las pruebas son desafíos históricos, socialmente producidos, culturalmente representados, desigualmente distribuidos, que los individuos están obligados a enfrentar en el seno de un proceso estructural de individuación” (MARTUCELLI, 2010, p. 21).

compreendemos como a “[...] relação e o conjunto de relações, entendidas em seus imbricamentos com o texto e o contexto, que são capazes de revelar o movimento do real, transpondo ao pensamento como objeto pensado” (SILVA, 1992, p. 108). É por estarmos ancorados nestas questões que acreditamos ser preciso nos aprofundarmos sobre como se realizam os modos espaciais de existência destas mulheres através de seus cursos de vida.

Interpretar as realidades experienciadas pelas mulheres se torna uma ação bastante audaciosa, visto que se dispõe a articular através de saltos qualitativos diferentes histórias particulares que apresentam processos, acontecimentos e encontros, que mais cedo ou mais tarde denotam semelhanças (MARTUCELLI, 2010) nos contextos geográficos vividos. Essa compreensão se torna cognoscível a partir da noção de geração enquanto contribuição teórica e analítica, que segundo Turra Neto (2014) constitui “[...] um conceito espacial e temporal, sendo o espaço tomado como o contexto concreto de realização das interações (sociais e espaciais) que formam a identidade de respostas com as situações do presente” (TURRA NETO, 2014, p. 321), de modo que a geração remete aos sujeitos e suas épocas, que são circunscritas em seus processos identitários por meio dos códigos culturais que carregam consigo ao longo da vida.

Por este caminho, destacamos que as mulheres que participaram da pesquisa compõem duas gerações distintas que viveram suas infâncias e juventudes durante as décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990, anos nos quais residiram no município de Presidente Prudente e/ou em municípios da região, em áreas rurais e urbanas, durante as etapas de vida que estão sendo compreendidas como infância e juventude. Ambas as periodizações são construídas a partir de marcadores que norteiam a compreensão de fenômenos mais amplos, como por exemplo, o processo de transição entre uma etapa de vida e outra, ou mesmo, o encontro destas mulheres com a sorologia positiva para o HIV/AIDS, como será visto mais adiante.

Posto isso, fica expressa a necessidade de retomar a palavra em primeira pessoa do singular, para que assim seja efetivada a proximidade das vivências presenciadas por meio da interação direta com as participantes. Também é válida uma nova notificação as(os) leitoras(es), neste caso, a de que as narrativas individuais estão divididas em três momentos expressivos de seus cursos de vida (1. Desde a infância até o diagnóstico do HIV/AIDS; 2. Situações pós-diagnóstico até o encontro com a APPA; e 3. Experiências produzidas a partir da interação em grupo), de modo que permeiam os capítulos que seguem. As(os) leitoras(es) têm a abertura de escolha para contato, visto que é possível saltar os capítulos e lê-las individualmente ou mesmo seguir as retomadas aqui propostas.

Assim sendo, cabe lembrar que este movimento é uma performance discursiva e de linguagem, que assume o compromisso de tornar as observações e interpretações o mais vívidas possível, para que assim as(os) leitoras(es) possam sentir as palavras e seus tons, os movimentos, os acontecimentos e seus mais finos gestos apreendidos na interação que os produziu em contextos geográficos.

3.2.1. Entre o amargo e o doce: as memórias narradas de Tammie

De antemão, é importante dizer que a história compartilhada por Tammie apresenta uma riqueza muito grande e é detentora de características bastante peculiares que, por sua vez, trazem para a arena de debate diversos elementos que contribuem para a discussão geográfica, visto que evidencia inúmeros acontecimentos, trajetórias e transições, no tempo e no espaço, que marcaram o curso de vida de Tammie.

Quando entrevistei Tammie, ela tinha 58 anos de idade. É natural de Santo Anastácio - região de Presidente Prudente, SP -, tendo residido na zona rural por toda sua infância; período no qual acessou a educação básica que infelizmente não fora completada. Tais informações contribuem para o entendimento primeiro sobre a história de vida de Tammie ao ponto que dão seguimento interpretativo às narrativas que se encontram mais próximas do presente, visto que ela se autodeclara como uma mulher parda, heterossexual, divorciada e evangélica.

Para além destas características é preciso destacar que Tammie também vivencia a maternagem como mãe de uma única filha, fruto de um curto relacionamento quando ainda muito jovem. Já em relação às questões trabalhistas, exerceu diferentes ações ao longo da vida, como por exemplo, o trabalho rural presente em sua infância, bem como a atuação operária em indústrias e o exercício da prostituição durante a vivência de sua juventude na grande São Paulo. Atualmente, desfruta da condição de usuária do Benefício de Prestação Continuada (BPC)⁵¹ que perfaz sua principal fonte de renda e assim garante os subsídios ligados à sua manutenção como água, luz, alimentação e moradia, já que reside sozinha em uma casa alugada na cidade de Presidente Prudente.

⁵¹ “O Benefício de Prestação Continuada (BPC) regulamentado pela Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS (Lei Federal Nº. 8.742, de 07 de dezembro de 1993) é um benefício assistencial não-contributivo, não-vitalício, individual e intransferível garantido pela Constituição Federal de 1988 (artigo 203, inciso V). Consiste no pagamento de um salário-mínimo mensal a pessoas com 65 anos de idade ou mais e a pessoas com deficiência incapacitante para a vida independente e para o trabalho que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção e nem de tê-la provida por sua família” (BRASIL, 2020, p. 03).

Estas descrições a respeito de Tammie trazem elementos preponderantes para o início das interpretações sobre sua história de vida, uma vez que estas se somam às impressões e partilhas que foram construídas ao longo dos encontros. Lembro-me que a primeira impressão que tive de Tammie foi um tanto curiosa, pois ela pouco se manifestava, tendo sempre ações introvertidas com olhar bastante atento. Essas primeiras impressões não se mantiveram em sua totalidade, visto que, ao longo da convivência pude me aproximar melhor e tomar conhecimento de sua sinceridade, simpatia e alegria de viver, isso na mesma proporção em que me foi apresentada sua história.

A relação de aproximação e entrosamento foi estabelecida com Tammie aos poucos, sendo estas realizadas inicialmente durante os encontros semanais. Isso permitiu que fosse criada uma afinidade mínima de caráter crescente, proporcionando assim condições para que ela compartilhasse sua história de vida comigo em dois diferentes momentos, o que me permitiu a imersão na realidade narrada por Tammie tendo como primeiro foco os anos iniciais de sua vida.

Como destacado anteriormente, Tammie experienciou sua infância na zona rural de Santo Anastácio - SP, e sobre estes aspectos foram destacadas vivências marcantes que emergiram por meio das raras memórias sobre esta etapa de vida. Ao tratar sobre esta dimensão, Tammie rememorou lembranças relativas à escola rural em que estudou e o quão oneroso era o trajeto, já que este se realizava por longas caminhadas diárias, como ela mesma comenta.

*Eu até nos meus doze anos morei em um lugar que só tinha mato, e para mim estudar, eu tinha que andar praticamente umas duas horas... eu andava bastante a pé, era umas duas horas andando. Então, eu só sei que essa mata era bastante grande, mas naquele tempo... (pequena pausa). E aí a gente tinha que atravessar a mata toda, toda pra chegar na escola que era daquele outro lado. Da escola que eu me lembro é que minha professora se chamava 'V', acho que ela tinha uns vinte e sete anos... não sei, mas ela já era uma mulher formada, porque ela já era professora (**Tammie**, 2018).*

Ainda tratando dos primeiros momentos da infância, estiveram presentes em suas narrativas lembranças ligadas aos laços familiares, especificamente, a relação com seus pais permitindo a ela destacar que **o convívio com o pai não era bom, uma vez que este foi um homem de pouco contato e, às vezes violento, diferente de sua mãe, a qual se referiu com palavras de carinho e apreço em diferentes passagens** (Diário de campo, 01 de novembro de 2018).

Neste ínterim, houve destaque para as memórias atinentes à gestão da família, sobretudo, no que concernia ao trabalho desempenhado na lavoura; ações estas das quais Tammie pouco participou quando comparada a suas 4 irmãs e 2 irmãos, isso pelo fato de ser muito jovem naquele tempo. Contudo, desempenhava funções ligadas aos cuidados gerais da família, como por exemplo, a limpeza da casa, preparos das refeições e mesmo a lavagem das roupas que, por sinal, eram realizadas a mão em uma nascente próxima a sua casa. Essas ações ligadas ao espaço doméstico por si só expressam a divisão sexual do trabalho vivido no âmbito familiar (BOURDIEU, 1995). Deste modo, os aspectos destacados acerca das vivências de Tammie ambientam e contribuem para a compreensão de um contexto geográfico vivido na zona rural em meados da década de 1960 em um pequeno município do interior paulista.

Ainda sobre esta realidade, é preciso destacar que estas experiências de Tammie se estenderam até o início de sua juventude, já que na época passou a residir com sua irmã em Presidente Prudente, para ajudá-la com a filha recém-nascida. Deste modo, Tammie passou a residir na cidade, especificamente, na Vila Formosa como ela mesma relata:

Ela (irmã) morava na Vila Formosa, e de frente ficava o Lar Santa Filomena, naquele tempo era aqui, isso era 1976, eu tinha dezesseis anos. Você é bem jovem... mas naquela época o Lar Santa Filomena era na Vila Formosa, depois que mudou porque Presidente Prudente cresceu e por aí foi (Tammie, 2018).

Esta passagem narrada por Tammie traz inúmeros elementos que contribuem para a compreensão do contexto geográfico que se transformou conforme sua mudança, em que sua trajetória se conecta agora à trajetória da família da irmã, o que implicou em alterações nas realidades de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência experienciadas por ela. As memórias evocadas por Tammie evidenciam aspectos e acontecimentos históricos característicos da época, que contribuem para o entendimento sobre o que foi a cidade de Presidente Prudente na década de 1970. Sob esta questão, cabe destacar que neste período houve o significativo registro de migrações oriundas do êxodo rural, o que fez com que a população migrante ocupasse, principalmente, as periferias da cidade, fomentando a expansão da área urbana (SPOSITO, 1983).

Ao vivenciar este contexto geográfico, houve mudanças que redirecionaram a trajetória de Tammie, de modo que agregou outros horizontes ao seu campo de possibilidades (CARDOSO, 1995), pois passara a ter o início de suas experiências juvenis na cidade, mesmo tendo inúmeras limitações como ela própria destacou ao relatar sua realidade simples:

E por ser aquela menina que tinha só um vestido, que não tinha roupas bonitas, porque eu não tinha, e eu sempre era aquela menina... (Tammie, 2018).

O breve relato de Tammie expressa a realidade que experienciou durante sua infância e início da juventude, que de fato foi vivida com muitas dificuldades, sobretudo, as de caráter econômico. Este foi um dos principais motivos que direcionou Tammie a mudança, ou melhor dizendo, para a emergência de acontecimentos que trouxeram a ela novas perspectivas, isso decorrente do “fato de essas forças serem móveis, instáveis, heterogêneas e de sua confrontação ser inevitavelmente tensa, desequilibrada e de realizar-se em espaço aberto, torna a sua organização caleidoscópica, mutante, com propensão ao caos” (WEINMANN, 2003, p. 55), que aos poucos se organiza e paulatinamente consolida uma nova trajetória que tende a se estabilizar e permanecer em sua vida.

Este processo aconteceu algumas vezes na vida de Tammie de forma bastante demarcada, como por exemplo, sua mudança para a cidade de São Paulo que lhe possibilitou o acúmulo de algumas experiências de vida trilhadas durante sua juventude. Nesta época Tammie tinha 19 anos de idade, e tendo o aval positivo de sua família foi residir com uma de suas irmãs em busca de trabalho, sobretudo, os que eram ofertados nas grandes fábricas como ela mesma destaca:

Eu fui em 1979 para São Paulo no mês de março, eu só não me lembro, só não me recordo a data agora. Na época encontrei com as minhas primas quando eu cheguei em São Paulo na Estação da Luz que existe até hoje, e elas estavam me esperando porque eu não conhecia a cidade. Bom, voltando lá nas fábricas, aí fui trabalhar, fui trabalhar... (Tammie, 2018).

Como é possível observar, Tammie traz em sua memória elementos que marcam uma nova trajetória de vida, que por sinal esteve marcada pelo trabalho, mas também apresentou outros acontecimentos atrelados à vivência juvenil que lhe era possível, como por exemplo, o início de um relacionamento afetivo. Neste âmbito, cabe destacar que ao tratar sobre esse assunto Tammie manteve certa empolgação mesmo que não tenha sido mencionado outras práticas para além do trabalho e este relacionamento em sua juventude. Esta dinâmica se transformou quando fora lembrado o desfecho deste efêmero namoro, que culminou em uma gravidez indesejada e no consequente abandono por parte de seu companheiro, fazendo com que o relato de Tammie fosse registrado por sua voz diminuída e embargada.

Sem dúvida este acontecimento gerou novas significações na trajetória de vida de Tammie, a nível de ser considerado enquanto um ponto de inflexão (HUTCHISON, 2011), uma vez que houve a decisão de prosseguir com a gravidez; ação esta que foi respaldada pela sua família, principalmente, por seus pais que, mesmo distantes, atuaram enquanto rede de apoio. Este não foi um período fácil na vida de Tammie, visto que os desdobramentos deste

acontecimento ocorreram de forma precária, destacando o fato de que não foi realizado o acompanhamento da gestação até o momento do nascimento de sua filha.

Acertadamente, a realidade vivida por Tammie se reconfigurou adentrando um longo processo de transição ao qual foram agregados outros valores e significados (BLANCO, 2011), em outras palavras, se consolidava a organização de outro contexto geográfico. Após o nascimento de sua filha Tammie decidiu continuar vivendo em São Paulo, o que se tornou bastante complexo visto que as pessoas que tinham disponibilidade de auxílio se encontravam muito longe. Esse foi um elemento substancial para as decisões que foram tomadas, dado que a criação de sua filha foi efetuada pelos avós no interior do estado.

Ao apresentar estes elementos de seu passado, Tammie expressou muita indignação pelo fato de ter sido abandonada grávida pelo namorado e sem condições materiais de criar sua filha onde residia. O empenho de suas palavras evocou um amargor intenso, manifestado pela revolta por estar condicionada a esta realidade de privações que serviram a ela enquanto justificativa para ter adentrado o ramo da prostituição, como me relatou:

Porque tive a minha filha, depois me revoltei e entrei na prostituição porque eu trabalhei pouco nas firmas (Tammie, 2018).

Quando Tammie narrou esta passagem fiquei a pensar não somente no acontecimento em si, mas no conjunto que conglomerava a multiplicidade destes junto a seus respectivos desdobramentos (ANDERSON, et. al., 2012), o que inclui a dimensão de sua escolha e o sistema opressivo que a condiciona a “[...] pressões, interpelações e constrangimentos que não são necessariamente percebidos como tal” (BIROLI, 2013, p. 82). Tais conjunturas, de diferentes formas a vulnerabilizaram enquanto sujeito social e fizeram dela mais uma vítima da exploração sexual no Brasil (BRASIL, 2011). Esta foi uma realidade que Tammie vivenciou por cerca de 18 anos, possivelmente sendo a trajetória mais duradoura de sua vida.

Tammie tratou sobre suas experiências na prostituição de forma muito franca e aberta, de modo que era nítido em seus relatos todas as dificuldades enfrentadas enquanto garota de programa durante as décadas de 80 e 90. Em suas narrativas, Tammie destacou alguns pontos bastante expressivos como o envolvimento afetivo com seu agenciador, as experiências adquiridas na rua, o uso abusivo de álcool e também uma nova gestação que resultou em um aborto espontâneo. É importante dizer que estes momentos relatados por Tammie foram realizados em um tom de voz bem baixo, quase que cochichando, o que expressou a meu entender a seriedade de tais informações.

As memórias evocadas por Tammie apresentaram uma complexa trama de acontecimentos que ocorreram ao longo de sua vida, sobretudo, os que estão ligados ao período em que residiu na cidade de São Paulo quando jovem. Como mencionado anteriormente, foram diversas as situações que ela vivenciou no exercício da prostituição, e dentre estas várias houve uma nova que se colocou enquanto um ponto de inflexão: a descoberta do HIV/AIDS. Este foi um episódio bastante abrupto na vida de Tammie, dado o fato de que sempre teve a ideia do HIV/AIDS ser apenas “coisa da televisão, de artistas e pessoas importantes”, ou seja, algo que fosse distante do “eu” enquanto possibilidade (JOFFE, 1995). Foi por meio do rompimento dessa lógica que Tammie tomou conhecimento sobre a possibilidade de infecção, uma vez que tal foi anunciada por um ex-cliente que lhe contou a recente descoberta sobre sua condição sorológica, como pode ser observado no relato que segue:

E esse rapaz chegou lá querendo o programa, mas ele estava com HIV e não sabia, e nisso a gente foi e eu sai com ele [...] Esse rapaz vendia fruta na avenida, ele era bem ‘simprão’, uma pessoa bem simples, uma pessoa humilde, ele saiu do Rio Grande do Sul pra tentar a vida aqui em São Paulo, e ele tinha saído com uma mulher que era da Cruz Vermelha, desse movimento da Cruz Vermelha. Ele me contou mas foi depois de tudo... que foi a mulher que tinha. Foi a mulher que passou pra ele, e ele não sabia e saía comigo, e passou pra mim em 1997, foi quando eu descobri (Tammie, 2018).

E continua dizendo...

Quando eu descobri que eu tinha HIV, a minha irmã, a ‘M.S’ trabalhava de doméstica... e eu simplesmente liguei pra ela e falei: ‘Oh, eu estou aqui na Santa Casa de São Paulo, eu fiz o teste e a moça disse que eu estou com HIV’, e aí a minha irmã disse: ‘Não... coragem, para de chorar, eu conheço amigas minhas que são casadas e que também tem’. Eu só chorei naquele dia, quando eu recebi a notícia! (fala assertiva e sincera) Depois, em São Paulo nos Campos Elíseos tinha um postinho tipo o que a gente vai aqui no DST/AIDS, e tinha uma médica que chamava ‘S’... e eu estava bebendo e ela foi conversando na primeira consulta e ela foi falando assim: ‘Tammie, a senhora agora corre este risco, aquele risco’ e foi listando, e eu ficava pensando que não ia combinar porque na data que eu descobri eu já comecei a tomar o remédio, o retroviral e o coquetel (Tammie, 2018).

A passagem relatada por Tammie apresenta o momento da irrupção de sua cotidianidade, ao modo que trouxe consigo uma gama de sentidos, simbologias e discursos que criaram condições de entendimento, bem como viabilizaram a visualização de alguns desdobramentos possíveis (FRANÇA; LOPES, 2017, p. 76). O consequente diagnóstico do HIV/AIDS para Tammie foi algo muito intenso, a tal ponto de fazer com que ela repensasse sobre sua vida, sobre as suas possibilidades, em outras palavras, houve uma reavaliação dos

elementos que dispunha e o que era desejado enquanto perspectiva de futuro. Deste modo, a coetaneidade desses acontecimentos apontava para uma transformação do contexto geográfico até então vivido.

3.2.2. Os (re)nasceres da fênix: a história de Del Rio

A história de vida de Del Rio traz uma narrativa interessante e potente que se realizou de forma rizomática, evocando consigo uma série de acontecimentos e transições que remontam diferentes rumos trilhados, ao mesmo tempo em que também explicitou as diferentes condições que se transformaram e contribuíram para aquilo que tenho compreendido enquanto contexto geográfico.

Del Rio foi⁵² uma mulher que, desde seu nascimento residiu em Presidente Prudente – SP. Em sua construção alcançou o Ensino Fundamental que não fora completado. Na época em que aconteceram as atividades de campo (observações participantes e registro das histórias de vida) ela tinha 61 anos e residia com sua filha mais nova em casa própria, localizada em uma área periférica da cidade. Del Rio foi mãe de 5 filhos - quatro mulheres e 1 homem - tendo a viuvez feito parte de suas trajetórias, também participou ativamente da criação/formação de alguns de seus netos, e se autodeclarava como parda, heterossexual e evangélica. Tinha como condição recente sua aposentadoria, fruto de anos trabalhados como doméstica e, ocupava o cargo de cozinheira chefe da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA).

Del Rio se definia como uma mulher batalhadora, perseverante e de muita força, que sempre esteve disposta a encarar as provas estruturais (ARAÚJO; MARTUCELLI, 2010) com as “ferramentas” que dispunha. A primeira imagem que transmitia às pessoas que se aproximavam dela era a de uma mulher fechada, extremamente rigorosa com suas relações, de pouco contato e que priorizava certo distanciamento em posição de desconfiança e defesa. Esta foi a primeira impressão que tive. No entanto, isso foi se modificando a partir das interações que construímos ao longo da convivência semanal, em que pude perceber outras dimensões que Del Rio fazia questão de não apresentar de imediato.

⁵² Aqui emprego o tempo passado ao se referir a Del Rio devido ao fato da mesma ter falecido no início de agosto de 2020. Este acontecimento chocou a todas(os) que dela eram próximas(os), uma vez que esta situação ocorreu de forma inesperada em decorrência da pandemia da COVID-19. Destacado isso, registro de forma manifestada todo nosso respeito, carinho, afeto e amizade que foram construídas no decorrer das vivências cotidianas.

Cabe destacar que as interações diretas com Del Rio - realizadas em dois momentos - foram extremamente ricas, tanto que trouxeram inúmeros elementos à tona, resgataram fatos e acontecimentos que tornaram minha compreensão mais ampla sobre a história de Del Rio anteriormente imaginada. Em seu movimento de individuação Del Rio evocou diferentes elementos, ora felizes, ora tristes, estando estes pautados nas dimensões reflexivas do passado e do presente, sempre regulados pelas evocações de memórias (TEDESCO, 2001).

Lembro-me que comecei nossa conversa abordando as questões da infância de modo geral, para que assim fossem acionadas as memórias, que consequentemente trariam as vivências em uma linha temporal crescente. No entanto, o início da fala de Del Rio me causou certa estranheza, dado que ela alegou não se recordar bem dessa etapa da vida, relatando que somente se lembrava dos quatorze anos em diante. A princípio desconfiei sobre uma possível resistência em tratar especificamente desta parte de seu passado, pois todas as vezes que dizia não se lembrar direcionava o olhar para o chão ou para os cantos, mantendo o tom de desconversa e sempre redirecionando o assunto.

Mesmo eu achando isso diferente continuamos o diálogo, e em seu decorrer surgiram inúmeros pontos que me chamaram a atenção. Talvez o primeiro deles seja a memória ligada à figura paterna que apareceu em primeira instância, ora expressa pela ausência em decorrência do trabalho, ora correlata aos episódios associados à bebida alcoólica, que assim registravam situações de aproximação, afeto e também de conflito.

Essas estruturas e condições criaram alguns significados, sobretudo ao que está ligado à forma como ela foi criada junto a seus 8 irmãos(os). Neste ínterim, Del Rio salientou a divisão do trabalho que, majoritariamente, esteve pautada sobre as questões de gênero destacando o fato do pai não permitir que as filhas trabalhassem e saíssem de casa. Isso abriu a possibilidade de entendimento de que havia condicionamentos ligados à dependência financeira, como também relacionados à gestão de espaços públicos e privados para Del Rio e suas irmãs. Estas condições eram sustentadas por argumentos semelhantes à “Lugar de mulher é em casa!”, estes mantidos enquanto “lei” que se concretizava a base de muito rigor e até mesmo de violência por parte do pai.

Essas formas de estruturação de certo modo condicionaram as vivências posteriores de Del Rio, principalmente as que estiveram ligadas à sua efêmera e precária experiência juvenil (CARRANO, 2008), já que se casou quando tinha 18 anos de idade, passando então a residir na cidade de Presidente Prudente em 1975, especificamente, em uma casa alugada na Vila

Marcondes, zona leste da cidade - além da linha do trem⁵³. Neste âmbito, um fato bastante intrigante é que esta relação generificada de forma patriarcal foi perpetuada durante seu namoro e casamento, já que seu marido também não permitia que trabalhasse, fazendo com que Del Rio vivesse sua mocidade em prol dos cuidados dos filhos e da casa. Isso contribuiu para o entendimento de que essa realidade não está somente ligada ao plano individual de Del Rio, mas também ao contexto geográfico em que ela viveu este momento de sua vida, o que por si só dizia muito sobre seu campo de possibilidades, considerando que existiam costumes e tradições que configuravam a geração a qual Del Rio pertenceu enquanto jovem, ou seja, uma realidade atravessada pelas diferentes questões de gênero, classe e nível educacional.

Nestas condições, Del Rio permaneceu por 10 anos, nos quais esteve casada e cuidando de seus filhos. No entanto, houve acontecimentos que reconfiguraram sua vida, que até então era caracterizada como estável; especificamente, foram momentos que se estenderam e se organizaram enquanto transições (BLANCO, 2011), como por exemplo, a traição de seu marido e o consequente divórcio.

A traição... Ele (ex-marido) também tocava em banda. Eu devia ter continuado, mas eu não aceitei a traição, porque me tirar da minha casa para depois fazer isso?! Aí depois veio as conversas do pessoal falando as coisas, que via ele com outra, e ele começou a dormir fora de casa. Aí eu não aceitei... (Del Rio, 2018).

Esta foi uma - entre tantas - situação aguda na vida de Del Rio, dado o destaque que fez ao relatar **como foi se divorciar com cinco filhos pequenos estando desempregada e sem ajuda da família. Del Rio relatou ter sentido raiva de sua mãe pela ausência de ajuda em momentos críticos, porém, disse que se arrependeu e, posteriormente a agradeceu pela atitude, visto que enfrentar tal dificuldade a fez ser quem ela é hoje, a mulher que é hoje** (Diário de campo, 02 de agosto de 2018).

Os relatos de Del Rio sempre colocaram todas(os) a refletir, inclusive eu, que fiquei a pensar no ocorrido imaginando a situação de uma mulher que se autodeclara parda, com cinco filhos pequenos, divorciada, desempregada e sem uma rede de apoio. Del Rio enfrentou todas estas dificuldades em uma realidade conservadora e tradicionalista repleta de “[...] padrões que derivam das formas socialmente estruturadas de opressão, sobretudo os padrões das desigualdades que se cristalizam e reproduzem [...]” (BIROLI, 2013, p. 90) limites a autonomia e poder ação dos sujeitos.

⁵³ É importante dizer que a Vila Marcondes representa uma vila operária separada do centro principal e mais dinâmico da cidade pela linha férrea. Linha que foi se consolidando ao longo do processo de estruturação urbana de Presidente Prudente, como uma barreira espacial que demarcava apartações no espaço urbano. Morar na Vila Marcondes neste sentido, significava, em muitos casos, residir numa porção da cidade caracterizada pela pobreza.

Mesmo frente a várias adversidades Del Rio continuou buscando por um ponto de equilíbrio, que garantisse criar condições de retomada. Neste momento, manteve a fé e buscou por trabalho, o que permitiu a ela oferecer condições básicas para a criação de seus filhos, ainda que com muitos sacrifícios e dificuldades para manter uma casa sozinha. Estas ações reverberaram em contestações, sobretudo as de seu pai, que não aceitava o divórcio da filha, pois entendia tal situação como desonrosa e vexatória para a família.

Del Rio seguiu esta trajetória de vida quase sem apoio, seu único ponto de referência foi a religião da qual participava ativamente na regência da igreja, que ao longo do tempo serviu enquanto padrão dimensionador das diretrizes de sua vida. A vivência religiosa de Del Rio, especificamente, na posição de regente da igreja trazia a ela certo protagonismo e reconhecimento dentro deste coletivo, o que corroborou para que ela explicitasse em diferentes momentos tal importância, como a reflexão que segue:

[...] Eu era regente e sempre tinha que estar lá, quase vinte e quatro horas por dia, mas tinha a família também. Hoje eu acho que pra louvar a Deus você não precisa virar beata e morar dentro da igreja (Del Rio, 2018).

A vivência da religião mediada pela igreja evangélica permitiu, na época, a Del Rio se organizar frente à realidade que havia se transformado em seu plano individual. Deveras, a religião e mesmo a igreja enquanto espaço institucional serviram como ponto de apoio para a continuidade da vida de Del Rio, isto porque “a atividade simbólica modela o mundo em dimensões de experiências que realiza o ser. Sendo construtora das cosmovisões, a religião, estrutura mundos de significados e organiza o devir” (PEREIRA; GIL FILHO, 2012, p. 43), assim construindo o sagrado. Foi neste movimento que Del Rio permaneceu obstinada por cerca de 8 anos, se dedicando exclusivamente à religião e aos filhos. Particularmente, entendo que isso tudo emergiu enquanto consequência de Del Rio ter vivido a experiência da traição, gerando um grande ressentimento decorrente da separação e tudo o que isso causou a ela e a seus filhos.

Em distintos momentos dos relatos, Del Rio registrou o não interesse em se relacionar novamente devido às preocupações, medos e traumas já destacados, mas foi nesta realidade específica da igreja, após vários anos, que Del Rio conheceu outro parceiro e assim construiu um novo relacionamento, dentro dos preceitos religiosos que seguia. Passado pouco tempo de relacionamento foi oficializada a união que, teve uma curta duração em decorrência do falecimento do parceiro 11 meses após o casamento. Este acontecimento se desdobrou numa série de reverberações, visto que a morte do companheiro revelou sua sorologia para o HIV,

uma vez que o falecido foi usuário de drogas injetáveis (UDI) por um longo período da vida; realidade esta que nunca havia sido anunciada a Del Rio.

3.2.3. “Aí eu fui pro mundão, pra vidona”: as contações de Alyssa

É de praxe que todas as boas histórias tenham elementos que interessem e chamem a atenção de seus leitores/ouvintes. A história evocada pelas narrativas de Alyssa atende em inúmeros aspectos essas expectativas, uma vez que retrata distintos acontecimentos que, marcadamente, confluem e conflitam durante seu curso de vida. São esses movimentos que se encontraram constituídos pelos sonhos, desejos, ações e reações que compuseram o campo de possibilidades de Alyssa em cada contexto geográfico experienciado.

Posto isto, é necessário evidenciar que Alyssa é uma mulher de 53 anos de idade (quando entrevistada), que nasceu no município de Santo Anastácio, - localizado aproximadamente a 30 km de Presidente Prudente, SP -, no qual residiu por toda sua infância e parte da juventude que também fora vivenciada em Piquerobi, SP. Isso por si só expressa como se estruturaram as diferentes trajetórias de vida de Alyssa a partir de sua realidade rural, bem como as interações posteriores com diferentes cidades. Esses elementos expressam conjuntos básicos que se mantiveram em movimento, e que assim configuraram algumas dimensões da vida de Alyssa, como por exemplo, a escolarização fundamental que não foi finalizada.

Ainda sobre as características de Alyssa, é preciso destacar que ela se autodeclara como uma mulher branca, heterossexual e evangélica, em estado civil de viuvez desde os 26 anos de idade. Além destes atributos ela também é mãe de três filhos - 2 mulheres e 1 homem -, sendo sua primogênita fruto de outro relacionamento. No que se refere a renda e trabalho, Alyssa em distintos momentos de sua vida, desempenhou atividades que se alternaram e se complementaram, exemplo disso são: o trabalho rural e o exercício da prostituição, como ela mesmo relatará adiante. Atualmente, Alyssa desfruta da condição de aposentada, reside sozinha em uma casa alugada em Piquerobi - SP, o que permite a ela deslocamentos diários e/ou semanais, uma vez que este município se localiza a aproximadamente 40 km de distância de Presidente Prudente.

Alguns destes elementos contribuíram para a interpretação e entendimento inicial sobre as vivências de Alyssa, que desde o início se colocou enquanto uma pessoa de presença, sensível e de boa comunicação. Estas foram minhas primeiras impressões, que de certo modo não estavam erradas, mas que se aprofundaram a partir das relações que foram construídas

após o retorno efetivo de Alyssa ao grupo. Minha aproximação direta com Alyssa se realizou através dos encontros individuais dedicados às narrativas sobre suas histórias de vida que se realizaram em três momentos, uma vez que seus horários eram condicionados ao fato de residir em outro município.

Nossos encontros sempre aconteciam após as atividades semanais do grupo “*Plug and Play*” e tiveram em média uma hora de duração, tempo este no qual foi possível dialogar com Alyssa no movimento de construção de suas narrativas a partir das experiências de vida. Tendo isso como ponto de partida, os encontros com Alyssa foram muito produtivos e ricos, visto que iniciamos a conversa abordando primeiramente as principais memórias atinentes à infância.

Foi a partir das memórias mais distantes, vividas na segunda metade da década de 60, que Alyssa relatou sobre sua vivência na zona rural com seus pais e irmãos(os), na qual destacou aspectos positivos ligados a infância, como por exemplo, o ato de rememorar os inúmeros banhos de rio que foram tomados quando era necessário buscar água para a lavagem do chão de sua casa; memória esta que trouxe tom de saudades e bom humor. Correlato a esta lembrança Alyssa também destacou que junto aos irmãos mais jovens viveu situações ligadas ao trabalho desempenhado pela família, que basicamente consistia na produção familiar de hortaliças e frutas para a posterior comercialização na cidade.

A respeito da infância de Alyssa é importante destacar que os elementos evocados foram plurais, bem como os sentimentos e percepções trazidas acerca do que acontecera no passado. Em um segundo momento foi salientado por ela a significância da separação de seus pais e o quão isso foi prejudicial para o conjunto familiar, já que as relações ficaram praticamente inexistentes entre algumas partes. Neste momento, pude perceber que Alyssa apresentou um semblante triste que direcionava olhares para suas mãos ao tempo em que seguia destacando vivências conturbadas acerca dos episódios de violência doméstica sofridos por sua mãe.

Previamente, este conjunto de memórias apresentadas por Alyssa me auxiliou no processo de entendimento sobre a realidade que vivera em sua infância, da mesma maneira que elucidou alguns acontecimentos que foram marcantes e fizeram parte de suas trajetórias em movimento. Ao presenciar o relato de Alyssa pude perceber o grande pesar empregado para retratar o divórcio de seus pais, que se realizou sob uma série de situações delicadas, o que consequentemente apresentou reverberações em seu processo de individuação, em suma,

trata-se da violência doméstica que, na realidade de Alyssa se fez presente enquanto a materialização de opressões de distintas ordens (DALAQUA, 2020).

Posto isso, entendo que os acontecimentos destacados na fase inicial da vida de Alyssa são referentes às ocorrências presentes no cotidiano, principalmente, as que detêm poder de afetação, escolhas e desdobramentos, uma vez que elucidam a qual sociedade pertence (FRANÇA; LOPES, 2017), fazendo “[...] com que o sentido-acontecimento não exista fora da proposição que o exprime, mas, ao mesmo tempo, o coloca como o atributo lógico de um estado de coisas” (WEINMANN, 2003, p. 58).

Esta relação se realiza na vida de Alyssa de forma constante e ressignificada em diferentes momentos, uma vez que constitui as experiências que foram produzidas e desfrutadas durante sua juventude. É neste sentido que as contribuições de Alyssa elucidam sobre o que foi ser uma jovem mulher na zona rural no final da década de 70, enfatizando por meio de seus relatos os alcances do campo de possibilidades, bem como as trajetórias que foram sendo construídas. Por este motivo, cabe destacar que a juventude evocada por Alyssa foi marcada por diferentes acontecimentos que podem ser interpretados enquanto transições e pontos de inflexão (HUTCHISON, 2011), que outrora foram registrados e agora são reavivados pela memória.

Ao tratar sobre a juventude Alyssa evidencia algumas práticas que marcaram o início desta etapa como: ir até a cidade, estudar, encontrar amigas(os), passear na praça central, etc., que vão se transformando a partir das relações que Alyssa estabeleceu e conquistou dentro de sua experiência juvenil, como por exemplo, a ida à discotecas e danceterias em outros municípios. Foi nesta realidade que Alyssa viveu suas primeiras experiências para além do âmbito familiar, o que permitiu estabelecer relações outras com diferentes grupos e pessoas, que vão desde interações de amizades até seus relacionamentos afetivos, como ela mesma destaca:

Em Piquerobi. Estudando e na praça, né?! Tinha a pracinha lá, e a gente ficava dando volta na praça. Hoje em dia não tem mais isso, né?! (tom de riso) E chupando sorvete, picolé, conversando com os amigos... outras vezes ia na discoteca (Alyssa, 2018).

O breve relato de Alyssa traz uma dimensão contextual ligada a geração que se torna interessante, visto que ela mesma pontua sobre as práticas de sociabilidade que eram comuns

entre os jovens da época⁵⁴. É neste ínterim que Alyssa viveu importantes momentos de sua vida neste contexto geográfico, como por exemplo, seu primeiro relacionamento, a primeira decepção amorosa e consequentes mudanças em seu curso de vida, o que em si exprime as movimentações articuladas entre Espaço-tempo, Conteúdo e Agência.

Deste modo, se torna destacado no contexto de Alyssa as diferentes experiências adquiridas, bem como as que surgiram enquanto continuidade e/ou transformação frente à alguns acontecimentos como o fato dela ter passado a residir em Presidente Prudente em 1982, quando tinha ainda 17 anos de idade. Este acontecimento possui uma grande significância, já que tal mudança se deu pela “oportunidade” de transgredir o campo de possibilidades até então experienciado, uma vez que fora prometido a Alyssa um emprego na “cidade grande”, o que todas(os) não sabiam é que isso não era verdade, pois as ações feitas por uma mulher (conhecida da família) estavam concatenadas ao aliciamento, tráfico e exploração sexual de mulheres (BRASIL, 2011). Foi assim que Alyssa acabou adentrando o mundo da prostituição.

Alyssa relatou com bastante profundidade esse período de sua vida detalhando com especificidade os processos atinentes ao exercício da prostituição. Lembro-me que fiquei bastante impressionado com a narrativa de Alyssa, isto porque nunca havia ouvido de forma direta alguém tratar sobre esse assunto, bem como fiquei surpreso com a naturalidade que Alyssa o tratou, visto que normalmente assuntos como esses são interpretados como tabu. De fato, os relatos de Alyssa sobre o uso de bebidas alcóolicas, drogas, sexo e dinheiro foram bem intensos, o que transmitiu uma vivacidade potente como ela mesma fez questão de reafirmar:

[...] foi tudo verdade, foi tudo o que aconteceu, né?! Então foi essa a minha realidade. E a sensação é de estar falando a verdade, e isso é muito bom... a gente falar como é e não mudar as coisas da vida da gente, porque tem pessoas que vão contar certas coisas da vida e oculta porque não gosta de falar sobre a prostituição, [...] de uma coisa e outra e fica com vergonha de falar. Eu penso que a gente não pode ter vergonha de falar a verdade (Alyssa, 2018).

Este momento da vida de Alyssa teve um longo período de duração, o que permitiu a condensação de outros acontecimentos que podem ser caracterizados como pontos de inflexão e de transição, uma vez que aconteceram de forma abrupta, permaneceram por um tempo extenso e ressignificaram os valores até então concebidos (HUTCHISON, 2011). Um exemplo a ser mencionado foi sua primeira gravidez que aconteceu nos anos iniciais da prostituição, o que fez com que Alyssa reavaliasse seus próximos movimentos em decorrência

⁵⁴ As práticas destacadas por Alyssa, na época, estiveram presentes em diferentes realidades, como o que a própria viveu em Piquerobi - SP, bem como o que apresentam Valente (2005; 2006) e Souza (2013) sobre a realidade das juventudes em Presidente Prudente em diferentes décadas.

da maternagem. Esse acontecimento redirecionou a trajetória de vida de Alyssa e fez com que ela buscasse por apoio, sobretudo, de sua mãe, que foi uma importante figura nos cuidados de sua primogênita.

Sob este ponto é necessário destacar que Alyssa manteve suas atividades ligadas a prostituição, bem como sempre se fez presente na educação e criação de sua filha, desempenhando também ações ligadas a maternagem⁵⁵. Ainda sob este aspecto é preciso mencionar que em alguns momentos Alyssa se distanciou de sua filha e de sua mãe em decorrência da prostituição, visto que ela migrou para outras cidades - Sorocaba e Franca, SP - em busca de um melhor retorno financeiro, fato este que dificultava visitas constantes.

Essa situação se reconfigurou a partir do momento que Alyssa se envolveu afetivamente com um de seus ex-clientes, que com ela estabeleceu a construção de um relacionamento conturbado e duradouro, cheio de idas e vindas. A relação com seu ex-companheiro permitiu que Alyssa tivesse condições, sobretudo econômicas, de deixar o ramo da prostituição, o que também se configurou como um acontecimento importante na vida de Alyssa, tanto que ela se emocionou várias vezes ao relatar esta passagem.

Esta nova realidade permitiu a Alyssa uma imaginada ampliação no campo de possibilidades, que de fato se concretizou com a vivência do relacionamento proporcionando novamente a experiência da maternagem em relação a seus outros dois filhos. Também é preciso ressaltar que este período da vida de Alyssa foi marcado por muitos conflitos, uma vez que seu relacionamento passou por inúmeras crises que estiveram, principalmente, associadas aos recorrentes episódios de violência doméstica de caráter crônico, como relata Alyssa:

[...] aí 'nóis' não combinou mais porque eu não enfrentava ele mais, eu abaixava e ele me batia (fala pausada e pesarosa). Até que não deu certo e 'nóis' nos separamos, ele veio embora para Presidente Venceslau e eu fiquei lá em Franca (Alyssa, 2018).

Percebi ao longo de nossa conversa que as ocorrências de violência doméstica eram recorrentes no cotidiano de Alyssa, e o quão isso foi sendo agravado ao longo do tempo, tanto que se tornou algo insustentável, visto que ela também enfrentava grandes dificuldades pelo fato de seu ex-companheiro ser usuário de drogas. Foi frente a este conjunto de situações que Alyssa junto a seus filhos se afastou permanentemente de seu ex-companheiro mantendo um completo rompimento.

⁵⁵ Sobre as questões ligadas a maternagem e a prostituição no campo geográfico, cabe mencionar as contribuições de Juliana Przybysz (2017) que se dedicou à realidade de mulheres que vivem em Ponta Grossa – PR.

Esse acontecimento trouxe para Alyssa novos horizontes e também outros desafios, visto que assumira a condição de mãe solo em busca de trabalho e sustento; circunstâncias estas estruturadas pelas interseccionalidades de gênero e classe. Isso reforça e expressa que este momento - como toda a história de vida de Alyssa - requereu muita luta e ações que foram sendo construídas e perseveradas pouco a pouco, sempre com muita fé, como ela fez questão de ressaltar. Foi neste momento que Alyssa se aproximou da igreja, - manifestação da interseccionalidade religião -, o que foi uma ação muito importante para a criação e fortalecimento de redes de apoio que atuaram de forma constante em âmbitos pessoais e familiares, visto que “o exame da experiência do sagrado nos remete a um atributo imanente do sentimento religioso. Através do sentimento religioso qualificamos e reconhecemos o sagrado em sua exteriorização” (GIL FILHO, 2001, p. 70).

Neste novo contexto geográfico Alyssa buscou reestruturar sua vida junto a seus filhos com muito trabalho, exercido desta vez como trabalhadora rural, especificamente, na condição de “bóia-fria”, como ela mesma denominou. Este foi um difícil recomeço no qual os momentos de dificuldades e as situações de vulnerabilidades enfrentadas foram múltiplas, dado que um dos exemplos mais marcantes foi a descoberta de sua soropositividade para o HIV/AIDS, que se deu através do adoecimento de sua filha caçula. Esse, sem dúvida, foi um ponto de inflexão que gerou fortes impactos, pois, Alyssa enfrentava diversos problemas relacionados a saúde de sua filha devido a frequência com que ficava doente, que somente teve conhecimento de causa quando realizada a testagem e confirmada a sorologia, automaticamente, constatando também sua soropositividade, uma vez que o processo ocorreu via transmissão vertical.

3.2.4. É preciso lutar sem medo: as batalhas cotidianas de Bonet

O exemplo trazido pela história de vida de Bonet caracteriza uma realidade que realmente surpreende aquelas(es) que se dispõem a ouvi-la/lê-la, isto porque não se trata de simples ocorrências, mas de uma trama complexa, cheia de altos e baixos, de ressignificações e conquistas, batalhas e sonhos, que em conjuntos conflituosos a mantiveram em constante movimento de resistência, ora sustentado pela necessidade, ora pela fé em “viver melhor”.

Em caráter de contextualização, cabe mencionar que Bonet é uma mulher de 39 anos (quando entrevistada) que reside em Presidente Prudente desde seu nascimento, o que significa que toda sua formação enquanto sujeito se realizou de forma localmente situada (PEDROSO, 2019), neste caso na cidade. Assim, foi na construção e vivência deste contexto geográfico que

Bonet experienciou sua infância, juventude e os decorrentes processos, como por exemplo a escolarização, na qual Bonet alcançou o ensino médio de forma completa.

Mantendo o tom de caracterização, é necessário mencionar que Bonet detém experiência com a maternagem, visto que tem dois filhos - 1 mulher e 1 homem - com 20 e 11 anos respectivamente, sendo estes frutos de relacionamentos distintos. Bonet também se autodeclara como uma mulher preta, evangélica e heterossexual, que atualmente vive um relacionamento estável com seu companheiro que está privado de liberdade. Este que também é pai do seu segundo filho. No que tange às questões trabalhistas, Bonet destaca sua ocupação como diarista, o que lhe proporciona uma renda flutuante que é complementada pelo Benefício de Prestação Continuada (BPC), o que lhe permite manter atualmente a condição de gestora principal de sua família.

Esta prévia reforça a construção de Bonet em diversas facetas, que com toda sua peculiaridade se apresentou de forma muito sincera desde o início, pois já expressava força e perseverança frente às adversidades pertencentes ao cotidiano, estas que fui conhecendo aos poucos. Esse conjunto foi preponderante para a construção da imagem inicial que tive de Bonet, já que era perceptível sua sagacidade que foi reafirmada diversas vezes ao decorrer dos encontros, bem como pude perceber outras dimensões como sua simplicidade e pureza em relação às pessoas, isso por sempre credibilizar a possibilidade de transformação.

Foram muitos os momentos que pude desfrutar da presença de Bonet, visto que ela sempre esteve assídua aos encontros do grupo, nas atividades da APPA (falarei disso mais adiante), entre outras. O contato especificamente direto com Bonet se concretizou através dos dois momentos que estiveram dedicados à sua história de vida, o que produziu uma narrativa guiada pela memória (MIOTELLO, 2008), que fora detalhada e sustentada pelos sentimentos, por diferentes pessoas, lugares e acontecimentos evocados, que conjuntamente caracterizaram o contexto geográfico vivido em cada etapa de vida de Bonet.

Enquanto primeira ação busquei iniciar o diálogo por meio do disparador “infância”, com a intenção de que fossem destacadas as memórias marcantes como ponto de partida, para que assim Bonet construísse seu discurso a partir do que julgasse ser mais importante. Para minha surpresa, Bonet iniciou a conversa retratando a violência que viveu desde sempre, destacou episódios de violência doméstica, nos quais seu pai era protagonista, bem como reforçou que sempre sofreu violência por parte dos irmãos, o que expressava uma relação conflituosa desde muito cedo.

Neste primeiro momento, havia percebido através dos gestos de Bonet que se tratavam de memórias de dor e sofrimento, dado que seu olhar se direcionava ora para um horizonte abstrato, ora para o chão junto ao tom de voz diminuto que, em alguns momentos, expressou revolta e indignação, constituindo assim uma verdadeira simbiose de sentimentos. Partindo de tais prerrogativas, cabe mencionar que as memórias evocadas por Bonet acerca da infância e juventude estão situadas entre os anos finais das décadas de 70 e início de 1980, estas que foram espacialmente experienciadas no Jardim Jequitibás I, implantado em 1981 na considerada periferia; ação resultante da política de produção habitacional pública em Presidente Prudente, como afirma Scatalon (2019).

Bonet em suas falas destacou, principalmente, os conflitos entre seus pais, a dificuldade financeira vivida pela família e as reverberações de uma realidade atravessada por episódios crônicos de violências, que fizeram do divórcio de seus pais apenas uma consequência. Cabe destacar que os relatos de Bonet, em sua maioria, destacaram a multiplicidade de opressões que se estabeleceram entre os envolvidos, o que de certo modo, os desumanizavam mutuamente, já que eram presentes as assimétricas de poder (BIROLI, 2013; DALAQUA, 2020). Esta realidade se configurou como um ponto de inflexão que se desdobrou não somente em Bonet, mas em toda sua família, potencializando desigualdades que já eram cumulativas (HUTCHISON, 2011). Isso fez com que sua mãe seguisse trabalhando para o sustento dos filhos, agora na condição de chefe e provedora da família.

Dentre todos estes elementos, me chamou a atenção o fato de não ter sido registrado nenhuma lembrança positiva por Bonet, o que em si expressa uma grande marca em seu processo de individuação (MARTUCELLI, 2010). Esses diferentes acontecimentos fizeram parte das trajetórias de vida de Bonet, especificamente, as que se concretizaram durante sua adolescência enquanto processo inicial das experiências juvenis (DAYRELL, 2003). Sob este aspecto Bonet disse que sentia que seus familiares pouco se importavam com ela e com suas ações, o que apresentou de certo modo a falta de proximidade entre os membros da família.

Ainda sob as memórias de sofrimento, Bonet destacou o período escolar que também foi muito complicado, visto que retratou ter passado por diferentes situações de zombaria, xingamentos e humilhações, todos estes ligados a seu corpo e sua aparência, o que deixou evidente as reverberações adquiridas acerca das violências sofridas no espaço escolar. Neste ínterim, Bonet concluiu o ensino médio e foi neste período que conheceu seu primeiro parceiro, um dos mais temidos traficantes de drogas da região, como me relatou, dizendo que este teria sido o momento em que passou a ser respeitada por todas(os). Este acontecimento, inicialmente, permaneceu ligado ao contexto geográfico que envolvia a espacialidade da escola

- Professora Fátima Aparecida Costa Falcon - em que estudou já nos anos finais, como ela mesma relata:

Isso! Eu estudava quando eu conheci ele... Ah, eu via ele de blusa verde-limão, todo bonitão, aí eu falei... 'Nossa, eu sou doida pra ter um filho assim, mais ou menos assim com aquele cara. Imagina um filho menino dele! Que delícia, eu só fiquei abismada com o filho que ele podia me dar' [...]. Daí todo mundo calou a boca porque eu comecei a namorar ele (ex-marido), mas eu nem desconfiava que ele ia... O pai da 'D' começou a me trair, com homem, com mulher, sabe Deus com o que! (Bonet, 2018).

Os relatos e destaques trazidos por Bonet, a meu ver, expressaram constantemente a existência de uma forte relação entre a infância e a juventude que é marcada pelos acontecimentos, transições e trajetórias, que se encontram ancoradas em diferentes elementos que podem ser evidenciados, por exemplo, pela forte representação da figura masculina, ora ligada ao pai, ora correlata ao seu companheiro.

Foi sob esta perspectiva que Bonet destacou a continuidade de seu namoro que pouco tempo depois resultou em um momento difícil de sua vida, dado a constatação de uma gravidez indesejada. Neste momento, Bonet destacou que a gravidez foi um processo intenso pela qual teve de passar sozinha, pois esse acontecimento desestabilizou seu relacionamento a ponto de seu companheiro se ausentar completamente, o que a deixou em uma situação aguda, pois não contava com nenhuma outra rede de apoio. Foi a partir disso que Bonet rememorou várias passagens, e me relatou que muitas coisas passavam em sua cabeça frente as condições em que se encontrava, sendo uma delas o aborto que, na época foi intentado, porém, sem sucesso.

Deste modo, ocorreu o nascimento de sua primeira filha, que foi recebida com muito amor e carinho, o que já expressava uma transformação na percepção inicial de Bonet, pois o nascimento de um(a) filha(o) sempre reelabora as perspectivas e planejamentos de futuro a curto, médio e longo prazo, o que possibilita a compreensão deste fato enquanto um ponto de inflexão que normalmente tem “[...] o potencial de abrir novas oportunidades, alterar objetivos de vida e criar estresse. Sua influência no curso de vida depende de como os indivíduos os interpretam e respondem a eles, bem como das restrições que limitam essas respostas⁵⁶” (MCLEOD; ALMAZAN, 2003, p. 395, tradução própria). Sem dúvidas esse processo se realizou de forma intrínseca à realidade vivida por Bonet, o que permitiu diferentes guinadas em seu curso de vida, como por exemplo, o exercício da maternagem que passou a

⁵⁶ “[...] have the potential to open up new opportunities, alter life goals, and create stress. Their influence on the life course depends on how individuals interpret and respond to them, as well as on the constraints that limit those responses” (MCLEOD; ALMAZAN, 2003, p. 395).

fazer parte de seu cotidiano desde então na condição de mãe solo, que dependia totalmente das poucas contribuições de sua mãe, já que não tinha sua própria residência.

Cabe destacar que em nenhum momento Bonet havia desistido de seu relacionamento, mesmo este sendo permeado de ausências e traições por parte de seu companheiro. No entanto, todo esse arranjo passou a se configurar sob uma nova forma a partir de algumas mudanças que foram sendo percebidas por Bonet, como o repentino e gradual emagrecimento do parceiro, como ela mesma relatou:

[...] ele começou a emagrecer e emagreceu bastante, e eu fiquei preocupada porque ele estava emagrecendo muito e daí eu comecei a comprar bolachas, comecei a comprar essas coisas para levar para ele, sabe?! Eu lembro que eu comprava tudo, tudo eu comprava pra ele e só emagrecia, só emagrecia, e teve um dia que não deu mais para esconder [...] (**Bonet, 2018**).

Bonet, de fato, não entendia o motivo de isso estar acontecendo com seu companheiro, bem como o mesmo não reportou nada a ela acerca dessa situação. Isso somente foi elucidado quando uma terceira pessoa entrou em contato com Bonet, neste caso, uma vizinha que informou a Bonet que seu parceiro havia sido diagnosticado com AIDS, já em um estado avançado. Este foi um momento estarrecedor em todos os sentidos, visto que além da descoberta da condição do parceiro, Bonet também descobriu sua sorologia positiva para o HIV, que posteriormente foi confirmada via exames, como ela mesma disse:

A vizinha dele chegou em mim e me contou, e quando a vizinha me contou isso foi a mesma coisa que aconteceu como se meu mundo parasse, como se parasse tudo assim, eu fiquei parada e pensando assim (em sentido letárgico). Como se fosse um choque, eu sei lá, eu não sei, parecia que o mundo acabou naquele momento pra mim. Fiquei parada assim e fiquei imaginando um monte de coisa (**Bonet, 2018**).

Como fica evidenciado na própria fala de Bonet, o diagnóstico revelado foi um grande choque que novamente ressignificou seu curso de vida, fato este que automaticamente influenciou em suas tomadas de decisões neste início de trajetória. O primeiro passo de Bonet foi procurar por serviços especializados para a realização de exames que pudessem atestar a veracidade de suas desconfiças, o que posteriormente ocorreu tendo a confirmação de sua sorologia positiva para o HIV/AIDS, fato que a deixou bastante abalada.

3.2.5. Decisões, condições e movimentos: as tramas vividas por Latrice

Toda palavra tem um significado e toda história tem tramas repletas de acontecimentos com interpretações. Foi sob esta égide que Latrice partilhou sua história de vida, que por sinal trouxe inúmeros elementos que caracterizaram seu cotidiano, e assim fizeram emergir o experienciado por meio do discurso, em outras palavras, a realização da Geografia do vivido.

Para que se torne palpável é necessário evidenciar algumas características de Latrice, garantindo assim que a narrativa aqui apresentada faça jus a sua história de vida. Latrice é uma mulher de 41 anos de idade (quando entrevistada), nascida no município de Alfredo Marcondes – SP, onde residiu somente os primeiros meses de vida, já que sua família se mudou para a cidade de Presidente Prudente – SP, onde reside até hoje. Isso significa que Latrice experienciou sua infância, juventude e vida adulta na cidade, sendo todas estas vivências construídas a partir do campo de possibilidades que dispusera neste contexto geográfico.

Junto aos destaques acima mencionados, se agregam outras dimensões que caracterizam Latrice, como o fato dela se autodeclarar como uma mulher parda, heterossexual, solteira e católica não praticante. Essas intersecções contribuem para o entendimento das identidades que constituem Latrice enquanto sujeito social, ao mesmo tempo que se associam e interagem com muitas outras, como por exemplo, a escolarização incompleta, o exercício da maternagem e as questões trabalhistas vividas por Latrice ao longo da vida. Este exercício de caracterização acerca da vida dela ocorre como prelúdio que salienta alguns aspectos centrais, que são retomados diversas vezes ao longo de suas narrativas.

Foi por meio deste movimento que se organizaram as primeiras impressões durante os encontros, visto que me recorde de forma vívida do primeiro contato direto com Latrice, que no momento se apresentava de modo bastante discreto e pouco interventivo. Nesta oportunidade, falamos sobre a cidade de Presidente Prudente, **o que permitiu abertura para perguntar onde ela morava. Latrice, prontamente me respondeu: “Hoje em dia moro no Ana Jacinta” e seguiu dizendo como é morar lá, os benefícios, as dificuldades, como são os deslocamentos diários, os percursos e os transportes** (Diário de campo, 07 de junho de 2018). Este foi nosso primeiro assunto.

Cabe mencionar que a relação estabelecida com Latrice foi crescente, o que me permitiu conhecer mais do que os olhos podiam ver, já que houve outros momentos que proporcionaram a partilha de memórias, sentimentos e ações que compõem sua cotidianidade. Criamos relações de proximidade durante os encontros semanais, que fomentaram condições de Latrice se sentir à vontade para compartilhar sua história de vida.

Lembro-me que este momento foi bastante simbólico, e também marcado por diferentes emoções advindas de Latrice, uma vez que era nítido em sua fala e olhar a sinceridade e latência ao lidar com distintas memórias. Essa confluência de sentimentos tornou sua narrativa sinuosa, cheia de idas e vindas, com várias retomadas que se adensaram gradativamente em ricos detalhes.

A princípio, Latrice com seu jeito simples falou pouco sobre sua infância e as lembranças que guardava desta época, relatando de modo justificado que tais ausências decorriam do tratamento psiquiátrico que experienciou desde muito cedo. Neste sentido, foram raras as memórias que abordaram as vivências da infância, o que fez com que ela mencionasse rapidamente o conjunto familiar, o fato de ser a mais velha de outras duas irmãs e a experiência de desistência da escola. Neste sentido, é preciso pontuar que ao migrar para Presidente Prudente, em 1977, a família de Latrice se estabeleceu no Jardim Monte Alto, bairro considerado periférico na época (SPOSITO, 1983). Esta foi a realidade pela qual Latrice experienciou sua infância e início da juventude, contexto geográfico que permitiu que ela frequentasse a escola Professora Fátima Aparecida Costa Falcon, a mais próxima de seu bairro.

Das breves lembranças evocadas, Latrice mencionou que desistiu da escola aos 13 anos de idade, momento este no qual sua família se mudava para o novo Conjunto Habitacional Ana Jacinta de Oliveira, inaugurado em 1990, circunstância em que Presidente Prudente já apresentava outra realidade urbana (SCATALON, 2019). Ponderar tais características contribuem para a compreensão da articulação entre Espaço-tempo, Conteúdo e Agência produzidos e experienciados por Latrice, que neste momento se encontrava à iminência de novos acontecimentos.

A troca com Latrice permitiu perceber o esforço desempenhado em seu ato de rememorar a infância, dado que as falas que seguiram foram assertivas e trouxeram franqueza. As narrativas de Latrice foram ganhando corpo à medida que as memórias se apresentavam mais completas e conexas. Esse nível de interação se demonstrou bastante presente acerca das lembranças ligadas ao início da juventude, que por sua vez trouxe os acontecimentos mais expressivos, registrados enquanto memórias marcantes. Dentre estes estão seus primeiros contatos com bebidas alcoólicas e o tabagismo, estes colocados enquanto processos que constituem as experiências relacionadas à juventude e liberdade, como ela própria relata:

Mas daí eu aprendi a beber e fumar e nisso foi onde que eu parei de tomar os remédios⁵⁷. Foi quando eu comecei a trabalhar e vim morar sozinha, daí não queria saber mais de nada (Latrice, 2018).

O trecho apresentado por Latrice evidencia sua busca por outras possibilidades para além daquelas que já vivenciava em âmbito familiar, que segundo ela, eram muito restritas e controladas. Este anseio por liberdade fez com que fossem idealizados outros horizontes, que posteriormente se realizaram como acontecimentos, isso por estarem situados no rol de alcance, já que os sujeitos “[...] exercem seu livre arbítrio dentro de uma estrutura de oportunidades que também implica, é claro, limitações, e que advém de circunstâncias históricas e sociais⁵⁸” (BLANCO, 2011, p. 15, tradução própria), ou seja, conglomeram diferentes acúmulos.

Neste sentido, cabe destacar que houve distintos acontecimentos que se realizaram antes mesmo que Latrice iniciasse uma nova trajetória de vida de modo independente. Tais acontecimentos se apresentam em seu discurso de forma intrínseca e bastante sutil, exemplo disso foi o efêmero relacionamento que resultou em sua primeira gravidez, quando tinha ainda 18 anos de idade. É interessante salientar que tanto o relacionamento quanto a gravidez de seu primeiro filho somente são mencionados - subliminarmente - no momento de irrupção de sua trajetória, ou seja, no ato do abandono de seu filho e da residência de seus pais, como relata:

Foi quando eu abandonei o meu primeiro filho, minha mãe e meu pai que foi criando ele e quando ele fez cinco anos eu dei ele pra vó dele criar pra eu não perder ele pra justiça, porque minha mãe não quis criar ele também, aí dei pra vó dele criar (Latrice, 2018).

Como salientado, o relato de Latrice apresenta alguns acontecimentos enquanto marcos significativos para o início de uma nova trajetória de vida, que foi construída tendo como prerrogativa norteadora algum tipo de sentido pautado na contra ação daquilo que já vivenciava (LANA; FRANÇA, 2008). Assim, a tomada de decisão de Latrice e os subsequentes atos partiram de sua não identificação com a realidade experienciada, o que fez com que ela buscasse por novos significados para os direcionamentos de sua vida.

Com a saída da casa de seus pais e o abandono da maternagem, Latrice trilhou caminhos que a direcionaram para outras experiências, que neste momento partiram e dependeram somente dela própria (MARTUCELLI, 2010). Esta guinada trouxe consigo

⁵⁷ A interrupção medicamentosa destacada por Latrice trata, especificamente, sobre os medicamentos psiquiátricos dos quais fazia uso desde criança.

⁵⁸ “[...] que ejercen su libre albedrío dentro de una estructura de oportunidades que también implica, por supuesto, limitaciones, y que proviene de las circunstancias históricas y sociales” (BLANCO, 2011, p. 15).

algumas reverberações, visto que se torna necessário ponderar a realidade de uma jovem com ensino fundamental inconcluso, poucas instruções e sem experiência profissional na busca por trabalho e autossuficiência. A complexidade presente nesta nova trajetória de Latrice expressou como é importante estabelecer uma reflexão sobre as perspectivas de futuro, ou seja, avaliar como se relacionam as condições e escolhas que arregimentarão os passos seguintes, uma vez que se trata de um processo em constante movimento.

A partir das narrativas de Latrice é possível perceber que esta ação não obteve o êxito esperado, isso em decorrência do não planejamento prévio ou mesmo a possibilidade de não haver condições para a elaboração de tal (ELDER JUNIOR; JHONSON; CROSNOE, 2003). Deste modo, esta nova trajetória colocou a ela alguns limites e condições, como por exemplo, o fato de ser economicamente impossível manter uma casa sozinha naquele momento.

Neste novo contexto, Latrice se viu condicionada a situações que a levaram a retomar contato com uma antiga conhecida. Tal aproximação configurou a proposta para que elas morassem juntas e dividissem as despesas, uma vez que esta amiga também era jovem e buscava por objetivos bem próximos, o que de certa forma facilitou o processo de identificação entre pares (CASSAB, 2015). O encontro calhou para ambas as partes. Contudo, Latrice não dispunha de trabalho, renda ou mesmo auxílio de seus familiares e/ou amigos, fator este que foi resolvido com o ingresso de Latrice na prostituição, exercício que também era desempenhado por sua amiga. Este acontecimento tomou materialidade na trajetória de Latrice a partir das relações que estabeleceu e passou a viver cotidianamente, visto que os programas eram realizados na casa em que residiam, localizada no Jardim Guanabara, tendo como clientela os homens que, majoritariamente, frequentavam os bares do bairro, como me relatou.

O acontecimento da prostituição para Latrice se organiza sob dois marcos importantes. O primeiro se sustenta enquanto registro que contribui para o entendimento do processo de transição da juventude para a vida adulta (CARRANO, 2011), que no caso de Latrice ocorreu de forma complexa, nebulosa e não linear. Já o segundo é elaborado por meio da relação com o trabalho, visto que este pode ser entendido a partir das confluências precariedades vivenciadas de forma estruturada e estruturante em seu cotidiano, evidenciando assim a conjunção de poderes e opressões (MOLINA; KODATO, 2005; BIROLI, 2013).

Neste sentido, cabe considerar que o exercício da prostituição coloca as mulheres em posições desfavoráveis, suscetíveis a exploração de diferentes ordens, para além do fato de serem discriminadas e julgadas, já que “a mulher, sendo prostituta, não foge ao contexto de

violência historicamente construído. Para a sociedade, a atividade que ela exerce é ilícita e moralmente reprovável, expondo-a a violência ainda maior” (MOREIRA; MONTEIRO, 2012, p. 03). Foi esta a realidade que Latrice viveu por muitos anos, trajetória esta que se estendeu por toda a simbiose juventude-vida adulta.

Dado este conjunto, Latrice foi construindo a vida à sua maneira, o que permitiu a ela viver uma série de outros acontecimentos que se relacionaram de forma dinâmica durante o preencher desta trajetória de vida. Dentre os vários acontecimentos, foi destacado por ela as experiências ligadas aos relacionamentos afetivos e ao nascimento de seus outros dois filhos enquanto acontecimentos nevrálgicos, como ela mesma pontua a respeito de como conheceu seus ex-companheiros, pais dos seus filhos:

Bom, o primeiro eu conheci quando eu morava no Monte Alto, até hoje tem a casinha que ele morava. O pai do ‘Al’ (filho do meio) eu conheci quando eu era garota de programa, e o pai desse daí (filho caçula) eu também conheci quando eu era garota de programa (Latrice, 2018).

É possível por meio do relato de Latrice entender como foram construídos seus relacionamentos e a ligação estreita dos dois últimos com a prostituição. Os relacionamentos vividos por Latrice proporcionaram mudanças em sua cotidianidade, visto que durante o segundo relacionamento, ela deixou de residir com sua amiga no Jardim Guanabara e passou a viver com seu ex-parceiro, retornando então ao Jardim Monte Alto por um curto período de tempo. Foi neste ínterim que Latrice engravidou pela segunda vez, e mesmo não tendo mais um relacionamento estável com o progenitor de seu filho, ela decidiu manter a gravidez e exercer a maternagem solo simultaneamente a prostituição, esta última configurada como trabalho que garantia sua existência e a de seu segundo filho.

Foi sob estes aspectos que Latrice realizou ponderações acerca de seus relacionamentos, sobretudo, o último ao qual dá maior ênfase devido a duração, turbulência e o nascimento de seu terceiro filho, como destacado no trecho que segue:

Óh, o pai do de vinte e três anos (filho mais velho) eu nunca morei. O pai do de dezesseis anos (filho do meio) eu morei uns seis meses com ele só porque ele não queria trabalhar, daí eu joguei a roupa dele pra fora e mandei ele embora morar na casa da mãe dele porque eu não ia ficar sustentando vagabundo. E o pai desse daí (filho caçula) eu morei mais de onze anos, porque eu fui morar com o pai dele e eu nem pensava em engravidar de novo e, depois que eu engravidei dele... que eu me separei... quando isso aconteceu meu filho mais novo tinha dois anos, porque o pai dele queimou o bracinho dele com cigarro porque queria fumar pedra (Latrice, 2018).

Esta passagem destacada por Latrice é de fato bastante elucidativa e potente, visto que expõe a conexão entre o nascimento de seus filhos, a convivência com seus ex-companheiros e a experiência de diferentes partes da cidade. É notável também que neste trecho Latrice deu maior enfoque sobre seu último relacionamento e ao seu desfecho, dado que experienciou episódios de violência e uso de drogas por parte de seu ex-companheiro, o que trouxe a ela vivências de dor e sofrimento, como destacou várias vezes em seus relatos.

É necessário destacar que Latrice permaneceu por um período considerável em seu último relacionamento, e que este gerou desdobramentos danosos para si e para seus filhos, visto que o convívio com seu ex-companheiro era extremamente conturbado e as relações permeadas por diferentes tipos de violência (MINAYO, 2006). Esta foi uma trajetória bastante longa e intensa, cheia de acontecimentos que complexificaram cada vez mais a realidade vivida por Latrice, que somente foi rompida pelo acontecimento da separação.

O afastamento definitivo de Latrice do seu ex-companheiro ocorreu como última medida de proteção contra as ações de violência direta, de modo que, simultaneamente, projetava o início de uma nova trajetória. Este novo processo não foi nada fácil, tanto que houve muita emoção ao rememorar tais passagens, que por sua vez trouxeram sentimentos bastante intensos para Latrice; segundo ela, uma mistura de revolta, sofrimento e superação. Mesmo frente a acontecimentos que proporcionaram mudanças, dificuldades e novos caminhos, Latrice seguiu sem auxílio familiar e de amigos, mas manteve o vigor e cuidado na criação de seus filhos da forma que pôde, sendo estes a sua maior preocupação.

Ainda que esta trajetória tenha apresentado várias dificuldades, Latrice buscou por pontos de estabilidade e permanência, para que assim fossem garantidas condições básicas como alimentação, educação e cuidados em saúde para seus filhos. A partir destas ações, foi mantido por ela a pretensão de alcançar condições de escolhas e possibilidades, que serviriam como instrumentos de resistência às intempéries do curso de vida (CARDOSO, 1995).

Evidentemente, que estas relações não se constituem de forma simplificada e estática pois uma das condições sociais de existência é a relação direta com diferentes acontecimentos que, majoritariamente, irrompem o cotidiano e fazem “[...] emergir sentidos, discursos e simbolizações na busca de compreendê-lo[s], defini-lo[s], apreendê-lo[s] e narrá-lo[s]” (FRANÇA; LOPES, 2017, p. 76), para que assim haja condições de interpretar os diferentes contextos geográficos que constituem a vida dos sujeitos.

Estas prerrogativas também estiveram presentes nesta trajetória de vida de Latrice, de modo que ocorreram acontecimentos que ocasionaram rupturas e marcas significativas a

ponto de serem consideradas como ponto de inflexão em sua cotidianidade (HUTCHISON, 2011). Um dos exemplos mais expressivos para Latrice foi a descoberta de sua sorologia positiva para o HIV/AIDS que, somente, foi detectada mediante a um Acidente Vascular Cerebral (AVC), episódio que fez com ela ficasse 28 dias internada no Hospital, período no qual houve o diagnóstico de sua sorologia positiva.

3.2.6. “Minha vida dá um livro”: as notáveis recordações de Monique

O ato de recordar, quase que sempre, se torna algo surpreendente, uma vez que os sujeitos usufruem de realidades que no presente já não são mais as mesmas (MEIHY, 2002), não possuem espaço-tempo, pessoas, projeções e pensamentos idênticos à vivência dos acontecimentos (MASSEY, 2008; 2009). No entanto, a interação com a memória permite ao indivíduo - em um exercício que é só seu - reconstruir e narrar o que experienciou em suas trajetórias e cursos de vida. Isso aconteceu com Monique, quando provocada por mim a pensar sobre sua história desde o princípio.

Para trazer tais recordações à vista, é preciso elucidar um conjunto de características que são importantes para a compreensão dos movimentos que seguirão. Neste sentido, convém dizer que Monique é uma mulher de 43 anos (quando entrevistada), natural de Centenário do Sul – PR, que desde os primeiros meses de vida reside em Presidente Prudente – SP, localizada a aproximadamente 110 km de distância de sua cidade natal. Isso significa que Monique construiu todas suas experiências em Presidente Prudente (infância, juventude e vida adulta), especificamente na cidade, onde residiu com sua mãe adotiva e irmãos(os).

Associado as características acima apresentadas, se faz oportuno mencionar que Monique é uma mulher com escolaridade incompleta, que se autodeclara como parda, heterossexual e mãe de três filhas, das quais a primeira e segunda filhas são frutos do primeiro relacionamento que foi pouco longo, visto que Monique ficou viúva ainda muito jovem. Tal situação possibilitou a Monique experienciar outro relacionamento, do qual adveio sua filha caçula, que para ela se configurou como um marco, dado que pouco tempo após o nascimento de sua filha veio a separação. No que versa as questões econômicas e trabalhistas, Monique desempenha a chefia de sua família atuando como funcionária do setor de limpeza em um estabelecimento comercial de Presidente Prudente.

O conjunto de características destacados sobre Monique trazem uma primeira instância dela enquanto sujeito, que posteriormente foram sendo agregados e construtivamente valorados a partir das interações que estabelecemos. Sob este ponto, saliento que Monique

sempre se apresentou de forma bastante colocada, gentil e sábia, impressões primeiras que se reforçaram ao longo do convívio. Estas percepções foram sendo organizadas a partir dos encontros coletivos dos quais Monique frequentemente participou, bem como dos dois momentos individuais em que partilhou sua história de vida, proporcionando assim riquíssimos detalhes sobre as trajetórias e acontecimentos que configuraram/configuram seus contextos geográficos até o presente momento.

Como primeiro movimento de interlocução, busquei instigar por meio de nosso diálogo as lembranças mais recônditas de Monique, para que assim ela trouxesse os elementos eleitos enquanto memória (MIOTELLO, 2008), sobretudo, aqueles que estivessem ligados à infância. Deste modo, Monique prontamente iniciou destacando os principais acontecimentos que experienciou enquanto marco nesta etapa de vida, dado que de antemão enuncia o fato de ter sido adotada, de não se lembrar com exatidão de seus pais biológicos devido ao abandono, mas de recordar que tinha um irmão gêmeo e, que eles acabaram separados na adoção, como ela mesma menciona.

Eu sou gêmea de um menino (irmão gêmeo) que eu nem conheço, e eu nem sei o nome dele, nem tem como procurar porque eu não sei o nome dele, né?! Se eu tivesse daria pra achar na internet... mas eu nem tenho o nome dele e nem de quem o adotou, e é isso. E desde então eu moro aqui em Prudente (Monique, 2018).

O breve relato de Monique expressa o maior alcance de suas memórias, que acabam sequenciadas pelos acontecimentos que passou a viver em Presidente Prudente durante sua infância. Como já mencionado, Monique foi adotada por uma mulher de meia idade, viúva, e que tinha quatro filhas(os), 2 homens e 2 mulheres, sendo esta então a sua família. Ao partir dessas premissas, Monique apresentou suas vivências de forma muito tímida e acanhada, sempre olhando para baixo, com risos curtos expressando certo nervosismo. Contou sobre sua infância e as memórias ligadas a família dizendo que teve uma boa infância e que sempre foi acolhida e amada por sua mãe e irmãs(os).

Durante o processo de rememorar, Monique trouxe elementos interessantes que contribuem para a elucidação do contexto geográfico que estava sendo evocado. Em uma de suas narrativas Monique enfatizou elementos temporais e espaciais ligadas à cidade, sobretudo, a localidade em que viveu, como por exemplo, o destaque que fez sobre como era residir no Jardim Bongiovani entre meados dos anos 70 e início dos anos 90, caracterizado por ela ao dizer: “[...] era tudo barraco”.

Os elementos que emergem a partir da fala de Monique corroboram para a dimensionalização do espaço-tempo, ou melhor dizendo, desta parte da cidade que estava

sendo experienciada por ela na época. Além destas questões, também é possível notar que é expressa uma realidade de classe quando pensada a cidade de modo específico, visto que no período mencionado, o Jardim Bongiovani onde Monique residia, era considerado uma área pouco valorizada e ocupada por pessoas de classes baixas, fato que muda com a crescente especulação imobiliária (SPOSITO, 1983).

Além das recordações já mencionadas, Monique reaviva memórias ligadas a época da escola em que estudou desde sempre, a Escola Estadual Prof. Plácido Braga Nogueira, localizada no Parque Alvorada. Neste quesito, Monique destacou que sempre realizou o trajeto casa-escola caminhando junto com outras crianças do bairro que também frequentavam a mesma unidade escolar, e que neste processo sofreu alguns tensionamentos ligados a sociabilidade, visto que relatou ter sofrido discriminação de diferentes ordens, como destaca ao relatar:

Ab, o que eu vou falar pra você é que o que eu passei, eu passei por preconceito. O povo sabia que eu fui adotada e sempre me chamavam de 'piolho sem pai', me chamavam de 'bicho do mato', mas isso era quando eu era criança, hoje não, hoje estão todos adultos, mas eu passei por bastante preconceito por isso, porque eu não tinha pai e os outros tiravam muito sarro de mim. Eu tinha pai, porque ninguém nasce sem pai, se você está no mundo você tem pai, né?! (Monique, 2018).

O relato de Monique evidencia alguns acontecimentos que compuseram suas trajetórias, mormente, a que esteve diretamente ligada à infância enquanto etapa de vida. Tais acontecimentos foram engendrados por pares que reproduziam construções normativas e de caráter racista, gerando afetamentos que atingiam suas identidades (DALAQUA, 2020) por meio de violências que lhe causavam desconforto.

Ainda sobre sociabilidade, Monique destacou que teve poucas práticas para além das já mencionadas, e que manteve este mesmo processo de forma direcionada ao início de sua adolescência, o que me permitiu compreender que as experiências da infância se mantêm concatenadas com as subsequentes, uma vez que estas servem de base para os direcionamentos ligados aos contextos atuais e futuros (HUTCHISON, 2011), especialmente quando se considera os acontecimentos, já que estes permitem “localizá-lo no tempo e no espaço, atribuir-lhe uma individualidade e uma narratividade ao relacioná-lo a eventos passados, presentes e futuros. Ele seria, então, o ápice de uma trama causal” (MARQUES; MAFRA, 2014, p. 5).

Sob estas prerrogativas, as narrativas de Monique seguiram construindo sua linha espaço-temporal, que se manteve pautada nas vivências familiares e escolares. No entanto, Monique me relatou ter experienciado seu primeiro namoro aos 13 anos de idade, quando

conheceu seu companheiro por meio de uma amiga que residia no mesmo bairro. Monique, na época, era bastante jovem e sua mãe desaprovava o relacionamento devido a diferença de 12 anos de idade entre eles e, mesmo sob o descontentamento de sua mãe Monique manteve a relação.

Este acontecimento trouxe mudanças para a vida da participante, dado o fato de que aos 15 anos Monique engravidou de seu companheiro, evento este que configurou um explícito ponto de inflexão (HUTCHISON, 2011) por inúmeros motivos, já que Monique se viu obrigada a interromper os estudos e também a desistir do Projeto Guarda Mirim⁵⁹, pelo qual exercia em tempo parcial funções ligadas ao secretariado de uma imobiliária, como relatou.

[...] eu trabalhava na guarda mirim e eu engravidei, e com isso eu tive que sair porque se eles me aceitassem teriam de aceitar depois as próximas que viriam, entendeu? Porque se eles me aceitassem teriam que aceitar as outras depois. Eu tinha um serviço muito bom, eu trabalhava em uma imobiliária e o povo de lá gostava muito de mim, mas eu tive que sair (Monique, 2018).

A vivência deste ponto de inflexão causou na vida de Monique algumas transformações, sobretudo, no que tange às interseccionalidades educacionais e trabalhistas, que junto a gravidez estruturaram a experiência de rápidas transições entre o início da juventude e indícios de vida adulta. Além disso, gerou tensionamentos, pois a não aprovação de sua mãe se fez crescente sobre seu relacionamento. Ainda sob discordâncias, Monique se manteve amparada pela sua família para que assim houvessem condições de uma gestação saudável, isso permitiu a Monique uma organizada rede de apoio que se estendeu mesmo após o nascimento de sua filha, dado que residiu com sua mãe por cerca de três anos nesta condição.

Neste período, Monique seguiu trabalhando tendo a contribuição da paternidade de seu companheiro, bem como o respaldo econômico para a criação de sua filha. Esta realidade toma outro rumo no ano de 1993, quando Monique passa a residir com o cônjuge no Jardim Sumaré, um recente bairro implantado em 1989 por meio política da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), que manteve ações bastante presentes em Presidente Prudente neste período (SCATALON, 2019). Sobre este novo momento, Monique ofereceu alguns detalhes, como os que seguem.

⁵⁹ O Projeto Guarda Mirim é de ordem do governo municipal, e visa a articulação de crianças e jovens em caráter preventivo à exclusão social. Em Presidente Prudente – SP, essa política foi instaurada em 1960 por Nilson Varela Mascarenhas, inicialmente nomeada como Polícia Mirim (PRESIDENTE PRUDENTE, 2011). Disponível em: <<http://presidentepudente.sp.gov.br/site/noticias.xhtml?cod=16983>>. Acessado em: 22 de março de 2021.

E desde então... ele fez inscrição dessas casinbas do CDHU e eu ganhei como suplente, e depois quem ficou com a casa fui eu (Monique, 2018).

O acontecimento da mudança foi algo bastante importante na trajetória de vida de Monique, visto que consolidou o status de vida adulta, mesmo ela ainda sendo muito jovem. A partir desta mudança, Monique seguiu sua trajetória de vida, trabalhando e cuidando de sua filha com seu companheiro. Esta trajetória de vida durou cerca de 5 anos, uma vez que foi novamente movimentada pela descoberta de sua segunda gravidez, que já não tinha a proporção inflexiva da primeira dada a realidade (BLANCO, 2011), mas que traria novos pontos de irrupção.

Sobre a segunda gravidez, cabe destacar que Monique usufruiu de acompanhamento clínico durante a gestação até o nascimento de sua filha, acontecimento este que trouxe à tona uma série de reverberações que desencadearam inflexões, como por exemplo, a descoberta de sua sorologia positiva para o HIV, como ela narra assertivamente.

Eu descobri quando eu fui ter a minha filha, a filha de vinte anos, isso foi em 1998. Eu fui ter ela, eu tive ela e, nisso foi quando ele (médico) chegou no quarto e falou que eu não podia amamentar porque eu já tinha o HIV. Aquilo pra mim... eu fui no chão (fala assertiva) porque ele tinha que ter me falado na consulta. Mas eu não acreditava nisso. Nossa! Eu fiquei totalmente transtornada (frase exclamada) eu queria sair do hospital naquele momento, e aí eles falavam que eu não podia, mas eu fiz de tudo e fui embora naquele dia, cheguei na minha casa era meia noite com a minha filha (Monique, 2018).

Este foi um significativo ponto de inflexão na vida de Monique, dado que ela desconhecia tal realidade, uma vez que não havia sido informada sobre os resultados dos exames durante as consultas do pré-natal. Para além desta intensa irrupção, Monique se encontrou surpreendida ao investigar sobre as possíveis causas de infecção, dado que este foi o momento em que ela descobriu que toda esta situação decorria do fato de seu companheiro ser usuário de drogas injetáveis (UDI), realidade que também era desconhecida por ela.

interseccionalidade raça-etnia que aparece somente no urbano - tendo se demonstrado alterado o ordenamento de evocação conforme a realidade discursada por elas. Outra confluência importante destacada no processo, é que todas as mulheres, mais cedo ou mais tarde, adquiriram experiências e realizaram práticas na cidade já na condição de jovens, o que torna o contexto pujante e plural.

Tal complexidade coloca grandes desafios, de modo que exige um olhar para a dimensão Espaço-tempo dos sujeitos e também da sociedade que é constituída pelos mesmos por meio dos movimentos simultâneos de Conteúdo e Agência, já que são as combinações em certos momentos dos cursos de vidas que tornam compreensíveis os projetos, ações, trajetórias, acontecimentos e encontros (MASSEY, 2008; 2009) - normalmente marcado pelas desvantagens cumulativas - dadas as condições constituídas nos contextos geográficos vividos.

Diante disso, é necessário ponderar os processos de agenciamento coletivo para a compreensão destes contextos geográficos, pois cabe lembrar que o agenciamento (*assemblage*) não diz respeito nem a uma entidade particularizada, tanto quanto a uma entidade social fechada, ou seja, trata-se do devir em processos que são duplamente descentrados, visto que “[...] toda a questão está em elucidar como os agenciamentos de enunciação reais podem colocar em conexão essas diferentes instâncias” (GUATARRI; ROLNIK, 1996, p. 31), bem como os diferentes discursos que constituem a multiplicidade de Espaço-tempo e Conteúdo.

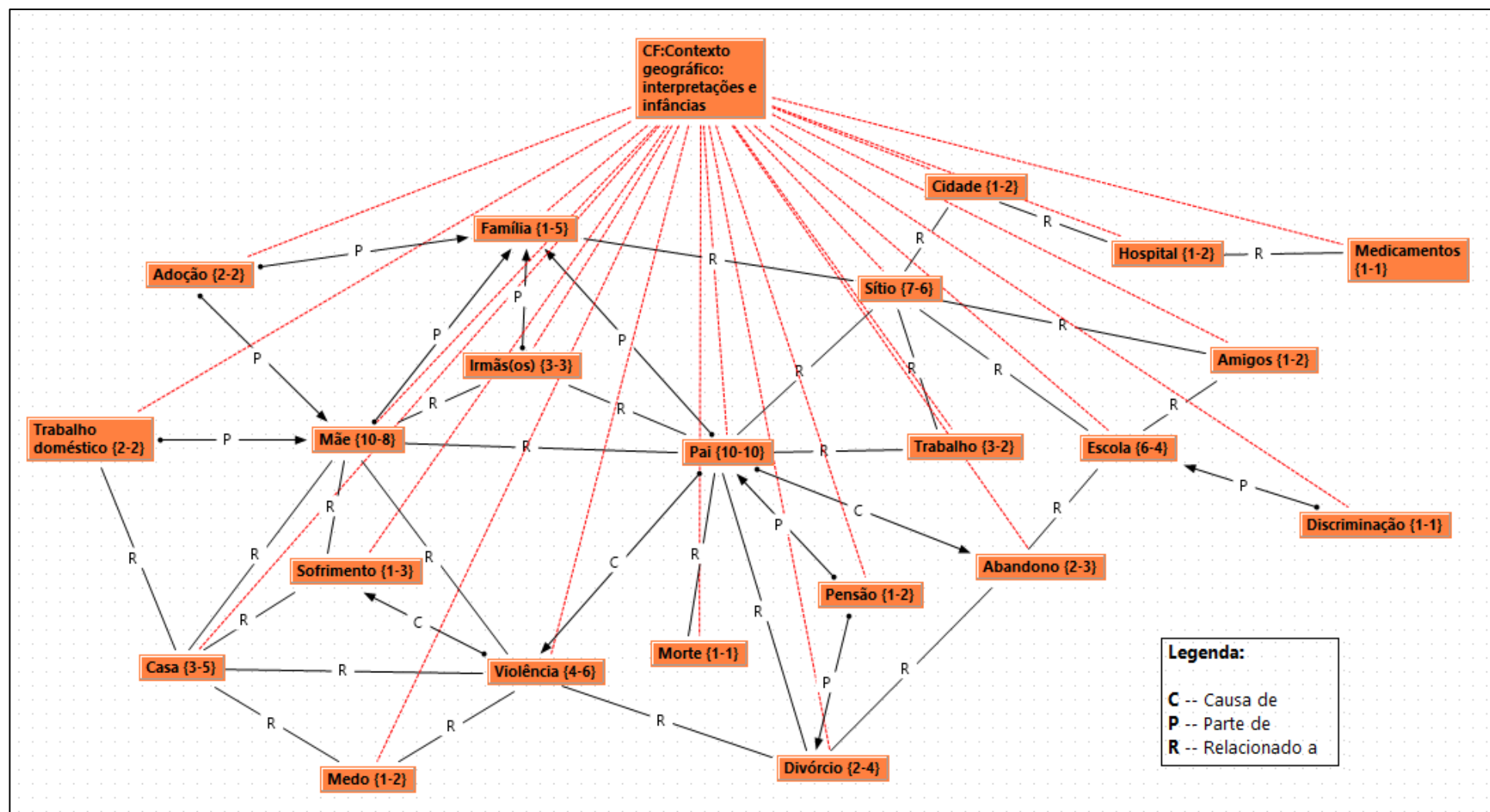
As reflexões e organizações realizadas até o presente momento centraram esforços em tornar inteligível a complexidade dos contextos geográficos experienciados pelas mulheres. Assim sendo, os trajetos de vida interpretados permitiram adentrar não somente na vida particular dessas mulheres, suas experiências e percalços, mas também perceber as mudanças cumulativas - positivas e desfavoráveis - (HUTCHISON, 2011) que foram ponderadas a partir dos elementos constituintes dos contextos geográficos dos quais fizeram e fazem parte (PEARCE, 2018). Assim sendo, há o entrelaçamento de diferentes Espaço-tempos, Conteúdos e Agências que, são marcados pelas transposições memoriais de um passado que emerge em um presente já contextualizados por outras contingências, sendo alinhavados pelos traços das lembranças singulares da infância e juventude destas mulheres (TEDESCO, 2001; ELHAJJI, 2002).

3.3.1. Contexto geográfico: infâncias e relações

Ao tomar as perspectivas acima destacadas, estruturei a divisão dos cursos de vida a partir das dimensões de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência que foram evocadas, e, portanto, interpretadas de forma conjunta, o que possibilitou a elucidação das histórias, experiências e contribuições das seis participantes. Para isso, as histórias foram organizadas em diferentes etapas de vida, que se mantiveram pautadas sob a preocupação de não as tornar estanques, permitindo assim levar em conta as *déixis* discursivas das narrativas agrupadas (BORGES, 2000; MUSSALIM, 2008).

Logo, foi por meio destas prerrogativas que considerei a pluralidade encontrada acerca das infâncias nos discursos, uma vez que busquei compreender de forma conjunta a constituição do contexto geográfico do qual as entrevistadas fizeram parte, mantendo o movimento de investigação sobre os atores, gerações, acontecimentos e trajetórias atreladas as interseccionalidades que se fizeram presentes enquanto elementos centrais nos contextos geográficos, como pode ser observado na figura 15.

Figura 15. Campo discursivo – Contexto geográfico: interpretações e infâncias



Fonte: Organização do autor (2021)

Ao tratar sobre a infância as entrevistadas reavivaram inúmeros elementos, trazendo por meio das evocações diferentes categorias discursivas que fizeram parte de suas histórias. A evocação deste Espaço-tempo passado e específico, trouxe consigo, uma carga material-simbólica (Conteúdo) muito importante, visto que contribuiu na compreensão dos movimentos e articulações (Agência) que se fizeram presentes na formação desses sujeitos em seus respectivos contextos geográficos. O fato é que os elementos evocados pelas mulheres em suas falas estão conectados a vários outros através da construção narrada nos discursos, o que permitiu adentrar e evidenciar as centralidades discursivas de forma contextual acerca das infâncias vividas.

Neste sentido, o grafo⁶⁰ torna evidente a presença de duas centralidades discursivas que aglutinam e conectam as demais, estando elas calcadas na figura da **‘Mãe’** e do **‘Pai’**, sendo este um resultado previsto, já que os mesmos são - ou deveriam ser - os principais responsáveis pelos cuidados da prole (BRASIL, 1990). Neste âmbito, a centralidade da figura materna e paterna em diferentes momentos apresenta proximidades e singularidades quando interpretada pelas falas; isso fica evidenciado quando analisei o grau de coesão e articulação entre as centralidades discursivas, percebido que a **‘Mãe’** evidencia relações que estão mais conectadas entre si, diferentemente da categoria **‘Pai’** que apresenta maior quantidade de conexões, contudo, com um grau ameno de interação entre elas.

Esta estruturação está pautada sob uma lógica que delimita e organiza as conexões discursivas através dos relatos, visto que estes têm estreitos laços com as questões de gênero e classe, especificamente, a partir da divisão sexual do trabalho, o que mantém a centralidade da **‘Mãe’** diretamente ligada ao **‘Trabalho doméstico’** e o **‘Pai’** ao **‘Trabalho’** externo enquanto provedor de recursos para a **‘Família’**⁶¹, como pode ser observado nos relatos de Del Rio e Alyssa:

Nós éramos em nove, mas só os meninos que trabalhavam e a gente tinha que ficar em casa, ajudar em casa, fazer os trabalhos de casa, né?! Junto com a mãe!
(**Del Rio**, 2018).

⁶⁰ A respeito do grafo, convém destacar que os números dispostos nas codificações representam, respectivamente, a densidade e a conectividade discursiva das palavras-chave.

⁶¹ “Famílias são, no âmago da análise, a articulação de relações de gênero e de gerações que se tecem e se realizam em um tempo social e histórico, para uma vida em comum e um fim, ou um esperado acontecer, da reprodução – biológica e social. Família é, também, a configuração mais diretamente percebida e analisável da dinâmica dessas relações, com uma história que em grande parte pode ser contada no tom que estas ensejam, no realizar das prescrições sociais para os sexos/gêneros e grupos de idade na organização da sociedade” (MOTTA, 1998, p. 13).

Lembro de eu, minha mãe e meus irmãos, porque nós somos em dez, mas tinha alguns que já não estavam mais juntos, né?! Já tinha saído para trabalhar e só tinha ficado os filhos pequenos (Alyssa, 2018).

Os relatos de Del Rio e Alyssa expressam elementos interessantes e mais amplos que caracterizam uma possibilidade de estrutura e relações familiares no contexto geográfico experienciado na zona rural do interior do estado de São Paulo, que não necessariamente podem ser lidos como camponeses, visto que não tinham a estrita intenção de permanecer.

Esta realidade contextualizada permite também colocar outros elementos em discussão, como por exemplo, a divisão sexual do trabalho trazida por Del Rio que evidencia uma questão de classe e geração, dado que a supremacia masculina do ‘**Pai**’ era transmitida para os ‘**Irmãos**’, ao mesmo tempo que situava sua posição enquanto filha e mulher à subalternidade aferida a figura da ‘**Mãe**’, que na perspectiva tradicional baseada na desigualdade de gênero tem como função a socialização dos filhos, a responsabilidade enquanto cuidadora e provedora de atenção e carinho (SAFFIOTI, 1987), ou seja, trata-se da “[...] construção social da sexualidade masculina e o predomínio de formas familiares baseadas na sexualidade e nas redes de parentesco nas sociedades de classes⁶²” (McDOWELL, 1986, p. 317, tradução própria).

Estes elementos também se fazem presentes no relato de Alyssa, que mantém proximidade discursiva aos desígnios dos “papéis” sociais da mulher, sobretudo, o que se refere ao trabalho, ou melhor dizendo, ao que é determinado enquanto trabalho feminino. É a partir desta construção que pode ser compreendida o papel da mulher em relação a ‘**Casa**’, espacialidade esta na qual a mulher tem centralidade enquanto agente, isto é, quem detém o controle e é responsável pela gestão.

Isso permite pensarmos a construção das espacialidades produzidas enquanto relacionais, que se mantêm em movimento e que partem das geometrias de poder (MASSEY, 2008; 2009), atribuindo o usufruto do mesmo de forma desigual, já que este é mediado pela valoração do gênero, sendo também atravessado pelas questões de classe e renda (OTA, 2013). Este elemento se torna explícito quando centrado na figura do ‘**Pai**’, designado enquanto responsável econômico e garantidor da subsistência da ‘**Família**’ o que lhe garante poder e autoridade, como podemos observar no relato de Bonet e Del Rio.

Da minha infância eu lembro que ela foi muito sofrida, porque meu pai trabalhava de guarda e ele deixava a gente para fora para ele dormir. Então, para

⁶² “[...] the social construction of male sexuality and the dominance of family forms based on sexuality and kinship networks in class societies [...]” (McDOWELL, 1986, p. 317).

fora de casa, sem comida, sem nada... Meus irmãos estudavam a tarde e eu ficava o dia inteiro em casa, quando eu era de menor. O que eu mais lembro era esse pedaço (Bonet, 2018).

Meu pai era motorista de caminhão rural, inclusive ele morreu em um acidente de carro, né?! Mas ele ficava muito tempo para fora e quando chegava era muito amoroso com a família, só que ele também bebia, né?! E quando ele bebia era terrível, ninguém dormia (Del Rio, 2018).

O relato de ambas participantes traz elementos interessantes que vão além do ‘Trabalho’ desempenhado pelo ‘Pai’, ou seja, transcendem a vivência do público-privado uma vez que as reverberações dessa relação se reproduziram, sobretudo, no âmbito familiar como pode ser identificado ao fim dos dois relatos. Desta forma, a questão do ‘Trabalho’ está estritamente ligada à renda que acaba associada às questões de decisão e dominação, sendo estas exercidas no espaço domiciliar. A partir de algumas falas, pudemos construir o raciocínio de que a ‘Mãe’ apresenta uma posição inferior quando acionado estes elementos, ainda que desempenhe atividades remuneradas de produção ou reprodução (SAFFIOTI, 1987; GUTERRES, 2001).

Esta conjuntura permeada por diferentes poderes não é homogênea e tão pouco harmoniosa, o que na maioria das vezes acaba por culminar em episódios de desentendimentos, discussões e violências, que atingem todos os integrantes da ‘Família’, direta ou indiretamente (MINAYO, 2006), como apresenta a fala de Bonet ao lembrar-se de um episódio marcante em sua infância quando tinha entre seis e sete anos:

Eu lembro do meu pai batendo na minha mãe (momento de silêncio). Eu lembro de uma briga deles que minha mãe chegou da CICA e falou assim pra ‘nóis’, o que ‘nóis’ ia querer... Ai eu pedi bolo de chocolate, meu irmão pediu bolacha e meu outro irmão pediu aquele leitinho de morango. Daí, meu pai falou assim... ‘Não vai comprar nada disso pra eles não, vai comprar arroz e feijão!’, e minha mãe falou para ele assim... ‘Eu não casei para sustentar gigolo’, e daí ele tacou o copo de café na cabeça dela e cortou, fez aquele corte, e meu pai foi pra cima da minha mãe e eu nas costas do meu pai pra ele não bater mais na minha mãe. Nossa! (expressão de espanto e anestesia) (Bonet, 2018).

O relato de Bonet apresenta fortes marcas e lembranças acerca da sua infância, dado que esta é uma das lembranças mais latentes que a participante evocou acerca do que vivera nessa etapa de vida, sendo expressivas as reverberações acerca da violência que emergia enquanto acontecimento produzido por uma realidade precária e complexa que Bonet e sua família experienciavam em meados dos anos 1980 num contexto urbano, empobrecido e periférico.

É deste modo que a violência em si se torna um grave problema direcionado as mulheres quando toma como elemento preponderante a desigualdade de gênero, que implica contundentemente nas relações, como pôde ser observado na memória evocada por Bonet ao retratar a realidade vivenciada por sua ‘Mãe’ em seu âmbito familiar. Isso porque “a violência masculina contra a mulher manifesta-se em todas as sociedades falocêntricas, como todas o são, em maior ou menor medida, verifica-se a onipresença deste fenômeno” (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 04), que perpassa diferentes esferas, ao modo que se metamorfoseia no movimento de produção das relações entre os sujeitos (MINAYO; SOUZA, 1998).

Neste sentido, Bonet **resgatou as memórias mais latentes retratando associadamente a violência que viveu desde sempre. Relatou episódios de violência doméstica, nas quais seu pai era sempre protagonista, bem como reforçou que sempre sofreu de outras ordens e proximidades [...]. Assim, tratou somente da violência, desavenças, descaso, discriminação e abandono de todos para todos. Bonet, sentia que pouco importava para os familiares, o que apresentou de certa forma uma estrutura desarticulada entre os membros da família** (Diário de campo, 23 de agosto de 2018).

Tais questões trazem complexidade à vida das entrevistadas, dado que vivenciaram tais condições desde muito cedo, o que condiciona a situação de vulnerabilidade não somente sobre as vítimas diretas da violência - psicológica, verbal e física - mas, também sobre as que presenciam tal fenômeno nos mesmos espaços, como por exemplo a ‘Casa’ que passa a configurar a espacialidade ligada a violência doméstica ou intrafamiliar (GONTAREK; SILVA, 2020).

É sob este movimento cíclico caracterizado enquanto habitual que a violência se perfaz enquanto algo que mina e vulnerabiliza as mulheres, ao ponto de ganhar naturalidade dentro de realidades estruturadas sob esta lógica (MINAYO, 2006). Destacar este elemento estrutural me permitiu identificar que os mesmos acontecimentos relatados por Bonet estiveram presentes nas vivências de Alyssa, que em sua infância experienciou outro contexto geográfico (rural-urbano) em décadas anteriores. Isso fica evidente quando Alyssa comenta a relação de seus pais:

Ab, era muita briga... eles só brigavam. Não sei... eles discutiam e meu pai batia muito na minha mãe, mesmo quando minha mãe estava grávida do meu irmão, por isso que meu irmão cresceu revoltado porque ele ficou sabendo de todas essas coisas e se formou para polícia. Eu lembro que ele bateu nela grávida e as polícias pegaram ele pra sumir de lá, porque se não (voz moderada) as polícias iam dar fim nele, porque antigamente eles pegavam mais pesado (Alyssa, 2018).

E continua dizendo...

Desde que eu conheço meu pai e minha mãe sempre foi briga, batendo e discussão. A gente corria pro milharal porque ficava com medo... e foi assim (Alyssa, 2018).

As falas de Alyssa apontam para gravidades que infelizmente fazem parte da realidade de muitas mulheres brasileiras vítimas de inúmeros tipos de violência que, por vezes, perpetram o feminicídio (CAMPOS, 2015). Isso faz com que as mulheres e os demais membros da ‘**Família**’ vivam sobre circunstâncias de ‘**Medo**’ e ‘**Sufrimento**’, o que gera o apagamento de suas autonomias e individualizações, que se culminam em desvalorizações políticas e cognitivas (BIROLI, 2013), uma vez que estes episódios repentinos permanecem enraizados em seus cotidianos, como será apresentado nas próximas etapas.

Além das violências de caráter direto elucidadas pelos relatos, há a presença de outras violências que contribuem para a vulnerabilização do conjunto familiar, estando estas respaldadas na negligência e/ou abandono que “[...] podem ser definidos tanto pela ausência de uma atenção positiva, de uma disponibilidade emocional, de interesse, como por ameaças expressas ou veladas” (ROCHA, 2013, p. 12-13). Estas outras violências vividas pelas entrevistadas na infância também são pontos em comum de suas trajetórias, mormente, no caso de Alyssa e Bonet que retratam o abandono do ‘**Pai**’ em relação a ‘**Mãe**’ e ‘**Família**’.

E da infância a lembrança que eu mais tenbo é quando meu pai e minha mãe vivia junto, porque aí depois se separou, e isso foi ruim pra ‘nóis’, meu pai ficou um tempão sem ‘nóis’ ver, depois de muitos anos (fala exclamada) que ele apareceu, e foi quando eu fui embora com ele pra Franca e fiquei vinte anos lá, né?! (Alyssa, 2018).

Meu pai ajudou minha mãe assim... Quando ele saiu de casa a gente estava com meio pacote de arroz (tom irônico). Ele ajudava assim, ele dava a minha pensão, só que eu fiquei de maior e aí ele não dava mais (Bonet, 2018).

E continua dizendo acerca da participação do ‘**Pai**’:

Não, nunca, nunca, nunca, ele nunca foi esse tipo de homem assim de visitar, de conversar com a gente, ele nunca foi, nunca! Até mesmo hoje (Bonet, 2018).

Os relatos apresentados por Alyssa e Bonet evidenciam o grau de dependência da ‘**Família**’ em relação à figura paterna, que em situação de não-presença seja por ‘**Abandono**’, ‘**Divórcio**’ ou mesmo ‘**Morte**’, a família passa a vivenciar um quadro agudo de vulnerabilidade. Assim, os destacados elementos evocados pelas contribuições de Bonet e Alyssa repercutiram diretamente sobre os respectivos processos de formação atinente a infância em diferentes contextos geográficos dos quais versam impactos na saúde (MCLEOD; ALMAZAN, 2003), entendido que “[...] sem saúde não é possível aprimorar a educação intelectual e moral, colunas

mestras de um desenvolvimento para o bem-estar de homens e mulheres” (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 04).

A conjuntura apresentada pelas participantes até o presente momento é de suma importância, dado que caracteriza as relações interpessoais que fomentam ações e configuram os contextos geográficos vividos em diferentes gerações. Mas, para além destes elementos é necessário considerar outros mais, que são substanciais para uma compreensão acurada da realidade vivida na infância das entrevistadas. Neste sentido, é necessário evidenciar os Espaço-tempos, os Conteúdos e as Agências específicos, pois, estes elementos se coproduzem junto aos demais eixos de estruturação o que acaba por garantir a diversidade e pluralidade das/nas infâncias (LOPES; SILVA, 2007; ZUCCHETTI; BERGAMASCHI, 2007).

Desta forma, cabe destacar a forte presença da relação campo-cidade, visto que o contexto geográfico vivenciado por algumas entrevistadas esteve lastreado na realidade interiorana de Presidente Prudente e região na década de 1960-1970 - como caracterizado anteriormente no quadro 05 -, época na qual as entrevistadas vivenciavam suas infâncias. À vista disso, vale salientar que ambas as experiências, tanto a vivida no ‘**Sítio**’ quanto a da ‘**Cidade**’ estão ligadas a questões de subsistência familiar, ou seja, relacionadas ao desempenho de ‘**Trabalho**’ que envolve todos os membros da ‘**Família**’, o que por si só expressa uma realidade de classe. Assim sendo, estas condições que configuraram os contextos geográficos proporcionaram diferentes experiências cotidianas, que também podem ser compreendidas como positivas, apresentando elementos agregativos às vivências experienciadas na infância, como pode ser observado nas falas de Tammie e Alyssa.

A gente trabalhava no sítio, trabalhava na roça, nós sempre trabalhamos na roça. Eu trabalhei muito pouco, e naquela época, quando eu ainda morava no sítio... a gente tinha que lavar a roupa na mina em uma ‘tauba’... na ‘tauba’ e era muita roupa, mas eu ajudava minha mãe, só que eu era desobediente assim porque eu não tinha amigos, não tinha colegas naqueles anos (Tammie, 2018).

A minha infância o que eu lembro, assim, é quando a gente morava no sítio, e meu pai trabalhava nessa fazenda. Ah, eu lembro que tinha um riozinho pertinho de casa, lá na fazenda... que todo final de semana minha mãe lavava a casa, porque a casa era de assoalho (chão batido), e ‘nóis’ ia buscar água pra minha mãe lavar o assoalho. E com isso ‘nóis’ apanhava toda vez, porque em vez de ir buscar água a gente ficava tomando banho no rio (risos). Então era bom, e no outro tanto era ruim, né?! Mas, aí eu lembro que meu pai plantava morango, aqueles morangão, alface, e depois a gente ia pra cidade pra vender, eu e meu irmão (Alyssa, 2018).

Os trechos supracitados evocam pontos interessantes que caracterizam de certa forma a especificidade de cada qual, ademais, também possibilita notar as semelhanças e

proximidades geracionais das realidades vivenciadas por ambas as entrevistadas, uma vez que desde muito cedo já contribuíam com o trabalho de diferentes formas. Estas ações de fato agregavam na produção e/ou reprodução voltada à '**Família**', majoritariamente numerosa, o que no campo era algo comum dado a realidade vivida, sobretudo neste recorte espaço-temporal.

Esta construção, de certo modo, causou alguns desdobramentos nos campos de possibilidades de Tammie e Alyssa, que neste caso não tiveram a oportunidade de escolher pela continuidade dos estudos, seja pelas condições materiais - lê-se trabalho - ou mesmo pela construção sociocultural da qual dispunham no contexto geográfico. Neste caso, estudar era secundário, pois havia dificuldades ligadas às distâncias, além de não haver a obrigatoriedade, como passou a existir por lei em período mais recente, de modo que garantir o acesso, via políticas públicas de transporte estudantil, também não se colocava no horizonte das administrações municipais.

São estas relações que me possibilitaram pensar a realidade vivida no que tange a interseccionalidade educação nos diferentes contextos geográficos, uma vez que tais relações podem ser elucidadas a partir da espacialidade da '**Escola**'. Para isso, tomei como ponto interpretativo os relatos de duas participantes que experienciaram este movimento já na '**Cidade**', na mesma escola durante a década de 80, pois, trazem consigo experiências que apresentam outras complexidades, como fica evidenciado nos relatos de Bonet e Latrice.

*Da época da escola eu me lembro que eu era muito zoada. Eu lembro que o pessoal falava muito mal de mim, falava que eu fedia! (tom pesaroso) (**Bonet**, 2018).*

*Eu já tinha parado de ir na escola bem antes. Eu queria ir na escola, mas eu não queria ficar fazendo as lições toda hora, e a professora me obrigava a fazer a lição, porque até hoje tem que fazer as lições certinho. Aí eu peguei e briguei com a professora, ela disse que ia chamar a diretora... eu desci correndo atrás dela... fui até a cozinha e empurrei um caldeirão de sopa no pé da merendeira, nisso me mandaram pra diretoria... falaram que iam conversar com os meus pais e com isso eu arrumei um 'brigueiro' lá, daí fui expulsa da escola e não voltei mais lá (**Latrice**, 2018).*

Como apresentado, Bonet e Latrice passaram por diferentes experiências de frustração e enfrentaram outros tipos de adversidades no âmbito escolar. No caso de Bonet, houve a presença de experiências desagradáveis que partiam de pares que a menosprezavam e a ridicularizavam com conotações racistas. A realidade vivenciada por Bonet se torna bastante delicada, uma vez que não eram difundidas as discussões sobre discriminações ou mesmo racismo, que acabou configurada como um tipo de violência. Questão que só passou a ter

maior visibilidade no âmbito escolar muito recente a partir da aprovação da Lei 10.639/2003⁶³. Deste modo, o acontecimento vivido por Bonet evoca outras dimensões que passam a compor o processo de individuação, neste caso, a interseccionalidade raça-etnia em decorrência do episódio de racismo na escola.

A frustração também pode ser identificada no relato de Latrice, que evidencia enfaticamente seu descontentamento com a espacialidade da ‘Escola’. Mas além destas questões o episódio protagonizado por Latrice traz nas entrelinhas outros elementos, como a fragilidade e instabilidade da relação familiar - como veremos nas partes subsequentes - que se fizeram ausentes no processo de formação educacional básico de Latrice, bem como a ausência de uma rede de apoio representada pela ‘Família’ e/ou ‘Amigos’, o que conduziu sua trajetória para o ‘Abandono’ dos estudos. Assim, a escola deixa de fazer parte do seu contexto geográfico, com impactos no campo de possibilidades.

Essas ponderações são importantes em relação à educação, uma vez que esta atua enquanto uma interseccionalidade que atravessa a vida das participantes da pesquisa, não somente na relação escolar situada na infância, mas nas etapas subsequentes, pois a categoria educação repercute no campo de possibilidades dessas mulheres (VELHO, 1994), o que proporciona ou não melhores condições de se posicionar frente violências e vulnerabilidades que se fizeram presentes no percurso da vida.

Como já mencionei, algumas das entrevistadas tiveram vivências na infância subsidiadas por diferentes elementos, o que automaticamente reconfigura a organização dos contextos geográficos, como são os casos daqueles experienciados na ‘Cidade’, que por vezes são evidenciados pelos atores espaciais acessados via memória urbana individual e coletiva das mulheres. Exemplo disso, são as memórias de Latrice e Monique, que respectivamente tratam sobre o processo de saúde-doença e adoção, ambos vividos na infância durante as décadas de 1970 e 1980, como se segue.

Olha, eu não lembro muito da infância não porque no começo eu já tinha muito problema de cabeça, e eu já fazia tratamento de cabeça no hospital psiquiátrico aqui de frente com o museu. Aí, eu já tomava remédio de cabeça pra não me dar crise convulsiva (Latrice, 2018).

Eu morei aqui no Bongiovani, na época era tudo barraco, eu não lembro muito não, e eu fui adotada, eu fui pega pra criar... adotada, não tinha nem um ano de idade, é o que minha mãe que me adotou fala, né?! E desde então, eu tive uma infância boa, eu sempre fui muito arteira (risos), eu aprontava muito. Nossa! Mas

⁶³ A lei em questão alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional incluindo no currículo (das escolas públicas e privadas) a obrigatoriedade da presença da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”. Feito este que demarca importante conquista do movimento negro.

minha infância foi boa graças a Deus. E foi assim, ela me criou sozinha, porque quando ela me adotou, ela já não tinha mais marido, eu não conheci o marido dela, ele já tinha falecido quando ela me pegou pra criar, aí nisso o meu irmão mais velho que foi meu pai (risos tímidos) (Monique, 2018).

Ambos os relatos oferecem contribuições que dimensionam características de partes da cidade no respectivo período. Para Latrice essa relação pôde ser evocada por meio do processo saúde-doença já experienciado na infância e, que mesmo recordando poucos aspectos consegue ressaltar aqueles que estão ligados aos elementos materiais presentes na cidade, como por exemplo o ‘**Hospital**’ que frequentava e sua respectiva localização, bem como os ‘**Medicamentos**’ dos quais fazia uso.

Estas relações também podem ser verificadas no breve relato de Monique, uma vez que destaca importantes elementos que contribuem para o entendimento da ‘**Cidade**’ ou parte dela. Para ser mais específico, cabe dizer que as memórias de Monique destacam características do Jardim Bongiovani no passado, bairro este na época ocupado por classes de baixa renda que, posteriormente, passou por processos de valorização e construção de imóveis com padrões elevados (SPOSITO, 1983).

Ao colocar tais reflexões se faz possível perceber que algumas características se assemelham e contribuem com as demais a ponto de estabelecer paralelos que evidenciam a pluralidade de contextos geográficos, ora mais próximo ao rural, ora em transição ou mesmo estritamente conectados ao urbano. Assim sendo, todas as memórias evidenciam simultaneamente suas perspectivas individuais, como também caracterizam elementos que garantem a coetaneidade que, neste caso, está diretamente ligada a estrutura e formação do contexto geográfico protagonizado pelas entrevistadas.

Portanto, esta articulação torna viável a aproximação e interação com o percurso de vida das entrevistadas, dado que passamos a compreender melhor os acontecimentos, as trajetórias, as dificuldades, violências e vulnerabilidades vivenciadas por meio da leitura das interseccionalidades acionadas na formação do contexto geográfico (ROSE, 1993), que nesta etapa de vida apresenta fortes conexões com as questões geracionais, de gênero, de classe, educacionais, de raça-etnia, como outrora evidenciado nas falas.

Partindo desta perspectiva, também foi possível notar a centralização discursiva das memórias em outros elementos estruturantes que não fossem estritamente as próprias entrevistadas, isso pelo fato de que as participantes enquanto crianças não detinham totalmente o poder de decisão em seus campos de possibilidades, o que corroborou para que

as memórias estivessem voltadas à um contexto mais amplo, mormente o familiar, que passa a se transformar quando evocado outras relações.

Ainda que tenha sido oneroso adentrar nas memórias mais recônditas acerca da infância, estas contribuíram para o entendimento de um processo abrangente que permanece em constância e, que por assim ser possibilita visualizar alguns aspectos estruturais que são intrínsecos aos cursos de vida das entrevistadas. Assim, entendo que tais trajetórias servem de base para compreender de forma profunda as prospecções nas etapas de vida que se conectam, permitindo então refinar as interpretações acerca dos acontecimentos, encontros e trajetórias que se fizeram e se fazem presentes no movimento dos contextos geográficos, agora já situado em outra instância interpretativa, a juventude.

3.3.2. Contexto geográfico: caminhos plurais e juventudes

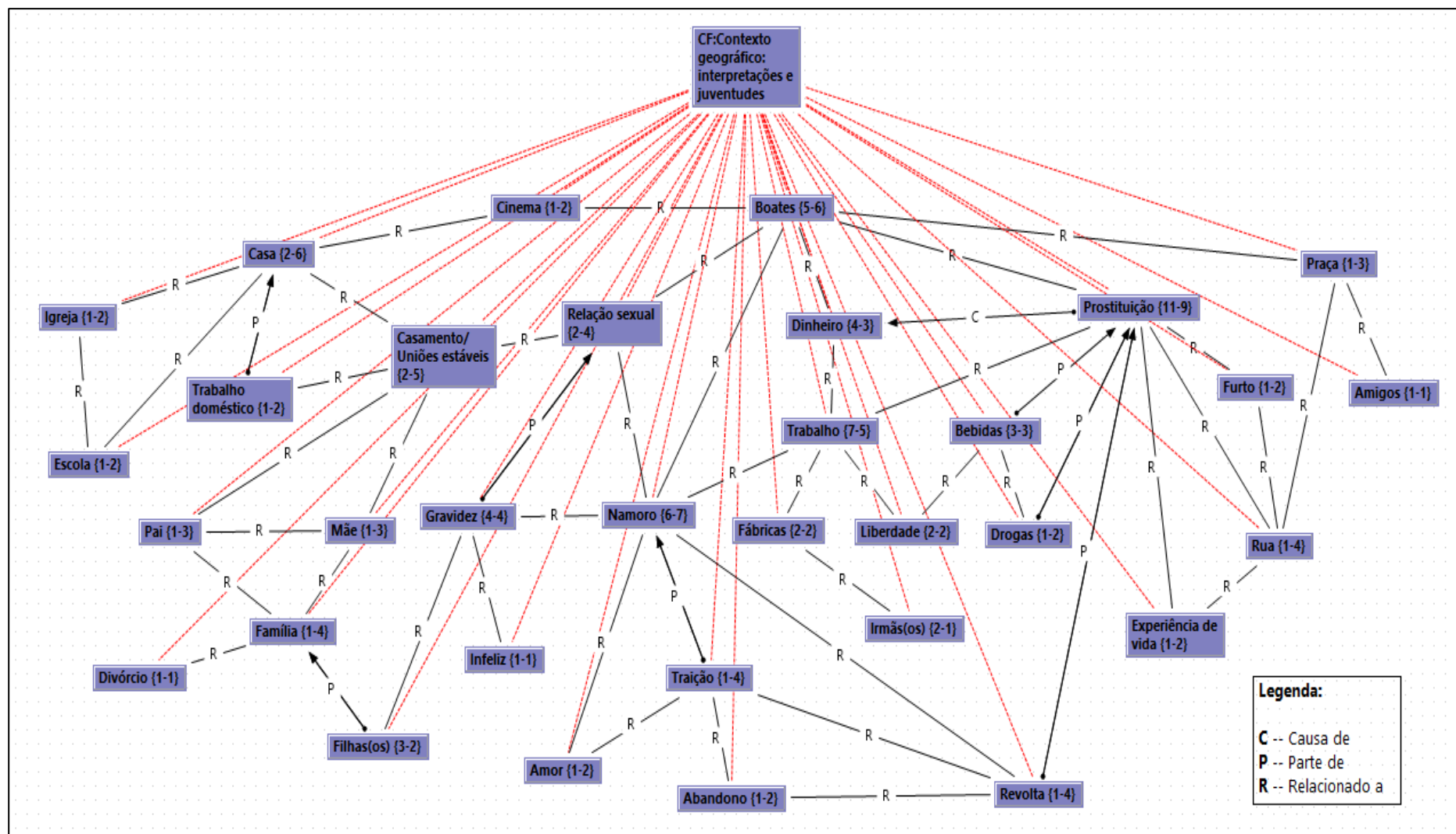
Para se pensar as questões ligadas a juventude, se fazem válidas as contribuições geográficas trazidas por Turra Neto (2015), que se propõe em refletir a juventude enquanto “[...] uma experiência, que precisa ser vivida com os outros, uma experiência formativa dos sujeitos e que faz dos/as jovens reais produtores de seus espaços de interação” (TURRA NETO, 2015, p. 129), reforçando que o acontecimento da juventude somente se realiza plenamente por meio da preparação para o futuro, pelo estudo e também pela sociabilidade praticada entre jovens, que ocorre de diferentes formas e configurações. Assim sendo, a juventude passa a ser entendida no plural de modo que seja garantida a diversidade dos diferentes modos de ser jovem (DAYRELL, 2003).

Neste sentido, é necessário lembrar que não se trata somente de reconhecer a multiplicidade de jovens e juventudes, é também considerar os aspectos positivos e desfavoráveis (CASTRO; ABRAMOVAY, 2005), uma vez que estes são frutos de construções heterogêneas e, por vezes, específicas no que se refere a realidade de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência. Por assim ser, mantive um olhar criterioso sobre as desigualdades que constituem os contextos geográficos, entendendo que muitas delas condicionam as respectivas formas de vivenciar a juventude quando pautadas as oportunidades, facilidades, dificuldades e poderes (ELDER JUNIOR; JOHNSON; CROSNOE, 2003; FILIPOUSKI; NUNES, 2012).

É partindo destas premissas e concepções, que voltei atenção para as juventudes vividas pelas mulheres participantes da pesquisa, dado que a pluralidade encontrada nos discursos traz dimensões das interseccionalidades acionadas, dos acontecimentos, das trajetórias e transições experienciadas no processo de adolecer e juvenescer de forma

conjunta, o que me permitiu uma leitura de contexto que acompanha a dinamicidade das etapas de vida, como expresso na figura 16.

Figura 16. Campo discursivo – Contexto geográfico: interpretações e juventudes



Fonte: Organização do autor (2021)

Ao conceber a juventude no plural - juventudes - evoquei diferentes elementos que passaram a caracterizar esta etapa de vida para a especificidade das experiências das entrevistadas, ao modo que esta se sustenta a partir dos subsídios presentes nos inúmeros contextos geográficos (CASSAB, 2015). Tal multiplicidade além de plural é relacional, uma vez que permite transitar entre o individual e o coletivo na busca por elementos que estejam conectados através das formas e significados presentes nos discursos (SPINK; MEDRADO, 2004).

Essa complexidade atinente à juventude é de difícil sistematização (CAMARANO, et. al, 2004). Contudo, possibilitou aproximação das diferentes vivências das participantes, dado que todas as entrevistadas vivenciaram suas juventudes em áreas urbanas, estando estas experiências lastreadas à pequenas cidades do extremo Oeste paulista, em Presidente Prudente, e também na cidade de São Paulo, como será perceptível mais adiante.

Partindo desta construção, cabe destacar que o grafo é estruturado por três centralidades discursivas que estão arranjadas em diferentes níveis de polarização, visto que a primeira centralidade é resultado de uma formação discursiva sustentada pelas palavras-chave '**Família**' e '**Casamento/União estáveis**' que pautam organizações atreladas a etapa anterior estando em um conjunto mais esparsa. A segunda formação discursiva pode ser observada através da centralidade '**Namoro**', que apresenta uma concentração mais densa em relação a primeira, estando associada a elementos estruturantes para as participantes. E a terceira centralidade pode ser denotada pela palavra-chave '**Prostituição**', que expressa maior concentração e articulação, o que garante pluralidade ao contexto juvenil das entrevistadas.

Em caráter contextual e conectivo, cabe destacar que o campo discursivo da juventude apresenta relações nevrálgicas com o campo discursivo anterior - a infância -, ainda que este tenha apresentado formações que em maior parte não abordaram as entrevistadas de forma direta, o que se demonstra ressignificado quando adentrado no campo da juventude. Por este motivo, iniciei as análises pela centralidade '**Família**', dado que esta conexão atravessa ambos os campos e se mantém ligada a uma das formas de juventude vivida pelas entrevistadas, o que evidencia que as etapas de vida não são herméticas.

Estes reflexos podem ser constatados na fase de transição entre a infância e o princípio da juventude - adolescência - (DAYRELL, 2003), uma vez que as falas sobre a '**Família**' envolvem diferentes membros - como o '**Pai**', '**Mãe**' e '**Filhos**' (no caso, as entrevistas nesta condição) - em determinadas situações, como retratado por Bonet ao se

referir ao ‘**Divórcio**’ enquanto consequência das brigas dos pais que vivenciará desde a infância.

Era assim, porque meu pai se separou da minha mãe, depois de todas aquelas brigas, ele se separou e minha mãe começou a trabalhar direto, e ela deixava ‘nóis’ em casa direto, e nisso a gente foi crescendo (risos tímidos) (Bonet, 2018).

Tal construção evidencia como as relações são transitórias entre as etapas de vida, e o quão podem refletir desdobramentos nas etapas seguintes, isto é, estou tratando do processo de construção dos sujeitos sociais e corporificados (PEDROSO, 2019); processos estes construídos nos contextos geográficos a partir dos elementos e atores que produzem inúmeras realidades, como a destacada por Bonet. Deste modo, as presentes colocações refletem sobre a conjuntura da ‘**Família**’ e suas prospecções, ou melhor dizendo, aquilo que se espera dos sujeitos enquanto adolescentes e jovens, que passam a ter possibilidade de viver outras situações que não a constituída estritamente pela ‘**Família**’ (MOTTA, 1998).

Esta conjuntura abre possibilidade para inúmeros tipos de vivência acerca da juventude, pois, “[...] não há um único modo de ser jovem, pois os jovens não são os mesmos, não vivem os mesmos tempos, nem os mesmos espaços e nem as mesmas trajetórias socioeconômicas e culturais. Há tantas juventudes quanto há tantos modos de ser jovem” (PAULA, 2015, p. 195). Assim, as contribuições de Paula (2015) ajudam a compreender uma das múltiplas formas de experienciar a juventude, como a destacada por Del Rio, que relata sua breve vivência.

E depois minha juventude já, e aí eu não saía de casa, né?! Era da igreja para casa e da casa para escola, então eu não tive, né?! A minha mocidade foi muito pouco tempo, foi uns dois anos só porque eu logo comecei a namorar e já casei e acabou. Casei cedo, casei com dezito anos, nós nos casávamos já (Del Rio, 2018).

O relato de Del Rio evidencia não somente a forma estrita com a qual experienciou a juventude, mas destaca quais eram as “expectativas” sobre a mulher jovem em sua geração, sobretudo diante das possibilidades de escolhas para as jovens mulheres da sua classe social (SARTI, 1989). Deste modo, o relato de Del Rio implicitamente expressa o que era concebido como normal para uma mulher jovem e interiorana de baixa renda, ou seja, o ‘**Casamento/União estáveis**’ e a constituição de ‘**Família**’. Essa construção expressa a conexão entre as interseccionalidades de gênero, geração e classe que se atravessam tendo como lastro material a transição dos contextos geográficos experienciados por Del Rio, que durante a década de 1970 residiu na zona rural e, posteriormente passou a viver na cidade,

quando se casou, o que evidencia a motilidade dos elementos que constituem os pilares e o próprio ordenamento destes no movimento do contexto geográfico.

Colocado isso, tal organização contribuiu para a designação dos papéis a serem desempenhados pela mulher, bem como atribuiu seus respectivos valores de acordo com a geração e classe. Deste modo, a confluência destas interseccionalidades produziram diferentes rebatimentos na construção da juventude de Del Rio, como a mesma relata ao dizer:

Isso tudo aqui em Prudente (risos). Isso quer dizer que eu não tive aquela mocidade assim que dava para aproveitar, que dava para ir para os bailes ir no cinema. Eu fui no cinema a primeira vez com o meu marido assistir King Kong naquele tempo, olha! (tom de admiração) (Del Rio, 2018).

Ambas as falas de Del Rio expressam elementos atenuantes junto às limitações das vivências que experienciou em sua juventude enquanto consequência. De certo modo, o acontecimento do casamento trouxe a ela uma mudança de realidade bastante brusca, um ponto de inflexão (HUTCHISON, 2011), dado que Del Rio transiciona do possível início da juventude para princípios de vida adulta, acontecimento simultâneo a sua mudança de contexto geográfico. Assim, Del Rio destaca as poucas experiências de juventude, que por um lado a cercearam e por outro possibilitaram experimentar nuances de uma autonomia relativa, visto que agora contava com a figura do marido.

Estas colocações se sustentam por meio dos relatos de Del Rio, que evidenciam a presença de poucas espacialidades, que por sua vez se mantinham conectadas enquanto rotas fixas sendo trajetos delimitados entre a ‘Casa’, a ‘Igreja’ e a ‘Escola’, levando a participante a concluir uma vivência da juventude de forma não-plena (TURRA NETO, 2015). Também é possível observar que Del Rio, em tom de pesar, evoca através de sua memória um sentido comparativo a possibilidades de outras juventudes, uma vez que estiveram atreladas a espacialidades como o ‘Cinema’ e ‘Boates’ da qual Del Rio não vivera de forma completa ou mesmo desejada.

A construção da juventude de Del Rio traz elementos interessantes, pois pode ser pensada para a realidade de muitas outras mulheres - jovens ou não - que vivenciaram e ainda vivenciam tais condições, ao modo que experienciam pouco da vida pública sendo condicionadas ao espaço da ‘Casa’, tendo como desígnio primário o ‘Trabalho doméstico’, já que este faz parte da lógica construída a partir da divisão sexual do trabalho, dentro da qual foi socializada e para a qual foi preparada (SAFFIOTI, 1987; GUTERRES, 2001).

O exemplo do contexto geográfico experienciado durante a juventude de Del Rio, traz dimensões espaço-temporais de conteúdo e de agência específicas que contribuem com a caracterização e o entendimento da conjuntura que posiciona a mulher jovem em uma lógica de dependência criada que, neste caso é geracional, seja de ordem financeira, afetiva, emocional, marital, etc. cerceando assim as possibilidades de produção e consumo de outras espacialidades (CASSAB, 2015). Assim, fica evidenciado os inúmeros atravessamentos que constituem a vida dos sujeitos, isto é, como se realizam as interpelações entre as interseccionalidades que os constituem nas diferentes produções e vivências espaciais na cidade.

Neste sentido, se faz necessário destacar a produção de diferentes juventudes que experienciaram contextos geográficos distintos e assim constroem outras possibilidades, dado que estas foram engendradas por processos que confluem na vida das entrevistadas, o que pode ser entendido “[...] tanto como um contexto, quanto como uma condição, ao mesmo tempo em que podemos também pensar no modo como tais vivências são elas mesmas produtoras do seu espaço de interação” (TURRA NETO, 2015, p. 120).

Partindo desta perspectiva, entendo que as juventudes se mantêm atreladas aos múltiplos devires, aos elementos e movimentos que constituem o contexto geográfico em realidades específicas (FILIPOUSKI; NUNES, 2012; PIRES, 2015). Isso, porque os jovens organizam “[...] suas trajetórias circunscritas a processos sociais complexos, que se alteram conforme os espaços, tempos e contextos em que estão inseridos, diferentes segmentos juvenis explicitam demandas e constroem caminhos diferenciados em suas vidas” (MATTOSO, 2010, p. 73), o que significa que esta etapa de vida pode sofrer transformações e ressignificações a partir das relações que se estabelece, dos conteúdos e agenciamentos que as conformam. Esta movimentação pode ser observada ao longo dos relatos de Alyssa, que inicialmente retrata sua vivência em uma pequena cidade do interior paulista - Piquerobi -, que oferece a possibilidade de construção e vivência de espacialidades como a ‘Rua’ e a ‘Praça’, onde era possível encontrar-se com seus pares, com seus ‘Amigos’.

A experiência inicial de Alyssa marca o princípio do exercício da juventude, o encontro, a relação que se estabelece com outros no movimento de significação dos espaços e a produção da juventude que se realiza concomitantemente (PIRES, 2013). O fenômeno do encontro gera enquanto possibilidade o estabelecimento de inúmeras relações, de amizade, curtição, lazer e paquera (CASSAB, 2015), fazendo com que os jovens produzam suas identidades, nas suas relações com outros sujeitos da sua mesma geração. Isso nos

aproxima das experiências acerca dos relacionamentos, sobretudo, do ‘**Namoro**’ que toma distintas caracterizações como destacado por Alyssa.

E eu era muito namoradeira, namorei muitos (frase assertiva), eu namorava muito, tive muitos (risos). Mas namorar mesmo assim... eu já estava com dezessete anos, foi quando eu conheci uma pessoa e tive a primeira relação sexual, foi um português ‘V’, e foi isso. Namorei. Lá eles têm um ditado, eles falam: ‘Se perden’, porque naquela época quando o pai e a mãe descobriam, eles faziam casar, né?! E na época eu conheci ele e me perdi com ele, foi a primeira relação sexual que eu tive (Alyssa, 2018).

O relato de Alyssa evidencia ações e saberes que são almejados pela maioria dos jovens no que tange à experiências além do âmbito familiar. Isso envolve a busca por pares, ou seja, estar entre jovens, se relacionar com os seus iguais por meio da identificação, ao modo que “esses saberes constituem marcos importantes que orientam o posicionamento dos sujeitos em relação a como se identificam e como gostariam de ser reconhecidos” (CASTRO, et. al, 2006, p. 438).

Tal construção é expressa pela evocação de Alyssa ao mencionar o princípio de suas relações afetivas, que enunciam e caracterizam o contexto geográfico, os costumes e a época em que tal fato aconteceu, isso fez parte enquanto elemento da sua construção de mulher jovem no contexto que vivenciava. Também é possível notar a progressão dessas vivências, visto que Alyssa trata abertamente sobre o início de sua vida íntima, quando relata sobre sua primeira ‘**Relação sexual**’, o que ganha notoriedade pois adentra aspectos culturais e geracionais que automaticamente a direcionava ao ‘**Casamento/União estáveis**’ de forma compulsória, estando estes aspectos situados no contexto geográfico que vivera sua juventude (FEIXA; LECCARDI, 2010).

Neste sentido, cabe destacar a proximidade e o caráter de confluência que as contribuições de Alyssa apresentam em relação ao relato de Tammie, que também vivenciou e tratou de forma sincera e explícita as questões ligadas a ‘**Relação sexual**’, ou melhor dizendo ao início de sua vida sexual durante a juventude na cidade de São Paulo.

Ele era formado, ele era engenheiro de construção, e daí eu conheci ele e a gente começou a namorar e coisa vai coisa vem, e eu ainda era uma moça virgem, só que um dia vem a tentação como acontece com toda as moças, e a gente cai na conversa e eu acabei saindo com ele. A gente foi pra um hotel e eu estava menstruada e isso foi no ano de 1981, e eu estava menstruada e foi a única vez que nós saímos. Ele já estava de plano, ele já tinha tudo planejado na cabeça dele... ele se chamava ‘A’, ele deve estar vivo em algum lugar em São Paulo ou no Rio de Janeiro (Tammie, 2018).

E Tammie continua dizendo acerca das intenções do parceiro, que não objetivava o ‘**Namoro**’ e/ou o ‘**Casamento/Unões estáveis**’:

*Não, não, não cheguei a casar não. Ele só quis me usar, porque depois ele passava com uma loira (outra mulher) e eu fiquei muito revoltada. Aí, lá em São Paulo como as casas são todas no alto, eu comecei a entrar em pânico... e tinha umas pedras, e quando ele passava com a mulher loira, aquelas loiras oxigenadas... eu jogava pedras neles (risos acanhados) (**Tammie**, 2018).*

A narrativa de Tammie expressa algumas questões importantes como: os interesses e desejos despertados pelos sentimentos na relação, bem como evidencia as inúmeras possibilidades de desigualdades que se fazem presentes nos relacionamentos; desigualdades estas que estão correlatas às construções e valorações acerca do gênero (BUTLER, 2015), que neste âmbito suplantam a figura da mulher, seus desejos e sentimentos. Estes elementos podem ser observados quando Tammie expressa sua ‘**Revolta**’ e indignação ao episódio da ‘**Traição**’ ao “ser usada”, e o quão estes acontecimentos impactaram e redirecionaram sua trajetória de vida devido a este primeiro ‘**Abandono**’.

Vias de fato, os valores e os usos são desiguais no acontecimento de relações como relatado por Tammie. Esta gama de elementos permite múltiplos olhares, e é sob outro ponto de vista e com diferentes sentidos, que Bonet evoca seu ‘**Namoro**’ enquanto afirmação e sustentação enquanto sujeito, entendido que a participante constrói uma narrativa que se ancora na figura do parceiro, como pode ser observado em seu relato.

*Então assim, eu fui criar um pouco de respeito quando eu conheci o pai da ‘D’ (primeira filha), porque o pessoal ficou com medo, porque eu namorava um malandro, né?! Aí todo mundo calou a boca (**Bonet**, 2018).*

Assim, Bonet destaca sua experiência relacional acerca das dificuldades que enfrentava para obter respeito, o que torna a figura masculina do parceiro o centro da narrativa. Desta forma, o relato de Tammie e Bonet trazem contribuições que estão situadas no campo simbólico (BOURDIEU, 2001) que, parte da conjuntura social, caracteriza as diferentes formas de ser jovem, neste caso a partir das interseccionalidades juventude, classe e gênero, o que confere aproximação para pensarmos as posicionalidades das entrevistadas em seus contextos geográficos frente a inúmeros tensionamentos (ROSE, 1993).

Tal interpretação me possibilitou adentrar outros acontecimentos que fizeram parte das juventudes das entrevistadas e, que por assim ser, ressignificaram a forma de experienciar as trajetórias de vida (BLANCO, 2011). Exemplos disso são as evocações de Monique e Bonet acerca da ‘**Gravidez**’ que ganha centralidade, uma vez que a maternagem passa a compor enquanto interseccionalidade o conjunto de elementos constituintes dos contextos

geográficos (PRZYBYSZ, 2011; PRZYBYSZ; SILVA, 2017). Neste sentido, Bonet relata sobre a experiência da maternagem na juventude:

Mas aí, como eu engravidei da 'D' eu não queria mais ter filho, eu queria sempre ficar bonitinha pra ele e inclusive quando eu estava grávida eu tomava pinga, tomava comprimidos, dava soco na minha barriga, eu dormia por cima da barriga. Eu era a grávida mais infeliz do mundo! Uma grávida que se sentia totalmente sozinha. Aí quando chegou o dia da 'D' nascer, que eu comecei a sentir dor, eu falei... 'Nossa, agora eu vou ter uma filha retardada, vai nascer com a cabeça amassada, vai nascer com alguma coisa amassada'. Eu imaginava isso dela, mas ela nasceu normal, totalmente normal. E nasceu super bem, né?! (Bonet, 2018).

O relato apresentado por Bonet traz fortes elementos acerca do que vivera enquanto mulher jovem na condição de uma gravidez não planejada, apoiada, ou mesmo estruturada do ponto de vista relacional, o que acaba por complexificar as experiências vividas durante a juventude da entrevistada. As condições trazidas pela gravidez na vida de Bonet constituem um ponto de inflexão (HUTCHISON, 2011), que pela materialidade do acontecimento acionaram diferentes interseccionalidades (McCALL, 2005; VALENTINE 2007), que coexistiam de forma atuante na constituição do contexto geográfico. É preciso relembra que Bonet se encontrava situada em condições pouco favoráveis neste momento de sua vida, uma vez que residia com de sua mãe em uma área periférica de Presidente Prudente nos anos 1980, sem ajuda financeira e/ou respaldo de seu companheiro, o que contribuiu para o redirecionamento das trajetórias de vida de Bonet⁶⁴.

Ainda mantendo estas perspectivas, cabe destacar as relações que são estabelecidas pelas vivências de Monique, que também experienciou a maternagem durante a juventude em uma realidade espaço-temporal bastante próxima a de Bonet, no entanto, com a presença de conteúdos e agências diferentes. As experiências de Monique trazem para a arena de debate implicações de ordem econômica e profissional, que repercutiram no contexto geográfico, sobretudo, no que tange ao ‘Trabalho’ quando se é uma mulher jovem, como pode ser observado.

Eu tive a minha filha mais velha com quinze anos de idade, eu trabalhava na guarda mirim e eu engravidei... Não foi bom, porque era uma 'criança' cuidando de outra, né?! Mas eu não me arrependo não. Eu arrependo de ter tido filho

⁶⁴ É notável que as memórias evocadas por Bonet apresentam o pesar, o sentimento ao estar ‘Infeliz’ com tais condições que estiveram ligadas às vulnerabilidades que as mulheres mães-solo enfrentam na conjuntura social, visto que a sociedade criminaliza e culpabiliza a mulher ao impor compulsoriamente o desempenho dos papéis de gênero, que designa a mulher como responsável e cuidadora. Por isso, é preciso mencionar a necessidade de desmistificação da maternagem como algo utópico (SILVA; ZANELLO, 2016), pois, esta se mantém como uma concepção intrínseca a um imaginário social patriarcal, socialmente aceita, que mascara as vulnerabilidades vividas pelas mulheres em relação às questões de gênero, classe e geração.

muito cedo, antes de ter uma profissão, porque se eu não tivesse saído teria continuado lá e hoje teria uma outra profissão se tivesse continuado lá, mas por causa da gravidez eu tive que parar, né?! (Monique, 2018).

As experiências de Monique em alguns aspectos se assemelham às vivenciadas por Bonet, dado que a gravidez se configura como um ponto de inflexão (BLANCO, 2011). Isso porque a juventude passou a ser constituída pela intersecção da maternagem, o que redirecionou e ressignificou a produção das espacialidades até então vividas, transicionando ambas para princípios de uma outra etapa, a vida adulta, como ocorreu com Del Rio ao viver o casamento e a maternagem como pontos de inflexão encurtando suas experiências juvenis, já que tais acontecimentos reorganizam o campo de possibilidades que dispunham em seus contextos geográficos.

Deste modo, a situação de ambas as entrevistadas passou a ter outras complexidades que adensaram a experiência juvenil das mesmas, o que pode ser percebido através das memórias evocadas por Monique, que trazem aspectos importantes para os jovens de uma forma geral, dado que aborda questões ligadas ao gênero, classe e **‘Trabalho’**.

Esta discussão se faz pertinente quando são elencadas diferentes interseccionalidades que permitem a leitura contextualizada dos sujeitos, o que auxilia com profundidade a compreensão das múltiplas juventudes e os percalços enfrentados em cada contexto geográfico, como destaca Turra Neto (2015, p. 129) ao dizer que

[...] para os jovens das camadas populares, o futuro é mais incerto, o campo de possibilidades de elaborar projetos é mais limitado e, muitas vezes passa pelo trabalho a garantia da própria continuidade dos estudos. Ao elaborarem para si projetos de ascensão social, muitas vezes, organizam o presente em função do futuro que, arduamente, estão preparando. Outros, contudo, diante das incertezas, optam por mergulharem no presente e viverem a juventude possível com seus poucos recursos, participando de culturas juvenis em torno dos estilos. Uma juventude, na maior parte das vezes restrita a alguns poucos anos, visto que logo devem assumir as responsabilidades de participar da manutenção do lar, quando não assumem sua própria família.

As contribuições de Turra Neto (2015) dialogam diametralmente com as experiências vividas por Bonet e Monique, na medida em que se estendem também às demais entrevistadas, que desde muito cedo tiveram que lidar com questões relacionadas ao **‘Trabalho’**, dado que este garantiu a sustentabilidade da independência, pois era necessário a manutenção das próprias vidas e, como nos casos destacados anteriormente, também o sustento das(os) **‘Filhas(os)’**.

Em vista disso, nem todos as (os) jovens experienciam a juventude através de um processo linear e gradual que os prepara para a vida adulta, sobretudo as (os) jovens de baixa renda, as mulheres jovens, das classes populares, com poucos recursos no campo de possibilidades, que se deparam com a necessidade de lidar com responsabilidades costumeiras a vida adulta, “[...] especialmente a ‘pressão’ para a entrada no mercado de trabalho, ou ainda a experiência da gravidez, de maternidade e de paternidade, [que] chegam enquanto esses estão experimentando um tipo determinado de vivência do tempo de juventude” (CARRANO, 2011, p. 11).

Assim, para os jovens, o ‘**Trabalho**’ surge enquanto uma responsabilidade que em determinados contextos geográficos se faz necessário, pois está conectado diretamente a outros elementos importantes como o ‘**Dinheiro**’ que garante não só o sustento, mas também a possibilidade de acesso e certo poder de decisão e concretização de desejos. Tais elementos são possíveis de observar no relato de Tammie, que comenta sobre esta parte de sua juventude vivida em São Paulo no final da década de 1970 ao trabalhar nas ‘**Fábricas**’ junto às suas ‘**Irmãs(os)**’:

*Em 1979 eu estava em São Paulo junto com as minhas irmãs pra trabalhar em fábricas de... bem, eu chegava a revisar roupa, colocava as mãos nas roupas pra ver se as roupas não tinham defeitos. Eu trabalhei de metalúrgica, eu também trabalhei fazendo guarda-chuvas e jaquetas em São Paulo, isso tudo no Bairro do Limão. No Bairro do Limão em São Paulo era onde ficavam muitas fábricas, eu creio que naqueles anos existiam muitas fábricas lá... chamava Bairro do Limão e eu e minhas irmãs trabalhávamos lá (**Tammie**, 2018).*

O relato de Tammie expressa sua situação no contexto que vivenciou na juventude acerca do ‘**Trabalho**’, o que trouxe a ela uma carga de responsabilidade que estava atrelada a sua permanência neste contexto geográfico. Este elemento pode ser compreendido como uma “faca de dois gumes”, dado que ao mesmo tempo que cria responsabilidades correlatas a permanência, permite que haja certas possibilidades de escolhas, e é neste interstício que grande parte dos jovens encontram o ‘**Trabalho**’ como veículo para consolidar a própria ‘**Liberdade**’, uma vez que esta é idealizada e buscada pelos jovens que possuem condições de projetar suas realizações em planos futuros (MATTOSO, 2010).

O anseio por ‘**Liberdade**’ faz parte do cotidiano dos jovens que buscam pela transgressão e independência do âmbito familiar, dado que os mesmos visualizam a possibilidade de decisão sem a influência direta de outrem. Tais fundamentos podem ser interpretados a partir da fala de Latrice que caracteriza com veemência a busca pela independência via este canal.

Eu queria liberdade porque eu não tinha, minha mãe e meu pai me prendia muito, e eu queria trabalhar pra ter liberdade e eles não deixavam. Eu queria liberdade! Porque eu queria morar sozinha e eu não queria ficar morando com os outros. Foi depois que eu saí da casa dela, porque eu queria pagar aluguel. Eu morei um bom tempo pagando aluguel (Latrice, 2018).

O relato de Latrice expressa o desejo por vivenciar suas escolhas e poder desfrutar da ‘**Liberdade**’. Contudo, é necessário ponderar os diferentes níveis de instabilidade e incertezas que se fazem presentes no universo jovem, já que a maior parte enfrenta precariedades e dificuldades ligadas a habitação, emancipação financeira, sustentabilidade empregatícia, etc., o que pode gerar inúmeras condições vulnerabilizantes dos sujeitos (PAIS, 1990). A realidade retratada por Latrice torna-se cada vez mais dificultosa, uma vez que toma como base a “[...] desigualdade de acesso à educação escolar de qualidade, [como] barreiras que retardam a obtenção do primeiro emprego (sobretudo para os jovens de 15 a 19 anos), determinam o desemprego prolongado entre 19 e 24 anos e condenam a injusta distribuição salarial” (FILIPOUSKI; NUNES, 2012, p. 19).

Tais condições abrem margem para que os jovens experienciem condicionamentos que possam ser vulnerabilizantes, que já não estejam mais em sua alçada no campo de possibilidades, o que reduz drasticamente sua potência de decisão. Trata-se de situações que atingem diretamente as questões ligadas à saúde e ao bem-estar psicossocial dos jovens (PAIS, 1990), uma vez que “tudo fica mais complicado, quando as vicissitudes da idade se somam a problemas como rejeição em casa e fora de casa, desemprego, pobreza e alcoolismo” (COSTA, 2012, p. 134). É nestas situações de vulnerabilidade que se fazem presentes situações ligadas ao uso de ‘**Drogas**’ como pode ser evidenciado no relato de Bonet, que retrata experiências muito difíceis que foram vividas em seu contexto.

Então, (breve silêncio) nesse tempo aí... eu até experimentei usar droga, já usei maconha com raxixi. E sabe o que é maconha com raxixi? É a verdadeira chupeta do capeta... Nossa, é a verdadeira chupeta do capeta, porque é uma coisa que transforma a sua mente, uma coisa que te deixa totalmente retardado, que te deixa bobão assim. Nossa! (Bonet, 2018).

Bonet evidencia em seu relato uma realidade comum do mundo juvenil, na qual os jovens encontram nas ‘**Drogas**’, no alcoolismo (‘**Bebidas**’) e no tabagismo uma porta de fuga (CHAVEIRO, 2015) para escapar dos problemas enfrentados perante as violências - de todos os tipos - e vulnerabilidades que se fazem presentes, estando isso associado a desinformação, acessibilidade e manutenção da sensação de ‘**Liberdade**’ (CEOLIN, et. al, 2015, p. 157).

Além disso, a presença de tais agentes vulnerabilizantes⁶⁵ abre possibilidades para outros tipos de acontecimentos que se mantêm alinhados à outras intersecções que constituem os sujeitos, que passam a assumir expoência frente a composicionalidade do contexto geográfico (SILVA; SILVA, 2014), exemplo disso, é a relação de gênero e exploração ligada a ‘**Prostituição**’.

A centralidade da ‘**Prostituição**’ traz impacto e expressividade discursiva ao fazer parte dos contextos de algumas das entrevistadas, o que reforça o ideário das juventudes múltiplas e das situações de violências e vulnerabilidades que perpassam os diferentes contextos geográficos das participantes da pesquisa.

Tais acontecimentos podem ser visualizados nos relatos de Alyssa e Tammie que de certo modo confluem, dados os elementos que atravessam essa etapa de vida. Através deste movimento, foi possível perceber inúmeras e plurais articulações que se fizeram presente na vida dessas mulheres, principalmente as que se destacam enquanto marcas atinentes ao gênero, aos corpos e dominações (LAN, 2017), como relatado por Alyssa e Tammie ao falarem sobre suas experiências iniciais na ‘**Prostituição**’:

Foi assim, tinha uma mulher lá de Piqueroibi, o nome dela é ‘M.A’, e ela tinha uma casa aqui na zona aqui em Prudente. Ela foi e procurou a minha mãe e falou que tinha arrumado um serviço pra mim, e, é lá em Prudente e ela vai ganhar tanto e tal. Tanto minha mãe estava enganada como eu, né?! Eu não sabia, e aí ela me trouxe aí pra essa zona aqui em Prudente. E como a gente já era acostumada a beber em festinhas e essas coisas, eu comecei. Daí, chegava os fregueses e pagavam bebida e (pequena pausa) eu acostumei a beber e fazer programa... e ganhar dinheiro. Eu achava fácil fazer programa, era um dinheiro fácil e nisso eu acostumei na ‘vidona’. Aí, eu fui pro mundão, pra ‘vidona’, pra boate, virei mulher de programa. (Alyssa, 2018).

Foi quando eu entrei na prostituição e foi nisso que eu conheci um rapaz chamado ‘C’, ele era lindo, tinha o cabelo liso escorrido que parecia uma peruca... E ele era pessoa que tomava conta, né?! (Tom de voz diminuído) Vamos dizer, por exemplo, se ali tem uma boca de fumo tem que ter alguém pra tomar conta e comandar porque não pode chegar qualquer um de qualquer jeito e na prostituição também era assim.... E o ‘C’ foi uma pessoa que eu conheci na rua. Eu era muito bonita e ele me pôs pra me prostituir, e não era em uma casa, a gente ficava na rua fazendo paredão. Ele falava comigo e com as outras separado, ele tinha amizade com todas e naquela época era na rua, de ficar no paredão [...] Toda a vida eu fui honesta, o que é seu é seu, e o que é meu é meu, eu nunca

⁶⁵ Considero agentes vulnerabilizantes todos os elementos/acontecimentos que contribuem para a redução ou mesmo a precarização do campo de possibilidades dos jovens, o que acaba por restringir e condicionar os sujeitos a situações degradantes e vulneráveis.

peguei, eu nunca gostei de pegar nada de ninguém, (pausa na fala) mas sempre me exploraram! (Tammie, 2018).

Inicialmente, o relato de Alyssa dialoga com o que a pouco vinha sendo discutido acerca das questões do ‘**Trabalho**’ e independência no universo juvenil, a ponto de ressaltar a vivência de vulnerabilidades e explorações enquanto possibilidades, o que também pode ser identificado nas contribuições de Tammie.

Deste modo, ambas as entrevistadas apresentam acontecimentos comuns mesmo em contextos bastante distintos, visto que até então, Alyssa residia na zona rural de Piquerobi – SP, enquanto Tammie experienciava a realidade do Bairro do Limão⁶⁶ e seu entorno durante a década de 1980 na grande São Paulo. Tais realidades evidenciam que as experiências ligadas a ‘**Prostituição**’ estão atreladas aos pilares dos contextos geográficos quando pautadas as realidades específicas do cotidiano (Espaço-tempo), os corpos jovens, a maternagem de ambas, a força de trabalho (Conteúdo), os acontecimentos, a organização do campo de possibilidades (Agência); elementos que se encontram sustentados pelas interseccionalidades de classe, gênero e geração, como fica explícito no trecho em que Tammie refere-se a beleza que detinha em sua juventude, sendo este encontro de eixos estruturantes uma das fontes de exploração (CRENSHAW, 1993; 2002).

Estas relações partem das simbolizações correlatas aos corpos femininos, melhor dizendo, a mercantilização destes corpos enquanto produtos aptos ao consumo (BRU, 2006), que pode ser realizado em diferentes espaços, como elucidado por Alyssa ao mencionar a casa de meretrício, bem como pode ser concretizado na ‘**Rua**’ que passa a ter novos significados (CASSAB, 2015), conferindo então, maior grau de exposição e vulnerabilidade como citado por Tammie.

Ainda no sentido de resignificação, cabe destacar que os elementos que se faziam diretamente presentes no contexto geográfico das entrevistadas também sofrem reinterpretções, como destaca Alyssa ao longo de sua trajetória e vivências de outras espacialidades.

Sim, minha mãe descobriu, mas já não podia fazer mais nada, né?! Depois daqui de Prudente eu fui pra Sorocaba em boates, eu fui frequentar pra lá, e ela (mãe) ficava com a minha filha, com a mais velha, era ela quem cuidava. Eu trazia dinheiro pra ela e... ela chorava, ficava preocupada, mas não tinha jeito, não me segurava, eu ganhei o mundão e queria o mundão (Alyssa, 2018).

⁶⁶ Para qualificar o aprofundamento sobre o Bairro do Limão é recomendável o acesso a tese de Livre Docência da Professora Odette Carvalho de Lima Seabra intitulada “Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole” (2003).

O relato de Alyssa expressa as vivências e repercussões que viveu esporadicamente em âmbito familiar, uma vez que experienciava simultaneamente a ‘**Prostituição**’ e a maternagem (PRZYBYSZ, 2017; PRZYBYSZ; SILVA, 2019). Isso faz da ‘**Prostituição**’ uma realidade muito complexa, pois é atravessada por inúmeros elementos, como os já destacados e outros mais, por vezes, ligados ao uso de ‘**Bebidas**’ alcóolicas, ‘**Furto**’, ‘**Drogas**’ e ‘**Dinheiro**’ que de forma sistêmica condicionam a manutenção da vulnerabilidade ligada ao gênero, uma vez que exercer essa atividade coloca a mulher em situações de vulnerabilidade (MOREIRA; MONTEIRO, 2012), como destacado no relato de Tammie:

E na época a gente tinha que beber (bebida) e mesmo menstruada tinha que fazer programa, porque ele gerenciava e comandava como a gente tinha que fazer... ‘Não, você fala com os rapazes, você fala pros caras que aconteceu agora e que você não sabia’. Ele me instruiu igual um advogado, ele deu as coordenadas igual um advogado fala pro cliente de como você tem que fazer (Tammie, 2018).

E continua dizendo...

Mas aí, a gente morava junto porque eu era muito bonita... e o quê que ele era? E o quê que ele era? Ele chamava ‘C’ e a gente morava em hotel naquela época porque ele não tinha residência fixa e ele traficava também, mas ele não usava, ele só traficava porque todo traficante não usa. Ele vivia do tráfico e agenciava a prostituição que era a minha pessoa. Ele também entrava nos lugares e roubava, ele roubava lojas... E naquele tempo tinha o Carandiru, eu ganhei tanto dinheiro e gastei tudo, eu andava só de salto, eu tinha umas pernas enormes (Tammie, 2018).

São bastante expressivos e ricos os relatos que Tammie traz sobre a ‘**Prostituição**’, dado que ao fazê-los também caracteriza o contexto geográfico que vivenciou na grande São Paulo na década de 1980, especificamente, o entorno do Bairro do Limão, como os bairros Bom Retiro e os Campos Elíseos, onde experienciou o exercício da prostituição. Outro exemplo disso é a menção ao Carandiru, localidade próxima, popularmente conhecido pela contingência de pessoas privadas de liberdade durante as décadas de 1970, 1980 e 1990. Deste modo, as memórias urbanas evocadas por Tammie tornaram possível perceber parte de sua cotidianidade na época, as ações e espaços envolvidos ao longo dos anos.

Os relatos supracitados expressam a dura realidade da exploração sexual das mulheres, bem como apresenta outra lógica de produção das espacialidades, dado que o contexto geográfico das participantes mudou ao longo das etapas de vida. Neste sentido, a ‘**Prostituição**’ culmina como uma situação ápice das violências materializadas pela ordem sistêmica da sociedade (MOLINA; KODATO, 2005; BIROLI, 2013). Este conjunto torna as mulheres vulneráveis e condicionadas a ponto de dificilmente terem força e/ou poder de

decisão para redirecionar suas trajetórias, o que as mantém propensas a sofrerem outros tipos de violências, pois estão sujeitas “a agressões arbitrárias da polícia, dos agenciadores, dos clientes, principalmente em relação ao acerto do programa e uso da camisinha” (MOREIRA; MONTEIRO, 2012, p. 03).

As contribuições de Moreira e Monteiro (2012) retratam bem a situação de exploração, de violências e vulnerabilidades sofridas pelas mulheres que exercem a ‘**Prostituição**’, o que se aproxima da realidade evocada por Latrice durante sua juventude vivida em meados da década de 1990, na cidade de Presidente Prudente. Latrice destaca o tempo que viveu como profissional do sexo e as consequências destes processos.

É, e eu fiquei bastante tempo sendo garota de programa, foi até eu pegar a doença, quando eu descobri que eu estava com a doença eu só tive mais dois namorados, porque eu morria de medo de passar a doença pra eles (Latrice, 2018).

O relato de Latrice se soma às falas anteriores ao modo que destaca as diferentes situações enfrentadas no âmago da ‘**Prostituição**’, além do fato de que Latrice dá ênfase a outros acontecimentos: a emergência de doenças, sobretudo, as IST’s e o HIV/AIDS, como mencionado ao fim das narrativas individuais. Deste modo, Latrice adentra uma nova experiência que será explorada adiante, mas que desde já sinaliza as inflexões, transições e transformações nos trajetos de vida das participantes.

Assim sendo, tal tessitura me permitiu identificar e analisar múltiplas formas de experienciar a juventude (PIRES, 2013; PAULA; PIRES, 2013), visto que ora os contextos geográficos se aproximavam e confluíam, ora se distanciavam e divergiam conforme a interação das realidades específicas de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência, que conjecturavam as interseccionalidades coproduzidas em cada contexto geográfico.

Estas realidades em constante relação colocam em pauta os elementos que constituem ou mesmo colaboram para os momentos de transição entre uma etapa de vida e outra, visto que em nossa sociedade atual torna-se cada vez mais difícil perceber tais transições devido a não existência de marcadores precisos (CARRANO, 2011). Isso se torna uma questão evidente, sobretudo, quando pautada a experiência vivida que parte da juventude para a vida adulta, entendido que não há uma resposta pronta e definitiva para essa demanda, pois isso “[...] depende tanto dos indicadores relacionados a transformações vividas pelo corpo biológico quanto àquilo que se refere aos dados sociais objetivos e às representações que cada sociedade empresta ao conceito de jovem e juventude” (CARRANO, 2011, p. 09).

Neste sentido, as contribuições de Carrano (2011), destacam que o trânsito entre as etapas de vida é intrínseco à existência das participantes, construção esta que credibiliza o que é concebido e verbalizado pelas mulheres sobre o que vem a ser infância, juventudes e vida adulta. É esta complexidade interseccional que garante a possibilidade de interpretação das violências e vulnerabilidades⁶⁷, melhor dizendo, dos contextos geográficos que salientam as opressões que se fizeram presentes no cotidiano infanto-juvenil das mulheres, que experienciaram a infância, adoleceram, se casaram, foram mães, trabalharam, exerceram a prostituição, ou mesmo vivenciaram todas estas experiências nesta relação plurilocal construída (PIRES; HEIDRICH; COSTA, 2016), majoritariamente, em realidades com acúmulos de condições desfavoráveis.

Esta leitura de conjunto permitiu a construção do entendimento de que as histórias aqui narradas não são aleatórias, pois possibilitam outras projeções em horizontes mais amplos, como aqueles que retratam os sujeitos e suas condições de vida por meio das estatísticas. Destarte, as narrativas aqui colocadas permitiram elucidar as distintas violências sofridas nos cursos de vida (HUTCHISON, 2011), que se aglutinam enquanto violência estrutural - lê-se vulnerabilidade - presente no cotidiano destas mulheres, atingindo com grande magnitude as que vivem, “[...] nas comunidades mais pobres, com óbvias consequências negativas sobre a continuidade de projetos de prevenção” (BASTOS, 2000, p. 15) da saúde, e consequentemente, de sua manutenção e qualidade de vida, principalmente, acerca das questões que versam sobre o HIV/AIDS⁶⁸.

Esta questão tem se tornado cada vez mais relevante, pois envolve a população feminina que vive com o HIV/AIDS; população esta que predominantemente é jovem. Em âmbito nacional esta situação vai além do registro de novos casos, dado que é perceptível que a mortalidade das mulheres tem sido maior em relação a dos homens, principalmente a mortalidade das mulheres negras e empobrecidas (ROCHA; VIEIRA; BARBOSA FILHO, 2018). Estes são elementos que estão estritamente atrelados ao fato de grande parcela das

⁶⁷ Sobre os referidos conceitos - violência, vulnerabilidade e interseccionalidades - mencionados nas presentes reflexões, destaco que estes serão aprofundados no próximo capítulo, uma vez que esta ação tomará como base as narrativas das participantes da pesquisa, mantendo assim o intento de uma construção mais próxima e adequada ao real.

⁶⁸ Alinhado a esta discussão, Santos (2016) salienta que, de modo geral, a mulher negra brasileira sofre distintas discriminações, consistidas pelas condições da desigualdade de gênero ocasionados pelos ditames de uma sociedade patriarcal, como também sofre discriminação advinda da perspectiva racial, na qual estas mulheres são estigmatizadas por serem negras. Tais colocações são importantes para elucidar o nível de investigação necessária, pois a descrição e “[...] análise de dados socio-econômicos, de incidência e mortalidade de AIDS e da mortalidade de outras patologias, desenha o quadro epidemiológico que ressalta as iniquidades em saúde da população negra e, em particular, das mulheres desse segmento populacional” (SANTOS, 2016, p. 602).

mulheres afetadas pelo HIV/AIDS possuem menor escolaridade que a população masculina em igual situação, “entendida esta menor escolaridade como proxy de uma condição sócio-econômica menos privilegiada e, ainda, uma maior proporção de mulheres que apresentam-na como categoria de exposição para o HIV” (SANTOS, et. al., 2009, p. 322).

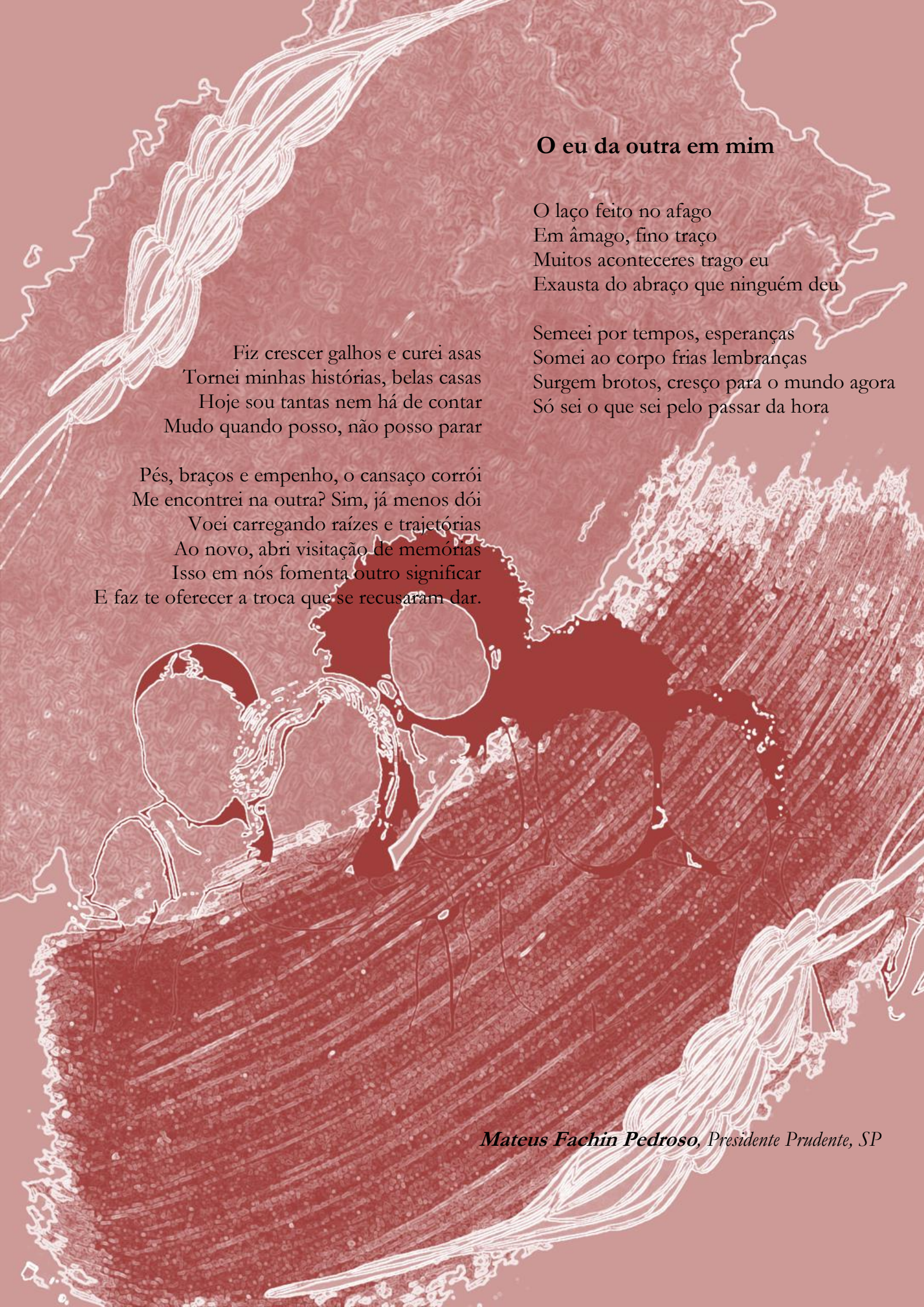
Tais questões estiveram/estão presentes no cotidiano das mulheres que aqui narraram suas histórias, isso pelo fato de que os múltiplos elementos - estruturais e estruturantes - emergiram, permaneceram e se transformaram de modo consonante aos movimentos dos cursos de vida. Esta interpretação foi construída a partir da vivência de infâncias e juventudes precarizadas em cada contexto geográfico, que ora as impulsionaram à transgressões, ora restringiram seus movimentos, mantendo de forma intrincada a continuidade da vida a partir das relações do devir, em que estas distintas trajetórias, cuja origem e desdobramentos se dão em diferentes realidade de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência, em que também se atravessam, como lembra Massey (2000; 2004; 2008; 2009), com suas marcas e ressignificações em um passado cada vez menos distante, que por assim o ser evidencia tramas e encontros, como será visto nos capítulos que seguem.

Colocado à luz todo o contingente narrativo aqui interpretado, peço a licença para me despedir, já que toda interlocução é constituída de falas, escutas e silêncios. Por isso, até breve...

Capítulo 4

*Caminhar, construir e ressignificar:
transições
interseccionais
das mulheres e seus contextos*





O eu da outra em mim

O laço feito no afago
Em âmagô, fino traço
Muitos aconteceres trago eu
Exausta do abraço que ninguém deu

Fiz crescer galhos e curei asas
Tornei minhas histórias, belas casas
Hoje sou tantas nem há de contar
Mudo quando posso, não posso parar

Pés, braços e empenho, o cansaço corrói
Me encontrei na outra? Sim, já menos dói
Voei carregando raízes e trajetórias
Ao novo, abri visitaçãõ de memórias
Isso em nós fomenta outro significar
E faz te oferecer a troca que se recusaram dar.

Mateus Fachin Pedroso, Presidente Prudente, SP

Ao lidarmos com os processos de construção identitária dessas mulheres que percorreram distintos trajetos de vida, vivenciaram múltiplas experiências, nos deparamos com diferentes interlocuções de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência. Isso nos permitiu encontrar características peculiares e comuns entre elas, o que reforça a importância de uma interpretação calcada na realidade dos sujeitos que, ao mesmo tempo considere suas especificidades e seus aspectos comuns-universais, uma vez que todas as trajetórias confluíram para um mesmo local de encontro, onde se articularam e passaram a coexistir no presente: a APPA (Associação Prudentina de Prevenção à AIDS).

Esta proposição parte do que vem sendo evidenciado a partir das narrativas que evocaram distintas realidades por meio dos acontecimentos, dos pontos de inflexão e das transições que arregimentaram seus campos de possibilidades (HUTCHISON, 2011). Este movimento partiu da conformidade organizativa dos agenciamentos⁶⁹, que por sua vez viabilizaram o afunilamento, aproximação e o encontro da diferença, como nos lembra Massey (2000; 2004; 2008; 2009).

Diante das inúmeras complexidades ligadas ao movimento do viver, buscamos a partir dos pontos específicos da tese evidenciar os principais elementos que constituem e atravessam os cursos de vida dessas mulheres, sobretudo, os que estão presentes no momento pós-diagnóstico do HIV/AIDS. Por isso, tomamos como enfoque interpretativo as violências, vulnerabilidades e interseccionalidades - outrora mencionadas - que estruturaram as trajetórias já na vida adulta, o que possibilita a visualização da confluência dos cursos que culminaram no encontro (EGLER, 2000; MEJÍA, 2015), situadas no mesmo contexto geográfico.

Para tal feito, inicialmente, foi necessário estabelecer as seguintes questões: quais são os acontecimentos que estão ligados à experiência de violência no cotidiano das mulheres? Em quais contextos as vulnerabilidades se fizeram presentes? Quais são as

⁶⁹ Segundo Gómez-Arias (2018) o agenciamiento (agency) “se refiere a la acción o intervención requerida específicamente para producir un efecto particular en el curso de la vida. Todos los seres humanos presentan una capacidad variable de agenciar deseos, intenciones y actuaciones creativas; nacemos con una capacidad altamente generalizada para agenciar, de forma análoga a nuestra capacidad para el pensamiento y el lenguaje. La capacidad de agenciamiento es una característica inherente a la construcción de la vida, y ocurre dentro de los límites establecidos por la ontogénesis biológica, los esquemas culturales que regulan cada etapa de la vida, las transiciones entre las etapas, y las interacciones del sujeto con el grupo. Este concepto supone que cada individuo es capaz de ejercer un cierto grado de control sobre las relaciones sociales en las que está inmerso, lo que a su vez implica la capacidad de transformar esas relaciones sociales, hasta cierto punto. Evaluar la capacidad de las personas para agenciar sus condiciones de existencia y sus interacciones en cada momento analizado, es un elemento especialmente importante desde el enfoque del curso de la vida” (GÓMEZ-ARIAS, 2018, p. 69).

interseccionalidades que emergiram frente aos acontecimentos? Como as violências e vulnerabilidades se configuraram, permaneceram e se transformaram no processo saúde-doença?

Colocadas tais questões, explicitamos que o presente capítulo se encontra organizado em três partes, que de forma articulada buscou elucidar o contexto geográfico vivido pelas mulheres protagonistas desta pesquisa. A primeira parte, “Violências e vulnerabilidades: interpretações interseccionais a partir dos contextos geográficos”, se dedica a apresentação e articulação de reflexões teóricas sob a realidade das mulheres, uma vez que trata sobre os poderes, corpos e dominações, assuntos anteriormente apresentados.

Na segunda parte, “Encontro de trajetórias: a experiência do contexto geográfico”, foi priorizado a continuidade da narrativa destas mulheres, em que se destaca os principais acontecimentos, pontos de inflexões, transições e interseccionalidades que se fazem presentes no movimento dos contextos geográficos. Já a terceira parte, “Atravessamentos e convergências: os diferentes por quês de uma mesma questão”, traz enquanto contribuições as diferentes relações que se estabelecem entre o individual e o coletivo no devir dos contextos geográficos, de modo que destaca as violências e vulnerabilidades experienciadas no decorrer dos cursos de vida, sobretudo, na vida adulta.

4.1. Violências e vulnerabilidades: interpretações interseccionais a partir dos contextos geográficos

Ao pensarmos o contexto geográfico a partir da perspectiva dos sujeitos e suas trajetórias, nos colocamos a refletir sobre a estruturação da sociedade, que em movimento produz e consome espaço de forma desigual (LEFEBVRE, 2006a; MASSEY, 2009). Sob diferentes óticas esse processo transcende a produção econômica de mercadorias pela égide do capital, dado que incorpora outros elementos - sociais, biológicos, culturais, sexuais, geracionais, de gênero, étnico-raciais, etários - que passam a integrar o espaço social enquanto produto no mesmo movimento que reproduz as relações sociais de produção. Assim, “isso traz um caráter ilimitado para as vivências, fazendo emergir os elementos do percebido, do concebido e do vivido como política do espaço” (SILVA; ORNAT; CHIMIN JUNIOR, 2019, p. 69), o que, a nós, confere condições de raciocinar os contextos geográficos.

De forma mais ampla, isso nos levou a refletir sobre a estruturação da identidade feminina e as questões de gênero na sociedade atual sob a perspectiva geográfica (SILVA, 1998), considerando a importância da representação política e linguística que estabelece a

priori a delimitação dos sujeitos por uma construção normativa, que é legitimada por outrem (BUTLER, 2015; 2018), como bem aborda Foucault (1991) ao dizer que se trata de

[...] diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros e em função dessa regra de conjunto [...]. Medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor as capacidades, o nível, a natureza dos indivíduos. Fazer funcionar, através dessa medida valorizadora, a coação de uma conformidade a realizar. Enfim, traçar o limite que definirá a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal. A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos instantes das instituições disciplinares, compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza (FOUCAULT, 1991, p. 163).

Uma vez que temos uma sociedade estruturada e organizada de modo violento e desigual, direcionamos o enfoque na saúde sob a perspectiva interseccional voltada às mulheres, que encontram infinitas dificuldades na sociedade regida pelo patriarcado-racismo-capitalismo (SAFFIOTI, 1987). Neste caso, ou melhor dizendo... para o caso das mulheres, é essencial considerar as ações do patriarcado em suas nuances⁷⁰ enquanto um dos vieses de análise, pois esta é a formação social na qual “[...] os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens... quase sinônimo de ‘dominação masculina’ ou de opressão das mulheres” (DELPHY, 2009, p. 173), que se torna engendrada de diferentes modos na sociedade.

Assim, entendemos que a realidade atual carece de leituras geográficas comprometidas com a implementação de ações que proporcionem a transformação social. São por estas questões que a luta por igualdade é imprescindível, o que torna o movimento feminista central na vida das mulheres em relação aos direitos, ao combate às desigualdades, violências e vulnerabilidades enfrentadas. Diante disso, o movimento feminista trouxe potência à compreensão da Geografia e seus campos, uma vez que permitiu visibilidade às pautas das mulheres, garantindo que estas fossem ouvidas a partir de seus nomes, profissões e identidades, “[...] dizendo que querem ser parceiras na construção de um novo tempo: um tempo em que homens e mulheres serão, igualmente, seres humanos com direitos iguais garantidos e respeitados” (MONTEIRO; LEAL, 1998, p. 3).

⁷⁰ “A própria noção de ‘patriarcado’ andou ameaçando tornar-se um conceito universalizante, capaz de anular ou reduzir expressões diversas da assimetria do gênero em diferentes contextos culturais. Quando o feminismo buscou estabelecer uma relação integral com as lutas contra a opressão racial e colonialista, tornou-se cada vez mais importante resistir à estratégia epistemológica colonizadora que subordinava diferentes configurações de dominação à rubrica de uma noção transcultural de patriarcado. Enunciar a lei do patriarcado como uma estrutura repressiva e reguladora também exige uma reconsideração a partir dessa perspectiva crítica” (BUTLER, 2015, p. 72).

Destarte, a Geografia passou por problematizações teóricas advindas dos movimentos feministas, que tiveram como exercício a reflexão acerca das “implicações geográficas do feminismo, sua crítica da teoria e métodos nas ciências sociais e a relevância para o trabalho geográfico⁷¹” (McDOWELL, 1992, p. 400, tradução nossa). Estas ações foram construídas a partir de tensionamentos, rupturas e continuidades, uma vez que o campo das Geografias feministas levantaram questões que as bases geográficas consolidadas não tinham capacidade teórica e metodológica para responder (GARCÍA-RAMON, 1985; BAYLINA, 1997; SILVA, 2007a). Este esforço possibilitou a ampliação de

[...] toda uma gama de novas áreas para investigação. Estes incluíram **cuidados infantis, relações domésticas de poder, tarefas domésticas, fases do ciclo de vida das mulheres (monoparentalidade ou viuvez, etc.) e a sua relação com o comportamento espacial, acesso a recursos, violência masculina, saúde da mulher, redes de amizade, gênero de competências**, trabalho em várias sociedades em diferentes estágios de desenvolvimento, mobilidade social das mulheres, relações de poder incorporadas ao simbolismo e costumes urbanos⁷² (McDOWELL, 1992, p. 404, tradução nossa, grifo nosso).

Os mesmos tensionamentos teóricos e metodológicos mantiveram-se movimentados pelo caminhar construtivo da ciência geográfica brasileira (PAULA; PEDROSO, 2020), bem como pelo feminismo, que ampliou e aprofundou discussões cada vez mais pertinentes sob a perspectiva de classe, gênero, sexualidade, educação, geração e raça que, adensaram a discussão já proposta.

Deste modo, se torna compreensível que este alto grau de complexidade requer investigações e proposições que sejam adequadas à realidade geográfica vivenciada pelos sujeitos, a ponto de ser impreterível a construção de uma Geografia preocupada com as pessoas e suas dimensões ao longo do processo de vida (PEDROSO, 2022), ou seja, uma ciência geográfica que se reconheça na análise das ações de pessoas, suas ideologias, culturas e seus modos de ser e existir no espaço-tempo (SILVA; ORNAT, 2016; WERLEN, 2020), em suma, que considere os contextos geográficos vividos.

Esta é uma tarefa árdua e necessária que cabe a todas(os) aquelas(es) que se comprometem com a ciência geográfica e sua pluralidade, especialmente, as(os) geógrafas(os)

⁷¹ [...] the geographical implications of feminism, its critique of theory and methods in the social sciences and the relevance to geographical work (McDOWELL, 1992, p. 400).

⁷² “A whole range of new areas become admissible for investigation. These included childcare, domestic power relations, housework, women's life cycle stages (single parenthood or widowhood, etc.) and their relationship to spatial behaviour, access to resources, male violence, women's health, friendship networks, the gendering of skills, women's informal labour in a range of societies at different stages of development, women's social mobility, the power relations built into urban symbolism and customs” (McDOWELL, 1992, p. 404).

comprometidos com as causas das Geografias feministas, culturais, pós-coloniais, LGBTQ+ e da saúde, que assim assumem o papel fundamental de elucidar outras Geografias (McDOWELL, 1986; 1992; DYCK, 2003) que expressam enquanto potência as inúmeras interpelações existentes nos contextos geográficos.

Portanto, tomamos como base as discussões teórico-metodológicas feministas por acreditar em suas potencialidades e na capacidade interpretativa voltada à realidade dos sujeitos, acreditando que esta nos possibilita compreender as inúmeras violências e vulnerabilidades enquanto uma resposta possível às demandas presentes na realidade das mulheres que vivem com o HIV/AIDS (ALVES; PEDROSO; GUIMARÃES, 2019), pois, entendemos que estas mulheres vivenciaram e vivenciam inúmeras intersecções relacionadas a distintos contextos geográficos, estando estas evidenciadas nos discursos.

Assim, assumimos a responsabilidade e o desafio de interpretar os cursos de vida das participantes da pesquisa sobre o rigor das Geografias Feministas, especialmente, no que tange às contribuições e complexidades trazidas pelas interseccionalidades, uma vez que tal construção nos permite compreender que as mulheres sofrem inúmeras formas de opressão que ecoam de forma desfavorável sobre suas vidas, saúde e bem-estar (KUHLMANN; BABITSCH, 2002; DYCK, 2003).

De fato, construir este raciocínio envolve o esforço que se incumbe de articular as diferentes identidades dos sujeitos, que acabam sendo dimensionadas pela classe, nível educacional, gênero, geração, raça-etnia. Este último elemento (raça-etnia), configura importante marco na história do movimento feminista, pois “as autoras do feminismo negro ou de classe trabalhadora denunciaram agudamente o que perceberam como o racismo dentro do movimento feminista ou, ao menos, a insensibilidade em relação às condições de existência reais das mulheres desprivilegiadas” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 86). Estas questões foram levantadas e discutidas por inúmeras feministas negras como Davis (2013[1982]), hooks (1984), Collins (2013; 2017), Crenshaw ([1991] 2002; 1993) e outras mais, que trouxeram esse ponto importante para a elaboração e reivindicação de seus direitos não somente como mulheres, mas também como negras, mães, intelectuais e trabalhadoras.

Este movimento reivindicatório - também conhecido como feminismo negro - apresentou, debateu e avançou para a elucidação de que existem vários eixos de opressão em relação ao público feminino, de modo que estes se combinam e atenuam diferentes mulheres de distintas formas ao longo da história (DAVIS, 2013[1982]; hooks, 1984).

A construção dos questionamentos do movimento feminista negro reforçou a tese atinente à pluralidade que constitui os sujeitos sociais e suas existências, pois o gênero pautado como “primeira instância” não está isento de conexões ligadas à classe, raça, sexo, geração e outras identidades discursivamente produzidas nos contextos políticos e culturais (BUTLER, 2015). Foi a elaboração deste raciocínio que permitiu a construção teórico-metodológica do que se entende por interseccionalidade.

Caixa 02. Interseccionalidades, potências e ações

Um dos casos mais notórios é a contribuição de Crenshaw (2002), que destacou as prerrogativas que nasceram das contestações e encontros entre os eixos de dominação, passando então a pensar a dinamicidade das condições e poderes que atravessam e que (re)orientam os corpos a partir da opressão dirigida às identidades dos sujeitos (AKOTIRENE, 2018). Este refino teórico foi nomeado por Crenshaw (2002) de interseccionalidades, uma cara e complexa conceituação que “[...] busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento” (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Assim sendo, cabe ponderar que a interseccionalidade é uma estratégia analítica profunda que parte da base em movimento ascendente, em que considera a realidade vivida pelas mulheres, ou seja, debruça-se sob as formas de opressão, suas articulações, influências e impactos nas vidas moldadas pelos diferentes atravessamentos de poder (CRENSHAW, 1993; 2002).

Para além desta potencialidade, o conceito de interseccionalidade permite a conexão de duas faces do conhecimento produzido, isto é, garante a possibilidade da produção intelectual de sujeitos que estão à margem (hooks, 1984), e que detêm “[...] menos poder, que estão fora do ensino superior, da mídia de instituições similares de produção de conhecimento, e o conhecimento que emana primariamente de instituições cujo propósito é criar saber legitimado” (COLLINS, 2017, p. 07).

A instrumentalização e legitimação das interseccionalidades no campo do saber permitiu a continuidade do trabalho crítico e político empregado pelas feministas em todos os níveis, a ponto que tornou visível os eixos de dominação, suas articulações e intensidades na vida das mulheres, evidenciando as centralidades e favorecimentos interpretativos acerca das análises realizadas. Vias de fato, o conceito de interseccionalidade na prática não é algo simples, dado que exige habilidade, fidedignidade e criatividade das(os) autoras(es) para elaborá-lo a partir das realidades investigadas (SILVA; SILVA, 2014). Também é verdade que este conceito permite flexibilidade para que emergjam outras interseccionalidades

conectadas às vivências reais dos sujeitos partícipes, a ponto de transcender as interseccionalidades trivialmente conhecidas (hooks, 1984). Na verdade,

há dezenas de questões que poderiam também ser discutidas nessa perspectiva, entre as quais pode-se incluir: **Aids e outros tópicos relacionados à saúde, desenvolvimento econômico, acesso à terra e aos recursos naturais, casamento e família, velhice, violência doméstica, chefia de domicílios, direitos reprodutivos e controle populacional, poder político, cultura popular e educação.** Certamente essa lista crescerá bem como a análise aqui sugerida quando mulheres de todo o mundo entrelaçarem o fio de suas vidas no tecido dos direitos humanos (CRENSHAW, 2002, p. 188, grifo nosso).

A amplitude e perspicácia da interseccionalidade expressa a potência e o rigor teórico-metodológico empregado nos movimentos de pesquisa, o que torna tal conceito uma das maiores contribuições das pesquisas feministas feitas até o presente momento (McCALL, 2005). Tal magnitude e expoência tiveram reverberações na construção do campo geográfico, sobretudo, nas Geografias feministas dedicadas aos estudos de gênero, racialidades, corpos e sexualidades (SOUZA; RATTTS, 2008; 2009), que incorporaram tal concepção no compromisso de compreender a dinamicidade do espaço enquanto “[...] um ato de equilíbrio cuidadoso, no qual a importância relativa das divisões sociais na vida das pessoas precisa ser considerada juntamente com a profundidade e a riqueza necessárias para uma análise interseccional⁷³” (HOPKINS, 2018, p. 588, tradução nossa).

Este fato expressa que as interações e articulações entre as interseccionalidades dos sujeitos não acontecem no abstrato (LÖW, 2003; VALENTINE, 2007; BROWN, 2014). Elas possuem materialidade-imaterialidade consubstancial sendo estas situadas e corporificadas num corpo que cresce, torna-se adulto, ganha e perde valores, envelhece e morre (Conteúdo), ao modo que se relacionam na trama Espaço-tempo junto às articulações de Agência. Isso faz com que as interseccionalidades emergjam das diferentes relações, uma vez que o contexto geográfico aciona as interseccionalidades dos sujeitos tornando-as centrais em um movimento de co-produção, no qual o contexto geográfico é produzido pelos sujeitos e seus agenciamentos, sendo as interseccionalidades produzidas e valoradas neste mesmo processo em constância (PRZYBYSZ; SILVA, 2017; ALVES; PEDROSO; GUIMARÃES, 2019), resumidamente dizendo, o movimento da vida.

O estabelecimento deste raciocínio geográfico expressa a articulação entre elementos pertencentes a ordem do universal, bem como a do particular, o que proporciona a elucidação

⁷³ “[...] is a careful balancing act where the relative significance of social divisions in people’s lives needs to be considered alongside the depth and richness required for an intersectional analysis” (HOPKINS, 2018, p. 588).

processual de fenômenos que se realizam na vida dos sujeitos. Exemplo disso, é a construção hegemônica e estrutural do patriarcado-racismo-capitalismo que se origina a partir da atribuição dos valores sociais aos sujeitos e seus corpos; valores estes que são balizados pela distribuição de papéis destinados a homens e mulheres pela categoria sexo, a brancos e não-brancos pela diferenciação racial, a heteronormativos e dissidentes pelo registro das transgressões das normas sociais que, de forma articulada, se manifesta como uma poderosa estratégia de dominação (SAFFIOTI, 1987).

Na sociedade ocidental capitalista atual, os reflexos patriarcais são gestados por ações machistas, racistas e misóginas, que firmam e agudizam as desigualdades sociais, raciais, econômicas e de gênero, a ponto que tais ações elaboram um ideário axiomático que delinea “o que deve ou não ser mulher” (BEAUVOIR, 1960), assim, repercutindo automaticamente na estruturação identitária feminina que vivencia o estereótipo do silenciamento e ocultamento, compreendido enquanto algo natural por estas lógicas que atravessam gerações (BOURDIEU, 1995; GUIMARÃES, 1996).

Tais lógicas categorizantes têm como veículo o poder, que não só reprime e oprime, mas também disciplina os sujeitos corporificados, de modo que o poder se torna legítimo pela dimensão simbólica (FOUCAULT, 1991; LOURO, 2004; 2007), que garante a dominação entre os sujeitos pela hierarquização da diferença percebida entre seus corpos, funcionando “como categorias de percepção [que] constroem estas relações de poder do ponto de vista próprio daqueles que aí afirmam sua dominação, fazendo-as parecer como naturais” (BOURDIEU, 1995, p. 142), tendo os executores de poder a sensação da não-corporalidade.

Deste modo, a dominação mediatizada pelo poder transita do simbólico ao material manifestando-se nos corpos enquanto confluência de poderes exercidos, que caracterizam o indivíduo como produto desta relação (FOUCAULT, 1979; BUTLER, 2018). Assim, esta conjuntura toma o corpo como base de estruturação e simbologia, dado que estes “ganham importância quando essas marcas localizam os seres humanos em uma determinada estrutura de relações de poder e acabam sendo fundamentais na produção de experiências espaciais específicas” (SILVA; ORNAT; CHIMIN JUNIOR, 2019, p. 76).

Diante disso, é necessário atentar para os elementos que atravessam as questões corpóreas dos sujeitos, sejam elas biológicas, econômicas, sociais e/ou culturais, que têm intenso papel de ação no que se refere à vida das mulheres, pois as construções sociais que emergem dos corpos são situadas espacialmente na realidade vivida (SILVA, 2013; ALVES;

PEDROSO; GUIMARÃES, 2019). Isso porque o poder implica diretamente em suas ações, já que é no corpo que se reverbera as marcas dos “acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito” (FOUCAULT, 1979, p. 22).

Partindo deste pressuposto, as contribuições de Foucault (1979) se alinham à perspectiva dos cursos de vida, pois consideram que as narrativas e as histórias enunciadas não se desvencilham dos corpos que as experimentam e as carregam enquanto marcas-memórias. Este raciocínio ganha potência explicativa quando respaldado pela qualidade Espaço-tempo, Conteúdo e Agência que, aglutinam e relativizam as determinações advindas da ordem do universal e do particular, que de forma conjunta esboçam as posições atribuídas aos sujeitos segundo seus corpos. Posto isso, tomamos como relevante todo o processo sócio-histórico vivido pelos sujeitos em seus contextos geográficos, ou seja, os acontecimentos, as trajetórias, pontos de inflexões e transições em suas mais diversas interações no campo de possibilidades (HUTCHISON, 2011; MASSEY, 2008; 2009).

Considerar tais movimentos se torna algo bastante complexo, pois leva em conta a possível presença de desigualdades que se materializam através da existência de inúmeras violências legitimadas por discursos que ora se apresentam “[...] como manifestação da dinâmica e da trajetória de uma sociedade - seja em seus aspectos estruturais ou conjunturais -, ora como fenômeno específico que se destaca e influencia essa mesma dinâmica social” (MINAYO, 2006, p. 07-08). Dinâmica esta que se perpetua de forma sistêmica, cíclica e injusta, o que afeta as trajetórias de vida de diferentes sujeitos em distintas camadas sociais.

Tal funcionamento sistêmico ganha proporção a partir das legitimações sociais mediadas pelo discurso consensuado dos sujeitos que exercem maior poder, estes que determinam as práticas como lícitas ou ilícitas, garantindo sua aprovação ou reprovação social a partir das condições espaciais e circunstâncias temporais delimitadas (MINAYO, 2006; BUTLER, 2018).

Neste sentido, Minayo e Souza (1998) exprimem diferentes esforços para organizar reflexões acerca das violências presentes na sociedade atual, dado que este esforço está ancorado em questões históricas, que “só pode[m] ser entendida[s] **nos marcos de relações sócio-econômicas, políticas e culturais específicas, cabendo diferenciá-la, no tempo e no espaço**, e por tipos de autor, vítima, local e tecnologia [...]” (MINAYO; SOUZA, 1998, p. 522, grifo nosso).

Caixa 03. Tipologias de violência

Ainda que múltiplas, as violências são passíveis de serem pensadas e organizadas a partir de suas características e tipologias, ao ponto que esta construção tem sido empenhada ao longo da história e tem caracterizado diversas formas de expressão deste fenômeno. Exemplo disso é o debate potencializado por Minayo e Souza (1998) a partir das contribuições de Chesnais (1981), que em um primeiro intento sistematiza três definições de violência que contemplam o caráter individual e coletivo. A primeira sendo a violência física que atua diretamente sobre a materialidade corpórea dos sujeitos (violações; agressões; homicídios; etc.); a segunda referente a violência econômica, atinente ao desrespeito e violação de bens e propriedades; e a terceira que se dedica a violência simbólica - para nós a mais importante -, que atua sob a dimensão cultural enquanto ações de dominação e desrespeito aos direitos de outrem (MINAYO; SOUZA, 1998; MINAYO, 2006).

Esta categorização permite pensarmos inúmeras possibilidades e variâncias de violências ocorridas, bem como as centralidades, correlações e interpelações que estabelecem entre si, visto que acreditamos que a violência simbólica ganha força e expressão neste trâmite, uma vez que está presente de forma implícita ou explícita no acontecimento de outros tipos de violência. Assim, qualquer tipo de violência tem como princípio a valoração hierarquizante dos sujeitos, ou seja, a regra que permite e legitima que “[...] seja feita violência e que uma outra dominação possa sobrar aqueles que dominam” (FOUCAULT, 1979, p. 25).

Deste modo, a violência simbólica torna-se uma das mais fluídas e metamórficas tipologia de violência, já que aciona e dispara consequências que podem reverberar outras várias (BOURDIEU, 1995), como por exemplo, a violência de gênero que apresenta um maior rebatimento sobre a vida da população feminina, isto por se tratar de uma construção sócio-histórico-cultural que possui lastros políticos e econômicos sobre a realidade vivida pelas mulheres, que sofrem desde discriminações trabalhistas até violência doméstica e homicídios (PINAFI, 2013; LAN, 2017; GONTAREK, SILVA, 2020).

Com isso, conseguimos compreender que os fenômenos e estruturas estão interligados (desigualdade; patriarcado; racismo; violência), ao ponto que se retroalimentam e mantêm-se constituintes das lógicas organizacionais da sociedade capitalista (SAFFIOTTI, 1976; 1987) que reverberam sobre os acontecimentos e as trajetórias de vida dos sujeitos.

Essa realidade que vem de longa data apresenta transformações que acompanham o movimento da sociedade, o que atualmente permite entender que, majoritariamente, as pessoas dissidentes da lógica patriarcal, cisgênera, branca e heteronormativa, muitas vezes, não possuem nenhum tipo de respaldo efetivo por parte do Estado ou mesmo sequer usufruem de redes de apoio que garantem mínima seguridade de vida, o que levanta questões importantes como: “[...] de quem são as vidas que importam? De quem são as vidas que não

importam como vidas, não são reconhecidas como vivíveis ou contam apenas ambigualmente como vivas?” (BUTLER, 2018, p. 216).

Tais questionamentos realizados por Butler (2018) nos colocam a refletir a construção dos sujeitos e suas respectivas valorações, dado que a marca da precariedade de vida atribui automaticamente uma posição social aos sujeitos, em sua maioria aquelas(es) que se situam nas margens (hooks, 1984).

A confluência destes elementos fomenta a estabilização de um quadro de vida precário, ou melhor conceituando, vulnerável, já que se torna um estado de vida “comum”, porém, passível de transformação, pois as pessoas possuem estados de vulnerabilidades que estão suscetíveis a graus de transformações correspondentes as realidades específicas em que estão situados (AYRES, et. al, 2003), o que possibilita aos sujeitos certa potência de ação que, mesmo condicionada, permite a organização de resposta contra as desvantagens cumulativas (HUTCHISON, 2011; WERLEN, 2020).

Assim sendo, a vulnerabilidade dos sujeitos está conectada a uma baixa capacidade relacional de gerenciamento de quaisquer ameaças ou perigos que tensionem sua existência vital. Por este caminho, Ayres (2011) realizou o esforço teórico-prático do aprimoramento do conceito de vulnerabilidade⁷⁴, colocando-o enquanto construto e construtor de percepções ampliadas e reflexivas, que fossem capazes de subsidiar a identificação das causas junto as reverberações “formadas por aspectos que vão de suscetibilidades orgânicas à forma de estruturação de programas de saúde, passando por aspectos comportamentais, culturais, econômicos e políticos” (AYRES, 2011, p. 138).

Caixa 04. Vulnerabilidade, HIV/AIDS e Gênero

Para o conceito de vulnerabilidade é proposta uma interpretação oriunda da articulação de três componentes estruturantes: o componente individual, que se atém a compreensão do sujeito frente a situação-problema, através da incorporação ao cotidiano junto ao interesse e capacidade prática de resposta; o componente social, que está ancorado na relação para além dos pressupostos individuais, ou seja, está ligado ao nível de interação comunicacional, educacional, político e cultural, estando livres de coerções violentas e tendo condições de se defenderem de situações-problema; e

⁷⁴ Cabe destaque a conceituação de vulnerabilidade se edifica tendo como preocupação inicial as questões do HIV/AIDS, cujos os pioneiros, Mann, Tarantola e Netter (1992), realizaram o esforço coletivo para a compreender o conjunto de circunstâncias inscritas na vida dos sujeitos sociais; circunstâncias que envolvem as ações coletivas e particulares relacionadas ao modo de exposição a determinadas situações indesejáveis, que geram implicações negativas ao sujeito ou ao grupo do qual participa. Por isso a proposta da vulnerabilidade é interessante; “por [ser] aplicável, rigorosamente, a qualquer dano ou condição de interesse para a saúde pública – claro que com graus de interesses diversos” (AYRES, 2011, p. 121-122).

o componente pragmático que está associado ao entendimento do fornecimento e/ou implementação dos recursos sociais necessários para que os indivíduos se fortaleçam de forma equânime e democrática (AYRES, et. al, 2003; AYRES, 2011).

Assim, a conceituação de vulnerabilidade toma-se de suma importância para a compreensão do HIV/AIDS e outras situações-problemas, pois, permite adequação flexível e articulada a situação investigada, o que possibilita interpretações que caracterizam os movimentos da sociedade que tomam como base a construção individual e coletiva, mormente quando enfocamos esforços em características-chaves, como as questões de gênero e saúde (OVIDO; CZERESNIA, 2015).

Neste sentido, vale ressaltar que o Brasil possui uma complexidade profunda em relação a difusão do HIV/AIDS, o que fomenta e organiza distintas vulnerabilidades que se manifestam entrelaçadas na vida dos sujeitos investigados. No caso das mulheres brasileiras, é imprescindível realizar uma análise que considere as concepções e contribuições da vulnerabilidade de gênero, pois esta surge enquanto “[...] uma importante categoria articulada às vulnerabilidades individual, programática e social, o que se expressa na subordinação das mulheres ao sexo inseguro, às relações sexuais forçadas, a um modo de uso dos serviços em que essa subordinação e o comportamento de risco feminino não encontram nenhum apoio contra-cultural e valorização dos direitos das mulheres, e, por fim, se expressa individualmente na maior exposição à infecção e em diminuição do cuidado de si mesma” (LIMA; SCHRAIBER, 2013, p. 452).

É ancorado nestes aspectos relacionados ao HIV/AIDS que Bastos (2000) reforça que o ponto principal do processo de feminização no Brasil do HIV/AIDS é a questão da vulnerabilidade de gênero e as inúmeras iniquidades intrínsecas a este processo, que cada vez mais potencializam as desigualdades já existentes. Por tais motivos o entendimento das relações de poder sob a perspectiva interseccional torna-se imprescindível, pois, repercute de forma contundente no processo de saúde-doença das mulheres (DYCK, 2003).

No caso das mulheres que já vivenciam o HIV/AIDS, as questões interseccionais se fazem importantes, pois constituem-se em elementos cruciais para a decodificação interpretativa das violências e vulnerabilidades sofridas por elas no âmbito individual, programático e social ao longo da vida (GARCIA; SOUZA, 2010), uma vez que estes elementos estão diretamente ligados “[...] às normas de gênero de modos inteligíveis estando expostos a um risco mais elevado de assédio, patologização e violência” (BUTLER, 2018, p. 41).

Logo, é sensato considerar as bases históricas que formam a sociedade brasileira; sociedade esta que advém de regime escravocrata, classista e opressor (SOUZA; RATTS, 2008; 2009; RIBEIRO, 2017). Tais características originárias do país mantém reflexos

perpetuados até os dias atuais e que por assim ser repercutem na saúde da população feminina, sobretudo das mulheres negras e empobrecidas (WERNECK, 2016), que são os perfis preponderantes das mulheres que entrevistamos.

É por estas vias que se faz necessário uma interpretação geográfica das relações interseccionais presentes na feminização da epidemia, uma vez que esta aponta a necessidade de compreensão “[...] das trajetórias de vida, as iniquidades de gênero, as violências sofridas e os contextos de vulnerabilidade das mulheres para a adoção de estratégias integrais de cuidado” (CECCON, 2016, p. 45), sobretudo, ao que se refere na construção de políticas públicas de saúde. Com isso, assumimos o comprometimento com os mais afetados e menos favorecidos que enfrentam o processo de saúde-doença (GUIMARÃES, 2015; PEARCE, 2018) considerando a relação entre as inúmeras iniquidades sociais que se articulam ao HIV/AIDS (ROCHA; VIEIRA; BARBOSA FILHO, 2018).

Por assim ser nos debruçamos novamente sobre a vida das mulheres participantes da pesquisa, especificamente, sobre as trajetórias de vidas que elas trilharam após o diagnóstico do HIV/AIDS, tendo como ponto de destaque o momento de confluência em que essas histórias usufruem da mesma realidade específica de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência, em outras palavras, a vivência do contexto geográfico conectado a Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA). Para isso, retomo a palavra em primeira pessoa do singular para que assim seja possível evidenciar o acontecer com menos distanciamento, com condições de manter os pés no chão, na cidade e de forma consonante às vozes que narram suas histórias.

4.2. Encontro de trajetórias: a experiência do contexto geográfico

A partir das histórias de vida narradas pelas vozes das mulheres foi possível destacar a experimentação de diferentes acontecimentos na vida das participantes da pesquisa, que representam pontos de inflexão importantes em suas trajetórias. Essa compreensão parte da ordem do vivido, para a compreensão da articulação de elementos que constituem os contextos geográficos e a situacionalidade das interseccionalidades (PEDROSO, 2019).

Apesar das histórias serem individuais e sem negar suas singularidades, o racismo e o patriarcalismo estruturais na nossa sociedade posicionam estas mulheres empobrecidas e, em sua maioria autodeclaradas pardas, como um grupo de maior vulnerabilidade, o que faz com que certos padrões sejam encontrados em todas as biografias. Como outrora destaquei, não se trata de histórias que se dão ao acaso, pelo contrário, se articulam em decorrência das

semelhanças, dos acontecimentos, das confluências discursivas e, também pelo encontro dos sujeitos; conjunto este organizado por forças estruturais de diferentes ordens (MASSEY, 2008; DUFF, 2016). Por estar ancorado nestes preceitos, retomo às narrativas das participantes do ponto em que havia parado, para a interpretação dos principais movimentos que culminam no encontro, agora na vida adulta.

4.2.1. “Eu não sou o tipo de pessoa que fica parada”: as continuidades de Tammie

Tomar conhecimento de seu diagnóstico gerou uma série de desconfortos em Tammie, foi um momento turbulento e complexo, e por isso ela necessitou de um certo tempo para se reorganizar, primeiramente, em relação aos seus cuidados em saúde, já que se fez presente a necessidade de um acompanhamento médico, de inúmeros aconselhamentos para que ela aderisse adequadamente à Terapêutica Antirretroviral (TARV). Num segundo momento, reavaliou objetivos e projetos de vida, o que a reconduziu ao retorno para seu âmbito familiar. Esta foi uma decisão muito difícil, dado os vários anos de distanciamento.

Tendo contemplado este primeiro momento pós-diagnóstico, que durou por volta de 2 anos, tempo este que permaneceu residindo em São Paulo, Tammie retornou para o interior do estado ao encontro de seus pais e sua filha, que agora residiam no município de Presidente Bernardes, localizado a aproximadamente 25 km de distância de Presidente Prudente. Tammie voltou fragilizada e exausta, diante das ocorrências múltiplas de violências e opressões que enfrentou naquele contexto, como ela própria relata:

Daí eu fui... com o tempo eu fui parando de beber, sai da prostituição e voltei para Presidente Bernardes. E eu me cansei, eu já estava cansada da vida, cansada da vida, cansada da liberdade, cansada da prostituição também (tom de voz bem baixo), e aí foi quando eu retornei para Presidente Bernardes. Bom, daí eu vim para Presidente Bernardes em 1999 estando cansada daquela vida eu retornei para onde estava meus pais (Tammie, 2018).

O retorno de Tammie marca o início de uma nova trajetória que traz em si significados que partem de uma visão de mundo amadurecida, na época organizada em outro patamar espaço-temporal, o que permitiu a ela reavaliar tudo o que lhe aconteceu nestes últimos 20 anos, bem como as escolhas que foram possíveis de serem realizadas no momento (CARDOSO, 1995). Tendo isso em mente, Tammie decidiu tentar reestabelecer os laços familiares, sobretudo com sua filha, na busca por uma reaproximação direta através do convívio diário na mesma casa.

As dificuldades e os conflitos decorrentes desta reaproximação entre ela e sua filha a levou a traçar um caminho independente. Tammie decidiu se mudar de casa e de cidade, passando a residir no Parque dos Pinheiros, bairro de Alvares Machado, que apresenta conurbação⁷⁵ com a malha urbana de Presidente Prudente.

Foi por meio desta mudança que Tammie consolidou ações que garantissem a estabilidade de sua trajetória em curso, que continuou sendo respaldada pelas contribuições familiares, dado que ela havia deixado a prostituição. No entanto, Tammie destacou como foram organizados os passos iniciais de sua nova trajetória, sobretudo, no que se refere aos fatores econômicos:

Na época existia um programa assistencial igual aqui (APPA) e meus pais como já eram aposentados, passaram uma parte pra mim, pra você ver que Deus esteve sempre do meu lado... e eu fui até o fim, era quase 800 reais pra eu pegar, e teve pessoas que foram cortadas. Isso era um benefício que não era pra gastar com bebida, com churrasco, com qualquer coisa e, eu peguei até o fim, mas tudo que você comprava tinha que destacar nota (Tammie, 2018).

O breve relato de Tammie evidencia elementos importantes como a intersecção de classe que seu discurso evoca, visto que a ausência de emprego formal ou mesmo de uma fonte de renda, a direcionava às políticas de assistência social. Isso também está atrelado ao como e onde Tammie passou a residir, ou seja, como foram colocadas suas relações com a cidade, já que passou a morar em uma área considerada como periférica que passava por intensos processos de urbanização, no início dos anos 2000.

Este novo contexto geográfico, abriu para Tammie outro campo de possibilidades, novos e importantes vínculos, especialmente, os que estiveram ligados à outras vivências, novas amizades e aos serviços de saúde da cidade de Presidente Prudente, que se tornaram elementos centrais em sua cotidianidade.

Isso possibilitou a emergência de acontecimentos que partiram dessas novas relações, como por exemplo, o início de seu penúltimo relacionamento, que fora intermediado por um amigo. A princípio Tammie não tinha a intenção de se envolver com ninguém. No entanto, houve uma grande identificação entre as partes, visto que eram encontradas semelhanças entre as trajetórias trilhadas por cada qual. Este acontecimento inesperado,

⁷⁵ Para um entendimento mais explícito deste fenômeno urbano, Sposito (1996) argumenta que a conurbação se realiza a partir da “expansão da malha urbana com crescimento determinado por suas forças internas, que tende à constituição de uma mancha urbana única. É diferente de aglomeração, processo pelo qual cidades tendem a incorporar em sua mancha urbana cidades pequenas próximas cujo crescimento decorre da expansão da cidade maior” (SPOSITO, 1996, p.43).

levou Tammie a se mudar novamente, do Parque dos Pinheiros para o Conjunto Habitacional Jardim Humberto Salvador⁷⁶, para residir com seu novo companheiro, permanecendo nesta relação por 18 anos.

Sob este ponto de análise, Tammie detalhou como foram todos estes anos de convivência e suas percepções até os desdobramentos de diferentes ações que culminaram na separação, como ela mesma relata:

No início eu adorava. Esse relacionamento no começo... ele era uma pessoa muito sincera, é aquele tipo de pessoa que dá a vida, ele era muito responsável por tudo, muito responsável, só que o ciúme (tom pesaroso) fez sair coisas da boca dele que você imagina e se transforma. Às vezes ele partia para a ignorância, às vezes batia, ele vinha pra cima, pegava no meu cabelo e judiou muito de mim (tom de voz diminuído). Quando eu conheci ele... pra mim eu queria aquela casa, queria aquele homem, queria aquela vida, um casal, mas eu sempre... (breve silêncio). Eu não sei, ele é honesto, ele é muito responsável em tudo o que ele faz, só que quando ele fala, ele não tem segurança no que ele fala (Tammie, 2018).

Este relato de Tammie traz uma reflexão abrangente sobre o que vivera em seu relacionamento, destacando que esta narrativa sintetiza muitos outros momentos que compõem um conjunto mais amplo, longo e complexo. Deste modo, a narrativa de Tammie expressou suas expectativas, desejos e vivências, bem como salientou suas decepções no decorrer da relação, tendo como agentes causadores as violências psicológica, de gênero e física (MINAYO, 2006) que foram perpetradas por seu companheiro. O relato de Tammie aciona diferentes interseccionalidades como as de classe e gênero, que de certa forma se relacionam e estruturam a experiência desigual deste contexto geográfico vivido.

Para além disso, Tammie destacou que, por diversas vezes, em distintas situações se sentia controlada e restringida a dimensão da casa, visto que seu companheiro não permitia que ela tomasse suas próprias decisões, que circulasse pela cidade ou mesmo visitasse pessoas próximas, pois ele era muito ciumento e possessivo como relatado por ela:

Só que eu não saía... e esse meu marido não gostava que eu saía e ele também não saía, ele me controlava, me controlava. E eu tinha que arrumar um lugar pra ir, porque se eu fosse pra igreja ele bebia e fazia escândalo, aí eu ficava parada, e eu não sou o tipo de pessoa que fica parada, eu tenho que estar me movimentando, e foi assim que eu cheguei aqui na APPA (Tammie, 2018).

Esse condicionamento a longo prazo foi se tornando desgastante para Tammie. Tal realidade evidenciada no relato expressa a presença de interseccionalidades como o gênero,

⁷⁶ Segundo Pedro Miyazaki e Nunes (2017) o “Conjunto Habitacional Jardim Humberto Salvador foi implantado no ano de 1995, por meio do Projeto de Loteamentos Urbanizados, cujo objetivo primordial foi atender as famílias que ainda não haviam sido beneficiadas pelo Programa de Desfavelamento, ocorrido no setor Leste da cidade de Presidente Prudente, na gestão do Prefeito Paulo Constantino” (p. 111).

geração e classe que compuseram os acontecimentos que caracterizam a experiência de diferentes violências e vulnerabilidades no que se refere “[...] à existência de relações que limitam a capacidade de atuação das pessoas e que retiram os suportes institucionais de segurança social, ou seja, situações que negam o exercício efetivo de direitos e, portanto, insegurança presente e evanescência de projetos futuros” (OVIEDO; CZERESNIA, 2015, p. 246).

Deste modo, as colocações de Czeresnia e Oviedo (2015) dialogam com as experiências relatadas por Tammie, visto que inúmeras de suas dimensões enquanto sujeito eram afetadas pelos episódios plurais de violência, o que de certo modo caracterizavam um quadro de vida precário (BUTLER, 2002; 2018), um contexto geográfico de opressão. Foi esta conjuntura que levou Tammie a buscar ajuda, e através deste movimento que lhe foi apresentada a APPA (Associação Prudentina de Prevenção à AIDS) enquanto possibilidade de apoio e orientação. Este acontecimento configurou um significativo marco na trajetória de Tammie, dado o fato de que este ampliou seu rol de oportunidades que foram se efetivando à medida que passou a compor a instituição, de modo que este acontecimento expressa mudanças na realidade específica de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência, fundando assim, o princípio da ressignificação para o contexto geográfico então vivido. Atualmente, são mais de 10 anos de participação.

4.2.2. “De onde você está vindo eu também já vim”: os ensinamentos de Del Rio

As menções a respeito das trajetórias de Del Rio realmente surpreendem, pois, além das interseccionalidades já experienciadas pós-divórcio, como a de ser uma mulher divorciada nos anos 1980 em uma realidade conservadora e a conciliação da maternagem solo com os quesitos econômicos, Del Rio experienciou a descoberta do HIV/AIDS depois da morte do seu segundo companheiro. Fato que trouxe grande revolta e muitas incertezas, já que ela acreditava que teria pouco tempo de vida. Desse modo, para Del Rio, o HIV se tornou um acontecimento que redirecionou sua trajetória de vida, como ela mesma relata.

Descobri no dia! No dia lá... Todo mundo da família sabia gente (em tom indignado) e ninguém me contou (tom pesaroso). Ai eu fiquei mais de um ano sem conversar com eles, sem ir na casa deles, porque eles sabiam, mas eles foram me falar o dia que eu estava no hospital. Falaram... ‘Vai fazer o exame!’... Eu falei... ‘Como é que é? Que exame?’. ‘Fazer exame porque ele injetava’. Eu pensei... ‘Eu não acredito!’ (tom decepcionado) (Del Rio, 2018).

As vívidas memórias enunciadas por Del Rio - mesmo após 18 anos - expressam a complexidade da situação, a surpresa, o descontentamento, bem como as dificuldades que viriam a partir deste ponto de inflexão (HUTCHISON, 2011). Para Del Rio tudo aconteceu muito rápido, o que causou a ela a sensação de morte iminente, gerando assim preocupações e medos, especificamente, sobre si e os cuidados de sua família.

Sem sombra de dúvidas este foi um período muito difícil para Del Rio, pois mais uma vez teria de enfrentar grandes desafios, se reinventar, ou como prefiro pensar, renascer como uma fênix. E foi exatamente isso que ela fez. De modo paulatino, Del Rio se reorganizou a partir das contribuições das redes de apoio das quais já desfrutava em outros contextos geográficos, como a família e a igreja, como ela mesma relata.

E nesse meio minha família me apoiou muito quando ele morreu, depois de tudo. Ai eles chegavam, a turma da igreja da Assembleia, eles ficavam bem do lado assim. Nunca ninguém falou nada, só apoiou. Foi o que deu força pra mim ir me restaurando, ir subindo, porque eu vou falar pra você, a gente fica um bagaço. O 'bagúí' é doido! (risos) (Del Rio, 2018).

O relato de Del Rio evoca com bastante significância os processos que vivenciou em sua trajetória de vida, de modo que dá ênfase a uma interseccionalidade que sempre esteve presente em sua vida, a religião. Essa interseccionalidade expressa a experiência do sagrado, em outras palavras, a vivência do sentir religioso que se constrói a partir das relações entre espacialidades e pessoas (GIL FILHO, 2001; RODRIGUES, 2003). Desse modo, a religião para Del Rio teve um papel fundamental no momento pós-diagnóstico, dado que os movimentos proporcionados pelas ações via religião constituíram bases de fortalecimento e resistência às vulnerabilidades que Del Rio enfrentava.

Ações conjuntas como as destacadas por Del Rio ofereceram respaldo para que ela continuasse sua trajetória de vida transpondo as barreiras estruturais. De fato, a vivência deste acontecimento causou inúmeras transformações em seu contexto geográfico, sobretudo, as que estiveram ligadas à sua estrutura familiar, que novamente haviam sido transformadas. Frente a tais mudanças, Del Rio permaneceu decidida a continuar residindo na Vila Marcondes, uma vez que já havia construído inúmeras relações ligadas ao acolhimento, igreja e trabalho.

Sobre este período pós-diagnóstico, anos 2000, Del Rio me relatou as inúmeras dificuldades que enfrentou junto às suas filhas e filho, principalmente, as que estiveram ligadas a ordem financeira, o que fez com que Del Rio buscasse constantemente por empregos, que nem sempre eram fixos e bem remunerados. Estas experiências tiveram de

ser aceitas frente a necessidade de cuidar de suas filhas e filho, sobretudo, os mais jovens que ainda estavam em processo de formação.

Esta trajetória de vida de Del Rio se realizou neste contexto geográfico por um longo período, o que permitiu que suas filhas e filho crescessem, estudassem, se casassem e seguissem seus próprios caminhos. Para que todas essas ações ganhassem concretude, Del Rio precisou trabalhar em organizações de festas, especificamente no setor da cozinha, e também como empregada doméstica, sendo este seu último emprego antes de ingressar na Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA) como cozinheira-chefe; fator este que fez com que Del Rio se aproximasse dos trabalhos realizados pela APPA, instituição que ela já conhecia por alto, mas que ainda não a frequentava de forma direta.

O contato cotidiano com a APPA fez com que Del Rio pudesse não somente exercer seu trabalho, mas também participar das ações formativas de prevenção e promoção da saúde oferecidas pela instituição em diferentes espaços da cidade (escolas, universidades, empresas, instituições de saúde, etc.). Del Rio acompanhou por inúmeras vezes essa construção, e para ela foi algo que se tornou fundamental e crescente, o que permitiu sua contribuição direta em que pode partilhar toda sua experiência de vida.

Certamente, para Del Rio essa realidade ocorreu enquanto um processo de autoconhecimento que se realizou “[...] na articulação entre os processos sociais e o modo como os indivíduos enfrentam tais provas a partir de suas experiências sociais” (LEÃO; CARRANO, 2013, p. 899), permitindo que ela atribuisse outros valores ao que concebia para si, ou seja, tais relações demarcam o processo de ressignificação do contexto geográfico vivido. Cabe destacar que este processo é altamente laborioso e não linear, uma vez que apresenta elementos que passam a fazer parte da vida dos sujeitos, enquanto outros são excluídos por tempo indeterminado ou mesmo para o resto da vida. Exemplo disso é caso do sexo para Del Rio, visto que relata fazer **18 anos que não tem relações sexuais, salientando que não sente falta e que já se acostumou com a situação, o que me fez pensar sobre as possíveis relações entre as práticas sexuais das mulheres e o surgimento do HIV em suas vidas** (Diário de campo, 26 de junho de 2018).

Ademais, o processo de autoconhecimento de Del Rio acerca do HIV despertou a necessidade de continuar abordando este tema para além dos espaços acima citados. Del Rio quis mais e, logo passou a desempenhar um importante papel junto à atuação da APPA, já que dialogava em primeira instância com pessoas que tinham dificuldades em compreender a situação da vivência com o HIV/AIDS. Esta ação ocorria como um tipo de

aconselhamento em que Del Rio utilizava sua história de vida como exemplo, para que as pessoas conseguissem enxergar possibilidades para si, e assim permanecessem para desfrutar dos demais serviços oferecidos pela instituição:

Todas as vezes que chegava alguém aqui, chegavam desesperados, e aí me chamavam e me colocavam para conversar com a pessoa. E eu falava que eu vinha lá do fundo também, lá do fundão... e eu dizia: 'De onde você está vindo meu filho, eu também já vim, e olha aqui para mim como é que eu estou agora!'. Tinha um homem que veio aqui, ele saiu com uma pessoa que sabia que tinha (HIV/AIDS), mas ele não sabia e acabou que foi de surpresa como eu... Fui conversando com ele, e contava a minha história para ele entender que é possível. Ele falava: 'Nossa, mas tá difícil'... E é difícil, para mim também foi difícil como está sendo para você, e eu peguei não foi porque eu quis não. Eu casei sem saber, eu casei ali óh sem saber, e agora a gente vai dando um jeito e saindo pelas beiradas (Del Rio, 2018).

Estas ações trouxeram para Del Rio uma ampliação em seu rol de possibilidades, dado que as dificuldades, enfrentamentos e superações fomentaram seu processo de autoconhecimento em relação ao HIV/AIDS, o que de certa forma gerou suas primeiras ações na militância (CARVALHAES, 2008). Esta realidade foi sendo construída no decorrer dos anos, foram sendo incorporados novas possibilidades na trajetória de Del Rio, especificamente, aquelas que estiveram ligados a outros espaços e encontros dos quais pôde compor, como por exemplo, a participação no Movimento Nacional das Cidadãs PositHIVas (MNCP) representando as mulheres do interior paulista, de Presidente Prudente.

4.2.3. “Eu me fechava muito, eu tinha medo”: as (re)construções de Alyssa

A constatação da sorologia positiva para o HIV/AIDS trouxe para Alyssa e sua família uma série de cuidados e mudanças que foram empenhados no movimento de continuidade de sua trajetória. Ao me relatar esta passagem Alyssa disse que na época ficou bastante chocada com seu diagnóstico e o de sua filha, bem como não soube definir de forma acertada qual teria sido a ocasião de infecção, já que durante a vivência na prostituição não manteve práticas de prevenção, tal como seu ex-parceiro era usuário de drogas injetáveis (UDI), configurando estes fatores uma ramificação de possibilidades que dificultavam o entendimento da origem da infecção.

Somado a esta realidade, Alyssa se deparou com a notícia de que seu ex-companheiro - que se encontrava privado de liberdade - havia falecido em decorrência das complicações causadas pelo quadro agudo da doença, isso pelo fato do diagnóstico e tratamento ter sido

demasiadamente tardio. Sem dúvida, este foi mais um marco com significância para Alyssa e seus filhos, pois todas(os), de diferentes formas, sentiram a perda já que seu ex-companheiro faleceu muito jovem, tendo ele a mesma idade de Alyssa na época.

Aí eu só tive a notícia que ele tinha morrido (ex-marido), ele morreu com vinte e seis anos de idade. Eu não sei se ele foi furtar para adquirir droga, eu não sei... só sei que quando pegaram ele... ele não sabia que estava doente também, porque ele era soropositivo, e quando tiraram ele da cadeia pra ir pro hospital ele morreu. Ele morreu no hospital e eu nem vi (tom de voz baixo) (Alyssa, 2018).

Mesmo com todas estas dificuldades Alyssa seguiu adiante junto a seus filhos, e foi nesse intermédio de tempo que ela garantiu que eles crescessem, estudassem e tivessem condições de trilharem seus próprios caminhos, o que foi realizado com muito esforço. Todo este tempo também esteve atrelado ao processo de autoconhecimento de Alyssa que, frente às inúmeras instabilidades vividas, acabou por ficar em segundo plano, que somente foi retomado quando percebeu que seus filhos seguiram seus próprios cursos de vida. Este foi um elemento preponderante para que Alyssa se mudasse novamente, visto que ela se manteve residindo na cidade de Franca até o falecimento de seu pai que já tinha idade avançada.

Encerrado esta trajetória repleta de acontecimentos que durou cerca de 20 anos, Alyssa resolveu se mudar para a cidade na qual reside atualmente - Piquerobi, SP -, para estar mais próxima a alguns de seus irmãos e irmãs que residem em outros municípios da região, como Presidente Prudente, por exemplo. O processo de mudança automaticamente implicou em inflexão na sua trajetória de vida, o que contribuiu com a emergência de diversos acontecimentos, principalmente os que estão ligados ao HIV/AIDS.

Inserida neste outro contexto geográfico, Alyssa pôde experienciar novas vivências. Dentre estas, as que mais chamaram a atenção foram as ligadas ao preconceito e estigma em decorrência do HIV/AIDS (PARKER; AGGLETON, 2001), principalmente, as ações discriminatórias presentes no âmbito intrafamiliar, como retrata Alyssa ao rememorar um episódio com uma de suas irmãs:

Por exemplo, a minha irmã... essa que eu ajudo. Ela... hoje não, porque ela está com a cabeça mais aberta, porque eu já falei várias vezes... uma mulher que foi Professora de Educação Física, com o entendimento de mundo que tem, ter preconceito?! Porque sempre que a gente ia fazer um churrasco na casa da minha irmã lá em Piquerobi, se ia fazer qualquer coisa, se ia cortar uma salada, lavar uma alface que a minha outra irmã pedia pra fazer, essa minha irmã pegava e corria na frente porque ela tinha medo, mas hoje não, hoje tudo o que eu faço ela come, mas dá pra perceber que ela tem medo ainda (Alyssa, 2018).

Esse relato de Alyssa evidencia as nuances e os diferentes graus de complexidade que envolvem o preconceito e o consequente estigma quando pautadas as questões do HIV/AIDS, que podem ser vivenciadas no âmago da família e/ou no círculo social. De fato, estas experiências são muito dolorosas, pois reduzem os sujeitos a patologia e assim engendram um processo que agride diretamente sua identidade enquanto ser social (SANTOS, 2006).

A questão do preconceito e estigma - majoritariamente - constitui a experiência das Pessoas que Vivem com HIV/AIDS (PVHA) de forma multifacetada, de modo que ações discriminatórias estejam presentes nos mais diferentes espaços, mesmo naqueles que deveriam por obrigação legal manter o trato com dignidade e respeito como é o caso das instituições de saúde. Este exemplo surge a partir da indignação de Alyssa **que relatou a ausência de um atendimento qualificado, o que demonstrou o despreparo dos serviços de saúde em Piquerobi. O relato de Alyssa expressou o quão forte é o impacto e os decorrentes reflexos de viver com o HIV/AIDS nesta realidade** (Diário de campo, 10 de maio de 2018), como ela mesma trouxe uma situação discriminatória que presenciou no transporte municipal de saúde:

Até hoje é muito difícil. Porque, por exemplo, esses dias, quando eu voltei de viagem eu fui no posto de saúde pegar a minha medicação e, tem um senhor de Piquerobi que trata também lá, mas eu não sabia que ele tratava lá. Na hora que eu descí, ele ficou na van, aí o motorista da van falou assim: 'Essa peste aí tá podre de AIDS', e a van estava lotada de gente! (Alyssa, 2018).

Experiências como a mencionada também foram vividas em outras situações, o que por si só evidenciam a presença do preconceito na cotidianidade de Alyssa, tanto em espaços privados quanto em espaços públicos. Foi por este ângulo que Alyssa aproveitou para denunciar suas experiências relacionadas ao preconceito onde vive, sobretudo no que tange a sua condição de mulher, mãe-solo vivendo com HIV/AIDS. As considerações de Alyssa destacaram em vários momentos as diferentes forças e poderes que a atravessaram, ora estando ligadas às questões de saúde-doença, ora ligadas ao gênero e maternagem, o que requereu em distintos momentos a posição de enfrentamento.

Foi a partir dos distintos episódios de enfrentamento e da busca por seus direitos que Alyssa tomou conhecimento da existência da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA), sendo este um significativo acontecimento que compõe a trajetória mais recente de Alyssa. A realização deste encontro permitiu a ela a vivência de outras experiências que, constituíram a ressignificação de seu contexto geográfico. Esta aproximação se deu por meio do estabelecimento de amizades que indicaram esta instituição enquanto potência para o

acolhimento, orientação e direcionamento, uma vez que são realizados por pessoas capacitadas, que possuem envolvimento direto com a realidade de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (PVHA).

Tal conjunto apresentado convenceu Alyssa a se aproximar e frequentar as atividades desenvolvidas pela instituição, fazendo com que atualmente acumule aproximadamente 6 anos de participação enquanto associada, o que trouxe outras perspectivas, como ela mesma destaca:

Então, depois que eu comecei a frequentar a APPA eu fiquei aliviada, porque antes de eu frequentar isso daqui eu me fechava muito, eu tinha medo até de vir aqui porque as pessoas iam ver... não sei o que, não sei o que, né?! As meninas que trabalham aqui sempre fazem reuniões e atendimentos que estão sempre ensinando a gente, ensinando o que é o direito, o que é certo e o que não é certo, porque a gente tem que ter os cuidados da gente também, né?! (Alyssa, 2018).

Este último como os anteriores relatos de Alyssa, expressam de forma bastante evidente os inúmeros acontecimentos, pontos de inflexão e transições que ela experienciou em seu curso de vida (HUTCHISON, 2011), principalmente os mais recentes que a impulsionaram para o encontro com a APPA.

4.2.4. “Deus me ouviu, aleluia!”: os pontos de ressignificação de Bonet

Como anteriormente mencionado, a descoberta da sorologia positiva para Bonet teve um impacto muito grande, sobretudo, pela forma a qual teve acesso a essa informação. Houve uma reorientação de toda sua trajetória de vida que, naquela época (1996), parecia seguir para o desconhecido. Num primeiro momento, Bonet resolveu omitir seu diagnóstico de todas(os), pois acreditava que as pessoas que estavam à sua volta não entenderiam e a julgariam com base em seus próprios estereótipos e preconceitos, considerando não só sua sorologia, mas também o seu namorado e o fato de ser mãe solo.

Assim, Bonet seguiu sua trajetória de vida, mantendo basicamente os mesmos agenciamentos, ou seja, ainda residia com sua mãe e sua filha no Jardim Jequitibás em uma situação bastante delicada. No entanto, emergiram algumas diferenças, como o fato de Bonet ter encerrado seu ciclo escolar e iniciado a busca por trabalho, necessidade esta que a reposicionou enquanto sujeito, dado que tal alteração tomou como base um conjunto de aspectos atinentes à vida adulta, configurando assim um movimento transicional (BLANCO, 2002; GUIMARÃES, 2006).

Esta transição possibilita a leitura interpretativa das interseccionalidades acionadas pelo contexto geográfico experienciado por Bonet, dado que se tornam preponderantes as questões ligadas à educação, classe e gênero, pois Bonet relatou ter tido vários tipos de trabalhos, a maioria deles ligados ao ramo da limpeza, no qual trabalha até hoje como diarista, como também mencionou a presença de trabalhos informais, os chamados bicos como ela mesma colocou:

Trabalhava de faxineira... Fui tocando até hoje, porque quando aparece algum bico pra mim eu encaro (**Bonet, 2018**).

Assim, Bonet seguiu, trabalhando, cuidando de sua filha e buscando incansavelmente pela consolidação de seu relacionamento. Ela enfrentou várias dificuldades, teve de trabalhar muito, para garantir as condições básicas de vida para si e para sua filha. Esta gama de acontecimentos presentes na trajetória de vida de Bonet contribuem para o entendimento dos possíveis impactos e celeridades durante a transição, que neste caso representa uma “passagem rápida à vida adulta, em que o episódio reprodutivo acelera o processo ou mesmo, representa seu ápice ou conclusão” (HEILBORN; CABRAL, 2006, p. 233).

De fato, para Bonet não foi um processo fácil ressignificar sua vida e estabelecer prospecções futuras, uma vez que todas as situações envolveram novas questões a serem administradas. Exemplo disso, são as perdas que vivenciou, especialmente, a de seu companheiro que faleceu em 2000, quando a filha de Bonet estava prestes a completar 4 anos. O falecimento de seu namorado configurou um novo ponto de inflexão (HUTCHISON, 2011), visto que Bonet novamente se viu tensionada pelas situações presentes em sua trajetória de vida.

Mesmo diante destes intensos acontecimentos, Bonet seguiu sua trajetória a partir do que estava disposta enquanto possibilidade em seu atual contexto geográfico. Em suma, continuou trabalhando e cuidando de sua filha, bem como de seu segredo. Essa reserva foi mantida até o quadro clínico de Bonet se agravar em 2004, o que gerou um colapso em seu organismo que se manifestou enquanto um Acidente Vascular Cerebral (AVC), o que trouxe sérios problemas para ela. Bonet permaneceu cerca de 15 dias no hospital, primeiramente em estado grave e, posteriormente, em observação, tempo este que houve ressignificações que foram para ela de extrema importância para repensar seu contexto geográfico, como por exemplo, a significância em ter se aproximado da religião:

A minha aproximação foi quando eu estava lá deitada lá no hospital e foi um irmão lá orar por mim, isso quando eu tive o derrame... Mudou, mudou e muito! (frase exclamada). Muito, muito, muito e muito, Deus me ouviu, aleluia! Porque

era pra mim estar num caixão, estar só os ossos lá debaixo da terra, mas Deus me ouviu (Bonet, 2018).

Essas inúmeras ocorrências destacadas nos relatos de Bonet evidenciaram uma sequência de diferentes pontos de inflexão que aconteceram em um curto período de tempo (HUTCHISON, 2011) que, por sua vez, possibilitaram - frente a situações de stress - a reelaboração de alguns objetivos de vida de Bonet. Particularmente, fiquei bastante impressionado com tudo o que aconteceu neste período da vida de Bonet, e não somente pelos acontecimentos, mas também pelos entrelaçamentos interseccionais presentes, que no contexto geográfico vivido se encontravam acrescidos pela interseccionalidade da religião.

Foi por meio destas ressignificações que Bonet passou a assumir outra postura frente à sua família, amigos, relações amorosas e trabalho. Esta realidade permitiu a ela tomar algumas decisões, dentre estas, contar sobre sua sorologia para as pessoas mais próximas e seus familiares, que reagiram de forma pouco receptiva e até mesmo discriminatória, como ela temia, de modo que a rejeição intrafamiliar se tornou mais uma dificuldade em seu contexto geográfico.

Mesmo quase sem apoio, Bonet procurou por respaldo e assistência, o que possibilitou a ela iniciar o uso da Terapia Antirretroviral (TARV) de forma acertada, para que assim nenhum episódio clínico lhe surpreendesse. Neste período, Bonet priorizou estritamente sua qualidade de vida, para que assim pudesse trabalhar e garantir os cuidados necessários para sua filha. Sob estes preceitos, Bonet insistiu pela continuidade, que novamente se encontrava em transformação, já que houve a presença de novos acontecimentos, como seu envolvimento com seu atual companheiro, relação bastante longa que já dura mais de 18 anos, como ela mesma relata.

Aí foi quando eu conheci o pai do 'M', eu ia na cadeia visitar ele [...] Depois que o pai da 'D' morreu, depois de um ano e meio mais ou menos assim eu fui visitar ele. E de lá para cá eu fiquei só com ele... eu tentei sair fora, mas quem disse que eu consigo? Eu não consigo mais não!

E continua dizendo...

E ele falava assim... 'Nenê, vem aqui nesse final de semana, vem aqui e vamos ficar conversando como amigos'. Daí eu ia lá na cadeia e dava pra ele (relações sexuais) e, eu falava pra ele... 'Nós somos só amigos, não tem nada a ver um com o outro não', aí ele falou... 'Pode vir aqui se você conseguir, eu conto os meus problemas e você conta os seus problemas' (Bonet, 2018).

O ingresso em um novo relacionamento também se configurou como um importante acontecimento, dado que passou a transformar o cotidiano de Bonet, bem como suas práticas

na cidade, visto que semanalmente passou a frequentar a Penitenciária Wellington Rodrigo Segura, localizado no distrito de Montalvão - Presidente Prudente. Estas ações decorrentes do mencionado acontecimento se demonstraram crescentes conforme o envolvimento de Bonet ao longo do tempo, de modo que seguiu mediando sua trajetória a partir das relações familiares, de trabalho e afetivas.

Diferente do relacionamento anterior, o atual apresentava solidez e interesse de ambas as partes, o que criou condições para que fossem experienciados outros acontecimentos enquanto possibilidades, exemplo disso foi a segunda gravidez de Bonet, que a princípio não fora planejada, como ela própria narra:

A gente teve um caso lá... e ele me engravidou e sem eu saber que estava grávida, quando eu fui saber eu já estava grávida fazia muito tempo. E eu fiz o teste depois e deu reagente, mas eu nem sabia que dia que foi que eu engravidei (Bonet, 2018).

A segunda gravidez para Bonet também pode ser considerada como um grande marco que passa a reorientar sua trajetória de vida, visto que sua segunda gestação incomodou muito sua mãe, pessoa com quem residia junto a sua outra filha. As relações em decorrência da gravidez se demonstraram bastante desgastadas, sobretudo, por conta de Bonet não ter um respaldo presencial-financeiro de seu atual companheiro.

Ainda que existissem inúmeras tensões, Bonet permaneceu residindo na casa de sua mãe, durante a gravidez, bem como após o nascimento de seu filho. Neste processo, Bonet seguiu aquilo que até então vinha vivendo, no entanto, as dificuldades - principalmente as financeiras - se agravaram, e foi por estes meandros que Bonet tomou conhecimento da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA). Este foi um importante e decisivo acontecimento na vida de Bonet, visto que os desdobramentos posteriormente experienciados lhe proporcionaram uma ampliação significativa em seu campo de possibilidades (ELDER JUNIOR; JHONSON; CROSNOE, 2003), grandemente relacionada à APPA.

Bonet chegou até a APPA por intermédio de uma terceira pessoa, uma vez que desconhecia a instituição e os serviços prestados, bem como não tinha conhecimento sobre a maioria de seus direitos enquanto uma Pessoa Vivendo com HIV/AIDS (PVHA), que foram sendo paulatinamente trabalhados por meio da aproximação, ressignificação e vivência:

Ah, eu vim até a APPA através da 'L', ela falou assim pra mim... Bonet, eu conheço um lugar, a APPA, vamos lá na APPA que você vai conseguir sacolão,

você vai conseguir cesta básica, e é para você frequentar esse lugar onde eu vou te levar hoje'. Era uma ex-patroa minha, eu trabalhava com ela nesse tempo. Daí a gente veio aqui, conversamos não sei com quem, nem me lembro quem que era... Faz anos bein! (tom de admiração) Faz tanto tempo! E estou aí. Depois daquele dia pra cá, depois que ela me ensinou o caminho eu nunca mais esqueci (Bonet, 2018).

As narrativas de Bonet expressam alguns elementos interessantes para que seja possível interpretar sua realidade. Exemplo disso são suas trajetórias de vida repletas de encontros e acontecimentos, que por sua vez mediarão o alargamento/estreitamento do campo de possibilidades no contexto geográfico até então vivido, isso porque os sujeitos, seus espaços e tempos são mutuamente condicionantes e específicos em seu realizar (MCLEOD; ALMAZAN, 2003).

4.2.5. “Eu ia pegar e grudar no pescoço dele?”: os desafios e contornos de Latrice

Em caráter de continuidade, cabe lembrar que a descoberta da sorologia positiva foi um acontecimento intenso para Latrice, pois, tal realidade veio à tona durante um episódio crítico de sua saúde; momento este em que Latrice correu sérios riscos de vida. Tal acontecimento trouxe para seu cotidiano questões intrínsecas ao processo saúde-doença, uma vez que esta realidade estimula pensar sobre os sujeitos, as sociabilidades, suas casas, suas famílias, seus trabalhos, seus *ethos* e cosmovisões (SILVA, 2003), de modo geral, interpretar a vida e morte por meio dos contextos geográficos em seu acontecer.

Tal construção reaviva a necessidade de direcionar olhares para os agenciamentos presentes na vida de Latrice, porque neste ocorrido ela já não era mais aquela jovem que saiu fugida da casa de seus pais aos 18 anos. Naquele presente (em 2010) se tratava de uma mulher de 33 anos de idade, mãe solo de três filhos, que passou a residir sozinha (Jardim Guanabara) e manter seu sustento por meio do exercício da prostituição. Estes elementos contribuem para o entendimento do contexto geográfico vivido por Latrice até o momento de irrupção do HIV/AIDS que, para ela, tomou outras proporções a partir da estabilização de seu quadro clínico e sua consequente recuperação.

Além dessa conjuntura de elementos, o que surpreendeu não foi somente o diagnóstico, mas a reação de Latrice acerca desta nova realidade, como ela mesma relata.

Ah, na hora eu dei risada (risos), porque quando o médico me falou, estava o médico... o P' estava bravo virado no setenta... Ó médico bravo é aquele lá. Estava ele e mais dois médicos e duas médicas... eles me colocaram em uma sala

deste 'tamainho' assim (mostrando com a mão) pra contar pra mim. Eu dei risada, aí que ele ficou bravo mesmo quando eu dei risada na cara dele (risos), porque ele achou que eu ia se espernear tudo. Falei: 'Agora eu vou fazer o que?!' Eu só quero saber agora como eu vou tratar a situação porque eu já tinha pegado e não dava pra mim voltar atrás (Latrice, 2018).

Este trecho relatado por Latrice apresenta de modo evidente uma de suas peculiaridades, a reação *sui generis* ao diagnóstico, o que chama bastante atenção, visto que comumente as atitudes se organizam a partir do choque (emocional, psicológico, social) que gera negação, incertezas e o medo, principalmente, em relação a perspectiva de futuro (SOUZA; SHIMMA, 2004).

Latrice, com um aguçado senso prático já perguntou sobre o tratamento medicamentoso que seria necessário. Colocações semelhantes a estas também estiveram presentes em outros momentos relatados por Latrice, sobretudo, os realizados durante nossos encontros, em que foi possível registrar a seguinte fala: ***Quando eu saí do H.R (Hospital Regional) com o diagnóstico eu fui para o bar beber cerveja, já não tinha mais o que fazer, tinha que me cuidar*** (Diário de campo, 20 de setembro de 2018).

Ainda que o relato de Latrice pareça expressar certo conformismo e indiferença em relação ao diagnóstico é preciso considerar três pontos acerca deste acontecimento. O primeiro deles está ligado à subjetividade de cada sujeito, o que contribui com o processo de elaboração de uma resposta frente ao acontecimento (PEDROSO; GUIMARÃES, 2015). O segundo ponto a ser ponderado é a experiência vivida pelo sujeito em seu curso de vida, o que permite reflexão em uma perspectiva histórica que conecta o passado, o presente e assim possibilita projetar uma ideia de futuro. E o terceiro ponto retrata que o diagnóstico enquanto acontecimento não se encerra em um ato efêmero, mas sim se propaga e reverbera desdobramentos que atuam sobre a trajetória de vida de Latrice.

Todos os três pontos acima mencionados merecem reflexão, já que evidenciam precedentes e desdobramentos que, em conjunto, reordenaram o contexto geográfico de Latrice em seu âmbito individual, familiar e social, ou seja, um potente ponto de inflexão que gerou ressignificações (HUTCHISON, 2011). Exemplo disso é a narrativa em que Latrice apresenta as relações existentes entre a prostituição, o diagnóstico e a esfera familiar, como segue:

O meu pai, ele se enforcou porque ele ficou com depressão quando ele ficou sabendo que eu peguei a doença, porque eu peguei a doença através de um amigo dele, que passou a doença pra mim para se vingar dele. O cara era brigado com o meu pai e jurou se vingar dele e eu não sabia. Eu bebia no bar, no mesmo que o 'R' bebia e eu namorei com ele sem saber que ele tinha a doença. Depois que

ele passou a doença pra mim... eu estava no HR (Hospital Regional), foi quando ele foi lá no quarto e falou pra mim, que tinha sido ele que tinha passado a doença pra mim pra se vingar do meu pai. Aí eu já estava com a doença. Eu ia pegar e grudar no pescoço dele? Eu já não podia fazer mais nada (Latrice, 2018).

Latrice colocou esta passagem de forma bastante assertiva e emocionada, e não era de se esperar menos, uma vez que este acontecimento expressa uma complexidade ímpar, sendo nítida a transcendência de esferas que esse acontecimento alcançou. Neste ponto específico, ficou evidente como os agenciamentos se manifestaram diretamente no plano do vivido, dado que se realizaram através da especificidade de Espaço-tempos e Conteúdos que compunham o contexto geográfico de Latrice. A vivência deste ponto de inflexão trouxe distintas marcas para a realidade dela, reverberações estas que permaneceram por muito tempo, algumas permanentemente, o que possibilitou a ressignificação e a elaboração de seu contexto geográfico.

Uma das primeiras mudanças consideráveis na realidade de Latrice após sua saída do hospital foi o retorno para a casa de sua mãe, localizada no Conjunto Habitacional Ana Jacinta de Oliveira. A concretização da convivência sob tais circunstâncias acabou por condicionar o campo de possibilidades de Latrice, que após 15 anos de distanciamento se via sem muitas escolhas, a não ser a de retornar e residir em um conjugado situado ao fundo da casa de sua mãe, uma vez que ela e seus filhos necessitavam de ações de apoio.

Como já mencionado, a preocupação maior de Latrice naquele momento era o início do tratamento e a possibilidade de viver com qualidade, dado que compreendia que sua situação necessitava de cuidados imediatos. Este anseio permaneceu constantemente motivado pelo desejo de retomar sua cotidianidade - ainda que em outras circunstâncias -, questão esta que se manteve alinhada ao seu papel de mãe. Precisava continuar provendo e protegendo seus filhos, dado o fato que seu contexto geográfico havia mudado, bem como as interações interseccionais frente aos acontecimentos experienciados (CRENSHAW, 2002).

Foi a partir de seu reestabelecimento que Latrice redirecionou sua trajetória de vida, e assim trouxe para si outras propostas e ações de ressignificação. Uma das primeiras foi o esforço para deixar a prostituição, que somente foi possível após Latrice reavaliar seu campo de possibilidades, o que permitiu a ela redesenhar sua perspectiva de futuro (ELDER JUNIOR; JHONSON; CROSNOE, 2003). Essas relações foram paulatinamente construídas a partir das interações que Latrice estabeleceu com pessoas próximas - com uma de suas irmãs e os serviços de saúde - sendo este o caminho pelo qual tomou conhecimento da

existência da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA), instituição pela qual buscou de imediato conhecer, como ela mesma narra.

Eu cheguei através do ‘S’ que convive aqui. Eu conheci ele lá onde a gente pega remédio (CTA/SAE) e ele que fez o convite pra mim vir aqui e conhecer aqui. Aí eu peguei o número do telefone dele e marquei, daí liguei pra ele e perguntei o dia que ele ia vir aqui (APPA), e daí eu marquei com ele o horário e ele me esperou e me apresentou aqui, e daí eu comecei a vir e nunca mais parei (Latrice, 2018).

A aproximação de Latrice com a APPA foi um acontecimento expressivo nesta nova guinada de vida, visto que as relações construídas com a instituição por meio de seus projetos de ação permitiu a ela uma ampliação considerável em seu campo de possibilidades (CARDOSO, 1995), como também garantiu o acesso a informações e direitos das Pessoas Vivendo com HIV/AIDS, o que para Latrice foi algo imprescindível, já que por intermédio da instituição pode acessar o Benefício de Prestação Continuada, sua atual fonte de renda.

Após este primeiro contato, Latrice não deixou de frequentar e participar das atividades que são oferecidas na instituição, isso pelo fato de que todas as ações desenvolvidas trazem propostas que contribuem para o desenvolvimento de seus assistidos no âmbito da inserção social, da vida pública e das políticas públicas de assistência que garantem dignidade às pessoas.

4.2.6. “Ele morreu e eu fiquei pra ser apontada”: os processos e desdobramentos de Monique

Monique viveu intensos momentos após a descoberta de sua sorologia, isso em decorrência do impacto das informações, de como estas foram transmitidas. Todas estas questões se configuraram como uma seriação de pontos de inflexão (HUTCHISON, 2011), dado que em um curto período de tempo Monique percebeu toda a sua realidade reconfigurada por acontecimentos e forças que iam além dela. Estes primeiros momentos foram muito intensos, realmente, difíceis de acreditar como ela própria narra:

[...] ele (ex-marido) usava drogas injetáveis e eu não sabia, ele compartilhava agulhas com outras pessoas. Eu nem acreditava que ele tinha, mas ele não tomava os remédios, né?! (Monique, 2018).

A realidade vivida por Monique sofreu bruscas transformações, o que despertou nela a necessidade de refletir sobre as prospecções futuras, principalmente, quais seriam os passos seguintes frente aos acontecimentos. Este conjunto de inflexões fez com que Monique se

percebesse tensionada pela relação adoecimento-vida-morte (CZERESNIA, MACIEL, OVIEDO, 2013), tanto dela própria quanto de sua filha.

Mesmo diante desta nova realidade, Monique seguiu em seu movimento de reorganização, dado que se apropriou dos elementos presentes em seu contexto geográfico, os que eram acessíveis em seu campo de possibilidades, tornando assim os acontecimentos enquanto propulsores de mudança. Exemplo disso foi a consequente aproximação de Monique - ainda no ano de 1998 - com a Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA), que foi indicada como um espaço de acolhimento pelo serviço de saúde municipal, em decorrência da articulação entre as instituições, como me relatou.

Na época tinha a assistente social lá do Palácio da Saúde, porque antigamente atendia no Palácio da Saúde, e eu ia lá pra conseguir pegar o leite aqui pra minha filha, a do meio que hoje tem vinte anos e, na época, eu cheguei a vir a pé aqui pra buscar o leite pra ela, e eu recebi muito apoio aqui (APPA), só que eu parei de vir depois que meu marido morreu (Monique, 2018).

Destacado tais pontos, o relato de Monique traz informações que contribuem para a interpretação do contexto geográfico que vivera, visto que além da aproximação imediata com a APPA, Monique menciona o acesso ao serviço público de saúde que, na época, tinha como referência principal o Palácio da Saúde (atual UBS José Teixeira Libório), localizado no centro histórico da cidade. Esta realidade evidencia como tais agenciamentos transformaram as práticas espaciais de Monique, pois ela passou a percorrer longas caminhadas para acessar tais serviços e a própria APPA em prol de sua filha.

Neste período, Monique também iniciou seu tratamento tendo como preocupação primeira seu bem-estar e a garantia de cuidados para com suas filhas. Esta preocupação se fazia crescente na realidade de Monique à medida que seguiu presenciando, ao longo dos anos, a despreocupação de seu parceiro com os cuidados em saúde como o uso indiscriminado de álcool e tabagismo; fatores estes que culminaram em uma forte pneumonia que o levou a óbito em 2004, com 40 anos de idade.

Este acontecimento trouxe desdobramentos para a realidade de Monique, que aos 28 anos de idade ficou viúva, passando a ser a única responsável pela criação de suas filhas, pelos gastos e chefia da família, o que torna expoente as intersecções de gênero e classe (McDOWELL, 1992). Deste modo, a morte de seu companheiro se tornou um novo ponto de inflexão, o que fez com que Monique aumentasse drasticamente sua carga de trabalho para garantir o sustento próprio e de suas filhas; realidade esta que condicionou sua

participação em alguns espaços, como por exemplo a APPA, que aos poucos deixou de ser frequentada.

Cabe mencionar que este foi um período muito difícil para Monique, em inúmeros aspectos, pois, teve de lidar não somente com seus processos pessoais, mas também com questões familiares, uma vez que vivenciou duramente o estigma e preconceito reproduzido pela família de seu falecido marido, como ela mesma conta:

Ab, não foi fácil não porque a família dele é toda preconceituosa, porque se eu chegasse eu sabia que eles estavam falando de mim, porque se você chegasse eles paravam de falar, você sentia que era de você que eles estavam falando. E era difícil porque ele morreu e eu fiquei pra ser apontada (Monique, 2018).

O relato de Monique evidencia umas das principais dificuldades das Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (PVHA), o estigma e preconceito (BASTOS, 2000). Esta questão repercute em inúmeras dimensões, de modo que faz da vivência com o HIV/AIDS uma interseccionalidade que passa a compor a vida dos sujeitos sociais (CRENSHAW, 2002; LÓPEZ, 2011), sendo acionada sob a conformidade relacional dos contextos geográficos. A mencionada experiência trouxe rebatimentos expressivos que permaneceram/permanecem ao longo do curso de vida de Monique, visto que ** esta relação não é compartilhada e dialogada com nenhum de seus familiares, inclusive suas filhas, isso pelo fato de ela acreditar na possibilidade de ser discriminada pela própria família** (Diário de campo, 11 de outubro de 2018).

Ainda que a insegurança e o medo fossem elementos constantes na vida de Monique, a mesma seguiu adiante por ela própria e por suas filhas, como me relatou inúmeras vezes. Neste tocante, Monique continuou trabalhando para que conseguisse oferecer tudo o que fosse necessário às suas filhas, bem como para que continuasse quitando as parcelas de sua casa no Jardim Sumaré; sonho este que veio sendo construído de longa data. Destarte, as experiências vividas por Monique contribuem e se aproximam das colocações de Cardoso (1995) que frisa ao dizer que tais ações produzem

[...] o processo de por à prova a reflexão crítica de práticas concretas, enquanto uma atitude limite, reativa a herança de um passado, como aquilo que permanece nos enfrentando como questão, e exige um trabalho paciente sobre nossos limites, na direção de uma transgressão possível - a projeção de um campo de possibilidades (CARDOSO, 1995, p. 62).

Com o passar do tempo, Monique reorganizou suas ações, o que permitiu a emersão de novos acontecimentos que passaram a compor sua realidade. Dentre os vários acontecimentos, cabe destaque ao seu novo relacionamento que fora iniciado em 2004, a

priori sem muitas pretensões e com bastante desconfiança da parte de Monique, pois ainda vivenciava alguns receios como mencionou ao longo de sua narrativa.

O início deste segundo relacionamento se tornou bastante interessante na trajetória de Monique, visto que a partir dele surgiram outros acontecimentos e pontos de inflexão que novamente redirecionaram sua vida e agregaram outras características ao seu contexto geográfico. Salientado isso, é necessário mencionar que Monique após um ano de namoro concordou com o estabelecimento de uma vida conjugal, na qual seu parceiro passou a residir com ela e suas duas filhas. Tal configuração permitiu a consolidação do relacionamento que, consequentemente, criou algumas situações duradouras gerando então novos pontos de inflexão, como por exemplo a gravidez de sua terceira filha em 2006, que trouxe para o conjunto familiar novas movimentações.

Monique seguiu nessa trajetória de vida por quase 10 anos, tempo este em que pôde se reestabelecer, criar suas filhas e seguir buscando seus sonhos frente aos acontecimentos do cotidiano. Ainda sobre este período, Monique relatou os constantes desentendimentos com seu ex-parceiro, dado que ele passou a conflitar com as duas primeiras filhas de Monique, como ela mesma relata ao mencionar sobre a relação:

Eram muitas brigas porque ele (ex-marido) não aceitava as minhas filhas, mas eu sempre falei pra ele que minhas filhas sempre estariam em primeiro lugar, eu falava pra ele que se tivesse que escolher entre ele e elas sempre eu escolheria elas, porque elas já não tinham pai, e como que eu que sou mãe iria desprezar as minhas filhas? E com isso a gente viveu dez anos assim, brigando, e aí chegou um dia que eu falei que não queria mais.

E continua dizendo...

Ele (ex-marido) era uma pessoa bruta que só vivia xingando, xingando palavras, desgraça e demônios dentro de casa. Então, depois que eu larguei dele eu fui pra frente Mateus, eu consegui aumentar a minha cozinha que eu queria, consegui as minhas coisas. Ele é o tipo de pessoa que não te leva pra frente, que te breca ali, nem ele e nem você vai, mas a minha vida foi pra frente graças a Deus, minha casa não tem nada disso, não tem maldição dentro de casa (Monique, 2018).

Os elementos destacados por Monique expressam alguns pontos que foram marcantes em seu relacionamento durante esta trajetória de vida, especialmente porque houve um longo e arrastado processo de término, repleto de idas e vindas que trouxe implicações para a vida de Monique. Sob as constantes tensões, Monique relatou ter abandonado o tratamento logo após o nascimento de sua filha, isso enquanto uma

consequência de tal agenciamento; interrupção esta que durou cerca de 5 anos com um desfecho bastante perigoso.

O período de vacância do tratamento trouxe implicações ligadas à saúde de Monique que, ao passar do tempo, percebeu algumas modificações como: perda de peso, fraqueza e mal-estar, situações estas que se demonstraram crescentes em sua cotidianidade. Estas manifestações eram sintomas/sinais de que seu quadro clínico se encontrava agravado e necessitava de cuidados. No entanto, houve a emergência de um episódio dramático para Monique, um acontecimento que a deixou entre a vida e a morte, como ela mesma narra:

Eu senti uma fraqueza, uma fraqueza, e eu só vivia deitada, deitada, deitada. Daí um dia minha vizinha falou pra minha filha me levar no médico e minha filha me levou no médico, quando a gente chegou no HR (Hospital Regional) me internaram porque eu estava com tuberculose. Eu acabei emagrecendo muito, cheguei a pesar quarenta e dois quilos, fiquei só pele e osso. Eu fiquei cinco anos sem tomar (medicação) e aí foi quando eu parei no hospital, isso em 2012, me deu um AVC, quase que eu fui (fala com pesar) eu não ia nem conhecer meus netos, mas hoje graças a Deus eu tô aqui (Monique, 2018).

O acontecimento do adoecimento trouxe novas dimensões e ressignificações para a trajetória de Monique, de fato uma transição (BLANCO, 2011), dado que a primeira preocupação era a de se recuperar e reestabelecer condições mínimas para continuar. Após experienciar o período mais crítico, Monique decidiu reavaliar seu campo de possibilidades, bem como as escolhas que fez ao longo de seu curso de vida, sobretudo, nesta última fase. E foi por meio deste movimento de ponderação que ela decidiu retornar à APPA em busca de suporte, proximidade e novas experiências, tendo os seguintes argumentos: ** Eu voltei em 2014, porque a gente encontra apoio aqui, gente igual a gente, entendeu?!** (Diário de campo, 01 de novembro de 2018).

4.3. Atravessamentos e convergências: os diferentes porquês de uma mesma questão

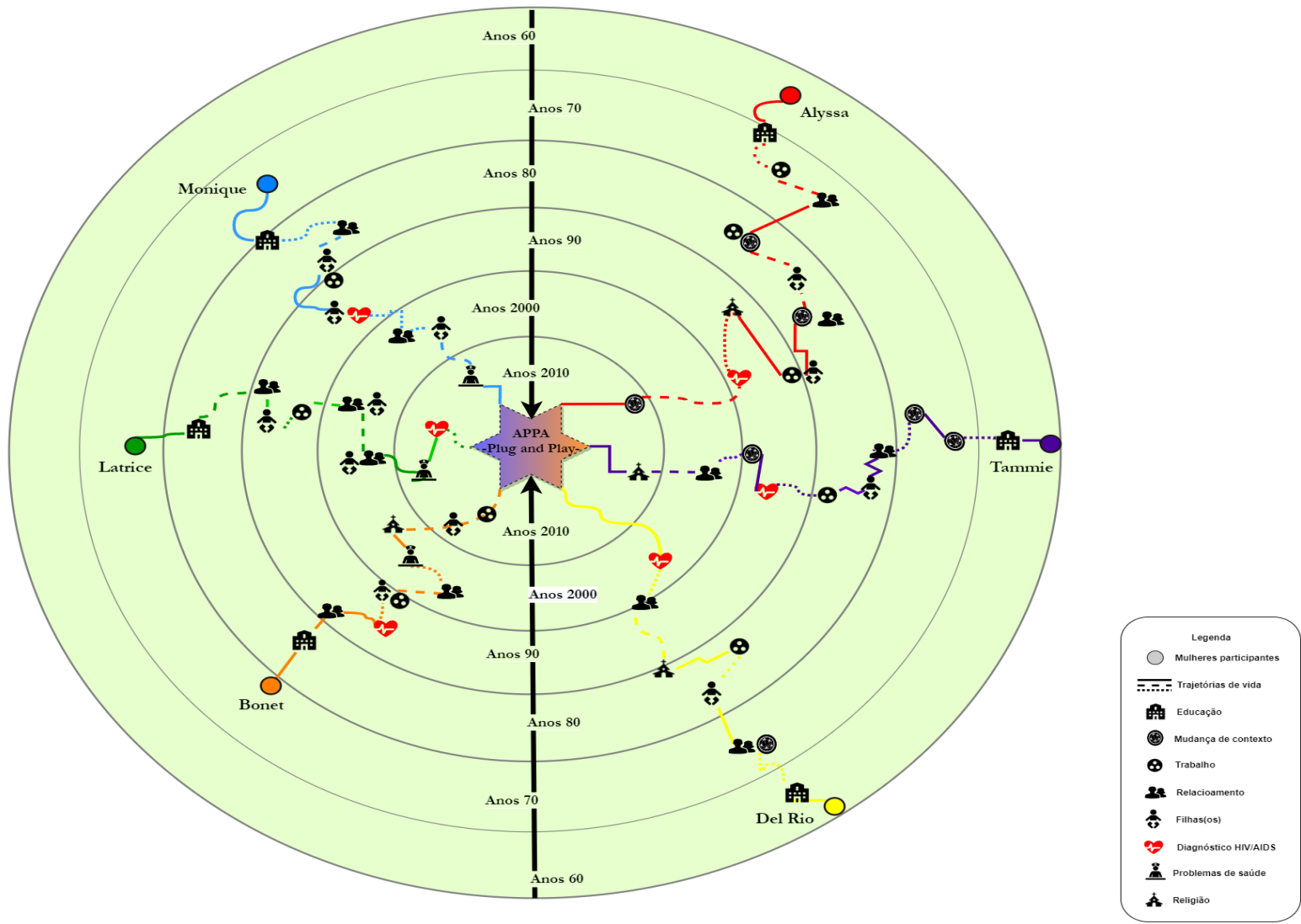
As narrativas elucidadas até o presente momento evidenciam inúmeros acontecimentos e pontos de inflexão que compõem a realidade experienciada por estas mulheres em diferentes momentos de suas vidas, o que por si só expressa as intrínsecas relações entre os Espaço-tempos, Conteúdos e Agências dos sujeitos. Em outros termos, estas são questões atinentes aos diferentes elos (singulares e coletivos) que se aproximam, se afastam, se confrontam e se complementam quando interpretados sob a perspectiva dos contextos geográficos. Esta proposta coloca a possibilidade de compreender as

desigualdades, violências, vulnerabilidades e ressignificações que se realizaram em forma de acontecimentos e inflexões na vida das mulheres participantes.

Para a construção deste raciocínio se fez imprescindível considerar as interseccionalidades em voga junto às realidades específicas em movimento, dado que este conjunto criou a possibilidade de compreensão acurada das transições entre as etapas de vida experienciadas pelas mulheres em diferentes gerações.

Deste modo, entendo que os contextos geográficos se moldam e se transformam por meio dos movimentos que constituem, de forma intrínseca, as relações entre Espaço-tempo, Conteúdo e Agência que, assim configuram o processo de identificação dos sujeitos. Isso permite um entendimento mais amplo da elaboração dos sujeitos e suas significações (ANDERSON, McFARLANE, 2011; GÓMEZ-ARIAS, 2018), pois expressam as relações existentes no ato de interpretar os acontecimentos; estes lastreados nas estruturas de poder que agenciam o campo de possibilidades, os conteúdos, bem como a capacidade de resposta dos sujeitos, impactando diretamente em suas trajetórias espaço-temporais específicas, como representado na figura 17.

Figura 17. Acontecimentos, trajetórias de vida e encontros: contextos geográficos em movimento



Fonte: Elaboração do autor (2021)

A figura 17 apresenta os cursos de vida das mulheres desde seu início até o encontro com a Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA), ao ponto que evidencia os principais acontecimentos, pontos de inflexão e transições que sustentam as trajetórias de vida experienciadas durante a infância, juventude e vida adulta em diferentes contextos geográficos. Este conjunto de elementos permite apreender as centrais características, processos e movimentos que foram produzidos pelas trajetórias trilhadas, visto que tal interpretação deflagra as ações de migração, deslocamentos, mudanças de casa, inserção em experiências religiosas e/ou comunitárias, etc., que contribuíram para a constituição dos contextos geográficos destas mulheres.

Ainda sob um rápido e primeiro olhar, se torna perceptível algumas questões que emergem e caracterizam aspectos comuns, ora entre algumas, ora entre todas as trajetórias de vida, como por exemplo, a vivência de diferentes realidades ligadas ao trabalho, aos relacionamentos, aos filhos(as), ao diagnóstico do HIV/AIDS, à participação de instituições, aos problemas de saúde, dentre outros vários que podem ser pensados enquanto tipologias de trajetórias (QUILODRÁN, 1996). É por meio desta linha de pensamento que me ancoro nas interpretações construídas a partir das narrativas, que por sua vez expressam uma organicidade dos acontecimentos, assim permitindo a elucidação das trajetórias de vida e suas constantes mudanças (BLANCO, 2002).

Neste sentido, cabe buscar pelo movimento dos sujeitos, suas vivências e experiências de forma geograficamente contextualizada, o que se fez viável pelas memórias evocadas e verbalizadas em forma de narrativas, que assim possibilitaram “[...] compreender a trajetória social dos agentes e a sua relação com seu grupo social, captando como um determinado *habitus*, vinculado ao grupo social de origem, se sedimenta” (LEÃO; CARRANO, 2013, p. 897-898). Destarte, estas interrelações se tornaram preponderantes não somente para a compreensão das singularidades dos sujeitos, mas também para as ações relacionais que estes estabeleceram entre si e com o mundo (THRIFT; DEWSBURY, 2000; DUFF, 2016).

Assim, pensar esta realidade me trouxe uma grande responsabilidade, a de organizar discursivamente de forma sensível e elucidativa as trajetórias de vida das mulheres, sobretudo, as que são referentes ao que fora vivido após o diagnóstico até o momento de encontro na APPA; realidade situada na transição da juventude para a vida adulta. Isso se torna bastante expressivo, pois, a transição entre as etapas juventude e vida adulta (CAMARANO; MELLO; KANSO, 2006) - discussão introduzida no capítulo anterior -,

passam a depender da articulação dos elementos em realidades específicas, visto que suas articulações de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência configuram múltiplas possibilidades, o que gera dificuldades em precisar os inícios e términos das transições.

Esta movimentação, anteriormente, correspondia de forma trivial ao momento em que os jovens demarcavam a ruptura com o agregado familiar de origem e seguiam na constituição de seus próprios, geralmente, por meio de seus relacionamentos, casamentos e trabalho (GUERREIRO; ABRANTES, 2005). Estas questões no presente já não seguem tal linearidade com exatidão, como é possível observar em alguns cursos de vida destacados anteriormente, visto que passam a possuir cada vez menos marcadores fixos e precisos (CARRANO, 2008).

Isso sugere que novas formas de transição para a vida adulta estão em curso e/ou tornam mais tênues as delimitações entre as várias fases da vida. Estas preveem uma sequência de eventos que engloba a saída da escola, a entrada no mercado de trabalho, a saída da casa dos pais, o casamento e o nascimento do primeiro filho, em torno do qual se constitui um novo núcleo familiar. Baseiam-se na estabilidade do mercado de trabalho e das relações afetivas, originando transições, em alguma medida, previsíveis ao longo da existência dos indivíduos (CAMARANO; MELLO; KANSO, 2006, p. 57).

As colocações das supracitadas autoras expressam uma leitura holística que lança luz para uma realidade idealizada como norma, isto é, para aquilo que se espera dos sujeitos em suas múltiplas relações sociais de modo geral. Esta construção evidencia aspectos idealizados, que por vezes, se distancia da realidade de grande parte dos sujeitos, sobretudo, daquelas(es) que são considerados como dissidentes e/ou que possuem vidas precárias, razão esta que reforça a legitimidade da compreensão das interseccionalidades que constituem os sujeitos em suas realidades espaciais (ROSE, 1997; SILVA; SILVA, 2014), que por sua vez possibilita uma leitura profunda e articulada das desigualdades e desvantagens cumulativas que se fazem presentes ao longo da vida dos sujeitos.

Por ter tais questões como preocupação, mantive atenção nos movimentos interseccionais manifestados pelos acontecimentos e pontos de inflexão durante a consolidação das transições de etapas de vida, especificamente, da juventude para a vida adulta. Ao prezar pela compreensão deste complexo processo, sistematizei as principais relações entre as interseccionalidades e os acontecimentos/pontos de inflexão a partir das narrativas enunciadas, o que permitiu evidenciar elementos preponderantes para uma compreensão situada dos contextos geográficos experienciados, como pode ser observado no quadro 06.

Quadro 10. Cursos de vida na compreensão dos contextos geográficos: juventude e vida adulta

Cursos de vida	Décadas	Etapas de vida	Configurações dos contextos geográficos	Interseccionalidades	Acontecimentos e Pontos de inflexão	- Maternagem - Trabalho - Namoro - Casamento/Uniões estáveis - Prostituição - Violência doméstica - Estudos - Fé - Divórcio - Racismo	
		Juventude	Urbano (Periferia da cidade)			- Gênero - Classe - Educação - Religião - Raça-etnia	- Maternagem - Casamento/Uniões estáveis - Violência doméstica - Prostituição - Tratamento - Preconceito - Militância - Problemas de saúde - Políticas de assistência - Trabalho - Fé
		Vida adulta				- Gênero - HIV/AIDS - Classe - Religião	

Fonte: Organização do autor (2021)

Como outrora mencionado, há uma grande dificuldade em delimitar os processos de transição entre as etapas de vida, o que abre a possibilidade de se considerar as diferentes realidades dos sujeitos em questão, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo. No presente caso não é diferente, visto que as mulheres desde tenra idade vivenciaram acontecimentos que as projetaram - muitas vezes forçosamente - para outras etapas de vida, como por exemplo, as curtas experiências juvenis e o ingresso na vida adulta durante as décadas de 1980 e 1990, quando já residiam nas periferias da cidade.

Para a realidade das mulheres participantes, a transição para vida adulta se torna um limiar muito tênue, dado que todas apresentaram atravessamentos de diferentes ordens em suas experiências juvenis, que de certo modo limitaram esta etapa de vida. Isso porque elas se defrontaram com a necessidade de trabalho, casamento, maternagem, etc., ou mesmo a simultaneidade de todos estes elementos, visto que estes agenciamentos são capazes de organizar “[...] determinada estrutura de transição (processo de mudanças para distintas situações de vida) [que] interferem na constituição das trajetórias sociais dos jovens, na constituição de seus ‘modos de vida’ e na possibilidade que encontram de elaborar seus sentidos de futuro” (CARRANO, 2008, p. 68).

Colocada tamanha complexidade, uma estratégia possível para a compreensão do fino movimento de transição entre as etapas de vida é a interpretação das mudanças na articulação interseccional, que não somente se reorganiza, mas também permite com que outras interseccionalidades emergam e passem a compor o conjunto (SILVA, 2010). Estas

mudanças expressam as interseccionalidades evocadas a partir das relações que os sujeitos estabeleceram com o mundo, ou seja, a partir do que fora vivido, bem como os significados que foram construídos na fundação dessas realidades específicas de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência.

Tal argumentação se sustenta a partir do que fica evidenciado no quadro 06, que apresenta o surgimento de outras interseccionalidades e acontecimentos, bem como uma nova ordem que fora evocada. Deste modo, se faz observável o registro respectivo da ausência das interseccionalidades Educação e Raça-etnia e a presença do HIV/AIDS quando comparadas as etapas juventude e vida adulta. Neste sentido, é preciso destacar que as interseccionalidades dispostas são aquelas que surgem a partir das experiências evocadas, ou seja, daquilo que demanda os contextos geográficos, o que não quer dizer que as demais interseccionalidades deixem de existir. Este mesmo raciocínio se coloca no que tange aos acontecimentos e pontos de inflexão, uma vez que estes fazem parte dos cursos de vida, ou melhor dizendo, das histórias corporificadas das mulheres, de seus acúmulos que permanecem em constância.

Destarte, os inúmeros acontecimentos, pontos de inflexão e transições apresentados até o momento contribuíram para a compreensão dos cursos de vida destas mulheres, e de como estes podem ser interpretados, uma vez que o período pós-diagnóstico até a chegada na Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA) conglomera inúmeras trajetórias, bem como compõe o registro de mudanças referente às etapas de vida de todas as participantes. Este movimento interpretativo se debruça para além das narrativas biográficas de cada qual, uma vez que tais histórias não são descoladas do geográfico, o que torna viável a projeção destas narrativas para a aproximação e encontro, tornando assim legítima a necessidade de raciocinar sobre as violências e vulnerabilidades, interseccionalidades e os contextos geográficos experienciados no decorrer da vida, que agora se aproximam mais do “presente”, ou seja, estão situados na concepção de vida adulta.

4.3.1. Contextos geográficos: múltiplos encadeamentos na vida adulta

Durante o amadurecer da discussão se fez possível notar o quão complexo é raciocinar sobre as etapas de vida, isso porque é necessário se dispor a pensar a multiplicidade experienciada pelos sujeitos sociais, seus espaço-tempos, (i)materialidades e condições de ações em seus cursos de vida (BAILEY, 2009; PEARCE, 2018; WERLEN, 2020). Isso evidencia que o debate sobre as etapas de vida não está findado, pelo contrário, são intensas

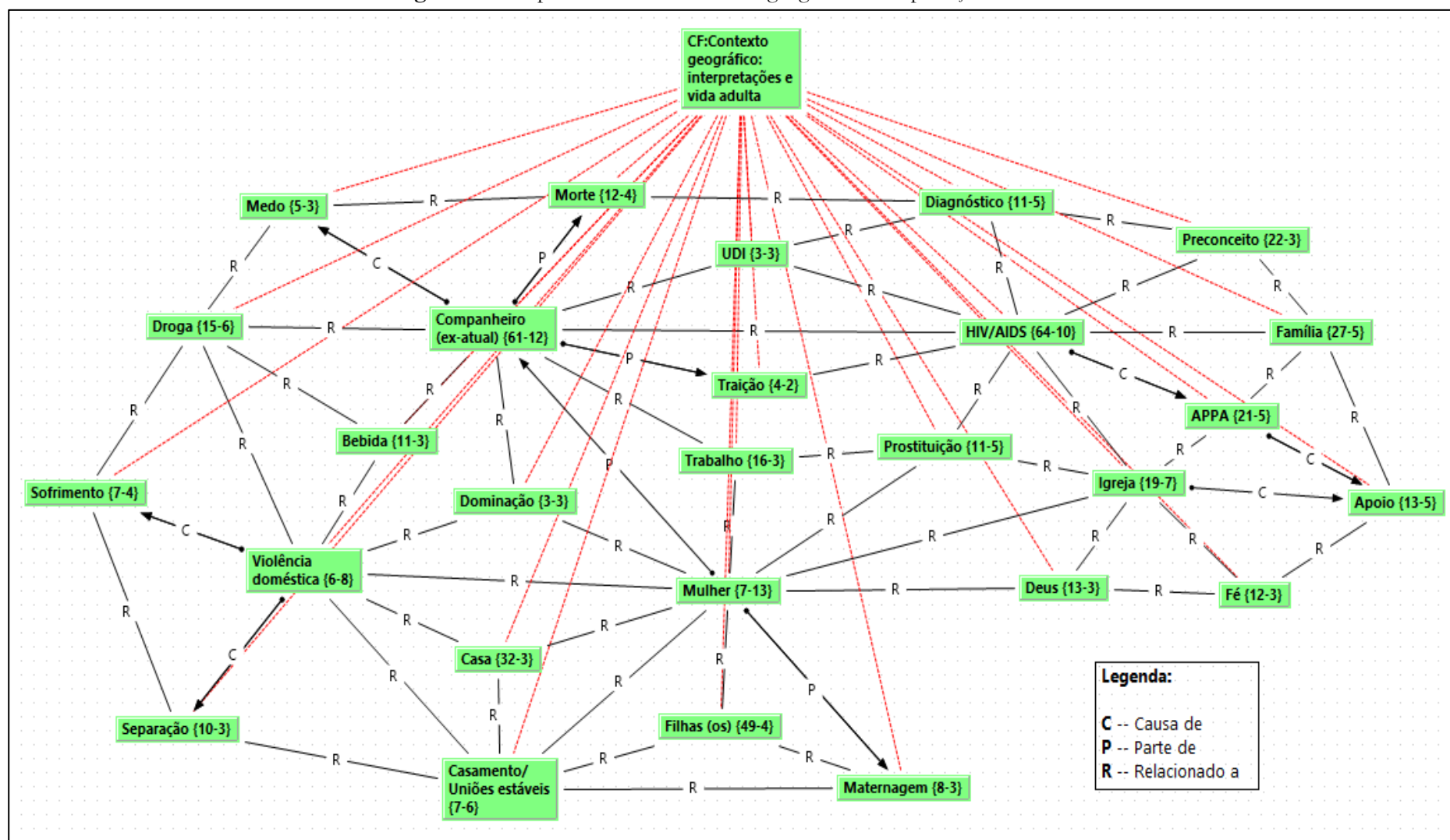
as constâncias que fomentam reflexões metodológicas e teóricas acerca da lacuna existente entre o vivido e o conceitualmente construído enquanto proposta explicativa.

Tais reflexões podem ser empenhadas no que tange a compreensão de vida adulta, e de como esta é elaborada a partir dos marcadores elegidos, uma vez que é o conjunto que define com mais e/ou menos precisão o momento de transição de cada sujeito ou grupo social (BRANDÃO; SARAIVA; MATOS, 2012). Assim, a articulação destes elementos está atrelada às estruturas e sistemas (produção e reprodução social) que embasaram as etapas de vida anteriores, o que corrobora para a interpretação da realidade contextualizada quando se pauta os sujeitos em movimento, isso porque se deve considerar as mudanças históricas, culturais e psicossociais junto “[...] as peculiaridades de tempo e lugar e abraçar modelos dinâmicos, sistêmicos e interativos como uma forma de mapear e compreender o desenvolvimento ao longo da transição adolescente-adulto e, na verdade, ao longo de toda a vida⁷⁷” (HENDRY; KLOEP, 2007, p. 78, tradução própria).

Tal interpretação se debruça sobre os acúmulos que estas mulheres presenciaram, produziram e superaram durante seus cursos de vida, especialmente, sobre as vulnerabilidades que impactaram e geraram desigualdades. Neste sentido, cabe considerar as experiências específicas, uma vez que estas denotam a interlocução com aspectos estruturais que estão sob a conformidade da experiencição dos agenciamentos (BAILEY, 2009). Ao partir deste pressuposto, direcionei foco na interpretação dos contextos geográficos experienciados pelas mulheres na vida adulta, uma vez que estes tomam como base substancial os acontecimentos, pontos de inflexões e transições presentes nas trajetórias de vida que se realizaram na cidade. Tais relações seguem organizadas tendo como regências as narrativas evocadas pelas mulheres participantes, como dispõe a figura 18.

⁷⁷ “[...] the peculiarities of time and place and embrace dynamic, systemic, interactive models as a way of charting and understanding development across the adolescent–adult transition and, indeed, across the whole life span” (HENDRY; KLOEP, 2007, p. 78).

Figura 18. Campo discursivo – Contexto geográfico: interpretações e vida adulta



Fonte: Organização do autor (2021)

Como outrora anunciado, as transições entre as etapas de vida são complexas e de difícil definição, sobretudo, aquelas que se realizam para sujeitos e/ou grupos situados em sociedades urbanas, como argumenta Carrano (2008). Tais ponderações consideram os diferentes lastros estabelecidos entre os sujeitos e as sociedades, o que em si evidencia uma relação de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência específica, raciocínio este de extrema importância para a interpretação contextualizada dos momentos de transição nos cursos de vida. Este conjunto de ideias contribuiu para a interpretação da vida adulta das mulheres participantes, dado que as concepções se constituem e se consolidam a partir das demandas vividas, que por sua vez se aproximam e possibilitam uma leitura conjunta.

Deste modo, o grafo exposto apresenta o campo discursivo evocado pelas mulheres, ao modo que dá destaque às principais codificações que sustentam as narrativas da vida adulta. Neste sentido, é preciso mencionar que tais contextos geográficos tomam como base substancial a realidade urbana (majoritariamente a de Presidente Prudente) experienciada ao fim da década 1980 e início dos anos 1990 em diante, período este em que todas as mulheres já se reconheciam adultas.

Feito estas menções, cabe destacar que o grafo se apresenta sustentado a partir de três centralidades discursivas, que de modo articulado coadunam as demais codificações formando uma complexa rede. A primeira e mais expressiva centralidade é constituída pela codificação '**Mulher**', que de antemão mantém proximidade com a etapa de vida anterior, dado que o processo de autoconhecimento permanece arraigado com o entendimento do ser mulher elaborado pelas participantes. A segunda centralidade está embasada nas palavras-chave '**Companheiro (ex-atual)** e '**Violência doméstica**', que trata dos relacionamentos e os desdobramentos experienciados pelas mulheres na vida adulta. Já a terceira centralidade, trata das questões ligadas ao '**HIV/AIDS**', suas articulações e reverberações.

Ao tomar como ponto interpretativo o discurso destas mulheres, mantive o entendimento de que as etapas de vida acabam por ser delimitações flexíveis que, ora se expandem, ora se contraem sob a conformidade dos agenciamentos experienciados (GÓMEZ-ARIAS, 2018). Tal entendimento se organiza a partir das conexões e continuidades que são comuns entre as diferentes etapas, o que torna inteligível a continuidade deste caminho analítico, justificando assim a realização da abordagem inicial pela codificação '**Mulher**', já que configura a primeira centralidade discursiva.

De antemão, esta primeira centralidade evidencia que a interseccionalidade gênero se faz preponderante nesta etapa de vida das mulheres, sobretudo, porque é acionada por

diferentes acontecimentos ao longo das trajetórias que estão conectadas as etapas de vida anteriores. Estas considerações contribuem para a interpretação dos principais acontecimentos presentes na vida das mulheres participantes. Tais acontecimentos são experienciados no decorrer dos cursos de vida, visto que durante as inúmeras trajetórias as(os) **‘Filhas(os)’** surgem como pontos de inflexões e/ou acontecimentos que constroem/condicionam a experiências ligadas à **‘Maternagem’**, como detalhado no capítulo anterior.

A respeito disso, é necessário destacar que alguns destes acontecimentos estiveram subsidiados por diferentes tipos de relações pessoais, como por exemplo o **‘Casamento/União estáveis’**, que proporcionou a vivência de nuances que conferem distintas significações da constituição do ser **‘Mulher’**. Tais interpretações às quais me refiro não são estanques ou mesmo efêmeras, uma vez que são construídas desde os movimentos iniciais destas mulheres que viveram incontáveis processos que, na altura da vida adulta, ganharam maior expressividade e detalhamento, como narram Tammie, Monique e Alyssa.

Hoje eu vejo que os anos se passaram e eu tenho que admitir que hoje eu envelheci mais... o tempo se passou e eu me tornei uma mulher mais madura, mais velha, tanto na aparência quanto na mente. E é isso que eu vejo (Tammie, 2018).

Eu vejo uma mulher guerreira (emoção e choro) [...] batalhadora, uma boa mãe e uma boa avó, que luta para superar todos os obstáculos que aparecerem com muita fé em Deus e com muita determinação (momento de acolhimento e abraço) (Monique, 2018).

Eu vejo uma mulher corajosa que luta e que conquista, através da palavra de Deus a gente luta e conquista. E eu acho assim... Eu sou uma vencedora! É isso que eu sinto! Que Deus é na minha vida (risos) (Alyssa, 2018).

Os relatos de Tammie, Monique e Alyssa expressam a longevidade dos cursos de vida ao ponto que evocam elementos que corroboram para a interpretação dos processos pelos quais passaram; processos estes ancorados nas interrelações de Agência, Conteúdo e Espaço-tempo, ou seja, concretizados pelas articulações que constituem os contextos geográficos em movimento. Esta questão exigiu uma leitura acurada da pluralidade expressa através das singularidades e semelhanças, o que requereu considerar os sentimentos e experiências, bem como estabelecer sobre estes uma visão crítica sobre as violências e vulnerabilidades experienciadas por estas mulheres.

Neste sentido, cabe considerar como se constitui a relação entre os elementos interseccionais evocados no que tange a centralidade **‘Mulher’**, que além de mães (**‘Maternagem’**), também foram/são esposas (**‘Casamento/União estáveis’**) e

trabalhadoras (**‘Trabalho’**). Esta realidade, prefigura a elas diferentes atributos, visto que o termo mulher não objetiva ser definitivo, pois, se trata de uma construção na qual “[...] o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente e consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” (BUTLER, 2015, p. 21), conferindo assim uma densa articulação entre as dimensões dos sujeitos.

Destarte, é importante manter o latente entendimento de quem são essas mulheres, que raça-etnia, nível educacional e classe possuem, e de onde enunciam suas vozes. Posto isso, seguirei dando ênfase às interfaces que se fizeram bastante expressivas durante as trajetórias de vida, como evidenciado nos relatos de Del Rio e Alyssa que retratam suas percepções sobre o **‘Casamento/União estáveis’**, como se segue:

[...] quando eu era casada o outro (ex-marido) falava que ia fazer isso, que ia fazer aquilo e nunca fez nada. Ele só arrasou a minha vida, desgraçou a minha vida. Então eu tenho medo (Del Rio, 2018).

E agora parece que eu estava querendo entrar num relacionamento quase igual. Estava vivendo o passado tudo de novo! Eu não quero isso pra minha vida, eu quero ir para frente, eu não quero voltar para trás, eu quero ir para frente! (Alyssa, 2018).

As contribuições de Del Rio e Alyssa trazem para o debate pontos específicos sobre seus relacionamentos passados, o que aponta “[...] ao lado dessas especificidades, padrões de gênero socialmente estruturados que envolvem as mulheres em ciclos de vulnerabilidade socialmente causada e distintamente assimétrica” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 49-50), como expresso pelas inferências que mencionam o conjunto de ações realizadas pelos parceiros que, por vezes, acabavam por se repetir mesmo em situações diferentes.

Estas inferências se debruçam sobre os acontecimentos presentes nas trajetórias vividas por estas mulheres na cidade, situadas em realidades precárias quando pautadas as estruturas e conjuntos familiares; estes organizados a partir das posições sociais e espaciais relativas dos envolvidos no que tange os recursos e oportunidades (ROSE, 1993). Isto em si evidencia as assimetrias que vão para além das diferenças de sexo, como é o caso do **‘Casamento/União estáveis’**, que configura um importante exemplo de interdependência entre as interseccionalidades que constituem a vida das mulheres de forma mútua e, em algumas vezes simultânea, dado que se relaciona com o **‘Trabalho’** e os cuidados das(os) **‘Filhas(os)’**, como evidencia os relatos de Bonet e Alyssa.

Sempre, né!? Sempre. Sempre trabalhando porque o pai do 'M' (companheiro atual) continua na cadeia, não me ajuda em quase nada, porque o dinheiro que ele me dá lá é bem pouco, muito pouco, é mixaria (Bonet, 2018).

Porque eu para os meus filhos sou um exemplo, eu sou um exemplo muito grande e se você sentar e falar com cada um eles vão te contar a vida que eu passei sozinha trabalhando na roça e cuidando deles. [...] Eu batalhei mesmo, sabe? (Alyssa, 2018).

Os relatos evocados por Bonet e Alyssa expressam questões que são de conhecimento geral, como a divisão sexual do trabalho, a generificação do cuidado da prole, a monoparentalidade, etc., pautas estas pesquisadas e debatidas amplamente no campo das ciências humanas, inclusive na Geografia (ver McDowell, 1986; García-Ramon, 1989; Rose, 1993). Além destes elementos de primeira ordem, se faz interessante centrar foco nos contextos geográficos que as narrativas expressam, dado que estes permitem interpretar as semelhanças existentes entre as vivências, mesmo em realidades e gerações distintas, como elucidado por Bonet e Alyssa.

Isso ocorre porque a composicionalidade dos elementos constituintes da vida destas mulheres seguiram respaldados em uma construção social que reflete as estruturas de poder⁷⁸, o que “[...] em diferentes contextos históricos, geográficos e sociais nos mostra como feminilidade e masculinidade são construções sociais, e nos ajuda a captar os diversos elementos que as compõem⁷⁹” (KARSTEN; MEERTENS, 1992, p. 190, tradução própria), como também organizam o acontecer das relações que são estabelecidas, sobretudo, quando se pauta instâncias que envolvem outros sujeitos e ações, como é o caso da segunda centralidade - ‘**Companheiro (ex-atual)**’ e ‘**Violência doméstica**’ - e os elementos que a ela se agregam.

A centralidade expressa pelas codificações ‘**Companheiro (ex-atual)**’ e ‘**Violência doméstica**’ traz contribuições caras para a interpretação dos contextos geográficos vividos pelas mulheres, uma vez que todas as participantes ao longo dos seus cursos de vida compartilharam trajetórias (ou partes delas) com seus companheiros. Posto isso, priorizei as questões relacionais, principalmente, as que estão pautadas nas performances de

⁷⁸ “O poder apresenta duas faces: a da potência e a da impotência. As mulheres são socializadas para conviver com a impotência; os homens - sempre vinculados à força - são preparados para o exercício do poder. Convivem mal com a impotência. Acredita-se ser no momento da vivência da impotência que os homens praticam atos violentos, estabelecendo relações deste tipo” (SAFFIOTI, 2004, p. 84).

⁷⁹ “[...] en distintos contextos históricos, geográficos y sociales (por ejemplo, de clase) nos muestra cómo feminidad y masculinidad son construcciones sociales, y nos ayuda a captar los diversos elementos que la componen” (KARSTEN; MEERTENS, 1992, p. 190).

masculinidades e feminilidades realizadas sob a égide dos acontecimentos (YOUNG, 1980; BUTLER, 2015) experienciados pelas mulheres junto a seus ‘**Companheiros (ex-atual)**’.

Deste modo, a mencionada centralidade exprime diferentes relações que merecem ser detalhadas. O primeiro destaque a ser feito cabe especificamente a codificação ‘**Companheiro (ex-atual)**’, que caracteriza sujeitos que empenharam interações diretas para com a vida das mulheres. Neste sentido, uma pertinente interface destes sujeitos é trazida pela codificação ‘**Trabalho**’, que contribuiu com a elucidação da demarcação do trabalho assalariado, do trabalho não pago (doméstico) e das jornadas de trabalho empenhadas pelas mulheres, o que em si expressa as posições sociais e espaciais que cada sujeito ocupa nas relações (McDOWELL, 1986).

Destarte, o viés financeiro destacado pela codificação ‘**Trabalho**’ abre margem para estabelecer raciocínio sobre distintas formas de exercer poder, sobretudo, quando estas se alinham a outras interseccionalidades. Logo, a existência de assimetrias de poder corrobora com o surgimento de princípios ativos de ‘**Dominação**’, estes que tornam “legítimo” o exercício de diferentes formas de controle sobre as mulheres (FOUCAULT, 1979b; SAFFIOTI, 1987; BOURDIEU, 1995), seja pelas questões corpóreas, pelas performances de gênero, pelo domínio patrimonial/financeiro, ou mesmo, por um complexo conjunto destes elementos. Exemplo disso são os relatos emblemáticos de Bonet que mencionam as ações de seu ‘**Companheiro (ex-atual)**’ que se encontra privado de liberdade.

Eu acho que eu deixei a desejar aí, porque eu conheci o ‘T’ (companheiro) e a gente ficou e ele não deixa eu sair fora dele e acabei arrumando um filho com ele (Bonet, 2018).

E continua dizendo...

Controla! (fala assertiva). Controla... igual esses tempos atrás ele (companheiro) ligou no meu celular, manda os outros ligar no meu celular pra saber onde eu tô, ele quer saber o que eu faço. Ele ligou pra mim anteontem e perguntou o por que eu não fui nesse domingo visitar ele! Ele quer saber de tudo, sabe!? Ele controla sim a minha vida! (fala exclamada entre lágrimas). Ele quer saber com quem eu conversei, com quem eu deixei de conversar... quem está indo em casa, quem vai, quem não vai. Ele sabe de tudo! (Bonet, 2018).

A narrativa de Bonet se faz bastante impactante, pois reafirma o que já fora mencionado, de modo que expressa como se realizam tais questões no plano do vivido, sobretudo, os impactos presentes em seu cotidiano, uma vez que parte de suas práticas são controladas por seu parceiro, mesmo em situação não-presencial, o que expressa as arraigadas relações de poder (FOUCAULT, 1991). Esta ação em potência realizada pelo

‘**Companheiro (ex-atual)**’ de Bonet parte da premissa de que os sujeitos e suas respectivas identidades são “[...] produto[s] de uma relação de poder que se exerce sobre os corpos, multiplicidades, movimentos, desejos, forças” (FOUCAULT, 1979b, p. 161-162), que de modo articulado contribuem para a concretização da ‘**Dominação**’.

À vista disso, entendo que a ‘**Dominação**’ emerge a partir das assimetrias (materiais e imateriais) existentes entre os sujeitos, sendo estas complexas e diversas, visto que se manifestam ora de forma sutil, ora de modo incisivo, estando estas ações a depender da influência dos agenciamentos que compõem os contextos geográficos. Neste sentido, se torna cabível pautar outros elementos que, por vezes, corroboram com a efetividade da ‘**Dominação**’, como por exemplo o uso de ‘**Bebidas**’ e ‘**Drogas**’, como enunciado por Tammie, Latrice e Bonet.

No começo ele bebia muito, e foram muitas coisas que me marcou, porque ele xingava muito e falava coisas que eu não merecia ouvir (Tammie, 2018).

Ab, o pai dele (filho caçula) só fumava pedra... até ele tem medo do pai dele. Ele continua usuário e faz muito tempo que eu não vejo ele, uma que ele estava preso, e eu fiquei sabendo que ele estava preso (Latrice, 2018).

Eu quero que Deus transforme ele... porque para voltar na mesma situação que ele era comigo na minha casa... eu não quero ter marido assim (choro). Ab, ele (companheiro) ficava atrás de droga, minha casa tinha um monte de maconha, muita droga em casa, muita bebida, sabe?! (Bonet, 2018).

As ações realizadas pelos ‘**Companheiros (ex-atual)**’ trazem para o âmbito do debate pontos específicos que caracterizam o acontecer do processo de ‘**Dominação**’ que, em si, evidenciam tensões e reverberações como as mencionadas pelas mulheres, principalmente, quando retratam o comportamento de seus ‘**Companheiros (ex-atual)**’. Lançar olhar sobre esses homens permitiu evidenciar que eles também possuíam trajetórias carregadas de desvantagens cumulativas, principalmente, quando considerado o contato destes com a ‘**Bebida**’ e a interação com os circuitos de ‘**Drogas**’ (tanto para consumo como também para o tráfico).

Para estabelecer este raciocínio, foi necessário ponderar os distintos atravessamentos relatados acerca dos ‘**Companheiros (ex-atual)**’, pois, são múltiplas as relações que se estabelecem no contexto geográfico. Para este ponto, focalizei os elementos que contribuíam para a estruturação e o exercício de masculinidades que, majoritariamente, se embasavam em normas definidas por práticas padronizadas ao ideal do “ser homem”, também conhecidas como hegemônicas (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Por este ângulo, o entendimento que se organiza é o de que as relações interseccionais desses homens em suas realidades específicas garantem a multiplicidade de masculinidades (McDOWELL, 2001), das quais são consideradas como marginais e dissidentes do padrão, visto que “a vivência do gênero masculino marcada pela pobreza, exclusão, racialidade e homoerotismo, reposiciona os sujeitos nas relações de poder entre os próprios homens, produzindo contradições e múltiplas experiências” (SILVA; ORNAT; CHIMIN JÚNIOR, 2011, p. 20).

Além das assimetrias de poder entre as diferentes masculinidades, como há pouco mencionadas, cabe considerar como se dão tais relações nos contextos geográficos quando pautadas as hierarquias de gênero, que reivindicam o *status quo* do poder, ou seja, do estabelecimento e manutenção da ‘**Dominação**’. Isso implicou em refletir sobre os acontecimentos que envolveram estas mulheres e seus ‘**Companheiros (ex-atual)**’, principalmente, aqueles que retratam situações de constantes conflitos.

Ao tomar as tensões conjugais (‘**Casamento/Uniãos estáveis**’) como ponto comum entre algumas destas mulheres, pude perceber a estruturação da segunda codificação que sustenta esta centralidade discursiva, a ‘**Violência doméstica**’, que tem um peso significativo, pois, ocorre como um tipo específico de violência que se ancora nas relações de gênero (KRONBAUER; MENEGBEL, 2005). Esta violência é comumente manifestada na unidade familiar ou doméstica, mais especificamente na ‘**Casa**’, de modo que envolve inúmeras relações (intimidade e afeto) estabelecidas entre as mulheres e seus agressores, que muitas vezes, servem como forma de controle e manutenção do poder (McDOWELL, 1999; GONTAREK; SILVA, 2020), como pode ser observado nos relatos de Latrice e Tammie:

[...] E ele (ex-companheiro) era muito bom, trabalhador, honesto e tudo, mas depois ele se jogou nas drogas, foi quando começou o meu sofrimento morando com ele! [...] Ah, ele me batia muito e usava muita droga (momento de emoção) e também bebia, e foi esse o meu sofrimento. (Latrice, 2018).

Mas eu já sofri discriminação do meu ex-marido sim... ‘Você é podre, você é um lixo, você se deitou com várias pessoas’, ele me falava isso. E ele me discriminava muito (Tammie, 2018).

Ambos os relatos evidenciam a multiplicidade de relações que se estabelecem no acontecimento da ‘**Violência doméstica**’, dado que são intrínsecos os elementos afetivos que compõem as distintas faces da agressão que, normalmente, transitam entre as dimensões emocionais, psicológicas e físicas (ROCHA, 2013), gerando assim quadros vulnerabilizantes que condicionam estas mulheres ao ‘**Sofrimento**’, ao ‘**Medo**’ e a ‘**Separação**’.

Tal realidade faz da ‘**Violência doméstica**’ uma experiência concreta oriunda das disputas e ideários binários construídos sobre o que é ser homem e mulher, sobre ser dominante e dominado, acerca de quem provém e de quem depende (MENEGHEL, et. al., 2003). Estas são construções patriarcais que violam, mormente, as mulheres causando danos, traumas ou mesmo a ‘**Morte**’ em episódios extremos de violência, especificamente, a violência física na qual é praticada contra integridade corporal das mulheres, como relatam Alyssa e Tammie ao tratarem sobre a relação violenta que tinham com seus ‘**Companheiros (ex-atual)**’.

Aconteceu que ele era usuário de droga na época e eu também bebia. Então, quando começava a discutir ele me batia (com tom de pesar) (Alyssa, 2018).

Sim, ele chegou a me bater muito, muito, muito, muito, muito, muito mesmo. Ele era muito agressivo, e chegava a dizer que eu estava saindo com outros, que eu era prostituta, que eu era vagabunda, que eu era prostituta e vagabunda (tom de voz bem baixo) (Tammie, 2018).

As narrativas evocadas por Alyssa e Tammie expressam a gravidade de situações vividas no âmbito familiar heteronormativo. Esta conjunção é permeada pelas assimetrias de poder que advém de outras relações, o que reflete diferentes interações de escala, que por sua vez se manifestam na localidade da ‘**Casa**’ (GONTAREK, 2020). A prática da violência no *lôcus* doméstico é produzida pelos momentos de conflito conjugal que performam as masculinidades construídas em outros espaço-tempos, como o do trabalho, da rua, do lazer, etc., nos quais os homens tendem a não ser violentos, conferindo assim para a ‘**Casa**’ um sentido particular.

Portanto, a violência sofrida pela mulher no espaço doméstico não está restrita a essa ordem, mas é resultante de uma estrutura socialmente construída ao longo da história que potencializa esse local enquanto um núcleo de resolução de problemas familiares, que estruturado a partir de papéis tradicionais de gênero, potencializa a centralidade do homem e o seu papel em corrigir as ações que fogem da ordem patriarcal estabelecida hegemonicamente (GONTAREK; SILVA, 2020, p. 203-204).

Neste sentido, as contribuições de Gontarek e Silva (2020) se somam às realidades enunciadas pelas mulheres, uma vez que chamam a atenção para a espacialidade da ‘**Casa**’ para além das acepções tradicionais concreto-materialistas bastante presentes na Geografia brasileira. Estes autores evidenciam que as interações entre os sujeitos acontecem no plano do vivido, conseqüentemente, envolvendo as performances de gênero, as ações e desdobramentos, as instituições de poder e as emoções corporificadas, que acontecem por meio do processo de troca entre os sujeitos e seus respectivos contextos geográficos.

A partir das falas e relações estabelecidas se faz evidente o conjunto de experiências vividas pelas mulheres, sobretudo, as correlatas à **‘Violência doméstica’** que, por vezes, se configurou como pontos de inflexão responsáveis por mudarem seus cursos de vida. Isso expõe os vários atravessamentos presentes nos cursos de vida quando se leva em conta a composicionalidade de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência que constituíram os contextos geográficos vividos pelas mulheres participantes.

Logo, se dispor a refletir e interpretar o movimento de vida dos sujeitos sociais sob a perspectiva geográfica é sinônimo de se deparar com uma diversidade de acontecimentos que tensionam e condicionam os mesmos a estados de precariedade (BUTLER, 2018). Entretanto, não se resume a isso, vai além, pois, a interpretação dos contextos geográficos permite questionar o que acontece depois, bem como pondera a amplitude do campo de possibilidades frente aos agenciamentos subsequentes.

Ao estabelecer este raciocínio pude me aproximar de caminhos que culminam na terceira centralidade discursiva da vida adulta destas mulheres, o **‘HIV/AIDS’**. Esta centralidade traz para o conjunto um dos pontos fulcrais da vida dessas mulheres, especialmente, por ser este o motivo que fez com que estas trajetórias se encontrassem. Tal percepção se edifica majoritariamente a partir do **‘Diagnóstico’** do HIV/AIDS que configura um marco na vida das mesmas, dado que este acontecimento se deu por diferentes meios como: a vivência na **‘Prostituição’** e a experiência de seus relacionamentos estáveis, dos quais alguns foram permeados pelo uso de drogas injetáveis (**‘UDI’**) e **‘Traição’** por parte de seus **‘Companheiros (ex-atual)’**.

Essa multiplicidade que converge por meio das trajetórias de vida delinea o início processual de outra normatividade vital (CANGUILHEM, 1990), como destaca Del Rio e Bonet ao falarem sobre a descoberta da sorologia positiva:

E eu fui fazer o exame e deu na certa. No dia quinze ele (ex-marido) morreu, no dia dezesseis foi o enterro e no dia dezessete fiz o exame. Aí demorou pra vim, mas quando veio já me falou que eu estava. Aí eu pensei que ia morrer... vou deixar meus filhos todos aqui porque esse negócio está matando (Del Rio, 2018).

Bom, olha... quando eu descobri que eu tinha, foi a mesma coisa que alguém tivesse me dado uma caixinha, e dentro desta caixinha... era uma caixinha de presente que tinha uma flor preta e nessa flor preta tinha uma mensagem falando assim... ‘Parabéns! Você entrou no mundo dos aidéticos!’. Então, eu espero que as pessoas não recebam esses tipos de coisas. Entenderam!? (Bonet, 2018).

Os relatos trazidos por Del Rio e Bonet expressam o momento de ruptura causado pelo ‘**Diagnóstico**’, evidenciando que a experiencição deste novo grau de normatividade se realizou de forma tensa e abrupta, uma vez que tal ponto de inflexão configura a carga simbólica que estão ligadas à vida e à ‘**Morte**’ (ALMEIDA, 2004). Assim sendo, são concebidos uma série de valores que modelam a experiência pessoal do patológico trazendo a “ideia de enfermidade como uma ‘rede semântica’ no sentido de uma realidade construída por meio do processo de interpretação/significação, a qual fundamenta-se na trama de significados que estrutura a própria cultura e sub-culturas” (ALMEIDA FILHO, 2011, p. 77).

Tal construção corrobora com o entendimento de que em nossa sociedade as representações do patológico apresentam diferentes ordens da realidade (CZERESNIA, 2012). Dentre estas, a que se expressa com maior vigor é a concepção de morte imediata, finitude e culpa que são construídas entorno do HIV/AIDS. Isso faz com que o diagnóstico positivo provoque “[...] intenso temor, angústia e sofrimento, porque a doença agudiza fragilidades nas questões relacionadas à sexualidade, à vida e à morte. No imaginário social, anuncia um castigo, um atestado de óbito prematuro” (CECCON, 2016, p. 76-77), o que torna a transição entre as normatividades uma experiência de difícil compreensão, como evidenciam os relatos de Del Rio e Alyssa.

Aí eu pensei... ‘Meu Deus, agora eu vou ficar seca e sem cabelo’, era o que eu pensava no começo. No começo, se você não se tratasse ficava assim mesmo. ‘O que que eu vou fazer agora, o pessoal vai me ver’... e eu já estava magra, eu pesava cinquenta e dois quilos. Você imagina, eu alta assim com cinquenta e dois quilos. Isso aqui (mostrando o colo) aparecia a saboneteira e eu não acreditava que isso estava acontecendo comigo. Era a bendita (Del Rio, 2018).

[...] Eu achava que esse negócio de HIV era coisa de televisão, Cazuza... eu não prevenia (Alyssa, 2018).

E continua dizendo...

Então, quando eu descobri o HIV eu me fechei, eu nunca mais tive relação sexual, porque eu não tinha o entendimento que... Eu tinha preconceito de mim, eu achava que se eu ficasse com uma pessoa, a pessoa ia pegar. E eu me fechei muito, sofri muito (Alyssa, 2018).

Assim, o ‘**Diagnóstico**’ além de iniciar um novo grau de normatividade - o patológico - configura como um ponto de inflexão que tensiona inúmeras esferas, inclusive a espaço-temporal, que passam a ser ressignificadas interna e externamente no que tange os sujeitos, de modo que apropriação e vivência dessa nova normatividade parte da construção de sentidos que implicam um processo de subjetivação (SELLI; CECHIN, 2005). Isso pelo

fato de que as mulheres lidam diretamente com seus medos e angústias pessoais junto às relações sociais que são correlatas à doença nos momentos iniciais.

As falas apresentadas destacam sobretudo a dificuldade em lidar com as diferentes ocorrências, visto que são destacados nos relatos ora o despreparo clínico, ora a ausência de informações acerca do HIV/AIDS. Isso traz distintos elementos que configuram a elaboração inicial do patológico como normatividade, de modo que essa construção deve ser considerada como um acontecimento em permanente constância, dado o fato de que este ganha empiricização a partir dos agenciamentos em que se estabelece, bem como o quanto perdura e o que transforma no devir em função do presente (ALMEIDA, 1982; MASSEY, 2008).

Foi por estas vias que considerei os inúmeros acontecimentos que fazem do ‘HIV/AIDS’ uma centralidade discursiva significativa, principalmente, os que proporcionaram impactos e ressignificações na vida destas mulheres, como o caso do ‘Preconceito’ vivido em decorrência da sorologia positiva, como narram Alyssa e Monique.

Então dói porque a gente vê que sofre preconceito, que ainda é muito grande, as pessoas têm as mentes muito fechadas. Elas acham que se passar perto vai pegar, se tiver amizade com a gente... acha que vai pegar, entendeu? E é difícil! (fala com pesar) (Alyssa, 2018).

E continua dizendo...

As pessoas passavam de largo com preconceito. E isso até dentro da minha própria família ainda existem pessoas assim (Alyssa, 2018).

E esse meu segundo marido foi muito covarde comigo, ele sabia que eu tinha e tudo, e ele nunca quis usar preservativo comigo, e quando nós no separemos ele saiu gritando no meio da rua em frente à minha casa que eu tinha AIDS e que eu passei AIDS pra ele (tom de pesar), e meus vizinhos tudo escutando. Só que ele fez os exames e não deu, ele depois me falou que tinha feito os exames e não tinha dado nada. Aí eu falei: ‘Então, tá vendo o que você fez? Você me expôs e expôs a sua filha, né?’ Porque as pessoas podem pensar que se a mãe tem a filha também tem, mas vamos vivendo. Fazer o quê?! (risos tímidos). (Monique, 2018).

Os relatos de Alyssa e Monique expressam vivências de deslegitimação, violência e estigma referentes ao ‘HIV/AIDS’ (GOFFMAN, 1988), processos que foram experienciados em diferentes âmbitos (familiar e social), envolvendo diretamente espaços, tempos, ações e pessoas de modo articulado. Neste sentido, considerei os acontecimentos junto aos decorrentes estranhamentos, visto que do ponto da subjetivação do sujeito se fez necessário construir interpretações que projetassem uma ideia de continuidade,

principalmente, no que tange a aceitação da sorologia como ponto de estabilidade (SOUZA, SHIMMA, 2004; SOUZA, 2008), para a estruturação de respostas que possibilitassem superar e/ou contornar tais intempéries.

Os acontecimentos evidenciados pelas narrativas de Alyssa e Monique contribuem com a compreensão do que Hutchison (2011) elabora como transição que, em linhas gerais, trata sobre o processo organizativo de significados outros, manifestando assim uma intensa ressignificação dos sujeitos e suas identidades. Isso evidencia que as identidades são construções relacionais ao Espaço-tempo, Conteúdo e Agência que “[...] estão, sem dúvida, estreitamente ligados com ‘as narrativas do passado’ e são constituídas por recursos que ‘herdamos’, mas não somente, de fato, esses próprios passados têm uma geografia, como também o processo de construção de identidade que está ‘em processo’ agora” (MASSEY, 2008, p. 271).

As colocações de Massey (2008) se debruçam sobre a relacionalidade construída pelos sujeitos, que de modo interconectado expressam a composicionalidade dos contextos geográficos por meio dos arranjos de forças, relações, afetos, signos, corpos, espaço-tempos e matérias. Tal argumentação possibilita a interpretação dos elementos que constituem a centralidade discursiva ‘**HIV/AIDS**’ para estas mulheres, dado que são explícitas as relações construídas entre a ‘**Família**’, a ‘**Igreja**’ e a ‘**APPA**’, que atuam enquanto redes de ‘**Apoio**’ (amigos, familiares, profissionais, etc.) e cuidados adequados à processualidade dos sujeitos (SILVA, et. al, 2015).

Esta relação denota o quão árduo foram/são as vivências dos acontecimentos, visto que expressam a importância de haver interlocuções com outros elementos que auxiliam na compreensão dos contextos geográficos, especialmente, quando são evocados elementos que emergem de outras dimensões dos sujeitos, como colocam Bonet, Monique e Del Rio ao trazerem a importância da ‘**Fé**’ e ‘**Deus**’ em relação à suas vivências com o ‘**HIV/AIDS**’.

Sempre! Mas ele me impactou nos primeiros momentos, mas depois eu me reconciliei com Jesus, dei minha alma pra ele. Hoje não é nada pra mim, não é nada! Deus é maior, um bem maior que o HIV (Bonet, 2018).

Ah, não foi fácil, né?! (tom de voz baixo) Eu me olhava no espelho e perguntava a Deus o porquê. Mas eu penso que na vida da gente nada é por acaso. Eu penso que às vezes Deus permite que as coisas aconteçam, mas eu sei que Deus não castiga ninguém, mas não é fácil não viu! Não foi fácil! Hoje está mais fácil, hoje eu sei lidar com a situação, por também conhecer pessoas na mesma situação, com o mesmo problema que você (Monique, 2018).

Eu procuro não entrar muito nesse assunto (receio ao falar). Ah, eu não sei se sem ele (HIV) eu estaria assim hoje, mas eu acredito que estaria pior se eu não tivesse me esforçado. Eu acredito que sem ele eu poderia estar melhor, mas cada um tem uma sina e se eu estou passando é porque cabia a mim isso, e Deus sabe do meu tanto, né?! Eu penso assim (Del Rio, 2018).

As narrativas de Bonet, Monique e Del Rio explicitam questionamentos colocados de forma reflexiva, mormente, os que estão voltados ao ‘**HIV/AIDS**’ enquanto um ponto de inflexão presente em seus cursos de vida. Ao realizarem este movimento interpretativo sobre suas condições de vida evocam para seu contexto a dimensão do credo, da ‘**Fé**’ personificada na figura de ‘**Deus**’, que para elas significam pontos de força e esperança, o que permite acionar um imaginário que transponha o ‘**Diagnóstico**’ e as projete para outras possibilidades, sobretudo, as que estão ligadas a ordem do conforto e ‘**Apoio**’ (GOMES, et. al., 2020).

As diferentes buscas por acolhimento ou mesmo por ações que apontassem outros horizontes, fazem parte da movimentação dos contextos geográficos que já se apresentava outro em decorrência dos acontecimentos e pontos de inflexão vividos. Essa relação exprime as reorientações (alterações em suas trajetórias) e ressignificações (movimento de transição), bastante comuns após situações disruptivas (HUTCHISON, 2011), que se tornam componentes importantes para a organização dos agenciamentos no plano cotidiano. Isso permitiu com que algumas destas mulheres vivessem novas espacialidades que, por sua vez, deram subsídio para a constituição de outras identidades, como é o caso da ‘**Igreja**’ e da intersecção religiosidade, como apontam Bonet e Alyssa.

Como eu enxergo sobre o HIV? (momento reflexivo) Eu enxergo que poderia ter sido totalmente diferente! Se eu pudesse voltar no passado eu não seria esse ser hoje. Eu acho assim que... eu poderia ter conhecido Deus bem antigamente mesmo, sabe?! (momento de emoção). Ido para a igreja, seguido o caminho dele, porque é só ele mesmo, o caminho da felicidade é Deus. Eu acho que teria passado longe do pai da “D”, teria passado longe de todo mundo. Se eu pudesse voltar no meu passado (Bonet, 2018).

Acerca do HIV às vezes as pessoas sabem, mas não comentam e você percebe que tem pessoas que olham assim com a cara de quem preferia que você não estivesse lá, mas do resto é normal. E mesmo que eu percebo eu continuo ficando porque é o meu direito, né?! (risos). Pra mim o fundamento da minha vida é a igreja, primeiramente Deus e a palavra de Deus, depois o resto a gente vai conquistando (Alyssa, 2018).

E continua dizendo...

É tipo assim, através da palavra de Deus que você ouve na igreja, você aumenta a sua fé. Quando você passa por algum problema que você acha que está difícil,

que está dificultoso, que não tem saída... você vai na igreja e ouve a palavra de Deus, você vai na igreja e se fortalece, e é diferente. [...] Então eu gosto de frequentar a igreja porque o fundamento da minha vida é a igreja, eu não consigo viver fora da igreja, mesmo falha e errando eu quero estar na igreja (fala assertiva e sincera) (Alyssa, 2018).

Os relatos de Bonet e Alyssa apresentam elementos nevrálgicos para a compreensão dos movimentos que coordenam e reordenam o agenciamento, sobretudo, quando são incorporados elementos que trazem outros significados e ações em seus contextos geográficos. A respeito desta questão, é necessário ponderar que tais encontros não são frutos do acaso, mas resultado de uma confluência de elementos, visto que são em contextos geográficos semelhantes aos das mulheres participantes que as redes religiosas neopentecostais se fazem presentes com maior intensidade e expressão, se apresentando constituídas pela articulação simbólica e material daquelas(es) que oferecem apoio ao mesmo tempo em que professam sua fé (RODRIGUES, 2003).

É neste sentido que se faz interessante observar que ambas as falas ressaltam a dimensão do sagrado, que a elas permitem suportar as dificuldades e infelicidades que se manifestam presentes em suas trajetórias de vida (ROSENDAHL, 1995), o que remonta em seus processos de identificação o surgimento da interseccionalidade religião que, no caso dessas mulheres, se constituem por meio da conversão à religiosidade neopentecostal.

A adesão à religiosidade tem um peso significativo para elas, que vai para além do simbólico, dado que proporciona modificações em suas práticas, o que possibilita outras relações gregárias, em outras palavras, “tal experiência legitima a classificação do lugar e reforça a consciência do grupo – fortalecendo sua representação. Assim, a cosmovisão peculiar que estrutura as relações sociais, espaciais e culturais do grupo pentecostal, a cada culto é reafirmada [...]” (PEREIRA; GIL FILHO, 2012, p. 75). O estabelecimento desta relação proporciona para além do fortalecimento - destacado nas falas - a construção material do ‘Apoio’ que as mulheres encontram nesta rede de sociabilidade, o que torna a ‘Igreja’ um lugar de acolhimento, sobretudo onde se fazem ausentes as ações do Estado ou do poder público.

Este mesmo raciocínio também se estende à ‘APPA’, dado que estabelece relações de acolhimento e ‘Apoio’ para essas mulheres, uma vez que o ‘HIV/AIDS’ enquanto ponto de inflexão redirecionou as trajetórias de vida, de modo que fomentou o conhecimento, aproximação e identificação destas mulheres com a instituição, como narram Monique e Bonet.

Agora é fácil, mas antes não era não porque a gente aprende a lidar com isso (emoção e choro) [...] Deus é maior do que qualquer coisa (emoção e choro) [mãos estendidas e unidas] [...] E a gente encontra apoio aqui, entendeu?! (APPA) Porque aqui com as pessoas a gente pode se abrir e falar das coisas da gente, mas não é fácil não, só eu sei o que eu passei... Desculpa (Monique, 2018).

É porque assim, quando eu tenho algum problema eu conto para as meninas e elas me ajudam, né?! E, graças a Deus elas (APPA) me dão apoio... eu falo pra elas e elas dão as opiniões delas e daí eu paro e penso, e eu vou embora pensando no que aconteceu, no que a gente conversou e tudo ajuda! Eu acho que elas são nota dez. Elas são uma maravilha! (Bonet, 2018).

Os relatos de Monique e Bonet explicitam a importância do ‘Apoio’ ofertado pela ‘APPA’, uma vez que tais relações se constroem a partir dos diferentes vínculos presentes no agenciamento, o que faz do encontro o princípio da troca que, conseqüentemente, envolve a experiência do ser e estar em conjunto. Neste sentido, é cabível considerar o encontro como um importante acontecimento na vida destas mulheres, dado que ele refaz e reinventa o cotidiano, em suma, configura um momento de renovação da vida, pois, “todos gostam de viver um novo encontro, que promete alterações e uma nova cotidianidade. Os encontros afetivos têm essa virtualidade, propondo novas formas de vivência e outros companheiros para a vida cotidiana” (EGLER, 2000, p. 215).

Deste modo, o acontecimento do encontro na vida dessas mulheres revela uma grande potência - a de construção e reafirmação identitária -, visto que possibilita a organização de uma identificação coletiva, que paulatinamente é “[...] construída pelo reconhecimento das próprias representações e das do outro, [que] possui referentes nos diferentes lugares da cidade” (EGLER, 2000, p. 210), uma vez que não o restringe ao trabalho, igreja, casa, muitas vezes a um cotidiano limitado ao próprio bairro, como destacam Latrice, Monique e Bonet ao se referirem a ‘APPA’.

Assim sendo, os elementos destacados conglomeram as experiências, histórias, os cursos de vida e os corpos destas mulheres em uma projeção de aliança, ou como define Butler (2018), estão imersos no exercício que constitui a assembleia que, em nossa leitura, constituem os contextos geográficos em movimento. Esta perspectiva considera as percepções que foram elaboradas a partir dos elementos e condições que no momento eram disponíveis, e que hoje apresentam interpretações ressignificadas pelas estruturas, possibilidades e acontecimentos (BUTTIMER, 1990), ou seja, já que se encontram situadas num outro contexto geográfico, especificamente, o de ressignificação, como apresentado a frente.

Expresso isso, mantenho a posição de continuidade-narrativa, que permanece alinhada ao movimento da vida que não se finda. Isso porque é necessária a atenção aos próximos momentos, já que o “aqui-agora” exige outra despedida, esta mesma que se faz permeada pelo anseio do reencontro. Até breve!

Capítulo 5

Contexto geográfico e HIV/AIDS: o que há entre o normal e o patológico?



Normal é renascer

A vida é uma caixinha de surpresa
Que nos faz aprender viver
Acontecimentos que entornam a mesa
E traça outros caminhos a percorrer

Só eu sei por onde andei
Cada passo em pedaços de chão
Desnorteadas, nos meus me agarrei
Guiada pelos palpites do coração

“Foi um terremoto na minha vida”
Grandes ladeiras com íngreme subida
“Uma sina dessa” e eu me reergui
E como calêndula-botão, apenas flori

“Eu olho é para frente agora”
Pelos segundos, minutos, toda hora
Do normal aos normais, somei a conta
Resultando em esperança que livre desponta

Hoje sou dona dos meus percursos
Penso e faço o que desejo
Sem receio de estranhos discursos
Vivo a saúde-cidade em pleno pejejo

Mateus Fachin Pedroso, Presidente Prudente, SP

Desde o início da tese nos dedicamos a interpretações que emergem da realidade produzida por mulheres que viveram experiências múltiplas, de opressão e ressignificação, sendo uma delas a soropositividade para o HIV/AIDS em Presidente Prudente – SP, o que por si só traz grande complexidade aos inúmeros processos interseccionais que se realizaram no decorrer da vida de cada uma delas (como discutido em páginas anteriores). Isto se deve às variadas dimensões que compõem a vida dos sujeitos, como a “[...] capacidade de autoprodução, com base na espontaneidade com que os seres vivos se movem, se nutrem, crescem, se reproduzem e morrem” (ABBAGNANO, 2007, p. 1012).

Essa discussão fez com que explorássemos as teorias dos cursos de vida, de modo que fossem considerados os elementos biográficos e históricos dessas mulheres, dado que são estes conjuntos que expressam as respectivas construções acerca da educação, trabalho, família, relações, etc. (ELDER; JOHNSON; CROSNOE, 2003; HUTCHISON, 2011), situadas em contextos geográficos específicos, que assim configuraram de forma articulada os movimentos pertencentes ao âmbito individual e social na organização de diferentes caminhos.

Ao estabelecer este raciocínio, tornou-se possível compreender que os indivíduos constroem seus percursos orientados a partir de suas propostas e desejos que, mormente, são tensionados por restrições, visto que “[...] os contextos existentes no espaço-tempo vão influenciar as decisões dos atores no jogo social, pois esta se trata de uma racionalidade constrangida pelas condições nas quais estas vivem” (NABOZNY; ORNAT, 2009, p. 31-32). Isso denota um contínuo processo de negociação, dado que os sujeitos, sob a conformidade do movimento contextual, passam a exercer ações capazes de transformar tais possibilidades, portanto, interagem direta e constantemente com as realidades específicas de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência que permanecem em movimentos abertos.

Com base no exposto acima a interpretação dos acontecimentos, pontos de inflexão, transições e trajetórias de vida se fizeram indispensáveis para compreendermos os contextos geográficos em que vivem essas mulheres que experienciam o HIV/AIDS e outras tantas dimensões do ser/existir em seu cotidiano. Assim, nos aproximamos da quinta e última questão específica da tese, que toma como base as relações existentes entre as normatividades vitais⁸⁰ e os contextos geográficos vividos pelas mulheres, especialmente, no que se refere à

⁸⁰ “O conceito de normatividade vital, proposto na tese ‘O normal e o patológico’ em 1943, e central na obra de Canguilhem se configura a partir da análise que o filósofo faz da ambiguidade no uso do termo normal. ‘Normal’ designa aquilo que é como deve ser, e o que é mais frequente, ou constitui a média ou módulo de uma característica mensurável” (CZERESNIA, 2010, p. 712).

vivência com o HIV/AIDS em sua contemporaneidade. Esta questão nos permitiu indagar: quais foram os agenciamentos que contribuíram com o processo de reordenamento das normatividades vitais? Como se organizou a concepção de normal e patológico (processo saúde-doença) a partir dos contextos geográficos das mulheres que vivem com HIV/AIDS?

Colocadas tais reflexões, cabe mencionar que o presente capítulo se encontra estruturado em três partes que se dedicam às questões que focalizam o processo de saúde-doença das mulheres ao longo da vida, especificamente, os contextos geográficos que foram produzidos após o encontro das participantes e a configuração do grupo. Deste modo, a primeira parte, “Vidas interpretadas: uma leitura geográfica possível”, está dedicada à aproximação e aprofundamento do debate entre a saúde coletiva e as ciências geográficas, tendo como foco as normatividades vitais que organizam o processo de saúde-doença. A segunda parte, “Contextos geográficos em aliança: a construção de outras realidades” apresenta como cerne a continuidade das narrativas individuais das mulheres até o presente próximo, contribuindo com a elucidação dos principais elementos do contexto geográfico atual. Por fim, a terceira parte, “Entre estabilidades e desafios: as realidades abertas dos contextos geográficos”, prioriza as narrativas sobre as ressignificações das normatividades vitais, sobretudo, no que se refere as experiências ligadas ao HIV/AIDS na atualidade.

5.1. Vidas interpretadas: uma leitura geográfica possível

A vida por si só é demasiadamente complexa, por isso é preciso entender, primeiramente, que ela carrega seus sentidos biológicos, sociais e existenciais em constante interação (CANGUILHEM, 2012). Isso expressa a relação universal que se constrói por meio dos conhecimentos humanos, que estabelecem os diferentes modos de organizar e interpretar a vida, dado que esta é considerada como uma constante “formação de formas” que não se encerra em seus próprios resultados, o que a caracteriza como “[...] uma atividade polarizada contra tudo que é da ordem da inércia e da indiferença” (NEVES; PORCARO; CURVO, 2017, p. 630). Em outros termos, a vida é movimento que se ajusta.

Ao entendermos a vida enquanto um fenômeno metabólico, compreendemos que as pessoas vivenciam diversos acontecimentos que se desdobram diretamente sobre a capacidade de desfrute, seja por meio de vivências prazerosas e/ou dolorosas que surgem enquanto categorias valorativas pelas quais as qualificamos antes mesmo de racionalizá-las (GÓMEZ-ARIAS, 2018). Esse movimento da vida junto às decorrentes experimentações é mediado por símbolos linguísticos que o representa e diferencia, uma vez que estes “[...] são

o resultado de processos particularmente complexos e criativos que produzem conceitos e envolvem a sociedade como um todo; neste sentido podemos falar do processo social de produção de conhecimento” (GÓMEZ-ARIAS, 2018, p. 68, tradução nossa)⁸¹.

Destarte, a produção do conhecimento acerca da vida nos aproxima de diferentes experiências fundamentais da humanidade que, por vezes, são escamoteadas pelo receio da possibilidade de dor e sofrimento, como é o caso da doença e da morte em nossa sociedade ocidental que, culturalmente, nos condiciona “esquecer” que estas próprias fazem parte da vida (CZERESNIA, 2012). É por este ângulo que “a racionalidade da vida é idêntica à racionalidade daquilo que a ameaça. Elas não estão, uma com relação à outra, como a natureza está para com a contra-natureza; mas se ajustam e se superpõem em uma ordem natural que lhes é comum” (FOUCAULT, 1977, p. 06), fazendo com que seja mantido o esforço pela valorização da vida por parte do vivente, que insiste em resistir e transformar as intempéries encontradas durante o processo do viver (KOIDE, 2019).

É nesta acepção que as interfaces aqui destacadas representam uma parcela da complexidade da vida enquanto categoria, entendido que esta se mantém lastreada no social em movimento [lê-se Espaço-tempo, Conteúdo e Agência], e que assim toma o corpo como ponto de partida, e muitas vezes de chegada (CANGUILHEM, 1998; WERLEN, 2000; 2020). Por estes aspectos, é que a ciência não mimetiza a complexidade da vida de forma restrita às questões bio-fisiológicas, mas também não descarta o elo existente entre o material e simbólico, o que torna esta relação paradoxal do ser humano, visto que “na realização do metabolismo mais básico está presente uma dimensão de ‘escolha’ entre impulsos de agregação e desagregação; de assimilação e de excreção” (CZERESNIA, 2012, p. 05), ou seja, uma contínua simbiose do estar vivo, do ser e existir, já que a vida é dimensão do ser.

Assim sendo, quando pensamos as questões de saúde, as colocações de Czeresnia (2012) fomentam um debate ontológico que está ancorado no corpo para além do orgânico, uma vez que ressalta a importância da existência corporificada que capta, produz e consome os fenômenos experienciados, pois considera que o corpo “não é destituído de pensamento que o caracteriza, sua condição material e orgânica não é separável da linguagem. A emergência do humano provém de uma anterioridade, origem da própria vida” (CZERESNIA, 2012, p. 124).

⁸¹ “[...] son el resultado de procesos particularmente complejos y creativos que producen conceptos y que involucran a la sociedad en su conjunto; en tal sentido podemos hablar del Proceso social de producción de conocimientos” (GÓMEZ-ARIAS, 2018, p. 67-68).

É esta anterioridade que permanece e mantém o movimento de (re)constituição do corpo que o faz interagir com os elementos que o contextualizam em posições interativas e relacionais no espaço-tempo (MOREIRA, 2012; MARTINS, 2014; 2020; PAIVA, 2017). Isso torna observável “uma determinação ontológica imposta pela mudança de olhar geográfico para o espaço enquanto um modo espacial da existência humana, isto é, como resultado da relação metabólica” (GUIMARÃES, 2019, p. 128), que nos faz entender que junto ao corpo e suas questões ontológicas estão algumas condições do ‘ser e existir’ - sendo a saúde uma delas - que não necessariamente se refere às regularidades operacionalizantes, mas a busca pelo fazer, por sempre estar em movimento, processos, ressignificações e transformações (THRIFT; DEWSBURY, 2000; PEARCE, 2018). Isso tudo

porque somos finitos no **tempo e no espaço** e não temos a possibilidade de compreensão da totalidade de nossa existência, individual ou coletiva, é que estamos sempre, a partir de cada nova experiência vivida em contato com o desconhecido e buscando reconstruir o sentido de nossas experiências (AYRES, 2007, p. 50, grifo nosso).

Esta construção traz um ponto crucial para o debate da Geografia a partir da análise do contexto geográfico, uma vez que tomamos como ponto referencial as trajetórias das mulheres vivendo com HIV/AIDS e os decorrentes processos experienciados. Estes pressupostos estão fundamentados na concepção filosófica do realismo crítico que, a nós, serve enquanto base interpretativa para os problemas reais de saúde, uma vez que os entendemos enquanto modalidades ontológicas do ser, passíveis de leitura geográfica, visto que “[...] as categorias espaço e saúde apresentam-se como universais abstratos dos conceitos geográficos, que são objetos reais que podem ser apreendidos a partir da análise da reprodução do espaço vivido” (GUIMARÃES, 2016, p. 873), o que traz concretude e permite a elaboração de sínteses acerca dos fenômenos.

Neste ínterim, estas modalidades ontológicas do ser - saúde e espaço - acabam sendo percebidos diretamente pelos corpos dos sujeitos, que em específico reconhecem a saúde em seu sentido ontológico⁸², uma vez que considera que o corpo vivido em movimento não se restringe apenas como objeto, pois viver de forma real-corporificada para os seres humanos é experienciar, conhecer e saber (CANGUILHEM, 1998).

⁸² O presente assunto nos aproxima da *Teoria da dupla determinação geográfica da saúde*, especificamente, ao que se dedica o eixo da determinação ontológica que toma como questões estruturantes o conceito de trabalho num todo societário, e a reintegração do corpo no espaço como modo espacial de existência. É nesta perspectiva que a *Teoria da dupla determinação geográfica da saúde* contribui para compreendermos cada contexto geográfico que as pessoas vivenciaram, dado que a relação entre os corpos e espaços junto aos processos de saúde-doença configura o que vem a ser normal e/ou patológico (GUIMARÃES, 2019).

Assim, fica expressa a necessidade de se debruçar sobre os fenômenos que afetam as pessoas e seus corpos, de modo que sejam realizadas análises e propostas que estejam diretamente ligadas ao processo de saúde-doença e à fundamentação das normas que regem as vidas dos sujeitos (GUIMARÃES, 2015; 2016), pois, a “[...] distinção entre normal e patológico está claramente ancorada na reconstrução da experiência do corpo, constituição de uma tecnologia de normatização do corpo a partir de uma estrutura valorativa que guia a racionalidade clínica” (SAFATLE, 2011, p. 17-18).

Logo, a construção deste raciocínio se debruça sobre o movimento característico do contexto geográfico experienciado por essas mulheres, uma vez que toma como prerrogativa interpretativa os cursos de vida, seus acontecimentos e pontos de inflexão ligados às inúmeras dimensões dos sujeitos, inclusive aquelas voltadas ao processo de saúde-doença e suas relações contextuais (PEARCE, 2018).

5.1.1. Saúde e Doença: princípios geográficos e a construção de normas vivíveis

A partir das reflexões iniciais supracitadas, é preciso expressar que existem diferentes esforços das mais variadas áreas do conhecimento para a compreensão do que é a saúde e doença. Tais reflexões foram pensadas ao longo da história da humanidade e tiveram como fundamento inicial o emparelhamento antagônico entre saúde e doença, isso como tentativa de definir a concepção de saúde como ausência de doença manifestada (CZERESNIA; MACIEL; OVIEDO, 2013).

Esse raciocínio primário foi de extrema importância para os desdobramentos posteriores (LAURELL, 1982), dado que outros elementos passaram a compor o conjunto de análise, pois já não era mais possível desconsiderar as questões biológicas, sociais e culturais que recaíam sobre os corpos quando evocadas as questões sobre saúde e doença (SAFATLE, 2011). Foram estas demandas que fomentaram o olhar crítico sobre o objeto da medicina, o que reorganizou seu conhecimento elevando o nível reflexivo acerca dos métodos e dos conceitos construídos até então (FOUCAULT, 1977).

Por assim ser, a concepção de saúde e doença, sobretudo a de saúde, se torna algo de difícil generalização, já que não adota um modelo cientificamente fundamentado (BASTOS, 2011), evidenciando assim um alto grau de complexidade no que tange seu entendimento, pois a concepção de saúde, inerentemente, se mantém refletida pela “[...] conjuntura social, econômica, política e cultural, ou seja, saúde não representa a mesma coisa para todas as

pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social. Dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas, filosóficas” (SCLIAR, 2007, p. 30) que, em constantes e distintas interações proporcionaram diversificados conceitos de saúde. Em outros termos, para nós, saúde se concebe de forma contextualizada por meio da interlocução entre Espaço-tempo, Conteúdo e Agência.

Para compreender esses vieses possíveis acerca da saúde, um autor importante é Almeida Filho (2011). Segundo ele, existem quatro vieses possíveis para compreender a saúde: 1) saúde como conceitos, sendo estes respaldados tanto pela filosofia do conhecimento como pela linguagem; 2) saúde por meio do seu valor empírico, comumente realizada nas ciências biológicas; 3) saúde como elemento analisável, do ponto de vista lógico, matemático e probabilístico; e 4) saúde perceptível, apreendida através das condições de vida das pessoas. Certamente, a organização deste conjunto possui um movimento não unívoco, que se propõe a enfrentar as inúmeras barreiras linguísticas presentes na articulação entre o acadêmico, técnico e público-popular (CZERESNIA, 1995; AYRES, 2001).

Essas são algumas das possibilidades pelas quais se pode conceber a saúde, dado que “[...] percebemos que falar sobre saúde não equivale a falar sobre não-doença e falar sobre doença não equivale a falar sobre não-saúde, rastreamos, por meio de um simples exercício de linguagem, um aspecto prático da maior importância” (AYRES, 2007, p. 45). É desta forma que a linguagem possibilita a interpretação da plural dimensionalidade da saúde que não a esvazia enquanto conceito (CANGUILHEM, 1990; CAPONI, 1997), pelo contrário, reforça e demonstra a importância que a saúde tem sobre a vida nas mais diferentes interfaces, já que “[...] envolve a construção compartilhada de nossas ideias de bem-viver e de um modo conveniente de buscar realizá-las na nossa vida em comum. Trata-se, assim, não de construir objetos/objetividades, mas de configurar sujeitos/intersubjetividades” (AYRES, 2007, p. 50).

Estas reflexões nos fazem retomar pontos importantes discutidos até o momento, pois levantam questões acerca da construção daquilo que entendemos por saúde no decorrer da vida e por quais modos fazemos isso. Logo, nos provoca a pensar sobre os sujeitos/intersubjetividades - como sugere Ayres (2001; 2007) - e diversas indagações diretamente relacionadas à vida deles: o que e quais são as normas⁸³ que arregimentam a vida

⁸³ Abbagnano (2007, p. 716-717) define norma à luz do neocriticismo alemão que “[...] formou-se através da distinção e da contraposição entre o domínio empírico do fato (da necessidade natural) e o domínio racional do dever ser (da necessidade ideal). Sua validade não deriva do fato de ser ou não aceita ou aplicada, mas apenas do dever ser que exprime [...]. As normas exprimem, habitualmente, a disciplina mais conveniente de determinadas atividades, com vistas a conferir-lhes a maior eficiência e precisão possíveis. Portanto, se elas nem

dos sujeitos? Como são as relações contextuais que se organizam junto à concepção de saúde?

É sob este conjunto que se fazem válidas as contribuições de Canguilhem (1990), uma vez que o autor dedicou grande parte de sua construção teórica sobre a distinção entre saúde e normalidade, afirmando que “[...] a normalidade enquanto norma de vida é uma categoria mais ampla, que engloba a saúde e o patológico como distintas subcategorias, numa visão de conjunto. Nesse sentido, tanto a saúde quanto a doença são normais” (COELHO; ALMEIDA FILHO, 1999, p. 29), ao ponto que ambas conjunturam a normalidade de vida, na qual a saúde é considerada uma norma superior e a doença uma norma inferior, em outras palavras, são graus da normatividade vital (CANGUILHEM, 1990; COELHO; ALMEIDA FILHO, 2002).

Diante do exposto, a relação entre os graus de normatividade está arraigada aos valores e significados socialmente construídos que perpassam a concepção de vida dos sujeitos (DONNANGELO, 2014), uma vez que as normatividades vitais podem se atrair, se alternar, se misturar, competir, complementar e mesmo coexistir, estando a complexidade da composicionalidade sob a égide das condições de vida dos sujeitos ou dos grupos a que pertencem (GOMÉZ-ARIAS, 2018).

Isso faz com que determinadas compreensões passem a ser mais ou menos aceitas no movimento de busca por uma idealização, como acontece com a “saúde perfeita” que se transforma em um conceito normativo, idealizado e utópico, como propõe Canguilhem (1990) ao dizer que “[...] o conceito de saúde não é o de uma existência, mas sim o de uma norma cuja a função e cujo o valor é relacionar esta norma com a existência a fim de provocar a modificação desta” (CANGUILHEM, 1990, p. 54).

Destarte, cabe lembrar que esses graus de normatividade vital não o são em si, já que as normas que os pressupõem estão atreladas e contextualizadas nas relações sociais em que se organizam, fazendo com que não haja “uma continuidade quantitativa entre normal e patológico, mas [uma] descontinuidade qualitativa” (SAFATLE, 2011, p. 18), o que traz para o centro narrativo a perspectiva dos sujeitos que vivenciam os graus de normatividade já que tal processo antecede o saber científico por meio da experiência (PEDROSO; GUIMARÃES, 2015), exigindo assim que a possibilidade de outros graus normativos (como

sempre são generalizações daquilo que já está sendo feito ou realizado — porque inclusive podem inspirar-se em uma ordenação completamente diferente — tampouco são alheias aos campos de atividade humana que visam a regular”.

o patológico) sejam respeitados enquanto novas condições (COELHO; ALMEIDA FILHO, 2002).

É sob esta perspectiva que a elaboração de Canguilhem (1990) sobre o normal e o patológico toma como a base a interação relacional do ser humano (vida e corpo) com seu respectivo **meio**⁸⁴, visto que ele considera “que a saúde se realiza no genótipo e na relação do indivíduo com o meio, opondo uma saúde filosófica a uma saúde científica. Enquanto que a saúde filosófica é a saúde individual, a saúde científica teria sido a saúde pública, ou seja, a salubridade e a doença” (COELHO; ALMEIDA FILHO, 1999, p. 25-26).

Deste modo, as considerações de Canguilhem (1990) ampliam a interpretação do processo de saúde-doença, a partir de como os seres humanos se relacionam, produzem e transformam sua realidade específica Espaço-temporal, de Conteúdo e de Agência. Esse feito abriu a possibilidade de compreensão sobre como se configuram as normatividades vitais, entendendo que tal processo torna o ser humano um resultado-resultante que está diretamente conectado aos movimentos da vida (CANGUILHEM, 1998; 2012).

Este foi um grande marco na ciência da saúde, que seguiu sendo amplamente difundido e debatido por diferentes autores, clássicos e contemporâneos, que refletiram e contribuíram com as proposições de Canguilhem (1990), a citar nomes como Foucault (1977); Coelho e Almeida Filho, 2003; Safatle (2006; 2011; 2015); Czeresnia, 2010; Almeida Filho (2011) entre outras(os), que no movimento de construção aprofundaram os argumentos outrora apresentados, como expressa Coelho e Almeida Filho (2003, p. 108, grifo nosso), ao reforçarem tais interações dizendo que

na relação com o meio, o ser vivo, ao invés de apenas sofrer influências, procura uma situação na qual recolhe as influências que correspondem às suas exigências. **Ele estrutura seu meio. O meio do ser vivo é também obra do ser vivo que se furta ou se oferece a certas influências. O normal e o anormal são determinados pela quantidade de energia que o ser vivo dispõe para estruturar o seu meio.** A medida desta quantidade de energia revela-se na história de cada um.

Essa discussão se desdobrou, principalmente, no campo da Saúde Coletiva que manteve viva a preocupação para além das questões biológicas, outrora criticadas duramente (SCLIAR, 2007). Deste modo, foram iniciadas reflexões que se debruçaram sobre uma complexidade que se fazia crescente e acelerada, oriunda dos desdobramentos presentes

⁸⁴ Essas proposituras são resultantes de extensos e históricos debates que foram construídos a partir de teorias que buscaram compreender a saúde e as causas de doenças. Exemplo disso, são as contribuições de Hipócrates de Cós (460-377 a.C.) que pautava o equilíbrio dos fluidos dos indivíduos e as relações que estabelecia com o meio (SCLIAR, 2007).

nestas relações. Ainda assim, se faz necessário destacar que as contribuições das(os) autoras(es) acima mencionados(as) salientam para além da simples relação do indivíduo-meio, uma vez que expressam os elementos que medeiam o processo no qual esta relação de estruturação acontece.

Esta interação constante distancia os indivíduos de uma compreensão meramente físico-biológica, ao modo que a dinamicidade da vida passa a ser entendida enquanto um metabolismo social de produção no qual se constitui a organização da história humana como um todo societário (GÓMEZ-ARIAS, 2018).

É neste decurso que a discussão empregada por Canguilhem (1990) pode ser relacionada com a leitura geográfica proposta na presente tese, uma vez que o autor constrói sua teoria sobre o normal e o patológico estabelecendo vínculos geográficos, dado que emprega o uso do termo ‘meio’ para se referir à produção do espaço-tempo. Esta interpretação parte da premissa de que o meio “[...] é uma condição necessária e suficiente da existência do modo de produção e da formação social. Então, a natureza é espaço, o modo de produção é espaço, a formação é espaço” (SILVA, 1986, p 92).

Ao elaborarmos tal raciocínio com base nos pressupostos de Canguilhem, partirmos das interações entre Geografia e Saúde enquanto elementos centrais para interpretarmos a realidade dos sujeitos. Com isso, nos respaldamos nas colocações de Silva (1982; 1991), que nos alerta para as interações que estruturam as formas de organização social, ou seja, os modos de existência (político e cultural), que garantem a incorporação de elementos interdisciplinares e, portanto, ampliam a discussão para além do corpo clínico-anátomo-fisiológico. Em outras palavras, funda-se nesse processo o ser-aí, um ser projetado no mundo com relações geográfico-contextuais ajustadas a seu curso de vida (PEARCE, 2018).

Deste modo, a construção interpretativa de um ser-no-mundo não está descolada da concretude material, pois há coexistência entre ser, pensar e estar, sobretudo, no que se refere ao corpo que produz e percebe a relação saúde-doença a partir das suas formas de inserção no mundo (GUIMARÃES, 2006; 2015; MARTINS, 2014; 2020), uma vez que parte da projeção da “[...] experiência clínica que se arma para explorar um novo espaço: o espaço tangível do corpo, que é ao mesmo tempo esta massa opaca em que se ocultam segredos, invisíveis lesões e o próprio mistério das origens” (FOUCAULT, 1977, p. 139). Essa conexão exprime autoprodução dos seres humanos por meio de seu complexo bio-ontológico (MARTINS, 2007), que expressa o conjunto de relações “[...] entendidas em seus

imbricamentos com o texto e o contexto, que são capazes de revelar o movimento do real, transpondo ao pensamento como objeto pensado” (SILVA, 1992, p. 108).

Assim sendo, o corpo quando lançado ao mundo enquanto ser-aí se torna veículo para as interpretações acerca da Geografia, Saúde e Doença (e outras intersecções mais) intrínsecas à sua existência (ALVES; PEDROSO; GUIMARÃES, 2019). Por isso é imprescindível que tenhamos a capacidade de olhar para além do corpo, para que estabeleçamos com fidedignidade o que vem a ser normal e/ou patológico para esse mesmo corpo (CANGUILHEM, 1990) em devir que, inevitavelmente, experienciará distintas realidades específicas de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência.

Considerar isso, automaticamente implica em relacionar os elementos gregários que compõem a complexidade da vida dos sujeitos, suas dores, ações, gozo, reprodução; desde seus aspectos físico-biológicos até os que garantem a corporeidade, gênero, etnia, condições econômicas e culturais (GOMÉZ-ARIAS, 2018). Questões estas que, se constituem mutuamente de forma contínua, uma vez que “os espaços de programação genética e de programação cultural interagem produzindo o espaço da personalidade. O espaço da personalidade, uma vez produzido, tende a reproduzir-se gerando referências de necessidade, conduta e motivação” (SILVA, 1986, p. 127).

Tais colocações contribuem enquanto um marco para outras reflexões, questionamentos e tensões que propõem outras formas de pensar a saúde (SEGRE; FERRAZ, 1997). É neste sentido que são válidos alguns esforços que se debruçam sobre a saúde e suas conexões, visto que esta pode ser compreendida como valor, que por sua vez configura o poder de decisão na elaboração de normas que interacionam e compõem outros modos espaciais de existência (GUIMARÃES, 2019). Afinal, “um organismo, por sua natureza dinâmica, sempre terá a possibilidade de questionar seu ambiente social, limitando-o e até mesmo transformá-lo através de seus regulamentos internos” (PÉREZ; DE LA CRUZ, 2009, p. 73, tradução nossa)⁸⁵.

Isso nos direciona a pensar que, tanto as concepções de saúde como a de doença não se constroem apenas no abstrato, ou seja, sem um lastro Espaço-temporal, de Conteúdo e de Agência que esteja contextualizado no plano vivido (individual ou coletivo) (MASSEY, 2008; PEARCE, 2018), pois “os sentidos da saúde e da doença são, ainda, configurados social, histórica e culturalmente. Eles não estão isentos de crenças, hierarquias, juízos de

⁸⁵ “Un organismo, por su carácter dinámico, siempre tendrá la posibilidad de cuestionar su entorno social, limitarlo e incluso transformarlo a través de su normatividad interna” (PÉREZ; DE LA CRUZ, 2009, p. 73).

valores, conhecimentos e atitudes compartilhados em grupo” (CZERESNIA; MACIEL; OVIEDO, 2013, p. 15).

Estas interpretações, assim colocadas, permanecem ancoradas no acontecer do fenômeno da vida interpretada pela confluência existente entre a Saúde Coletiva e a Geografia (GUIMARÃES, 2016), o que acaba sendo percebido pelos sujeitos a partir dos contextos geográficos que produzem e ocupam no mundo durante o decorrer de seus cursos de vida. Segundo Guimarães (2015), essa se torna uma questão primordial que reposiciona os sujeitos no centro do conhecimento geográfico, uma vez que entende que o centro do mundo é uma construção social não definida e,

portanto, o que é Geografia, o que é Saúde e qual a relação entre esses termos depende do **contexto histórico e geográfico**. Os meios são contextos culturais e técnicos que expressam modos espaciais de existência. O ente que é o homem tem a saúde como sua objetivação. Tal objetivação se realiza na produção do meio geográfico (GUIMARÃES, 2015, p. 48, grifo nosso).

Enfim, essa construção nos apresenta outras perspectivas que trazem consigo inúmeros significados, o que acaba por reforçar a legitimidade de interpretarmos os contextos geográficos produzidos e vivenciados pelos sujeitos, como temos proposto no decorrer da tese, ao mesmo tempo em que possibilita questionarmos: de quais normas estamos falando? Quais concepções de saúde e doença? E em quais contextos geográficos estão situadas?

É a partir destas indagações que nos dedicamos a compreender a construção das normatividades vitais (CANGUILHEM, 1990; CZERESNIA, 2010) que se fazem presentes nos contextos geográficos das mulheres participantes. Isso porque para nós, o que realmente importa é a contínua luta dos sujeitos pela vida, pois estes mesmos “[...] produzem a sua própria geografia. Independentemente de pensarmos sobre as coisas, elas existem. Aliás, só podemos estruturar nosso pensamento geograficamente porque na vida real há uma geografia vivida” (GUIMARÃES, 2015, p. 47-48).

Por partir destes pressupostos, retomamos as trajetórias de vida das mulheres, agora nos debruçando sobre as experiências na cidade que compõem o “presente”, uma vez que os processos de saúde-doença relacionados ao HIV/AIDS - lê-se normatividades vitais - passam a ser configurados por outras lógicas e práticas que as resignificaram. Em suma, fundados em outros contextos geográficos. Para tanto, prossigo com a palavra em primeira pessoa do singular tendo como prioridade manter o entrelaço das narrativas dessas mulheres,

que quando evocadas constroem diferentes saberes, que transitam e transcendem o científico, como veremos a seguir.

5.2. Contextos geográficos em aliança: a construção de outras realidades

As trajetórias de vida das mulheres são repletas de acontecimentos, pontos de inflexão e ressignificações constantes, o que corrobora para o entendimento das relações que têm arregimentado os cursos de vida e seus respectivos contextos geográficos. Neste sentido, as experiências de saúde e doença fazem parte da vida dessas mulheres, o que possibilita a interpretação do cotidiano presente, ou seja, do movimento que se encontra calcado nas experiências construídas na cidade, sobretudo, as que caracterizam a relação indivíduo-coletivo estabelecida após a constituição do grupo “*Plug and Play*”.

Para isso, se fez necessário o aprofundamento sob a coetaneidade, os lugares e as práticas espaciais realizadas na cidade em tempo presente, uma vez que estas tornam cognoscível “[...] a construção da identidade coletiva que armazena e historiciza elementos do espaço físico, como marcos de uma memória coletiva, em um processo espaço-temporal de construção identitária” (LIMONAD; RANDOLPH, 2002, p. 18). Este raciocínio permite evidenciar os entendimentos que estas mulheres atribuem e valoram em diferentes partes da cidade, pois, creio que estes movimentos, com suas intenções/significados, contribuem para a construção/consolidação de outras normatividades de vida.

Deste modo, as narrativas das mulheres passam a agregar elementos proporcionados pelo encontro, este que “[...] está associado ao acontecimento, que se constitui em uma forma de refazer o cotidiano, de reinventar e de reviver” (EGLER, 2000, p. 215). Para o presente caso, se trata de entender as proximidades e confluências que se desdobraram das relações estabelecidas entre essas mulheres, a Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA) e outras redes de apoio, que contribuíram e contribuem com o estabelecimento e sustentação de outras normatividades vitais construídas paulatinamente no contexto geográfico em voga. Assim sendo, retomo as narrativas das mulheres em caráter de continuidade, para que seja possível destacar os principais acontecimentos e experiências, agora mais próximos do presente.

5.2.1. “Tenho que ser e vou ser feliz sozinha”: os caminhos abertos de Tammie

A aproximação com a APPA pode ser considerada enquanto um acontecimento nevrálgico que, para Tammie, trouxe importantes desdobramentos, pois, foi a partir desta realidade que ela passou a ter acesso às informações sobre seus direitos, bem como a ter respaldo social e psicológico perante às situações enfrentadas.

Evidentemente que toda a complexidade de sua relação não fora resolvida de uma única vez, mas, ao longo do tempo foram criados mecanismos de defesa e resguardo que, garantiram a Tammie, capacidade de resposta e de decisão em alguns momentos. Isso permite evidenciar que os acontecimentos transpõem a elaboração de crenças acerca do que é ou não possível, uma vez que “[...] o possível está relacionado com o momento presente da experiência do sujeito: não se pode definir uma possibilidade sem levar em conta o agora” (LANA; FRANÇA, 2008, p. 4) como também o ‘aqui’, já que a experiência intrinsecamente emprega as relações de espaço-tempo (MASSEY, 2008; 2009; SILVA; LIMA, 2020), possibilitando localizar e interpretar os sujeitos em seus contextos geográficos.

Por diversas vezes, essas relações estiveram presentes nas narrativas de Tammie, principalmente quando eram pautados elementos como sua sorologia - HIV/AIDS -, família e o relacionamento com seu ex-companheiro. Tammie comentou sobre estes elementos tanto em momentos coletivos como nos individuais, bem como ponderou seu aval acerca das concepções que foi construindo para si ao longo do curso de vida, ou seja, como foi construindo outras normatividades a serem vividas.

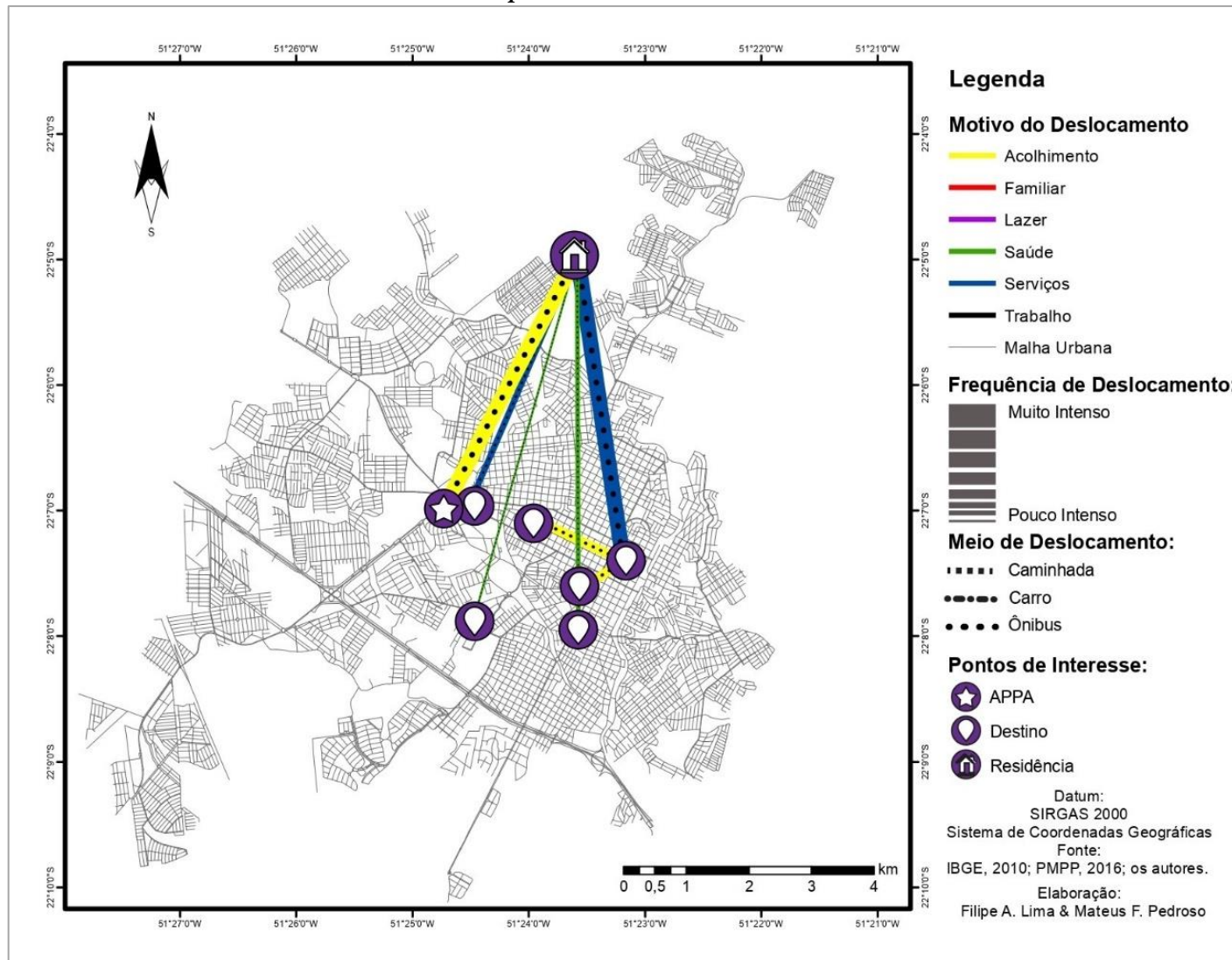
Tais elaborações estiveram, majoritariamente, conectadas à importância em compor o grupo “*Plug and Play*” e as demais atividades da APPA, visto que os encontros e ações possibilitaram a elaboração de entendimentos **muito interessantes em relação à felicidade e à família de hoje, trazendo como ponto de pauta sua vivência com o HIV e como os seus familiares lidam com isso, já que retratou em suas falas a experiência do distanciamento, esquecimento e abandono. Diversas foram as palavras de sentimentos fortemente presentes em seus relatos, como ela mesma colocou: “Estou buscando pelo meu caminho, lutando pelas minhas coisas do meu jeito! Tenho que ser e vou ser feliz sozinha!”. Essa fala de Tammie evidenciou muitas questões; por um lado, a força, superação e coragem, e por outro, o abandono, a solidão, vulnerabilidades e o descaso vivido** (Diário de campo, 01 de novembro de 2018).

Em diferentes momentos Tammie relatou sua experiência e fez questão de enfatizar sua autossuficiência e independência conquistadas. Foi surpreendente o empoderamento revelado por ela ao apresentar argumentos em tom de exemplo e incentivo, dado que **no presente, Tammie se reconhece como uma mulher feliz que, mesmo lidando com seus problemas, preza pela própria autoestima tanto que encerra sua fala com a seguinte frase: “Hoje não dependo de homem nenhum para nada!”** (Diário de campo, 04 de outubro de 2018).

Muitas destas falas foram entoadas como exemplo para todas as demais participantes, o que permitiu a construção de uma experiência coletiva, dado que expressou aconselhamentos sobre a relação consigo, sobre a normalidade ligada à sorologia, com seus companheiros, com a família e a sociedade em geral. Os relatos de Tammie no grupo realmente foram assertivos e poderosos, o que me permitiu entender os diferentes porquês dessas mulheres se reunirem. É evidente que os encontros proporcionam o autodesenvolvimento mútuo e assim promovem saúde, ao mesmo tempo que fundam o lugar como um bem comum que se constitui a partir da confluência de trajetórias outrora tensionadas pela doença e, que agora constroem a possibilidade de viver outra normatividade vital (CANGUILHEM, 1990).

Todas estas idas e vindas, encontros e confrontos narrados acerca do curso de vida de Tammie, contribuem para a compreensão das diferentes trajetórias que trilhou, ou seja, dos movimentos que foram e que são realizados por ela enquanto práticas espaciais na cidade que, no presente, foram registradas por um período aproximado de 15 dias, como expressa o mapa 03.

Mapa 03. Percursos na cidade: Tammie



Os percursos de Tammie, como toda sua história de vida, expressam uma interessante peculiaridade quando cartografados, pois, acabam consubstanciados pelo poder linguístico da representação. Neste âmbito, é sabido que a linguagem cartográfica atua como um potente instrumento de análise da realidade (ainda que parcial), que permite tomar a ação de mapear em sentido metafórico, o que possibilita evidenciar inúmeras histórias que se realizam no espaço-tempo (SEEMANN, 2012), como no caso de Tammie.

A respeito do mapa apresentado, mantive o foco nas práticas “recentes”, para que assim fosse possível captar e interpretar a cotidianidade organizada pelos deslocamentos na cidade. Assim, os percursos de Tammie foram organizados por ela tendo como ponto referencial de partida a própria casa, de modo que a maior parte dos movimentos foram realizados com destinos acertados, com poucos desvios, uma vez que estes consomem boa parte de seu tempo diário, principalmente aqueles que são realizados de ônibus e necessitam de baldeação, já que Tammie reside em uma área periférica da cidade.

É notável, em primeira instância, que os percursos de Tammie possuem concentrações intensas com pouca variância acerca dos motivos de deslocamentos, o que por si só configura um significado interessante, pois é preciso entender tais movimentos pela cidade como práticas indissociáveis da relação social (SEEMANN, 2003). No que tange aos tipos de deslocamentos foram destacados três, sendo eles dedicados aos Cuidados em Saúde, aos Serviços, e ao Acolhimento, cada qual com suas conexões e intensidades.

Como uma importante observação, cabe destacar que alguns dos deslocamentos foram menos frequentes que os demais, como é o caso dos percursos destinados aos Cuidados em Saúde que, para Tammie, somente foram efetuados quando necessário ou mesmo agendado para a retirada de medicação e/ou exames de rotina. Os principais pontos que articulam este sentido de deslocamento são o Hospital Regional, a Santa Casa de Misericórdia e o Centro de Testagem e Aconselhamento/Serviço de Atendimento Especializado (CTA/SAE), apresentando estes dois últimos certa conexão devido à proximidade locacional dos serviços.

No que tange aos deslocamentos voltados aos Serviços é possível notar a expressividade do deslocamento direcionado ao centro comercial da cidade, especificamente, ao Calçadão, como foi mencionado por Tammie. Este destaque se dá ao fato desta localidade envolver uma série de ofertas que justificam tal percurso, sendo uma delas os serviços bancários, lojistas e comerciais que Tammie acessa devido ao custo e à comodidade. Outro aspecto interessante é que neste ponto da cidade também é possível estabelecer conexões e

novos deslocamentos (com motivos variados), principalmente de ônibus, o que permite a Tammie melhor fluidez de percurso já que esse é seu principal modal de deslocamento, como evidencia seu relato sobre o vale transporte:

Aí, você sabe que em parte o governo não é ruim, porque se ele te deve dinheiro ele te manda centavo por centavo, porque hoje eu tenho até o passe livre. Olha aqui (mostrando a carteirinha), vai até 2020... e a minha foto ficou ridícula (risos) (Tammie, 2018).

Ainda sobre os deslocamentos voltados aos Serviços, cabe evidenciar a presença de outro ponto que concentra deslocamentos de Tammie com essa finalidade, o Prudenshopping, local onde é possível acessar outros serviços voltados a compras, vendas e alimentação. Além destes destaques, é interessante observar nos percursos de Tammie a articulação entre os diferentes deslocamentos e seus respectivos motivos, como por exemplo os mencionados anteriormente, uma vez que expressam relações com os deslocamentos de Cuidados em Saúde e Acolhimento devido à proximidade e acesso.

Outros deslocamentos evidentes estão relacionados ao Acolhimento, que na realidade de Tammie é registrado pela Associação Prudentina de Prevenção a AIDS (APPA) e pelas duas igrejas que frequenta. A relação que Tammie estabeleceu com a APPA é histórica, de longa data, e traz o sentimento de pertença, já que experencia estas relações com muita intensidade, o que faz dela a mais expressiva em seus percursos.

É preciso dizer que a força da relação de Tammie com a APPA está para além de um simples fluxo, uma vez que ao longo de sua vivência experimentou uma ampliação de seu campo de possibilidades, o que permitiu a ela estabelecer vínculos sustentados por diferentes motivos, como por exemplo: as atividades que passou a desenvolver (artesanato, aulas de informática, ginástica laboral, etc.), bem como as novas relações pessoais e de amizade.

Outro importante acontecimento foi a participação de Tammie no grupo “*Plug and Play*” - desde sua constituição em 2015 -, em que pôde junto às demais mulheres abordar questões que fizeram/fazem parte de suas histórias e cotidianos, principalmente, quando abordadas as violências e vulnerabilidades presentes em seus cursos de vida. Assim, sendo os encontros promovidos pelo grupo junto às demais experiências vividas na instituição, proporcionaram à Tammie elaborar a APPA enquanto um lugar, já que possui laços reais que contribuem com sua construção identitária, principalmente, quando pautado o HIV/AIDS e seu processo de normatividade vital.

É neste sentido que o estabelecimento de vínculos (simbólicos, afetivos e materiais) com os lugares contribuem para uma melhor compreensão das experiências construídas na

cidade, visto que os laços estabelecidos, simultaneamente, configuram as identidades e ao ponto que definem o sentido do lugar (KEARNS, 1993). Essa mesma interpretação se estende ao que é construído por Tammie em relação às igrejas e de tudo o que elas significam:

Meu querido, hoje eu frequento a igreja evangélica, isso foi o que me tirou da depressão, sinto que as orações deles são mais fortes e eu me sinto muito mais bem. E sim, mudou bastante, mudou bastante, melhorou bastante, minha autoestima melhorou porque ela ficava lá embaixo de primeiro. Então, a igreja evangélica mudou muito a minha autoestima porque estava muito lá embaixo (Tammie, 2018).

O relato de Tammie sobre as igrejas destacadas no mapa reforçam a importância de tais experiências em seu cotidiano, visto que esta conexão é resultante da interação de diferentes signos produzidos pelos aspectos materiais e imateriais que para ela fazem da igreja um lugar. Essa elaboração resulta da interação que Tammie estabelece com a igreja a partir de sua religião, dado que esta passa a compor sua identidade enquanto uma interseccionalidade importante.

Ainda a esse respeito, cabe destacar a sensação de segurança, conforto e acolhimento enunciada por Tammie ao explicitar essa dimensão de sua identidade. Tais características demonstram o nível de envolvimento, bem como a expressividade dos vínculos que se mantêm sustentados pelas práticas, sobretudo, as religiosas neopentecostais que

[...] através dos seus ritos, pregações, atividades de grupo (como as escolas de evangelização, correntes de oração e outras) faz com que o “crente”, de certa forma, procure reagir e organizar seu cotidiano a partir dos ensinamentos da igreja. Ele passa, portanto, a desenvolver uma “ação” frente aos seus problemas de origem qualquer, a qual propicia um salto escalar na vida do indivíduo, e ele passa a viver não num mundo de opressão, mas de transformação (RODRIGUES, 2003, p. 135).

Partindo desta perspectiva, as colocações de Rodrigues (2003) contribuem para o entendimento da relação que Tammie estabelece com a igreja, pois, fica evidenciado a construção de uma narrativa pautada em princípios emancipatórios. Por esses meios, essa relação contribui com a organização de uma outra normatividade de vida, que se encontra ancorada no processo identitário de Tammie e na composicionalidade que configura seu atual contexto geográfico.

Ao decorrer de toda a narrativa, ficou elucidado inúmeras questões que se realizaram na vida de Tammie, que desde tenra idade já era detentora de uma história intensa e interessante. Vale destacar, uma vez mais, os inúmeros processos e aprendizados que foram trazidos por Tammie para a arena de debates, bem como provocações e tensões teórico-metodológicas colocadas enquanto desafio no ato de interpretar o movimento da vida por

meio dos contextos geográficos. Neste momento, a esperança que tenho é a de ter alcançado em profundidade o vigor do viver expresso por Tammie, visto que os relatos colocados por ela ressaltam prospecções e continuidades que sempre estarão sendo ressignificadas.

5.2.2. “Hoje eu sou mais jovem, mais bonita”: as novas perspectivas de Del Rio

A partir das vivências de inúmeros acontecimentos, Del Rio iniciou um novo processo formativo, especificamente, o de militância pelas pessoas que vivem com HIV/AIDS (PVHA). Esta atuação se concretizou através de sua participação no Movimento Nacional de Cidadãos Positivos (MNCP), o que contribuiu enormemente não só para Del Rio e para a APPA, mas também para outras mulheres que se aproximavam desta realidade, como por exemplo, as que compuseram a formação do grupo *Plug and Play*, em que Del Rio foi convidada a participar desde o princípio.

Com isso, ficou evidenciado que o contexto geográfico do qual Del Rio fez parte ganhou novas conexões a partir da vivência com HIV/AIDS, de modo que permitiu a ela conhecer outra forma (muito mais significativa) de inserção social, em que trabalho, ação política e cooperação se fundem, assim, constituindo diferenças em relação a outros momentos/contextos. Cabe destacar que nesta época Del Rio já atuava como cozinheira da instituição - como anteriormente mencionado -, o que a tornava sua atuação polivalente em inúmeros aspectos.

A organização do grupo *Plug and Play* foi uma ação muito acertada e duplamente importante, considerando como primeiro ponto positivo as contribuições que foram trazidas por Del Rio ao longo dos encontros junto às demais participantes, uma vez que ela detinha uma presença que não carecia de ser anunciada, pois todas(os) tinham por ela um grande respeito, pela sua história e por ser a pessoa mais experiente. Como segundo ponto relevante, convém reforçar os benefícios da troca proporcionada pelo grupo, visto que este elemento contribuiu paulatinamente para a atualidade vivida de Del Rio, o que se confirma pela sua fala, quando de frente para o espelho me disse:

Óh, olha aqui! Hoje eu sou mais jovem, mais bonita e eu me vejo com uma autoestima bem grande mesmo e, estou aí para vencer. Até quando eu não sei, mas estamos aqui! (Del Rio, 2018).

Esta conclusão que Del Rio evidencia traz a confluência dos inúmeros elementos que foram vividos, e o modo que estes foram administrados, contornados e/ou superados dentro

de seu campo de possibilidades. Com isso, fica evidente o esmaecimento de alguns acontecimentos que, com a transformação do contexto geográfico, foram reincorporados ao cotidiano e assim ganharam tom de estabilidade na configuração atual (FRANÇA; LOPES, 2017; PEARCE, 2018), ou seja, foram experimentando novos graus de normatividades vitais.

Foi a partir destes principais acontecimentos, transições, pontos de inflexão e trajetórias - ainda que sintetizados - que tive a possibilidade de dimensionar a complexidade do contexto geográfico vivido por Del Rio, evocado por suas memórias, marcas, signos e valores construídos ao longo da vida. Esta “viagem” permitiu que Del Rio refletisse criticamente sobre sua própria história, e assim confrontasse seu passado e seu presente, agora ressignificados pela liberdade, lazer e práticas antes nunca experimentadas.

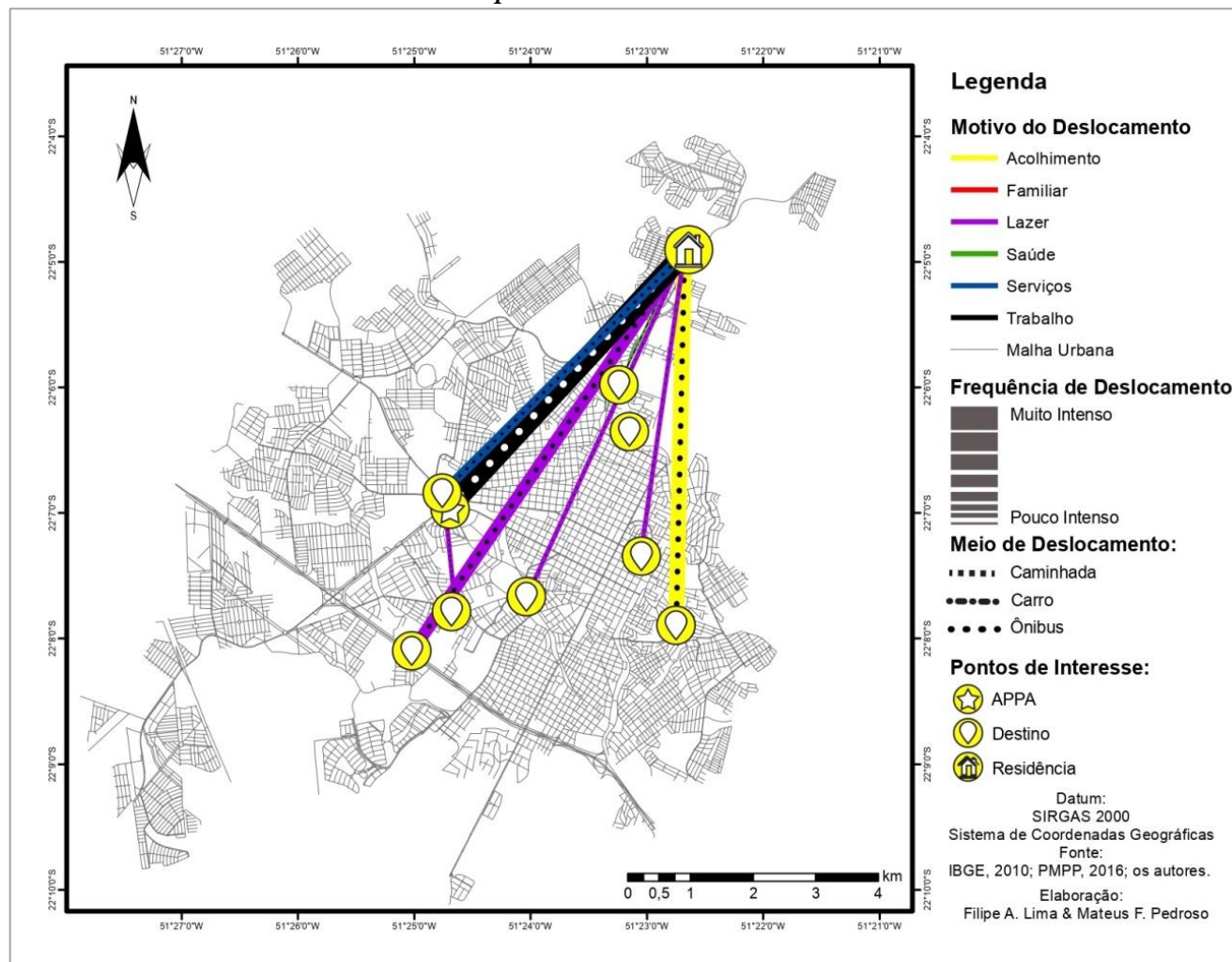
Essa ponderação levou Del Rio a reforçar que tais fatos somente aconteceram após a viuvez e o consequente diagnóstico do HIV, estando estes aliados à sua independência emocional e financeira. Estas constatações expressam os diferentes poderes que atravessaram as trajetórias de Del Rio ao longo da vida, desde sua infância, juventude e vida adulta, tendo sido destacada a forte relação entre classe, raça, gênero, educação e geração a partir da perspectiva do contexto geográfico enquanto modo de leitura de vida.

A conotação empregada pela história de vida de Del Rio permitiu que fossem direcionados olhares para a individuação cotidiana experienciada, já que “na vida cotidiana, o que é relativo às relações sociais aparece para cada ‘sujeito’ como necessário e absoluto, como essencial e autêntico⁸⁶” (LEFEBVRE, 2006b, p. 48, tradução própria). Por crer nestes pressupostos, empreendi esforços em captar os movimentos “atuais” realizados por Del Rio na cidade, com a intenção de compreender como se constitui sua experiência no presente contexto geográfico.

O desenvolvimento desta ação foi algo muito interessante, pois permitiu visualizar as práticas de Del Rio, sobretudo as que aconteceram com maior frequência, seus principais destinos, formas e intensidade de deslocamento, o que criou condições possíveis para reflexão sobre os porquês e os sentidos de tais movimentos. Deste modo, estas proposições exigiram um grande esforço que optei por responder parcialmente através de estratégias que se mantiveram articuladas em caráter complementar, como expressa o mapa 04.

⁸⁶ “En la vida cotidiana, lo que es relativo a las relaciones sociales aparece a cada ‘sujeto’ como sea necesario y absoluto, como esencial y auténtico” (LEFEBVRE, 2006, p. 48).

Mapa 04. Percursos na cidade: Del Rio



Os percursos de Del Rio exprimem vários pontos que merecem destaque, visto que estas articulações corroboram para a compreensão do que é a cidade para os sujeitos (FERRARA, 1988). Assim, ao cartografar os deslocamentos e os sentidos de Del Rio percebi que, majoritariamente, seus deslocamentos partiam de sua residência com destino certo, de modo direcionado e com poucas alterações na relação casa-destino. Aliado à esta percepção, cabe destacar que os deslocamentos quase sempre foram realizados de carro, o que de certa forma contraria a ideia de unidirecionalidade, já que se imagina que o carro permite uma maior liberdade de trânsito quando comparado a outros modais de transporte (o que é verdade), contudo, é preciso dizer que Del Rio não realizava seus deslocamentos na condição de motorista, mas sim de passageira, o que gerava minimamente uma dependência ou mesmo um processo de conciliação/negociação para que os deslocamentos acontecessem.

Ainda que houvesse estes arranjos, Del Rio registrou de modo considerável percursos plurais na cidade, que foram destacados por suas intensidades e sentidos de deslocamento, principalmente, quando comparado as demais mulheres. O caso de Del Rio me chamou bastante atenção devido as experiências relacionadas ao Lazer - o que se diferenciou das demais, como veremos adiante -, que aconteciam em diferentes dias da semana, como a própria evidência a partir de dois exemplos:

Rapaz, eu vou falar pra você, agora é baile direto! (risos) (Del Rio, 2018).

E continua dizendo:

E com esse negócio da gente ir para o Dashô (restaurante japonês)... Quando a gente vai pro Dashô a gente não janta, né?! Eu vou no Dashô duas vezes na semana, na segunda e na sexta... (Del Rio, 2018).

Os breves relatos de Del Rio evidenciam parte de suas práticas na cidade por meio do lazer expresso sob diferentes locais e intensidades. Estes deslocamentos, por sua vez, evocam os sentidos buscados e experienciados por Del Rio enquanto parte de seu cotidiano, que assim contribuem para a compreensão das vivências dos sujeitos em suas respectivas realidades. A respeito dos deslocamentos de lazer, chama a atenção a menção de espaços de consumo acessados, dado que estes requerem condições, sobretudo, financeiras já que configuram uma realidade de lazer privado, sendo este outro aspecto peculiar de Del Rio em relação as demais mulheres. Além dos deslocamentos ligados ao lazer notei outras intencionalidades que constituíam as práticas de Del Rio, como os deslocamentos de Serviços, prevalentemente, ligados a funções basais como: abastecimento de alimentos, pagamento de contas, e outros usos que são comuns à grande maioria das pessoas.

Analisando o mapa, outro percurso que se destaca é o que está ligado ao Acolhimento, especificamente, conectado à religiosidade de Del Rio, visto que ela encontrava na igreja significações particulares de fortalecimento pessoal. Neste sentido, cabe destacar que esta prática sempre esteve presente no cotidiano de Del Rio, em todas as suas etapas de vida, principalmente em seus momentos de maior dificuldade, como me relatou ao falar sobre a importância da igreja em seu processo pós-diagnóstico:

[...] nunca mais fiquei com ninguém, porque eu era da Igreja, e aí foi que eu me afundei mais ainda dentro da Igreja mesmo, e agora pra casar comigo (risos tímidos) vai ter que ser crente ou... Eu não ia abrir a boca pra falar, naquele tempo ainda tinha muito preconceito e eu nunca falei nada (Del Rio, 2018).

A meu entender, este relato de Del Rio justifica sua prática ligada ao Acolhimento através das sensações que obteve desta conjuntura, visto que se trata das relações afetivas e emocionais produzidas por seus movimentos de encontro junto a outros sujeitos (MEJÍA, 2015; HUTTA, 2019). Neste presente, Del Rio se encontrou respaldada pelo grupo da igreja da qual fazia parte, de modo que a intersecção religiosa compôs - desde sempre - um importante elemento de sua identidade, o que permitiu a ela estabelecer vínculos duradouros, para além de uma simples efemeridade.

A relação de longa data entre Del Rio e a igreja evidencia o sentimento de pertença, dado que mesmo após sua mudança de residência para uma área distante, Del Rio manteve o vínculo e a participação junto ao grupo, isso porque “[...] as pessoas possuem vínculos com lugares sejam reais ou imaginados. Este laço entre lugares e pessoas é essencial para a construção da identidade coletiva, mas também define o sentido de lugar” (LIMONAD; RANDOLPH, 2002, p. 13) de modo que contribui com as experiências de bem-estar, assim, fortalecendo as razões de permanência.

Ainda configurando os percursos de Del Rio pela cidade, cabe mencionar os que estão relacionados ao Trabalho (APPA), salientado que este deslocamento é o que apresenta maior grau de intensidade, isso por ser um dos elementos de maior importância em seu cotidiano. Com isso se torna perceptível que ao refletir sobre seu deslocamento de trabalho Del Rio evocou memórias pertencentes a outro espaço-tempo, que se correlaciona ao “atualmente vivido” por meio do conjunto de símbolos que fazem parte da vida (PEDROSO, 2022).

Isso automaticamente implica na forma do que apreender e do como se relacionar a partir das experiências na cidade, uma vez que é evidenciado por meio da interação o que os sujeitos pensam, desejam, desprezam, acolhem ou mesmo preferem quando realizada a

experimentação cotidiana na cidade (LEFEBVRE, 2005). Em outras palavras, é possível raciocinar uma cidade diversa, que considere o “[...] ponto de vista das práticas, das relações e das palavras dos cidadãos tais como o próprio pesquisador as observa, as coleta e anota, direta e situacionalmente, e que esta cidade não é menos real que aquela dos urbanistas ou dos administradores. É outra” (AGIER, 2015, p. 486).

Essa interpretação plural sobre a cidade é que permite a compreensão sobre as interações que se estabelecem entre os sujeitos e a cidade, de modo que garantem que suas vozes e narrativas sejam audíveis na construção interpretativa dos contextos geográficos. É deste modo que a história de Del Rio constitui o conjunto ao demonstrar fecundas contribuições que transcendem para além das construções acadêmicas triviais.

Enfim, cabe dizer que todos estes elementos, fatos e acontecimentos fizeram parte da história de vida de Del Rio, daquilo que ela construiu ao longo da vida e me reportou nos momentos de pesquisa e de trocas pessoais. Frente a esta construção não me resta dúvidas de que a história de Del Rio é grandiosa, já que fez emergir realidades que construíram a sua própria Geografia - a Geografia dos sujeitos -, e assim ensinou que há muitas coisas a serem descobertas, refletidas e interpretadas. Com este importante registro, meu único anseio é ter atingido o mérito que faça jus a história-memória que Del Rio me confiou.

5.2.3. “A gente vê que não está sozinha”: as reciprocidades de Alyssa

Ao longo de todo o percurso ficou evidenciado que as narrativas de Alyssa reúnem diversas experiências que foram sendo acumuladas, sobretudo, as que são correlatas a participação do grupo “*Plug and Play*”, que enquanto conjunto contribuiu para seu autodesenvolvimento no âmbito individual, familiar e social, uma vez que os encontros permitiram trocas, o acolhimento e aconselhamentos entre pares (ROMERA, 2012). Essas interações criaram para Alyssa - e para as demais participantes - um ambiente confortável de identificação e reciprocidade, que possibilitava a partilha de várias situações ligadas à cotidianidade, que em grande maioria retratavam as frustrações e angústias do presente.

Neste sentido, é preciso destacar que todas as problemáticas quando expostas passavam a ser refletidas em conjunto, o que proporcionava, em alguns momentos, certos desabafos como os retratados por Alyssa ao mencionar **os acontecimentos sobre sua família, seus filhos, o início e tentativa de relacionamento, e as consequências que estava lhe causando. Isso fez com que todas(os) a ouvissem atentamente, tanto que pude sentir o apoio

transmitido entre elas, pude perceber o que se entende por sororidade** (Diário de campo, 28 de junho de 2018).

Como evidenciado, as interações promovidas pelo grupo eram bastante potentes, visto que a princípio elas se reuniam tendo como ponto comum a vivência com o HIV/AIDS, e ao decorrer da interação descobriram que havia vários outros elementos como: as trajetórias marcadas pela violência, vulnerabilidades e ausência de gestão de seus campos de possibilidades, o que gerou identificação e acolhimento mútuo com inúmeras trocas, em outras palavras, a coetaneidade de estórias, de trajetórias múltiplas (MASSEY, 2008).

Estas importantes aproximações e acolhimento foram substanciais para a presente trajetória de Alyssa, visto que em diferentes situações foi expresso o medo do abandono e da solidão, o que serviu enquanto justificativa para que ela buscasse constantemente por companhias afetivas. Foi neste trâmite que Alyssa iniciou um novo relacionamento, que logo de princípio lhe trouxe transtornos e problemas pessoais, sendo estes posteriormente compartilhados com o grupo, o que permitiu a ela receber críticas construtivas que reforçaram **a necessidade de Alyssa se autovalorizar e “não ficar correndo atrás de homem” como argumentou Zahara, visto que não é preciso forçar uma situação para que ela seja feliz. Assim, todas as “meninas” ouviram atentamente o relato de Alyssa, e posteriormente direcionaram a ela palavras de conforto e aconselhamento** (Diário de campo, 25 de outubro de 2018).

Esse processo de acolhimento expressa a potencialidade dos encontros, que proporcionaram à Alyssa ressignificações e mesmo transformações em sua trajetória de vida atual (BLANCO, 2011), trazendo assim ganhos que, paulatinamente, foram agregados à sua cotidianidade, como por exemplo, as interpretações que foram realizadas acerca do HIV/AIDS e a concepção de normalidade que fora construída, melhor dizendo, ressignificada, como ela mesma coloca

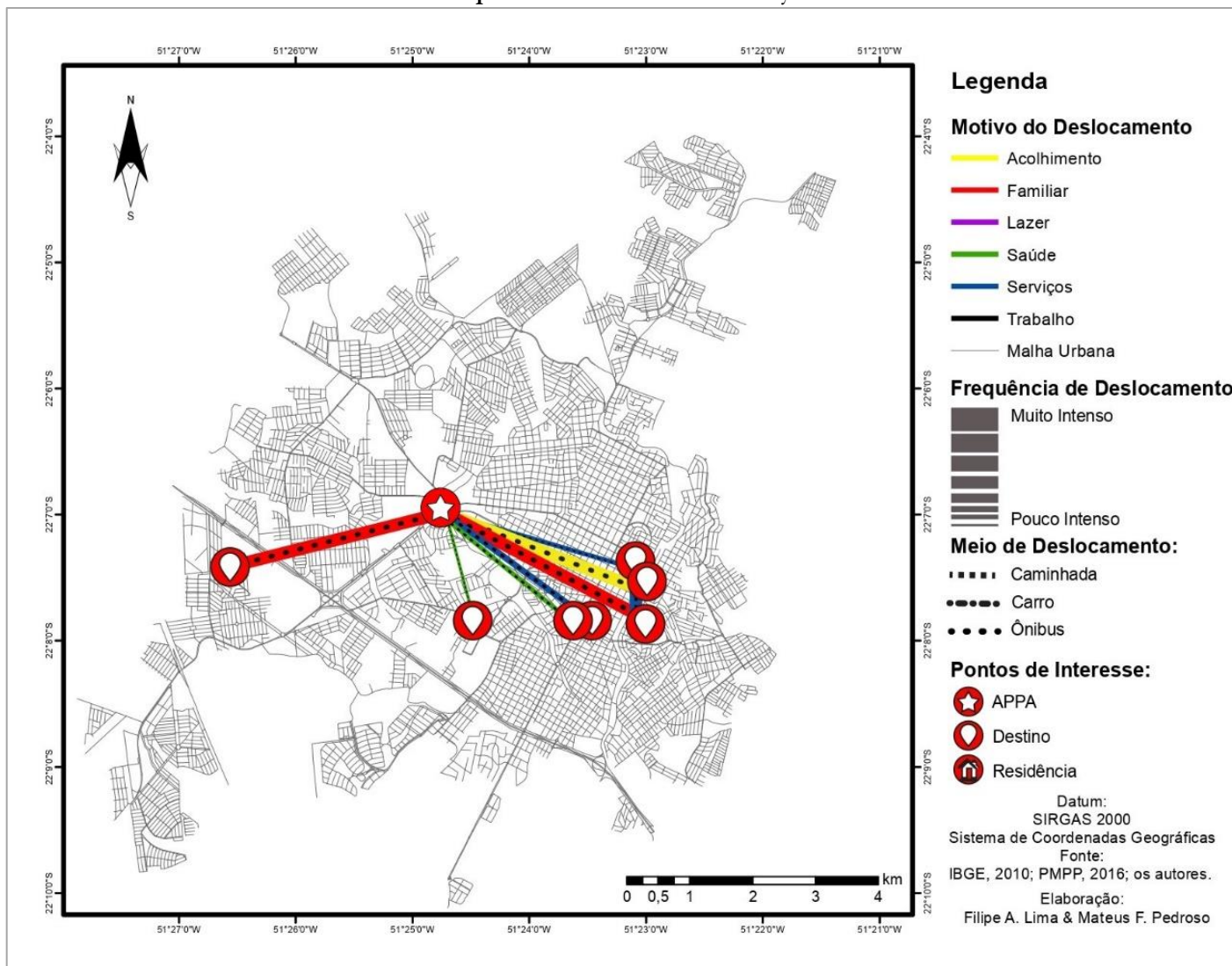
Ah, antes eu me fechava, né?! Porque a cidade é muito pequena e as pessoas não têm conhecimento e eles acham que se conversam com você eles vão pegar, que se ficar perto vão pegar, é preconceito, né?! Mas agora eu nem ligo pra isso, e se não quiser sentar perto de mim que vá procurar outro lugar (fala assertiva). Pra mim é normal e eu nem dou bola para aqueles que saem. Para mim é indiferente (Alyssa, 2018).

A partir dos relatos de Alyssa, é possível dimensionar a complexidade da realidade do ponto de vista histórico e geográfico do sujeito, o que permite reforçar o ideário de que todo tipo de experiência vivida deve ser respeitado ao invés de ser criticado ou mesmo

colocado no hall da ignorância, como adverte Lefebvre (2005). As colocações de Alyssa denotam a experimentação de uma outra normatividade vital, que foi construída paulatinamente a partir da composicionalidade presente neste contexto geográfico (ANDERSON, McFARLANE, 2011; DUFF, 2016), que a ela projetou outras possibilidades e entendimentos sobre si e suas relações.

É partindo deste âmbito que priorizei a preocupação de elucidar os principais movimentos da vida de Alyssa com acuidade aos detalhes presentes em suas narrativas e memórias trazidas com muita sinceridade e emoção. Isso se mantém em uma constância que também se dedica ao presente, sobretudo, ao que se relaciona às práticas na cidade, pois Alyssa institui uma outra espacialidade urbana de Presidente Prudente, como evidencia o mapa 05.

Mapa 05. Percursos na cidade: Alyssa



Ao registrar os principais percursos de Alyssa por meio do mapeamento foi possível destacar alguns aspectos que são característicos de sua realidade, especificamente os que são ligados a como ela experiencia a cidade de Presidente Prudente. Neste sentido, cabe salientar que Alyssa toma a APPA como local de partida para os demais percursos, isso porque experiencia a condição de residir em outro município, como outrora mencionado.

Deste modo, os aspectos evidenciados nos percursos de Alyssa contribuem para o entendimento da complexidade dos múltiplos movimentos dos sujeitos na cidade, e das inúmeras formas pelas quais se realizam (JACOBI, 1986). É neste propósito que o exercício do mapeamento adentra enquanto “uma ‘re-representação’ da realidade, no sentido de que é o produto de observações diretas e indiretas, outras formas de representação” (SEEMANN, 2012, p. 78) das ações, intenções e porquês manifestados na cidade.

Colocado isso, é notável que os percursos de Alyssa apresentam uma considerável pluralidade ao que tange os motivos de deslocamento e suas respectivas intensidades, como também é perceptível algumas ausências, como por exemplo, os deslocamentos ligados ao trabalho e ao lazer que não foram destacados por ela no período investigado. É a partir desta realidade que foi evidenciado os quatro principais motivos de deslocamentos (Acolhimento; Familiar; Cuidados em saúde; Serviços), bem como os pontos que conectam os percursos e a eles dão materialidade e sentido.

A respeito disso, é possível observar que dois destes tipos de percursos apresentam intensidades mais restritas quando analisadas em conjunto, como é o caso dos deslocamentos ligados aos Cuidados de saúde, que estão principalmente ligados a rotina de exames preventivos e de acompanhamento realizados no CTA e no Hospital AME, como destacado por Alyssa em outros momentos. Esta realidade também se faz presente o que concerne aos deslocamentos voltados aos Serviços, uma vez que Alyssa frequenta vários estabelecimentos, principalmente, os que estão situados no centro comercial da cidade, como supermercados, lojas, bancos e etc., isso devido a diversidade e facilidade de acesso que normalmente não encontra com frequência onde reside.

Aliados aos demais percursos, convém enfatizar a expressividade e intensidade dos deslocamentos de caráter Familiar e de Acolhimento, uma vez que estes concentram as práticas e sentidos empenhados por Alyssa. Partindo disso, às relações de percurso Familiar de Alyssa possuem caráter múltiplo, já que frequenta assiduamente a casa de sua irmã e de seu “atual” namorado, como ela mesma justifica em seu relato:

Então, é assim... era pra mim ter uma vida muito feliz e estar sossegada, mas eu me sinto muito sozinha, porque os filhos saíram, foi de um em um e eu acabei sozinha, né?! E aí ficou difícil, mas agora que eu conheci esse moço (novo namorado) ficou diferente, porque eu venho pra cá fico com ele e passeio, volto, vou pra casa da minha irmã, vou e volto e faço alguma coisinha lá. Aí me alegro porque a gente vê que não está sozinha, só de ter uma companhia a gente se alegra, independente do jeito que a pessoa seja, o importante é como a pessoa trata a gente, né?! (Alyssa, 2018).

Ao colocar tais pontos, Alyssa traz seu relato de forma bem justificada a ponto de ser perceptível os sentimentos, laços e afetividades que estão intrínsecos a estes percursos. Tais relações expressam como se configura alguns dos vínculos de sociabilidade de Alyssa; estes que possuem caráter duradouro, como a relação com sua irmã, como também efêmero, quando pautada a curta experiência de namoro, este mesmo encerrado em virtude de um episódio de violência doméstica. Neste sentido, ambos os registros destacados nestes percursos de Alyssa deflagram a intensidade dos movimentos presente em sua cotidianidade, reforçando que tais questões permanecem sustentadas pelos acontecimentos que se fazem presentes no contexto geográfico.

Sob essa mesma perspectiva, também foi possível interpretar os deslocamentos voltados às questões de Acolhimento que para Alyssa, majoritariamente, se constituem através da interação com a igreja e também com a APPA. A igreja para Alyssa possui uma simbologia ligada ao seu sagrado, que vai para além da materialidade concreta, ou seja, se ancora na significação manifestada por meio de sua fé, que “[...] satisfaz necessidades intrínsecas; e, ao mesmo tempo, dinamiza o próprio fenômeno religioso criando símbolos e os ‘exportando’ à materialidade” (PEREIRA; GIL FILHO, 2012, p. 44), como ela própria retrata:

Não discutindo religião... onde se tem Deus não precisa se discutir qual religião, porque o que eu acho importante é a palavra, é a palavra de Deus, porque a palavra de Deus falada você retém o que é o bom o que não é você deixa passar (Alyssa, 2018).

Em meu entender, este trecho relatado por Alyssa expressa abertamente os reais motivos que a levam a estabelecer a experiência de acolhimento na cidade e o quão isto é significativo para sua vida, visto que expressa a interação emocional e afetiva engendrada pela relação entre sujeitos e espaços (LAKETA, 2016), que por sua vez faz com que a dimensão religiosa tenha uma participação importante no contexto geográfico de Alyssa.

Estas considerações também se estendem à APPA, dado que acessar a instituição e suas respectivas atividades são os motivos centrais pelos quais Alyssa se desloca até

Presidente Prudente. Tal relação configura, automaticamente, experiências de fluxos e permanências, que no caso dela, proporcionam conexões múltiplas com outras espacialidades na cidade, garantindo assim o movimento do contexto geográfico, bem como a consolidação da normatividade de vida atual.

Frente a tais registros e colocações passo a crer que os percursos voltados a dimensão Familiar, bem como os que são de caráter de Acolhimento sustentam a maioria dos “porquês” das práticas de Alyssa na cidade. Assim sendo, esse conjunto de elementos contribuem para construção da representação identitária que Alyssa estabelece com a cidade, o que expressa suas preferências, sentidos, afetamentos, que correspondem “[...] a uma diferente forma de pensar, compreender e transformar a vida urbana. Interessa reconhecer, portanto, os movimentos históricos que conduzem e alimentam a nossa própria compreensão da experiência urbana” (EGLER, 2000, p. 206-207).

Deste modo, tomar o curso de vida de Alyssa à luz dos contextos geográficos configurou uma tarefa bastante árdua dado a gama de acontecimentos, pontos de inflexão, ressignificações e transições que, em conjunto expressam uma profunda complexidade. Este longo caminho - ainda que dificultoso - foi traçado com o objetivo de alcançar os ricos detalhes da vida de Alyssa em suas diferentes dimensões, visto que sua realidade histórico-geográfica expressa distintas mudanças que instigam desafios à Geografia que se compromete para além da visão de sobrevoos, em outras palavras, contribui com a busca por produzir teorias e metodologias comprometidas com os sujeitos, que tenham os pés, olhos, ouvidos e mãos atentos ao plano do acontecer.

5.2.4. “Amigas é aqui, pra mim amizade é aqui”: os laços construídos por Bonet

Após viver diversas tensões em sua trajetória de vida, Bonet se aproximou da APPA, e a partir da primeira interação nunca mais deixou de frequentar e participar das atividades lá propostas, como é o caso do grupo “*Plug and Play*”, no qual Bonet tem participação ativa junto às demais mulheres durante os processos de troca e autodesenvolvimento (ROMERA, 2012). Durante as atividades do grupo, todas as participantes realizaram atividades que se debruçaram diretamente sobre as realidades que experienciam em seu cotidiano, desde as mais duradouras até as mais efêmeras (CERTEAU, 1998).

No caso de Bonet, quase sempre são trazidos relatos sobre as relações familiares que são bem complexas, como também se dedica sobre seu segundo relacionamento que já dura

18 anos; tempo coexistente a sua vivência na APPA. Este segundo relacionamento de Bonet apresenta características diferenciadas devido seu companheiro estar privado de liberdade, o que faz das visitas realizadas por ela novos assuntos para o grupo. Certa vez em que estava acompanhando as atividades, **Bonet trouxe consigo um porta-retratos com algumas fotos avulsas, muito animada mostrando a todas e também a mim fotos ao lado de seu companheiro no presídio. Essas fotos foram registradas em sua mais recente visita, que me pareceu muito agradável por sinal.

Sendo este o assunto da vez, foi mantido o interesse pela continuidade dos relatos. Bonet então começou a falar sobre as visitas íntimas no presídio, adentrando na questão das relações sexuais ocorridas durante estes momentos. Bonet explicou a todos como funciona a dinâmica no presídio em momentos específicos como este, reforçando que de certa forma há privacidade, uma vez que um lençol pendurado impede a visão dos companheiros de cela.

Deste modo, os comentários foram bem detalhados sobre a realidade carcerária, o que me levou a redimensionar o que pensamos geograficamente enquanto espaço, lugar, território, tanto quanto o que concebemos como público e privado. Enfim, alguns pensamentos. A conversa se estendeu por um tempo considerável, de modo que permaneceu centrada neste assunto do qual Bonet foi protagonista da conversa, que somente foi finalizada com a informação/expectativa que ao fim deste ano seu marido possivelmente estará liberto após muitos anos detido** (Diário de campo, 16 de agosto de 2018).

Os relatos de Bonet sempre são muito instigantes de modo que abrem possibilidades para outras discussões. Lembro-me que na época fiquei interessado em saber como havia sido todo este processo de transição para Bonet, especificamente, sobre a descoberta do HIV/AIDS, o exercício da maternagem, e o início de um novo relacionamento que aconteceram em um período bastante movimentado de sua vida. A partir de minhas curiosidades, Bonet relatou sobre suas vivências, sobre sua ressignificação pessoal e as mudanças que implicaram novos direcionamentos em seu curso de vida (BLANCO, 2011), o que fez com que Bonet se emocionasse ao reinterpretar o passado, principalmente ao que está relacionado à suas relações, traumas e escolhas feitas.

Atualmente, estas experiências já se apresentam ressignificadas pelos movimentos do contexto geográfico que proporcionaram distintas alterações em seu campo de possibilidades, o que corroborou para que fosse apresentado certo tom de conformação e estabilidade, ou seja, configurados a partir de outras composicionalidades (HUTCHISON, 2011).

Como ressaltei, foram diversificadas as situações que expressaram vivências e sentimentos de Bonet, principalmente algumas insatisfações e angústias ligadas às suas relações familiares que ora eram evocadas em sentido positivo, expressando afetos, boas lembranças, ora em sentido nocivo, sobressaltando conflitos e discussões. Dentre os vários destaques presentes nos relatos de Bonet um em especial me chamou muito a atenção, **pois se trata da resposta que foi proferida quando indagada sobre o que significa o HIV/AIDS para ela, considerando o que já passou e o que é “do agora”. Neste momento, Bonet foi extremamente enfática, olhou-me nos meus olhos e disse com toda a certeza que não significava mais nada, que no início isso foi um grande fardo que, posteriormente, fora aliviado e ressignificado por seu encontro com Jesus através da religião/igreja** (Diário de campo, 04 de outubro de 2018).

Este relato de Bonet além de me impressionar me deixou mais intrigado, uma vez que tal colocação evoca uma (re)construção em constância no tempo e no espaço, que envolve diferentes dimensões dela enquanto sujeito, de seu processo de individuação e da realidade da qual faz parte (MARTUCELLI, 2010; PAIVA, 2017). Isso me fez perceber que o HIV/AIDS na vida de Bonet - como na vida das demais, imagino eu - passa a ter diferentes significados, bem como cria valores que se associam a outros elementos que compõem seu cotidiano, sejam estes correlatos aos aspectos econômicos, sociais, corporais, de gênero, de saúde ou mesmo todos combinados simultaneamente nos diferentes movimentos da vida.

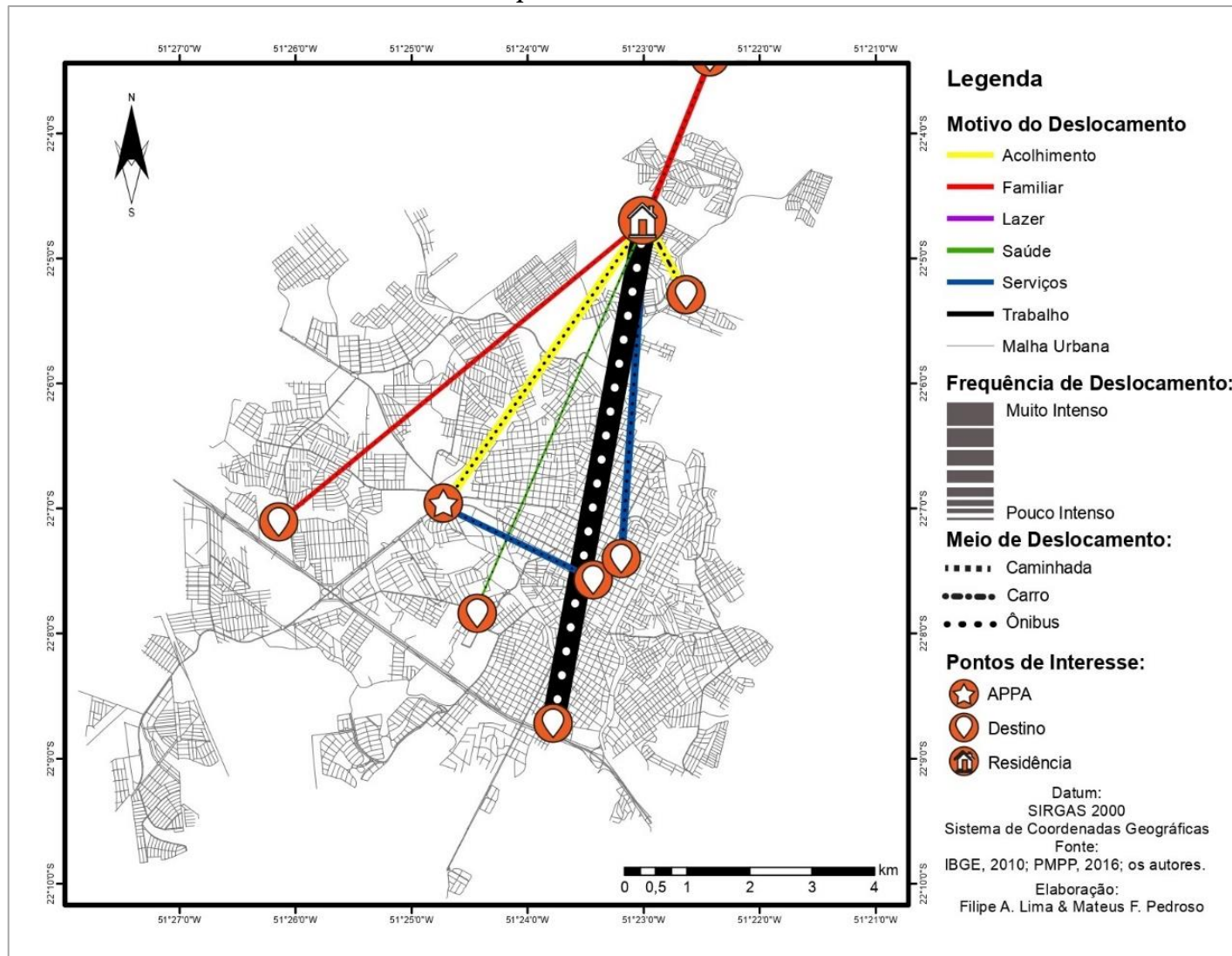
Esta conjuntura exprime a complexidade atinente à vida de Bonet, visto que traz para o jogo sua realidade histórica, na qual o presente não se encontra isento em relação ao passado, bem como ambos não deixam de comporem uma ideia de futuro, sendo esta planejada ou não. Deste modo, se torna evidente a importância de realizar uma interpretação que se dedique a essa história que continua em movimento, ou seja, se torna necessário empenhar esforços que exponham “[...] as principais características da transformação da vida cotidiana, iluminada no e pelo presente, com novas ‘problemáticas’ que prolongam velhos problemas. Devo insistir desde já em várias proposições ligadas aos fatos, ou seja, às transformações [...]”⁸⁷ (LEFEBVRE, 2005, p. 3004, tradução própria).

Seguindo as recomendações de Lefebvre (2006b), empreendi ações que buscassem pelo entendimento da realidade de Bonet, especificamente, as questões atuais que pudessem ser cartografadas a partir de suas práticas na cidade, isso por manter como proposta o

⁸⁷ “The important thing is to set out the main features of the transformation of daily life, illuminated in and by the present, with new ‘problematics’ extending old problems. I must insist straight away on various propositions connected with the facts, that is, the transformations [...]” (LEFEBVRE, 2005, p. 3004).

destaque para suas intensidades, sentidos e ações, de modo que fosse possível agregar outros elementos não enfatizados durante a história de vida de Bonet, como apresenta o mapa 06.

Mapa 06. Percursos na cidade: Bonet



Os percursos atuais de Bonet, quando cartografados, demonstram a pluralidade de seus deslocamentos, bem como expressa a intensidade de cada um deles. Ao analisar em primeira instância pude notar a expressividade do deslocamento ligado ao Trabalho, visto que Bonet, majoritariamente, realiza este trajeto diariamente partindo de sua residência para seu local de trabalho, o que torna este percurso o mais intenso durante o período analisado. Também se torna evidente a similaridade entre os modais de locomoção nos diferentes percursos, dado que a grande maioria é realizada por meio do transporte público, especificamente, de ônibus.

Os percursos de Bonet também registram deslocamentos ligados aos Serviços, que por sua vez apresentam uma baixa intensidade, já que Bonet os efetua aproximadamente entre uma e duas vezes, quinzenalmente, realizando este tipo de deslocamento somente para a atividades de abastecimentos próprios, como a ida ao supermercado e afins. São raras e temporalmente bem demarcadas as vezes que Bonet se dirige ao centro da cidade com esta finalidade, o que torna esta parte da cidade apenas um ponto de passagem, como pode ser exemplificado pelas suas idas ao calçadão de Presidente Prudente - que concentra considerável parte do comércio, grandes lojas, bancos, etc. -, onde Bonet consome alguns produtos e serviços, bem como utiliza esta passagem para se direcionar a outros destinos, como pode ser visualizado no mapa.

Interpretando os percursos de Bonet também são perceptíveis outros sentidos de deslocamento, como por exemplo os que se destinam aos Cuidados de saúde, que na realidade vivida por Bonet apresenta uma baixa intensidade; fato este que possivelmente decorre do recorte temporal que foi estabelecido pela análise. Outro aspecto interessante a ser observado nos percursos de Bonet é a ausência dos deslocamentos realizados com a finalidade de lazer, visto que estes inexistem na representação cartográfica, de modo que são justificados por Bonet em seu discurso:

Não, eu não saio. Eu fico só na minha casa assim... as vezes eu vou no culto porque eu gosto muito de ir pra igreja, eu adoro ir pra igreja, mas o pastor da igreja onde eu vou que é lá perto de casa deu mancada comigo (Bonet, 2018).

Em seu breve relato Bonet expressa não sair de casa tendo como finalidade estrita o Lazer, ao mesmo tempo que destaca seus únicos movimentos que estão ligados aos seus desejos, que não necessariamente estão associados à alguma necessidade/obrigação. Esse relato de Bonet se mostra interessante, pois, evidencia as dificuldades que ela tem em criar possibilidades para o acontecimento deste, uma vez que se considera o tempo, cansaço, recursos financeiros, dependência dos filhos, horários dos transportes públicos e até mesmo

a distância como possíveis condicionantes que atenuam e/ou restringem sua prática de lazer durante a semana. E ainda há de se considerar como elemento importante, a dupla jornada de trabalho (SAFFIOTI, 1976) empregada por Bonet enquanto gestora principal de sua família, sendo ela a responsável pela casa e os filhos.

A ausência do lazer diz muito sobre a realidade de Bonet, de modo que expressa uma interessante correlação com os deslocamentos de Acolhimento, principalmente o que está relacionado com a igreja que se encontra - relativamente - próxima à residência e que, por isso, permite a Bonet realizar este percurso caminhando, o que lhe proporciona uma outra forma de perceber a cidade, uma vez que caminhar “[...] arrisca, transgride, respeita etc., as trajetórias que ‘fala’”. Todas as modalidades entram aí em jogo, mudando a cada passo, e repartidas em proporções, sucessões, e com intensidades que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes” (CERTEAU, 1998, p. 180).

Ainda sobre os deslocamentos ligados ao acolhimento, é preciso registrar a relação que Bonet estabelece com a APPA, visto que este percurso ocorre, majoritariamente, uma vez na semana, quando Bonet vai até a APPA para o encontro do grupo “*Plug and Play*”, o que é de extrema significância, pois é por meio desta interação que Bonet elabora sua interpretação de acolhimento, de relações e amizade, como me relatou:

Ah, eu não tenho amigas (em tom pesaroso). Amizade, amizade, amiga, amigona assim de ir na minha casa, de frequentar a minha casa e eu ir na casa dessa amiga pra mim não existe. Amigas é aqui, pra mim amizade é aqui (APPA) (Bonet, 2018).

Frente às colocações de Bonet se torna compreensível o motivo deste deslocamento. Especificamente, se trata do processo de identificação, da busca de vivência entre pares que compreendam minimamente os motivos que a levam estar ali, se trata do encontro e do que isso lhe proporciona, ou seja, o que contribui para seu processo de autoconhecimento (LEÃO; CARRANO, 2013). Para Bonet, esta mesma relação também constitui o estabelecimento de outras interpretações, como por exemplo a de lugar quando pautada a APPA e a igreja, “isto porque o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidas por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso” (CARLOS, 1996, p. 22) dos sujeitos, sendo estes contínuos ou intermitentes durante o movimento de suas identidades.

Além dos percursos já destacados, há de se fazer menção aos que são correlatos ao âmbito familiar que na realidade de Bonet acabam sendo pouco frequentes, visto que seu núcleo familiar atual é constituído por ela e seus filhos. Mesmo apresentando poucos

deslocamentos com baixa intensidade ligada ao âmbito familiar Bonet destaca dois percursos que costuma realizar, o primeiro destinado a casa de sua mãe e o segundo voltado para as visitas ao seu companheiro na penitenciária que, por vezes, os realiza de forma onerosa e relutante, destacado o fato de que sua relação familiar tem inúmeras tensões e conflitos. Deste modo, é em tom de síntese que Bonet explicita em seu discurso suas principais práticas e vínculos com bastante humor dizendo:

É, eu vou na igreja e na APPA e na maioria das vezes eu saio para trabalhar, e só. Às vezes eu vou na casa da minha mãe e de vez em quando na cadeia (risos) (Bonet, 2018).

Portanto, elucidar os percursos, evidenciar as narrativas e interpretar as trajetórias de Bonet foram ações desafiadoras, uma vez que sua história de vida é constituída por intensos acontecimentos que, mormente, denotaram múltiplas complexidades enfrentadas cotidianamente. Deste modo, cabe destacar que todos os esforços analíticos tiveram como preocupação a manutenção da fidedignidade das narrativas de Bonet, priorizando assim a mais qualificada compreensão dos processos produzidos e experienciados por ela em diferentes contextos geográficos.

5.2.5. “Minha família mesmo é daqui, da APPA”: as permanências de Latrice

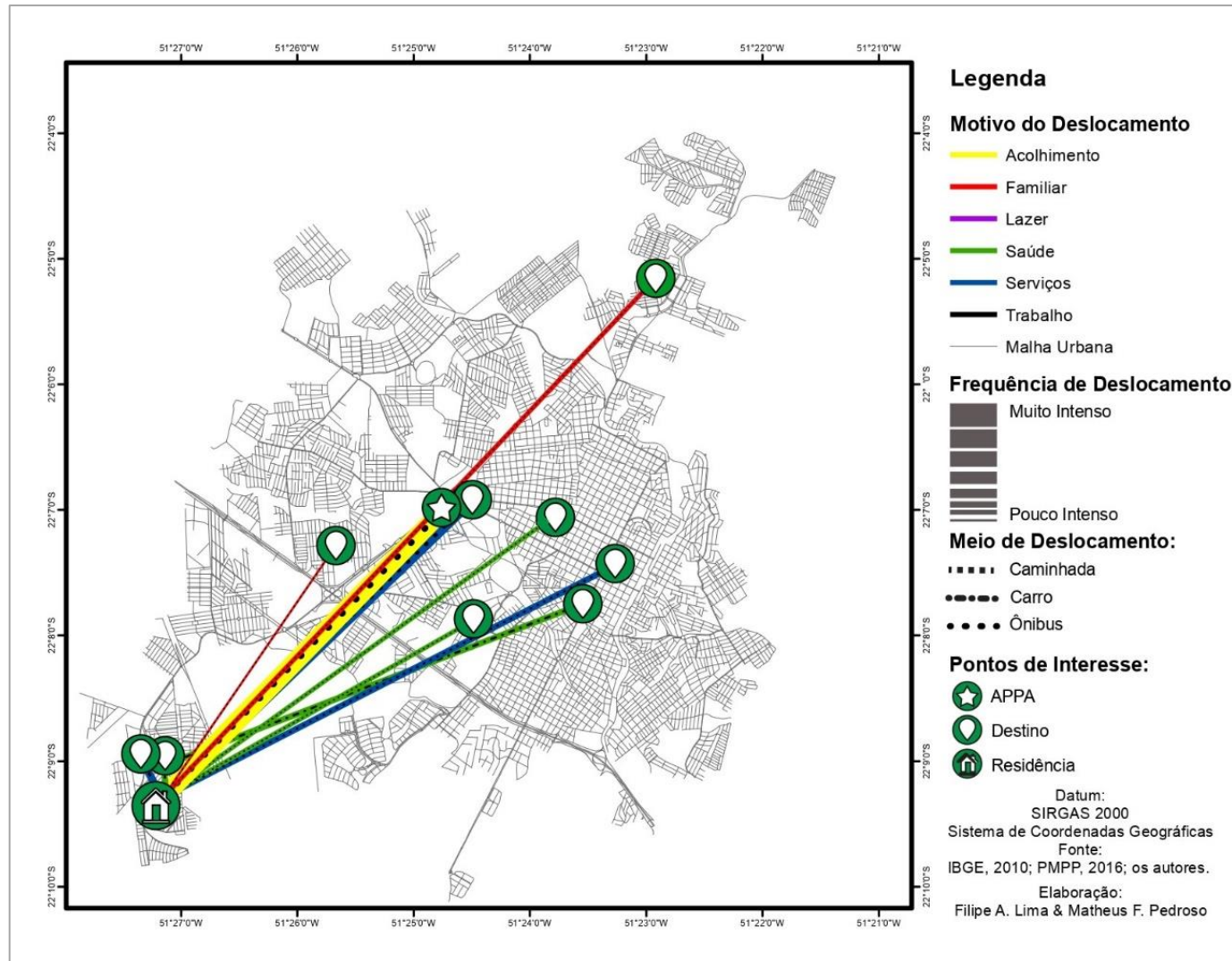
Toda ação que Latrice se envolveu ao longo desses quase 10 anos trouxe distintos elementos que contribuíram para a consolidação desta trajetória de vida, visto que a vivência na instituição permitiu a Latrice estabelecer vínculos de proximidade e amizade, o que para ela foi fundamental, sobretudo, as experiências que puderam ser compartilhadas no grupo “*Plug and Play*”.

Foi por meio dos encontros deste grupo que Latrice construiu e fortificou uma rede de apoio, edificada a partir das relações de amizade e aconselhamentos. Os encontros que ocorreram no “*Plug and Play*” se manifestaram, majoritariamente, como espaços de potência e acolhimento em que a sororidade era constante, o que permitiu inúmeras vezes Latrice - tanto quanto as demais mulheres - partilhar suas angústias, dores, pensamentos, alegrias, conquistas etc. Estas experiências possibilitaram a Latrice a troca sobre questões de diferentes ordens que compõem a cotidianidade, especificamente, as que são correlatas aos filhos, aos relacionamentos e à saúde. Isso oportunizou a Latrice protagonizar falas importantes acerca dos acontecimentos vividos, desde os mais antigos aos mais recentes,

daqueles que apresentaram latências que se estendem até sua realidade presente, ou seja, situada em uma outra normatividade vital.

Assim, foi possível perceber que a história de vida de Latrice é bastante intensa, dado que suas trajetórias apresentam acontecimentos que marcam diferentes mudanças, ressignificações e transições durante a vivência dos contextos geográficos, que incessantemente se relacionaram no transcorrer de seu curso de vida. Deste modo, é preciso considerar a narrativa de Latrice como uma construção constante, que “hoje” traz seus acúmulos interpretados sob uma égide que está pautada na possibilidade de transformação, de suporte e alcance de planos idealizados a curto, médio e longo prazo, de modo que grande parte destas ações são registradas pelos movimentos realizados na cidade, como apresenta o mapa 07.

Mapa 07. Percursos na cidade: Latrice



A vivência dos diferentes percursos se torna algo bastante íntimo quando são pautadas as relações que os sujeitos estabelecem com a cidade, uma vez que é necessário levar em consideração as interpelações entre espaço, tempo e subjetividade dos indivíduos, de modo que “[...] a cidade pressupõe a existência de identidades seja dos sujeitos ou do próprio espaço. Identidades que ganham concretude no discurso, materializando-se no espaço construído sem, com isso, desconsiderar as subjetividades” (MARES, 2019, p. 91-92). Em outras palavras, essa configuração faz parte do entender a cotidianidade das pessoas, que registram suas marcas na cidade ao mesmo tempo em que são marcadas pelas estruturas, ações, poderes e condições (AGIER, 2015).

Partindo deste pressuposto, os movimentos dos sujeitos pela cidade carregam consigo suas intenções, desejos, sentimentos e sensações que corroboram para a compreensão dos movimentos quando estes são cartografados (HUTTA, 2019). É neste sentido que a cartografia atua enquanto uma proposta elucidativa dos diferentes tipos de experiências dos sujeitos, como é destacado nos percursos de Latrice.

Os percursos realizados por Latrice apresentam registros atinentes aos movimentos recentes que compõem sua trajetória de vida atual, visto que expressam os principais motivos de deslocamentos realizados em um período aproximado de 15 dias. À vista disso, cabe destacar de antemão algumas características interessantes sobre os percursos de Latrice, como por exemplo, o fato de os diferentes tipos de deslocamento apresentarem baixa conectividade entre si, bem como denotam distintas distâncias percorridas (curtas, médias e longas) em variados modais de deslocamento, que majoritariamente, tomam a casa como centralidade do registro⁸⁸. Outro ponto é que os caminhos trilhados por Latrice são plurais, visto que atingem quatro dos seis motivos de deslocamentos, dentre estes estão os percursos voltados aos Cuidados em saúde, os de Serviços, os Familiares e os de Acolhimento.

A partir destes destaques cabe reforçar que o motivo que concentra mais pontos de deslocamentos para Latrice são os percursos destinados aos Cuidados em saúde, que se dividem em duas razões. A primeira delas está pautada nos cuidados preventivos como: exames, acompanhamentos e medicações, que predominantemente são acessados pelo Hospital Regional (HR), Centro de Testagem e Aconselhamento/Serviço de Atendimento Especializado (CTA/SAE) e clínicas particulares em que Latrice é atendida. A segunda razão é sustentada pelos acontecimentos de caráter emergencial, já que Latrice apresenta outros

⁸⁸ Sob este aspecto, cabe destacar que tais questões se encontram reforçadas pelo lócus da residência de Latrice, uma vez que se encontra localizada em um consolidado subcentro comercial e de serviços de Presidente Prudente, especificamente, no Conjunto Habitacional Ana Jacinta de Oliveira (PEREIRA, 2001).

agravantes de saúde, como as complicações laringeas, que são consequentes sequelas de uma intubação orotraqueal mal realizada, o que frequentemente faz com que ela acesse os serviços de diferentes complexidades, como ela mesma relata:

Aí chama a ambulância, aí eu e o pequeno (filho caçula) entra dentro da ambulância, vamos para o UPA, e aí o UPA me prende lá dentro na UTI, porque é isso que eles fazem. Daí eles me colocam no balão de oxigênio e mais aqueles negócios que eles colocam em mim (mostrando o braço). Aí, eu tô com tanto medo de ir pro coiso... pro UPA, se eu for pro UPA esse final de semana e eles vão me mandar pra Santa Casa. O meu medo é de eu ir no UPA e eles me mandarem pra Santa Casa e o menino ficar sozinho (Latrice, 2018).

O relato de Latrice sobre sua situação de saúde elucida vivências que ocorrem frequentemente, o que justifica os acessos a diferentes partes da cidade quando pautadas os episódios de adoecimento. Outro aspecto que emerge com este registro é a fragilidade de sua rede de apoio, que ganha evidência quando ela ressalta suas preocupações e dificuldades em garantir os cuidados com seu filho mais jovem durante situações críticas, nas quais Latrice se encontra sem poder de ação imediato.

Além dos deslocamentos ligados aos Cuidados em saúde, Latrice mantém movimentações ligadas aos Serviços que a ela e seus filhos são necessários. Isso faz com que ela experiencie outras partes da cidade, sobretudo, as que apresentam caráter comercial como o Calçadão (centro de lojas e serviços) e o Prudenshopping. Neste segmento é interessante observar que Latrice mantém também práticas de serviços próximas a sua residência, como por exemplo, o acesso aos supermercados e a feira do bairro que trazem a ela outra vivência em relação a cidade, neste caso, a do caminhar (CERTEAU, 1998).

Os deslocamentos ligados aos laços e relações são expressos pelos percursos voltados ao caráter Familiar e de Acolhimento, que juntos constituem os vínculos de sentimento que são construídos por Latrice. Especificamente dizendo, os percursos familiares registram dois destinos, a casa de uma tia e a casa de um de seus filhos (filho do meio), ambos raramente frequentados, sendo o segundo destino o mais visitado por Latrice, já que a relação de distanciamento familiar foi crescente ao decorrer dos anos. Este ponto em específico se assemelha com a realidade de outras mulheres, visto que as trajetórias iniciais estiveram amparadas pelo laço familiar que foi sendo esmaecido frente as barreiras estruturais enfrentadas (MARTUCELLI, 2010); questão esta que se rebate nas(os) filhas(os), cuja desvantagem da falta de estrutura familiar passou de uma geração à outra, como um círculo vicioso.

Ainda sobre os vínculos e sentimentos, é preciso destacar o percurso voltado às questões de Acolhimento, que dentre todos é o mais expressivo, dado que os demais deslocamentos apresentam intensidades semelhantes entre si. O percurso de Latrice em questão é a Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA), ponto este frequentado quase diariamente para a realização de diferentes atividades e vivências, como relata Latrice ao retratar diferentes situações.

Minha família mesmo é daqui, da APPA porque eu não tenho apoio da minha mãe (momento de emoção), minha mãe não pensa em nada... Mas assim, quando eu não estou doente, eu pego e venho pra cá porque aqui é gostoso de ficar.

E continua dizendo...

E aqui mesmo na APPA, eu vejo tanta gente arrumando namorado, e eu é só amizade mesmo (risos). Porque tem bastante mulher e até os viados arrumam namorado (risos) (Latrice, 2018).

Latrice possui uma forte relação com a APPA sendo esta notável em seu relato, uma vez que ela se sente acolhida em decorrência do processo de troca e identificação que é estabelecido com seus pares. Essa construção de Latrice dialoga com a ideia de que para cada relação construída haverá elementos que estarão interconectados, que legitimam o reconhecimento de suas próprias representações por outros sujeitos e vice-versa (EGLER, 2000), que possibilitam a construção de estabilidades e permanências e, mesmo a construção de lugar. Os laços estabelecidos por meio do acolhimento proporcionam a Latrice - e também as demais mulheres - a possibilidade de identificação, processo este que usufrui da sociabilidade, das subjetividades das pessoas, bem como das estruturas existentes no contexto geográfico produzido e experimentado pelos sujeitos (WERLEN, 2000).

Ao tomar tais prerrogativas como interpretação, fica evidenciado que a narrativa de Latrice se mantém ativa e em movimento, uma vez que constantemente interage com elementos - estruturais-estruturantes - que a agenciam e reorganizam suas posições em seu contexto geográfico (ANDERSON; McFARLANE, 2011). Assim sendo, se fez indispensável o olhar atento para a realidade de cada qual, o que não foi diferente no caso de Latrice, já que suas trajetórias de vida contribuíram de modo articulado com a relação indivíduo-sociedade, o que requereu responsabilidades frente a compreensão das inúmeras complexidades presentes em seus relatos cotidianos.

5.2.6. “Estou no meio das amigas trocando experiências”: as renovações de Monique

A reaproximação de Monique com a APPA (Associação Prudentina de Prevenção à AIDS) resulta de um conjunto de elementos por ela reelaborados, sobretudo, ao que se refere à relação cronológica vida-doença-morte que fora experimentada, fazendo da doença uma nova dimensão da vida (FOUCAULT, 1977; CANGUILHEM, 1990). Deste modo, o episódio disruptivo junto a outras tensões projetaram Monique ao encontro de pessoas, características e identidades próximas a sua; ação esta que confluiu com a organização do grupo “*Plug and Play*” em 2015, período em que Monique já havia se reintegrado de forma efetiva a instituição.

Sob este aspecto é preciso destacar que Monique foi recebida com atenção e afeto, uma vez que seu retorno significou também a revitalização de laços de amizades anteriores a constituição do grupo. Estes foram elementos que facilitaram o processo de acolhimento de Monique, bem como contribuíram com uma organização coesa, acessível e confortável para o grupo, proporcionando assim a experimentação de outra realidade possível para as mulheres, agora em modo coletivo.

A participação de Monique no grupo “*Plug and Play*” foi um acontecimento de grande importância, uma vez que ela pôde partilhar ao longo dos encontros tudo o que experienciou no decorrer dos anos, mormente, os acontecimentos junto as suas filhas, seus ex-companheiros, familiares e etc.; vivências estas que geraram identificações com narrativas de outras mulheres. Neste sentido, em caráter simultâneo, se destaca o processo de autodesenvolvimento que alcançou melhoras qualitativas em sua realidade presente, como por exemplo, a fortificação de laços de confiança - para além do grupo - que possibilitaram a Monique falar sobre seu diagnóstico com outrem, como ela mesma narra:

[...] tem uma amiga que eu falo que eu sou tia-irmã dela, eu faço aniversário em outubro e ela faz dia trinta de novembro, ela tem quarenta e três anos também. Um dia eu cheguei pra ela e falei assim: ‘Óh minha irmã, eu sou assim, assim, assim e assim... você me aceita?’. E, e ela disse que me aceitava. Ela nem lembra que eu falei isso pra ela, mas foi um momento assim que eu quis desabafar, mas é só ela também que sabe porque eu nunca contei pra minha família e ninguém nunca perguntou não. Ela (amiga) sempre manda mensagem pra mim porque eu sou tia-irmã dela (risos tímidos) e, ela mora em Regente Feijó... Então ela é minha irmã (Monique, 2018).

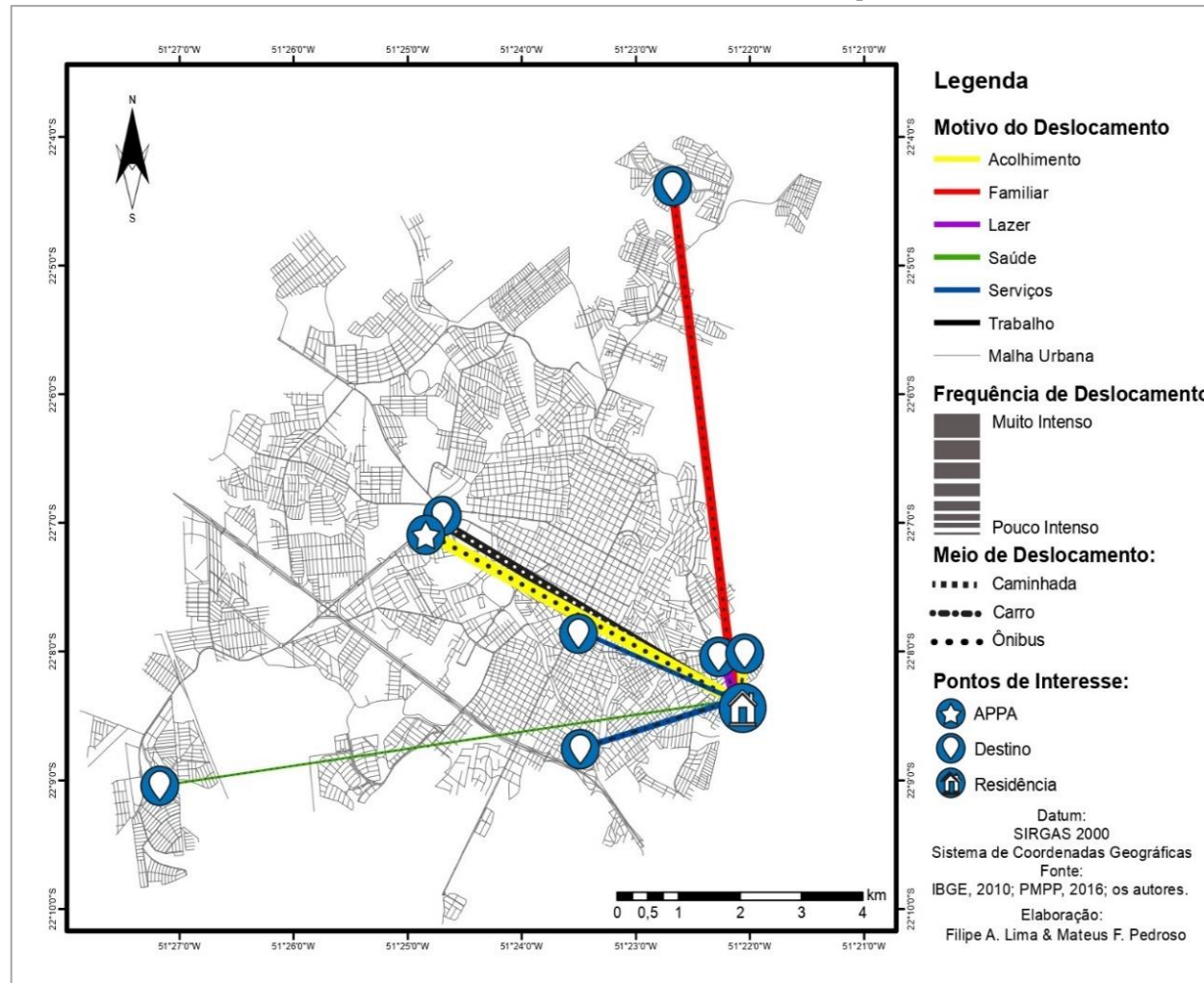
O relato de Monique traz consigo significados que permanecem em constante agenciamento, que no presente ganham outras conotações em sua trajetória de vida, já que usufruem de atravessamentos e encontros detalhados e repletos de emoção. Tais

argumentações reforçam a importância em considerar os elementos que sustentam o vivido (emoções, sentimentos, percepções, etc.), que devem ser tratados com cuidado, já que contribuem para o entendimento acerca dos acontecimentos, das trajetórias e transições de vida que tornam compreensível os respectivos contextos geográficos.

Assim, cabe mencionar que Monique apresentou inúmeras questões a serem pensadas e problematizadas, uma vez que suas falas foram muito ricas e detalhadas, especialmente as que abordam o cotidiano presente e os últimos acontecimentos, como por exemplo, a insistência de seu ex-companheiro em reatar o relacionamento, as vivências com suas filhas e netos e, mesmo a emersão de um novo relacionamento à distância. Estes são destaques presentes na cotidianidade que, por sua vez, permanecem em intenso trânsito e acabam por registrar adaptações, resistências e continuidades, como no caso de Monique que passou a partilhar e debater suas questões junto as demais mulheres.

Tomar o curso de vida junto aos respectivos acontecimentos, pontos de inflexão e transições de Monique configuraram uma tarefa árdua dada a sua densidade histórica e constante. Frente a tal complexidade e suas exigências, centrei esforços em evidenciar suas práticas espaciais, especificamente, as que se realizam no presente, isso por ter como proposta a elucidação de seus movimentos pela cidade, destacando assim os pontos produzidos/experimentados, as frequências, intensidades e modos de deslocamento. O realizar desta ação se manteve pautado na reflexão sobre os porquês, os sentidos e os entendimentos que Monique revela sobre sua experiência urbana, visto que esta relação complementa as narrativas e, conseqüentemente agrega outras interpretações, como apresentado no mapa 08.

Mapa 08. Percursos na cidade: Monique



Lançar olhares para a cidade, especificamente, para a configuração dos modos de vida e as práticas dos sujeitos possibilitam outras interpretações sobre os percursos que são realizados, isso porque as partes da cidade e seus usos caracterizam multiplicidade como bem lembra Limonad e Randolph (2002, p. 17), ao dizer que os “diferentes usos implicam ambientes diferenciados de lazer, trabalho e consumo com sintaxes espaciais próprias e componentes físicos e psicológicos diferentes – que, em um grau ou outro, interferem e contribuem para mediar as relações sociais na cidade”. Em outras palavras, as pessoas constroem suas percepções de cidade a partir da realidade que lhes é possível ser experimentada, ou seja, das práxis dialógicas que se estabelecem entre os sujeitos e a materialidade, seja ela pública ou privada (MARES, 2019).

Esse raciocínio permite se debruçar sobre parte da vida dos sujeitos em suas realidades particulares, bem como direciona atenção aos movimentos e espacialidades produzidas na cidade, visto que é latente a preocupação em representar como estas se realizam no presente. Tal proposta traz significância para aquilo que está expresso no mapa, ao mesmo tempo que reforça o desafio de “ver os mapas como linguagem (carto)gráfica: uma forma de comunicação que deve fazer parte do nosso pensar geográfico” (SEEMANN, 2003, p. 50), mormente quando esta expressão prioriza as narrativas dos sujeitos, como no caso de Monique.

O registro dos percursos de Monique evidenciados no mapa, são referentes aos seus movimentos/deslocamentos recentes na cidade; estes evidenciados por meio das práticas realizadas em um recorte temporal de 15 dias. Cartografar os percursos de Monique permitiu elucidar algumas características de sua realidade que surgem de antemão, como por exemplo, a pluralidade dos motivos de deslocamentos, a intensidade intermediária majoritária na realização dos percursos, a unidirecionalidade dos trajetos, suas distintas distâncias (curtas, médias e longas) e também o uso de diferentes modais de transportes (caminhada, carro e ônibus).

Além destes destaques iniciais, outros aspectos interessantes nos percursos de Monique são os fatos de seus deslocamentos, prevalentemente, tomarem a casa como referência inicial, apresentando assim escassa conectividade entre si. Outro importante aspecto é a contemplação de todos os motivos de deslocamentos na cidade (Acolhimento, Familiar, Lazer, Cuidados em saúde, Serviços e Trabalho), o que configura diversidade em seus percursos, de modo que estes elementos contribuem com a contextualização sobre o como Monique está conectada à cidade, bem como o que a motiva e/ou tensiona a realizá-los.

Colada a pluralidade expressa pelos percursos de Monique, optei por abordar de forma primeira os percursos voltados aos Cuidados em saúde e Serviços, isso em decorrência de suas similaridades. Sobre estes dois motivos de deslocamento, Monique ressaltou que a efetuação dos mesmos somente se realiza quando necessárias, o que justifica a baixa intensidade para ambos. No que versa os deslocamentos de Cuidado em saúde, é possível notar o acesso apenas em casos emergenciais direcionados à UPA 24hs “Vereador José Carlos Roberto” localizada na zona Sudoeste, especificamente, no Conjunto Habitacional Ana Jacinta de Oliveira, que acabam sendo realizados via transporte coletivo. Já ao que se refere aos Serviços, Monique destacou para o período pontos que são bastantes comuns, como por exemplo, o acesso a supermercados e sistemas bancários, que caracterizam visitas bem demarcadas, estas realizadas de carro (táxi). Cabe mencionar que tais movimentações, ainda que esparsas e pouco frequentes, são fundamentais para a gestão de questões basais para a família/casa de Monique.

Os deslocamentos de Monique também são marcados pelos percursos dedicados ao Trabalho e ao Lazer. A motivação Trabalho, expressa uma intensidade bastante expressiva quando comparada a segunda (Lazer), dado que se realiza rotineiramente via ônibus, pois Monique está empregada em um comércio onde atua no ramo da limpeza. Sobre os percursos voltados ao Lazer, cabe salientar que são bastante ausentes e restritos ao entorno de sua residência, o que possibilita que esses sejam sempre realizados por caminhadas de forma esporádica e efêmera, o que em si evidencia a distribuição e uso do tempo de Monique em relação às suas práticas cotidianas.

Estas questões também se efetuem sob outra motivação de percurso, no caso a Familiar, que para Monique constitui uma preocupação central desde muito jovem, quando passou a vivenciar a maternagem. A esse respeito, o deslocamento cartografado no mapa expressa as relações de deslocamento que Monique estabelece com sua filha mais velha que reside na zona Norte da cidade, especificamente, no Conjunto Habitacional João Domingos Netto. Ao mencionar as relações familiares - sobretudo com suas filhas -, Monique destaca vivências, desejos e emoções que fazem parte de suas práticas cotidianas:

São tudo, né?! São tudo, são tudo (momento de silêncio e reflexão). Eu e a minha filha mais velha já tivemos brigas feias, de ela avançar em mim pra me bater e eu avançar nela, mas hoje que ela se tornou mãe... ela viu o que é ser mãe, né?! Porque tudo o que uma mãe quer para um filho é o bem. Hoje em dia ela percebe isso, só que eu não comento nada porque o que passou, passou (Monique, 2018).

E continua dizendo...

Eu falo pra elas (filhas) que elas têm que erguer as mãos para o céu e agradecer porque elas têm uma mãe muito boa, eu não fico brigando, eu não chamo a atenção toda hora. Eu só quero que as minhas filhas tenham o que eu não tive, eu não quero que as minhas filhas passem o que eu passei (Monique, 2018).

Os relatos de Monique apresentam elementos que legitimam suas práticas na cidade, especialmente quando se trata sobre os fortes laços familiares que foram construídos, o que prefigura outros entendimentos sobre formas de apoio (SILVA, et. al, 2015). Neste sentido, vale salientar que Monique ao longo de suas trajetórias encontrou respaldo para além das relações familiares, exemplo disso são as relações estabelecidas em caráter de Acolhimento, que registram a igreja e a APPA com conotações particulares.

Ao tratar sobre estas práticas espaciais na cidade Monique trouxe ênfase a fluidez dos acontecimentos, principalmente, sobre os significados que são atribuídos a estes em diferentes momentos da vida. Exemplo disso é a relação estabelecida com a igreja, que se modificou ao longo de suas trajetórias de vida, como ela mesma narra as interpretações construídas em seu presente.

É porque tem igreja que você chega Mateus e as pessoas ficam olhando o jeito que você está vestida, porque eu não sei se você sabe, mas na Assembleia (Assembleia de Deus) as mulheres vão vestidas parecendo que vão para um casamento, no salto com umas “rouponas” chiques e você vai simples, né?! E quando você chega na porta e elas ficam te olhando, porque você vai com o que você tem (Monique, 2018).

E continua dizendo...

Eu tenho meu cabelo curto e uso brinco, gosto de usar esmalte e eu uso calça jeans, e se você vai na igreja você não pode, não pode usar brinco, não pode passar esmalte, então... eu penso que não tem nada a ver, porque a roupa não fala quem é você. Deus não quer isso de você... eu prefiro ir na igreja que você pode ir do jeito que for melhor, de calça, de short, que você possa ser você [...] Eu prefiro ir na igreja que você possa se sentir bem, que você possa ir do jeito que você gosta. De esmalte, brinco, de cabelo curto, esse é o jeito que eu gosto! Eu participei das atividades da Assembleia (Assembleia de Deus), mas depois eu fui desistindo (Monique, 2018).

As narrativas de Monique sobre sua relação com a igreja se demonstram intensas e conflitantes, isso porque no início foram estabelecidos arranjos que possibilitaram a ela experienciar o Acolhimento, como por exemplo, a comodidade locacional - que permitia acesso via caminhada -, como também sua motivação de fé e crença pessoal. No entanto, estes mesmos passaram a ser reelaborados a partir das relações presentes na constância do agenciamento de sujeitos, dogmas e estruturas, o que fez com que Monique se afastasse; decisão esta que deflagra os finos movimentos presentes na cotidianidade ao ponto que

também reforça o poder de ação dos sujeitos no processo de agenciamento (DUFF, 2016; WERLEN, 2020).

Neste sentido, os relatos de Monique expressam um ponto bastante importante para o entendimento dos percursos na cidade, o estabelecimento e/ou rompimento de vínculos, que remete uma maneira particular de agir e de fazer, em outras palavras, de produzir seus movimentos no contexto geográfico por meio de experiências antropológicas, corpóreas, poéticas e míticas do espaço, dos lugares, que elucidam uma cidade transeunte e metamórfica (CERTEAU, 1998). Esta relação pode ser observada quando Monique enuncia o acolhimento vivido na APPA, uma vez que são estabelecidas outras interpretações para seu contexto geográfico atual, como ela mesma relata:

E depois de muito tempo que eu voltei e fiz o cadastro de novo e comecei a frequentar de novo e estou aqui até hoje. Eu voltei em 2014, porque a gente encontra apoio aqui, gente igual a gente entendem? (Monique, 2018).

E continua dizendo...

Eu gosto, estou no meio das amigas trocando experiências, porque eu não estava frequentando... porque eu estava trabalhando no lugar da minha filha porque ela teve neném e ficou de licença maternidade e eu fiquei no lugar dela (Monique, 2018).

Em suas narrativas, Monique destaca a expressiva significância que a APPA constitui em seu contexto geográfico, que de antemão fica expressa pela intensidade desta relação - viabilizada de forma majoritária pelo transporte coletivo -. Neste sentido, cabe dizer que não se trata em específico da estrutura ou do ponto locacional em si, mas do conjunto de elementos que constituem valores e significados, como por exemplo, o tratamento, as relações pessoais, as amizades, as atividades, e etc. que acionam o interesse e/ou necessidade de Monique em movimentar-se ao encontro, em se considerar e ser parte, em construir lugar.

À vista disso vale ressaltar que, Monique com sua história de vida trouxe inúmeras contribuições para o entendimento do movimento pujante da vida, que nesta relação se perfaz de forma interpretada pelo raciocínio dos contextos geográficos. De fato, esse - como os demais - foi um grande compromisso assumido frente a complexidade das interações, atravessamentos e acontecimentos que marcaram/marcam o curso de vida de Monique, já que priorizei a máxima acurácia no fazer sentir as memórias, as falas e emoções para que evidenciassem o quão potente são as vivências na produção de um conhecimento geográfico mais próximo do real, mais vivo (THRIFT; DEWSBURY, 2000; WERLEN, 2020).

5.3. Entre estabilidades e desafios: as realidades abertas dos contextos geográficos

Voltar olhares para a realidade em movimento sempre é uma tarefa árdua e complexa do ponto de vista geográfico, como lembra Massey (2000; 2008; 2009). Por tais motivos, mantive foco nas histórias das mulheres mediante os cursos de vida (trajetórias, acontecimentos, pontos de inflexões e transições) com suas respectivas etapas. Este raciocínio permitiu evidenciar o processo de construção das identidades, os afloramentos interseccionais, as desvantagens cumulativas, as barreiras estruturais, as violências e as práticas em suas relações de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência que, conjuntamente, constituíram a composicionalidade dos contextos geográficos.

Destarte, não resta dúvida que as narrativas apresentadas são potentes e contribuem para a compreensão da vida dos sujeitos, isso porque salientam semelhanças e diferenças, mas, sobretudo, destacam o encontro de histórias que se entrelaçam, se transformam e continuam em movimento, ou seja, que vão além das normas outrora estabelecidas. Neste sentido, é necessário reforçar a importância da centralidade dos sujeitos e seus discursos no processo de construção/estabelecimento das normatividades vitais (AYRES, 2007), pois são as histórias corporificadas em interação (individuais e coletivas) que delineiam o que se concebe por saúde e doença, vide a reinterpretação geograficamente contextualizada das mulheres sobre o HIV/AIDS.

5.3.1 “O HIV é normal”: narrativas construtoras de saúde

Ao me dedicar à interpretação da realidade vivida por essas mulheres entendi, em profundidade, a importância de considerar a indissociabilidade relacional entre Espaço-tempo, Conteúdo e Agência, tal qual a multiplicidade de suas imbricações em diferentes escalas de análise (MASSEY, 2008; SILVA; LIMA, 2020). Esse raciocínio geográfico advém da necessidade de valorizar o processo histórico pela dimensão da memória (GAMALHO, 2016) e, também, considerar o cotidiano vivido em ato por meio da apreensão das representações que orientam as ações e posições dessas mulheres frente à vida.

Por trilhar este caminho, procurei compreender os graus de normatividade vital acerca do HIV/AIDS para as entrevistadas ao longo da vida, dado que tomei como ponto interpretativo os contextos geográficos reavivados pelas memórias (ELHAJJI, 2002). Esse intento conglomerava as memórias antigas e recentes, que trazem através dos discursos as experiências vividas enquanto parte do processo normal-patológico. Para isso, estabeleci

foco nos discursos enunciados sobre o HIV/AIDS, saúde e doença pelas participantes, para que assim pudesse entender além da singularidade dos sujeitos, dos fenômenos patogênicos em si, ou seja, tornar possível a compreensão do contexto geográfico no que tange seu conjunto de elementos e suas inter-relações com/na vida das pessoas.

Antes mesmo de sequenciar esta discussão, cabe realizar algumas importantes ressalvas sob o processo da pesquisa, especificamente, sobre a questão do HIV/AIDS. É pertinente salientar que *a priori* a preocupação central se debruçava exclusivamente sobre as repercussões que o HIV/AIDS teria causado na vida das mulheres, uma vez que havia a ideia de que o HIV/AIDS se construísse enquanto a interseccionalidade preponderante na vida das participantes, o que por sua vez arregimentaria suas práticas, vivências e contextos geográficos até o presente momento.

Esta proposição foi parcialmente reformulada por alguns motivos. Primeiro pelo fato de que o HIV/AIDS passa a ter diferentes significados no decorrer da vida das pessoas conforme as diferentes composicionalidades, ou seja, é possível inúmeras configurações das normatividades vitais nos mais variados contextos geográficos (CZERESNIA, 2010; PEARCE, 2018), como será apresentado. O outro motivo está ligado à multiplicidade de intersecções que compõem os sujeitos corporificados, dado que há um intenso movimento de cruzamentos interseccionais, o que torna o HIV/AIDS um componente de análise que, por si só, não explica a complexidade do conjunto (LÓPEZ, 2011).

Essa perspectiva inicial centrava demasiada atenção ao patológico, visto que tomou como base os afetamentos gerados pela doença (biológicos e socioculturais), dado que estas concepções estiveram pautadas na dor, no sofrimento e no preconceito intrínseco ao HIV/AIDS (PARKER; AGGLETON, 2001), ou seja, estritamente à doença pela doença de forma cabalística, calcada em uma interpretação desfavorável, estanque e unidirecional, o que limitava minha compreensão em relação ao fenômeno⁸⁹.

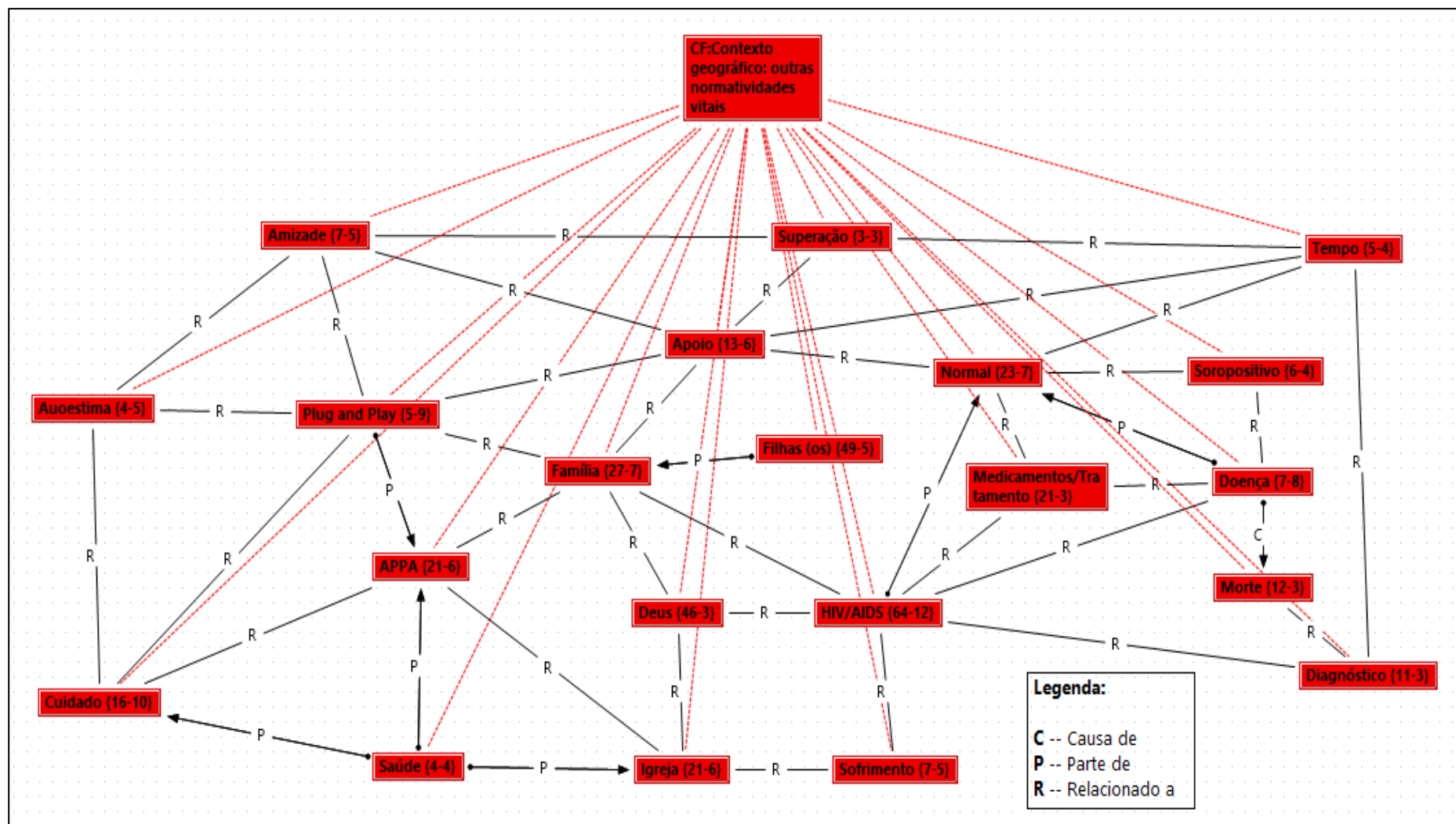
A modificação desta concepção inicial ganhou total substancialidade a partir das evocações das entrevistadas acerca do HIV/AIDS, já que as construções argumentativas surpreenderam em primeiro momento por tratar o HIV/AIDS como algo normal. Essa construção me fez repensar todas as interpretações que, majoritariamente, são

⁸⁹ Ainda assim, não considero minimizado o impacto causado pelo diagnóstico, bem como os diferentes processos decorrentes do HIV/AIDS que geram inúmeras ressignificações (sociais, psicológicas, afetivas e espaciais) que conjunturam marcas e valores que passam a compor a realidade dos sujeitos que vivem com HIV/AIDS (PEDROSO; GUIMARÃES, 2017; PEDROSO, 2022).

desempenhadas acerca da vida dessas mulheres, sobretudo no que se refere ao processo de saúde-doença.

Isso me apresentou a necessidade de entender por meio dos discursos os outros graus de normatividade (AYRES, 2016), pois mesmo quando “a doença torna-se crônica, depois de ter sido crítica, há sempre um ‘passado’ do qual o paciente ou aqueles que o cercam guardam certa nostalgia” (CANGUILHEM, 1990, p. 108). Por partir destes pressupostos, elaborei o grafo “Contexto geográfico: outras normatividades vitais”; este dedicado às reflexões acerca do normal e do patológico a luz da realidade das mulheres que vivem com HIV/AIDS, como evidencia a figura 19.

Figura 19. Campo discursivo – Contexto geográfico: outras normatividades vitais



Fonte: Organização do autor (2021)

O grafo em questão concentra os discursos referentes às experiências do passado e presente próximo, em que todas mulheres são adultas, residentes em áreas de exclusão social da cidade e usuárias de diferentes redes de apoio, como evidenciado nos mapas das páginas anteriores. Assim, tal interpretação está ancorada no plano vivido, nas constâncias e inconstâncias reais enfrentadas por essas mulheres, o que possibilita dimensionar a partir de suas narrativas quais são os principais elementos que reordenaram/reordenam suas normatividades vitais.

Destacado tais elementos, vale salientar que o grafo é sustentado por duas centralidades discursivas que reúnem e articulam as demais codificações. A primeira centralidade é sustentada pela palavra-chave '**HIV/AIDS**', a ponto que é respaldada pela subcentralidade '**Normal**', configurando assim a articulação com a maior polaridade discursiva. A segunda centralidade do grafo é sustentada por uma tríade de palavras-chave, sendo elas: '**Plug and Play**', '**APPA**' e '**Família**' que, de forma conjunta, apresentam articulações significativas para a compreensão das normatividades vitais das mulheres em seus contextos geográficos, sobretudo, o do presente.

Por priorizar a discussão em tela, se faz coerente iniciar as interpretações pela centralidade '**HIV/AIDS**', uma vez que esta codificação registra a expressividade da relação saúde-doença por meio da transição entre as normatividades vitais. Este processo é marcado pelo acontecimento disruptivo do '**Diagnóstico**' que, para essas mulheres, ocasionou a reflexão sobre a saúde a partir do momento que adoeceram (LAURELL, 1982; CANGUILHEM, 1990; SAFATLE, 2011), de modo que a vivência com o '**HIV/AIDS**', desde então, configurou a incorporação de uma nova interseccionalidade em suas vidas.

Isso implica em considerar a '**Doença**' enquanto grau normativo que tensiona a estabilidade das normas vigentes, o que possibilitou a elas experimentar outra instância que amplia as leis do normal (NEVES; PORCARO; CURVO, 2017). Destarte, a doença acaba por ser a manifestação que medeia as relações sociais de percepção sobre saúde, que concomitantemente a definem e também redefine o conjunto social que envolve o âmbito familiar, profissional, psicológico, relacional, afetivo, etc., então, o expandindo para além da visão médica (CANGUILHEM, 1990; 2012; COUTO; SCHRAIBER; AYRES, 2009).

A realização deste processo ganha profundidade quando ancorado sob as experiências das mulheres, dado que considera a contingência junto a seus respectivos valores que, por vezes, são ressignificados, como é o caso do '**HIV/AIDS**', do '**Sofrimento**' e da

possibilidade de ‘**Morte**’ eminente frente ao ‘**Diagnóstico**’, como relatado nos capítulos anteriores.

Neste sentido, tais questões enquanto processo da normatividade, refletem sobre um passado distante que se encontra manifestado no presente e projetado no futuro como um *contínuum* (MUSSALIM, 2008), o que torna cabível a implementação do contexto geográfico enquanto um modo de leitura das normatividades vitais atuais, do ‘**HIV/AIDS**’, das mudanças, transformações e ressignificações acerca do normal-patológico. Isso porque tais conjuntos foram influenciados pelos agenciamentos da vida cotidiana dessas mulheres, visto que outrora o ‘**HIV/AIDS**’ era concebido como algo irremediável, fatal, caracterizado pela ‘**Morte**’ premente, e agora configura outra interpretação discursiva - a de normalidade⁹⁰ - como destacam Tammie, Del Rio e Bonet ao trazerem suas concepções sobre o assunto.

Falar sobre HIV pra mim (pequena pausa)... Ah, é normal! Assim... O que eu baseio na vida ser soropositivo? (pergunta retórica). Ah, é normal! É só no início quando a gente sabe que vive todo aquele choque, que parece que o mundo, parece que o chão não está aqui, parece que ele afundou, ele afundou por saber que eu tinha AIDS! Mas hoje é normal, para mim é uma doença normal, eu considero uma doença normal. É o que eu penso sobre o HIV hoje! (Tammie, 2018).

Eu não olho para o passado não filho! Eu olho é para frente agora (risos). O que passou, passou! Foi um terremoto na minha vida, um terremoto! Porque todo mundo na vida tem algo que lá na frente vai encontrar, né?! Mas situação igual à essa eu não esperava não hein! Uma sina dessa. E hoje eu estou normal, vida nova! (Del Rio, 2018).

Ah, pra mim é normal! (risos). É como se eu estivesse falando de qualquer outra coisa, mas antes... antes eu falava: ‘Deus me livre pegar HIV/AIDS... Deus me perdoe pegar AIDS’. Era isso que eu falava (risos) (Bonet, 2018).

Tammie, Del Rio e Bonet trazem importantes elementos em seus relatos, dado que reforçam por meio das experiências a dimensão da indissociabilidade de diferentes Espaço-tempos, Conteúdos e Agências, dado que esta configuração “[...] evoca a ideia do contexto geográfico quando se pensa nesse sentido e não apenas um contexto geométrico” (SILVA; LIMA, 2020, p. 34), contribuindo assim com a interpretação do movimento entre os distintos graus normativos, como registrado nas falas.

⁹⁰ Sob as contribuições de Canguilhem (1990) podemos entender que “[...] não existe mais a normalidade, e sim distintas normalidades: a saúde é uma normalidade; a doença também é uma normalidade. O aspecto comum a essas diferentes manifestações normais da vida é a presença de uma lógica, uma organização própria, uma norma. A saúde, por seu turno, deixa de se limitar à perspectiva da adaptação, não sendo mais a obediência irrestrita ao modelo estabelecido. Ela é mais do que isso, na medida em que pode ser justamente a não-obediência e a transformação” (COELHO; ALMEIDA FILHO, 1999, p. 30).

Lidar com as interpretações evocadas pelas mulheres colocam a necessidade de se estabelecer outras questões que se fazem necessárias, tais como: quais são as outras dimensões que compõem e sustentam esta nova normalidade?; “[...] o que faz com que alguns processos e efeitos sejam normativos em algumas situações e em outras não?” (COELHO; ALMEIDA FILHO, 1999, p. 31); “[...] o que faz com que alguns [sujeitos] apresentem tal capacidade normativa e criativa e outros não?” (COELHO; ALMEIDA FILHO, 2003, p. 106-107).

As indagações supracitadas estimulam a reflexão sobre o processo constitutivo dos sujeitos e suas normas, pois são eles que estão em constantes devires, trocas e construções que não estão isentos de tensões e conflitos quando pautado o processo de saúde e doença, visto que tais relações se dão entre as dimensões sociais, culturais, históricas, corporais e biológicas (ALMEIDA FILHO; COUTINHO, 2007; CZERESNIA, 2010). É neste sentido, que Alyssa, Bonet e Del Rio argumentam sobre a normalidade construída, de modo que destacam o processo de cronificação do HIV/AIDS em decorrência dos ‘**Medicamentos/Tratamento**’, e assim estabelecem comparações e significados em relação a outras enfermidades.

Normal! Pra mim falar sobre o HIV é normal, mais normal do que falar do Diabetes que eu tenho. É uma doença que tem a medicação (falando sobre o HIV) que a gente cuidando a gente fica ativa, entendeu?! Você fica normal, enquanto o Diabetes não, mesmo que você cuida ele traz transtornos. O HIV é normal! Eu não gosto que as pessoas falem de qualquer jeito, mas para as pessoas que tem entendimento eu falo e converso, e pra mim é normal (Alyssa, 2018).

E continua dizendo...

Se todo problema meu fosse o HIV eu não teria problema (risos), porque se você trata e cuida direitinho, você é uma pessoa ativa. E o diabetes? Não é tudo que você pode comer, não é tudo que você pode beber, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, toma insulina... eu mesma aplico (Alyssa, 2018).

Olha, o HIV para mim não impacta nada! Sabe, eu tenho o vírus, mas não impacta nada a não ser esse meu defeito que eu tenho do meu derrame (referente as sequelas), mas o HIV para mim não impacta nada porque eu fiquei de acordo com Deus, eu entreguei minha alma para Deus (Bonet, 2018).

Eu vejo como normal, eu como de tudo, minha saúde é ótima. Eu até engordei, tá doido! Eu pesava cinquenta e dois quilos e agora estou com setenta e nove e noventa (Del Rio, 2018).

As falas de Alyssa, Bonet e Del Rio expressam elementos processuais na compreensão das normatividades, que acabam transitando entre o biológico e o cultural

(FERNANDÉZ, 2011; ABRANTES, 2014), de modo que suas interpretações se edificam por meio das experiências vividas, o que permite a realização de aproximações e reflexões acerca do HIV/AIDS, do Diabetes⁹¹ e o AVC (Acidente Vascular Cerebral)⁹², como reforçam as entrevistadas⁹³. Isso corrobora com a compreensão de que “não é absurdo considerar o estado patológico como normal, na medida em que exprime uma relação com a normatividade de vida” (CANGUILHEM, 1990, p. 187-188), o que evidencia que a inter-relação entre os graus de normatividade se realizam à luz dos contextos geográficos vivenciados.

Deste modo, os relatos apresentados pelas entrevistadas demonstram algumas das possibilidades estabelecidas no processo de compreensão dos graus de normatividade, ao modo que expressam o quanto estão atrelados aos contextos geográficos, pois são os sujeitos que ponderam essa mudança (BONETTI, 2004), são eles quem sofrem as consequências, as elaboram e ressignificam dentro dos campos de ações e possibilidades.

Deste modo, fica evidenciado nas falas de Alyssa e Bonet a presença de outras dimensões que, além de destacarem o ‘**Normal**’, denotam aspectos que sustentam o processo relativo de auto-emancipação, de ‘**Superação**’ e do ‘**Tempo**’ empregado pelos sujeitos a partir de suas realidades específicas. Neste sentido, esse processo auto-emancipatório registra a transição entre as normatividades, de modo que depende dos agenciamentos que envolvem os sujeitos (DUFF, 2016), ou seja, do contexto geográfico que se configura e assim garante - ou não - a possibilidade de reorganização das normas.

Isso implica na relação dialógica entre o individual e o coletivo, entre o vivido e o enunciado, dado que as experiências ora se aproximam pelas similaridades, ora se especificam

⁹¹ “O Diabetes *mellitus* é uma síndrome de etiologia múltipla, decorrente da falta de insulina e/ou da incapacidade de a insulina exercer adequadamente seus efeitos. Caracteriza-se por hiperglicemia crônica com distúrbios do metabolismo dos carboidratos, lipídeos e proteínas. As consequências do DM, a longo prazo, incluem disfunção e falência de vários órgãos, especialmente rins, olhos, nervos, coração e vasos sanguíneos” (BRASIL, 2001, p. 14).

⁹² “O Acidente Vascular Cerebral decorre da alteração do fluxo de sangue ao cérebro. Responsável pela morte de células nervosas da região cerebral atingida, o AVC pode se originar de uma obstrução de vasos sanguíneos, o chamado acidente vascular isquêmico, ou de uma ruptura do vaso, conhecido por acidente vascular hemorrágico” (ACADEMIA BRASILEIRA DE NEUROLOGIA, 2015, p. 01).

⁹³ “É possível que muitos dos que respondessem à pergunta sobre sua saúde o fizessem a partir de um critério negativo, relativo à doença e, nesse sentido indireto, recorressem a critérios causal-controlistas: ‘Não, não estou saudável’ (porque minha glicemia está elevada”; ou “porque tenho o vírus HIV”). Mas outras pessoas hiperglicêmicas ou soropositivas para o HIV poderiam responder legitimamente que se sentem saudáveis. Inversamente, outros que respondessem não estar saudáveis não estariam, em sua maioria, hiperglicêmicos ou soropositivos. Entre os que respondessem estar saudáveis, seriam esperados e igualmente aceitáveis discursos também substantivamente diversos em suas estruturas e significados” (AYRES, 2007, p. 47).

pela singularidade, de modo que não são excludentes, mas sim complementares o que torna tal compreensão complexa e plural. Exemplo disso são as colocações de Latrice, que traz o ‘Normal’ enquanto resultado semelhante as demais entrevistadas, no entanto sob outra perspectiva, em que sua singularidade expressa caminhos e configurações distintas.

Eu nunca vi diferença nenhuma, nunca tive diferença nenhuma desde o começo. Para mim sempre foi normal, eu só quis saber o jeito que eu lidava pra mim tomar o remédio, como eu tinha que fazer com o meu tratamento, se eu tinha que fazer alguma coisa diferente, coisas desse tipo (Latrice, 2018).

As colocações de Latrice são instigantes dado que estão relacionadas às características destacadas pelas outras entrevistadas, porém acrescentam elementos como a celeridade e compreensão imediata, que ampliam a reorganização processual das normatividades. Isso abre a possibilidade de refletirmos sobre as influências e/ou condicionamentos que a interpretação do contexto geográfico oferece em termos de políticas públicas de saúde, acolhimento, lazer, serviços, tratamento, etc. para a compreensão e a manutenção desse grau de normatividade. Logo, tal conjuntura incorpora outros significados e dimensões que são atinentes à segunda centralidade discursiva; esta sustentada pelas codificações ‘**Plug and Play**’, ‘**APPA**’ e ‘**Família**’.

É fato que os cursos de vida dessas mulheres confluem e se relacionam de forma constante a partir da constituição do grupo ‘**Plug and Play**’ - primeira codificação - realizado pela ‘**APPA**’ enquanto instituição, como outrora destacado e, agora, retomado por Del Rio ao mencionar suas primeiras visões sobre a proposta,

[...] como eu falei pra você tem o Plug que tem uma longa história, porque eu mesma não dava nada pra isso aqui não. As meninas tiveram a ideia de fazer o grupo, e para fazer elas ficaram dois dias inteiros estudando no curso e pagaram uma nota para fazer isso. E elas ficaram insistindo pra eu entrar, aí eu falei assim: ‘Mas eu?’. Daí eu vim ver como era esse negócio (Del Rio, 2018).

Esse princípio, ainda que de incertezas como colocado por Del Rio, foi de extrema importância para a aproximação destas participantes, uma vez que o encontro para elas se tornou uma forma de acionar os graus de normatividades vividos, na mesma medida em que passaram a estabelecer trocas, conexões e partilhas que as conduziram a uma interpretação consensuada sobre a normalidade do ‘**HIV/AIDS**’. Tal realidade se organiza a partir da configuração de ‘**Apoio**’, que neste caso vem de outras ordens e, assim, possibilita transgredir a visão anátomo-clínica acerca do processo saúde-doença, como reitera Alyssa ao dizer:

Então... hoje não... depois que eu comecei a frequentar aqui eu posso falar pra você que eu não tenho problema em falar do HIV e não tenho problema em

falar sobre ‘mim’, sobre a minha pessoa, que já tem mais de vinte anos que lida com o HIV. Então, pra mim hoje está normal (Alyssa, 2018).

O entendimento expresso por Alyssa expõe a estabilidade após a transição entre os graus de normatividade, de forma que seu discurso está assentado na emancipação de si e de sua atual condição enquanto vivente. Isso permite compreender que “[...] os estados individuais de saúde não são excludentes vis-à-vis a ocorrência de doença. Portanto, pode-se admitir a possibilidade da ocorrência de saúde e doença num mesmo sujeito individual, ao mesmo tempo” (ALMEIDA FILHO, 2011, p. 69).

Isto posto, entendo que são relacionais as interações que os sujeitos estabelecem junto a constituição de seus contextos geográficos, o que possibilita melhor compreensão das normatividades vitais e seus movimentos, uma vez que se considera as interações das contingências, agenciamentos e as possibilidades ao novo, ou seja, a interação dos processos que fundam, simultaneamente, os sujeitos e suas experiências de norma (DONNANGELO, 2014). Neste sentido, é importante destacar que tais processos são constantes, no acontecer das relações, como salienta Del Rio a respeito de suas mudanças.

Aí eu comecei vir e é uma coisa que você muda dentro de um ano você muda e não percebe, mas quem está fora percebe. Eu mudei bastante, eu mesma não era uma pessoa de se pintar (maquiar), de cortar cabelo, ir em salão e... eu não era não, eu gostava de me vestir bem, passar um ‘esmalzinho’ e passar alguma coisinha, mas depois que eu entrei nisso aqui (Grupo Plug and Play)... Batom! Eu não sabia mais sair de casa sem passar batom, se eu não passasse parecia que estava faltando alguma coisa, faltando uma roupa, parecia que tinha um defeito (Del Rio, 2018).

E continua dizendo...

Mas o Plug é para isso mesmo, é para mudar as pessoas, renova a gente e dá uma outra estrutura, e quando elas falaram para mim foi que eu parei para pensar onde eu estava e o que eu deixei para trás, entendeu? Esse Plug é coisa que muda muito a gente, e trabalha com muita coisa na gente. Eu nunca tive um tempo de deitar ouvindo aquela música bem... (calma) e viajar. Até no Parque do Povo um dia eu fiz, deitar lá na grama e ficar lá. Eu viajei muito sabe, viajei no tempo... e foi uma coisa que eu nunca tive e aqui no Plug a mudança foi grande, não só a minha, mas a de muitas pessoas (Del Rio, 2018).

Os relatos de Del Rio expressam a potência do movimento, do encontro e dos significados que passam a ser produzidos, experimentados e compartilhados pelo grupo. Essa realidade socializada configura estímulos do auto-desenvolvimento individual e coletivo das mulheres, principalmente, em relação as normas que estão sendo vividas enquanto possibilidades abertas. É neste sentido que ganha relevância as relações de ‘Amizade’ e

‘**Autoestima**’ entre as mulheres, dado que os cursos de vida delas foram onerosos, complexos e, por vezes, violentos, como evidenciado anteriormente.

As vivências precárias experimentadas nos cursos de vida proporcionaram a essas mulheres a necessidade de ‘**Cuidado**’ que, somente ganhou materialidade e proporcionou retorno após a constituição das experiências coletivas por meio do encontro, que neste caso, “[...] podem ser lidas ao longo do processo histórico, [pois] estão associadas ao conjunto de ideias que fazem o espírito do lugar” (EGLER, 2000, p. 210). Deste modo, esta compreensão vai ao encontro da segunda codificação, a ‘**APPA**’, isso devido a expressividade que tem para essas mulheres, sobretudo, ao que se refere aos cuidados em ‘**Saúde**’, dado que contribui com a sustentação deste outro estado normativo, pois, como bem lembra Canguilhem (1990, p. 158), “o que caracteriza a saúde é a possibilidade de tolerar infrações à norma habitual e de instituir normas novas em situações novas”.

Destarte, a implementação deste raciocínio possibilita estabelecer reflexões acerca do que a ‘**APPA**’ representa enquanto instituição, mas também, enquanto lugar para essas mulheres, dado que tais sentidos fomentam e potencializam a transformação das normatividades vitais em voga, como enuncia Alyssa.

Eu tinha medo até de vir aqui (APPA) porque as pessoas iam ver... não sei o que, não sei o que, né?! E hoje em dia não, porque o carro para aqui na frente eu desço e saio normal, não tenho medo, mas isso depois que eu comecei a frequentar aqui (Alyssa, 2018).

O relato de Alyssa evidencia o quão potente podem ser os elos e ações que contribuem com a ressignificação do processo saúde-doença, isso porque tais relações não são alheias à “[...] crenças, hierarquias, juízos de valores, conhecimentos e atitudes compartilhados em grupo. Se por um lado os sentidos conferidos à doença são de natureza individual, singular, por outro lado, as subjetividades são construídas em um contexto cultural, social e histórico” (CZERESNIA; MACIEL; OVIEDO, 2013, p. 15), que também é geográfico, já que a concepção de saúde se perfaz por meio do movimento dos sujeitos ao consolidarem seus modos de existência em realidades específicas de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência.

São sob estes fundamentos que tais argumentações trazem para o debate as questões ligadas ao contexto geográfico, bem como suas influências sob o processo de vida dos sujeitos, ou seja, seus modos de vida, que segundo Silva (1991, p. 21)

[...] não pode[m] existir sem as ações sociais, que são as ações humanas dotadas de sentido para o homem em suas relações com seus semelhantes e com os objetos. Mas, o conjunto das ações sociais mostram-se como

relações sociais, que implicam o vínculo decorrente da ação social e que relaciona o ser humano com o modo de vida. Daí que, o modo de vida não pode existir sem as ações sociais.

Em vista disso, as contribuições de Silva (1991) me ajudaram a pensar a relacionalidade estabelecida pelos sujeitos entre e si e o mundo no exercício de suas ações. No caso das mulheres, contribuiu com a compreensão do processo transitivo saúde-doença que, por sua vez, garante suas realidades específicas de existência, sendo estas fundadas e sustentadas pela vivência de lugares, tais como a ‘APPA’ e a ‘Igreja’ (a casa de ‘Deus’) que, apresentam tais conotações nas falas de Bonet e Alyssa.

Hoje, conhecendo Deus ele é tudo para mim. Eu falo para essas pessoas não irem para bailes, não irem para esses lugares assim. Vai na casa de Deus (Igreja)! Porque Deus tem vitória para dar pra essas pessoas, e não desandar como eu desandei com o pai da ‘D’ [...] Mas, o mais importante é você e Deus e, se eu soubesse, ia ser totalmente diferente, se eu tivesse seguido o caminho certo... Nossa! Eu teria seguido esse caminho muitos anos atrás, eu não teria desandado com o pai (ex-marido) da ‘D’, eu não teria desandado. Mas, hoje eu creio que Deus é tudo (Bonet, 2018).

Então, hoje, assim... primeiramente, a gente é feliz porque está na vida da igreja, a gente congrega, busca a palavra de Deus, tenta ir por um caminho certo, né?! Porque eu falo assim, que a gente tem que desviar do mal e obedecer a palavra de Deus, mas a gente não faz tudo certo, porque a gente não faz como manda a palavra de Deus, porque nós somos seres humanos, cheio de falhas (Alyssa, 2018).

E continua dizendo...

É igual eu te falo, o homem não é capaz de entender tudo porque ele não é perfeito, mas na vida da igreja é muito bom você congrega. Eu venci todas essas lutas e batalhas... que eu tive meu filho envolvido com droga, a ‘T’ veio quando eu já tinha esse problema (HIV/AIDS), a mulher queria tomar ela de mim de todo jeito e, eu venci graças a Deus [...] por causa da fé e, a fé vem de ouvir a palavra de Deus, então a fé da gente é aumentada, você consegue força pra lutar contra aquelas coisas que vem te abater que vem querer estragar a sua vida e te atrapalhar pra você não conseguir as coisas (Alyssa, 2018).

Os relatos de Bonet e Alyssa expressam a significativa valoração existente entre o material e o simbólico que, para elas, se organiza por meio da manifestação da fé, tornando a ‘Igreja’ e ‘Deus’ um referencial de suporte, ou seja, um lugar que garante a possibilidade de resistirem as intempéries da vida e assim sustentar a estabilidade das atuais normatividades.

É neste sentido que a religião tem um papel marcante para a compreensão do processo saúde-doença (GOMES, et. al., 2020), dado que se faz presente em diferentes acontecimentos ocorridos na vida dessas mulheres, como evidenciado anteriormente. Isso ocorre, principalmente, por meio da configuração de alívio e libertação que constitui

possibilidades de ações, como alerta Rodrigues (2003, p. 139) ao salientar que “o ‘salto libertador’ proposto pelas denominações religiosas pode fazê-lo se emancipar da opressão na qual ele viva, mas, por outro lado, [...] o indivíduo acaba reproduzindo o discurso, muitas vezes fundamentalista, de determinados grupos hegemônicos”. É neste sentido que foram imprescindíveis os esforços interpretativos da realidade vivida por meio do contexto geográfico, dado que os agenciamentos experimentados contribuíram com o entendimento da experiência de saúde e/ou doença.

Associado a esse processo mais amplo, também se registra a relevância da palavra-chave **‘Família’** - terceira codificação - que, por sinal, apresenta articulações às codificações **‘APPA’** e **‘Plug and Play’**, dado que muitas vezes - em momentos anteriores - foram associadas à concepção de família em decorrência da agudez das vulnerabilidades vivenciadas. Para além destes destaques, cabe dizer que a **‘Família’**, majoritariamente, acaba sendo interpretada como uma rede de **‘Apoio’** que se sustenta a síntese da “[...] doçura dos cuidados espontâneos, testemunho do afeto, desejo comum da cura, tudo entra em cumplicidade para ajudar a natureza que luta contra o mal e deixar o próprio mal se desdobrar em sua verdade” (FOUCAULT, 1977, p. 18), mas que nem sempre é assim, vide os capítulos anteriores.

Deste modo, estabelecer tal interpretação possibilita retomar a figura das(os) **‘Filhas(os)’** que também são evocados enquanto **‘Família’**, pois, são elas(es) que configuram parte das razões de existência e estabilidade normativa para essas mulheres. Isso fica evidenciado nas diferentes etapas de vida, sobretudo, nas relações interpretadas no presente, como destacam Del Rio, Alyssa e Monique.

Os filhos é tudo. Família é tudo! (fala em tom sincero e carinhoso). Porque eles saem de casa e depois casam e trazem os maridos que viram filhos da gente, né?! Todos os domingos... não tem um domingo que eles não vão lá pra casa. Pode fazer almoço porque eles chegam, já é de costume. E se não vai a gente já estranha, né?! (Del Rio, 2018).

Tudo! Abaixo de Deus, tudo! (fala exclamada). São as coisas que eu mais amo na vida, meus filhos, minha neta e meu neto, depois vem minhas irmãs, meus irmãos, mas em primeiro lugar vem Deus e depois meus filhos, neta e neto. Eles representam tudo, não tem nada comparado (risos) o amor que eu sinto por eles (Alyssa, 2018).

Hoje eu vivo pra eles, pelas as minhas filhas e meus netos porque se o pai delas estivesse aqui ele faria o mesmo. Mas... eu estou! (emoção e choro). Eu creio que quando a gente nasce a gente já tem o destino escrito, o que você tem que passar ninguém passa por você (Monique, 2018).

As falas de Del Rio, Alyssa e Monique enunciam as variadas razões pelas quais enfrentaram tantos desafios, barreiras sociais e dificuldades que constituíram, simultaneamente, seus cursos de vida e elas próprias enquanto mulheres. Isso porque elas mantiveram a constante ação de transgredir o patológico enquanto condição finita, ora pelo desejo, ora pela necessidade, o que reivindicou outra saúde e fez delas mulheres sãs, já que todas têm registrado em si a capacidade de ir além do normal (CANGUILHEM, 2012).

Logo, tratar sobre as normatividades vitais que se constituíram junto aos contextos geográficos permitiu evidenciar que estas mulheres, hoje, sejam e estejam saudáveis do ponto de vista da norma, visto que o episódio de doença produziu realidades múltiplas de saúde (ALMEIDA FILHO, 2011), garantindo a elas outra forma de viver, de serem mães, avós, chefes de família, amigas, companheiras, etc.

Isso denota que esses processos sustentam a evocação dos contextos geográficos respaldados pelas vozes e vidas dessas mulheres, e assim garante a força de uma Geografia revolucionária que rompe a hegemonia da norma e os estigmas. Se trata de uma Geografia própria que se nutre de tempos e espaços, da cultura, da linguagem, que se faz e se soma à carne e, assim, floresce outras formas de viver.



CONCLUSÕES

Se debruçar sobre questões polêmicas, envoltas de inúmeros tabus sociais como a questão do HIV/AIDS, da saúde, do feminismo, gênero e sexualidades ainda é um grande desafio no fazer pesquisa, mesmo no espaço acadêmico, em que existem validações e reprovações que “legisla sobre o que é ou não digno” de ser investigado. Logo, ter em mãos a possibilidade de empenhar esse debate no âmbito da Geografia se fez uma grande responsabilidade, principalmente diante da conjuntura político-social brasileira atual que, majoritariamente, recrimina os posicionamentos assumidamente expressos na construção e defesa desta tese.

Deste modo, esse processo se fez longo e laborioso, sendo necessárias constantes ressignificações, reinterpretações e até mesmo recomeços para que fosse mantida a proximidade com os movimentos reais experienciados pelas mulheres que vivem com HIV/AIDS em Presidente Prudente, SP. No entanto, não se trata somente da visão interpretativo-acadêmica, mas também da potência enunciativa que os sujeitos oferecem enquanto elemento central para a construção de outros caminhos, outras formas possíveis de estabelecer o raciocínio geográfico.

Por partir desse pressuposto, a tese em tela traçou enquanto objetivo geral interpretar as experiências narradas pelas mulheres vivendo com HIV/AIDS a partir de seus cursos de vida e campos de possibilidades, com foco nos processos, encontros e acontecimentos relacionados às interseccionalidades que estruturam o contexto geográfico. Sob esta questão central, considero que o propósito obteve êxito de forma qualificada pelas ações em pesquisa, dada a riqueza produzida - em conjunto - pelos sujeitos participantes da mesma, bem como as interpretações geográficas decorrentes.

Assim sendo, a presente tese está sustentada pelas evocações das vozes dessas mulheres, que configuram interpretações acerca da realidade vivida e assim desvendam uma Geografia presente no cotidiano, criando assim a possibilidade de compreender os sujeitos por meio das interlocuções móveis entre Espaço-tempo, Conteúdo e Agência. Esse raciocínio destaca a centralidade das análises, bem como evidencia as nuances atinentes aos interesses de pesquisa, o que configura potência explicativa para as múltiplas complexidades dos estudos dedicados aos sujeitos no âmbito da Geografia. Isso possibilitou conceber o contexto geográfico enquanto um raciocínio calcado no real, já que no processo histórico - por vezes - estas mulheres não foram protagonistas de suas escolhas no campo de possibilidades durante os cursos de vida, tendo majoritariamente suas capacidades de ações restringidas pelos poderes de instituições sociais como a família, trabalho e relacionamentos, sendo estas relacionais em cada etapa de vida.

Esta proposta exigiu grandes esforços visto a complexidade da vida quando pautada sob análises geográficas. Isso requereu um afinado aparato metodológico com condições de orientar a produção e análise dos dados de pesquisa. Posto isso, na presente tese o emprego e articulação das metodologias qualitativas estiveram alinhadas à dois elementos fulcrais: as demandas reais de pesquisa e as contribuições teórico-metodológicas feministas que, de forma conjunta, permitiram reelaborar o movimento de construção da tese junto às participantes envolvidas.

A concepção desses movimentos possibilitou garantir que as narrativas das mulheres estivessem ao centro, enquanto protagonistas, de modo que suas histórias fossem os pilares primeiros para a compreensão do contexto geográfico, uma vez que a ambientação e atmosfera das narrativas dependeram das vozes entoadas, das tonalidades, texturas, dos *ethos* e *déixis* discursivas que deram dimensão ao vivido. À vista disso, vale reforçar que tal implementação metodológica trouxe consigo uma dimensão política do “fazer pesquisa qualitativa”, uma vez que considerei - de modo real e incorporado - a integralidade dos sujeitos, ou seja, além das narrativas e informações produzidas. Isso os valida enquanto agentes construtores da realidade enunciada; posicionamento este que se opõe à visão negligente e, por vezes, predatória sobre a realidade das pessoas e suas vivências.

Deste modo, tomei como aporte os discursos enunciados sobre as trajetórias e todos seus elementos presentes (acontecimentos, pontos de inflexão, ressignificações, etc.), permitindo entender mais do que a singularidade dos sujeitos, indo além dos fenômenos patogênicos, o que tornou possível a compreensão do contexto geográfico no que tange seu conjunto, sua produção e inter-relação com/na vida das pessoas. Trilhar este caminho possibilitou evidenciar os distintos aspectos que constituem as dimensões de vida e as interseccionalidades das mulheres em suas diferentes etapas (infância, juventude e vida adulta), elemento este que dá a presente tese caráter inovador e revolucionário no campo geográfico.

Neste processo, também ficou explicitado a importância da interlocução entre políticas públicas, sendo elas assistenciais, educacionais e de saúde, das quais estas mulheres fizeram/fazem uso. O empenho desta reflexão, especificamente sobre as políticas de saúde, se pautou enquanto um movimento intrínseco à premissa da existência, ou seja, para e pela garantia da qualidade de vida, especialmente ao que se refere a vivência com HIV/AIDS em uma realidade interiorana como a de Presidente Prudente.

Esse raciocínio possibilitou evidenciar a práxis das políticas públicas de saúde em distintas esferas, visto que ficaram elucidadas as complexidades, dificuldades e articulações entre os setores dedicados ao atendimento das pessoas. Tal debate reforçou a importância da descentralização dos serviços públicos de saúde, sobretudo, os especializados, já que é existente a necessidade de responder à população com propriedade qualitativa; elemento este que tem sido viabilizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) nas suas múltiplas escalas de ação. É neste sentido que as interpretações dos contextos geográficos se tornam relevantes para o processo de estruturação e implementação das políticas públicas de saúde, dado que possibilitam uma acurada leitura sobre as necessidades reais dos sujeitos envolvidos.

Além destes aspectos, os contextos geográficos evocados pelas mulheres denotaram a importância do terceiro setor, sobretudo aqueles que correspondem à promoção da vida, neste caso a APPA (Associação Prudentina de Prevenção à AIDS), enquanto agente da sociedade civil que, historicamente, se articulou aos demais serviços de saúde, bem como participou da implementação de outros e, assim manteve o movimento de completude e também de tensão referente às ausências do Estado. Deste modo, este entendimento foi importante para a compreensão das barreiras estruturais que se fizeram/fazem presentes nos cursos de vida dessas mulheres, ora por meio de violências de distintas ordens, ora através da manutenção crônica de vulnerabilidades que, em um passado não distante, impactaram e redirecionaram inúmeras vezes suas trajetórias de vida.

Sob este aspecto, é inegável a significância do diagnóstico do HIV/AIDS e seus consequentes revérberos, dado que esta questão transcendeu a experiência estrita da doença, pois acionou o reordenamento das interseccionalidades vigentes no contexto geográfico, e assim o reconfigurou a partir dos movimentos empenhados. Todo este processo demandou esforços interpretativos sobre ações, tempos e espaços específicos que, para a realidade dessas mulheres, se ajustaram de formas particulares perante suas individuações. Estas reais questões decorreram da indissociabilidade entre tempo, espaço e a multiplicidade de suas imbricações que, por sua vez, produziram distintos contextos, isso porque houve a valorização do processo histórico pela dimensão da memória, mas também do cotidiano produzido pela incorporação da contingência de transformações que orientaram as práticas dessas mulheres frente à vida.

Neste sentido, cabe destacar que foi no transcorrer de suas trajetórias junto a experimentação de acontecimentos, que a vivência com o HIV/AIDS passou a ser compreendida enquanto uma dimensão da vida, ou melhor dizendo, como uma interseccionalidade que trouxe outras conotações. Isso levou estas mulheres a construírem

novas relações com a cidade, instituições e pessoas, o que proporcionou encontros favoráveis como, por exemplo, a confluência delas enquanto grupo e o respaldo em diferentes redes de apoio, gerando assim outras possibilidades de viver e ressignificar os contextos geográficos experienciados.

De fato, as realidades vividas por essas mulheres, em grande parte, foram agudizadas por várias questões estruturais. No entanto, houve acontecimentos que fomentaram lógicas de fortalecimento e resistência, como os produzidos em grupo na Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA) que se construiu enquanto lugar fundante de outras realidades possíveis, inclusive, promotoras de saúde. Tais interações e esforços alargaram a compreensão sobre saúde para além da visão clínica e curativa, o que em si incorpora a dimensão do encontro, da identificação, acolhimento e sororidade entre as participantes, o que intensificou entre elas a motivação de estabelecerem outras projeções de futuro. Esta construção reafirma a dialogia entre os sujeitos e seus contextos geográficos, visto que destaca a potência - ainda que oscilante - das ações de autonomia das pessoas, rompendo assim a ideia de que estas sejam apenas vítimas dos movimentos estruturais e dos acontecimentos experienciados.

Logo, este processo vai além da individuação de cada qual, já que consolida coletivamente o estabelecer de outras normatividades vitais, ou seja, novas formas de compreender e viver a vida para além da sobrevivência. Assim, a relação da epidemiologia social - interlocução indivíduo/coletivo - está atrelada à organização da sociedade espacialmente contextualizada aos modos de existência dessas mulheres, já que são elas quem experienciaram o processo de saúde-doença e assim tensionaram a relação existente entre o normal e o patológico por meio da coprodução dos respectivos contextos geográficos.

Em suma, essas são algumas provocações epistemológicas que a presente tese levanta e debate no intermédio dos campos da Geografia da Saúde, das Geografias de Gênero e da Saúde Coletiva. Tais ações compreendidas como inovadoras, corajosas e revolucionárias, geram inquietações, curiosidades e estímulos à criatividade que, conseqüentemente, fomenta tensão à tradicionalidade e comodismo da produção intelectual geográfica. Isso se concretiza por um movimento que é pulsante, preocupado em contribuir teoricamente com a proposta de uma Geografia corporificada e feminista que, por sua vez, garantirá o fazer ouvir daquelas(es) que são excluídos, silenciados e vulnerabilizados na produção de realidades desiguais, melhor dizendo, fazer emergir por meio dos contextos geográficos as flores e as dores, as vozes e as vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. BOSSI, Alfredo. 1º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, 1026 p.
- ABONG. **Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais**. Tudo o que você precisa saber antes de escrever sobre ONGs, 2014, 20 p.
- ABRANTES, Paulo Cesar Coelho. Natureza e cultura. **Rev. Ciência & Ambiente**, v. 48, p. 7-21, 2014.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE NEUROLOGIA. Sociedade Brasileira de Neurologia. Órgão Oficial da Neurologia Brasileira. AVC ou Derrame Cerebral. 2015. Disponível em: <http://www.cadastro.abneuro.org/site/publico_avc.asp>. Acesso em: 28 de março de 2020.
- AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem e o centro. **Rev. Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: UNESP, 2004. 112 p.
- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018, 143 p.
- ALBERTO, Carlos; SÁ, Moraes de; COSTA, Terezinha. **Corpo a corpo contra a AIDS: A História do Gaffrée**. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 1994, 100 p.
- ALLEN, John. A more than relational geography? **Dialogues in Human Geography**, v. 2, n. 2, p. 190-193, 2012.
- ALMEIDA FILHO, Naomar. **O que é saúde?** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, 160 p.
- ALMEIDA FILHO, Naomar; COUTINHO, Denise. Causalidade, contingência, complexidade: o futuro do conceito de risco. **Rev. PHYSIS: Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 95-137, 2007.
- ALMEIDA, Helio Romito de. A Geografia: o Espaço e o Tempo. **Rev. de Ciências Humanas – UFSC**, v. 2, n. 3, p. 7-15, 1982.
- ALMEIDA, Maria Rita de Cassia Barreto de. A história silenciosa das pessoas portadoras do HIV contada pela História Oral. 2004. 164 f. Dissertação (Mestrado) – Setor de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Paraná, Belém, 2004.
- ALVES, Natália Cristina. “O outro na cidade”: deficiência, acessibilidade e saúde em Presidente Prudente – SP. 149 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2015.
- ALVES, Natália Cristina; PEDROSO, Mateus Fachin; GUIMARÃES, Raul Borges. Corpos que falam: interpretações geográficas entre saúde, gênero e espaço. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 09-24, 2019.
- ANDERSON, Bem; KEARNES, Matthew; McFARLANE, Colin; SWANTON, Dan. On assemblages and geography. **Dialogues in Human Geography**, v. 2, n. 2, 171-189, 2012.
- ANDERSON, Bem; McFARLANE, Colin. Assemblage and geography. **Area**, v.43, n. 2, 124–127, 2011.
- APPA. **Associação Prudentina de Prevenção à AIDS**, Presidente Prudente – SP. Notas: Histórico da Entidade, 2011.

ARAÚJO, Kathya; MARTUCCELLI, Danilo. La individuación y el trabajo de los individuos. **Rev. Educação e Pesquisa**, v.36, n. especial, p. 77-91, 2010.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Georges Canguilhem e a construção do campo da Saúde Coletiva brasileira. **Rev. de História Intelectual - Intelligere**, v. 2, n. 1, 2016.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. **Sobre o risco**: para compreender a epidemiologia. São Paulo: Hucitec. 2011.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde. **Rev. Ciência e Saúde Coletiva**, v. 6, n. 1, p. 63-72, 2001.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Uma Concepção Hermenêutica de Saúde. **Rev. Saúde Coletiva - Physis**, v.17, n. 1, p. 43-62, 2007.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita; FRANÇA JÚNIOR, Ivan; CALAZANS, Gabriela Junqueira; SALETTI FILHO, Heraldo César. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D; FREITAS, C. M. (Org.) **Promoção da saúde**: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003, p.117-139.

BAILEY, Adrian J. Population geography: lifecourse matters. **Progress in Human Geography**, n. 33, v. 3, p. 407-418, 2009.

BARCELLOS, Christovam; BASTOS, Francisco Inácio. Redes sociais e difusão da AIDS no Brasil. **Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana**, v.121, n.1, p.11-24, 1996.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, D. **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000, p. 57-78.

BASTOS, Francisco Inácio. A Feminização da Epidemia de AIDS no Brasil: Determinantes Estruturais e Alternativas de Enfrentamento. **Coleção ABIA - Saúde Sexual e Reprodutiva**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 1-27, 2000.

BASTOS, Francisco Inácio. **A Terceira Década da AIDS**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da FIOCRUZ, 2006, 104 p.

BASTOS, Francisco Inácio. **Saúde em questão**. São Paulo: Claro Enigma; Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, 110 p.

BASTOS, Francisco Inácio; BARCELLOS, Christovam. Geografia social da AIDS. **Rev. Saúde Pública**, v. 29, n. 1, 52-62, 1995.

BAYLINA, Mireia. Metodologia cualitativa y estudios de Geografía y género. **Documents d' Anàlisi Geogràfica**, v. 30, p. 123-138, 1997.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BERNARDES, Antonio; TURRA NETO, Nécio. O lugar do sujeito na pesquisa qualitativa. In: PIRES, Cláudia Luisa Zeferino; HEIDRICH, Álvaro; COSTA, Benhur Pinós da. (Org.). **Plurilocalidade dos Sujeitos**: representações e ações no território. 1a. ed.Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2016, v. 1, p. 30-55.

BERNARDES, Mariana Pimenta. **Saúde mental na universidade: transtornos mentais e comportamentais entre os estudantes de graduação da UNESP de Presidente Prudente/SP**. 2018. 148 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente.

BESSA, Marcelo Secron. **Histórias positivas: A literatura (dê)sconstruindo a AIDS**. Rio de Janeiro: Record, 1997, 140 p.

BINET, Michel G. J. A transcrição como teoria-em-reconstrução: a indução como prática metodológica. **Documento de Trabalho do GIID** - Lisboa: FCSH-UNL, n. 37, p. 1-23, 2012.

BIROLI, Flávia. Autonomia, opressão e identidades a ressignificação da experiência na teoria política feminista. **Rev. Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 81-105, 2013.

BLANCO, Mercedes. El enfoque del curso de vida: orígenes y desarrollo. **Rev. Latinoamericana de Población**, v. 5, n. 8, p. 05-31, 2011.

BLANCO, Mercedes. Trabajo y familia: entrelazamiento de trayectorias vitales. **Rev. Estudios Demográficos y Urbanos**, v. 17, n. 3, p. 447-483, 2002.

BONETTI, Albertina. O ser doente: uma reflexão à luz de Georges Canguilhem. **Rev. Pensar a Prática**, v. 7, n. 1, p. 45-58, 2004.

BORGES, Maria Virgínia. A dêixis discursiva: formas de representação do sujeito, do tempo e do espaço no discurso. **Revista do GELNE**, v. 2, n. 2, p. 01-04, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. **Educação & Realidade**, n. 20, v. 2, p. 133-184, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. TOMAZ, Fernando. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, 311 p.

BRANDÃO, Ana Maria. Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica. **Configurações**, Braga - Portugal, n. 3, p. 83-106, 2007.

BRANDÃO, Tânia; SARAIVA, Luísa; MATOS, Paula Mena. O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. **Rev. Análise Psicológica**, n. 3, p. 301-313, 2012.

BRASIL, **Boletim Epidemiológico AIDS e DST**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, PN de DST e AIDS, Ano III, n. 1, 1ª à 26 semanas epidemiológicas, jan./jun. 2014.

BRASIL, **Tráfico de mulheres: política nacional de enfrentamento**. Brasília: Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres/Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2011, 74 p.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. Lei nº 13.019, de 31 de julho de 2014. Dispõe sobre a instituição de normas gerais para as parcerias entre a administração pública e organizações da sociedade civil, em regime de mútua cooperação, para a consecução de finalidades de interesse público e recíproco. Diário Oficial da União, Brasília, DF, jul. 2014.

BRASIL. Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, dez. 1990.

BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Lei Orgânica da Saúde. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o

funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília DF, set. 1990.

BRASIL. Ministério da Previdência Social. **Conheça mais sobre o BPC: um direito garantido pela constituição federal**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 1993, 24 p.

BRASIL. Ministério da Previdência Social/Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Cartilha – Benefício de Prestação Continuada**. Esplanada dos Ministérios – Brasília: Ministério da Previdência Social/Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2020, 24 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes para organização do CTA no âmbito da Prevenção Combinada e nas Redes de Atenção à Saúde**. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017, 88 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes para organização e funcionamento dos CTA do Brasil**. Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010, 77 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Ministério da Saúde, Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 1990, 96 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Plano de reorganização da atenção à hipertensão arterial e ao diabetes mellitus: hipertensão arterial e diabetes mellitus/Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2001, 104 p.

BRITO, Ana Maria de; CASTILHO, Euclides Ayres de; SZWARCOWALD, Célia Landmann. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. **Rev. da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, n. 34, v. 2, p. 207-217, 2000.

BROWN, Michael. Gender and sexuality I: Intersectional anxieties. **Progress in Human Geography**, v. 36, n. 4, p. 541-550, 2014.

BRU, Josepa. El cuerpo como mercancía. In: NOGUÉ, Joan; ROMERO, Joan. (Org.) **Las otras Geografías**. Valencia: Editorial Tirant lo Blach, 2006. p. 465-491.

BUCHALLA, Cassia Maria; PAIVA, Vera. Silvia. Facciolla. Da compreensão da vulnerabilidade social ao enfoque multidisciplinar. **Revista de Saúde Pública /Journal of Public Health**, v. 36, n.4, p. 117-119, 2002.

BUENO, Nádia Helena. As doenças infectocontagiosas em cidades de médio porte: uma abordagem qualitativa da AIDS em Piracicaba/SP. 2010. 161 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Trad. MIGUENS, Fernanda Siqueira. 1º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, 266 p.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursos del “sexo”**. 1º ed. Buenos Aires – Argentina, Paidós, 2002, 352 p.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. AGUIAR, Renato. 8º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, 287 p.

- BUTTIMER, Anne. Geography, Humanism, and Global Concern. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 80, n. 1, p. 1-33, 1990.
- CAMARANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana Leitão e; KANSO, Solange. Do nascimento à morte: principais transições. In: CAMARANO, Ana Amélia. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?**. Rio de Janeiro: IPEA, 2006. p. 31-60.
- CAMARANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana Leitão e; PASINATO, Maria Teresa; KANSO, Solange. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. **Rev. Última Década**, n. 21, p. 11-50, 2004.
- CAMARGO JR, Kenneth Rochel de. A construção da AIDS. In: CZERESNIA, Dina (Org.). **AIDS: ética, medicina e biotecnologia**. São Paulo – Rio de Janeiro: Editora Hucitec – ABRASCO, 1995. p. 27-50.
- CAMPOS, Carmen Hein de. Feminicídio no Brasil: uma análise crítico-feminista. **Rev. Sistema Penal & Violência**, v. 07, n. 01, p. 103-115, 2015.
- CAMPOS, Luiz Claudio Marques. ONGS/AIDS: acesso a fundos públicos e sustentabilidade de ações. **Rev. RAE (Revista de Administração de Empresas)**, v. 48, p. 81-93, 2008.
- CANGUILHEM, Georges. La salud, concepto vulgar y problema filosófico. **Rev. Sociologia**, Tradução de Traducción de Jorge Márquez, v. 27, p. 1-19, 1998.
- CANGUILHEM, Georges. **O conhecimento da vida**. Trad. RIBEIRO, Vera Lucia Avellar. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, 234 p.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Trad. BARROCAS, Maria Thereza Redig de Carvalho; LEITE, Luiz Octávio Ferreira Barreto. 3. ed. vers. aumentada. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990, 307 p.
- CANTERO, Daniel San Martín. Teoría fundamentada y Atlas.ti: recursos metodológicos para la investigación educativa. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 16, n. 1, p. 104-122, 2014.
- CAPONI, Sandra. ‘Georges Canguilhem y el estatuto epistemológico del concepto de salud’. **Rev. História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. IV, n. 2, p. 287-307, 1997.
- CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. Foucault e a noção de acontecimento. **Rev. Sociologia USP - Tempo Social**, v. 7, n. 1, p. 53-66, 1995.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996, 150p.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. Jovens pobres: modos de vida, percursos urbanos e Transições para a vida adulta. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, v. 30, n. 2, p. 62-70, 2008.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. **Rev. Teias**, v. 12, n. 26, p. 07-22, 2011.
- CARVALHAES, Flávia Fernandes. Subjetividade e aids: a experiência da doença e da militância na trajetória de vida de mulheres HIV+ vista sob a perspectiva dos estudos de gênero. 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Campus de Assis), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Assis.
- CASSAB, Clarice. Da casa pra rua: a dimensão espacial da juventude. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes (Org.) **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015, p. 137-158.

CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro – RJ: Bertrand Brasil, 2000, p. 117-140.

CASTRO, Lucia Rabello de; MATTOS, Amana Rocha; JUNCEN, Elaine Teixeira; VILELA, Helena Antunes Macie; MONTEIRO, Renata Alves de Paula. A construção da diferença: jovens na cidade e suas relações com o outro. **Rev. Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 2, p. 437-447, 2006.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude no Brasil - Vulnerabilidades negativas e positivas, desafiando enfoques de políticas públicas. In: PETRINE, João Carlos; CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. (Org.). **Família, sociedade e subjetividades**. São Paulo- SP: Editora Vozes, p. 54-83, 2005.

CECCON, Roger Flores. Vidas nuas: mulheres com HIV/AIDS em situação de violência de gênero. 2016. 165 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Porto Alegre.

CEOLIN, Rejane; DELAGRAVE, Debora; ARGENTA, Carla; ZANATTA, Elisangela. Situações de vulnerabilidade vivenciadas na adolescência: revisão integrativa. **Rev. Baiana de Saúde Pública**, v. 39, n. 01, p. 150-163, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998, 350 p.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Jovens e juventudes no reino da aceleração: princípios para uma leitura geográfica. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes (Org.) **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015, p. 61-75.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. Trad. GUIMARÃES, Alba Zaluar. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 01-44.

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; ALMEIDA FILHO, Naomar. Análise do conceito de saúde a partir da epistemologia de Canguilhem e Foucault. In: GOLDENBERG, Paulete; MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni; GOMES, Mara Helena de Andréa. **O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003, p. 101-113.

COELHO, Maria Thereza Ávila. D; ALMEIDA FILHO, Naomar. Normal-patológico, saúde-doença: revisitando Canguilhem. **Rev. de Saúde Coletiva - Physis**, v.9 n. 1, p. 13-36, 1999.

COELHO, Maria Thereza Ávila; ALMEIDA FILHO, Naomar. Conceitos de saúde em discursos contemporâneos de referência científica. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 9, n. 2, p. 315-333, 2002.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Trad. LUCHINI, Natália. **Seminário "Teoria Feminista**, Cebrap, 2013, p. 1-35.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Rev. PARÁGRAFO**, v. 5, n. 1, p. 6-17, 2017.

CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

- CORREIA, Maria da Conceição Batista. A observação participante enquanto técnica de investigação. **Pensar Enfermagem**, v. 13, n. 2, p. 30-36, 2009.
- COSTA, Aldenilson; KRAUS, Lalita; OLIVEIRA, Fabiana. Contexto espacial: uma alternativa para estudos sobre cidades. **Rev. de Geografia e Ordenamento do Território**, n. 13, p. 109-123, 2018.
- COSTA, Ana Paula Motta. Adolescência brasileira e o contexto de vulnerabilidade à violência. **Rev. Brasileira Adolescência e Conflitualidade**, n. 6, p. 123-161, 2012.
- COSTA, Márcio Luis; BERNARDES, Anita Guazzelli. Produção de Saúde como Afirmação de Vida. **Rev. Saúde e Sociedade**, v.21, n.4, p.822-835, 2012.
- COUTO, Marcia Thereza; SCHRAIBER, Lília Blima; AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Aspectos Sociais e Culturais da Saúde e da Doença. In: MARTINS, Milton de Arruda; CASTILHO, Euclides Ayres de; CARRILHO, Flair José; CERRI, Giovanni G. (org.). **Tratado de Clínica Médica**. São Paulo: Editora Manole, 2009, p. 350-356.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, n. 10, v. 1, p. 171-188, 2002.
- CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and the violence against women of color. **Stanford Law Review**, 43, 1241-1259, 1993.
- CZERESNIA, Dina. AIDS, contágio e transmissão: relações entre epidemia, cultura e ciência. In: CZERESNIA, Dina; SANTOS, Elizabeth Moreira dos; BARBOSA, Regina Helena Simões; MONTEIRO, Simone. **AIDS: ética, medicina e biotecnologia**. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1995, p. 51-76.
- CZERESNIA, Dina. Canguilhem e o caráter filosófico das ciências da vida. **Rev. de Saúde Coletiva - Physis**, v. 20, n. 3, p. 709-727, 2010.
- CZERESNIA, Dina. **Categoria vida: reflexões para uma nova biologia**. São Paulo: Editora Unesp; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012, 135 p.
- CZERESNIA, Dina. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. In: CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de. (Org.). **Promoção da Saúde: reflexões, conceitos, tendências**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003, p. 39-53.
- CZERESNIA, Dina; MACIEL, Elvira Maria Godinho de Seixas; OVIEDO, Rafael Antônio Malagón. **Os sentidos da Saúde e da Doença**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013, 119 p.
- DALAQUA, Gustavo Hessmann. O que é opressão? In: ABREU, Janaina M; PADILHA, Paulo Roberto. (Org.) **Aprenda a dizer a sua palavra**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020, p. 81-88.
- DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. HOLZER, Werther. São Paulo: Perspectiva, 2011, 159 p.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Livre. Plataforma Gueto, 2013, 171 p.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Rev. Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40-52, 2003.
- DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; DOARÉ, Hélène Le; SENOTIER, Danièle. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 173-178.
- DONNANGELO, Maria Cecília F. A conceptualização do social na interpretação da doença: balanço crítico. In: CARVALHEIRO, José da Rocha; HEIMANN, Luiza Sterman;

DERBLI, Márcio (Org.). **O social na epidemiologia**: um legado de Cecília Donnangelo. São Paulo: Instituto de Saúde, 2014. p. 47-84.

DUFF, Cameron. Assemblages, territories, contexts. **International Journal of Drug Policy**, n. 33, p. 15-20, 2016.

DYCK, Isabel. Feminism and Health Geography: twin tracks or divergent agendas?, **Gender, Place and Culture**, v. 10, n. 4, p. 361–368, 2003.

EGLER, Tamara Tania Cohen. Interação social no espaço urbano: encontros ou confrontos? In: RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Repensando la experiencia urbana de América Latina**: cuestiones, conceptos y valores. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000, p. 205-220.

ELDER JUNIOR, Glen H; JOHNSON, Monica Kirkpatrick; CROSNOE, Robert. The emergence and development of the life course. In: MORTIMER, Jeylan T; SHANAHAN, Michael J. [org.]. **Handbook of the life course**. New York: Plenum Press, 2003, p. 3-19.

ELHAJJI, Mohammed. Memória coletiva e espacialidade étnica. **Rev. Galáxia**, n. 4, p. 177-191, 2002.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Rev. Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 185-204, 2010.

FERNANDES, Claudemar Alves; ALVES JÚNIOR, José Antônio. História e memória em movimentos discursivos. In: GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise; KOGAWA, João Marcos Mateus Kogawa (Org.). **Análise do discurso e semiologia**: problematizações contemporâneas. Araraquara, FCL-UNESP: Cultura Acadêmica, 2012, p. 315-329.

FERNANDES, Eugênia M; MAIA, Ângela. Grounded Theory. In: FERNANDES, Eugênia M; ALMEIDA, Leandro. **Modelos e técnicas de avaliação**: novos contributos para a prática e investigação psicológicas. Braga - Portugal: CEEP Edições, 2002, p.49-76.

FERNANDES, Maria Esther. História de vida: dos desafios de sua utilização. **Rev. Hospitalidade**, v. VII, n. 1, p. 15-31, 2010.

FERNANDÉZ, Oscar. Biología filosófica: un puente epistemológico entre la biología mecanicista y las ciencias humano/sociales. **Ludus Vitalis**, v. XIX, n. 36, p. 235-242, 2011.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Ver a cidade**: cidade, imagem, leitura. São Paulo: Nobel, 1988, 111 p.

FERRAZ, João de Sousa. **William James e o eu existencial**. Limeira: Letras da Província, 1982, 100 p.

FILIPOUSKI, Ana Maria; NUNES, Maria Denise Crespo. **Juventudes**: diálogos e práticas. Erechim: Edelbra, 2012. 144.p.

FLICK, Uwe. Pesquisa qualitativa: porque e como fazê-la. In: _____ **Métodos de Pesquisa**: Introdução a pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre – RS: Artmed, 2009, p. 20-38.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 77-86.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. SAMPAIO, Laura Fraga de Almeida. 5 ed. São Paulo: Edições Layola, 1999, 79 p.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Trad. NEVES, Luiz Felipe Baeta. 3º ed. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1979a, p. 244.

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. MACHADO, Roberto. Rio de Janeiro: Graal, 1979b, 295 p.
- FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Trad. MACHADO, Roberto. Rio de Janeiro. Editora Forense – Universitária, 1977, 241 p.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. RAMALHETE, Raquel. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991, 277 p.
- FRANÇA, Vera Veiga; LOPES, Suzana Cunha. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. **Rev. Matrizes**, v. 11, n. 3, p. 71-87, 2017.
- GALVÃO, Jane. As respostas das organizações não-governamentais brasileiras frente à epidemia de HIV/AIDS. In: PARKER, Richard (Org.). **Política, instituições e AIDS – enfrentando a epidemia no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora/Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS. 1997, p. 69-108.
- GAMALHO, Nola Patricia. Narrativas do espaço nas histórias de vida: os desafios da metodologia qualitativa na Geografia. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino (Org.). **Abordagem e práticas da pesquisa em Geografias e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre - RS: Editora Letras1, 2016, p. 35-48.
- GARCIA, Sandra; KOYAMA, Mitti Ayako Hara. Estigma, discriminação e HIV/Aids no contexto brasileiro, 1998 e 2005. **Rev. Saúde Pública**, n. 42, v. 1, p.72-83, 2008.
- GARCIA, Sandra; SOUZA, Fabiana Mendes de. Vulnerabilidades ao HIV/AIDS no contexto brasileiro: iniquidades de gênero, raça e geração. **Rev. Saúde e sociedade**, v. 19, n. 2, p. 9-20, maio. 2010.
- GARCÍA-RAMON, Maria Dolors. El análisis de genero y la Geografia: reflexiones en torno a un libro reciente. **Documents d' Anàlisi Geogràfica**, n. 6, p. 133-143, 1985.
- GARCÍA-RAMON, Maria Dolors. Genero, espacio y entorno: ihacia una renovacion conceptual de la geografia? Una introduccion. **Rev. Documents D' Anàlisi Geogràfica**, v. 14, p. 7-13, 1989.
- GERALDES, Sonia Maria. Mulheres e AIDS: o libelo da complexidade. In: MEDINA, Cremilda Celeste de Araújo. **Aids, na rota da esperança**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2011, p. 16-34.
- GIBBS, Graham. Codificação e categorização temática. In: _____. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre - RS: ARTMED EDITORA S.A, 2009, 59-78.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. Por uma geografia do sagrado. **RA'E GA: o Espaço Geográfico em Análise**, v. 5, p. 67-78, 2001.
- GILL, Rosalind. A análise de discurso. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. BAUER, Martin W; GASKELL, George. (Org.]. Trad. GUARESCHI, Pedrinho A. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 244-270.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988, 158 p.
- GOLDSTEIN, Donna. O lugar da mulher no discurso sobre AIDS no Brasil. In: PARKER, Richard; GALVÃO, Jane (Org.). **Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: Relumé-Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996, p. 137-152.
- GOMES, Marcia Pereira; BARBOSA, Diego Jacintho; GOMES, Antonio Marcos Tosoli; SILVA, Girlene Alves da; SOUZA, Fabiana Barbosa Assumpção de; SILVA, André Luís

Brugger. A fé e a esperança como ferramenta de suporte frente ao diagnóstico positivo de HIV. **Rev. Fragmentos de cultura**, v. 30, n. 1, 116-123 2020.

GÓMEZ-ARIAS, Rubén Darío. ¿Qué se ha entendido por salud y enfermedad? **Rev. Facultad Nacional de Salud Pública**, v. 36, n. 1, p. 64-102, 2018.

GONÇALVES, Camila Salles. Técnicas básicas: duplo, espelho e inversões de papéis. In: MONTEIRO, Regina Fourneaut (Org.). **Técnicas fundamentais do Psicodrama**. São Paulo: Editora Ágora, 1998. p.17-26.

GONTAREK, Dimas Diego. Honra, paixão e sangue: a constituição relacional do espaço doméstico e masculinidades violentas envolvidas em violência doméstica na cidade de Ponta Grossa, Paraná. 146 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território – Área de concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

GONTAREK, Dimas Diego; SILVA, Joseli Maria. Violência doméstica e masculinidades: uma análise geográfica. **Rev. Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n. 2, p. 188-207, 2020.

GRANGEIRO, Alexandre; SILVA, Lindinal Laurindo da; TEIXEIRA Paulo Roberto. Resposta à AIDS no Brasil: contribuições dos movimentos sociais e da reforma sanitária. **Rev. Panamericana Salud Publica**, v. 26, n. 1, p. 87-94, 2009.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**, v. 39, p. 13-21, 1995.

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. Produção de subjetividade e individualidade. In: _____. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996, p. 31-36.

GUERRA, Estêvão Monteiro. A técnica psicodramática da “concretização” e suas relações com o desenvolvimento humano. **Ciências & Cognição**, v. 13, p. 114-130, 2008.

GUERREIRO, Maria das Dores; ABRANTES, Pedro. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. **Rev. Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, n. 58, p. 157-175, 2005.

GUIMARÃES, Carmem Dora. O comunicante, a comunicada: a transmissão sexual do HIV. In: PAIVA, Vera. (Org.). **Em tempos de AIDS: viva a vida: sexo seguro, prevenção, drogas, adolescentes, apoio psicológico aos portadores**. São Paulo: Summus, 2. ed. 1992, p. 147-157.

GUIMARÃES, Katia. Nas raízes do silêncio: a representação cultural da sexualidade feminina e a prevenção do HIV/AIDS. In: PARKER, Richard; GALVÃO Jane. **Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996, p. 90-111.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Trajetórias inseguras, autonomização incerta: os jovens e o trabalho em mercados sob intensas transições ocupacionais. In: CAMARANO, Ana Amélia. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?**. Rio de Janeiro: IPEA, 2006. p. 171-198.

GUIMARÃES, Raul Borges. **Geografia de Morpheus: memória e imaginário urbano**. Presidente Prudente: Azimute, 2006. 121p.

GUIMARÃES, Raul Borges. Geografia e saúde coletiva no Brasil. **Rev. Saúde e Sociedade**, v.25, n.4, p.869-879, 2016.

GUIMARÃES, Raul Borges. Saúde Coletiva e o fazer geográfico. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 41, v. 1, Dossiê “60 Anos do Departamento de Geografia da UNESP/FCT”, p. 119-132, 2019.

GUIMARÃES, Raul Borges. Saúde Pública e Política Urbana: memória e imaginário social. 2000. 224 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GUIMARÃES, Raul Borges. **Saúde: Fundamentos de Geografia Humana**. São Paulo (SP). Editora UNESP. 2015, 110 p.

GUIMARÃES, Raul Borges; PICKENHAYN, Jorge Amâncio; LIMA, Samuel do Carmo. **Geografia e saúde: sem fronteiras**. 1. ed. Uberlândia: Assis, 2014. v. 1. 160p.

GUTERRES, Simone Bastos. Classe social e gênero: elementos para uma controvérsia. 2001. 130 f. (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Campinas, Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Campinas.

HALLAL, Ronaldo; RAVASI, Giovanni; KUCHENBECKER, Ricardo; GRECO, Dirceu; SIMÃO, Mariângela. O acesso universal ao tratamento antirretroviral no Brasil. **Rev. Tempus Actas em Saúde Coletiva**, v. 4, p. 53-65, 2010.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. L. Método e metodologias na pesquisa das Geografias com cultura e sociedade. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz L; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino (Org.). **Abordagem e práticas da pesquisa em Geografias e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre - RS: Editora Letras1, 2016, p.15-34.

HEILBORN, Maria Luiza; CABRAL, Cristiane. Parentalidade juvenil: transição condensada para a vida adulta. In: CAMARANO, Ana Amélia. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?**. Rio de Janeiro: IPEA, 2006. p. 225-256.

HEIMANN, Luiza S; CARVALHEIRO, José da Rocha; DONATO, Ausônia F; IBANHES, Lauro C; LOBO, Elza Ferreira; PESSOTO, Umberto Catarino. **O município e a saúde**. São Paulo: Hucitec, 1992, 200 p.

HENDRY, Leo B; KLOEP, Marion. Conceptualizing Emerging Adulthood: Inspecting the Emperor's New Clothes? **Rev. Child development perspectives**, v. 1, n. 2, p. 74-79, 2007.

hooks, bell. **Feminist theory: from margin to center**. Boston: South End, 1984, 174 p.

HOPKINS, Peter. Feminist geographies and intersectionality. **Gender, Place & Culture**, v. 25, n.4, p. 585–590, 2018.

HUTCHISON, Elizabeth D. A life course perspective. In:_____. **Dimensions of human behavior: The changing life course**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2011, p. 1-38.

HUTTA, Jan Simon. Affective territories: cartography of aconchego as cartography of power. **Rev. Geografia em Atos (GeoAtos online)** - Afetos e emoções: abordagens teórico-metodológicas na análise do Espaço Geográfico - v. 05, n. 12, p.8-36. 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2014. Panorama de Presidente Prudente – SP. @Cidades. Rio de Janeiro: IBGE.

JACOBI, Pedro. A cidade e os cidadãos. **Rev. LUA NOVA**, v. 2, n.4, p. 22-26, 1986.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011, 212 p.

JOFFE, Hélène. “Eu não”, “O meu grupo não”: representações sociais transculturais da AIDS. In: GUARESCHI, Pedrinho A; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em representações sociais**. 2º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 297-322.

JUNQUEIRA, Luciano A. Prates; INOJOSA, Rose Marie. Descentralização do modelo de prestação dos serviços de saúde em São Paulo. **Rev. Administração Pública**, v. 24, n. 4, p. 07-25, 1990.

KAMALIPOUR, Hesam; PEIMANI, Nastaran. Assemblage Thinking and the City: Implications for Urban Studies, **Current Urban Studies**, v. 3, n. 4, p. 402-408, 2015.

KARSTEN, Lia; MEERTENS, Donny. La Geografia del género: sobre visibilidad, identidad y relaciones de poder. **Documents D’ Ànàlisi Geogràfica**, v. 20, p. 181-193, 1992.

KEARNS, Robin. Place and Health: towards a reformed medical geography. **Rev. Place and Health**, v. 45, n. 2, p. 139-147, 1993.

KOIDE, Kelly. A plasticidade da normatividade: reflexões sobre a vida biológica e social com a Doença de Chagas. **Rev. Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v. 12, n. 1, p. 153-173, 2019.

KRONBAUER, José Fernando Dresch; MENEGHEL, Stela Nazareth. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. **Rev. Saúde Pública**, v. 39, n. 5, p. 695-701, 2005.

KUHLMANN, Ellen; BABITSCH, Birgit. Bodies, health, gender—bridging feminist theories and women’s health. **Women’s Studies International Forum**, v. 25, n. 4, p. 433-442, 2002.

KWAN, Mei-Po. The uncertain geographic context problem. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 102, n. 5, p. 958-968, 2014.

LADEIRA, Wânia Terezinha. Teoria e métodos de pesquisa qualitativa em sociolinguística interacional. **Rev. de Ciências Humanas**, v. 7, n. 1, p. 43-56, 2007.

LAKETA, Sunčana. Geopolitics of Affect and Emotions in a Post-Conflict City. **Rev. GEOPOLITICS**, v. 21, n. 3, p. 1-25, 2016.

LAN, Diana. Violencia de género, circuitos espaciales y micromachismos. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Org.). **Diálogos ibero-latino-americanos sobre Geografias feministas e das sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2017. p.177-189.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira; FRANÇA, Renné Oliveira. Do cotidiano ao acontecimento, do acontecimento ao cotidiano. **Rev. da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - E-compós**, v.11, n.3, p. 1-13, 2008.

LAURELL, Asa Cristina. A saúde-doença como processo social. **Rev. Latinoamericana de Salud, México**, n. 2, p. 7-25, 1982.

LEÃO, Geraldo; CARRANO, Paulo César Rodrigues. O Jovem Milton: a individuação entre igreja e a educação social. **Rev. Educação & Realidade**, v. 38, n. 3, p. 895-914, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. PEREIRA, Doralice Barros; MARTINS, Sérgio (do original: La production de l’espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006a.

LEFEBVRE, Henri. **Critique of Everyday Life, Volume III: From Modernity to Modernism (Towards a Metaphilosophy of Daily Life)**. Trad. ELLIOTT, Gregory. New York: Verso, 2005, 1030 p.

- LEFEBVRE, Henri. **Ritmo-análisis: espacio, tiempo y vida cotidiana**. Trad. ELDEN, Stuart; MOORE, Gerald. Ediciones Syllepse, París.[1992]. Nova York: Continuum, 63 p. 2006b.
- LÉVY, Jacques. Actores, objetos, entornos: inventar el espacio para leer el mundo. In: LINDÓN, Alicia; HIERNAUX, Daniel. **Los giros de la Geografía Humana**. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; México: Universidad Autónoma Metropolitana. Iztapalapa, 2010, p. 83-90.
- LEWIS, R. Barry. ATLAS/ti and NUD-IST: a comparative review of two leading qualitative data analysis packages. **Cultural Anthropology Methods**, Thousand Oaks – Califórnia, v. 10, n. 3, p. 41-47, 1998.
- LIMA, Samuel do Carmo. **Território e promoção da saúde: perspectiva para a atenção primária à saúde**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, 182 p.
- LIMA, Marcia de; SCHRAIBER, Lília Blima. Violência e outras vulnerabilidades de gênero em mulheres vivendo com HIV/AIDS. **Temas em Psicologia**, v. 21, p. 947-960, 2013.
- LIMONAD, Ester; RANDOLPH, Rainer. Cidade e lugar: sua representação e apropriação ideológica. **Rev. Brasileira de estudos urbanos e regionais**, n. 05, p. 09-22, 2002.
- LOPES, Lindicéia Batista de França; SILVA, Irizelda Martins de Souza e. Concepção de infância: uma busca pela trajetória do legalizado. **Rev. HISTEDBR On-line**, n. 25, p. 132-140, 2007.
- LÓPEZ, Laura Cecilia. Uma análise das políticas de enfrentamento ao HIV/AIDS na perspectiva da interseccionalidade de raça e gênero. **Rev. Saúde e Sociedade**, v. 20, n. 3, p. 590-603, 2011.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: autêntica, 2007, 176 p.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 96 p.
- LÖW, Martina. O spatial turn: para uma sociologia do espaço. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 25, n. 2, p. 17-34, 2013.
- LÖW, Setha M. Embodied Space(s): Anthropological Theories of Body, Space, and Culture. **Space & culture**, v. 6, n. 1, p. 9-18, 2003.
- LUKÁCS, George. **Realismo crítico hoje**. 2 ed. Brasília: Thesaurus Editora, 1991, 206 p.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. O (velho e bom) caderno de campo. **Revista Sexta-feira**, n. 1, P. 1-4, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. Análise de discurso: a questão dos fundamentos. **Cad. Est. Ling.**, v. 19, p. 65-74, 1990.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas - SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997, 198 p.
- MANN, Jonathan; TARANTOLA, Daniel J. M; NETTER, Thomas W. **Aids in the world: the global AIDS policy coalition**. Cambridge, Boston: Harvard University Press; 1992.
- MANZINI, Eduardo José. A entrevista na pesquisa social. **Rev. Didática**, v. 26, n. 27, p. 149-158, 1991.
- MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a transcrição de entrevistas. In: MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva. Maria (Org.). **Técnicas de Pesquisa: planejamento e**

execução de pesquisas. Amostragens e técnicas de pesquisa. Elaboração, análise e interpretação de dados. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010, p. 1-23.

MARCHETTI, Márcio Catharin. O perfil da população e a espacialização dos casos registrados de AIDS em Londrina: uma contribuição para a Geografia da Saúde. 2011. 169 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina.

MARES, Rizia Mendes. A dimensão afetiva na experiência urbana: os sentidos do habitar na cidade contemporânea. **Rev. Geografia em Atos (GeoAtos online)** - Afetos e emoções: abordagens teórico-metodológicas na análise do Espaço Geográfico - v. 05, n. 12, p.82-98, 2019.

MARINS, José Ricardo Pio. Acesso universal aos ARV hoje, uma prioridade mais do que nunca! **Rev. Tempus Actas de Saúde Coletiva**, v. 4, n. 2, p. 75-88, 2010.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; MAFRA, Rennan Lanna Martins. Diálogo, o acontecimento e a criação de cenas de dissenso em contextos organizacionais. **Rev. Dispositiva**, v.2, n.2, p. 2-20, 2014.

MARRE, Jacques. A construção do objeto. In:_____. **A construção do objeto científico na investigação empírica**. Porto Alegre: UFRGS (mimeo), 1991, p. 09-32.

MARSTON, Sallie A. The social construction of scale. **Progress in Human Geography**. v. 24, n. 2, p. 219-242, 2000.

MARTINS, Elvio Rodrigues. As dimensões do geográfico: um diálogo com Armando Corrêa da Silva. **Rev. GEOUSP, Espaço e Tempo**, n. v. 18, n. 1, p. 40-54, 2014.

MARTINS, Elvio Rodrigues. Dimensões do geográfico: da quantidade à qualidade, do ente ao ser. **Rev. GEOUSP, Espaço e Tempo**, n. v. 24, n. 1, p. 08-26, 2020.

MARTINS, Elvio Rodrigues. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. **Rev. GEOUSP: Espaço e Tempo**, n.21, p.33-51, 2007.

MARTUCCELLI, Danilo. La individuación como macrosociología de la sociedad singularista. **Rev. Persona y Sociedad, Santiago - Chile**, v. 24, n. 3, p. 9-29, 2010.

MASSEY, Doreen. Concepts of Space and Power in Theory and in Political Practice. **Documents d'Anàlisi Geogràfica**. v. 55, p. 15-26, 2009.

MASSEY, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **Rev. GEOgraphia**, Ano. VI, n. 12, p. 07-23, 2004.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Trad. MACIEL, Hilda Pareto; HAESBAERT, Rogério. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, 312 p.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio A. **O espaço da diferença**. Campinas-SP: Papirus, 2000. P. 176-185.

MATTHEWS, Stephen A. Uncertain Geographic Context Problem. **International Encyclopedia of Geography**. In: RICHARDSON, Douglas. Malden, Oxford: John Wiley & Sons, Ltd. 2017, p. 1-11.

MATTOSO, Francinelly Aparecida. Dinâmicas sócio-espaciais e as experiências dos jovens na cidade desigual. **Rev. Libertas**, v. 10, n. 1, p. 73-101, 2010.

MAY, Tim. Observação participante: perspectivas e prática. In:_____. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Trad. SOARES, Carlos Alberto Silveira Netto. 3º ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 173-203.

- McCALL, Leslie. The complexity of intersectionality. **Signs**, v. 30, n. 3, p. 1771-1800, 2005.
- McDOWELL, Linda. Beyond patriarchy: a class-based explanation of women's subordination. **Antipode**, v. 18, n. 3, 1986, p. 311-321.
- McDOWELL, Linda. Dentro y fuera de lugar: cuerpo y corporeidad. In: _____. **Gênero, identidade y lugar: un estudio de las geografías feministas**. Madri: Ediciones Cátedras, 1999. p. 59-109.
- McDOWELL, Linda. Doing Gender: feminism, feminists and research methods in human geography. In: **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.17, n. 4, London, p. 399-416, 1992.
- McDOWELL, Linda. Men, management and multiple masculinities in organisations. **Geoforum**, v. 32, n. 2, p. 181 198, 2001.
- MCLEOD, Jane D; ALMAZAN, Elbert P. Connections between Childhood and Adulthood. In: MORTIMER, Jaylan. T; SHANAHAN, Michael J. [org.], **Handbook of the life course**. New York: Plenum Press, 2003, p. 391-406.
- MEDINA, Cremilda Celeste de Araújo. **Aids, na rota da esperança**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2011, 108 p.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002. 248p.
- MEJÍA, Rafael Estrada. Etnografia, cartografia e devir: potencialidades da escritura nas pesquisas antropológicas contemporâneas. In: KOFES, Suely; MANICA, Daniela [org.]. **Vida & grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia**. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015, p. 90-110.
- MELLO, Guilherme Arantes; IBÁÑEZ, Nelson; VIANA, na Luiza d'Ávila. Um olhar histórico sobre a questão regional e os Serviços Básicos de Saúde no Estado de São Paulo. **Saúde e Sociedade**, v. 20, n. 4, p.853-866, 2011.
- MENEGHEL, Stela Nazareth; BARBIANI, Rosangela; STEFFEN, Helenita; WUNDER, Ana Paula; ROZA, Marisa Dalla; ROTERMUND, Juliana; BRITO, Sarita; KORNDORFER, Carla. Impacto de grupos de mulheres em situação de vulnerabilidade de gênero. **Caderno de Saúde Pública**, v. 19; n. 4, p. 955-963, 2003.
- MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2014, 164 p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teorias, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.17, n. 3: p. 621-626, 2012.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: _____. **Teoria, método e criatividade**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994, p. 09-30.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006, 132 p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. **História, Ciências, Saúde**, v. IV, n. 3, p. 513-531, 1998.
- MIOTELLO, Valdemir. Deve haver uma perspectiva discursiva em que a memória do passado é instabilizada pela memória do futuro para constituir sentidos agora. Daí que os projetos de dizer dos sujeitos têm importância. In: CAGLIARI, Luiz Carlos. (Org.). **O tempo e a linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008, p. 145-156.

- MOLINA, Ana Maria Ricci; KODATO, Sérgio. Trajetória de vida e representações sociais acerca da prostituição juvenil segundo suas participantes. **Temas em Psicologia da SBP**, v. 13, n. 01, p. 09-17, 2005.
- MONTEIRO, Ana Lucia; VILELA, Wilza Vieira. A criação do Programa Nacional de DST e Aids como marco para a inclusão da ideia de direitos cidadãos na agenda governamental brasileira. **Psicologia política**, v. 9, n. 17, p. 25-45, 2009.
- MONTEIRO, Angélica; LEAL, Guaraciara Barros. **Mulher: da luta e dos direitos**. Brasília: Coleção Brasil, 1998, 65 p.
- MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.
- MOREIRA, Isabel Cristina Cavalcante Carvalho; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza. A violência no cotidiano da prostituição: invisibilidades e ambiguidades. **Rev. Latino-americana de Enfermagem**, v. 20, n. 05, p. 02-08, 2012.
- MOREIRA, Ruy. **Geografia e práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas**. São Paulo: Contexto, 2012, 221 p.
- MOTTA, Alda Britto da. Gênero, família e fases do ciclo de vida. **CADERNO CRH**, n. 29, p. 13-20, 1998.
- MUSSALIM, Fernanda. Apontamentos sobre a categoria de tempo na análise do discurso. In: CAGLIARI, Luiz Carlos (Org.). **O tempo e a linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008, p. 157-179.
- NABOZNY, Almir; ORNAT, Marcio José. Geografia e gênero: da crítica à racionalidade à aproximação pós-estruturalista. **Rev. Mercator**, v. 8, n. 15, p. 29-35, 2009.
- NARZETTI, Claudiana N. P. Contribuições de M. Pêcheux e M. Bakhtin para o estudo das novas discursividades. In: GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise; KOGAWA, João Marcos Mateus Kogawa (Org.). **Análise do discurso e semiologia: problematizações contemporâneas**. Araraquara, FCL-UNESP: Cultura Acadêmica, 2012, p. 57-79.
- NEMES, Maria Ines Battistella; CASTANHEIRA, Elen Rose Lodeiro; MELCHIOR, Regina; ALVES, Maria Teresa Seabra Soares de Britto e; BASSO, Cáritas Relva. Avaliação da qualidade da assistência no programa de AIDS: questões para a investigação em serviços de saúde no Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v. 20, n. 2, p. 310-321, 2004.
- NEVES, Tiago Iwasawa; PORCARO, Luiza Almeida; CURVO, Daniel Rangel. Saúde é colocar-se em risco: normatividade vital em Georges Canguilhem. **Rev. Saúde e Sociedade**, v.26, n.3, p.626-637, 2017.
- NUNES JÚNIOR, Sebastião Silveira; CIOSAK, Suely Itsuko. Terapia antirretroviral para HIV/AIDS: o estado da arte. **Rev. de Enfermagem UFPE on line**, v. 12, n. 4, 1103-1111, 2018.
- OLIVEIRA, Danilo Rodrigues de. A dinâmica da distribuição espacial da infecção por HIV e da mortalidade por AIDS no município de São Paulo de 1996 a 2007. 2011. 100 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista: o ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, 152 p.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Rev. de Antropologia**, v. 39, n. 1, 1996, p. 13-37, 1996.

OLIVEIRA, Sérgio de Freitas. As vozes presentes no texto acadêmico e a explicitação da autoria. **Pedagogia em Ação**, v. 6, n. 1, p. 03-21, 2014.

OTA, Maria Eduarda. A dicotomia público/privado revisitada uma crítica feminista às teorias morais. **Rev. Intuitio**, v. 6, n. 2, p. 145-160, 2013.

OVIDO, Rafael Antônio Malagón; CZERESNIA, Dina. O conceito de vulnerabilidade e seu caráter biossocial. **Rev. Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, n. 19, v. 53, p. 237-249, 2015.

PAIM, Jairnilson Silva. **O que é o SUS**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009, 144 p.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Rev. Análise Social**, v. XXV, p. 139-165, 1990.

PAIVA, Carlos Henrique Assunção; TEIXEIRA, Luiz Antônio. Reforma sanitária e a criação do Sistema Único de Saúde: notas sobre contextos e autores. **História, Ciências, Saúde**, v.21, n.1, 2014, p.15-35.

PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais da Geografia I: conceitos para uma Geografia do que acontece. **Rev. Finisterra**, v. LII, n. 106, p. 159-168, 2017.

PAIVA, Vera; ALONSO, Luiza. Apresentação – Em tempos de AIDS. In: PAIVA, Vera (Org.). **Em tempos de AIDS: viva a vida: sexo seguro, prevenção, drogas, adolescentes, apoio psicológico aos portadores**. São Paulo: Summus, 2º ed.,1992, p. 07-15.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Ed. Best Seller/Ed. Nova Cultural LTDA,1991, 295 p.

PARKER, Richard. GALVÃO Jane. **Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996, 206 p.

PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. **Estigma, discriminação e AIDS**. Rio de Janeiro: Coleção ABIA – Cidadania e direitos, 2001, 45 p.

PAULA, Flavia Maria de Assis. (Re) territorializações e territorialidades juvenis na metrópole de goiânia: das práticas espaciais às redes de sociabilidade. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes. **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015, p. 185-204.

PAULA, Flavia Maria de Assis; PIRES, Lucineide Mendes. Os jovens e a cidade: práticas espaciais, redes de sociabilidade e constituição de territorialidades. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 35, p. 87-106, 2013.

PAULA, Larissa Araújo Coutinho de; PEDROSO, Mateus Fachin. Gênero em espacialidades geográficas: trajetórias e coetaneidade. **Rev. Geografia em Atos (Geo Atos online)** – Dossiê “Gênero e sexualidade nas tramas geográficas: espaço e interseccionalidade” - v. 1, n. 16, p. 5-19, 2020.

PAULILO, Maria Angela Silveira. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**, v. 2, n. 2, p.135-148, 1999.

PEARCE, Jamie P. Complexity and uncertainty in Geography of health research: incorporating life-course perspectives. **Annals of the American Association of Geographers**, v. 108, n. 6, p. 1491-1498, 2018.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5. ed. Tradução: ORLANDI, Eni P. Campinas: Pontes Editores, 2008. 68 p.

PEDRO MIYAZAKI, Leda Correia; SILVA, Erika Cristina Nesta; NUNES, João Osvaldo Rodrigues. Transformações na paisagem e formação de depósitos tecnogênicos em

conjuntos habitacionais de presidente Prudente-SP. **Rev. Formação**, v.1, n.25, p. 105-131, 2017.

PEDROSO, Mateus Fachin. **Contextos geográficos da AIDS e os espaços vividos por jovens com HIV em Presidente Prudente – SP**. 2017. 243 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente.

PEDROSO, Mateus Fachin. Pelos olhos delas: a interpretação da paisagem por mulheres vivendo processos de saúde-doença. **Rev. Pegada - Geografia do Trabalho**, v. 23, p. 1-22, 2022.

PEDROSO, Mateus Fachin. Situacionalidade e interpretações: quantas geografias cabem em uma vida? **Rev. Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 10, n. 2, p. 66-78, 2019.

PEDROSO, Mateus Fachin; GUIMARÃES, Raul Borges. A análise da subjetividade em Geografia da Saúde: abordagem qualitativa de soropositivos em HIV em Presidente Prudente - SP. **Rev. Geografia em Atos**, v. 2, p. 1-9, 2015.

PEDROSO, Mateus Fachin; GUIMARÃES, Raul Borges. É preciso recuar para avançar: passos metodológicos do estudo geográfico sobre mulheres soropositivas HIV/AIDS. In: Eduardo Augusto Werneck Ribeiro; Martha Priscila Bezerra Pereira; Jane Kelly Oliveira Friestino. (Org.). **Práticas complementares: alternativas em saúde**. 01ed. Blumenau - SC: Editora Instituto Federal Catarinense, 2019b, v. 01, p. 29-38.

PEDROSO, Mateus Fachin; GUIMARÃES, Raul Borges. Geografia do HIV/AIDS entre falas: análise do discurso de jovens soropositivos em Presidente Prudente, SP. **Rev. Brasileira de Geografia Médica e da Saúde – Hygeia**, v. 15, n. 31, p. 82-94, 2019a.

PEDROSO, Mateus Fachin; GUIMARÃES, Raul Borges. Marcas do HIV/AIDS em Corpos Jovens: Rupturas e Ressignificações no Espaço Urbano. **Rev. Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 2, p. 23-50, 2017.

PEREIRA, Clevisson Junior; GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da religião, espaço sagrado e pentecostalismo: análise de uma espacialidade pentecostal. **Rev. RELEGENS THRESKEIA** - Estudos e pesquisa em religião, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 63-78, 2012.

PEREIRA, Sílvia Regina. Expansão e estruturação interna do espaço urbano de Presidente Prudente-SP. **Rev. Formação**, v. 2, n. 13, p. 55-72, 2006.

PEREIRA, Sílvia Regina. Percursos urbanos: mobilidade espacial, acessibilidade e o direito à cidade. 2006. 323 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

PEREIRA, Sílvia Regina. Subcentros e condições de vida no Jardim Bongiovani e Conjunto Habitacional Ana Jacinta - Presidente Prudente-SP. 194 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2001.

PÉREZ, María Luisa Bacarlett; DE LA CRUZ, Amalia María Lechuga. Canguilhem y Foucault: de la normatividad a la normalización. **Ludus Vitalis**, v. XVII, n. 31, p. 65-85, 2009.

PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Geografia e pesquisa qualitativa: um olhar sobre o processo investigativo. Rio de Janeiro: **Geo UERJ**, v. 1, n. 23, p. 04-18, 2012.

PESSOTO, Umberto Catarino. A regionalização do Sistema Único de Saúde – SUS no fim dos anos 1990: um discurso conservador. 2010. 190 f. Tese (Doutorado em Geografia) –

Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, 2010.

PETRINI, Maria; POZZEBON, Marlei. Usando Grounded Theory na construção de modelos teóricos. **Rev. Gestão e Planejamento**, v. 10, n. 1, p. 1-18, 2009.

PINAFI, Tânia. Estudos sobre o modelo de combate à violência contra a mulher no Brasil e na Argentina. In: MATTIOLI, Olga Ceciliato; ARAÚJO, Maria de Fátima; RESENDE, Vera da Rocha. **Violência e relações de gênero: o desafio das práticas institucionais**. Curitiba: Editora CRV, 2013, p. 23-30.

PINTO, Cândida Martins. A teoria fundamentada como método de pesquisa. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM LETRAS: LÍNGUA E LITERATURA NA PÓS-MODERNIDADE, XII, 2012, Santa Maria – RS: Anais... 2012, p. 1-8.

PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da. **Plurilocalidade dos sujeitos: representações e ações no território**. Porto Alegre: Compasso-Lugar Cultura, 2016, 228 p.

PIRES, Lucineide Mendes. Culturas geográficas de alunos-jovens: uma referência para a formação de professores de Geografia. 2013. 267 f. Tese (Doutorado no Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

PIRES, Lucineide Mendes. Os jovens na/da cidade: da cultura geográfica ao direito à cidade. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes. **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015, p. 159-184.

POLLAK, Michael. **Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1990.

PRADO, Rogério Ruscitto do. Análise espaço-temporal dos casos de AIDS no estado de São Paulo – 1990 a 2004. 2008. 106 f. Tese (Doutorado em Ciências – Medicina Preventiva) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.

PRESIDENTE PRUDENTE. **Serviços de Atendimento Especializado (SAE)**, Presidente Prudente – SP. Pesquisa documental, 2018.

PRIORE, Mary del. **Ao sul do corpo: condições femininas, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009, 304 p.

PRZYBYSZ, Juliana. Articulando os espaços público e privado: transformações das espacialidades vividas por mulheres responsáveis pelo domicílio, após a dissolução conjugal na cidade de Ponta Grossa – Paraná. 2011. 181 f. Dissertação (Mestrado em Geografia – Gestão do Território) Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa - PR.

PRZYBYSZ, Juliana. Nem Santas Nem Putas, Apenas Mulheres: Espacialidades De Mulheres Prostitutas De Baixa Renda No Exercício De Maternagens Em Ponta Grossa – PR, 2017. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.

PRZYBYSZ, Juliana; SILVA, Joseli Maria. A ‘puta que pariu’: a desconstrução da dualidade entre sexualidades transgressoras e maternagens na instituição dos espaços de prostituição feminina. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **Diálogos ibero-latino-americanos sobre Geografias feministas e das sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2017. p. 111-127.

PRZYBYSZ, Juliana; SILVA, Joseli Maria. Pesquisar para transgredir: fazendo Geografias feministas corporificadas. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 51-62, 2019.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: Do Indizível ao Dizível. In: Von Simon, Olga Moraes (Org.). **Experimentos com História de Vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988.

QUILODRÁN, Julieta. Trayectorias de vida: un apoyo para la interpretación de los fenómenos demográficos, **Estudios Sociológicos**, v. 14, n. 41, p. 393-416, 1996.

RAMOS, Élvys Christian Madureira; MILANI, Patrícia Helena. O corpo fora de lugar: de uma geografia dos indivíduos para uma geografia dos sujeitos. **Rev. GEOgraphia**, v. 24, n. 52, p. 01-18, 2022.

RAPPAPORT, Joanne. Más allá de la escritura: la epistemología de la etnografía en colaboración. **Rev. Colombiana de Antropología**, v. 43, p. 197-229, 2007.

REIS, Cláudia Tartaglia; CZERESNIA, Dina; BARCELLOS, Christovam; TASSINARI, Wagner Souza. A interiorização da epidemia de HIV/AIDS e o fluxo de intermunicipal de internação hospitalar na Zona da Mata, Minas Gerais, Brasil: uma análise espacial. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 6, p. 1219-1228, 2008.

RENNIE, David L; PHILLIPS, Jeffrey R; QUARTARO, Georgia K. Grounded Theory: A promising approach to conceptualization in psychology? **Canadian Psychology**, n. 29, p. 139-15, 1988.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017, 112 p.

RIBEIRO, Eduardo Augusto Werneck. A análise geográfica dos gastos municipais em saúde. 139 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.

RIBEIRO, Eduardo Augusto Werneck. As disputas políticas na gestão da saúde em Presidente Prudente. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 28, p. 103-119, 2006.

RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. **Tempo Social – Rev. De Sociologia da USP**, v. 11, n. 1, p. 189-195, 1999.

ROCHA, Luis Fernando. A eficácia social e a responsabilização criminal do agressor em tempos de Lei ‘Maria da Penha’. In: MATTIOLI, Olga Ceciliato; ARAÚJO, Maria de Fátima; RESENDE, Vera da Rocha. **Violência e relações de gênero: o desafio das práticas institucionais**. Curitiba: Editora CRV, 2013, p. 11-21.

ROCHA, Solange; VIEIRA, Ana Cristina de Souza; BARBOSA FILHO, Evandro Alves. **HIV AIDS e as teias do capitalismo, patriarcado e racismo: África do Sul, Brasil e Moçambique**. Recife: Editora UFPE, 2018, 515 p.

RODRIGUES, Cosete Silva; PERREAULT, Michel. A feminização do HIV/AIDS sob a perspectiva de mulheres infectadas: uma questão de gênero. In: **III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, 2013, Salvador. Enlaçando Sexualidades. Salvador: Editora da Universidade do Estado da Bahia, 2013.

RODRIGUES, Jean Carlos. A articulação de escalas geográficas para a interpretação do contexto religioso evangélico pentecostal: o caso de Londrina (PR). 2003. 153 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Câmpus de Presidente Prudente), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Presidente Prudente.

- ROLÓN, Adela. **El discurso sobre el sujeto y el sujeto del discurso**. San Juan, Argentina: FFHA, Universidad Nacional de San Juan, 2000. 244 p.
- ROMERA, Valderes Maria. Plug and Play: metodologia para o autodesenvolvimento social. Material didático, 2012, 47 p.
- ROSE, Gillian. **Feminism & Geography**. The limits of Geographical Knowledge. Cambridge: Polity Press, 1993.
- ROSE, Gillian. Situating knowledges: positionality, reflexivities and other tactics. **Progress in Human Geography**, n.3, p. 307-320, 1997.
- ROSENDAHL, Zeny. Geografia e religião: uma proposta. **Rev. Espaço e Cultura**, Ano. I, p. 45-74, 1995.
- SADALA, Maria Lúcia Araújo; MARQUES, Sílvio de Alencar. Vinte anos de assistência a pessoas vivendo com HIV/AIDS no Brasil: a perspectiva de profissionais da saúde. **Cad. Saúde Pública**, v. 22, n. 11, p. 2369-2378, nov. 2006.
- SAFATLE, Vladimir. O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem. **Rev. Scientiae studia**, v. 9, n. 1, p. 11-27, 2011.
- SAFATLE, Vladimir. O que significa estar doente? Repensar Georges Canguilhem. **Rev. Cult**, p. 45-48, 2006.
- SAFATLE, Vladimir. Uma certa latitude: Georges Canguilhem, biopolítica e vida como errância. **Rev. Scientiae studia**, v. 13, n. 2, p. 335-67, 2015.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976, 384 p.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, 151 p.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987, 120 p.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani; ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995, 218 p.
- SANCHES, Kátia Regina de Barros. A AIDS e as mulheres jovens: uma questão de vulnerabilidade. 1999. 153 f. (Tese de Doutorado – Ciências em Saúde Pública) Escola Nacional de Saúde Pública - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro (RJ).
- SANTOS, Karolina Reis dos. AIDS x Vida: a doença como uma possibilidade de transformação para o sujeito. 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP.
- SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 56, p. 81-99, jun. 1977.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 7. reimpr. São Paulo: Edusp, 2012, 394 p.
- SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985, 88 p.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006, 473 p.
- SANTOS, Naila Janilde Seabra. Mulher e negra: dupla vulnerabilidade às DST/HIV/aids. **Rev. Saúde e Sociedade**, v. 25, n.3, p. 602-618, 2016.

SANTOS, Naila Janilde Seabra; BARBOSA, Regina Maria; PINHO, Adriana A; VILLELA, Wilza V; AIDAR, Tirza; FILIPE, Elvira M. V. Contextos de vulnerabilidade para o HIV entre mulheres brasileiras. **Cadernos de Saúde Pública** (ENSP. Impresso), v. 25, p. 321-333, 2009.

SANTOS, Naila Janilde Seabra; TAYRA, Angela; SILVA, Sara Romera; BUCHALLA, Cassia Maria; LAURENTI, Ruy. A AIDS no Estado de São Paulo. As mudanças no perfil da epidemia e perspectiva da vigilância epidemiológica. **Rev. Brasileira de Epidemiologia**, v. 5 n. 2, p. 283-310, 2002.

SANTOS, Sérgio Ribeiro dos; NÓBREGA, Maria Miriam Lima da. A Grounded Theory como alternativa metodológica para pesquisa em enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 55, n. 5, p. 575-579, 2002.

SARGENTINI, Vanice. A análise do discurso e a natureza semiológica do objeto de análise. In: GREGOLIN, GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise; KOGAWA, João Marcos Mateus Kogawa (Org.). **Análise do discurso e semiologia: problematizações contemporâneas**. Araraquara, FCL-UNESP: Cultura Acadêmica, 2012, p. 101-120.

SARTI, Cynthia A. Reciprocidade e hierarquia: relações de gênero na periferia de São Paulo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 70, p. 38-46, 1989.

SCATALON, Aline Passos. Habitação popular, planejamento e expansão urbana: a produção do espaço urbano de Presidente Prudente – SP de 1967 a 1996. 267 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, USP.

SCLIAR, Moacyr. História do conceito de Saúde. **Rev. PHYSIS - Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tania Regina Oliveira (Orgs.). **Falas de gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999, p. 21-55.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20. Porto Alegre, 1995. p. 5-22.

SEEMANN, Jörn. Mapas, mapeamentos e a cartografia da realidade. **Rev. GEOGRAFARES**, n. 04, p. 49-60, 2003.

SEEMANN, Jörn. Tradições humanistas na cartografia e a poética dos mapas. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Org.). **Qual o Espaço do Lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. 1ed. Rio de Janeiro: PERSPECTIVA, 2012, v. 1, p. 279-303.

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. **Rev. Saúde Pública**, n. 31, v. 5, p. 538-542, 1997.

SELLI, Lucilda; CECHIN, Petrolina Libana. Mulheres HIV/AIDS: silenciamento, dor moral e saúde coletiva. **O Mundo da Saúde**, São Paulo/SP, v. 29, n.3, p. 353-358, 2005.

SERPA, Angelo. Por uma Geografia das representações sociais. **OLAM - Ciência & Tecnologia**, Rio Claro - SP, v. 5, n.1, p. 221-232, 2005.

SILVA, Adriane das Neves; SANTOS, Ana Maria Gualberto dos; CORTEZ, Elaine Antunes; CORDEIRO, Benedito Carlos. A família como rede de apoio às pessoas que vivem com HIV/AIDS: uma revisão na literatura brasileira. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, v.20, n. 4, p. 1109 - 1118, 2015.

- SILVA, Aline Xavier da; ZANELLO, Valeska. Mães ofensoras: Loucas? Más? Desconstruindo o mito da maternidade. In: ZANELLO, Valeska; PORTO, Madge (Org.). **Aborto e (não) desejo de maternidade(s):** questões para a psicologia. Brasília: CFP, p. 123-142, 2016.
- SILVA, Armando Corrêa da. A aparência, o ser e a forma: geografia e método. **Rev. GEOgraphia**, v. 2, n. 3, p. 7-25, 2000.
- SILVA, Armando Corrêa da. Contribuição à crítica da crise da Geografia. In: SANTOS, Milton. **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982, p. 13-24.
- SILVA, Armando Corrêa da. **Geografia e lugar social**. São Paulo: Contexto, 1991, 144 p.
- SILVA, Armando Corrêa da. **O pensamento crítico e a morte do sujeito**. São Paulo, 1996, p. 01-08, (mimeo).
- SILVA, Armando Corrêa da. Sujeito e objeto e os problemas da análise. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 71, p. 105-112, 1992.
- SILVA, Armando Corrêa da. **De quem é o pedaço?** Espaço e cultura. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1986, 167 p.
- SILVA, Carla Glenda Souza da. Serviço de Assistência Especializada (SAE): uma Experiência Profissional. **Psicologia, Ciência e Profissão**, n. 27, v. 1, p. 156-163, 2007.
- SILVA, Glaydson José da. Gênero em questão: apontamentos para uma discussão teórica. **Rev. Virtual de humanidades**, v. 10, n. 5, p. 1-7, 2004.
- SILVA, Ingrid Gomes da; LIMA, Luiz Cruz. A indissociabilidade espaço-tempo como elemento de compreensão da ciência geográfica. **Rev. Geosul**, v. 35, n. 76, p. 17-38, 2020.
- SILVA, Joseli Maria. Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino. **Rev. ESPAÇO E CULTURA**, n. 22, p. 97-109, 2007a.
- SILVA, Joseli Maria. Corpo, corporeidade e espaço na análise geográfica. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino (Org.). **Maneiras de ler Geografia e Cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013, p. 28-36.
- SILVA, Joseli Maria. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. **Rev. ESPAÇO E CULTURA**, n. 27, p. 39-55, 2010.
- SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Rev. de História Regional**, n. 8, v. 1, p. 31-45, 2003.
- SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José. Corpo como espaço: um desafio a imaginação geográfica. In: PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da. **Plurilocalidade dos sujeitos: representações e ações no território**. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2016. p. 56-75.
- SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José. Espaço e múltiplas masculinidades: um desafio para o conhecimento científico brasileiro. In: Joseli Maria Silva; Marcio Jose Ornat; Alides Baptista Chimin Junior. (Org.). **Espaço, gênero e masculinidades plurais**. 1ed. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2011, v. 1, p. 23-55.
- SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. 'Não me chame de senhora, eu sou feminista!' posicionalidade e reflexibilidade na produção geográfica de Doreen Massey. **Rev. GEOgraphia**, v. 19, n. 40, p. 11-20, 2017a.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. Geografias feministas e pensamento decolonial: a potência de um diálogo. In:_____. **Diálogos ibero-latino-americanos sobre Geografias feministas e das sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2017b. p.11-30.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. O legado de Henri Lefebvre para a constituição de uma Geografia corporificada. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 63-77, 2019.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio; CHIMIN JUNIOR, Alides B. Apresentação - Espaço, Gênero e Masculinidades Plurais. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. (Org.). **Espaço, Gênero e Masculinidades Plurais**. 1ed.Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2011, v. 1, p. 15-20.

SILVA, Joseli Maria; SILVA, Edson Armando; JUNCQUES, Ivan Jairo. **Construindo a ciência**: elaboração crítica de projetos de pesquisa. Curitiba: Pós-escrito, 2009. 92 p.

SILVA, Joseli Maria; SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento e. Introduzindo as interseccionalidades como um desafio para a análise espacial no Brasil: em direção às pluriversalidades do saber geográfico. In: SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento e; SILVA, Joseli Maria. **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2014, p. 17-35.

SILVA, Susana Maria Veleda da. Geografia e gênero/Geografia e feminismo – o que é isto? **Boletim Gaúcho de Geografia**, n. 23, p. 105-110, 1998.

SILVEIRA, Maria Laura. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. **Rev. GEOUSP, Espaço e Tempo**, n. 19, p. 81-91, 2006.

SILVEIRA, Maria Laura. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Rev. TERRITÓRIO**, n 16, p. 21-28, 1999.

SOUZA, Fernanda Aparecida de. Presidente Prudente: um estudo sobre os tempos e espaços da sociabilidade juvenil das gerações de 1950 e 1970. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 3, p. 107-117, 2013.

SOUZA, Lorena Francisco de. RATTTS, Alecsandro J. P. Raça e gênero sob uma perspectiva geográfica: espaço e representação. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 28, n. 1, p. 143-156, 2008.

SOUZA, Lorena Francisco de; RATTTS, Alecsandro J. P. Espaço, cultura e poder: gênero e raça em análise na Geografia. **Rev. Ateliê Geográfico**, v. 3 n. 1, p. 97-110, 2009.

SOUZA, Tânia Regina Corrêa de. Impacto psicossocial da AIDS: enfrentando as perdas... ressignificando a vida. 2008. 90 f. Tese (Doutorado Centro de Referência e Treinamento DST/Aids), 2008.

SOUZA, Tânia Regina Corrêa de; SHIMMA, Emi. Os lutos da AIDS. **Rev. JBA**, São Paulo, v. 5, n. 4, p. 145-188, 2004.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Rev. da Escola de Enfermagem da USP**, n. 37, v. 2, p.119-126, 2003.

SPINK, Mary Jane Paris; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. 3. ed. São Paulo - SP: Cortez, 2004, p. 41-61.

- SPOSITO, Eliseu Savério. **A vida nas cidades**. São Paulo: Contexto, 1996. 90 p.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O chão em Presidente Prudente: a lógica da expansão territorial urbana. 1983. 230 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1983.
- SPRADLEY, James P. Participant observation. **Nex York**. Holt, Rinehart e Winston, p. 195, 1980.
- STRAUSS, Anselm; CORBIN Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre - RS: Artmed, 2008.
- TEDESCO, João Carlos. A memória auxiliada pelos relatos orais. In:_____. **Memória e cultura: o coletivo, o individual, a oralidade e fragmentos de memórias de nonos**. Porto Alegre-RS: EST Edições, 1º ed., 2001, p. 56-68.
- TEMPLE, Giovana Carmo. **Acontecimento, poder e resistência em Michel Foucault**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2013, 288 p.
- THOMPSON, Paul. A entrevista. In:_____. **A voz do passado: história oral**. Trad. OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 254-278.
- THRIFT, Nigel; DEWSBURY, John-David. Dead geographies – and how to make them live. **Environment and Planning: Society and Space**, v. 18, p. 411-432, 2000.
- TREVISAN, Leonardo Nelmi; JUNQUEIRA, Luciano Antonio Prates. Construindo o “pacto de gestão” no SUS: da descentralização tutelada à gestão em rede. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, n. 4, p. 893-902, 2007.
- TURRA NETO, Nécio. A noção de geração no estudo das transformações do espaço urbano: contribuições para pensar a relação entre geografia histórica e práticas culturais na produção da cidade. In: OLIVEIRA, Floriano Godinho de; et. al.. (Orgs.). **Geografia Urbana: ciência e ação política**. 1ed.Rio de Janeiro: Consequência, 2014, v. 1, p. 317-342.
- TURRA NETO, Nécio. Definir juventude como ato político: na confluência entre orientações de tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes. **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015, p. 119-136.
- TURRA NETO, Nécio. Enterrado, mas ainda vivo!: identidade punk e território em Londrina – PR. 246 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2001.
- TURRA NETO, Nécio. Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade. 533 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.
- TURRA NETO, Nécio. **Pesquisa qualitativa em Geografia**. In: Encontro Nacional de Geógrafos, 2012, Belo Horizonte. ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, XVII, 2012, Minas Gerais: Anais do XVII Encontro Nacional de Geógrafos, Universidade Federal de Minas Gerais - Câmpus Pampulha. 2012, p. 01-10.
- TUZZO, Simone Antoniacci; BRAGA, Claudomilson Fernandes. O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o meta fenômeno como gênese. **Rev. Pesquisa Qualitativa**, v. 4, n.5, p. 140-158, 2016.
- UNAIDS, Joint United Nations Program on HIV/AIDS. **AIDS By the numbers: Ending the AIDS epidemic by 2030 as part of the sustainable development goals 2016**. Disponível em: <<http://www.unaids.org/en/resources/documents/2016/AIDS-by-the-numbers>>. Acesso em 21 de Outubro de 2016.

VALENTE, Luis Paulo. Lazer e vida urbana em Presidente Prudente – SP. 2005. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP.

VALENTE, Luis Paulo. Lazer e vida urbana em Presidente Prudente – SP: entre o rural e o urbano. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, p. 77-99, 2006.

VALENTINE, Gill. The body. In: _____. **Social geographies: space & society**. 1º ed. London: Prentice Hall, 2001. p. 15-62.

VALENTINE, Gill. Theorizing and researching intersectionality: A challenge for Feminist Geography. **Professional Geographer**, v. 59, n. 1, p. 10-21, 2007.

VALLE, Carlos Guilherme do. Identidades, doença e organização social: um estudo das “Pessoas Vivendo com HIV e AIDS”. **Rev. Horizontes Antropológicos**, n. 17, p. 179-210, 2002.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: _____. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 3º ed., 1994. p. 31-48.

VIEIRA, Fabíola Sulpino. Avanços e desafios do planejamento no Sistema Único de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 1, p.1565-1577, 2009.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. O conceito de acontecimento na pesquisa em história da educação. **Rev. Educação & Realidade**, v.28, n. 1, p. 49-63, 2003.

WERLEN, Benno. Ação, conhecimento e relações sociais do espaço. **Rev. Geosp – Espaço e Tempo (On-line)**, v. 24, n. 3, p. 634-659, 2020.

WERLEN, Benno. Regionalismo e sociedade política. **Rev. GEOgraphia**, n. 4, p. 07-25, 2000.

WERNECK, Jurema P. Racismo institucional e a saúde da população negra. **Rev. Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 25, n. 3, p.535-549, 2016.

WHITACKER, Arthur Magon. A produção do espaço urbano em Presidente Prudente: uma discussão sobre a centralidade urbana. 1997. 318 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP.

WILTSHIRE, Kelly D. Assemblage thinking. In: SMITH, Claire (org.). **Live: encyclopedia of global archaeology**. Adelaide, Austrália: Springer, 2018. p. 1-5.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: _____. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papirus, 1998. p. 129-145.

YOUNG, Iris Marion. Throwing like a girl: a phenomenology of feminine body comportment motility and spatiality. **Human Studies**, n. 3, p. 137-156, 1980.

YUNES, João. O SUS na lógica da descentralização. **Estudos avançados**, v. 13, n. 35, p. 65-70, 1999.

ZUCCHETTI, Dinora Tereza; BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Construções sociais da infância e da juventude. **Cadernos de Educação**, n. 28, p. 213-234, 2007.

ZUSMAN, Perla. La tradición del trabajo de campo em Geografía. **Geograficando**, v. 7, n. 7, p. 15-32, 2011.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

CHESNAIS, Jean-Claude. **Histoire de la violence**, Paris: Robert Laffont, 1981, 436 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34. 1995-1997 [1987], 715 p.

GLASER, Barney; STRAUS, **Anselm**. **The Discovery of Grounded Theory**: stages of qualitative research. Chicago. Aldine, 1967.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do bairro do Limão. 2003. (Tese) Livre Docência. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

ANEXOS

- Certificação Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

UNESP - FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DO CAMPUS DE PRESIDENTE												
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP												
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA												
Título da Pesquisa: ESPAÇO E GÊNERO: VULNERABILIDADE DE MULHERES SOROPOSITIVAS HIV/AIDS EM PRESIDENTE PRUDENTE - SP												
Pesquisador: Mateus Fachin Pedrosa												
Área Temática:												
Versão: 2												
CAAE: 89182918.4.0000.5402												
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO												
Patrocinador Principal: MINISTERIO DA CIENCIA, TECNOLOGIA E INOVACAO												
DADOS DO PARECER												
Número do Parecer: 2.733.829												
Apresentação do Projeto: Por meio deste projeto de mestrado pretende-se realizar investigação acerca da feminização da AIDS no Brasil. Tal feminização acarretou ações discriminatórias ao gênero, condicionando as mulheres a situações de vulnerabilidade. O pesquisador buscará compreender a realidade das mulheres frente ao HIV/AIDS, elucidando "as diferentes relações que se configuram sobre a vulnerabilidade de gênero e espaço." Será utilizada a pesquisa qualitativa e participará da Investigação 10 mulheres do município de Presidente Prudente/SP. Os dados serão coletados por meio de entrevistas - que serão gravadas - e analisados com respaldo na Análise do Discurso e Teoria Fundamentada. A pesquisa será desenvolvida com o apoio da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA).												
Objetivo da Pesquisa: O objetivo geral consiste em "Analisar o processo de saúde-doença do HIV/AIDS em mulheres soropositivas residentes em Presidente Prudente - SP, sob a compreensão da relação entre vulnerabilidade de gênero, produção do espaço e ação do sujeito" (PEDROSO:2018, p.10). Como objetivos específicos buscará "Compreender as formas e os processos de infecção por HIV e a incidência da AIDS em mulheres prudentinas; Identificar e descrever a vulnerabilidade de gênero												
<table border="1"><tr><td>Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305</td><td>CEP: 19.060-000</td></tr><tr><td>Bairro: Centro Educacional</td><td></td></tr><tr><td>UF: SP</td><td>Município: PRESIDENTE PRUDENTE</td></tr><tr><td>Telefone: (18)3229-5315</td><td>Fax: (18)3229-5353</td></tr><tr><td></td><td>E-mail: cep@fct.unesp.br</td></tr></table>			Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305	CEP: 19.060-000	Bairro: Centro Educacional		UF: SP	Município: PRESIDENTE PRUDENTE	Telefone: (18)3229-5315	Fax: (18)3229-5353		E-mail: cep@fct.unesp.br
Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305	CEP: 19.060-000											
Bairro: Centro Educacional												
UF: SP	Município: PRESIDENTE PRUDENTE											
Telefone: (18)3229-5315	Fax: (18)3229-5353											
	E-mail: cep@fct.unesp.br											

Página 01 de 03

Continuação do Parecer: 2.733.629

em mulheres no processo de saúde-doença relacionadas ao HIV/AIDS e analisar a capacidade de resposta das mulheres diante das vulnerabilidades de gênero do HIV/AIDS, no contexto das ações dos serviços de saúde e da vida cotidiana" (Idem)

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Pelos cuidados/providências verificados no projeto e na documentação apresentada à Plataforma Brasil, não se observa riscos aos participantes. Apenas a entrevista pode gerar um certo desconforto, porém, como haverá um profissional da área de Psicologia à disposição (oferecido pela Associação Prudentina de Prevenção à AIDS) durante o processo, isto poderá ser minimizado.

Quanto aos benefícios a pesquisa certamente contribuirá com as políticas públicas de atendimento, além do que já foi citado no item "Comentários".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa bastante relevante à área de Geografia da Saúde, com ênfase especial à violência, vulnerabilidade de gênero e instituições voltadas à prevenção do HIV/AIDS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória estão completos e adequadamente preenchidos.

Recomendações:

Nenhuma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nada a declarar.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado ad referendum do Comitê de Ética em Pesquisa com base na manifestação do parecerista.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1100430.pdf	13/06/2018 21:00:04		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido_mestrado.pdf	13/06/2018 20:54:11	Mateus Fachin Pedroso	Aceito

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305
Bairro: Centro Educacional CEP: 19.060-000
UF: SP Município: PRESIDENTE PRUDENTE
Telefone: (18)3229-5315 Fax: (18)3229-5353 E-mail: cep@fct.unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DO
CAMPUS DE PRESIDENTE



Continuação do Parecer: 2.733.829

Outros	Roteiro_para_entrevistas_mestrado.pdf	13/06/2018 20:53:46	Mateus Fachin Pedroso	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_APPA_Mestrado.pdf	07/05/2018 14:26:19	Mateus Fachin Pedroso	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rostoassinada.pdf	20/04/2018 13:02:08	Mateus Fachin Pedroso	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa.pdf	19/04/2018 09:33:41	Mateus Fachin Pedroso	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_responsabilidade_dados_e_arquivos.pdf	19/04/2018 09:30:37	Mateus Fachin Pedroso	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_compromisso.pdf	19/04/2018 09:29:44	Mateus Fachin Pedroso	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PRESIDENTE PRUDENTE, 25 de Junho de 2018

Assinado por:
Edna Maria do Carmo
(Coordenador)

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305
Bairro: Centro Educacional CEP: 19.060-900
UF: SP Município: PRESIDENTE PRUDENTE
Telefone: (18)3229-5315 Fax: (18)3229-5353 E-mail: cep@fct.unesp.br

Página 03 de 03

- Autorização institucional (APPA)



Associação Prudentina de Prevenção a AIDS

Av: Manoel Goulart, 3.261 Tel (18) 3221-5942 CEP 19060-000 Pres. Prudente-SP
CNPJ 67.662.536/0001-43 - e-mail: appaprudente@recriaprudente.org.br



PREZADOS:

A APPA – Associação Prudentina de Prevenção a AIDS, apresenta-se a comunidade em geral como um Centro de Convivência cuja atuação acontece em duas frentes de trabalho: Promoção da qualidade de vida, cidadania, (re) Inserção socioeconômica das pessoas que vivem com HIV/AIDS e constituição de um espaço de socialização e participação individual e familiar de pessoas sem HIV/AIDS em situação de vulnerabilidade social através de oficinas que despertem a convivência social e o desenvolvimento comunitário.

Dentro das atividades realizadas com as pessoas que vivem e convivem com o vírus HIV-AIDS, a organização oferta a Atividade em Grupo denominada Plug and Play voltadas para mulheres que Vivem e Convivem com HIV/AIDS seu principal foco é trabalhar com empoderamento e autodesenvolvimento individual e familiar das mulheres.

Sendo assim o Discente Mateus Fachin Pedrosa está AUTORIZADO pela Associação Prudentina de Prevenção a participar das oficinas realizadas neste grupo em específico, acompanhada pela Profissional de Psicologia Jéssica Dayane Diana Sabino, CRP: 06-118945 que coloca-se a disposição para acompanhar a Pesquisa Intitulada Projeto de Pesquisa Intitulado "Espaço e Gênero: Vulnerabilidade de Mulheres Soropositivas HIV/AIDS em Presidente Prudente – SP", quando houver necessidade da mesma ou for solicitado, sendo assim é necessário que o participante da pesquisa esteja cadastrado dentro das atividades oferecidas pela APPA.

Desde já nos colocamos a disposição.

Presidente Prudente, 07 de Maio de 2018.

Jéssica Dayane Diana Sabino
Psicóloga
CRP: 06/118945

Mateus Fachin Pedrosa
Responsável pela pesquisa
Mestrando em Geografia - PPGG/FCT - UNESP

Raul Borges Guimarães
Orientador da pesquisa
Professor Dr. de Geografia – FCT/UNESP

- **Autorização da Secretaria Municipal de Saúde**



Município de Presidente Prudente

Saúde

OFÍCIO Nº 35/2019 – DST/AIDS

Presidente Prudente, 27 de Fevereiro de 2019.

Ilmo. Sr. Valmir da Silva Pinto – Secretário da Saúde

Assunto: Autorização de Consulta documental dos planos e Relatório plurianuais.

Venho através desta, autorizar a consulta documental dos Planos e Relatórios Plurianuais do Ambulatório Medico Municipal SAE/CTA conforme solicitação do pesquisador responsável Raul Borges Guimarães e Pesquisador Mateus Fachin Pedroso. Informo a Vossa Senhoria que a consulta documental somente será realizada e embasada na ética e responsabilidade de sigilo e com o consentimento desta coordenação. Informo também que os mesmos serão supervisionados pelos profissionais deste serviço para que não ocorra nenhum tipo de constrangimento ou incômodo para os usuários e caso isso ocorra a pesquisa (consulta documental) será automaticamente interrompida e os mesmos sofrerão penalização legal conforme Leis em vigência referente ao sigilo e ética para com os nossos usuários.

Atenciosamente,

JEFFERSON ANTONIO SAVIOLO
Coordenador Prog. Municipal DST/Aids



Ambulatório Médico Municipal SAE/CTA
Av. Cel Jose S. Marcondes, nº 2357
VI Euclides - CEP 19013-050
dstaids@presidenteprudente.sp.gov.br

Digitalizado com CamScanner

Rua Roberto Simonsen, 305
19060-900 - P. Prudente, SP
Telefone: (18) 3229-5388
Fax: (18) 3221-4391

Presidente Prudente, 12 de Fevereiro de 2019.

Ao senhor
Valmir da Silva Pinto
Secretário Municipal de Saúde – Presidente Prudente

Assunto: **Consulta documental dos Planos e Relatórios Plurianuais**

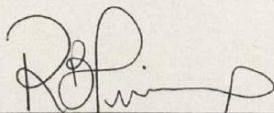
Senhor,

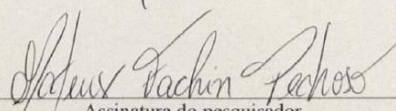
Este documento tem a finalidade de estabelecer aproximação autorizada dos serviços de saúde (Secretaria Municipal de Saúde de Presidente Prudente, SP) para a consulta documental dos Planos e Relatórios Plurianuais dos Serviços de Saúde do município de Presidente Prudente, SP.

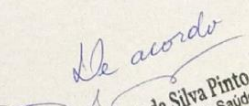
Esta solicitação parte da necessidade oriunda da investigação atinente ao projeto de mestrado "Espaço e gênero: vulnerabilidade de mulheres soropositivas HIV/AIDS em Presidente Prudente – SP" vigente no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP. A presente pesquisa tem respaldo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2018/05706-2. Esta mesma pesquisa, possui enquanto objetivo central "a análise do processo de saúde-doença do HIV/AIDS em mulheres soropositivas residentes de Presidente Prudente – SP, sob a compreensão da relação entre vulnerabilidade de gênero, produção do espaço e ação do sujeito". Para que este objetivo seja alcançado faz-se necessário a compreensão da organização dos serviços de saúde do município, ao ponto que será levado em consideração o processo histórico, seu surgimento, desdobramentos e organizações, especificamente os serviços direcionados a população acometida pelo HIV/AIDS em Presidente Prudente.

Por estas vias, então, solicitamos a consulta documental dos Planos e Relatórios Plurianuais dos Serviços de Saúde com o intento de contribuir com o registro de tais informações, sendo estes perpetrados, analisados e debatidos no trabalho acadêmico proponente. Por assim ser, contamos com a parceria dos serviços de saúde e dos responsáveis pelo mesmo.

Respeitosamente,


Assinatura do responsável pela pesquisa
Raul Borges Guimarães


Assinatura do pesquisador
Mateus Fachin Pedroso

de acordo

Dr. Valmir da Silva Pinto
Secretário Municipal de Saúde
27/02/19

Recabi
27/02/19
plou

Contato: Mateus Fachin Pedroso
Tel. (18) 9 9635-7878
E-mail: mateus_fachin@hotmail.com

- **Gráficos**

Os gráficos elaborados evidenciam uma interpretação curiosa, lê-se necessária, acerca das 428 bibliografias que foram citadas no decorrer da tese. Essa ação propõe elucidar os caminhos, características, temas e pessoas que foram mencionadas, uma vez que as bibliografias foram analisadas por tipologias, autoria de produção, áreas gerais e áreas temáticas, como apresentado abaixo.

Gráfico 01. Tipologias das bibliografias citadas

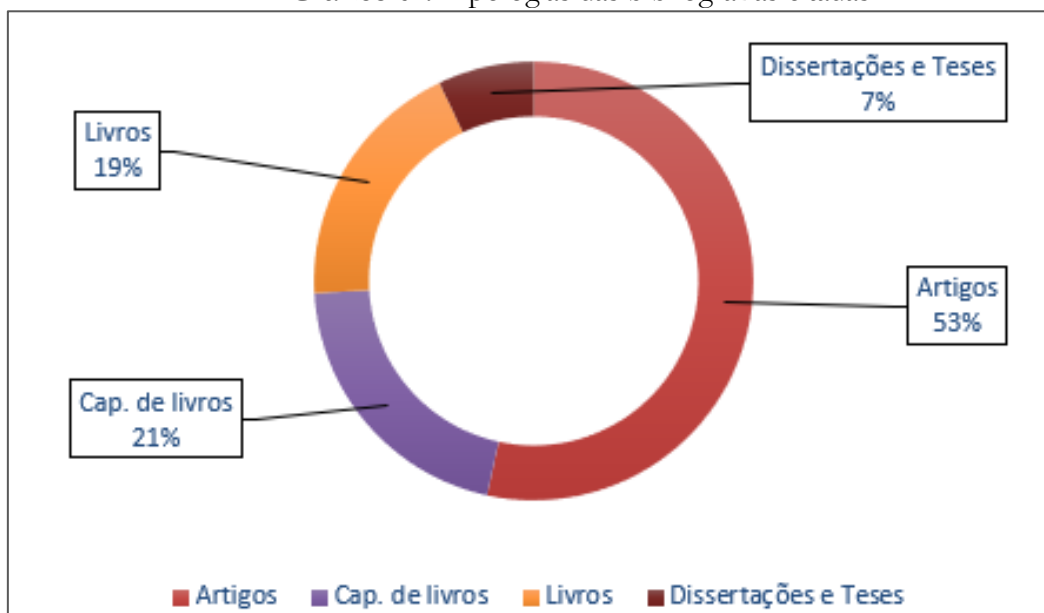
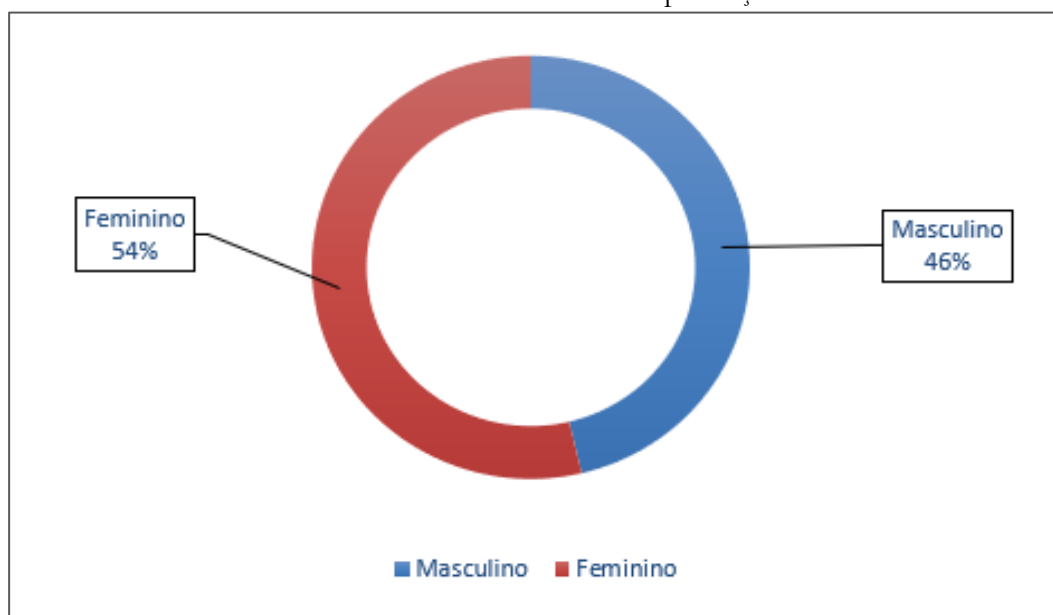


Gráfico 02. Autoria de produção⁹⁴



⁹⁴ Para a elaboração deste gráfico somente foi considerado (as)os primeiras(os) autoras(es), independentemente se a publicação continha co-autoria.

Gráfico 03. Áreas gerais do conhecimento

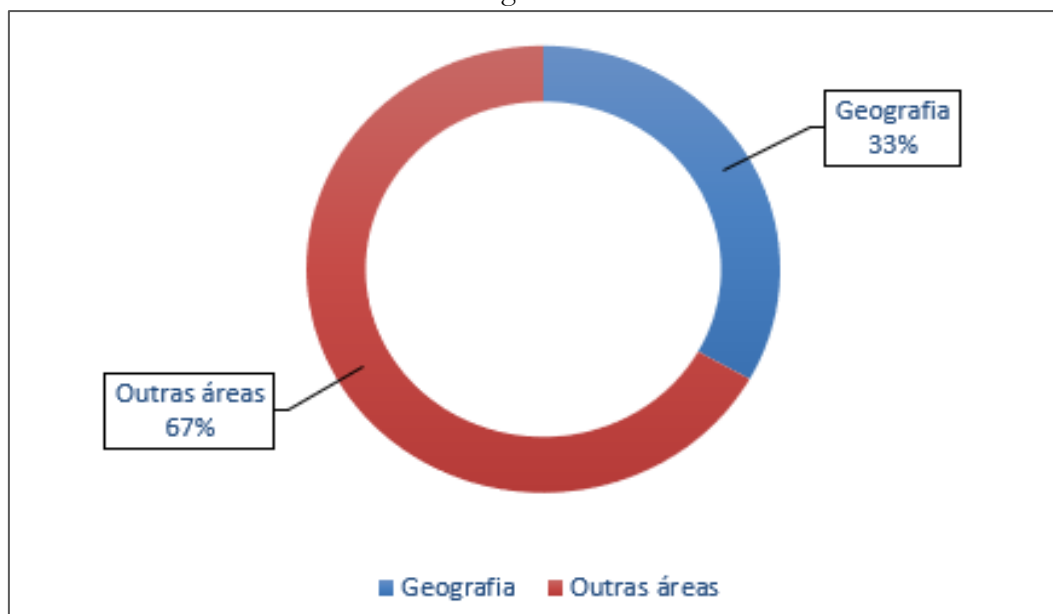


Gráfico 04. Áreas específicas: interação Saúde e Geografia

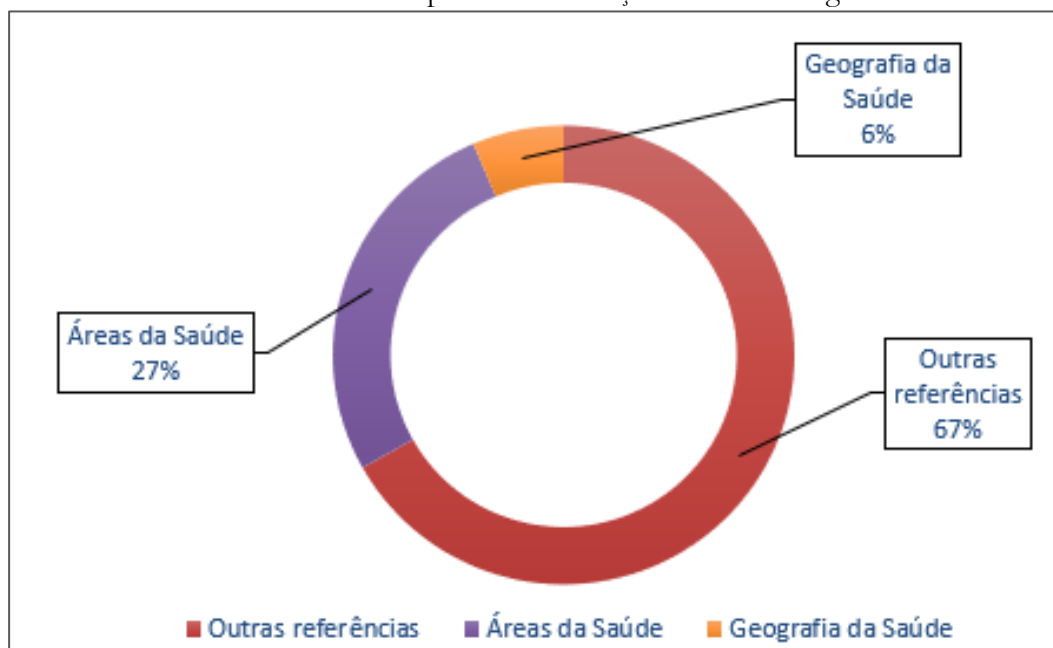


Gráfico 05. Áreas específicas: Feminismo, Gênero e Geografia

